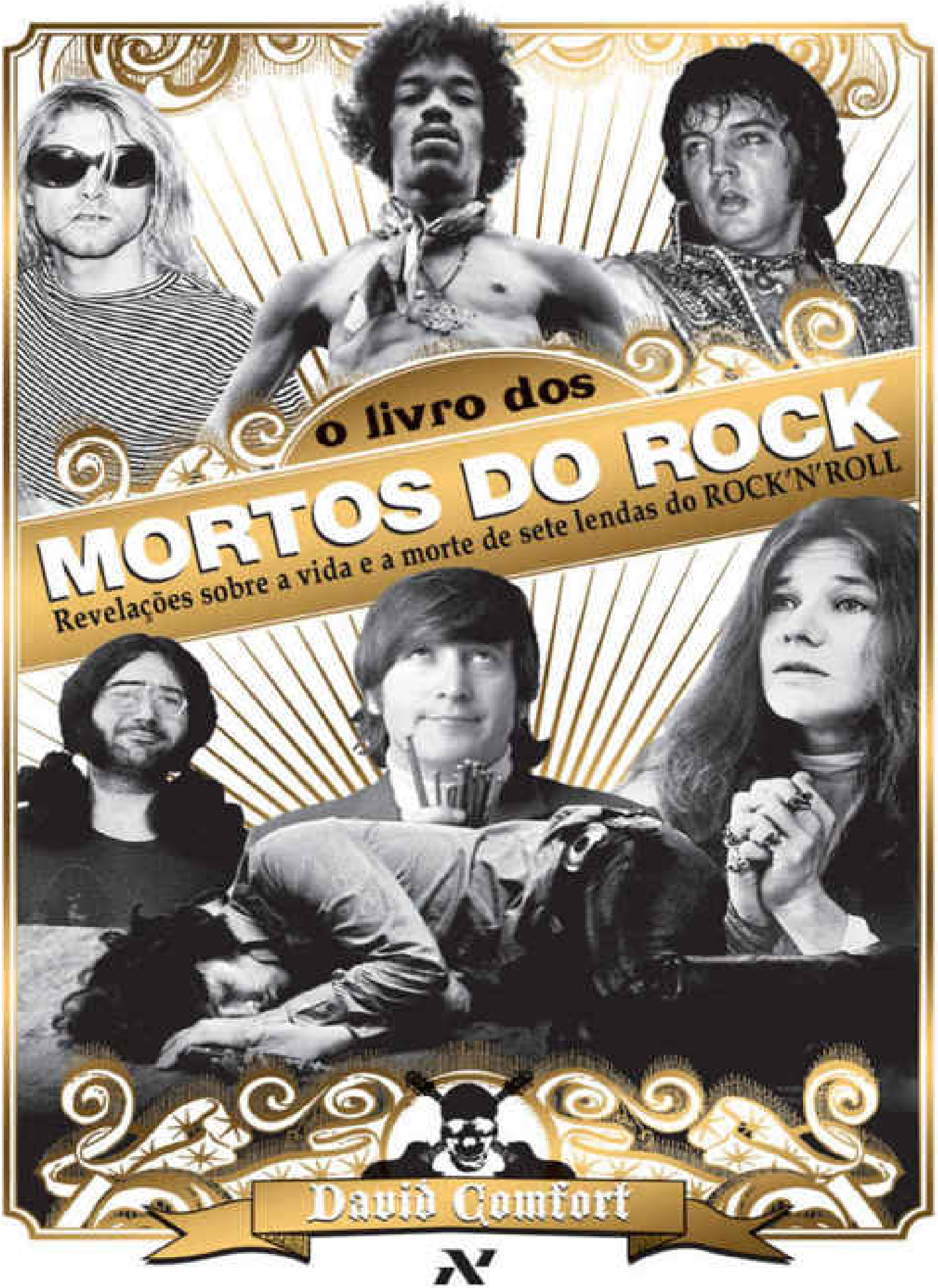
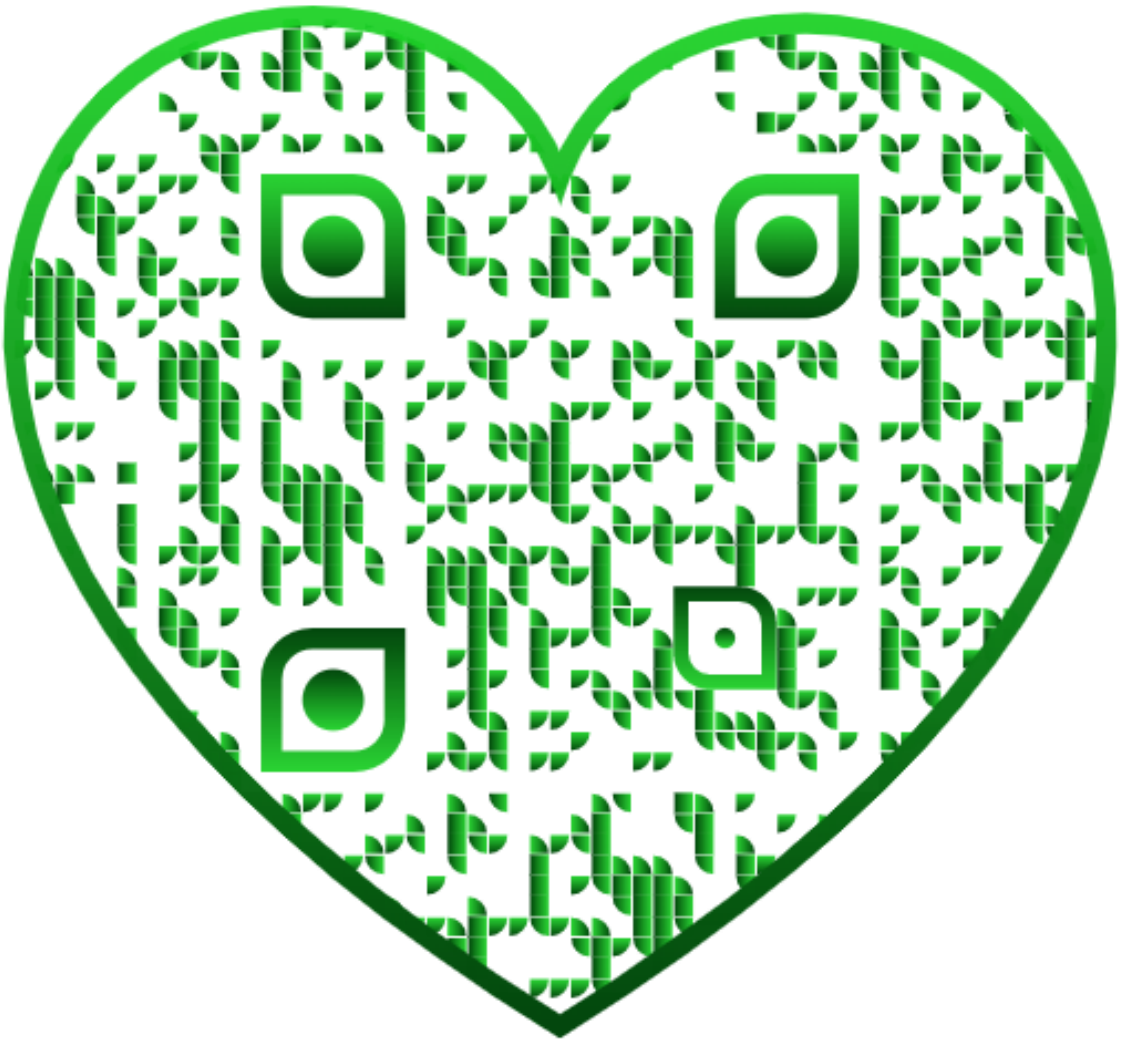

o livro dos
MORTOS DO ROCK
Revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do ROCK'N'ROLL
David Comfort



O Livro dos Mortos do Rock

Revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do rock'n'roll

David Comfort

Tradução
Ricardo Giassetti
Roberta Bronzatto

ALEPH

Sumário

Capa

Folha de rosto

Dedicatória

Agradecimentos

O Livro dos Mortos do Rock

Introdução

1 Jimi Hendrix

27 de novembro de 1942 – 18 de setembro de 1970

Interlúdio: Órfãos

2 Janis Joplin

19 de janeiro de 1943 – 4 de outubro de 1970

Interlúdio: Chapados

3 Jim Morrison

8 de dezembro de 1943 – 3 de julho de 1971

Interlúdio: Loucos

4 Elvis Presley

8 de janeiro de 1935 – 16 de agosto de 1977

Interlúdio: Sr. M

5 John Lennon

9 de outubro de 1940 – 8 de dezembro de 1980

Interlúdio: Alma

6 Kurt Cobain

20 de fevereiro de 1967 – 5 de abril de 1994

Interlúdio: Amor

7 Jerry Garcia

1º de agosto de 1942 – 9 de agosto de 1995

Epílogo: Vida

Bibliografia

Notas

Notas de rodapé - Introdução

Notas - Jimi Hendrix

Notas - Interlúdio: Órfãos

Notas - Janis Joplin

Notas - Interlúdio: Chapados

Notas - Jim Morisson

Notas - Interlúdio: Loucos

Notas - Elvis Presley

Notas - Interlúdio: Sr. M
Notas - John Lennon
Notas - Interlúdio: Alma
Notas - Kurt Kobain
Notas - Interlúdio: Amor
Notas - Jerry Garcia
Notas de rodapé - Epílogo: Vida

Créditos e copyright

John Lennon no telhado do Dakota, com vista para o Central Park – fevereiro de 1975.
(Foto: Brian Hamill/Getty Images)

Para Kathy

Agradecimentos

Agradeço imensamente ao meu intrépido agente, Frank Scatoni; ao meu brilhante editor Richard Ember; à corajosa Michaela Hamilton; bem como a todas as pessoas maravilhosas da Kensington. E, por seu estímulo e encorajamento, minha mais profunda gratidão a Dana Isaacson, Keythe Williams, Tom Murray, Patrick e Michelle Hillman, Rob e Sherry Robinson e Rob Comfort.

O Livro dos Mortos do Rock

Introdução

Um motorista de caminhão, uma garçonete de boliche, um zelador, um paraquedista, um poeta sem teto, um professor de guitarra hippie, um estudante de arte sem dinheiro: todos tiveram origens modestas. Mas os “Sete Imortais” ou os “Sete” estavam destinados a se tornar os pioneiros do rock moderno – ícones culturais, apóstolos do Vaticano do pop e muito mais.

“Somos mais famosos do que Jesus Cristo”, disse um deles sobre seu grupo, declarando depois que ele próprio era Jesus Cristo – afirmações que posteriormente resultaram em seu assassinato.

“Jesus não deveria ter morrido tão novo”, disse outro, “pois teria sido mais bem-sucedido se tivesse durado mais.”

Quatro morreram aos 27 anos de idade. A maioria teve premonições sobre morrer jovem. “Estarei morto em dois anos”, declarou um deles, sabendo muito bem o que estava dizendo aos 25 anos. “Não tenho certeza se chegarei aos 28”, disse um segundo membro do Clube dos 27. “Nunca vou chegar aos 30”, previu um terceiro.

A morte assombrou a vida da maioria deles desde a infância. A mãe de dois deles faleceu em acidente de automóvel. A mãe de outros dois bebia até cair. Aos 5 anos de idade, um deles viu o pai se afogar. Outro astro insistia em dizer que possuía os “genes do suicídio” porque os membros de sua família haviam tirado a própria vida.

Cada um possuía uma atração fatal. “Vou ser um músico famoso, me matar e me apagar em uma chama de glória!”, exclamou um. Ele deu ao seu grupo o nome de Nirvana, definindo o termo como “a paz absoluta da morte”. Outra estrela, estudante do *Livro tibetano dos mortos* como muitos dos outros, deu à sua banda o nome Grateful Dead. Outro nomeou seu grupo The Doors, uma porta para o outro mundo, além de descrever sua música como um “convite às forças do mal.” Outra lenda viva, obcecada pelo fantasma do “carma instantâneo”, disse que faria o seguinte quando finalmente encontrasse o mensageiro da Morte: “Irei agarrá-lo pelas bochechas e lhe darei um beijo molhado na boca mofada, porque só há uma forma de partir – encarando o vento e rindo pra caralho!”. Outros demonstravam uma curiosidade irresistível sobre a vida além da morte, como observou o meio-irmão do próprio Rei do Rock: “Era como um devaneio para saber até onde ele poderia chegar – era quase como se ele procurasse a morte –, apenas para ver o que havia do outro lado e depois voltar”.

Embora cada um dos Sete tenha alcançado o auge da fama durante uma breve vida, só foram santificados como imortais após sua autodestruição. O namoro de cada um deles com a morte adquiriu vida própria até assumir proporções mitológicas, tornando-se um tipo de calvário para sua legião de fãs.

“Talvez meu público aprecie mais a minha música se achar que estou me destruindo”, disse a estrela que teve diversas overdoses antes da injeção que finalmente a matou em um quarto de hotel em Los Angeles. Nos dias que se seguiriam, ela deveria gravar a versão final dos vocais de *Buried Alive in the Blues* para o maior álbum de sua carreira.

“É engraçada a forma como a maioria das pessoas admira a morte”, meditou outro imortal. “[...] você tem de morrer para acharem que você vale alguma coisa.”

Todos os Sete, exceto um, tentaram suicídio ou ameaçaram cometê-lo. Todos os Sete tornaram-se viciados. A maioria morreu por excesso de drogas. Se um deles não tivesse morrido baleado, poderia muito bem ter tido o mesmo fim.

“Bicho, estou chapado o tempo todo!”, declarou o poeta que, como a maioria dos outros, foi alertado por seus médicos para que largasse as drogas ou morreria. Antes de sua impressionante estreia no clube Whisky a Go Go em Los Angeles, ele tomou uma dose de LSD dez vezes mais forte do que a normal. Ele adorava citar William Blake: “A estrada dos excessos leva ao palácio da sabedoria”. Seu palácio da sabedoria veio a ser seu mausoléu pichado no cemitério Père Lachaise, em Paris, ao lado dos túmulos de Oscar Wilde, Chopin e Balzac.

O passatempo favorito de outra estrela era “fumar um, tomar um, lamber um, chupar um, foder um”. Seus amigos a alertaram para pegar leve. “Ah, bicho, não quero viver assim”, protestou ela. “Eu quero queimar. Quero arder lentamente.”

Ela e o primeiro membro do Clube dos 27, famoso por destruir suas guitarras, usavam heroína juntos antes de transar. O apetite dele não ficava atrás do dela. Como lembrou um vocalista famoso e drogado de outro supergrupo, “Ele era o cara mais chapado que já conheci”.

Seis dos sete imortais foram presos diversas vezes. Foras da lei, rebeldes, pregadores da liberdade, tiveram uma postura gloriosa contra o *establishment.* O sétimo foi o único de sua espécie,

fazendo sua própria lei – afinal, ele *era* o *establishment:* o Rei. O presidente Nixon o nomeou agente federal de narcóticos. O Rei nunca se permitiu ser um drogado de rua: nos últimos 20 meses de vida, consumiu 12 mil doses de analgésicos, todas receitadas por médicos.

* * *

Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Elvis Presley, John Lennon, Kurt Cobain e Jerry Garcia foram os ícones do maior movimento jovem na história. Os Sete surgiram em momentos trágicos. Os sonhos da década de 1960 foram estilhaçados com o assassinato de seus heróis da juventude: os Kennedy e Martin Luther King. Meio milhão de soldados morreram no Vietnã; outros jovens foram mortos no massacre da Universidade de Kent, na Convenção Democrata de Chicago e no festival de Altamont. Tudo isso ocorreu sob a sombra sinistra de bombas atômicas e da Guerra Fria.

Em meio a esse cenário, o grito de liberdade foi dado por uma nova voz política, cultural e artística: a das estrelas do rock. Pioneiros em uma forma de arte criada por jovens para os jovens, os astros cantavam sobre a revolução e o amor. Sua música expressava todo o idealismo, inocência e energia sem limites da juventude, mas, ao mesmo tempo, falava de sua alienação, confusão, seu medo e violência. Nesse sentido, foi o prenúncio das mesmas lutas que nos cercam atualmente.

Conforme o panorama se tornava mais sombrio, o mesmo ocorria com a música e com a vida desses escolhidos. Ao testarem

mais e mais os limites da liberdade e da rebeldia, todos adentraram uma zona perigosa. Janis também falava pelos outros quando disse que se apresentava e vivia “nos limites externos da probabilidade”, sem freios ou redes de segurança. Em uma ironia final, todos se tornaram distantes, solitários e autodestrutivos na mesma proporção de sua fama. Os Sete passaram a ser consumidos não apenas por seu próprio isolamento e seus excessos, mas pelas expectativas insanas e quase divinas de suas plateias fiéis. Não há dúvidas de que esses músicos foram gênios e vozes de suas gerações. Mas não eram deuses. E o destino normalmente reservado às deidades terrestres, reais ou imaginárias, é bem conhecido: o sofrimento.

Como muitos outros artistas, todos os Sete eram obcecados por tornarem-se estrelas, mas, uma vez conquistado o sucesso, a fama se converteu em uma gaiola dourada. Apenas as drogas proporcionavam uma fuga temporária e, em última instância, a emancipação absoluta.

“Instant Karma’s gonna knock you right on the head”, cantou Lennon. “You better get yourself together. Pretty soon you’re gonna be dead.” Lennon sempre acreditou que morreria jovem e de forma violenta por ter levado uma vida violenta. Ainda assim, “Não tenho medo de morrer”, insistiu. “É como sair de um carro e entrar em outro.” E assim foi: ele saiu da limusine e, momentos depois, foi transportado para uma viatura de polícia, onde deu seus últimos suspiros.

Outros pareciam igualmente resignados com seus destinos. Ao ouvir sobre a morte de Jimi, seu ex-amante, Janis disse apenas: “Fico pensando se terei tanta publicidade”. Seis semanas depois, ela se juntou a ele. Morrison fez um brinde a ela em seu bar favorito:

“Vocês estão bebendo com o Número Três”, disse a seus acompanhantes.

Ironicamente, foi um dos deuses que sobreviveu ao rock, Pete Townshend, quem cantou o hino do movimento: “Hope I die before I get old”.

Mas a realidade “viver rápido, morrer cedo e deixar um belo cadáver”, de James Dean, não é nem de longe tão glamourosa. Depois dos anos de excesso, a maioria continuava viva quando já deveria ter morrido. “Tive tanta pena dele que chorei”, confessou um dos seguranças de Elvis após outra desastrosa apresentação em Vegas. “Ele estava gordo. Não podia andar. Esqueceu as letras de suas músicas. Achei mesmo que ele fosse morrer naquela noite.”

Depois de vê-la em uma festa de reencontro da turma do colégio, um dos antigos colegas de classe de Janis observou: “Ela parecia um trecho de estrada esburacada – seu rosto, braços, veias. Não esperava que ela durasse muito mais tempo”.

O guitarrista de blues Johnny Winter falou sobre seu amigo Hendrix perto do fim: “Quando o vi, fiquei arrepiado [...] Ele entrou com seu séquito e parecia que já estava morto”.

Como foi comprovado pela carreira dos Sete, ser uma lenda viva pode transformar o paraíso em inferno. Mas, em virtude de suas opressivas ambições, nenhum deles se deu conta dos perigos da fama até que fosse tarde demais, até estarem sufocados em suas próprias personificações sobre-humanas. É seguro dizer que morreram por sua música da mesma forma que viveram para ela. Embora a carreira da maioria tenha sido breve, no final estavam todos exauridos, sem forças e desgastados, exatamente como muitas das estrelas de hoje.

As pressões da supercelebridade não eram menos esmagadoras do que agora. Os fãs exigiam que suas estrelas criassem continuamente músicas revolucionárias, inovadoras e, ainda assim, clonagens de seus antigos sucessos. Esperava-se que se apresentassem noite após noite, ano após ano, com o mesmo nível de talento, energia e empolgação. Apesar de sua resistência, todos eles se tornaram empreendimentos comerciais, com centenas e até mesmo milhares de funcionários em suas folhas de pagamento. O cerco dos fãs, a perseguição dos *paparazzi* e o assédio da imprensa logo perderam a aura de novidade. Estavam cercados por sanguessugas, desequilibrados mentais e manipuladores inescrupulosos. Na posição de produtos de vitrine, tinham pouca privacidade e nenhum tempo para si mesmos. Eram obrigados a sustentar imagens dramáticas, até mesmo caricaturais, que há tempos haviam superado e que jamais haviam desejado.

“Estou cansado de tudo”, disse Morrison a um entrevistador pouco antes de sua morte. “As pessoas continuam me vendo como um astro do rock e não quero nada disso. Não aguento mais.”

Após uma apresentação medíocre do Grateful Dead, Jerry Garcia, o que sobreviveu por mais tempo entre os Sete, reclamou para seu último tecladista, Bruce Hornsby: “Você não entende 25 anos de cansaço!”.

Somente Lennon conseguiu “se livrar do ciclo vicioso”, entrando em um período de reclusão de cinco anos. Mas tão logo o fundador dos Beatles voltou à ribalta esperando “conquistar novamente o mundo”, foi dada a bandeirada final de sua corrida.

* * *

Apesar da fama sem precedentes desses notórios artistas, os últimos dias de muitos deles estão encobertos pelo mistério. Dúvidas cruciais permanecem, as quais examinaremos atentamente sob o prisma de investigações mais recentes.

No final, Hendrix estava tentando deixar seu empresário, que havia se apropriado de milhões de dólares do astro e que possuía fortes conexões com a máfia. Jimi tomou a dose fatal de barbitúricos e álcool por acidente ou de forma intencional, ou foi obrigado a ingeri-la? Por que sua misteriosa noiva levou horas para chamar a ambulância, desapareceu de seu quarto de hotel antes da chegada da polícia e, mais tarde, após ser julgada, cometeu suicídio?

Janis estava concluindo o álbum mais importante de sua carreira, estava finalmente noiva do homem dos seus sonhos, após inúmeros casos amorosos, e estava abandonando a heroína. Pelo menos, essa é a história oficial. Sua overdose foi realmente apenas um “trágico acidente”, como muitos a classificam?

Morrison havia abandonado o Doors e estava tentando ressurgir como poeta, mas estava em um impasse criativo. Embora fosse um ávido consumidor de todos os outros tipos de bebidas e drogas, Morrison sempre evitou a heroína. Teria ele tomado de forma consciente uma overdose fatal naquela noite em Paris? Sua esposa viciada, que enganou a polícia francesa e organizou um funeral às pressas, teria se suicidado dois anos depois em virtude de alguma culpa inconfessável?

Dois anos após o falecimento do Rei, a causa real de sua morte foi finalmente revelada. Ou não? Ele estava tomando uma droga “miraculosa” que, em altas doses, normalmente causa depressão suicida. Além disso, ele ingeriu durante anos os poderosos

analgésicos encontrados em seu organismo – todos, menos um, ao qual sabia ser alérgico. Ele conseguiu um frasco dessa droga em uma consulta de emergência ao dentista no meio da noite, horas antes de sua morte. Por quê?

Ao promover seu primeiro álbum em cinco anos, Lennon recusou guarda-costas e seguranças de qualquer tipo, apesar das ameaças de morte e das terríveis predições dos oráculos de sua esposa. Em virtude de seu ativismo político anterior, o ex-Beatle estava sob vigilância constante do FBI. Seria seu fã e assassino, Mark David Chapman, um candidato manchu? Após anos de antagonismo mútuo e infidelidades, Yoko planejava em segredo divorciar-se de John depois que ele a ajudasse a lançar seu próprio álbum solo. Pouco tempo antes de seu assassinato, por que ela e seus frequentemente cuidadosos "direcionadores" psíquicos o aconselharam a atravessar o Triângulo das Bermudas em uma minúscula corveta?

Cobain estava deixando o Nirvana, divorciando-se de Courtney Love, reescrevendo o testamento para excluí-la e preparando-se para pedir a custódia de sua filha. Seu corpo sem vida foi encontrado no cômodo acima de sua garagem, ao lado de uma espingarda e um bilhete de suicídio. Além disso, de acordo com a autópsia, a quantidade de heroína detectada em seu sangue correspondia a três vezes a dose letal da droga. Como o próprio Cobain ainda poderia ter puxado o gatilho da espingarda?

* * *

Muito já se escreveu sobre os lendários pioneiros do rock, mas nunca um livro que compilasse suas biografias, tecendo um cenário único e dramático a partir de diversos pontos de vista de pessoas próximas – bem como das palavras e músicas dos próprios artistas.

Não vivemos mais em uma era de reis e rainhas. A nova aristocracia são as celebridades. Os reis e rainhas de nossa nobreza pública são os *superstars.* A vida dos astros muitas vezes é distorcida para evitar qualquer impacto sobre a arrecadação de royalties e sobre os sobreviventes que contam com esse dinheiro. Ou, a despeito das garantias da Primeira Emenda, pessoas se calam por medo de processos que visam negar ao público seu direito de saber a verdade.

Geralmente, as biografias de celebridades se apresentam sob duas formas: a hagiografia ou o *exposé.* O primeiro tipo, muitas vezes "autorizado" pela família, elogia seu protagonista, ampliando a lenda ao minimizar ou ignorar informações críticas. O segundo tipo, muitas vezes denunciado por pessoas que viveram os fatos, traspassa a fachada, diminuindo seu protagonista e negligenciando suas qualidades. Como os reis e rainhas de antigamente, as estrelas colocam seus súditos de um lado e seus inimigos de outro – e ambos sabem que a caneta pode ser mais poderosa do que a espada.

A grande verdade a respeito de uma figura histórica é encontrada em uma junção criteriosa das perspectivas verídica e crítica – sem seguir de forma rígida a uma ou a outra. Neste livro, pela primeira vez, essas lendárias personalidades serão retratadas de um ponto de vista imparcial, não comprometido com a adulação ou a difamação, mas sim com a verdade. "Just gimme some truth

now”, cantou John Lennon em *Imagine.* "All I want is the truth." Este trabalho é dedicado a esse pedido.

Sob todos os aspectos, os sete astros são revelados como seres humanos brilhantes e carismáticos, mas complicados e cheios de conflitos – muito diferentes das lendas que pensávamos conhecer. Ainda assim, no final, é exatamente sua humanidade e sua luta verdadeiras que inspiram nossa compaixão e nosso amor, não sua mitificação.

Cada um dos capítulos que se seguem compõe uma história maior do que a vida de isolamento e excessos que os conduziu inexoravelmente a um fim prematuro. Os capítulos foram organizados em ordem cronológica, seguindo a sequência de suas mortes durante o que foi a era de ouro do rock. Os interlúdios entre essas histórias de vida traçam os aspectos subjacentes compartilhados por esses artistas históricos – sua infância solitária, o vício em drogas, a instabilidade mental, os relacionamentos desastrosos e a celebridade que os consumiu.

O psicólogo Carl Jung escreveu que os “grandes talentos são as mais adoráveis e, muitas vezes, as mais perigosas frutas da árvore da humanidade. Eles estão presos aos galhos mais finos, que se partem com mais facilidade”.

O extremismo e a tendência destrutiva afligem muitas personalidades criativas, particularmente os jovens. Isso é especialmente verdade em se tratando de uma arte performática de espetáculo e som explosivos que nos remete às nossas raízes ancestrais, cerimoniais e arrebatadoras. O rock sempre teve a ver com juventude, com liberdade, com a tomada da Bastilha. Em uma

palavra: revolução – não apenas revolução política, mas revolução real.

“Elvis libertou o corpo”, declarou Bruce Springsteen ao entrar para o Hall da Fama do Rock and Roll, “Dylan libertou a mente.”

Artistas são os xamãs modernos, grandes feiticeiros que nos levam a um mundo novo de energia e libertação inebriantes. O verdadeiro *rock’n’roll* é perigoso: o “furacão de fogo cruzado” de *Jumpin’ Jack Flash.* Em seu auge, é a arte zen de controlar o incontrolável, de dançar na corda bamba sem rede de proteção. E alguns pagam o preço.

Para fins de comparação, sobreviventes lendários do rock serão examinados: Mick Jagger e Keith Richards, o Narciso e o Lázaro da “Melhor Banda de Rock do Mundo”; Eric Clapton, o guitarrista do Cream, que já foi chamado de “Deus”; Paul McCartney, o mais prolífico e bem-sucedido compositor do século 20; e Bob Dylan, o maior poeta lírico de nosso tempo. Embora tenham sofrido muitas das mesmas provações em suas vidas e carreiras, eles perseveraram onde outros falharam. Por quê?

Richards disse: “A parte da lenda é fácil. O difícil é viver”.

Jagger afirmou: “Ou você está morto ou segue em frente”.

Dylan completou: “Todo dia acima do chão é um bom dia”.

Quanto aos Sete, todos eles viveram sob o brilho de um sol eclipsante, o que concedeu intensidade e paixão sobrenaturais à sua arte e, no final, imortalizou cada um deles.

★

Seattle
27 de novembro de 1942

✞

Kensington
18 de setembro de 1970

1
Jimi Hendrix

Após a salvação

> Mil vezes eu morri e renasci neste grupo.
> - Jimi Hendrix, falando sobre o Experience

Hendrix estava tirando um tempo para um descanso mais que merecido depois de Woodstock. Ele acabara de fazer o encerramento do histórico festival de paz e amor, tocando sua versão de “Star-Spangled Banner”, o hino nacional dos Estados Unidos, para o que havia sobrado de uma multidão cansada e encharcada pela chuva. Depois disso, desabou nos camarins e foi transportado de helicóptero para sua propriedade mais próxima, Shokan House, onde dormiu durante três dias.

O Experience havia se separado um mês antes. O baixista de Jimi, Noel Redding, abandonara o grupo, exausto da última turnê. “Paramos de fazer música e começamos a passar o tempo”, escreveu ele posteriormente. “[...] Conseguimos terminá-la repetindo para nós mesmos: ‘Esta é nossa última turnê nos Estados Unidos. Nós podemos fazer isso. Vamos sobreviver, vamos sobreviver’ – quando nos parecia que a morte estava rondando [1].”

O mesmo sentimento foi compartilhado pelo próprio Jimi após Woodstock.

A primavera e o verão de 1969 foram árduos. No final da turnê norte-americana, ele foi preso em Toronto por posse de heroína. Depois, seu amigo e herói, Brian Jones, dos Rolling Stones, afogou-se na própria piscina e o Experience implodiu. Mas isso não foi o pior. Após três álbuns revolucionários e mais de dois anos de uma turnê interminável, Jimi temia ter sido derrotado. “A pressão do público para criar coisas cada vez mais brilhantes, mas basicamente esperando que permanecêssemos os mesmos, era esmagadora”, escreveu Redding. Além disso, uma divergência fundamental havia surgido no grupo. “Jimi queria ser um astro e eu queria ser um músico”, continuou Redding. “Meu sonho mais almejado estava se tornando uma imposição que mais parecia um pesadelo.”

Jimi substituiu o baixista por Billy Cox. Mesmo antes de Woodstock, ele confessou ao seu antigo colega de Exército que sua criatividade estava desvanecendo. Embora esperasse ressuscitar do Experience com a Band of Gypsys, ele confessou os mesmos temores para seu novo baterista, Buddy Miles, outro velho amigo. “Jimi não estava feliz”, confidenciou Buddy. “Ele se sentia impotente. Não podia fazer o que queria, então passou a não aparecer em reuniões e apresentações. Ele podia ser bem sacana. Às vezes, quando não queria ensaiar, uma das coisas que fazia era ficar muito chapado, totalmente dopado e não falava com mais ninguém. Ele usava as drogas para erguer uma barreira.”

Embora Jimi insistisse que a heroína encontrada com ele em Toronto tivesse sido plantada, ele temia o julgamento que se

aproximava e estava convicto de que seria condenado, o que arruinaria sua carreira.

Mas naquele momento ele tentava esquecer tudo isso em Shokan House. Lá, passava os dias com suas distrações favoritas: usando drogas, entretendo suas admiradoras e dirigindo sem rumo seu Corvette prateado, tentando evitar outra perda total, destino que se abatera sobre seus outros carros.

Suas férias em Woodstock mal haviam começado quando foram interrompidas por uma limusine preta que acelerava em direção à mansão. Seu empresário, Mike Jeffery, um britânico baixinho vestido de forma impecável, com bigode e óculos escuros, saltou do veículo, ladeado por dois sólidos guarda-costas vestindo ternos pretos. Os assistentes se postaram nas saídas da casa enquanto Jeffery subia as escadas até o quarto de seu astro. Ele havia tentado telefonar várias vezes, mas Jimi parecia nunca estar disponível. Era começo de tarde, horário em que o guitarrista normalmente acordava.

No andar superior, Jeffery ofereceu a seu cliente um pouco de cocaína para despertar. Antes, ambos costumavam tomar ácido e discutir astrologia. Atualmente, compartilhavam apenas drogas comerciais e conversas de trabalho. No andar inferior, Cox, Miles e outros convidados observavam os dois guarda-costas que protegiam as portas da frente e dos fundos. Embora parecessem agentes federais, ninguém correu para o banheiro para se livrar dos bagulhos que estavam portando.

Depois de mandarem um pouco de pó, Jeffery deu as más notícias para sua estrela: o Electric Ladyland estava zerado novamente. Eles haviam injetado 300 mil dólares no projeto dos

sonhos de Jimi, o moderno estúdio de gravação em Nova York, mas o dinheiro havia acabado. Eles precisavam de mais 300. Hendrix sabia estar ganhando 100 mil dólares por apresentação no momento, tendo feito mais de 400 apresentações nos últimos dois anos e ganhado três álbuns de ouro, de modo que mais 300 mil dólares parecia um valor modesto. Ele pediu que Jeffery fizesse um cheque, mas foi interrompido abruptamente.

Do lado de fora, os homens de seu empresário estavam disparando tiros de Beretta contra uma árvore.

“Nós não temos essa grana no momento”, confessou Jeffery, que carregava sua própria arma em um coldre de ombro feito sob medida por baixo de seu refinado paletó. Ele listou o aumento dos custos da turnê, as trapaças dos promotores de shows locais, o pagamento de uma quantia exorbitante para o sistema judiciário de Toronto, sem mencionar as despesas com consertos referentes aos Stingrays, às guitarras Stratocaster e às importações bolivianas.

Jimi afastou-se, pensando novamente em Redding. O baixista não escondia a razão pela qual estava deixando o Experience. Além do desgaste da turnê, ele estava de “saco cheio” de receber uma ninharia para ser “tratado feito merda”. “Seria bom saber o que fizeram com a grana”, Redding – que se tornaria um lenhador falido – escreveu mais tarde, estimando que o Jimi Hendrix Experience havia faturado de 30 a 40 milhões de dólares.

Jimi agora se perguntava a mesma coisa, e não era a primeira vez. Escutara rumores de seus outros funcionários de que o secretário de Jeffery estava voando regularmente para Majorca e para as Ilhas Cayman com as meias cheias de dinheiro, e que ele havia feito empréstimos a juros altíssimos para cobrir os prejuízos

de suas casas noturnas na Inglaterra e na Espanha. E que, apenas alguns dias antes, um dos credores de Jeffery havia prometido meter-lhe uma bala na cabeça caso ele não pagasse suas dívidas.

Mas Jimi não gostava de confrontos, fosse nos negócios ou em sua vida pessoal. Ele tentara despedir Jeffery alguns meses antes, mas acabara reconsiderando, imaginando que “o demônio que você conhece é melhor do que o demônio que você não conhece”.

“Só precisamos de mais umas duas apresentações, bicho”, garantiu Jeffery a Jimi em seu sotaque cockney arrastado, o dialeto do East End londrino, enquanto a prática de tiro ao alvo continuava do lado de fora. “Apenas para o estúdio.”

Era justamente isso que o exausto astro não queria ouvir. Mas Jimi disse que iria pensar no assunto, contanto que tivesse um pouco mais de tempo para colocar as ideias no lugar. Seu médico havia lhe dito que estava com úlceras e que seu fígado também estava a ponto de sucumbir.

Ao sair, Jeffery acrescentou uma última informação. Os proprietários do imóvel do Electric Ladyland, que ficava no número 8 da rua East, no Village, recusavam-se a vender o espaço do estúdio, oferecendo apenas um aluguel por cinco anos. Mas eles poderiam reconsiderar caso Jimi aceitasse tocar em um de seus estabelecimentos na área, o Salvation Club. O proprietário, Bob Woods, era amigo de Hendrix, além de seu fornecedor de cocaína.

“Mas que caralho”, disse Jimi com voz cansada, olhando novamente de relance através da janela para aquele verdadeiro estande de tiro lá embaixo e cheirando a última carreira de coca. “Para o Bobby, tudo bem.”

* * *

Duas semanas depois, Hendrix tocou no Salvation. O show foi anunciado como *The Black Roman Orgy*. O sistema de som era péssimo, o público começou a sair após apenas algumas músicas e os membros de sua banda provisória, Gypsy Sons and Rainbows – a maioria refugiados da Buddy Miles Express – estavam a ponto de se matar. Além disso, nos bastidores parecia haver algum problema sério entre Woods e seu empresário, Johnny Riccobono, da família Gambino. E, para completar, Jimi não conseguiu afinar sua guitarra e os capangas de Riccobono ficavam gritando *Foxy Lady*!

Ele agarrou o microfone e disparou. “Me deixem em paz, seus porras, e peguem toda a merda de dinheiro pra vocês!.”

Durante o intervalo, Jimi teve outra discussão com seu empresário. Jeffery implorou-lhe para que reunisse Redding e o Experience para uma turnê de dez apresentações na região nordeste. Jimi recusou, dizendo que estava esgotado e que o Experience estava morto e enterrado, e Jeffery foi embora furioso. Eric Burdon, amigo de Jimi do grupo Animals e ex-cliente de Jeffery, já tinha avisado o guitarrista sobre o empresário, e Jimi começou a desejar ter lhe dado ouvidos.

Após a apresentação no Salvation, Jimi pegou uma carona com Bobby para reabastecer seu tão necessário estoque de medicamentos. Na manhã seguinte, a polícia de Nova York encontrou o corpo do traficante crivado de balas na 8th Avenue. Naquela noite, o compositor de *Machine Gun*, sem saber das notícias, foi jogado dentro de um carro na saída de outro clube noturno. Jimi foi levado a um armazém abandonado, vendado,

amordaçado e teve um revólver calibre .38 apontado para sua cabeça. O guitarrista foi informado de que teria o mesmo destino de Woods a não ser que assinasse um contrato aceitando ser representado pelos gentis membros da família Gambino.

Aquilo parecia um *déjà-vu*. No ano anterior, ao tentar receber seu pagamento após o Underground Pop Festival, em Miami, fora expulso do escritório financeiro com uma arma calibre .12 apontada para seu peito. “Acho que vai ter de esperar, sr. Hendrix”, disse o tesoureiro. Meses depois, ao não permitir que a banda de abertura de seu show, The Vanilla Fudge, ligada à família Gambino, usasse seu equipamento, outro homem de negócios puxou um revólver e pediu-lhe que reconsiderasse. Jimi reconsiderou.

“I pick up my axe and fight like a bomber now”, cantou ele, “but you still blast me down to the ground.”

Dois dias depois do sequestro, Jimi estava de volta ao seu complexo em Woodstock, gozando do que seus captores chamavam de “prisão domiciliar”. Do nada, um sedã preto parou cantando pneus, três homens de terno saltaram do carro, derrubaram a porta de trás e esvaziaram os pentes de suas armas na traseira do carro de fuga de seus captores. Foi quase como em um filme de Hollywood. Hendrix mais tarde confidenciou ao seu amigo, o músico Curtis Knight: “Me levaram para um prédio abandonado e me convenceram de que realmente queriam me machucar. Nunca me disseram a razão de terem me sequestrado. Acho todo o rolo do meu resgate muito misterioso [2]”.

Depois que Hendrix contou suas suspeitas sobre Jeffery ao seu baixista, Cox deixou o grupo. “Tinha muita merda acontecendo ao redor do Jimi”, explicou.

Hendrix também estava pronto para “dar o fora”. “Não quero mais fazer papel de palhaço. Não quero ser um astro do rock”, disse ele à revista *Rolling Stone* após seu sequestro.

Mas depois de algumas semanas descansando e esfriando a cabeça, Hendrix mudou de ideia e formou a Band of Gypsys, implorando para que Billy participasse. O baixista, apesar de suas reservas pessoais, aceitou, completando o trio com Buddy Miles.

A Band of Gypsys, cujos integrantes eram todos negros, teve vida curta. Por insistência de Jeffery, foi substituída por um novo Experience, com Mitchell novamente na bateria e Cox no baixo. No final do verão seguinte, em 1970, Cox tomou um ácido de má qualidade em uma apresentação na Suécia. Não acostumado com drogas psicodélicas, o baixista foi hospitalizado e medicado com Thorazine, um poderoso sedativo com propriedades antipsicóticas. Após receber alta, Cox permaneceu extremamente paranoico. Jimi tomou um avião com o velho amigo para Londres e cuidou dele em um hotel.

“Nós vamos morrer!”, Billy balbuciava. “Não vamos sair desse lugar vivos! Foi uma armação. Nós vamos morrer!”

“NINGUÉM vai morrer!”, repetia Jimi para ele.

Dias depois, Cox chegou aos Estados Unidos vivo, mas por pouco. Jimi estava na parte de trás da ambulância, ensopado de vômito e vinho tinto, enrolado como uma múmia em lençóis imundos. Os paramédicos tentaram reanimá-lo, mas por mera formalidade. Sabiam que ele estava morto havia algum tempo. Como nunca haviam visto um corpo naquelas condições, não podiam sequer imaginar o que havia ocorrido.

Mas a verdade era muito pior do que qualquer coisa que pudessem imaginar.

Religião elétrica

> Quando subo no palco... bom, isso é tudo pra mim. Essa é a minha religião. Minha música é a música da igreja elétrica. Eu sou a religião elétrica.
> – Jimi Hendrix

No outono de 1961, o soldado Billy Cox estava passando na frente do clube de serviços em Fort Campbell, Kentucky, quando ouviu alguns *riffs* explosivos de guitarra do lado de dentro. Ao entrar, apresentou-se ao soldado James Marshall Hendrix e disse que era baixista. Jimi era um paraquedista Screamin' Eagle da 101a Divisão Aerotransportada. Ele tocava "Betty Jean", sua guitarra elétrica Danelectro vermelha, batizada com o nome de sua namorada de Seattle, Washington. Ele disse a Billy que estava apenas brincando com Betty Jean, tentando reproduzir os sons da escola de salto: o grave trovejante do avião e a vibração do paraquedas.

Cox nunca tinha ouvido uma merda como aquela em sua vida. Ele pegou um baixo emprestado e a futura Band of Gypsys fez uma *jam session*. Logo fizeram sua primeira apresentação no Pink Poodle Club, em Memphis, Tennessee. Deram à formação o nome King Kasuals.

Jimi fundou sua primeira banda, o Velvetones, no ensino médio. Nas apresentações na Associação Cristã de Moços e no Polish Hall, ele tocava um violão acústico que era abafado por canções dos Coasters e de Ray Charles. Então seu pai lhe comprou uma guitarra

elétrica Supro Ozark e ele desertou para a banda Rocking Kings, que recebeu 35 centavos de dólar por integrante em sua estreia no National Guard Armory de Seattle. Em 1960, a banda ganhou o segundo lugar no All-State Battle of the Bands. Nessa época, Jimi havia se tornado ambidestro na arte de tocar sua Ozark, e também o fazia com o instrumento atrás das costas e com os dentes. Como ele andava pelo palco furtivamente como um gato, passou a ser chamado de “The Creeper” [algo como “O Engatinhador”].

A música estava nos genes de Hendrix. Seu pai, Al, um ex-lutador do torneio Golden Gloves e dançarino de shows de rua itinerantes, conheceu Lucille, uma animada garota de 16 anos, em uma competição de dança em Seattle, em 1941. Lucille engravidou, eles se casaram e Al foi convocado para o Exército. Seu oficial no Alabama manteve-o preso na brigada para que ele não se ausentasse sem permissão para conhecer seu primogênito, Johnny Allen Hendrix. Tendo baixa quatro anos depois, Al voltou para o oeste e resgatou seu filho de um orfanato na Califórnia. Suspeitando que Lucille havia dado ao menino o nome de seu amante e cafetão, John Page, Al mudou seu nome para James Marshall Hendrix, em homenagem a seu irmão falecido recentemente.

“Meu pai era um homem muito religioso e equilibrado”, Jimi lembraria mais tarde, “mas minha mãe gostava de se divertir e de se arrumar. Ela costumava beber pacas e não se cuidava. Morreu quando eu tinha 10 anos, mas era uma mãe realmente bacana.”

Na realidade, devido à série de infidelidades de sua mãe, Al se divorciou de Lucille quando Jimi tinha 10 anos, assumindo sua custódia e a de seus dois irmãos mais novos, e adotando também suas três irmãs menores, cuja paternidade era desconhecida [3].

Depois de diversos casos e um segundo casamento, Lucille morreu cinco anos depois, aos 32 anos de idade. Jimi tinha 15 anos. Encontrada inconsciente e brutalmente espancada em um beco, morreu no hospital em decorrência de uma ruptura do baço e cirrose hepática. Ela havia sido hospitalizada outras vezes, severamente espancada por seus namorados e pelo próprio Al, em suas fúrias alcoólicas. Mais tarde, seu amado filho escreveria *Angel, Little Wing* e *The Wind Cries Mary* para ela.

Aos 16 anos de idade, Jimi já havia morado em 14 casas diferentes e entrado e saído de diversas escolas. Seu pai aceitava qualquer trabalho ocasional que encontrasse, mas gastava rapidamente seu minguado salário em bebida e apostas. O subnutrido Jimi e seu irmão, Leon, roubavam comida dos mercados. Finalmente, o Departamento de Assistência Social interferiu, exigindo que Al colocasse os filhos para adoção, e essa foi a única vez que eles viram o pai chorar. Uma colega da igreja, Dorothy Harding, acolheu Jimi. Embora já tivesse nove filhos, sustentava sua extensa família trabalhando em dois empregos.

Um dia, Jimi começou a chorar de forma inconsolável. “Tia Dorothy”, ele soluçou, “quando eu crescer, vou embora para bem longe e não volto nunca mais. Nunca.”

Após a morte de Lucille, Al comprou para Jimi, com relutância, sua primeira guitarra de verdade, pagando por ela cinco dólares a um bêbado. Quando o garoto assistiu a uma apresentação de Elvis e Little Richard de um pequeno morro acima do estádio de Seattle, ficou obcecado pelo instrumento, tocando-o constantemente e dormindo com ele.

Ele ainda dormia com sua amada guitarra quando já era paraquedista da 101ª Divisão, no Kentucky, razão pela qual era importunado por seus companheiros do grupo Screamin' Eagles no quartel. Apenas um recruta achava esse comportamento natural: Billy Cox.

* * *

Jimi serviu ao Exército dez meses de um total de três anos. De acordo com a história oficial, ele foi dispensado do serviço depois de quebrar o tornozelo em um gancho de suspensão durante seu vigésimo sexto salto. O biógrafo Charles Cross [4] afirmou que Hendrix foi dispensado em razão de "tendências homossexuais", pois teria dito ao médico da base que vinha tendo fantasias com seus colegas de quartel.

O soldado Hendrix alistou-se no Exército para evitar a prisão. Ele havia sido preso por dirigir um veículo roubado e o promotor concordou em suspender a pena de dois anos caso ele se alistasse. Jimi sabia que seria convocado de qualquer forma. Além disso, seu futuro em Seattle não parecia nada promissor. Tendo abandonado a escola no ensino médio, foi rejeitado para um emprego de empacotador e estava limitado a trabalhar por um dólar ao dia no negócio de jardinagem de seu pai. Sua carreira musical também não parecia muito promissora em sua cidade: suas últimas apresentações fixas aconteceram ao lado de Thomas and the Tom Cats, e ele não podia sequer pagar o aluguel de cinco dólares do casaco que usava por show.

Em julho de 1962, Jimi se encontrava do lado de fora dos portões de Fort Campbell com Betty Jean, levando suas roupas nas costas e com o pagamento de 400 dólares enfiado no bolso, em razão de sua dispensa. Ele gastou tudo em 24 horas. “Eu tinha arroubos de generosidade às vezes”, lembrou-se. “Devo ter dado dinheiro pra todo mundo que me pediu.”

Tendo gastado o dinheiro da passagem de ônibus para Seattle, ele e Cox foram para Nashville. Lá, a sua King Kasuals tornou-se a banda da casa do clube Del Morocco enquanto ele morava no andar de cima de um clube-irmão, o House of Glamour. “Foi lá onde realmente aprendi a tocar, em Nashville”, disse Jimi. Ele tocava sem descanso: no Morocco, no House of Glamour e nas ruas que ficavam no caminho entre um e outro. Logo recebeu o apelido de “Marbles” [gíria para sanidade], pois todos pensavam que ele perderia a pouca lucidez que ainda lhe restava, inclusive os músicos. Ele tirava folga do instrumento apenas uma vez por semana.

“Todo domingo à tarde costumávamos ir para o centro da cidade assistir ao tumulto que eram as corridas”, lembrava. “Levávamos uma cesta de piquenique porque não nos atendiam nos restaurantes.”

Em 1964, cansado do “chitlins circuit” do sul, Jimi deixou Billy e rumou para o Harlem para tentar a sorte grande. Ele recebeu um prêmio de 25 dólares pelo primeiro lugar no concurso de amadores do Apollo, mas essa vitória pareceu sorte de principiante. “Eu conseguia uma apresentação de vez em nunca”, lembraria ele mais tarde sobre seus primeiros dias em Nova York. “Dormir na rua, entre os grandes prédios de apartamentos, era terrível. Ratos corriam

sobre o seu peito e baratas roubavam sua última barra de chocolate.”

Sucumbindo ao distúrbio bipolar que o assombraria por toda a vida, ele tentou o suicídio [5]. “Ele passava muito rápido da alegria profunda à tristeza absoluta”, disse uma de suas namoradas. “Quer dizer, suicida, sem interesse na vida, completamente indiferente ao próprio corpo.”

Hendrix talvez não tivesse sobrevivido a Nova York se não fosse por seu novo amor, a bela, esperta e bem relacionada Faye Pridgeon. Faye apresentou Jimi a seu ex-namorado, Sam Cooke [6], assim como a outras pessoas influentes da cena nova-iorquina. “Não tínhamos um centavo e discutíamos se deveríamos comprar comida para os gatos ou dividir um cachorro-quente”, lembra Faye. “A Sociedade Protetora dos Animais tomou essa decisão por nós.”

A grande chance de Jimi finalmente apareceu quando ele fez um teste para a banda Isley Brothers e foi aprovado. Após a turnê, ele começou a tocar como guitarrista contratado de seu ídolo Little Richard, que mais tarde disse: “Ele adorava as faixas que eu usava no cabelo e o jeito maluco com que me vestia [...] Ele começou a se vestir como eu e até deixou crescer um bigode igual ao meu”. Mas logo o showman de *Tutti Frutti* decidiu que seu colega de Seattle estava tentando ofuscá-lo. “Eu sou Little Richard, sou o Rei do Rock and Rhythm e sou o único que sobe bonito no palco!”

Ele ameaçou punir Jimi a menos que ele entregasse suas camisas vistosas. Embora o guitarrista tenha se submetido às intimidações com relutância, o rei logo o demitiu por flertar com as garotas e perder o ônibus da turnê com mais frequência que o normal.

O Creeper deu a volta por cima e participou das turnês de Ike e Tina Turner, depois tocou com Sam and Dave e depois com King Curtis [7].

No verão de 1966, embora Jimi já tivesse trabalhado com os maiores nomes do r&b, havia uma frustração crescente relacionada à rígida rotina que não abria espaço para improvisação. Ele ansiava por "fazer seu próprio som". Nem *black music* nem *white music,* mas um som universal que nunca havia sido ouvido antes, exceto dentro de sua cabeça. A única coisa semelhante era Dylan. Hendrix era louco por Bob Dylan.

Uma noite, em um clube do Harlem, ele tirou Wilson Pickett do fundo do baú e engatou *Blowin' in the Wind*. De repente, Jimi foi encurralado por seus irmãos negros. "Vou cortar sua garganta!", disse um deles.

"A galera do Harlem tem muito o que aprender", declarou com tristeza, mais tarde.

* * *

Jimi se retirou para Greenwich Village. Lá, deu início à sua própria banda, Jimmy James and the Blue Fames, que cobrava três dólares por apresentação, quando havia alguma.

Uma noite, Linda Keith, namorada de Keith Richards, foi assisti-lo no Cheetah Club. Era a época da "Invasão Britânica". Os Stones, os Beatles e outros estavam fazendo turnês nos Estados Unidos. Seguindo a regra "Nada de Mulheres na Turnê", de Richards, o guitarrista dos Stones havia deixado Linda em Nova York para que ela fosse procurar sua própria diversão musical. O que a bela e

sofisticada britânica de 20 anos viu no Cheetah a deixou sem fala: Hendrix detonando os amplificadores, disparando *riffs* selvagens e tocando pra caralho com a guitarra nas costas ou dando saltos mortais.

“Naquele tempo”, disse Ronnie Wood, dos Rolling Stones, “todos nós, moleques magricelas ingleses, estávamos tentando parecer maneiros e fazer um som que soasse negro. E lá estava Hendrix, o negro mais maneiro de todos os tempos. Tudo o que ele fazia era natural e perfeito.”

O que realmente chocou Linda foi o fato de o rapaz ser um desconhecido. Impressionada com o talento do Creeper, ela decidiu que era hora de torná-lo famoso. Mas lançar uma estrela se provou mais complexo do que ela imaginava. Primeiro, ela entrou em contato com o exuberante produtor dos Stones, Andrew Oldham. “Andrew não mostrou nenhuma empolgação”, relembrou ela. “Ele achava que Hendrix era um homem selvagem.” Linda abordou outros amigos produtores, mas suas reações não foram mais entusiásticas. Finalmente, ela persuadiu o baixista do Animals, Chas Chandler, a dar uma espiada em Jimi no Café Wha?. Chas estava encerrando sua turnê americana com o Animals e pensava em trabalhar como produtor.

O queixo de Chandler caiu. Ele disse a Jimi que queria levá-lo para Londres e fazer dele um astro. Prometeu apresentá-lo a seus colegas, a Santíssima Trindade da guitarra britânica – Clapton, Beck e Townshend. Jimi achou tudo legal, mas, considerando todos os desastres ocorridos em sua carreira desde que deixara o Exército, também não se entusiasmou.

Em 24 de setembro de 1966, ele e Chandler pousaram no aeroporto de Heathrow. Seu senhorio em Nova York ficara com todas as suas roupas como pagamento pelo aluguel atrasado. Assim, Jimi viajava com pouca bagagem: levava sua Stratocaster branca e, na mala, uma camisa de cetim, um frasco de espuma de barbear Noxzema, uma escova de dentes e seus bobes de cabelo.

Aguardando para conhecê-lo estava o empresário do próprio Chas, Mike Jeffery. Ele acabara de retornar das Ilhas Cayman, onde depositara todo o dinheiro que o Animals havia faturado em uma conta numerada à qual apenas ele tinha acesso. Sempre à procura de um novo talento, esse Svengali do pop estava ansioso para conhecer o tal guitarrista negro dos Estados Unidos, que, segundo Chas, poderia ser tão famoso quanto Elvis e os Beatles.

De boato à lenda

> Se eu sou Deus, quem, caralhos, é ele?
> – Eric Clapton, após assistir a uma apresentação de Hendrix

Chas levou Jimi a diversos clubes e o apresentou aos Beatles, Stones, Cream, The Who, Yardbirds e a outros pilares da Invasão Britânica. Enquanto isso, organizou testes para a banda Jimi Hendrix Experience, um nome que surgira em sua cabeça depois de assistir à versão de *Hey Joe* tocada por seu cliente no Café Wha?, em Nova York.

O "power trio" nasceu do dia para a noite – o rapaz de Seattle e mais dois diminutos ingleses: Mitch Mitchell na bateria e, no baixo, Noel Redding, um guitarrista que nunca havia tocado esse instrumento antes, ambos integrantes de bandas menores. Eles assinaram um contrato de 15 libras por semana. Redding recebeu um adiantamento para pagar as passagens de trem de volta para casa e Chas fez com que todos fizessem permanente nos cabelos para que apresentassem o estilo afro de Jimi.

O Experience mal havia começado a ensaiar quando o "Elvis francês", Johnny Hallyday, ouviu o trio em uma *jam session* em um clube e pediu que eles abrissem sua nova turnê pela Europa. Ao retornarem da devastadora viagem pelo Velho Continente, Chandler sabia que o Experience estava pronto para sua estreia oficial na Inglaterra. "Eu tinha seis guitarras e vendi cinco para pagar a

recepção na boate Bag O'Nails", lembrou. Ele convidou a realeza do rock e a imprensa para a apresentação, bem como seu empresário, Mike Jeffery. Após os shows de estreia, até mesmo os deuses ingleses da guitarra se converteram à igreja do Santo Hendrix.

"Jimi se levantou e simplesmente detonou", disse Dave Mason, do Traffic. "Me lembro de pensar que estava na hora de eu começar a tocar outro instrumento."

"Ele se levantou, com aquela fala mansa", lembrou-se Terry Reid, "e, de repente, WHOOOOR-RRAAWWWRR!!! Dava para ver o queixo de todo mundo caindo!."

O americano Mike Bloomfield também teve a mesma sensação. "Eu era o guitarrista mais irado do pedaço", disse ele após a apresentação de Jimi no Café au Go Go, em Nova York. "Hendrix sabia quem eu era e, naquele dia, na minha cara, ele acabou comigo... Bombas atômicas estavam caindo, mísseis teleguiados voavam [...] Me deu vontade de passar um ano inteiro sem pegar em uma guitarra."

Mas o fenômeno Hendrix não se restringia apenas à sua virtuosidade – estava também em sua aparência. A imprensa britânica batizou-o de "O Selvagem de Bornéu" e "O Elvis Negro". Chas o anunciava como "Dylan, Clapton e James Brown em uma só pessoa!". Jimi concordava com tudo, refinando cuidadosamente sua imagem com Chandler. Eles foram à loja Granny Takes a Trip em Piccadilly e compraram jaquetas do Corpo de Veterinários da Rainha, calças de cetim e de veludo amassado e roupas psicodélicas. Após as apresentações, ficavam acordados a noite toda no flat de Chandler, jogando Risk e Monopoly (jogo no qual Jimi era invencível), discutindo os próximos passos de sua carreira.

Acompanhando seus esforços estava o próprio Svengali do pop, Mike Jeffery. Mal Chas havia assinado com Jimi, Mike fez sua jogada. “Falando de forma bastante direta, você tem um contrato comigo e eu tenho direito a uma comissão sobre todos os seus ganhos”, Mike disse a Chas. Não sendo o tipo de pessoa que compraria uma briga com o temível Jeffery, Chandler concedeu-lhe 50% do Experience e deixou que ele assumisse o negócio como empresário. “Mexendo uns pauzinhos” com seus camaradas da Imigração, Jeffery garantiu um visto e uma permissão de trabalho para Jimi. Em seguida, ele obteve um contrato de gravação na Polydor, com Kit Lambert e Chris Stamp, empresários do Who. Finalmente, Jeffery prendeu Jimi a um contrato com a Yameta Productions, empresa que possuía com Lambert e Stamp, garantindo para si 40% de todos os seus ganhos futuros.

Hendrix assinou sem hesitar. Embora fosse a sensação do momento, ele ainda não tinha um centavo. Seu colega de apartamento recordou: “Comíamos biscoitos para cachorro no café da manhã. Na época, essa era a única comida na casa, porque eu tinha um beagle”.

Chas e Mike ainda tinham de mostrar onde estava o dinheiro, mas Jimi estava confiante de que a grana entraria logo. Ele confiava sem reservas no franco e dedicado Chas. Quanto a Jeffery, considerava-o um “adorável tratante”.

O outro grande cliente de Jeffery, Eric Burdon, concordava com essa avaliação a respeito do empresário espalhafatoso – com reservas. “Como a maioria das pessoas com intenções criminosas”, escreveu o vocalista do grupo Animals em suas memórias [8], “ele era encantador, atraente e, algumas vezes, um camarada incrível

para se estar junto.” Mike divertia Eric e os Animals, entre cervejas Guiness e, *black bombers* com suas histórias de espionagem sobre seus dias na CIA britânica: explodindo bases russas/egípcias na região do Canal de Suez, brincando de isca em assassinatos na Grécia, escapando de torturas medievais nos porões de um castelo nos Bálcãs. Eric achava que tudo isso fosse papo de bêbado até que Mike o convidou para ir à sua *villa* em Majorca, de frente para o porto, no qual, por acaso, o Sétimo Esquadrão dos Estados Unidos estava procurando por ogivas nucleares. Em uma manhã bem cedo, seu empresário imergiu na água com equipamento de mergulho, segurando uma caixa-preta. Dando risada e apontando para a armada ianque, o ex-espião puxou uma chave: de repente, o porto foi chacoalhado por explosões submarinas. “Jeffery ficou eufórico com sua demonstração de pirotecnia na praia, que gerou um grande tumulto”, escreveu Eric, que agora percebera que Mike não exagerara ao dizer que sua especialidade no MI6 tinha sido “criar tumultos civis”.

Jeffery fizera a transição da demolição e da espionagem para o show business estudando sob a tutela do “Al Capone do Pop” em pessoa, Don Arden. Também conhecido como “O Poderoso Chefão Inglês” e “Mr. Big”, Arden importara Little Richard, Sam Cooke e Gene Vincent para o Reino Unido. Também era empresário do Small Faces, da Electric Light Orchestra e do Black Sabbath [9]. Conhecido por seus métodos comerciais à moda antiga – suborno, chantagem, assalto, sequestro –, o diminuto judeu e seus capangas penduravam rivais em janelas, remodelavam suas rótulas e apagavam cigarros no rosto deles [10]. Jeffery provou ser bom aluno ao roubar o Animals da tutela de seu mentor sem perder a vida ou algum órgão.

O espião aposentado aproveitou sua experiência no MI6 e sua vivência junto a Arden para tornar-se o Satânico Dr. No do rock. “Sua própria máfia pululava ao seu redor como cogumelos ao amanhecer”, escreveu Burdon. “[...] Seu principal capanga era o Turco, um escroto asqueroso cujas ferramentas preferidas incluíam um machado e dois pastores-alemães altamente treinados.” Civis, incluindo aí seus clientes, aprenderam a não mexer com Jeffery. Ele se instalou no mundo dos negócios, continuou Burdon, “como um grande tubarão branco, devorando tudo em seu caminho”. Embora, de acordo com Redding, ele “parecesse um tipo *nerd* do qual você não consegue se livrar de jeito nenhum” e apreciasse ler sobre assuntos como metafísica, ele também colecionava armas, atirava facas, grampeava quartos e destruía restaurantes. Quando Jeffery ateou fogo em seu Clube Marimba e construiu o luxuoso Club a Go Go com o dinheiro do seguro, ninguém investigou. Mais tarde, quando os integrantes do Animals descobriram que todo o seu dinheiro havia desaparecido na conta de seu empresário no paraíso fiscal das Ilhas Cayman, eles mal protestaram.

Mas Burdon, que logo se tornou amigo de Hendrix naqueles primeiros dias, compartilhou com ele algumas fábulas sobre seu novo representante comercial, a título de advertência. Para Jimi, essas histórias tornaram Jeffery ainda mais pitoresco. Além do mais, sabendo que a mistura negócios e *rock’n’roll* pode ser uma briga de foice, esse dínamo – uma mescla de James Bond, Poderoso Chefão, Timothy Leary e Maharishi em uma só pessoa – lhe pareceu a escolha certa para cuidar de seus negócios. Até porque, apesar da divergência de opiniões, todos concordavam em uma coisa sobre Jeffery: ao entrar na batalha que é produzir uma estrela,

ele não fazia prisioneiros e a derrota não era uma opção. E Jimi Hendrix, após sua longa luta, queria acima de tudo tornar-se uma estrela – a qualquer custo.

* * *

No final de 1966, embora Hendrix fosse a sensação da cena do rock britânico, ainda era um desconhecido em seu próprio país. Jeffery e Chandler mudaram essa história naquela primavera, no maior festival pop da história: Monterey.

Para colocar Jimi no palco, foi preciso uma ajudinha dos amigos Paul McCartney e Brian Jones. Os Beatles e os Stones entraram em contato com o organizador do evento, John Phillips, do Mamas and Papas, ressaltando que um festival com as melhores bandas do mundo não serviria de nada sem o maior guitarrista do mundo.

Jimi mal havia chegado em Monterey quando entrou em conflito com o Who, gerenciado pelo parceiro de Jeffery, Kit Lambert. Meses antes, ele fizera o show de abertura para a avalanche de *My Generation* em Londres, após o qual Peter Townshend confessou: “Não tenho vergonha de dizer que ele acabou com a gente”. Determinado a não passar pelo mesmo constrangimento em Monterey, Townshend se recusou a entrar depois de Hendrix. Mas Hendrix se recusou a se apresentar depois do Who, de modo que eles decidiram no cara ou coroa. Jimi escolheu coroa e perdeu.

“Tudo bem”, disse ele a Townshend, “se vou ter de entrar depois de vocês, vou tocar o puteiro.”

O Who conhecia a pirotecnia de Hendrix. Considerando que a melhor defesa é o ataque, “eles destruíram o palco inteiro com

bombas e bolas de fogo", disse Phillips. Correndo para os bastidores, Keith Moon, o baterista do Who que morreria de overdose dez anos mais tarde, vociferou para Jimi: "Sua vez, meu chapa!". Moon the Loon nunca havia sido admirador de Hendrix: ao vê-lo pela primeira vez, meses antes, no estúdio de gravação, disparara: "Quem deixou esse selvagem entrar?".

No auge de uma viagem de duas doses de Monterey Purple, Jimi sorriu timidamente e encaixou a alça em sua Stratocaster, enquanto Brian Jones o apresentava para uma multidão de 90 mil pessoas como "o guitarrista mais excitante que eu já ouvi!".

Jimi subiu ao palco com o Experience. O que se seguiu foi talvez uma das maiores apoteoses do rock, cujo clímax foi a execução de *Wild Thing* e o incêndio de sua guitarra.

"O futuro pertence à banda The Jimi Hendrix Experience!", proclamou o *Los Angeles Times* no dia seguinte. "Quando Jimi deixou o palco, havia passado de boato a lenda."

* * *

Na época da apresentação em Monterey, o álbum de estreia de Jimi, *Are You Experienced?*, atingiu o topo das paradas, ficando atrás apenas de *Sgt. Pepper's*, dos Beatles.

O guitarrista viajou de Monterey para Los Angeles, onde se tornou a coqueluche da elite musical. Abriu shows para o Jefferson Airplane e para o Big Brother and the Holding Company, recebendo 500 dólares por noite. Logo se tornou a atração principal, e seu cachê aumentou de forma correspondente.

O Experience passou o ano de 1967 em turnê, fazendo 255 shows. Naquele outono, a revista *Melody Maker* indicou Hendrix como o Melhor Músico do Ano. Na primavera seguinte, a revista *Life* saudou-o como “O Guitarrista Mais Espetacular do Mundo”. Voltando para Seattle no começo de 1968, o prefeito entregou as chaves da cidade ao ilustre filho da terra.

“As únicas chaves que eu esperava ver naquela cidade eram as da cadeia”, disse o já sentenciado músico aos repórteres.

Em 1969, Hendrix foi eleito o Músico do Ano pela revista *Rolling Stone*. O Experience agora cobrava 100 mil dólares por um *set* de 50 minutos. Embora os ganhos dos Rolling Stones excedessem um pouco esse valor, o Experience era a banda internacional que mais fazia dinheiro graças a Jeffery, que eliminou os intermediários, faturando 85 centavos a cada dólar pago à banda.

Como músico idolatrado por outros músicos, Hendrix era tão popular entre seus pares quanto junto a seu público. Dylan chamou-o de “incrível”. Neil Young considerava-o “sem dúvida o melhor guitarrista que já viveu”. Hendrix também foi a influência seminal de futuras estrelas. “Ele parecia um venusiano, alguém de outro planeta”, disse Sting. “Suas performances chegavam a ser demais para se assimilar. Davam a sensação de se estar à beira de um precipício. *Hey Joe* foi a razão pela qual decidi me tornar músico.”

Uma das poucas críticas profissionais contra Jimi veio de Frank Zappa [11]. Depois de vê-lo em uma apresentação no Café au Go Go, em Nova York, o Mãe, como Zappa era conhecido, disse que ele era “fantástico”, só que “[...] fiquei fisicamente enjoado [...] Não consegui entender como alguém era capaz de carregar esse tipo de intensidade dentro de si. Ele terminou pegando a guitarra e

empalando-a no teto baixo do clube. Simplesmente foi embora e a deixou lá, gritando.”

Outro fã de Hendrix era Jim Morrison. “Ei, Jimi! Jimi! Deixa eu subir e cantar, cara! Vamos fazer essa merda juntos”, implorou o vocalista do Doors, do meio do público, ao assistir uma apresentação do Experience.

“Pode deixar, camarada. Eu consigo me virar sozinho”, disse Hendrix.

“Ei, você sabe quem eu sou?”, gritou o Rei Lagarto. “Eu sou Jim Morrison do Doors!”

“Sim, eu sei quem você é”, devolveu o Voodoo Child, como também era conhecido, “e eu sou Jimi Hendrix.”

Um mês antes, no Scene Club de Los Angeles, Jim já havia interrompido Jimi, rastejando para o palco e tentando simular um boquete em sua Stratocaster. Mais tarde, um repórter perguntou ao guitarrista se alguma de suas apresentações já havia sido obscena. “Talvez um pouco vulgares”, ele admitiu, “mas ‘obscena’? Você está me confundindo com Jim Morrison.”

Como prova da popularidade e influência de Hendrix, o secretário de imprensa do presidente Nixon, Ron Ziegler, convidou-o à Casa Branca para uma conversa informal em abril de 1969. Jeffery recusou o convite sem informar ao astro.

Logo os Federais colocaram Jimi em sua “Lista de Segurança”, uma relação de celebridades “subversivas” a serem reunidas e colocadas em campos de concentração em caso de emergência nacional. O *establishment* considerava sua execução do hino norte-americano uma queima simbólica da bandeira, e, no auge de sua popularidade, ele passou a ser visto na companhia de um grupo

considerado o mais perigoso do país pelos Federais: os Panteras Negras.

Electric Ladyland

> Ele foi o homem mais sexual que já vi no palco.
> Até Mick Jagger concordou.
> – Nico, vocalista do Velvet Underground

A fama de Jimi Hendrix como guitarrista lendário se equiparava à sua fama de devasso.

“Ele vinha para a cama com a mesma graça com que um caminhoneiro do Mississippi ataca um prato de couve e pão de milho”, lembrou sua primeira namorada em Nova York, Faye Pridgeon. “Ele também era criativo na cama: era uma após a outra, vigoroso e quente como sua música. Às vezes ele quase me rasgava em duas, como fazia com a guitarra no palco.”

As mulheres não ficavam menos encantadas com sua delicadeza. Ele as ajudava a se sentar, dava-lhes presentes, sussurrava palavras doces e fúteis em seus ouvidos. Ao conhecer sua primeira namorada branca, Carol Shiroky, no clube Cheetah, em Nova York, ele disse: “Vou te contar uma coisa, mas você vai rir”. Na época, ele era um guitarrista contratado sem um centavo no bolso. A bela loira, que já tinha ouvido todas as cantadas usadas na Big Apple, prometeu não rir. “Quero beijar seu joelho”, sussurrou Jimi. E, depois, ele lhe disse que tinha vindo de Vênus.

Logo os dois estavam morando juntos. Shiroky cozinhava para ele seu café da manhã favorito: espaguete ao alho e óleo. Ela lhe comprou sua primeira Stratocaster nova. Mas logo ele começou a

perder o jantar e não voltar para casa até o dia raiar. “Sabia que ele estava na cama de outra pessoa e nunca o questionei”, disse ela, “porque, se o fizesse, ele iria embora.”

Sua namorada seguinte foi outra loira, Kathy Etchingham. Ao conhecer a ex-amante de seu herói, Brian Jones, logo após sua chegada a Londres, suas primeiras palavras para ela foram: “Quero te dizer uma coisa”. Ele a beijou no ouvido e sussurrou “Te acho linda”.

Uma das poucas ingênuas que se safaram foi Marianne Faithfull. Depois de se apresentar no clube Speakeasy, em Londres, Jimi “começou a sussurrar no meu ouvido [...] todas as coisas que queria fazer comigo na cama. Disse que havia escrito *The Wind Cries Mary* para mim” [12]. Ignorando seu namorado, Mick Jagger, que estava sentado ao lado dela, Hendrix continuou: “Venha comigo, gata. Aliás, o que você está fazendo com esse idiota? [13]”.

“O que eu mais queria era ir embora com ele”, disse Marianne, “mas eu não podia fazer isso. Mick nunca teria me perdoado.” A cantora de *As Tears Go By* mais tarde confessou que o “maior arrependimento” de sua vida foi não ter tido um caso com Hendrix.

Se o encantador de mulheres já levava jeito com o sexo frágil antes de se tornar famoso, quando o Experience começou a viajar em turnê, ele se tornou irresistível. “Jimi era a pessoa mais charmosa e educada do mundo inteiro”, lembrou-se sua promoter, Melissa Chassay. “Ele tirava nossos casacos, esse tipo de coisa [...] Nos bastidores, havia sempre uma fila de garotas. Elas entravam uma após a outra. Jimi transava com elas e, depois de uma hora, entrava no palco e derrubava o lugar.”

“Ele tinha relacionamentos sérios e casos passageiros”, confirmou seu baterista, Mitch Mitchell. “Mas nada conseguia se colocar entre Jimi e sua guitarra.”

Para manter um registro de todas as suas conquistas, Jimi montou uma comédia romântica em película de 8 mm estrelando todas as suas *groupies*. Com comentários, ele deu a esse diário de turnê o nome *Os Filmes de Despedida*.

Em outro ato extravagante, ele permitiu que a equipe de Cynthia Plastercaster imortalizasse seu “Pênis de Milo” junto ao de outras lendas do rock. “Foi preciso mergulhá-lo até o fundo do jarro”, relatou Cynthia. “Era gigantesco, bem grosso e bastante longo. Ele ficou preso [...] mas não entrou em pânico. Acredito que não conseguimos tirar seu membro de lá porque estava duro e não amolecia.”

O Voodoo Child curtia se enturmar. Certa vez, convidou seu amigo, Jerry Morrison, para um descanso em sua mansão em Woodstock. “Jimi tinha uma cama enorme e lá estava ele, deitado bem no meio, soterrado por seis ou sete garotas que chupavam cada um de seus orifícios e protuberâncias”, lembrou-se Jerry.

Mas o guitarrista nunca deixou que ninguém se aproximasse demais, especialmente uma mulher. Ele não podia arriscar. A perda de sua mãe, a pessoa que mais amou na vida, foi quase insuportável. “Todas essas pessoas que dizem que conheciam Jimi [...] bom, isso é ridículo”, disse seu baixista, Noel Redding. “Ele era bem próximo de uma garota que ele curtia na Suécia [Kirsten Nefer], mas a mina que ele conheceu em Düsseldorf [Monika Dannemann] [...] Bem, ele passou três dias com ela. Elas dizem que o conheciam, mas isso não é verdade.”

Outra beleza nórdica, Eva Sundquist, tornou-se a mãe do segundo filho de Hendrix, James. Jimi Jr. foi concebido em um hotel de Estocolmo, poucos dias depois de Hendrix ter dito aos repórteres que sua namorada britânica, Kathy Etchingham, era sua “Yoko Ono”. Diane Carpenter, uma prostituta de Nova York de 16 anos de idade, foi a mãe de sua primeira filha, Tamika. Tanto Eva quanto Diane entrariam com processos de paternidade. Eva foi coagida por assistentes sociais a dar entrada no processo, embora tenha dito a eles que “não queria que Jimi tivesse todo o trabalho que a paternidade traria”. Mais tarde, o filho de Eva, que nunca conheceu Jimi, protestaria: “Não me diga mais nada, não quero saber nada sobre meu pai”.

Nessa época, a reputação de cavalheiro lisonjeiro de Hendrix estava bastante desgastada. “Jimi era tímido”, disse outra ex-amante, Pat Hartley, “mas isso não queria dizer que ele não te arrebentaria caso você tomasse muita liberdade com ele [...] algumas dessas surras eram absolutamente horrendas.” “Ocasionalmente”, escreveram seus biógrafos Shapiro e Glebbeek [14], “Jimi, de forma bastante perigosa, não era capaz de distinguir entre guitarras e mulheres.”

Mas, nesse ponto, ele não era uma exceção. O espancamento de mulheres é uma tradição do rock. Chuck Berry, James Brown, Jerry Lee Lewis, Brian Jones, Jim Morrison, Eric Clapton, Jimmy Page, John Lennon – para citar apenas alguns – foram ardentes disciplinadores do sexo oposto.

“Jimi Hendrix era um gênio”, declarou seu amigo Eric Burdon. “Mas num minuto ele estava no palco cantando sobre a massa dos

desvalidos da América e, no instante seguinte, estava arrebentando alguma coitada num beco qualquer."

Aconteceu de uma dessas garotas ser a ex-esposa de Eric, Angie. Certa noite, Hendrix fez um *ménage à trois* com ela e uma amiga, mas, ao amanhecer, as garotas não pareciam ter pressa em sair de sua suíte, em um hotel em Londres. "Jimi ficou louco de repente", alegou Angie, "e começou a bater nossas cabeças uma na outra." Em seguida, ele as arremessou na sala de estar. As garotas ficaram mais que dispostas a ir embora, mas suas roupas estavam trancadas no quarto. Angie (assassinada a tiros por um namorado dois anos depois) fez uma ligação de emergência para Kathy Etchingham. A Yoko de Jimi pegou um táxi até o local e negociou a libertação das roupas das garotas diretamente com ele.

Conhecedora da fúria de Jimi, Kathy lembrou-se: "ele já me trancou no banheiro por sei lá quantas horas". Uma vez, no clube Bag O'Nails, ele a pegou no telefone e, acreditando que ela estivesse marcando um encontro com outro amante, golpeou-a com o aparelho até que fosse socorrida por Lennon e McCartney. Em outra ocasião, ele a chutou no rosto, quebrando seu nariz em três lugares.

A bebida fazia com que Jimi esquecesse as boas maneiras, como acontecia com seu pai, Al. "Ele simplesmente não podia beber", disse seu amigo Herbie Worthington. "Ele virava um completo filho da puta." Noel Redding, concordando que Jimi "não sabia lidar com a bebida" como um "inglês experiente e frequentador assíduo de pubs", lembrou-se de uma noite bem estranha no Hotel Gothenburg, na Suécia. Lá, Noel, Mitch e Jimi – com um jornalista sueco homossexual – estavam relaxando, tentando se refazer após

uma apresentação tensa ocorrida um pouco antes naquela mesma noite. Logo, o sueco paquerador sugeriu que os quatro fossem para a cama e Jimi, completamente bêbado, começou a dar em cima de Noel, que não queria tomar parte na orgia [15]. De repente, “Jimi começou a correr, destruindo tudo no quarto”, lembrou o baixista. Quando a polícia chegou, Jimi derrubou dois policiais e tentou pular pela janela quebrada. Ele foi preso, multado e, dali para a frente, teve dificuldades para reservar uma suíte em Estocolmo. “Bicho, eu só estava bêbado”, admitiu Jimi após o incidente. “Normalmente, eu consigo beber bastante. Alguém deve ter colocado alguma coisa no meu copo.” Mas acrescentou: “Não dá pra esperar que artistas se comportem bem o tempo todo”.

Ele se meteu em outra confusão em Los Angeles, onde estava para fazer um ensaio fotográfico para a revista *Life*. “Ele atacou duas moças com tijolos”, lembrou Noel. “Uma delas, porque foi ao meu quarto e não ao dele [...] Nós usávamos garotas para nos provocarmos mutuamente.” As mulheres abriram um processo e a Electric Ladyland Inc. elegantemente as presenteou com um cheque para compensá-las pelo incidente.

Quando pediram que Eric Burdon resumisse seus sentimentos por seu velho amigo, após a morte de Jimi, ele disse: “Ele era um babaca! Era um gênio, mas um babaca. Era por isso que eu gostava tanto dele”.

* * *

Se houve uma mulher capaz de bater tanto quanto era capaz de apanhar, essa mulher foi Devon Wilson, conhecida como “Dolly

Dagger", tanto boneca quanto adaga.

Havia rumores de que "a Cleópatra das *groupies*" praticava magia negra, de que era uma Pantera Negra disfarçada, agente secreta da Divisão de Narcóticos ou uma informante de Jeffery. Ninguém se metia a besta com ela – incluindo Jimi. Ela o conheceu em 1965, durante a turnê da banda Isley Brothers. Embora fosse uma adolescente fugida de casa na época, Devon já havia dormido com quase todos os nomes conhecidos do rock.

"Eu me senti atraída pela excentricidade de Jimi, embora na época ele não fosse uma estrela consagrada", lembrou-se ela. "Apresentei a Jimi sua primeira viagem de ácido, e ele adorou", continuou ela. "Ele experimentou várias coisas comigo e nossa relação se tornou uma fonte de excitação e satisfação."

Posteriormente, Hendrix escreveu *Dolly Dagger*, cantando "She drinks her blood from a jagged edge" e, em homenagem ao gosto de Devon pelo sadomasoquismo, "She's got a whip as long as your life".

Um dos concorrentes de Jimi pelas atenções de Wilson foi o próprio Sir Mick Jagger, cujo sangue ela guardou depois de ele ter se cortado com um copo de vinho em uma festa. Ela foi o tema de *Brown Sugar*, dos Stones, no álbum *Let It Bleed*, e de *Can't Always Get What You Want*: "I met her today at the reception [...] in her glass was a bleeding man".

O Voodoo Child e a Dolly Dagger se provocavam com seus casos em série. "I'm not the only one accused of hit-and-run", cantou Jimi em *Crosstown Traffic*. "Tire tracks all across your back, baby, I can see you've had your fun."

Mas havia um nó impossível de desatar entre os dois. Devon não era apenas a amante de Jimi, mas também sua irmã mais velha e sua mãe. Ela lhe dava conselhos sobre a carreira, protegia-o e defendia-o, embora lhe desse bronca quando suas apresentações eram medíocres – uma liberdade que ele não permitia a nenhuma outra mulher.

Devon teria sido uma influência saudável para Hendrix, não fosse o fato de ser viciada em heroína. Em seu primeiro encontro, ela admitiu que consumiram cocaína juntos, “mas ele não tinha nenhuma vontade de se meter com heroína naquele tempo, pois sabia que era uma via de mão única que não levava a lugar nenhum”. Faye Pridgeon, a outra mulher importante na vida de Jimi em seus dias no Harlem, salvou Devon da morte por overdose em três ocasiões. O apetite de Devon pela heroína rivalizava com o da própria Janis Joplin, com quem Jimi tomou um pico em Monterey. O vício de Hendrix nunca se igualou ao delas, mas seus efeitos sobre sua música e carreira foram significativos.

“Ele sofreu por causa das drogas que estava tomando”, disse seu baterista Buddy Miles, “porque ele usava heroína e, após algum tempo, isso detona qualquer um.”

“Ele se interessava pela fuga temporária que a heroína proporcionava”, escreveu Noel Redding. “No campo das ideias, essa foi uma das grandes barreiras entre nós dois.”

Jimi finalmente se apaixonou por uma mulher que poderia ter sido uma influência saudável e revigorante. Monika Dannemann era campeã de patinação, não usava drogas, alegava ser virgem e não queria mais nada da vida a não ser casar e constituir família. Em sua biografia [16], a srta. Dannemann identificou-se como a única

noiva real de Jimi. Na realidade, o guitarrista fazia pedidos de casamento em série: após supostamente pedir Monika em casamento, ele propôs a mesma coisa à modelo dinamarquesa Kirsten Nefer, como já havia feito com outras – dessa vez, porém, ele finalmente havia conhecido seu verdadeiro amor. Monika insistiu nesse ponto.

De acordo com a srta. Dannemann, ela conheceu Jimi em janeiro de 1969, após assistir ao concerto do Experience em Düsseldorf. Um amigo magnata alemão ofereceu-se para apresentá-la a Hendrix em um bar naquela noite, mas ela recusou devido à reputação de "homem selvagem" e de "pessoa bruta e não civilizada" de Hendrix. "Obviamente, eu não queria conhecer um homem como esse", insistiu a ilibada fräulein. Mas, quando o referido amigo insistiu, ela concordou com uma reunião no dia seguinte, no hotel de Hendrix. Depois de conversarem brevemente, "percebi que havia me apaixonado por Jimi", ela escreveu. Supostamente, o sentimento foi mútuo. "No momento em que me viu, ele também se apaixonou", continuou ela. No mês seguinte, ela se lembra de encontrar com seu amante em Londres, embora outros biógrafos concordem que o guitarrista vivesse com Kathy Etchingham na época. Em março, Dannemann alegou que ambos haviam trocado "alianças de noivado", ambas ornadas com uma cobra dourada, que Hendrix disse a ela ser "um símbolo mágico de sabedoria e iluminação utilizado para repelir o mal". No clube Speakeasy, ele teria mostrado os anéis a amigos "de mesa em mesa", escreveu ela, "anunciando que haviam acabado de ficar noivos".

Novamente, ninguém guarda lembranças desse acontecimento. Jimi só foi visto com Kathy Etchingham no Speakeasy. Embora a srta. Dannemann insistisse ter tido um passado com o astro, ela foi completamente invisível para os outros até os últimos dias da vida de Jimi em Londres. Ninguém a havia visto com o anel de cobra até o dia 16 de setembro de 1970, dois dias antes de sua morte. Ninguém identificou a joia como um anel de "noivado", exceto a própria *groupie*.

De fato, apenas alguns dias antes um tabloide holandês havia soltado a manchete: maior guitarrista do mundo fica noivo de modelo dinamarquesa. Tratava-se da bela Kirsten Nefer, que havia acompanhado Jimi ao festival da Ilha de Wight pouco antes. Nesse meio-tempo, Dannemann havia se mudado para um flat afastado de Londres e aguardava para emboscar seu "noivo." Quando ouviu a notícia do noivado com Nefer – não o noivado fantasioso de Dannemann –, Devon voou para Londres para pôr as coisas em pratos limpos. Ela ouvira boatos de que o comportamento de Jimi andava bastante descontrolado. Sua amiga e biógrafa, Sharon Lawrence [17], recebera de outro amigo seu, Jack Meehan, a informação de que "alguém deveria ficar de olho em Jimi; ele está sofrendo de um colapso nervoso". Apesar de seus próprios problemas, Devon sempre se considerou, no mínimo, a protetora de Jimi.

Pouco antes de viajar para Londres, o compositor de *Love or Confusion* consultou-se com um médium alemão que lhe disse diversas vezes: "Tenha cuidado com as mulheres. Elas só querem fazer mal a você".

Devon não foi a única pessoa a pousar em Londres para presenciar o canto do cisne de Jimi Hendrix. Em uma harmônica convergência de carmas ruins, todas as peças principais de sua caótica vida se abateram sobre ele para assumir seus papéis no que se tornaria uma tragédia violenta e de proporções shakespearianas.

Vidro quebrado

> I used to live in a room full of mirrors, all I could see was me...
> Broken glass was all in my brain...
> it used to fall on my dreams and cut me in my bed.
> – Jimi Hendrix, *Room Full of Mirrors*
>
> Ele começou a odiar a própria imagem.
> Ele se sentava na beira da cama, quase chorando.
> – Kathy Etchingham

A lua de mel de Jimi pós-Monterey não durou muito. Após uma apresentação perfeita, ele estava abrindo shows para o grupo Monkees. Sem consultá-lo, Mike Jeffery havia assinado o contrato com a Dick Clark Productions. “Você perdeu a merda da cabeça?”, urrou o produtor de Jimi, Chas Chandler, ao ouvir a notícia.

Jeffery insistiu que o sacrifício da “integridade musical” valia a exposição na mídia. Personagens amados com caras estampadas em figurinhas de chicletes, os Monkees, que dublavam e não cantavam ao vivo, estrelavam na TV um programa próprio de comédia que fazia com que a Família Dó-Ré-Mi parecesse uma obra de Tennessee Williams. “Os Monkees estavam na retaguarda da música”, admitiu o líder Peter Tork, “e Jimi estava na vanguarda”.

Não foi preciso muito choro ou gritos de “Daveyyy!” antes que Jimi desse as costas para o público e se recusasse a cantar. Após

algumas apresentações, Chandler resgatou o Experience da turnê dizendo que as Filhas da Revolução Norte-Americana estavam a ponto de pegar em armas devido à terrível influência de seu astro sobre a mente da juventude feminina.

Jimi mal havia se safado desse fiasco quando se envolveu em um conflito com Chas. Sempre perfeccionista, o guitarrista exigia intermináveis regravações durante as sessões para o segundo álbum do Experience, *Axis: Bold as Love,* ignorando as orientações de seu produtor. Embora o próprio Chandler fosse um músico, Jimi se recusava a tolerar qualquer interferência criativa. “Ele simplesmente não estava mais ouvindo [...] Eu me sentia um intruso”, reclamou Chandler que, como Jimi, estava perdendo cabelo em virtude da alopecia, uma condição relacionada ao estresse.

Os outros membros do Experience também estavam desapontados. “Passávamos dias no estúdio”, escreveu Redding, “mas nunca concluíamos nada porque Hendrix chegava com mil e quatrocentos parasitas.” Algumas vezes o baixista simplesmente se recusava a aparecer no estúdio “porque eu não queria encarar a comitiva de Jimi [...] O ego de Jimi se alimentava de sua fama, mas no final ele foi forçado a tornar-se o hospedeiro ‘Jimi Hendrix’ de parasitas 24 horas por dia”.

Mike Jeffery não perdeu tempo e passou a explorar a divergência. Sua estratégia foi se insinuar para Jimi tomando ácido com ele sempre que possível, conversando sobre misticismo e denunciando o *establishment*. “Por mais incrível que possa parecer”, escreveu Noel Redding, “Jeffery se tornou um chapado de ácido hippie bicho-grilo excêntrico.” Ainda não havia ocorrido a Jimi que

seu empresário estava tomando placebos enquanto lhe fornecia alucinógenos potentes. “Jeffery sempre fez questão de que o estoque de drogas de Jimi não ficasse vazio”, continou Redding.

De sua parte, Chandler nunca usara drogas mais pesadas e não gostava do efeito delas sobre Hendrix. “O ácido mexeu com a cabeça dele”, disse ele. “Era uma loucura. Tinha que parar.” No começo, Chas não percebera o apetite de Hendrix por drogas psicodélicas, muito menos com quem ele andava viajando: Lennon e McCartney. “Eles estavam se entupindo de ácido!”, declarou. “Eu morava no mesmo apartamento que Jimi e não fazia ideia!”

Considerando a desavença irreparável, Chandler passou Hendrix exclusivamente para as mãos de Jeffery. Mas, conhecendo bem demais seu dissimulado ex-parceiro, não abandonou o astro sem antes alertá-lo. “A oportunidade estava lá para Jeffery agarrar com tudo”, disse ele. “Eu sabia que alguma coisa suspeita aconteceria, mas nunca sonhei que isso tudo levaria à sua [de Jimi] morte.”

Chandler acolhera Hendrix, dando-lhe casa e roupas. Apresentou-o a todos os seus amigos e, quando o dinheiro acabou, vendera todas as suas guitarras para financiar sua estreia. Mais do que um produtor, ele fora um verdadeiro benfeitor e amigo. Assim, ao retornar para Londres dois anos depois de lançar a carreira de Hendrix, não poderia deixar de haver uma tristeza amarga. Mas ele proibiu que seus advogados incluíssem qualquer coisa que “machucasse ou interferisse com Jimi” no acordo de dissolução. Apenas um mês depois de concluído o rompimento, o álbum *Electric Ladyland* foi lançado e Chas não foi creditado.

Um dia antes de sua morte, Jimi implorou para que Chas voltasse. Mas já era tarde demais.

* * *

A partida de Chas Chandler e a ascensão de Mike Jeffery marcaram o início do fim para Hendrix, tanto no campo pessoal quanto no profissional. Jeffery o manteve sob um cronograma de turnê exaustivo. Jimi adquiriu fama de ser um artista volátil e imprevisível: em uma noite ele era brilhante, na outra, retraído e sem vida. Após diversas apresentações, Redding diria: “Nós definhamos. Jimi estava em outra vibração”.

“Sempre tive mudanças de humor”, confidenciou Hendrix à revista *Fab*. “Sinto muito, mas não consigo evitar.” Seu distúrbio bipolar havia retornado. Ele se tornou hostil com os fãs quando pediam um sucesso que ele não queria tocar ou quando ficavam impacientes com a afinação interminável de sua guitarra. “Enquanto vocês cutucam o nariz e a bunda”, gritou ele em Newport, “podem aproveitar e se matar. Foda-se!”.

Ele era um músico, insistia, não um “palhaço”. Estava enojado e cansado das acrobacias que os fãs esperavam que ele fizesse: tocar guitarra nas costas, entre as pernas ou com os dentes, queimar e destruir seus instrumentos. “Na maioria das noites, levava 45 minutos apenas para convencer Hendrix a continuar”, recordou o empresário de sua turnê, Gerry Stickells. “Devolva o dinheiro de todo mundo!”, gritava ele.

Jimi queria desesperadamente evoluir do ponto de vista musical, para escapar do quarto de espelhos, cujas imagens refletidas o

sufocavam. “A fama é bem mais difícil de lidar do que as pessoas pensam”, disse ele. “As pessoas que cavam buracos para viver não sabem a sorte que têm.”

O desânimo e a frustração de Hendrix logo contaminaram o Experience. Redding percebeu o quanto ele ficou chocado “ao descobrir a facilidade e eficiência com que é possível ser destruído por se conseguir o que se quer”. Em seguida, revelou: “A banda, na verdade, acabou no verão de 1968, mas ninguém sabia disso”.

Cream, Traffic, The Byrds, Animals, Hollies, Lovin’ Spoonful, Spencer Davis, Big Brother e Blood, Sweat & Tears: 1968 foi o ano das Grandes Separações. O Experience deveria ter tido o mesmo destino, não fosse Mike Jeffery ter colocado sua galinha dos ovos de ouro na UTI, respirando por aparelhos. A banda agonizou por mais um ano e os ressentimentos foram se acumulando. “Cheguei a ponto de, uma vez, em Nova York, dizer a Hendrix que ele era um filho da puta imbecil”, disse Redding. “[...] Para me vingar, eu tocava fora do tom de propósito. Queria gritar: ‘Pare de ser uma estrela e toque guitarra!’”

Em épocas anteriores, eles haviam improvisado juntos de forma brilhante e adoravam tocar. Fora dos palcos, eram grandes amigos e gostavam de zombar um do outro. Jimi chamava Noel de “Avó do Bob Dylan” e Mitch de “Julie Andrews”, e Noel e Mitch chamavam-no de “Morcego” em virtude de sua preferência vampiresca por suítes escuras de hotel. Mas, no final, toda a jovialidade, o entusiasmo e o amor pareciam ter evaporado.

O trio suportou o último ano do Experience exatamente como o fizeram outros grupos quando amarrados a um bicho que está morrendo: usaram drogas até esquecerem o próprio nome. Mitch

era o farmacêutico da turnê. Um *roadie* se lembrou de que “ele tinha uma bolsa de companhia aérea com três compartimentos: para calmantes (barbitúricos), para acelerantes (*speed*) e para viajantes (hipnóticos)”. Um guitarrista que tocou com o Experience no estúdio Record Plant disse: “Sobre o tom-tom da bateria de Mitch havia uma bela pilha de cocaína pura [...] O tamanho daquela montanha é um troço que eu nunca vou esquecer”.

Quando a jornalista Jane de Mendelssohn entrevistou Hendrix, relatou que ele estava nu na cama e que “em sua mesa de cabeceira havia uma coleção enorme de álcool e drogas [...] três tipos diferentes de haxixe, maconha, nitratos de amil e vários tipos diferentes de bourbon e uísque. Nós simplesmente nos servimos. Ele fumava um baseado atrás do outro e ambos bebemos [...] Num determinado momento, ele me ofereceu um pouco de nitrato de amil e nós dois piramos”.

No começo, a droga preferida da banda era, de acordo com Noel, “ácido, ácido, ácido; passávamos o tempo todo viajando no espaço”. Mas ninguém conseguia acompanhar Jimi. “Ele sacou sua latinha de doces, tirou a tampa e me ofereceu um ácido”, lembra Gary Duncan, do Quicksilver. “Tinha umas 20 doses ali. Eu tomei umas cinco e ele tomou o resto.”

Hendrix deu com a cara no muro no final da última turnê do Experience: foi preso por porte de heroína em Toronto.

* * *

Embora Jimi fosse um usuário eventual de heroína nessa época, ele insistiu que se tratava de uma armação. Antes de cruzar a

fronteira, a banda havia sido prevenida, de acordo com Mitch, “de que haveria problemas em Toronto. Os *roadies* vieram dizendo ‘verifiquem suas bagagens e se certifiquem de que nada possa ser plantado [18]’”. Mitch não apenas jogara os viajantes, acelerantes e calmantes fora, mas ainda tirou a cueca e colocou um terno sem bolsos. Jimi também tomou precauções, mas a alfândega descobriu heroína em sua bagagem de mão.

Jimi surtou. Estaria sofrendo de fantasias paranoicas? Finalmente, ele se convenceu do inacreditável: seu próprio empresário, seu companheiro de ácido, havia armado para ele. Jimi dissera recentemente a Jeffery que pretendia acabar com o Experience depois de sua última turnê. Desesperado com a possibilidade de perder a galinha dos ovos de ouro, Jeffery planejou a apreensão para que Hendrix fosse forçado a manter o Experience vivo para bancar suas despesas com os advogados. Mais do que isso, a heroína estava drenando toda a energia performática e criativa de Jimi, deixando-o quase imobilizado. Jeffery queria vê-lo limpo e de volta à coca e ao ácido.

Convencido do subterfúgio utilizado por seu empresário, Jimi assumiu a ofensiva. Disse a seu advogado, Henry Steingarten, que gostaria de se desligar do Experience e também de Jeffery. Steingarten perguntou por quê. Sem mencionar sua teoria conspiratória para que o advogado não o considerasse um louco em delírio, Jimi alegou que Jeffery o estava roubando. Steingarten insistiu que seriam necessárias provas – documentos, recibos, fitas, qualquer coisa – para invalidar o contrato com o empresário.

Jeffery, mancomunado com o sócio de Steingarten, Steve Weiss, logo estava ocupado com o picotador de papel e com um número

incomum de viagens para a Espanha e as Ilhas Cayman.

Embora Hendrix tenha dissolvido o Experience, acabou por abandonar seus esforços em despedir Jeffery e isolou-se em Shokan House depois que seu amigo, Brian Jones, se afogou na própria piscina. Posteriormente, quando perguntado sobre o que estava fazendo desde sua última turnê, o guitarrista replicou: “Tenho feito como o urso Zé Colmeia. Fico hibernando, hibernando”.

Ele foi tirado da hibernação quando Jeffery e seus capangas chegaram ao retiro de Woodstock exigindo que ele tocasse no clube Salvation – não apenas para resgatar o estúdio Electric Ladyland do colapso financeiro, mas também para pagar sua defesa em Toronto. Então Jimi fez o show *The Black Roman Orgy*, seu fornecedor de coca e amigo morreu a tiros no melhor estilo gangues de rua, ele foi sequestrado e Jeffery o “resgatou”. Agora, Jimi não ousaria tentar despedir o ex-agente do MI6.

Jeffery começara a assustá-lo. Pra caralho.

Voodoo Child

> If I don’t meet youno more in this world then I’ll meet you in the next one and don’t be late, don’t be late, ’cause I’m a voodoo child.
> – Jimi Hendrix, *Voodoo Child*

Os Panteras Negras, sempre à procura de dinheiro e de exemplos a ser seguidos, observavam Hendrix com interesse já havia algum tempo. Perto do final da última turnê do Experience, eles o encurralaram para uma conversa de irmão para irmão.

Eles chamaram o Voodoo Child de “vira-casaca” e vendido. Queriam saber por que ele continuava transando com loiras. Perguntaram por que ele tocava com dois branquelos, trabalhava como escravo para um branco e se apresentava para brancos.

No passado, Jimi havia tentando esclarecer essas dúvidas. “As únicas cores que vejo estão em minha música”, disse à imprensa. “A música é mais forte do que a política”, continuou. “Sinto pelas minorias, mas não me sinto parte de uma [...] Todo homem é uma ilha, e a música é uma das poucas formas de comunicação verdadeira.” Em relação ao ativismo, disse: “Quero mostrar às crianças negras que a música é universal, que não há rock branco ou rock negro”.

Os Panteras não tinham paciência para esse monte de besteiras hippies. Eles disseram a Hendrix que ele precisava soltar a grana e não só falar em nome da causa, mas Jimi disse que estava

quebrado no momento. Os Panteras ficaram intrigados. Ele acabara de encerrar uma turnê de cinquenta apresentações a 100 mil por show... e ele estava *quebrado*? Eles se ofereceram para falar com seu Tesoureiro. Jimi recusou-se. Tudo bem, continuaram eles, em vez de dinheiro, que tal um concerto beneficente? Jimi confessou também não ter controle sobre suas apresentações no momento. Além disso, sua banda era passado e ele ainda não tinha uma nova.

Os Panteras deixaram guarda-costas com seu irmão, dizendo que eles o protegeriam e que esperavam que Jimi conseguisse resolver seus problemas profissionais com alguma ação positiva.

Jimi recrutou seus antigos companheiros, Billy Cox e Buddy Miles, e formou a Band of Gypsys, composta apenas por músicos negros. Seu empresário não ficou satisfeito, especialmente quando ouviu *The Power of Soul*. E então, em uma de suas primeiras apresentações, Jimi iniciou *Voodoo Child* com a mão cerrada: “Esta é a música de um militante negro e nunca se esqueçam disso!” Mais tarde, ele disse à imprensa: “Ou você é um rebelde ou é Frank Sinatra”.

O ponto é que Mike Jeffery nunca fora um animal político. Seu negócio era dinheiro. Mas calhou de seus parceiros comerciais gostarem bastante de Frank Sinatra. Na realidade, o próprio chefão Sinatra era amigo pessoal de alguns desses parceiros. Além do mais, os Panteras estavam interferindo no monopólio farmacêutico desses sujeitos no subúrbio, e também estavam atrapalhando outros investimentos da Máfia na região. Assim, quando Jeffery se sentou com eles para almoçar após a apresentação no Salvation, foram direto ao ponto.

“Ou você cala a boca do seu negro ou nós calamos.”

Ele certamente deu o seu melhor. A apreensão em Toronto e o sequestro no Salvation serviram para manter seu artista preso a ele, mas agora Mike – que tinha espiões e grampeava os escritórios de seus clientes com regularidade – descobrira que Jimi estava para desertar para o empresário de Miles Davis, Alan Douglas. Na verdade, circulava o boato de que Douglas – que também representava Duke Ellington, Charles Mingus, John Coltrane e outros grandes nomes do jazz – agora tentava arranjar uma colaboração Miles-Jimi [19]. Nesse meio-tempo, ele estava fazendo tudo o que podia pela atual banda de Hendrix.

Antes de lidar com o intruso, Jeffery sabia que a primeira coisa que deveria fazer, do ponto de vista econômico, era matar a Band of Gypsys e ressuscitar sua mina de ouro, o Experience. O Gypsys estava na estrada havia apenas alguns meses quando Jeffery vislumbrou sua chance: o Festival de Inverno de 1970 pela Paz no Vietnã, no Madison Square Garden.

A nova banda de Jimi começara a se apresentar depois que ele foi absolvido das acusações por porte de drogas em Toronto, deixando-o “feliz como um passarinho”, como afirmou o próprio Hendrix. “Eu estou mesmo tentando me livrar disso [drogas], porque está controlando minha mente”, disse ele aos repórteres.

Mas antes do show do Gypsys no Garden, ele ingeriu um coquetel tóxico. Mais tarde, seu baterista, Buddy Miles, insistiria que vira Jeffery passar a Jimi dois pontos de ácido ruim, mas Hendrix posteriormente afirmaria que Devon lhe dera as drogas. De qualquer forma, de acordo com seu amigo e parceiro de improvisação, Johnny Winter, Jimi estava em condições deploráveis no momento em que chegara para o show. “Quando o vi, tive arrepios”, lembrou o

albino guitarrista de blues, que era viciado em heroína e estava longe de ser um modelo de saúde [20]. “Foi a coisa mais assustadora que já vi [...] Era como se ele já estivesse morto.”

Os Gypsys entraram no palco às três da manhã. Jimi caiu após duas músicas. “É isso que acontece quando a Terra fode com o espaço, nunca se esqueçam disso!”, gritou para os 20 mil fãs antes de cambalear para os bastidores e para o que seria o canto do cisne de sua nova banda. Enquanto Jimi tinha um colapso em seu camarim, Jeffery despediu Miles, dizendo: “Essa viagem acabou!”. O baterista posteriormente declarou que “Ele não queria que Jimi tocasse em uma banda só de negros. Eu disse a Jeffery que ele era um perfeito e completo idiota e um bunda-mole pedindo para ser chutado. E ele era. Esse cara é uma das maiores razões de Jimi estar morto”.

Dias depois, com um Jeffery radiante a sua espera, Jimi disse ao repórter da *Rolling Stone* que o Experience estava sendo montado novamente. Então Jeffery convocou apressadamente Redding e Mitchell da Inglaterra, mas quando Redding chegou para os ensaios, foi informado de que Jimi havia recontratado Billy Cox para tocar em seu lugar e que, na verdade, seus serviços no baixo não seriam necessários. Assim, Redding começou a trabalhar em um álbum solo, *Nervous Breakdown*.

“A maioria das pessoas gostaria de se retirar e desaparecer de cena, o que eu *adoraria* fazer”, admitiu Jimi na época, “mas ainda há coisas que quero dizer. Gostaria que isso não fosse tão importante para mim.” Assim ele renasceu das cinzas – dessa vez, com o Experience ressuscitado, sem Redding. Mas a turnê *Cry of Love*,

com 17 apresentações e planejada para render 1,3 milhão de dólares, também foi um desastre.

Naquele verão, o Electric Ladyland Studio recebeu os maiores nomes do rock em sua abertura de gala. Mas com suas atividades sociais reduzidas desde seu sequestro, Jimi recusava-se a ir. De acordo com pessoas próximas ao astro, ele agora estava completamente paranoico e consumindo drogas em caráter *non-stop*.

Para alimentar ainda mais sua paranoia, ele recentemente tivera outro desentendimento com os sócios comerciais norte-americanos de seu empresário. “Esse gângster em particular era o terror do Harlem”, lembrou-se Arthur Allen, um amigo que estava com Jimi. “Ele empresariava vários *disc jockeys* fodões, tinha alguns cadáveres nas costas e *ninguém* se metia com ele [...] E, vejam bem, havia esse cara com três de seus capangas. Era a hora do confronto.” O empresário estava anunciando que Jimi tocaria em um de seus clubes. “Você não tem o direito de fazer isso!”, gritou Jimi para ele. “Meu advogado vai ter uma conversa com vocês!”

“Foi sorte ele não ser morto”, disse Allen.

Ainda assim, Jimi finalmente concordou em comparecer à festa de inauguração do Electric Ladyland depois de prometerem que, após o evento, ele seria escoltado até o aeroporto pela polícia de Nova York para que seguisse para sua turnê na Europa, começando com o festival da Ilha de Wight.

Conforme o combinado, os policiais de Nova York acompanharam-no até o Aeroporto John Kennedy. Logo, a quase 5 mil quilômetros de distância de seu empresário e de toda aquela loucura, o Voodoo Child estava aliviado em aterrissar com

segurança em seu lar longe de casa, onde tudo havia começado quatro anos antes: Londres. “No momento, Nova York está me matando”, disse ele a um jornalista ao chegar.

Mas Hendrix descobriu que sua sensação de segurança no exterior era ilusória. Ele chegou ao *Festival de Paz e Amor* na Ilha de Fehmarn, na Alemanha, para o que seria a sua última apresentação. Chovia torrencialmente, os fãs estavam com um humor terrível e o pessoal da segurança, da gangue Hell’s Angels – dois grandalhões *à la* Altamont chapados de todo tipo de droga –, também não haviam entendido a parte do amor. A situação só piorou quando Jimi se recusou a começar o show no horário planejado por medo de ser eletrocutado no palco molhado. Quando ele finalmente surgiu – “Mais bêbado do que qualquer um se lembra de tê-lo visto antes”, segundo Noel –, foi recebido por um coro de vaias e “vá para casa!”.

“Eu não ligo uma merda para as suas vaias, desde que vocês vaiem no tom certo”, disparou o guitarrista, a essa altura já familiarizado com fãs insatisfeitos. Ele fez uma apresentação rápida, terminando com *Killin’ Floor* e, em seguida, conseguiu escapar em um táxi antes que os Angels incendiassem o palco, atirassem em um de seus *roadies* e furassem o empresário de sua turnê, Gerry Stickells, com uma tábua cheia de pregos.

O velho amigo de Jimi, Billy, ficou histérico, convencido de que voltariam para casa em sacos de necrotério. Os médicos atribuíram sua “paranoia aguda” ao ácido ruim que ele havia tomado dias antes. Mas o sequestro de Jimi, as ameaças contra sua vida e a carnificina em Fehmarn não foram ilusões provocadas pelo ácido.

“Nós vamos morrer!”, gemia Billy no avião que os levou de Hamburgo de volta a Londres.

Jimi tentou acalmá-lo, mas o astro ainda não havia esquecido a carta da Morte que tirara no verão anterior, quando o principal vidente a serviço do Rei do Marrocos lera sua sorte no tarô. “Vou morrer!”, gemeu ele para sua acompanhante de viagem e amante, Colette Mimram. Depois disso, “ele ficou repetindo que morreria antes de completar 30 anos”, disse Colette. O vidente do rei não viria a confirmar ou negar essa afirmação, dizendo a Colette apenas que, “no prazo de um ano, você não será mais amiga deste homem”.

De acordo com o biógrafo David Henderson, no Marrocos, Jimi e Colette foram “seguidos por vários homens estranhos por todo lugar em que estiveram [21]”.

O itinerário de um fantasma

> Eu estou morto há um bom tempo.
> – Jimi Hendrix, em um concerto na Dinamarca, setembro de 1970

Hendrix uma vez disse: “Se sou um homem livre, é porque estou sempre fugindo”.

Do que ele estava fugindo? Fosse o que fosse, após seu sequestro Jimi passou a correr ainda mais rápido. Ele adorava Dylan e seguia seu lema de sobrevivência: não olhe para trás. Mas, ao chegar em Londres pela última vez, ele espiou sobre seu ombro como um fugitivo o faria, sentindo que seu tempo estava acabando.

“Ultimamente ando pensando que estou cercado por lobos”, disse Jimi a Sharon Lawrence. Olhando para trás, ele descobrira que todas as pessoas das quais quisera escapar em Nova York o haviam rastreado até Londres, mas não havia como fugir mais rápido ou para algum outro lugar.

Mike Jeffery foi o primeiro a chegar. Seu contrato com o empresário expiraria em alguns meses e ele temia que Jimi migrasse para Alan Douglas, cunhado de Colette. Jeffery recentemente confrontara seu rival em Nova York e acusara o produtor de jazz de “tentar roubar meu artista!”. Hendrix, que não via seu empresário desde a festa do Electric Ladyland, não retornava os seus telefonemas e continuava fugindo de um lugar para outro em Londres, para que Mike não conseguisse encontrá-lo.

Mas Jeffery não era a única pessoa da qual Jimi estava se escondendo. Antes de assinar um contrato de três anos com ele, o astro fechara com um produtor menos conhecido, Ed Chalpin, que entrara com um processo contra Hendrix e também foi em seu encalço em Londres. “Jimi realmente não queria encarar Ed Chalpin”, lembrou-se Daniel Secunda, o representante do selo de sua gravadora na Inglaterra. “Ele estava tomando todo tipo de droga para escapar da realidade das coisas, como esses processos, por exemplo.” Chalpin, no entanto, via as coisas de outra forma. “Jimi estava tendo problemas com sua carreira. Ele queria abandonar o negócio da música e me ligou em Nova York, pedindo que eu me encontrasse com ele em Londres.”

Fechando com chave de ouro a lista de perseguidores comerciais estava o advogado do guitarrista, Henry Steingarten. Ele também acabara de chegar para citar Jimi no processo de paternidade movido por sua ex-amante, Diane Carpenter. Assim, o astro também estava empenhado em evitar Steingarten [22].

Na tentativa de obter ajuda, Jimi ligou para seu velho amigo, Chas Chandler. Ele desabafou toda a merda que estava acontecendo com Jeffery, confidenciou que estava para fechar com Douglas e implorou que Chas voltasse a ser seu produtor musical. Seu benfeitor concordou e prometeu começar a trabalhar assim que voltasse de umas férias com a família no campo [23].

Em seguida, Hendrix visitou Douglas, que também acabara de chegar em Londres, em segredo. Durante uma conversa franca que durou a noite toda, os dois montaram um esquema, segundo o qual Jeffery seria demitido, Douglas assumiria seu lugar e Jimi só faria quatro concertos por ano, a ser comercializados como filmes.

Jimi acreditava que sua música estava se tornando mais solta e com maior influência do jazz, o forte de Douglas. Jimi também desejava assumir uma abordagem clássica. “Eu curto Strauss e Wagner – esses caras são bons – e acho que vou usá-los como base para a minha música”, disse. “Flutuando no céu acima haverá o blues... e haverá música celeste ocidental, e música para viajar, e todas se fundirão para formar uma.” Mas ele antevia que essa transição não seria fácil para seus fãs. “O problema é que estou esquizofrênico de pelo menos 12 maneiras diferentes”, admitiu, “e as pessoas não conseguem se acostumar.”

O problema não era tanto a esquizofrenia de sua música, mas seus humores conflitantes: uma parte dele estava entusiasmada com a perspectiva de um novo rumo com Douglas; outra estava pessimista. Ele confessou a Billy Cox que estava “criativamente seco”. Jimi também acabara de dizer a uma repórter, Anne Bjorndal, que não chegaria aos 28 anos, acrescentando: “Quando eu sentir que não tenho mais nada a oferecer no aspecto musical, vai ser o momento em que não me encontrarão mais neste planeta, a menos que eu tenha uma esposa e filhos”.

* * *

Enquanto se escondia dos lobos em Londres, Hendrix procurou consolo junto a sua nova noiva dinamarquesa.

Kirsten Nefer acompanhou-o da Alemanha para Londres. A atriz conhecia-o havia apenas alguns dias, mas havia passado a maior parte do tempo tentando animá-lo. Ele acabara de saber que um membro da banda Vanilla Fudge, controlada pela Máfia e com a

qual ele excursionara alguns anos antes, fora morto a tiros no interior da Inglaterra. Jimi também estava abalado com a morte repentina de Alan Wilson, do Canned Heat. O cantor deveria se reunir ao Experience em sua turnê europeia, mas seu corpo acabara de ser descoberto na Califórnia, morto por overdose de gim e Seconal.

Alarmada pelo comportamento maníaco-paranoico de Jimi, a srta. Nefer, sem um anel de noivado ou um adeus do astro, deixou Londres e retornou para o filme que estava fazendo com o então James Bond, George Lazenby. Kirsten acabara de sair de cena quando a misteriosa srta. Dannemann apareceu sem avisar no hotel em que Hendrix estava hospedado.

Naquela noite, a penúltima da vida dele, Monika acompanhou um Jimi totalmente chapado ao clube Soho, no qual Burdon tocava com seu novo grupo, o War. Devon Wilson já estava lá com amigos, esperando para ter uma conversa séria com seu ex-amante. Ele se esquivou dela, desaparecendo nos bastidores, esperando conseguir tocar com Eric. O cantor se recusou. “Eu estava devastado”, escreveu ele mais tarde. “Jimi estava um trapo – sujo, descontrolado como nunca o havia visto [...] Ele estava chapado de alguma coisa – heroína, Quaalude ou aquelas pílulas alemãs para dormir.”

Enquanto Jimi estava nos bastidores com Eric, a srta. Dannemann exibiu seu anel dourado de cobra para Devon, dizendo que o ganhara de Jimi na ocasião de seu “noivado”. Devon conhecera mais de um dos casos passageiros de Jimi ao longo dos anos, mas este era ainda mais sem pé nem cabeça do que os outros. Ela empurrou Monika de sua cadeira e a moça caiu no chão.

Jimi voltou dos bastidores. “Eu já estou indo”, balbuciou ele ao cambalear para fora do clube com sua nova e ultrajada acompanhante se apressando para alcançá-lo.

No dia seguinte, Hendrix, de acordo com seus amigos, estava “completamente fora de si”, procurando por drogas. Em um prédio que servia de ponto de tráfico, depois de ver um cliente pular da escadaria e quebrar as duas pernas, Jimi teria saído correndo e gritando.

Mas em seu livro, Monika Dannemann insiste que seu futuro marido passou sua última noite bastante satisfeito. “Ele estava bastante feliz, fazendo planos para o nosso casamento, para nossos filhos”, ela se lembrou. Embora ele já tivesse dois filhos ilegítimos, os quais nunca demonstrou interesse em conhecer, Monika escreveu que ele queria que ela tivesse um filho dele e que inclusive já havia escolhido um nome para o fruto desse amor: “Wasformi”, a palavra cherokee para “trovão”.

Nesse dia, o casal saiu da cama por volta do meio-dia. Monika, uma aspirante a fotógrafa e artista plástica, tirou fotos de seu namorado-troféu nos jardins do hotel Samarkand. Depois, ambos foram fazer compras em Chelsea. Lá, encontraram novamente com Devon e suas amigas. Ignorando Monika nesse dia, Devon convidou Jimi para uma festa naquela noite. Para surpresa de Monika, Jimi aceitou o convite.

No início daquela noite, a srta. Dannemann levou Jimi de carro a um jantar no apartamento de um novo amigo do astro, Phillip Harvey, o filho hippie do lorde Harvey de Prestbury, parlamentar conservador. Os convidados tietes de Phillip – Penny, uma estudante inglesa de 16 anos, e “Sunshine”, uma cantora

canadense de folk de 19 anos de idade – serviram vinho, baseados e um jantar vegetariano a Jimi. Phillip, de acordo com seu depoimento para a polícia em 1993, considerou Jimi absolutamente agradável, mas disse que Monika foi ficando cada vez mais "aborrecida" conforme a noite se desenrolava. Finalmente, a patinadora gritou: "Vou embora agora! Já aguentei o suficiente!". Ela saiu feito um furacão, com Hendrix atrás dela. Sir Phillip e as garotas ouviram Monika "agredi-lo verbalmente das formas mais ofensivas possíveis" do lado de fora. Temendo que uma comoção àquela hora pudesse atrair a polícia, o anfitrião de Jimi tentou intervir e relembrou: "Conforme me aproximei deles, lembro de ouvi-la gritar para ele '*Seu porco filho da puta!'",* Talvez Monika tenha ficado com ciúmes das atenções de Penny e Sunshine em relação ao seu homem. O mais provável é que estivesse furiosa por ele querer ir à festa de Devon, que a humilhara e agredira publicamente no clube de Tony Scott na noite anterior.

Com uma profusão de desculpas a Sir Phillip, Jimi partiu com a srta. Dannemann. De acordo com o depoimento da própria Monika em 1993, ela o levou de volta para o hotel Samarkand. "Nesse momento", garantiu ela às autoridades, "não havia nenhum estresse ou briga. A atmosfera estava alegre." Ela testemunhou que serviu uma ceia a Jimi e, depois, tomou um banho enquanto ele escrevia um poema, *The Story of Life*. O texto começa com "The story of Jesus so easy to explain [...]", e termina com "[...] The story of life is quicker than a wink of an eye. The story of love is hello and good-bye until we meet again". De acordo com Monika, Jimi lhe deu o poema dizendo "quero que você o guarde para sempre [...] É uma história de nós dois. Não dê a ninguém".

Em seguida, Monika levou-o à festa de Devon, deixando-o lá à 1h45 da madrugada e buscando-o cerca de meia hora depois. Segundo ela, Jimi foi à festa apenas por uma razão: “Para avisá-la [Devon] para me deixar em paz”.

As pessoas que estavam na festa, no entanto, apresentaram uma versão diferente dos fatos. Elas dizem que Jimi chegou às onze da noite, o que significa que ele foi para lá direto do apartamento de Harvey e não retornou ao hotel com Monika em nenhum momento – cenário que parece mais provável do que Jimi se divertindo em um jantar à luz de velas e escrevendo um poema de amor para uma mulher que acabara de xingá-lo publicamente de “porco filho da puta”.

De acordo com as pessoas presentes na festa, Devon serviu comida chinesa a Jimi. Em seguida, ambos tomaram anfetaminas e fumaram um baseado. Outros dizem que Jimi, Devon e Stella Douglas (esposa do produtor Alan Douglas) tomaram um ácido de Owsley [24]. Angie Burdon lembra-se de Jimi estar “sobressaltado”.

Por volta das duas e meia, o telefone começou a tocar. Monika estava ligando de um telefone público do lado de fora, ensandecida para que Jimi saísse da festa. Ele se recusou a atender o telefonema, mas ela continuou ligando sem parar. Finalmente, os convidados abriram a janela e gritaram “vá pra puta que te pariu e deixa ele em paz!”.

Jimi deixou a festa por volta das três.

Essa foi a última vez que alguém, exceto Monika Dannemann, o viu com vida.

Mais cedo, nesse mesmo dia, Hendrix havia combinado de dar uma canja com Sly Slone e Noel Redding no Speakeasy. Noel e Sly

esperaram por ele até as quatro da manhã, mas Jimi nunca apareceu. Noel achou isso bastante “estranho”, escrevendo depois que Jimi aguardava ansiosamente pela apresentação e não a teria perdido.

* * *

De acordo com a srta. Dannemann, ela levou Jimi de carro de volta para seu hotel e eles conversaram até as sete da manhã, quando ela tomou um sedativo e adormeceu “nos braços de Jimi”. O romance de folhetim continuou: “Ele estava muito feliz antes que eu pegasse no sono. Ele não tinha problemas pessoais. Os problemas de negócios nunca o preocupavam”. O restante das pessoas, no entanto, concorda que ele estava à beira de um colapso por conta desses assuntos. Monika acrescentou mais dois detalhes notáveis à sua fantasia. Jimi pendurou um crucifixo em seu pescoço antes de adormecer. Então, ele lhe pediu um favor: se ela poderia, caso ele “morresse”, vigiá-lo por três dias “para se certificar de que ele estava realmente morto” e não “numa viagem astral”.

Monika se lembrava de ter acordado cerca de onze horas da manhã. Encontrando Jimi inconsciente, ela foi até a loja da esquina comprar cigarros. Ao retornar, ela notou que ele ainda dormia e encontrou uma embalagem vazia das pílulas receitadas por seu médico no chão – Vesperax, uma marca poderosa de Seconal [25]. A droga havia sido receitada a ela depois de uma dolorosa lesão de patinação. As pílulas vinham em embalagens com dez. Como ela havia tomado uma, presumiu que, após ter adormecido, Jimi havia

tomado as outras nove. Posteriormente, a polícia descobriu mais uma sob a cama.

Depois de encontrar a embalagem de comprimidos vazia, Monika olhou com mais atenção para o inconsciente Jimi. Foi quando notou vômito ao redor de sua boca. Ela o chacoalhou, mas ele não moveu um músculo. Estaria em viagem astral? Finalmente, ela ligou para sua amiga, Judy Wong, que, por sua vez, lhe deu o número de Eric Burdon. Ela acordou o cantor com seu telefonema, e ele lhe disse que “não havia por que me preocupar e que era melhor esperar para ver se Jimi acordava sozinho”. Ela falou que mesmo assim achava melhor chamar logo uma ambulância, ao que Eric respondeu: “Então chama a merda da ambulância!”.

De acordo com registros oficiais recuperados anos depois, uma ambulância foi solicitada às 11h18, mas o autor da chamada se esqueceu de se identificar. O veículo chegou ao hotel Samarkand às 11h27. Monika disse que os paramédicos lhe garantiram que Jimi ficaria bem e que ela o acompanhou até o hospital St. Mary Abbots. Lá, ela entregou ao médico de plantão as pílulas para dormir, mas, de acordo com seu depoimento, “aquele homem não deu a mínima [...] Eu lhe disse: ‘Ouça, é Jimi Hendrix... ele é um músico muito famoso’ [...] Eles poderiam tê-lo salvado no hospital. Eles poderiam ter aberto a traqueia, o que é uma coisa bem fácil”.

Logo, o médico surgiu da Emergência e informou à srta. Monika Dannemann que o paciente estava morto.

* * *

Novamente, outras pessoas fornecem uma versão diferente dos fatos.

Eric Burdon insiste que recebeu um telefonema de Monika Dannemann não às onze, mas “logo ao amanhecer”, por volta das sete. Grogue e presumindo que Jimi tivesse se excedido na festa, ele disse a Monika para deixá-lo “dormir até melhorar”. Burdon voltou para a cama, mas logo se levantou e retornou sua ligação, exigindo que ela chamasse uma ambulância imediatamente. Em seguida, tomou um táxi para o Samarkand. Sua namorada, Alvinia Bridges, que foi em um carro separado, chegou primeiro.

“Eu não queria olhar para aquela bagunça”, disse Eric depois à Kathy Etchingham, a primeira noiva de Jimi, que investigou sua morte. “Retiramos as guitarras e [...] deixei Alvinia para cuidar da atormentada garota.”

Quando os homens da ambulância, Reginald Jones e John Saua, chegaram às 11h27, “a porta estava entreaberta e não havia ninguém no local, apenas o corpo na cama”, jurou Jones depois, em um depoimento oficial. “Chamamos para ver se alguém atendia diversas vezes, então entramos [...] O quarto estava escuro porque as cortinas ainda estavam fechadas. Ele estava coberto de vômito: havia uma quantidade absurda de vômito preto e marrom sobre todo o travesseiro. Suas vias aéreas estavam completamente obstruídas, sua língua tinha se enrolado para trás. Eu sabia que ele estava morto assim que entrei no quarto.”

O parceiro de Jones, Saua, acrescentou: “Sua mãe não o teria reconhecido... Os intestinos e a bexiga... tudo solta quando você morre”.

O dr. John Bannister, o médico que atendeu Hendrix no hospital St. Mary Abbots, concordou com os paramédicos, dizendo que não viu nem falou com nenhuma mulher ao atender o paciente.

“Jimi Hendrix estava morto há algum tempo, sem sombra de dúvida”, disse em seu depoimento oficial anos depois. Ele não tinha pulso, estava azulado e havia vinho fluindo de seu nariz e boca. Bannister tentou desobstruir suas vias aéreas com um aparelho metálico de sucção de 45 centímetros, mas não obteve sucesso devido à quantidade de vinho em seu estômago. Tendo encontrado apenas traços residuais de álcool no sangue, o médico teorizou que “alguém aparentemente derramou vinho tinto na garganta de Jimi para causar a asfixia”. Seu relatório concluiu que Jimi havia literalmente se “afogado” em vinho porque, antes, havia “ingerido uma grande quantidade de barbitúricos”, que o induziram ao coma.

Mas, na época, o legista, dr. Gavin Thurslon, listou a causa imediata da morte como “intoxicação por barbitúricos seguida por inalação de vômito”.

Em relação ao veredicto dessa condição fatal em si, o patologista deixou uma “causa em aberto”.

Ele não sabia e não queria especular.

O funeral

> Will the wind ever remember the names it has blown in the past, and with this crutch, its old age and its wisdom it whispers, “no, this will be the last”.
> – Jimi Hendrix, *The Wind Cries Mary*

No final de 1993, os biógrafos de Hendrix, Kathy Etchingham e Tony Brown, pediram ao escritório do procurador-geral para que o caso fosse reaberto. Como resultado, os depoimentos de Jones, Saua, dr. Bannister e outros foram retomados. Mas, em fevereiro de 1994, a Scotlland Yard informou ao procurador-geral que “não era mais do interesse público reabrir o inquérito original”. Os investigadores chegaram a essa conclusão apesar de uma importante evidência adicional ter vindo à tona na mesma época.

A autópsia original revelou que o estômago de Hendrix continha grãos de arroz não digeridos, provavelmente da comida chinesa que lhe foi servida na festa por volta das onze da noite. O arroz leva de três a quatro horas para ser digerido; portanto, Hendrix deve ter morrido logo depois de sair da festa com Monika, às três da manhã. A principal pergunta passou a ser: o que aconteceu imediatamente depois que Jimi saiu?

Monika fez ele tomar uma overdose de Vesparax e “afogou-o” em vinho tinto assim que retornaram ao Samarkand? Se foi assim, por qual motivo? Tony Brown sugere ciúme em relação a Devon e às outras namoradas de Jimi.

Quando Sharon Lawrence questionou Monika naquele dia, encontrou a “noiva” do astro incrivelmente calma – “nada de lágrimas, nenhum sentimento de tristeza”. Na realidade, Monika parecia otimista sobre a possibilidade de lançar uma carreira como artista plástica e “em exibir meu trabalho em seu nome para todo mundo”. “Adeus, Jimi, olá, Monika, a grande artista!”, escreveu Sharon. Insistindo que Jimi nem bebia mais vinho tinto na época, ela exigiu saber de Monika se “quando ele estava sufocando, desesperado e tentando respirar, você derramou vinho tinto na garganta dele? eu sei que sim!”.

“Estava tudo muito confuso”, Monika tentou explicar. “Ele estava um trapo. Eu pensei que fosse ajudar.”

“Você é uma pessoa cruel e terrível”, gritou Sharon. “E uma mentirosa filha da puta!”

Ainda assim, Lawrence concluiu que Hendrix havia cometido suicídio. Sua conclusão foi baseada em duas evidências: as pílulas e o poema. Porém, ela achou que Jimi tomara nove pílulas, quando na realidade ele tomou oito. Jimi, um estudante de numerologia, dissera a Lawrence que nove era “ou muito bom, ou muito ruim”, e mencionou seus “nove dias” de depressão no último ano. Ela concluiu: “Eu estava certa de que ele *deliberadamente* havia confrontado o destino e tomado uma decisão consciente. Se as pílulas de Vesperax – *nove* delas – não o matassem, então ele não estava destinado a morrer. Finalmente, Jimi Hendrix havia encontrado paz de espírito”. A segunda evidência de suicídio para Lawrence era igualmente hipotética. Ele compôs seu poema *The Story of Life* “nas primeiras e sombrias horas do dia 18 de setembro”, escreveu. Mas esse entendimento se baseou na

cronologia de Dannemann, a quem ela mesma chamou de mentirosa. De acordo com a cronologia do restante das pessoas, Jimi não estava compondo nenhuma poesia naquela noite, e sim estava em uma festa com Devon. Ele mantinha toda a sua produção em um caderno de anotações que levava consigo. Não há como saber com certeza quando ele compôs o poema – isso pode ter ocorrido dias ou mesmo meses antes.

Mas Eric Burdon também interpretou *The Story of Life* como um bilhete de suicídio. Ele disse a um repórter da BBC em uma entrevista dias após a tragédia que "sua morte foi deliberada. Ele estava feliz em morrer". O cantor, no entanto, logo desmentiu a declaração, confessando em sua autobiografia que "como um ato de resistência [...] por tudo que Jimi representava, eu me droguei antes da entrevista". Posteriormente, ele mudou completamente de ponto de vista [26]. Em uma segunda autobiografia, Burdon descreveu Monika Dannemann como uma "perseguidora [27]" que tinha "seguido Jimi por toda a Europa". Ele conclui que, "uma vez que ela o tinha em seu quarto, nunca o deixaria sair".

Chas Chandler falou pela maioria dos amigos mais próximos quando declarou categoricamente: "Não acredito nem por um minuto que ele tenha se matado. Isso está fora de questão". Falando de maneira prática, oito barbitúricos representavam uma dose modesta para Jimi, especialmente se considerarmos sua tolerância a drogas e o consumo desenfreado de anfetaminas no final de sua vida. Caso estivesse tentando se suicidar, certamente teria tomado os outros 30 comprimidos que Monika disse ter no armário ou teria cortado seus pulsos, como já fizera no passado.

Desse modo, teria Dannemann realmente matado Jimi, como Tony Brown acredita? Derramar litros de vinho na garganta de uma vítima de overdose que está sufocando, acreditando que isso possa "ajudar", certamente não corresponde à atitude de uma pessoa equilibrada. Mas que motivos Dannemann teria para matar seu amante? Com certeza, ela estava ciente de sua prolífica vida romântica. Nessas circunstâncias, ela pode ter sentido ciúmes, mas chegar a ponto de tornar-se uma assassina? [28] Em caso afirmativo, então por que *ela* não lhe deu os 30 comprimidos restantes?

Mas, se na realidade Monika *não* o matou, por que tantas mentiras elaboradas e tentativas de acobertamento? Poderia ela ter sido algum tipo de cúmplice? Se esse é o caso, de quem? Provavelmente, da pessoa que mais tinha a ganhar com a morte de Jimi.

Na manhã de 17 de setembro, Alan Douglas disse aos advogados de Hendrix que ele estava para demitir Jeffery da posição de empresário, o que significava que Jeffery não só perderia sua mina de ouro como também que seu arqui-inimigo, Douglas, ao assumir os registros, iria descobrir as fraudes e os desmandos

empresariais cometidos ao longo dos anos, o que significaria o fim de sua carreira e, quem sabe, até cadeia. Com Jimi fora de cena, no entanto, o contrato de Jeffery seria imediatamente renovado (o que realmente aconteceu), e ele colheria os monumentais lucros das vendas póstumas de discos (o que também aconteceu). Além disso, ele recentemente fizera uma apólice de seguro no valor de um milhão de dólares no nome de seu astro, da qual era o beneficiário.

Um dia antes da morte de Jimi, Jeffery voou para sua *villa* na Espanha sem deixar qualquer número de contato. Antes que as notícias fatais fossem parar no noticiário, Jeffery ligou para Jim Marron, um colega, e cancelou o jantar que haviam marcado em Majorca dizendo: “Acabaram de me ligar de Londres. Jimi morreu”. Em seguida, acrescentou: “Eu sempre soube que aquele filho da puta se mataria. Pronto, conseguiu!”.

Jeffery já estava tentando vender a morte como suicídio, pelo menos em seu círculo particular.

O escritório de Hendrix em Nova York não conseguiu contatar o empresário durante uma semana, uma vez que ele tinha o hábito de nunca revelar seu itinerário. Quando finalmente ligou da Espanha e foi informado de que os preparativos para o funeral estavam atrasados, ele gaguejou surpreso, fingindo não ter ouvido a notícia: “Que funeral?”.

O lema de Jeffery sempre fora “confusão absoluta é melhor”. Para despistar ainda mais, ele voou de volta para Londres para “investigar pessoalmente” a morte de seu cliente. É mais provável que tenha ido para certificar-se de não ter deixado nenhuma evidência para trás. Poucas horas depois da morte de Jimi, todos os seus quartos de hotel e propriedades em Londres e em Nova York foram vasculhados: roupas, instrumentos, material escrito, drogas – tudo desapareceu.

Logo Alan Douglas anunciou que Hendrix fora assassinado e que, de forma surpreendente, Jeffery confessara estar envolvido. Acrescentando uma outra dimensão ao motivo, Douglas declarou: “Em minha opinião, Jeffery odiava Hendrix porque Hendrix dormiu com Lynn Bailey [namorada de Jeffery]”.

Outros concordam com a teoria de assassinato. “Acredito que as circunstâncias que cercam sua morte sejam suspeitas”, declarou Ed Chalpin. “Acredito que ele tenha sido assassinado.” Em suas memórias, Noel Redding escreveu que assassinato era “uma nítida possibilidade”. Posteriormente, um informante disse ao baixista que um matador de aluguel francês fora o responsável. Em 1981, o jornal *Le Monde* entrevistou um assassino profissinal que, embora negasse estar pessoalmente envolvido, declarou saber quem tramara a morte de Hendrix. Buzzy Linhart, músico e amigo de Jimi, disse à revista *Metronome* que Jeffery havia conspirado com Monika Dannemann.

Dannemann, no entanto, continuou a professar sua inocência. Implicando Jeffery, ela declarou em suas memórias de 1995 que, na verdade, ele havia tentado silenciá-la “oferecendo-me o pagamento mensal de uma grande soma em dinheiro e prometendo me transformar em uma artista plástica famosa – com ele sendo meu empresário!”. Ela também assinalou que Jimi sentia que “as pessoas ao seu redor não eram mais de confiança [...] tendo sido compradas ou iludidas com promessas de vantagens por Jeffery”. De fato, era de conhecimento público que o ex-espião empregava diversos informantes para manter-se atualizado sobre o paradeiro e as atividades de Jimi. A pergunta é: seria Dannemann um desses informantes? Se a resposta a essa pergunta for sim, foi um golpe brilhante da parte de Jeffery. Quem poderia ser um informante mais dedicado do que uma perseguidora obcecada e apaixonada?

Mas insistindo que estava empenhada em revelar a verdade e não em se tornar uma celebridade, Monika imediatamente passou a escrever um livro. Mal começara a fazê-lo, porém, quando Jeffery

disse para “esquecer a ideia ou algo terrível poderia me acontecer”. Em seguida, ela recebeu um telefonema do empresário de uma famosa banda de rock inglesa “que me alertou de que ‘minha vida estava em perigo’ e que ‘eu deveria arrumar uns guarda-costas’”. Ela tomou a precaução de entregar seu manuscrito a um advogado, o qual foi roubado por um executivo inglês ligado a Jeffery. O advogado não tinha uma cópia? Ela não fez outras cópias? Aparentemente, não. Uma pessoa razoável pode concluir que tal manuscrito tenha sido mais uma mentira nascida da fértil imaginação da srta. Dannemann.

Em todo caso, ela finalmente pegou na caneta, após mais de 25 anos – quando Jeffery e todo mundo mais parecia estar morto – para desfazer qualquer mal-entendido de uma vez por todas. “Pessoalmente, acredito que haja uma pequena chance de que Jimi tenha sido assassinado”, escreveu timidamente, “especialmente quando me lembro do composto não identificado encontrado em seu corpo.” Na realidade, nenhum composto foi relatado na autópsia.

Fica óbvio que a patinadora aposentada tinha uma relação bastante casual com a verdade ou vivia em uma realidade paralela. Suas memórias – com a inscrição *por sua noiva, Monika Dannemann*, em itálico na capa – foram ilustradas com pinturas interplanetárias de sua alma gêmea feitas por ela mesma: Jimi sendo engolido por fogo e pombos cósmicos; Jimi coroado de luz pelas mãos de Deus; Jimi sob um disco voador tocando no telhado da Casa Branca; e a mais reveladora de todas, Monika olhando para águas místicas, enxergando não seu rosto, mas o de Jimi.

Considerando as diversas histórias conflitantes – dela e das outras pessoas –, o verdadeiro envolvimento de Dannemann em um

possível assassinato permanece mera especulação. Se Jeffery realmente a usou como informante, quais foram os detalhes? Sabendo da fraqueza de Jimi por loiras nórdicas, teria ele planejado o primeiro encontro de Monika com Jimi em Düsseldorf? Ele a teria contratado para seduzir seu cliente e, no final, armar-lhe uma cilada? Ou Jeffery a teria arrastado para a conspiração mais tarde? Se assim foi, como ele fez isso? Tendo lhe fornecido o cronograma da turnê de Jimi, ele teria pedido a ela que o mantivesse a par das atividades de Jimi sob o pretexto de que ele, Jeffery, estaria preocupado com a situação de seu cliente, em franca deterioração em virtude das drogas? Nesse caso, a coisa teria desandado muito além do que ela jamais imaginou ser possível?

Com relação ao que realmente aconteceu naquela fatídica noite, há ainda mais conjecturas. Possivelmente, como Redding disse, um assassino infiltrou-se na festa de Devon e dopou Jimi lá mesmo. Ou talvez tenha esperado do lado de fora, capturado o astro quando ele deixou a festa a caminho do Speakeasy ou de seu próprio hotel, tenha o matado e, em seguida, desovado o corpo no Samarkand. Ou talvez Monika tenha prometido apanhá-lo de carro e levá-lo ao Speakeasy, desviando para o Samarkand e, conforme o pré-combinado, foi seguida pelo assassino.

Em 1975, a revista *Crawdaddy* concluiu que o astro havia sido vítima de um esquadrão da morte. O drama-documentário *Hendrix: Last 24 Hours*, de 2004, sugere esse cenário, com três assassinos: um para segurar Hendrix, outro para ministrar o vinho e o terceiro para lidar com Monika.

Em todo caso, uma coisa é certa: horas se passaram entre o momento do assassinato – logo depois das três da madrugada – e a

ligação de Monika para Eric Burdon entre sete e oito da manhã. O que aconteceu durante esse meio-tempo? Se realmente houve uma conspiração, é provável que o assassino – ou assassinos – tenha ensaiado um álibi de morte por overdose com Monika, talvez ameaçando sua vida caso ela não o confirmasse.

Após uma longa entrevista com Dannemann, em 1995, o roteirista de Hendrix, Alan Greenberg, concluiu que ela, de fato, se ateve a um álibi – ainda que inconstante – até o amargo final. Ele disse ao *New York Press*, em 2000, que, ao questioná-la, criou diversas "armadilhas nas quais ela caiu". Convencido de que Monika "era uma mentirosa", ele enviou as transcrições da entrevista para Tony Brown, curador do acervo de Jimi Hendrix no Reino Unido. Depois de ouvi-las, o biógrafo-detetive de Hendrix disse a Greenberg: "Você resolveu o caso". Na primavera seguinte, Greenberg enviou o filme sobre Hendrix que acabara de concluir [29] para Monika, no qual a retratava, em suas palavras, como "culpada de assassinato ou homicídio culposo". Ao mesmo tempo, a Scotland Yard e a Corte inglesa indeferiram o processo de calúnia que Dannemann moveu contra Kathy Etchingham, Tony Brown e Noel Redding, confirmando as alegações do trio de que ela era uma conspiradora. Em 15 de abril de 1996 – dias após a decisão da Corte contra ela e depois de receber o desfavorável roteiro de Greenberg –, Monika Dannemann suicidou-se ou foi assassinada por asfixia.

Embora pareça ter sido suicídio, o último amante de Dannemann, o guitarrista Uli Jon Roth, do Scorpions, negou a possibilidade. Embora admita que ela estivesse "bastante chateada" em virtude da decisão da Corte, ele insistiu que "ela não acreditava

no conceito de suicídio". Ele acrescentou que Monika recebia numerosas ameaças desde a morte de Jimi, deixando aberta a possibilidade de que os assassinos originais ou seus associados também estivessem envolvidos em sua súbita morte. De fato, na manhã em que Monika morreu, uma estação de rádio de Londres anunciou que ela havia marcado uma longa entrevista na qual finalmente revelaria exatamente o que ocorreu na madrugada de 18 de setembro de 1970, 26 anos antes, apontando afinal os conspiradores. Ela não apareceu para a entrevista e foi encontrada morta dentro de sua Mercedes, trancada e cheia de monóxido de carbono.

* * *

Aumentando a lista de fatalidades, Devon Wilson, rival de Monika, saltou ou foi empurrada da janela do Hotel Chelsea em 1971. Ela acabara de concluir uma entrevista para o *Um Filme Sobre Jimi Hendrix*, da Warner, na qual declarava que seu amante havia sido assassinado. A gravação da entrevista foi destruída.

Para completar o mistério que envolve a morte de Hendrix, Mike Jeffery morreu em uma colisão de aviões nos céus da França em 1973. Ou não? Ele estava na lista de passageiros de um DC-9 da Iberia que ia de Majorca, Espanha, para Londres, durante uma greve dos controladores de tráfego aéreo franceses. O DC-9 colidiu com um Spantax Coronado menor, matando todos os 68 passageiros. O biógrafo de Hendrix, David Henderson, considerou o desastre "combustível para a paranoia", uma vez que os padrões de voo estavam sendo monitorados e direcionados em todos os

detalhes pelo Exército francês. Ele acredita que Jeffery foi “alvo de um assassinato” e “uma mera ferramenta, um porta-voz dos verdadeiros vilões”. Eric Burdon, no entanto, afirmou que o empresário e ex-espião pode ter forjado a própria morte. “[...] No último minuto”, ele teorizou, “ele decidiu não embarcar na aeronave, como havia feito dúzias de vezes antes.” Mas, constando na lista de mortes do acidente, “ele se tornava um homem livre com uma mala cheia de dinheiro”. Admitindo que poderia ser uma “paranoia adquirida”, Burdon se perguntava se seu ex-empresário não estaria “em uma praia tomando um drinque tropical [...] Jeffery era exatamente o tipo de pessoa que conseguiria armar um esquema desse tipo”.

Noel Redding, do Experience, concorda. “Somando tudo”, escreveu, “não acredito piamente que ele esteja morto.” Os restos mortais do antigo especialista em demolições nunca foram recuperados dos destroços do acidente, que se espalharam por um raio de 16 quilômetros, um perímetro normalmente resultante de uma explosão no ar, não de uma colisão. Apenas as joias da mala que ele havia despachado foram identificadas. Redding explicou que Jeffery deveria se apresentar na Corte de Londres em alguns dias para se defender em diversos e imensos processos – um deles do próprio baixista – relacionados à prática de apropriação indevida, lavagem de dinheiro e fraude. De acordo com Eric Burdon, na época seu ex-empresário estava tentando extorquir “dinheiro pra caralho” de investidores com fitas inéditas de Hendrix, as quais ele estava vendendo como trabalho de um “gênio desconhecido”, sucessor de Jimi. “A última vez que ele [Jeffery] deixou Nova York”, continuou

Burdon, “carregava uma mala cheia de fitas – e vários milhões de dólares em dinheiro [30].”

Post mortem

“A próxima vez que eu for para Seattle, será em um caixão”, profetizou Hendrix.

De fato, meses depois, foi assim que ele voltou, vestido pelo agente funerário com uma camisa de flanela de lenhador. Sharon Lawrence ligou para o pai dele, implorando para que Jimi, de acordo com seu desejo, fosse enterrado em Londres. Ignorando o apelo, Al tinha uma preocupação mais imediata. “Você saberia quanto dinheiro ele deixou?”

Dois anos antes, ao retornar triunfante para Seattle pela primeira vez desde o colégio, Jimi contou a Sharon sobre seu encontro com o pai: “Ele veio direto me perguntar o que eu estava fazendo sobre o testamento e sobre ele ser o beneficiário [...] Ele tem o dobro da minha idade e quer ser o beneficiário [...] Acho que todos querem que eu morra”.

“A riqueza demorou a dar as caras para Al”, concluiu Sharon.

O funeral de Jimi Hendrix, com caixão aberto, foi realizado no dia 1º de outubro de 1970, na Igreja Batista Dunlap, em Seattle. Entre os presentes estavam seu pai, diversos outros membros da família e amigos, incluindo Devon Wilson. Também estavam presentes Mitch Mitchell, Noel Redding, Buddy Miles, Johnny Winter, John Hammond Jr. e Miles Davis. Devon, histérica, tentou se jogar na cova aberta. Sentado em uma limusine, do lado de fora, Mike Jeffery “prestou seus sentimentos”, mas se recusou a participar do serviço. Ele enviou uma coroa de flores em forma de guitarra. A Stratocaster

branca de Hendrix, sua favorita e que deveria ser enterrada com ele, fora roubada.

O testamento do astro deixava tudo para seu pai, Al, mas Jimi não havia assinado o documento. Pouco antes de sua morte, sua tia, Freddie Mae, que cuidara dele quando criança, perguntou por quê. “Ah”, protestou Jimi, “isso é como assinar uma certidão de morte. É pedir pra acontecer [31] .”

Jimi ainda fez uma profecia final: “Se algo acontecer comigo, os advogados vão brigar por tudo pelos próximos 20 anos [32]”.

E assim foi. Al Hendrix, com a ajuda do cofundador da Microsoft, Paul Allen, brigou na justiça durante 26 anos antes de receber toda a herança. Depois de uma ação de paternidade bem-sucedida, Eva Sundquist recebeu um milhão de dólares do patrimônio para ela e para o filho de Jimi, James. Perdendo sua ação de paternidade, Diane Carpenter não recebeu nada para sua filha, Tamika.

Al Hendrix morreu de insuficiência cardíaca em 2002. Ele foi enterrado ao lado do filho no Cemitério Greenwood, em Seattle. Vários meses depois, os dois corpos foram exumados e removidos para um domo de granito de 9 metros e três pilares, perto do local original, que custou um milhão de dólares. O corpo da adorada mãe de Jimi, Lucille, permaneceu em local próximo, em uma cova de indigente sem lápide, com apenas um tijolo identificado como MITCHELL, o nome de seu segundo marido.

* * *

O biógrafo mais recente de Jimi Hendrix, Charles Cross, expressou a visão popular persistente e um tanto míope sobre sua

morte. “As circunstâncias e escolhas que levaram Jimi àquele quarto de hotel e a esse destino”, escreveu, “foram obra exclusivamente dele.” Noel Redding, um dos poucos e verdadeiros amigos do astro, chegou a uma conclusão bastante diferente em suas memórias. “Se é possível manter a consciência após a morte”, ele escreveu, “então Jimi deve estar em agonia.”

Mas, apesar disso tudo, essa afirmação com certeza não é verdadeira. Jimi disse uma vez: “Minha meta é ser um só com a música. Dediquei minha vida toda a essa arte”. Poucos duvidam de que ele tenha conseguido o que queria em sua brevíssima vida. Jimi é geralmente reconhecido como um dos guitarristas mais originais da história e teve uma influência sem precedentes sobre a forma como o instrumento é tocado. Em suas mãos, ela se tornava uma criatura mágica e voraz imbuída de vida própria. Além disso, sua música ultrapassou em muito seu instrumento. Pertencia a uma categoria própria – nem branca, nem negra, ele dizia, mas música “universal” elevando-se como uma catedral de pilares feitos de acordes. Com isso, nos ensinou que, “com o poder da alma”, tudo é realmente possível.

“The eagle […] took me past the outskirts of infinity,” cantou o Voodoo Child. “[…] And if I don’t meet you no more in this world, then I’ll, I’ll meet you in the next one, and don’t be late.”

Jimi Hendrix no Festival de Monterey – 18 de junho de 1967.
(Foto: Jill Gibson/Michael Ochs Archive/Getty Images)

Hendrix no Havaí, com Noel Redding, Mitch Mitchell e amigas – outubro de 1968.
(Foto: Michael Ochs Archives/Getty Images)

Interlúdio: Órfãos

> Eu costumava dizer para a minha tia: “Jogue a merda da minha poesia fora e vai se arrepender quando eu for famoso”. E ela jogou a porra da coisa fora. Eu nunca a perdoei por não me tratar como o gênio ou o que quer que eu fosse quando criança.
> – John Lennon
>
> O que sempre me preocupou, John, é que você não se tornasse tão famoso quanto era impopular. Porque era isso que você era quando criança [...] Se os Beatles não tivessem surgido, você poderia ter acabado na sarjeta com o lixo.
> – Tia Mimi para John, quando ele se tornou um Beatle

Os pais de Jimi Hendrix o abandonavam com regularidade. Quando Al e Lucille voltavam para casa após suas fugas alcoólicas e tentavam fazer as pazes, brigas terríveis estouravam. “Mamãe e papai estão sempre brigando”, chorava o jovem Jimi para seu tutor da vez.

O pior trauma ocorreu quando ele tinha apenas 4 anos. Sua mãe havia sumido novamente e seu pai, de volta da guerra, arrancou-o de seu tutor na Califórnia e o colocou em um trem de volta para Seattle. “Ninguém nunca soube da minha tristeza em ir embora com

aquele estranho", lembraria Hendrix mais tarde. "Eu chorei e chorei. Foi a pior coisa que já me aconteceu."

O retorno de seu pai poderia ter mudado as coisas caso ele tivesse sido tão generoso com seu amor quanto o foi com a palma da mão. "Al batia no filho quando estava irritado", disse Pernell Alexander, um integrante do primeiro grupo de Jimi, os Velvetones. "Ele era um homem violento [...] Era feio de se ver, bicho. Realmente feio [1]."

A única alegria que o garoto teve na vida fora o retorno de sua mãe. Mas, finalmente, após outra surra violenta de Al, ela fugiu de uma vez por todas, chorando, "Jimmy, meu amor, eu preciso fugir daqui!". O garoto, que tinha pesadelos constantes sobre a morte da mãe, tornou-se deprimido, retraído e desenvolveu uma gagueira. Ele encontrou abrigo nas fábulas de Hans Christian Andersen, nos gibis do Flash Gordon e em seus cadernos de desenho. Acreditando ser de outro planeta, desenhou o pôr do sol marciano, discos voadores e ETs e, em determinada ocasião, pulou do telhado pensando que podia voar.

Seu brinquedo favorito era sua guitarra de vassoura. Quando Al novamente perdeu tudo, Jimi encontrou refúgio junto à sua tia Dorothy e a seus outros nove filhos. Toda noite, a prima Shirley lhe contava a história de "Roy, o garoto da vassoura [...] que virou um grande guitarrista, ficou rico e famoso por causa de sua guitarra de vassoura".

Lucille morreu no hospital em que dera à luz Jimi. O adolescente de 15 anos ficou devastado. Al deu a ele e a seu irmão menor, Leon, uma dose de Seagram's 7, mas os proibiu de ir ao funeral da mãe. "Ele nunca perdoou de verdade nosso pai por isso", Leon se

lembraria. E ele nunca se recuperou realmente da morte de sua mãe, a quem chamava de seu “anjo” e sua “deusa no céu”. “Em vez de fazer planos de longo prazo”, escreveu Charles Cross, “ele viveu cada dia como se fosse o último.” Em *The Wind Cries Mary*, ele cantou “A broom is drearily sweeping up the broken pieces of yesterday’s life [...] Somewhere a queen is weeping, somewhere a king has no wife”.

Intimidade real se tornou impossível para Jimi. Pouco antes de sua morte, ele confessou para Sharon Lawrence: “[...] De vez em quando eu digo ‘amo’ para uma garota, mas não é pra valer [...] Eu nunca me apaixonei de verdade, com aquele amor que dura. A única pessoa que realmente me amou foi minha mãe, e ela está morta faz tempo”. Quanto a seu pai, Jimi disse que só o vira duas vezes desde que deixara Seattle, “[...] e a única notícia que tive dele foi quando quis que eu lhe enviasse um cheque”.

Durante sua breve carreira, ele teria milhares de mulheres e pediria pelo menos quatro delas em casamento. Mas, como observou uma das primeiras, Linda Keith, “não havia profundidade em nenhum de seus relacionamentos”. Ele era conhecido por se cercar de milhares de *groupies*, mas, como observou Mitch Mitchell, era “solitário e recluso”.

* * *

Em uma tarde sombria de Liverpool, o integrante de 15 anos da banda The Quarryman, John Lennon, estava sentado com seus companheiros Paul e George, tomando chá com torradas servido pela mãe de George em sua casa, em um conjunto habitacional. Ele

conhecia McCartney havia um ano, mas desde o começo tinha uma dúvida queimando em seu peito, que ele repentinamente soltou assim que a sra. Harrison deixou o aposento.

“Como é que você pode sentar aí e agir como se nada tivesse acontecido com a sua mãe *morta*?”, quis saber do animado Paul, que recentemente perdera a mãe para o câncer. “Se algo assim acontecesse comigo, eu ficaria louco!”

Menos de um ano depois, a mãe de John, Julia, foi atropelada por um policial bêbado fora de serviço do lado de fora da casa de tia Mimi, então tutora do rapaz. “O policial veio até a porta nos contar sobre o acidente”, lembrou o fundador dos Beatles. “Foi a pior coisa que já me aconteceu. Pensei: ‘Eu não tenho mais responsabilidades para com ninguém agora’.” Mais tarde, ele escreveu *Mother*, *Julia*, e *My Mummy’s Dead* para ela. “I can’t get it through my head”, cantou ele. “It’s hard to explain. So much pain.”

Paul recordou: “Agora estávamos ambos no mesmo barco, ambos tínhamos perdido a mãe. Isso serviu de vínculo, algo nosso, uma coisa especial”. De forma similar, a primeira esposa de John, Cynthia, perdera o pai aos 16 anos para o câncer. “A perda de um dos pais”, escreveu, “era uma das coisas que tínhamos em comum e isso provou ser um laço poderoso [2].”

O próprio pai de Lennon, Freddie, que havia crescido no Orfanato de Blewcost, em Liverpool, abandonou-o quando o garoto tinha 5 anos de idade. “Father, you left me but I never left you”, cantou. “I needed you but you didn’t need me.” Mais tarde, ele disse a um repórter: “Eu logo esqueci meu pai. Era como se ele estivesse morto.” Ele o chamou de “bêbado e praticamente um mendigo de porto”.

Freddie mal tinha zarpado com a marinha mercante quando Julia arrumou outros amantes, tendo uma filha com um e casando-se com outro na sequência. Como a mãe de Hendrix, Lucille, a bela Julia Lennon era uma *coquette*, que flertava com os homens e amava diversão. John a adorava, como Jimi adorava Lucille. Os dois tinham um relacionamento de amizade, disse o colega de infância de John, Pete Shotton. “Julia era sua amiga, não sua mãe.”

Depois que Freddie foi embora, a irmã mais velha e puritana de Julia, Mimi – considerando-a “frívola, indigna de confiança” e “incapaz de criar um filho” –, insistiu para que ela entregasse John aos seus cuidados a fim de que ele recebesse uma educação adequada. Mais tarde, John lembraria com amargura ter perdido duas vezes a mãe: a primeira, aos 5 anos, quando se mudou para a casa de sua tia Mimi; e a segunda, aos 16, quando ela morreu. Quando Julia entregou seu filho para a irmã, o garoto ficou devastado. “A pior dor é a de não te quererem”, disse ele mais tarde.

Ainda assim, Lennon, que não queria a compaixão de ninguém, enfurecia-se com toda a baboseira que publicavam sobre uma infância “*à la* David Copperfield”. “Eu nunca senti aquele medo e carinho pelos meus pais. Bem, essa é a maravilha de ser um tipo de órfão – o que, na verdade, eu nunca fui mesmo”, declarou em sua última entrevista. “[...] Essa imagem de órfão é ridícula, porque fui muito bem cuidado por meus tios.”

Cuidado, sim. Amado, não – pelo menos não de modo claro por Mimi. “Ela só se importa com dinheiro e gatos”, disse ele à sua esposa Cynthia. O atrito com sua implacável tia aumentou continuamente em virtude de suas expulsões do colégio por arrumar

confusão. “We are born in a prison, raised in a prison, sent to a prison called school”, cantou. “We live with no reason, kicked around for no reason.” O diretor vivia chamando Mimi para discutir as notas baixas de John, sua insubordinação hostil e suas brincadeiras cruéis. Seus professores, depois de o castigarem sem qualquer sucesso, o descartaram como o “palhaço da classe” e uma “inteligência perdida”. Pais proibiam seus filhos de andarem com ele. “Os pais reconheciam instintivamente que eu era confusão”, admitiu John. “Me empenhei em virar de cabeça para baixo a casa de cada um dos meus amigos, em parte por inveja de não ter o que chamam de lar.”

Da parte de sua tia Mimi, ela quase desistiu do rapaz. “Não há dúvidas de que a impossibilidade de agradá-la foi, ao menos em parte, responsável pela ânsia de John em ser bem-sucedido”, observou o biógrafo dos Beatles, Bob Spitz.

Mas, diante das circunstâncias, o jovem John sempre foi “muito arrogante e muito seguro de si”, relembrou um de seus vizinhos. “Eu sou JOHN LENNON!”, anunciava para os estranhos. “Todos tínhamos um pouco de medo dele”, disse um de seus colegas de colégio. Sua brincadeira favorita era deitar na rua se fingindo de morto. Caso contrário, divertia-se praticando pequenos furtos em lojas, queimando coisas e explodindo caixas de correio. Ele adquiriu a reputação de valentão e sua tia Mimi o acompanhava até a escola para evitar “brigas”.

O único refúgio de John na casa de Mimi era seu tio submisso, George. Paparicando o garoto, o jovial leiteiro e agente de apostas aposentado foi como um segundo pai para John. Mas também esse relacionamento foi tragicamente breve: um ano antes de Julia

morrer, George se foi repentinamente em razão de uma hemorragia no fígado.

A única figura paterna na família matriarcal de “tias amazonas” de John passou a ser o amásio de sua mãe, John Dykins, um *bon-vivant* e *sommelier* bissexual que tinha o hábito de bater em Julia quando estava bêbado. Por causa de seu temperamento inquieto e dos tiques faciais, John o chamava de “Twitchy” [algo como “Agitadinho”]. Em uma ocasião, o garoto encontrou sua mãe prestando favores sexuais a Twitchy; em outra, viu o garçom levar sua mãe para o jardim, nua e chorando. Tais episódios azedaram as afeições maternais de John. “Ele insultava a mãe usando a linguagem mais obscena que já ouvi”, escreveu mais tarde sua madrasta, Pauline [3], “referindo-se a ela repetidamente como ‘aquela puta maldita e boqueteira!’”. O afeto de John por seu padrasto, no entanto, durou até o final. Em 1966, Twitchy, bêbado, morreu no Riley que seu enteado famoso havia lhe dado de presente.

Como Jimi Hendrix, John Lennon cresceu como uma criança solitária que só encontrou um amor verdadeiro na vida: o *rock’n’roll*. O pai de Jimi lhe deu a primeira guitarra após a morte de sua mãe. A mãe de John lhe deu a primeira guitarra um ano antes de morrer. Quando garotos, ambos idolatravam o Rei do Rock.

“Antes de Elvis, não havia nada”, declarou John.

“O fundador dos Beatles via no Rei um pioneiro e espírito irmão”, escreveu Albert Goldman, biógrafo de ambas as lendas. “Eles eram o mesmo ser humano [...] filhos únicos, solitários e criados por mulheres superprotetoras [...] Ambos escaparam de ambientes familiares sufocantes posando de rebeldes.”

O gêmeo idêntico de Elvis Aaron Presley, Jessie Garon, nasceu morto. Gladys – sua mãe supersticiosa e temente a Deus – acreditava que ele herdara a alma de seu irmão morto e que fosse "O Escolhido". Anos depois, Gladys sofreria um aborto espontâneo, o que a tornou ainda mais protetora em relação a seu único filho sobrevivente. "Minha mãe nunca deixava que eu saísse de sua vista", disse Elvis. Seu pai, Vernon, lembrava: "Ele nunca passou uma noite fora de casa até os 17 anos. Nós três vivíamos num mundo completamente à parte".

A segurança desse mundo foi despedaçada quando Vernon foi acusado de fraude envolvendo cheques e foi enviado para Parchman, a penitenciária mais medieval do Mississippi. Elvis, que tinha apenas 3 anos de idade na época, nunca esqueceu a perda e a humilhação. "Ele se sentia mortificado pela ficha de seu pai, pela pobreza de sua família e pela necessidade de cuidados de sua mãe", escreveu seu irmão de criação, Rick Stanley [4].

A prisão de Vernon solidificou o medo obsessivo de Gladys de que as pessoas que ela amava podiam ser tiradas ou destruídas sem qualquer aviso. Quando tinha 18 anos, seu pai, Bob, foi acometido de uma pneumonia súbita e morreu. Meses após o nascimento de Elvis, a tuberculose levou sua frágil mãe, Doll. Seus pais eram primos de primeiro grau. Muitos de seus irmãos foram vitimados por deficiências mentais ou físicas. Gladys, Vernon e Elvis eram sonâmbulos e tinham pesadelos horripilantes com desgraças iminentes.

Como Lucille Hendrix e Julia Lennon, Gladys Presley fora um dia uma garota animada e festeira, além de dançarina de swing. Mas após todas as perdas na família, a proteção de seu único filho

passou a ser a razão de sua existência. Elvis dormiu com sua mãe até os 13 anos de idade [5]. Ela também o levava e buscava no colégio. Elvis pediu uma bicicleta de presente em seu décimo primeiro aniversário, mas, temendo que ele fosse atropelado a caminho da escola, Gladys deu-lhe um violão [6].

"Elvis via seus pais como 'bebês'", disse seu amigo e funcionário, Lamar Fike. "Ele chamava sua mãe de 'meu bebê'." Da mesma forma com que Gladys protegia seu bebê, ele a protegia. "Encoste nela de novo e eu te mato!", ameaçou seu pai em mais de uma ocasião [7]. Vernon, dono de um temperamento normalmente calmo, ocasionalmente se animava com algumas doses a mais quando sua autoritária esposa o chamava de "imbecil" e "burro". Mas a mãe de Elvis era capaz de se defender muito bem. Certa vez, ela quase matou Vernon com uma frigideira de ferro.

Em 1948, a empobrecida família Presley trocou a pequena cidade de Tupelo pelos conjuntos habitacionais da metrópole de Memphis. Quando seus pais o levaram para seu primeiro dia de aula na Hume High School, um colégio com 1.600 estudantes, seu filho de 13 anos de idade "estava tão nervoso que seus olhos pareciam dois pires", lembrou-se Vernon. O caipira delicado, de cílios longos, roupas chamativas e violão nos ombros foi atormentado durante dois anos. Um de seus colegas de classe recordou-se que os outros garotos atiravam frutas podres nele "porque ele era diferente [...], quieto [...] introspectivo e filhinho de mamãe". Os valentões da Hume High também roubaram seu violão, cortaram as cordas do instrumento e o cercaram no banheiro dos meninos, tentando cortar seu magnífico cabelo.

Red West, o atleta de futebol que o resgatou, mais tarde se tornaria guarda-costas do Rei. Nessa época, o filhinho de mamãe maltratado – que se tornou obcecado por caratê, armas de fogo e pelo cumprimento das leis – disse aos diretores de seus filmes que queria ser o "pior filho da puta do pedaço". Seu herói era Dirty Harry. Ele comprou a limusine usada por Shaft no filme e, no palco, vestia capas brancas ornadas com raios, como as do Shazam dos gibis da Fawcett.

Em 1953, Elvis, que trabalhava como motorista de caminhão para a Crown Electric na época, deu a Satnin um presente de aniversário especial: sua primeira gravação, *My Happiness*. No ano seguinte, *That's Alright, Mama* colocou-o nas paradas de sucesso, e logo ele estava mais rico do que jamais sonhara. Muito antes, ele e Gladys haviam se encantado com uma mansão de Memphis em uma de suas caminhadas para a escola. "Mama", disse ele, "algum dia vou te comprar uma casa como esta!." Em 1957, ele lhe deu Graceland e um Cadillac rosa, embora ela não soubesse dirigir.

"Um homem que foi o favorito indiscutível da mãe conserva durante toda a vida um sentimento de conquistador", escreveu Freud.

Gladys só conhecera cabanas de caçador, calhambeques e moradias públicas durante toda a sua vida. Quando seu pai morreu, sua família não tinha dinheiro para a lápide ou para o caixão. Quando Elvis nasceu, o Estado pagou os 15 dólares referentes ao parto. Assim, estar sob o teto magnífico de Graceland com seu filho era como um sonho que se tornava realidade. Mas o sonho logo se transformou em um de seus pesadelos. "Depois que Elvis ficou

famoso, Gladys nunca mais foi feliz", lembrou-se sua melhor amiga, Lillian. "Ela nunca mais teve paz."

Quando seu filho estava em turnê, o que acontecia o tempo todo, seus fãs se aglomeravam e se atiravam chorando sobre ele. Ela o proibiu de voar depois que um de seus aviões fretados perdeu um motor sobre Ozarks e precisou fazer um pouso de emergência, de modo que ele passou a ir de carro a todos os seus shows. Ainda assim, ela temia que ele sofresse um acidente fatal. "Se você não for mais devagar, não vai viver até os 30!", avisava ela. Uma noite, ela saltou de repente da cama e gemeu para Vernon: "Eu vi nosso filho – ele está em um carro em chamas!". No dia seguinte, Elvis ligou para ela de Texarkana e disse que seu Cadillac alugado pegara fogo e que ele escapara por pouco.

Gladys, exausta e alcoólatra, começou a tomar pílulas para dormir, pílulas para acordar e passou a consumir quantidades cada vez maiores de vodca para aguentar o tranco. Quando Elvis voltava para Graceland, ele a cobria de presentes, mas mesmo os mimos mais extravagantes não provocavam nenhuma reação.

"Mama, o que você *quer*?", implorou Elvis.

"Que você fique em casa, meu bebê!", era a súplica de Gladys.

Logo depois de se mudarem para Graceland, seu filho foi convocado pelo Exército. Lembrando-se de como seu primo Junior perdera o tino e massacrara inocentes na Coreia, ela implorou a Elvis para que não fosse. Mas ele achava que era seu dever. Elvis mal vestira o uniforme quando Gladys morreu de cirrose hepática. Como Lucille Hendrix, Gladys Presley bebeu até morrer.

"Por favor, não levem meu bebê!", soluçou Elvis, jogando-se sobre o caixão da mãe e recusando a soltá-lo. "Ela não está morta.

Ela só está dormindo.” Quando o caixão foi baixado até sua última morada, ele disse: “Adeus, querida. Te amo tanto. Vivi toda minha vida só para você”.

Mais tarde, o Rei do Rock diria sobre sua mãe: “Perdi a única pessoa que amei”, de forma muito semelhante a Hendrix e Lennon sobre suas próprias genitoras. A morte da mãe foi a maior tragédia de sua vida e, daquele dia em diante, ele se tornou uma pessoa completamente diferente.

“Basicamente, a personalidade de Elvis era a personalidade de Gladys”, escreveu Fike, posteriormente. “Não havia quase nenhuma diferença entre eles.”

Em 1975, Vernon Presley foi hospitalizado, vítima de um ataque cardíaco quase fatal. Elvis ocupou a cama ao lado, em processo de desintoxicação após uma overdose de analgésicos quase fatal. Ele e seu pai haviam se afastado desde a morte de Gladys, muito por conta da rapidez do luto e pelo novo casamento de seu pai. Quanto a Vernon, naquele dia no hospital, ele deixou escapar algo que ardia havia anos em seu peito. “Você matou sua mãe de preocupação!”

“Elvis ficou arrasado e chorou”, lembrou-se seu primo, Billy. “Aquilo quase o matou.”

Dois anos depois, o Rei do Rock teria uma overdose fatal no mesmo dia em que enterrara sua mãe, 19 anos antes.

* * *

Chamando sua infância de “uma ferida aberta”, Jim Morrison disse à sua banda, o Doors, que era “órfão”. Mais tarde, eles descobriram que ele tinha sim uma mãe. A esposa de oficial que

criara o filho praticamente sozinha estava sentada na cadeira que seu filho, o “Rei Lagarto”, lhe reservara na primeira fila do auditório no show de Washington, dc. Durante o clímax do show, a execução da música *The End*, ele cantou sobre foder sua ilibada mãe e matar seu pai autocrata.

O hino edipiano, uma oposição ao *That’s Alright, Mama* de Elvis, que parecera tão revolucionário uma década antes, consagrou seu compositor como um dos artistas mais selvagens e originais do rock, estabelecendo a ponte entre o antigo e o juvenil. Ele tinha “mil anos de idade [...] embora agisse como um adolescente”, observou o representante de seu selo, Daniel Fields.

Como seu ídolo Elvis, James Douglas Morrison era um Adônis, um Narciso, um Dionísio. Frank Sinatra condenara a música do Rei como um “afrodisíaco rançoso”. Ed Sullivan, embora apenas mostrasse Elvis “the Pelvis” da cintura para cima, chamava o Rei de “um rapaz bom e completo”. Mas o *enfant terrible* Jim Morrison era outra história. Jackie Gleason e Anita Bryant mobilizaram protestos nacionais contra o autointitulado “Político Erótico” após as alegações de que ele teria mostrado suas partes íntimas em um show em Miami. Morrison chamou seu exibicionismo na Flórida, seu Estado natal, de “um tributo adequado a meus pais”. Com relação à música *The End*, quando um jornalista lhe perguntou em certa ocasião se o Rei Lagarto realmente queria trepar com sua mãe, ele respondeu: “Não, quero trepar com a sua”.

No entanto, Morrison parecia realmente querer assassinar seu pai. Elvis ameaçara matar Vernon por bater em sua mãe; Lennon ameaçara afundar Freddie no mar por abandoná-lo quando criança. Enquanto o Rei e o “Clever One” – ou “O Astuto” – tinham

inclinações cavalheirescas, Morrison era, de acordo com seus conhecidos, um “psicótico” e “sociopata”.

Se a violenta capacidade destrutiva do vocalista tinha raízes em fantasias parricidas, o que seu pai teria feito para provocá-las? James M. Morrison foi o almirante mais jovem da Marinha dos Estados Unidos. Ao disciplinar seu filho mais velho, ele utilizava uma abordagem militar de censura: humilhava o rapaz até que ele se submetesse e se desculpasse. Quando o terrorismo psicológico se tornou menos eficaz com seu filho precoce e cada vez mais rebelde, o almirante Morrison apelou para métodos mais conservadores: passou a bater em Jim com um bastão de beisebol. Jim também confidenciou a seu advogado que seu pai abusara sexualmente dele e que ele nunca perdoara sua mãe por permitir que isso acontecesse. Sua mãe descartou a acusação como uma das mentiras maliciosas de seu filho. “Apesar de todas as medalhas”, disse Jim sobre seu pai, “ele é um fraco que permitiu que ela [sua esposa] o castrasse.”

Ao contrário dos outros, Morrison foi criado por uma família de classe média-alta aparentemente segura. Seus pais não eram alcoólatras ou trambiqueiros, ele foi representante de classe e formou-se com honras, e seus pais não se divorciaram ou morreram, deixando-o só. O mais perto que ele chegou da morte foi quando, aos 5 anos de idade, durante uma viagem de carro com seus pais através do deserto do Novo México, ele testemunhou a batida de um caminhão cheio de índios. Mais tarde, ele diria que este foi “o evento mais marcante de minha vida”, acreditando que um dos índios agonizantes “se transportou para a minha alma”, mais ou menos como Elvis acreditava que seu irmão gêmeo natimorto

havia possuído seu espírito. Quanto a lembranças anteriores a esse evento, o astro mais tarde confessou: “Na verdade, não me lembro de ter nascido. Deve ter acontecido durante um dos meus apagões”.

O fato de Jim Morrison dizer que era “órfão” tem mais a ver com a mitologia que o astro criou para si do que com alienação. Um intelectual de fábulas e leitor voraz, ele pariu a si mesmo como o super-homem de Friedrich Nietzsche. Sempre que cantava a música *The End*, ele se tornava o Super-Homem, “quebrando as barreiras até o outro lado” ao violar as leis mais sagradas dos homens, falando de incesto e assassinato. O rock era o veículo perfeito para transmitir essa mensagem, já que, de todas as formas de arte, é a mais primitiva e selvagem. “When I was just a little boy, ’bout the age of five I went to sleep, I heard my mama and papa talking”, cantou ele em *Rock Is Dead*. “She said, ‘We got to stop that boy, he’s gettin’ too far out, he’s goin’ wild, we gotta stop that child’.”

Se Elvis trouxe a sexualidade para o rock, pelo menos para o público branco, a contribuição de Morrison foi a fúria selvagem. Assim, ele pavimentou o caminho para um novo estilo, alimentado pela ansiedade e raiva adolescentes: o punk. Um colunista do jornal *The New York Times* observou certa vez que o punk era “o que acontece quando filhos do divórcio botam suas mãos em guitarras”, com a vantagem adicional de ser, para seus heróis, uma alternativa à prisão ou ao hospital psiquiátrico.

O Rei Lagarto escapou da prisão se refugiando em Paris, e talvez tivesse acabado em uma camisa de força caso não tivesse lotado estádios como o salvador das crianças selvagens do rock. “All right, wild child full of grace, savior of the human race”, cantou ele em *Wild Child*. “[…] Natural child, terrible child, not your mother’s

or your father's child: Your wild child full of grace, savior of the human race."

* * *

Já o sucessor de Morrison, Kurt Donald Cobain, foi frequentador assíduo das cadeias do condado de Seattle. Depois disso, esse filho do divórcio colocou suas mãos em uma guitarra e se tornou o Pai do Grunge.

Kurt disse ter sido "feliz" até os 9 anos de idade, quando seus pais se separaram e ele, segundo suas próprias palavras, se tornou "uma criança seriamente deprimida". Logo após o divórcio, sua mãe, Wendy Cobain – uma moça bela e promíscua, como Lucille Hendrix e Julia Lennon –, casou-se com um estivador alcoólatra que batia nela, aterrorizava Kurt e o chamava de "bicha". O garoto, que chamava o padrasto de "um enorme e cruel espancador de mulheres", começou a responder de forma malcriada e a ter explosões de fúria. Sua mãe expulsou-o de casa quando ele tinha 14 anos, e ele passou a dormir no chão ou no sofá em casa de amigos, mas todos acabavam por expulsá-lo porque "era como morar com um demônio", como explicou um de seus pais adotivos. Tendo de se virar sozinho, Kurt morou debaixo de pontes, em carros abandonados e nas cadeias do condado durante os cinco anos que se seguiram. Mas, fosse para onde fosse, ele levava sua guitarra com ele, exatamente como Elvis, Jimi e John haviam feito.

Como seu ídolo e colega canhoto de Washington, Hendrix, Cobain achava que era um extraterrestre. "Eu queria muito ser de outro planeta", disse. "Toda noite eu falava com meus pais e minha

família de verdade no céu.” Em outra entrevista, ele confessou: “De forma subconsciente, talvez eu tenha achado que era adotado [...] Eu realmente me identifiquei com o episódio de *A Família Dó-Ré-Mi* sobre Danny ser adotado”.

Como Jimi, Kurt também tinha um amigo imaginário: seu nome era Boddah. O de Jimi se chamava Sessa. “I’m so happy ’cause today I found my friends ... they’re in my head”, cantou ele em *Lithium*. Depois que Boddah desapareceu, Kurt passou a adotar animais perdidos ou machucados. Ele manteria seu jardim zoológico até o fim de sua breve vida.

Além de cuidar de seus bichos e tocar sua guitarra, o outro passatempo favorito de Kurt era desenhar. Jimi, Jim, Janis e Jerry também eram artistas talentosos, mas o trabalho de Kurt se encontra em um outro nível. No jardim de infância, ele desenhava os patos Donald e Margarida com pênis, vagina e ânus enormes. A produção erótica do jovem Jimmy Morrison era comparável, mas ele se atinha muito menos a detalhes. Logo Kurt estava desenhando temas tirados não da natureza, mas de seus prolíficos pesadelos: fetos mortos, bebês com membros deformados e bonecas com olhos pendurados em cordões umbilicais. Sua arte amadureceu durante o lançamento de seu primeiro grupo, Fecal Matter: composições misturando recortes de folhetos de supermercado, apresentando iguarias especiais, ao lado de fotos de jornais estampando vaginas dilaceradas por doenças. Ele envernizava essas colagens com o que chamava de “meu ingrediente secreto”: seu esperma. Um representante da Renascença, Kurt era também grafiteiro, decorando a fachada de edifícios e lojas com haicus de

guerrilha como “Deus é viado!”, “Abortem Cristo!” e “Nixon matou Hendrix!”.

O choque e o terror se tornaram o “Sturm und Drang” do punk. Nesse sentido, Kurt foi o maestro. Superando Morrison, ele cuspia e mijava em seus fãs, arrebentava guitarras, ônibus de turnê e suítes de hotel, desfilava no palco com lingeries femininas e aventais de hospital e tirava fotografias no melhor estilo Manson, com armas enfiadas na boca. Com esse tipo de produção impulsionando os hinos do grunge, como *Smells Like Teen Spirit* (um desodorante vaginal), ele se tornou o flautista de Hamelin da Geração x, que ainda não havia escolhido seu porta-voz.

Kurt Cobain sonhava em “sumir em uma chama de glória como Hendrix”. Mas, em vez de tentar superar sua infância dolorosa, ele procurou uma forma de assimilá-la. Sua única tatuagem era um escudo com a letra k em seu antebraço. O k significava kaos [caos], sua estação de rádio punk local, que tocava canções da k Records, empresa voltada para o público infantil. Explicando o significado de sua tatuagem, Kurt disse: “É apenas um lembrete bacana de inocência [...] para tentar me lembrar de permanecer uma criança”.

* * *

A infância do mais longevo dos Sete, Jerry Garcia, também não foi nenhum passeio no parque. Aos 5 anos de idade, ele viu seu pai se afogar. Sua mãe, Ruth, casou-se novamente e entregou o rapaz para que seus pais, os avós de Jerry, o criassem, exatamente como Julia Lennon entregara seu filho John, também aos 5 anos, para sua irmã mais velha, e como Clara Morrison entregara o adolescente

Jimmy para os próprios pais. Tendo um espírito tão livre e sendo tão promíscua quanto Julia e Lucille Hendrix, Ruth Garcia não fazia o tipo matrona coruja de Gladys Presley.

Após ir morar com os avós, “Jerry estava desolado [...], sentindo que não era amado e que não valia nada. Essas cicatrizes nunca desapareceram”, escreveu o biógrafo e arquivista do Grateful Dead, Dennis McNally [8]. O rapaz odiava seu padrasto, um marceneiro alcoólatra que Ruth conhecera no bar que possuía e gerenciava. “Jerry nunca perdoou completamente sua mãe pela morte de seu pai nem por se casar de novo”, continuou McNally, acrescentando que – como Lennon e Cobain – ele depreciava a moral de sua mãe e “sua confiança nas mulheres foi arruinada de forma permanente”.

Ruth divorciou-se de seu marceneiro dois anos depois e se casou com um marinheiro que se tornou seu barman. Enquanto isso, de acordo com um colega de escola, Jerry se perdeu “em seu próprio mundo”. Os dois passatempos favoritos do garoto eram, como os de muitos dos outros, desenhar e devorar revistas de quadrinhos (seu espólio incluía sua coleção, avaliada em 30 mil dólares). Apesar dos pesadelos recorrentes, o futuro líder do Dead gostava especialmente dos *Contos da Cripta*, da E. C. Comics, com Frankenstein, Drácula e Lobisomem. Seus desenhos refletiam esses interesses literários: ele rabiscava crânios, ossos cruzados e monstros.

Quando adolescentes, ele e seu irmão mais velho, Tiff, ateavam fogo nas colinas de San Francisco e jogavam pedras nas vidraças das delegacias de polícia. Com as gangues de rua, ele conseguia seus “doces”. Aos 15 anos, descobriu sua droga favorita. “Nossa! Maconha”, exclamou. “Era maravilhoso [...], era exatamente o que

eu queria [...] aquela coisa de vinho era tão horrível, e essa maconha era perfeita demais!”

Para Jerry, só havia mais uma coisa tão boa quanto ficar chapado: o rock. Em seu aniversário de 15 anos, Ruth lhe deu um acordeão, que ele penhorou em troca de uma guitarra. Ao mesmo tempo, Ruth reuniu a família, mudando-se com Jerry e Tiff para uma pequena cidade litorânea ao norte de San Francisco. Lá, longe das distrações da cidade, Jerry passava todo o tempo livre tocando sua guitarra. Depois de se formar no ensino médio, Jerry roubou o carro de sua mãe, foi preso e recebeu da Corte o mesmo ultimato que Hendrix recebera em Seattle pelo mesmo crime: cadeia ou Exército.

Jerry, como Jimi, foi considerado “psicologicamente inadequado para o serviço militar” e foi dispensado. Após sua dispensa, ele quase morreu em um acidente de carro que tirou a vida de seu melhor amigo, um talentoso artista plástico. Mais ou menos nessa época, o melhor amigo de John Lennon, Stu Sutcliff, “o quinto Beatle” e também um artista plástico promissor, teve um aneurisma cerebral fatal. Jerry, chamando a tragédia de “o impulso para o resto de minha vida”, fundou o Grateful Dead meses depois.

Em 1973, o tecladista do Dead, Pigpen McKernan, morreu aos 27 anos de idade. Vários anos antes, a mãe de Jerry, Ruth, sofrera um acidente de carro fatal. Ele e seu irmão pareceram não se abalar. Após a morte do pai, “nós já tínhamos chorado tudo o que havia pra chorar”, explicou Tiff Garcia.

Jerry pareceu igualmente estoico ao saber da morte da amiga Janis. “Ela estava seguindo por uma estrada bastante perigosa”, disse ele. “Ela a escolheu, quis ir por ali, tudo bem. Ela fez o que tinha de fazer e pediu a conta.”

No ano anterior à sua morte, Janis havia sofrido seis overdoses de heroína, duas quase fatais. Seu empresário encaminhou-a para o endocrinologista dr. Ed Rothschild, que a submeteu a um tratamento com metadona e a diagnosticou como “intelectualmente quase brilhante. Ela realmente era capaz de levar a maior parte das pessoas na conversa [...], mas suas emoções eram infantis e incontroláveis”.

Seus pais sabiam disso muito bem. Sua filha mais velha parecera feliz no começo da infância, mas, quando entrou no ensino médio, “ela simplesmente virou outra pessoa, da noite para o dia”, lembrou-se a mãe. A adolescente, que fora uma criança bonita, estava gorda e cheia de espinhas. Profundamente ferida pelas gozações de seus colegas de classe, ela se tornou, para terror de seus pais, briguenta, boca suja e endiabrada. “Você está acabando com a minha vida!”, repetia sua mãe constantemente. Depois de se tornar uma estrela, Janis diria aos repórteres: “Minha mãe me chutou de casa quando eu tinha 14 anos [9]”.

“Pearl”, como ela chamava a parte de sua personalidade que era grosseira e doida por confusões, logo fugiu de casa e adotou novos parentes no mundo do rock. “Eles são como minha família”, disse ela sobre a banda Big Brother and the Holding Company. “Trepei com todos eles.” Sua irmã Laura, que era psicóloga, escreveu que ela “estava criando um novo núcleo familiar para si”.

O mesmo ocorreu com os outros astros: Jimi Hendrix adotou o Experience e sua lendária *entourage*; Jim Morrison chamava os integrantes do Doors de “meus únicos irmãos”; Elvis se tornou o Poderoso Chefão da irmandade da Máfia de Memphis; Lennon se tornou o macho-alfa do quarteto formado pelos Fab Four; Garcia se

tornou o pai do Grateful Dead; e Cobain finalmente encontrou uma família no Nirvana.

* * *

“Bom, essa foi minha vida até hoje”, escreveu Buddy Holly em uma redação do colégio, “e, embora pareça horrível e cheia de tragédias, eu certamente estaria pior sem ela.” Nesse sentido, o pioneiro do pop, cujo avião viria a cair em uma plantação de milho no Texas, falava pelos Sete.

Cada um desses astros passou por traumas e algum tipo de orfandade virtual na infância, eventos que mais tarde alimentaram seu isolamento e desconfiança, sentimentos que, por sua vez, se mostraram fatais. Como tantos outros artistas, a maioria deles foi criada por mães que os anulavam e com as quais mantinham uma relação de amor e ódio, o que acabou por solapar a função de proteção materna. Quanto às figuras paternas, a maioria teve pais fracos ou ausentes dos quais se ressentiam ou pelos quais nutriam uma amarga indiferença, corroendo assim a função de autoridade paterna. Os pais são, para os filhos, o paradigma das relações humanas. Em caso de divórcio, infidelidade e afastamento, a criança hipersensível muitas vezes tende não só a se sentir abandonada e traída, mas a desconfiar de todos os seus relacionamentos futuros. No rastro da morte de um dos pais, a criança pode crescer à sombra de uma espada de Dâmocles emocional. Em ambos os casos, essas tragédias prematuras sem dúvida estavam no epicentro da solidão que posteriormente consumiu os Sete.

Costuma-se dizer que um fantasma nasce quando ocorre um evento fatídico horrendo e que sua alma está destinada a um purgatório repetitivo até que esse evento se resolva e a alma seja libertada. Algumas crianças brilhantes permanecem crianças mesmo depois de adultos apenas porque superar esses traumas infantis ou perdoar aqueles que os infligiram é tão impossível quanto escapar de suas consequências. Alguns nem tentam escapar, acalentando essas feridas como um tipo de cria sagrada e único amigo.

A maioria dos Sete permaneceu criança até o fim. Como se envelhecer fosse sinônimo de morte, todos sofriam de um medo mórbido da velhice [10].

Essa afirmação é especialmente verdadeira em relação a Elvis e Morrison, que, aos seus próprios olhos e para seus fãs, representavam a juventude eterna, os Adônis e os Narcisos do rock. Ambos possuíam uma beleza andrógena que se assemelhava à de um Deus e que parecia eterna. Ironicamente, as drogas que tomavam – em parte para suportar essa farsa impossível – envelheceram a ambos de forma prematura, transformando-os em algo como retratos de Dorian Gray, o degenerado personagem de Oscar Wilde. Os outros, com exceção de Hendrix, longe de sofrerem de tal vaidade em relação à sua juventude, eram neuroticamente inseguros sobre sua aparência. Janis se sentia “feia e velha”; Lennon se achava gordo e se ressentia de Paul, “O Bonitinho”; Cobain vestia várias camadas de roupas para disfarçar sua aparência esquelética e recurvada. Somente Garcia, o mais maduro do grupo, parecia não estar nem aí.

Ainda assim, “Não me considero um adulto”, disse Jerry, que atingiu a notável idade de 53 anos. “Um adulto é alguém que já se decidiu [...] Sinto como se estivesse o tempo todo a ponto de perder a cabeça, ou como se ela fosse estourar. Me sinto tremendamente inseguro.”

John Lennon também não se via como um adulto. “Crescer significa: cale a boca, vá se limpar, se vista e morra”, disse ele à biógrafa Sandra Shevey. “Então você tem permissão para viver meio morto, que é o que a maioria das pessoas faz. Essa é a diferença entre o verdadeiro artista e as pessoas que não se envolvem no que fazem. Eu me recuso a estar meio morto.”

A natureza triunfou sobre a educação. Os Sete foram, sem a menor dúvida, artistas natos. Em seus casos, os estereótipos artísticos não são completamente desprovidos de veracidade: sua alegria era maior do que a da maioria, suas insatisfações eram mais profundas e suas ações eram, muitas vezes, mais compulsivas do que razoáveis. Mas essas crianças solitárias e desajustadas procuraram se reinventar e se glorificar em uma profissão de poder e liberdade arrebatadores, o rock, a única forma de arte real criada para a juventude e pela juventude – em uma palavra: crianças.

Apesar da infância humilde e complicada, o varredor Roy, com sua guitarra de vassoura, tornou-se o Voodoo Child; o filho pródigo do almirante se tornou o Rei Lagarto; o filho órfão do marinheiro transformou-se no Walrus; o filhinho da mamãe de Memphis tornou-se o Rei em pessoa; o delinquente sem pai se tornou o Capitão Trips e a “garota leitoa” dos confins do Texas se tornou a Rainha do Blues.

★

Port Arthur
19 de janeiro de 1943

✞

Los Angeles
4 de outubro de 1970

2
Janis Joplin

A mina terrestre

O telefone do quarto 105 estava tocando novamente. As cortinas das portas corrediças de vidro, que davam para o parque Franklin, em Hollywood, estavam abertas. Conforme anoitecia, prostitutas e viciados já podiam ser vistos entrando em formação para o turno da noite. Quando o telefone parou de tocar, tudo o que se podia ouvir no quarto de motel eram as televisões dos quartos adjacentes dando as notícias sobre o Vietnã, sobre o Estado de Kent e a tentativa de assassinato do papa Paulo vi nas Filipinas.

Em seguida, uma batida na porta. “Janis?”

Era John Cooke, seu empresário de turnê que também se hospedara no hotel Landmark, conhecido pelos outros drogados que ali residiam como The Land Mine, “A Mina Terrestre”. “Janis, que caralhos você está fazendo? Você está atrasada!”

Cooke abriu a porta com a chave-mestra do gerente. O quarto havia passado por uma “janisficação”: paredes enfeitadas com colchas persas, mesas arrumadas com fitas, velas de jasmim, queimadores de incenso e galerias de fotos de seus amantes. Ele olhou da pequena cozinha para o banheiro vazio, para a cama de

casal desarrumada e para a sacada vazia com vista para o parque Franklin.

Nada de Janis.

Talvez ela tivesse conseguido uma carona e já estivesse no estúdio, pensou Cooke. Eles vinham trabalhando em *Pearl* havia mais de um mês; ela terminara com Bobby McGee, de Kristofferson, no dia anterior, e tudo o que queria em seguida era gravar os vocais de *Buried Alive in the Blues* e *I´m Going to Rock and Roll Heaven*. Na noite anterior, no Barney's Beanery, Janis fora a alma da festa, como de costume, tomando shots de tequila, já entusiasmada com seu próximo álbum.

"Se algum de vocês me abandonar um dia, eu mato!", anunciou para sua banda, a Full Tilt Boogie, antes de cambalear para fora do bar.

Cooke deu as costas para o banheiro vazio e se dirigiu ao telefone para ligar para o estúdio, a fim de verificar se Janis já havia chegado lá. Dera alguns passos apenas antes de estancar, o olhar fixo em um cinto de brocado roxo no chão. Logo atrás, viu uma perna que se projetava entre a cama e a cadeira próxima à cabeceira. Cooke deu a volta na cadeira sem acreditar no que tinha à sua frente.

As dívidas

> Ela me mostrou o ar e como preenchê-lo.
> Ela é a razão de eu ter começado a cantar.
> – Janis, sobre Bessie Smith

Como uma garota que cresceu na cidade de Port Arthur, Texas, no Cinturão Bíblico, o ídolo e inspiração de Janis Joplin foi a lendária cantora negra Bessie Smith. Conhecida como a “Imperatriz do Blues” e famosa por suas tiradas no palco e por suas brigas fora dele, Bessie cantava com uma intensidade lancinante nunca antes ouvida. No auge de sua carreira, antes da Depressão, Bessie cobrava 2 mil dólares por apresentação e viajava em um vagão de trem particular com um séquito de 45 pessoas. No final, a bebida levou a melhor, sua carreira decaiu e ela sangrou até a morte em um hospital depois que seu namorado, Richard Morgan, que contrabandeava bebidas para Al Capone, bateu na traseira de um caminhão e ela foi arremessada através do para-brisa na Rota 61, em Memphis.

Bessie foi enterrada em uma cova anônima na Pensilvânia até que Janis, pouco antes de sua própria morte, comprou uma lápide que dizia “A Maior Cantora de Blues do Mundo Nunca Deixará de Cantar”. Esse também poderia ser o epitáfio da própria Janis, que se mostrou ótima discípula, levando o legado da Imperatriz um passo adiante.

Como Bessie, Janis começou a cantar no coral da igreja local [1]. Embora a Imperatriz tenha feito sua primeira turnê aos 12 anos, as habilidades solo da própria Janis não foram reconhecidas até seus 16 anos, quando apresentou um recital improvisado para uma plateia de três pessoas.

O ano era 1959. O local, um barracão abandonado da Guarda Costeira em um penhasco de frente para o Golfo do México. A plateia, seus amigos do Colégio Thomas Jefferson: Jim Langdon, um tocador de trombone; Grant Lyons, jogador de futebol do time da escola; e Dave Moriaty, editor do jornal do colégio. Os quatro eram os *beatniks* de plantão de Port Arthur: liam Kerouac, ouviam os discos de Leadbelly e Bessie Smith e tinham uma atração precoce por Jim Beam.

Naquela noite, a birita passava de mão em mão na roda, sob a luz de velas, quando Grant observou que a única coisa que faltava era uma vitrola e um pouco de blues. Foi quando Janis incorporou sua melhor interpretação de Bessie de uma música de Odetta. Após seu final explosivo, ela sacou novamente a garrafa enquanto os garotos a encaravam de queixo caído.

“Janis, isso foi do caralho!”, conseguiu gaguejar Grant depois de tomar fôlego. Os rapazes nunca tinham ouvido nada como aquilo, mesmo em seus discos. Eles imploraram por um bis.

“Ah, vão se foder!”, cortou Janis, achando que eles estavam apenas tirando um barato com sua cara, como todo o resto do colégio costumava fazer.

Seu apelido no colégio era “leitoa.” “Quando pequena”, lembrou-se um de seus colegas de classe, “ela era bonita, e de repente ficou feia. Seu amor-próprio levou um golpe violento.” Mas seu apelido

não se devia apenas à sua acne, ao seu corpo maciço, à sua higiene duvidosa ou a seus traços masculinizados. Ela tinha fama de boca suja e de piranha. Os meninos tiravam no cara ou coroa quem iria tentar a sorte com ela depois do ensaio do coral da igreja. Ela tinha exibido os seios durante uma festa de futebol e logo a história cresceu até se tornar uma lenda urbana de Port Arthur: Janis dormira com todo o time de futebol!

Sua mãe chamava-a de “biscate”. Dorothy Joplin não se esquecera da própria vida promíscua que levara quando jovem, dançando em cima de mesas e trabalhando em uma estação de rádio de vanguarda em Amarillo, mas o comportamento de sua filha mais velha se tornara um constrangimento. Quando solteiro, seu marido, Seth, agora um engenheiro da Texaco, fora um playboy, maconheiro e produtor ilegal de gim caseiro. Mas ele também estava preocupado com o espírito livre da filha.

Janis acalmou seus letrados pais – ambos amavam Tolstói e Dostoiévski – com notas altas e hábitos vorazes de leitura. “Eu era uma desajustada”, lembrou-se. “Eu lia, pintava, não odiava os negros.” Mas não tinha o menor interesse em se tornar a rainha do decoro do colégio, nem a senhorita secretária ideal ou a líder de torcida queridinha da escola. O mais longe que chegou foi associar-se ao Future Nurses of America em seu último ano, mas em vez de se tornar enfermeira após a formatura, teve um colapso nervoso e a família hospitalizou-a por alcoolismo.

Seu pai também era conhecido por tomar umas e outras enquanto fazia consertos em sua garagem. Ao contrário da religiosa Dorothy, Seth era um Sísifo sobrecarregado e um cético decidido, encarando a vida como “a Grande Fraude da Noite de Sábado”. Os

homens se matam de trabalhar a semana toda para se divertirem na noite do sábado, o que nunca acontecia de verdade. Ele ensinara bem a lição à sua filha mais velha.

“Ele foi muito importante porque me fazia refletir”, Janis admitiria mais tarde. “Acho que ele é a razão de eu ser como sou.”

Após a desintoxicação, Janis, uma artista plástica talentosa, considerou seguir a carreira nas artes [2], mas abandonou a ideia depois de decidir que havia outros melhores do que ela. “Se ela não pudesse ser a melhor do mundo, não o faria”, escreveu sua confidente e amiga Myra Friedman [3].

Assim, Janis se voltou para a música *folk,* mas logo abandonaria também essa ocupação, depois de ouvir uma vocalista em Austin cuja interpretação de Joan Baez ela considerou melhor do que a sua.

Então a garota de 18 anos pegou uma carona até Los Angeles, onde trabalhou como perfuradora de cartões na companhia telefônica, morando com uma tia. Ainda tentando andar na linha, ela retornou para Port Arthur e se inscreveu na Lamar College, na cadeira de sociologia. Lá, uma fraternidade elegeu-a o “homem mais feio do campus”. Quando não estava em aula, trabalhava como garçonete em um boliche em Nacogdoches. Ela se demitiu quando seu companheiro de copo e ex-colega de escola, Jim Langdon, o tocador de trombone, conseguiu um cachê para cantar o jingle que ele mesmo havia composto para um banco.

Voltando para seus pincéis, Janis transferiu-se para a Universidade do Texas como estudante de artes. Quando não estava em aula, ela cantava em troca de cerveja nas noites de karaokê nos bares de Austin. Logo ela foi descoberta por um

camarada *beatnik*, Chet Helms. “Olha, Janis”, disse ele, “se o pessoal da Costa Oeste pudesse te escutar, tenho certeza de que iriam pirar. Eles nunca ouviram nada tão bruto, e é isso o que estão procurando.”

Assim, Janis e seu Bobby McGee, que antes fora pastor no Missouri, seguiram de carona até San Francisco no verão de 1962. Helms arrumou várias apresentações para ela na cidade do amor – de cafés e bares de ciclistas a redutos lésbicos. Acompanhada pelo futuro guitarrista da banda Jefferson Airplane, Jorma Kaukonen, ou tocando sozinha com uma cítara, ela impressionou companheiros de batalha como David Crosby, Jerry Garcia e Tim Hardin. Mais ou menos nessa época, Janis escreveu para seus pais: “Sinto muito mesmo ser uma decepção tão grande [...] Por favor, acreditem, vocês não podem querer que eu seja uma vencedora mais do que eu mesma quero”.

Mas logo, em vez de cantar, ela preferiria “fumar droga, tomar droga, lamber droga, chupar droga e foder droga”. Desenvolvendo um apetite voraz por injetar metanfetamina e heroína mexicana barata, a futura Rainha do Blues sustentava seu vício com pequenos roubos, pedindo esmolas e se virando como podia. Finalmente, ela acabou no Hospital Geral de San Francisco, pesando esquálidos 39 quilos e meio, mas foi liberada como indigente [4]. Chet Helms passou o chapéu entre seus amigos viciados e comprou uma passagem de ônibus de volta para Port Arthur antes que ela se matasse.

Nesse meio-tempo, ela ficou noiva de um sujeito vigarista, enganador, viciado em heroína e sem o menor contato com a realidade chamado Peter de Blanc. Antes de voltar para o Texas, ela

internou Peter em um sanatório. Seu noivo estava recebendo mensagens vindas da Lua dizendo que seria atacado por homens do espaço, de modo que ele acabou instalando algumas metralhadoras em seu fusca. Apesar das singularidades de Peter, Janis esperava que seus amigos apreciassem o estilo e a mente fértil – para não dizer extravagante – dele.

Em um último esforço para se tornar o que sua mãe queria que fosse – esposa, estenógrafa e viva –, Janis se inscreveu novamente no Lamar College e se preparou para o casamento. Enquanto os extraterrestres de seu noivo estavam sendo exorcizados no litoral, ela se ocupou em aprender estenografia, em costurar um vestido de noiva e bordar uma colcha do Texas Lone Star para o leito nupcial. Foi quando de Blanc desapareceu. Por fim, Janis localizou seu noivo em Nova York. Ele acabara não sendo abduzido por alienígenas e estava projetando hardware para a ibm. De Blanc adiou diversas vezes a data do casamento até Janis descobrir que ele já era casado e tinha dois filhos.

Essa foi a primeira experiência da Rainha do Blues com a Fraude da Noite de Sábado de seu pai, mas não seria a última.

Abandonando o curso de secretariado, Janis retomou a carreira de cantora em Austin. Seu velho colega de escola, Jim Langdon, agora um funcionário do jornal *Austin Statesman*, escreveu um artigo sobre ela, chamando-a de “a maior cantora branca de blues dos Estados Unidos”. Quando a mãe de Janis leu isso, chamou Langdon, bastante aborrecida. “Pare de incentivá-la!”, gritou.

Mas, nessa época, Langdon não era o único admirador de Janis. Um de seus excêntricos amigos da Universidade do Texas, Travis Rivers, também era doido por ela. Rivers ouvira rumores de que seu

benfeitor original, Chet Helms, agora um *promoter* de rock em San Francisco, estava procurando por uma “mina que cantasse” para sua nova banda, a Big Brother and the Holding Company – uma banda alucinada e “contra o sistema” que Helms batizara em homenagem ao supervisor totalitário da distopia *1984*, de George Orwell. O grupo era bem conhecido na área, mas seu estilo de guitarra pesado de “blues progressivo-regressivo avassalador”, como o chamavam, pedia uma voz igualmente avassaladora. Assim, Travis implorou para que Janis fizesse um teste. Como quase se afogara na cena *junkie* da Cidade do Amor, ela hesitou em retornar, mas Travis, um sacana rude porém encantador, logo aplacou seus medos.

“Eu entrei nesse negócio de rock enganada por esse cara, que era muito bom de cama”, confidenciou ela posteriormente. “O cara me comeu pra eu entrar na Big Brother.”

Com tudo acertado, Janis estava finalmente pronta para sua estreia no mundo do blues. Ela apenas esperava não morrer na estrada, como acontecera com Bessie.

Além dos limites da probabilidade

> Fomos informados de que havia uma mulher berrando aqui.
> – Policial de San Francisco ao chegar no Henry Street Firehouse, onde Janis fez seu teste para a Big Brother
>
> Ah, não, não era uma mulher. Era Janis Joplin!
> – Stanley Mouse, que estava na audiência

Janis, que nunca cantara para uma banda de rock, meteu uma boa dose do licor Southern Comfort goela abaixo para acalmar os nervos. Usando uma calça de lona do Exército da Salvação, um moletom desbeiçado e sandálias mexicanas, ela subiu no palco e logo atingia decibéis que rivalizavam com as guitarras histéricas e com a bateria trovejante da Big Brother. Quando terminou, todos ficaram parados, sem fala, sem muita certeza do que tinham acabado de presenciar.

“Ou ela é muito boa ou muito ruim”, se aventurou dizer o artista responsável pelos pôsteres do Grateful Dead, Stanley Mouse. O empresário da Big Brother, Chet Helms, lembrou: “Ela era estranha, esquisita e diferente, e fazia o cabelo do seu pescoço ficar em pé”.

Resumindo, ela foi contratada.

Durante o verão de 1966, a nova vocalista da Big Brother ganhou 50 dólares por semana e dormiu no pulgueiro vitoriano da banda no Haight. Ela escreveu para casa: “Querida Mamãe – Todos os indícios levam a crer que vou ficar rica e famosa. Inacreditável! [...] Nossa! Eu tenho muita sorte. Eu estava perdida por aí, toda confusa, e tropecei nisso”. As outras cartas que enviou para seus pais estavam cheias de exclamações de incredulidade similares: *Bah! Meu Deus! Do caralho. Aaaaah! Não é demais?*

Depois que Janis assinou com a Big Brother, seu segundo Svengali, Travis Rivers, divorciou-se da esposa e pediu a cantora em casamento. Quando ela recusou, Travis assentiu, resignado, o que irritou Janis. “Você não quer saber *por quê*?”, exigiu ela.

Travis deu de ombros. Ele podia ver que ela estava decidida e apenas um sadomasoquista precisaria de uma explicação; mas Janis insistiu, já que fora ele quem dormira com ela para que ela entrasse na banda.

“Eu sei que vou fazer sucesso. Muito sucesso, de verdade!”, disse ela. “Vai ser a primeira vez na minha vida que vou poder traçar todos os homens com mais de 14 anos que eu quiser e eu não pretendo perder a oportunidade.” Quando Travis absorveu essa informação com a mesma resignação, ela gritou: “Depois de ouvir uma coisa dessas, você deveria me bater, se me amasse de verdade!”.

O apetite sexual de Janis Joplin era tão amplo quanto insaciável – por “meninos bonitos”, companheiros roqueiros, ciclistas e outras mulheres. Compensando a insuficiência de testosterona em um negócio dominado pelos homens, ela mais tarde estimaria que foi “para a cama com uns 2 mil caras e com algumas centenas de

garotas". Ao mesmo tempo, ela continuou a "lamber droga, chupar droga e foder droga".

Janis, Hendrix e Morrison foram os primeiros astros a fazer daquilo que ela chamava de "sexodrogaserockandroll" um ato orgástico único e um modo de vida.

Um de seus primeiros relacionamentos durante aquele verão foi com o guitarrista da Big Brother, James Gurley. Tendo trabalhado com seu pai, um dublê piloto de carros, como "ornamento humano de capô" – atravessando paredes de fogo e uma vez perdendo o dente da frente –, o guitarrista magricela e louro da Motown provinha de uma linhagem perfeita de roqueiros. Também abençoado com um lado sensível (ele estudara para ser monge franciscano), Gurley constituía a vítima irresistível para uma predadora como Janis, que não se importou com o fato de que ele já fosse casado.

O caso entre a vocalista e o guitarrista ainda era recente quando a esposa de Gurley, Nancy, deu de cara com os dois em pleno ato. Embora tenha ficado irritada na época, Nancy, que era astróloga e fazia bijuterias, tornou-se amiga íntima de Janis e sua parceira de pico.

Janis passou a apreciar triângulos amorosos, em especial com casais casados. Seus parceiros favoritos eram os Gravenites: Linda, uma figurinista, e Nick "O Grego" Gravenites, também conhecido como Gravy, um cara de Chicago que mais tarde viria a compor *Buried Alive in the Blues* para ela. Linda planejou a mudança de imagem de Janis: de uma doida do Exército da Salvação para a sereia hippie envolta em pulseiras e contas.

Assim como Janis, Linda era uma “mulher franca, que não estava para brincadeiras” e que, de acordo com Ellis Amburn [5], “era ao mesmo tempo pé no chão, inteligente e sexual”. Enquanto seu marido, Nick, estava em turnê em Chicago, ela passou a dividir a casa e a cama de Janis. O *ménage à trois* evoluiu quando Nick voltou para a Costa Oeste. Nick lembrou-se de que Janis ficava mal quando estava sozinha, de forma que ele e Linda “tiravam no cara ou coroa quem iria transar com ela”. Após uma noite particularmente cheia de fluidos com o incansável Nick, Janis pediu a mão dele em casamento.

“Não posso”, disse ele, “sou casado com a sua colega de quarto.”

Enquanto estava envolvida com os Gravenites, Janis também arrumava tempo para seus colegas de profissão. Seu caso com o revolucionário Country Joe McDonald, autor de *I-Feel-Like-I’m-Fixin’-to-Die*, foi breve porém tempestuoso. Ela e Jimi Hendrix se tornaram parceiros de cama e de pico em Monterey e Fillmore West. Seu envolvimento com Kris Kristofferson, bolsista da Rhodes, piloto de helicóptero e também texano, foi lendário, e Janis citava-o como o único homem capaz de beber mais do que ela. Mais tarde, ela ajudaria a lançar a carreira de Kris como compositor com seu *cover* de *Me and Bobby McGee*, canção que se tornaria seu único sucesso a atingir o topo das paradas, após sua morte. E, finalmente, houve Joe Namath. Depois de transar com o zagueiro do New York Jets no piso do apartamento dele em Manhattan, ela pediu seu tapete branco como lembrança. Broadway Joe, como era conhecido, concordou com relutância, e ela deu a peça para seu chofer. Em seguida, ordenou que seu empresário ligasse para o editor Jann

Wenner e “dissesse que Janis trepou com Namath e que queria essa história na próxima *Rolling Stone* [6]!”.

Bob Seidemann, fotógrafo do pôster do famoso nu de Janis e que também dividiu sua cama, lembrou: “Não havia nenhum ângulo escandaloso que ela quisesse esconder”. Janis não discordou. “Eu nunca hesito, bicho. Estou sempre além dos limites da probabilidade.”

No início de sua carreira, Janis – que, de acordo com outra conquista, “sabia *mesmo* o que fazer na cama” – pegava qualquer um que ela quisesse. Com algumas poucas exceções. Ao conhecer George Harrison, ela lhe disse, na frente de sua esposa, Patti: “Ei, bicho, eu quero trepar com você há anos!”.

“Acho que não sou grande o suficiente para você”, replicou o integrante mais calado dos Beatles, que ouvira falar de “Gabriel”, o pênis de quase um metro que decorava o jardim de Janis.

Por mais que exagerasse em sua vida privada, Janis tinha limites no palco. “Eu só vivo para os meus shows”, declarou. “É a única ocasião na qual realmente sinto as coisas.” Só assim ela conseguia ultrapassar os limites do mano a mano, ou do *ménage*, e chegar ao clímax em um estádio. “Nenhum cara me faz sentir tão bem quanto o público”, disse. Ela comparava se apresentar ao vivo a “um orgasmo”, a “se apaixonar 20 vezes” e a “ter um filho”.

Tanto ela quanto seu público se apaixonaram 20 vezes no Festival de Monterey, na primavera de 1967 – o show que a transformou, assim como a Hendrix, de uma figura cultuada localmente em uma sensação internacional. Ninguém nunca havia ouvido um ser humano – homem, mulher ou criança – cantar daquela forma antes. Instigante, quase angustiante em sua

intensidade, sua interpretação de *Ball and Chain* ultrapassou os limites da música. Ela usava sua voz como Hendrix usava sua guitarra, mas com um alcance emocional muito maior – ternura, lágrimas e um anseio desesperado sob aquela energia bruta. Sua música vinha do coração, da alma, de cada fibra de seu ser, o que deixou o público de 70 mil pessoas sem fôlego e de queixo caído. Essa reação coletiva estava estampada no olhar fascinado e boquiaberto de Mama Cass, na primeira fila. A música *Ball and Chain* de Janis não lembrava em nada *Monday, Monday* ou *California Dreamin* de sua banda The Mamas and the Papas.

Durante a turnê com a Big Brother, Janis continuou a tomar o mundo de assalto com suas performances eletrizantes. Fosse em estádios, festivais ou clubes, ela sempre dava tudo de si e exigia atenção total. Ela se tornou a roqueira favorita dos Hell's Angels, e uma vez, durante um concerto realizado no funeral de um integrante dos Angels, ela roubou as atenções do corpo coberto em couro e panos coloridos rasgando sua blusa. Ela incitava tumultos e xingava os policiais que tentavam controlá-los. Acostumada com plateias, ela disse: "Tudo o que vocês têm a fazer é dar um belo chute na bunda deles, bicho [...] Um tumulto. Muito maneiro! [...] Então os organizadores ficam melindrados, acendem as luzes, cortam a eletricidade, mas nessa hora já era. Eu curto! Curto muito isso, bicho!".

O único mortal a rivalizar com Janis, tanto no palco quanto fora dele, "além dos limites da probabilidade", era Jim Morrison, do Doors. Embora essa pareça ser uma característica que os aproximaria, cada um dos astros acreditava que esse era um posto

exclusivo, ou que, pelo menos, tinha espaço para apenas um ego do tamanho do que ambos adquiriram.

A Rainha do Blues e o Rei Lagarto trocaram fluidos corporais do ponto de vista profissional, é óbvio; mas, competidores ferozes, não havia muita afeição entre eles. “Janis e Jim eram dois egos gigantescos se enfrentando na noite”, lembrou-se James Gurley. “Ela não gostava de Morrison e ele não gostava dela. Eram muito parecidos – dois egos imensos.”

Os *enfants terribles* do rock tiveram diversos confrontos públicos. Quando o outro membro do triunvirato, Jimi Hendrix, se apresentou no Scene, em Nova York, Morrison, completamente chapado e embasbacado com o trabalho virtuoso de Jimi, cambaleou até o palco e tentou pagar um boquete para o deus da guitarra; Janis, irritada com ele por ficar jogando bebida nela ao sair, agarrou o cantor e meteu-lhe uns murros na linda cara enquanto Jimi tocava *The Wind Cries Mary*.

A dupla protagonizou um segundo round na mansão de John Davidson, apresentador de TV e presença regular no programa *Hollywood Square*, em Beverly Hills. Depois que o Lagarto secou o bar do astro da televisão e vomitou em todo o seu tapete de couro de vaca, Janis resolveu passar-lhe um sermão de boas maneiras. Jim, que nunca tolerou nenhum tipo de autoridade, muito menos propriedade, começou a bater com a cabeça de Janis numa mesa de centro até que ela fugiu e se trancou em um banheiro. Quando Morrison finalmente deixou a festa, ela o seguiu até o lado de fora, desceu-lhe uma garrafa de uísque na cabeça, dançou ao redor de seu corpo caído, às gargalhadas, e em seguida voltou à festa para outra rodada.

Embora ela tenha exagerado algumas vezes, entrando em brigas como se fosse uma integrante dos Hells Angels, Janis, uma verdadeira mulher do Texas e do blues, nunca baixou a cabeça para homem algum. Especialmente homens como Jerry Lee Lewis. Como ocorreu com Morrison, Janis e Jerry Lee se detestaram de forma instantânea e visceral. “O Matador” – o drogado pentecostal que casou com sua prima de 13 anos, que atirou em seu baixista e que, mais tarde, foi suspeito de matar suas quarta e quinta esposas – desaprovava o estilo de vida herege de Janis. Embora ela fosse fã de *Great Balls of Fire* e *Whole Lotta Shakin*’ *Goin’ On*, Jerry Lee era exatamente o tipo de homem abusivo do interior que a fez fugir de Port Arthur. Ainda assim, uma noite no Austin Channel Club, Janis foi aos bastidores oferecer seus cumprimentos profissionais ao Matador. Ignorando-a, Jerry disse à sua irmã mais nova e mais bonita, Laura, que ela não deveria tentar se vestir como Janis – uma vagabunda. Janis avançou e o acertou. O Matador, nenhum novato quando o assunto era confusão, se desvencilhou e resmungou: “Oh, se você vai agir como homem, vou te tratar como um”. E devolveu o safanão.

* * *

Janis, como seus colegas, teve poucos momentos de sobriedade entre a ascensão para a fama e sua morte, três anos e meio depois. Se havia uma força oculta irresistível que arrastou tanto ela quanto os outros para um fim precoce, foi nunca conseguir se satisfazer. Não importava o quão longe chegasse, nunca era longe o suficiente para ela. Seus apetites insaciáveis eram intrínsecos, como ocorreu

a vários artistas. Mas ela agia como alguém que se empanturra depois de ter passado fome, temendo que a comida acabe novamente. Para almas sensíveis e magoadas, as drogas podem se tornar o grupo alimentar favorito, proporcionando alívio e libertação. Para Janis, no final de sua carreira, as drogas preenchiam e eletrificavam brevemente seu vácuo emocional, para em seguida abrir um buraco ainda maior, mais profundo e mais inescapável.

Era difícil saber qual de seus vícios mais a prejudicava: uísque ou drogas. A bebida era seu alimento básico, como o jantar. A heroína era como um agrado, a sobremesa.

A heroína proporciona um abraço quente, voluptuoso, como um útero. No começo, pode ser sedutoramente excitante. Pegue seu melhor orgasmo, dizem os viciados, multiplique-o por mil, e você ainda não vai se aproximar da magnitude da primeira dose. A pessoa se sente engolida, cada nervo incandescente, como que flutuando em um fundo de veludo. Lou Reed, o fundador do grupo Velvet Underground, cantou em sua famosa canção *Heroin*: "When I put a spike into my vein [...] things aren't quite the same. When I'm rushing on my run, I feel just like Jesus's son".

A viagem mais pura e mais potente da droga só pode ser obtida por administração intravenosa ou por injeção subcutânea. Quando perguntada por que preferia injetar a cheirar, Janis respondeu: "Por que bater uma se você pode trepar?".

"Janis era uma maníaca com agulhas", relembrou o baterista da Big Brother, Dave Getz. "Ela adorava injetar nos outros, amava a emoção de picar alguém [...] E ela queria que você realmente embarcasse." Quando Dave concordou em experimentar heroína

pela primeira vez, Janis e Nancy Gurley brigaram para ver quem iria administrar a droga.

“A possibilidade de morrer tornava o vício ainda mais excitante para ela”, explicou outro amigo. “Ela não hesitava em ir longe, sempre. Ela gostava de forçar a barra. Gostava de ver o quão louca dava pra ficar. Ela curtia brincar de roleta-russa.” Se Janis gostava de brincar de roleta-russa consigo mesma, o mesmo se aplicava aos outros. Em uma ocasião ela picou Terence Hallinan – o namorado de sua namorada favorita, Peggy Caserta – com uma dose tão alta que ele apagou. Enquanto Hallinan estava morrendo no chão, Janis fez amor apaixonadamente com Peggy. Quando terminaram, Peggy ressuscitou seu namorado com um boquete. Caserta também tinha experiência com a roleta-russa de Janis, e escreveria mais tarde, em suas memórias, *Going Down with Janis*, que a estrela usava “a agulha em mim não apenas como um pau substituto, mas como uma arma destrutiva e mortal”.

A estrela quase matou outro amante em sua primeira incursão na heroína: Milan Melvin, o belo ator hippie. Enquanto ela enchia a seringa, Milan implorava, “Janis, menos! Eu tô limpo!”. Mas não havia nada que a Rainha do Blues gostasse mais do que quebrar cabaços. Ela deu ao ator uma dose inteira de heroína de primeira e ele entrou em colapso. Então, ela deu uma overdose em Peggy. Quando o casal voltou a si na manhã seguinte, por puro milagre, ela os repreendeu por serem fracos. Além disso, seus planos de um *ménage* tinham sido arruinados.

Sua parceira de pico favorita, Nancy Gurley, sofreu uma overdose fatal em 1968, e seu marido, James, foi julgado por assassinato. Janis ficou deprimida, mas não recuou. “Nunca vai me

acontecer nada", declarou, "porque venho de uma boa safra de pioneiros e sou forte." Em memória à amiga, ela arrumou mais heroína e tomou um pico. Depois dedicou *Kozmic Blues*, de 1969, para Nancy G. Mais tarde, ela diria a um repórter durante uma entrevista que "Kozmic Blues significa apenas que não importa o que aconteça, bicho, você toma um tiro de qualquer jeito... Kozmic Blues não existe a menos que você não tenha nada".

O vício de Janis remontava ao Monterey Pop. "Ela atribuía seu uso de heroína ao medo que acompanhava sua fama crescente", escreveu sua assistente e primeira biógrafa, Myra Friedman. "Ela passou a vida inteira envolvida com suicídio crônico."

Kozmic Blues

> Quanto mais você vive, menos você morre.
> – Janis Joplin

Como a própria Janis admitia, no palco ela experimentava a mais pura e mais intensa expressão de viver. Assistir a uma de suas apresentações era como assistir a um parto maravilhoso e sofrido, um ato de flagelo pessoal. Por mais que a Rainha do Blues tenha se afastado dos limites da vida e das probabilidades, ela nunca perdeu de vista para quem estava fazendo tudo isso: seu público sempre crescente que, como um pretendente insaciável, porém passivo, exigia mais e mais. Ainda assim, da mesma forma que seus fãs não se cansavam dela, ela não se cansava da idolatria deles.

A ambição de Janis se tornou implacável. Embora a Big Brother fosse uma banda estabelecida quando a contratou, e ela fosse virtualmente uma desconhecida, ela logo eclipsou o grupo, que se tornou pouco mais do que uma banda de acompanhamento. O ressentimento resultante aumentou quando ela demitiu seu empresário, Chet Helms, responsável pelo lançamento de sua carreira. Chet se recusou a ser seu fantoche ou a concordar que a Big Brother não era nada sem ela, razão pela qual ela o despediu, declarando: “Eu mato quem ficar no meu caminho!”. O único membro da Big Brother a ficar com ela foi Sam Andrews, mas logo ela também o despediu, alegando que ele roubara seu bagulho. Mas o guitarrista entendeu o que estava acontecendo, reclamando com

Peggy Caserta: “Minha música não é boa o suficiente para aquela puta egoísta? [...] Travis, Chet e eu, nós CRIAMOS aquela vaca!”.

Para subir o próximo degrau, ela precisava de um empresário que compartilhasse dessa atitude, e não da viagem hippie do “foda-se a grana, somos uma família, amamos crianças” de Chet. Não, ela precisava de um negociante implacável, e esse homem era Albert Grossman, o empresário de Dylan. “Ele meio que parecia o Coronel Tom Parker”, observou Dylan. “[...] Dava pra sentir o cheiro dele chegando.” O biógrafo do compositor, Michael Gray, acrescentou: “Ele era um homem redondo com olhos sarcásticos [...] e muitas pessoas o odiavam. Em um meio no qual predominavam [...] caras idealistas, Grossman era obcecado por dinheiro, desses que se movem calmamente e com um propósito mortal, como uma barracuda rondando um cardume de peixes”. Mas ele sabia ser irresistivelmente sincero com seus clientes. Quanto a Janis, depois de vê-la no Festival de Monterey, Grossman simplesmente disse: “Diga o que você quer”. “Ser a maior cantora de blues do mundo”, ela respondeu, ao que ele replicou com um simples “Está bem”.

Depois do segundo álbum da Big Brother, *Cheap Thrills*, Janis dispensou Helms e contratou seu “Tio Albert”. Tendo ouvido sobre os gostos de Janis, Tio Albert impusera apenas uma condição para ser seu empresário: “Nada de heroína”, disse a ela. Sua primeira esposa morrera de overdose de heroína. Janis prometeu evitar o mesmo destino e ficar limpa. Mas essa foi uma promessa de viciado, e apresentava um prazo de validade bastante restrito: algumas semanas. Depois disso, ela estava de volta à droga [7].

Naquele momento ela precisava aumentar sua medicação antiestresse porque, logo depois de assinar com Grossman e

contratar a banda que bem quis, a Kozmic Blues, Janis sofreu um golpe da crítica por abandonar a popular Big Brother e Chet. “Sua nova banda é um peso morto”, escreveu o crítico do *San Francisco Chronicle*, Ralph Gleason. Ele sugeriu que ela voltasse para seu antigo conjunto, “se eles a aceitarem”. Mas tal reunião nunca aconteceu e a Big Brother caiu no esquecimento em poucos anos.

Nesse meio-tempo, seu Tio Albert, um homem de bons contatos, lançou uma formidável máquina publicitária para Janis: ele a estampou na capa de revistas de circulação nacional, conseguiu entrevistas importantes, colocou-a na TV. Finalmente, para aumentar seu público e arrecadação, fez uma parceria com seu amigo igualmente motivado e produtor de rock *extraordinaire*, Bill Graham. Como Grossman, Graham era o anti-Chet e, como Grossman, Graham era descendente de judeus russos e conhecedor de adversidades: quando tinha dois dias de vida, seu pai morreu. Mais tarde, sua mãe foi executada em Auschwitz. Quando jovem, Bill, nascido Wolfgang Grajonca, trabalhou como crupiê e chefe de cozinha do resort Catskill – o treinamento perfeito para empresariar estrelas do rock, ele descobriria mais tarde. Em seguida, abriu a lendária casa de espetáculos Fillmore East, em Nova York, além da Fillmore West e a Winterland, ambas em San Francisco. Tirano, cruelmente eficiente, mas herói incansável de seus artistas, foi chamado “parte Al Capone e parte Madre Teresa”. Se seus artistas enxergavam seu lado adorável, seu principal concorrente – Chet Helms – via apenas um mafioso. A Family Dog Productions de Chet organizava shows de rock hippie no arruinado e escondido salão de baile Longshoreman, na Haight Street, e no descolado Avalon Ballroom, onde Janis estreou com a Big Brother

no outono de 1966. Lá, Chet organizava eventos beneficentes para os sem-teto, pela paz no Vietnã e para centros zen, muitas vezes sem nem sentir o cheiro do dinheiro da bilheteria. Nesse meio-tempo, ali perto, no Fillmore, Bill distribuía barbitúricos, contava cada centavo e convertia seus lucros em casas de show cada vez maiores.

Com a ajuda de Graham e Grossman, Janis logo tinha pegado o atalho para a riqueza e para a fama internacional. E tomando o país de assalto com suas apresentações intensas, o ego de Janis explodiu. Ela deveria estar na capa da *Newsweek* de 7 de abril de 1969, mas o ex-presidente Dwight D. Eisenhower a substituiu. “Filho da puta!”, disparou. “Quatorze ataques do coração e o filho da puta tinha que empacotar justo na minha semana? Na minha semana.” Em outra ocasião, depois de se apresentar em Nashville, ela ligou para o Homem de Preto. “Aqui é a Janis joplin!”, exclamou do telefone de seu hotel. “Quero falar com Johnny Cash! Eu sou a maior cantora dos Estados Unidos, seu imbecil estúpido, e ele vai saber quem eu sou!”

Mas a garota feia de Port Arthur nunca deixou de assombrar Janis. Antes de jantar com o ator Rip Torn e sua esposa, Geraldine Page, ela dividiu suas aflições com sua assistente. “O que eu vou vestir? Ela é uma estrela. Uma dama. Cristo, eu sou só uma doida esquisita!” Ela conseguiu arrumar o que vestir e, mais tarde, admitiu que teria se divertido com os atores, “se pelo menos eu não fosse tão feia!”.

Embora Janis tivesse se tornado um dos maiores símbolos sexuais da década, ela nunca parou de dizer a si mesma o quanto se sentia feia, especialmente à medida que ia envelhecendo e a

vida no olho do furacão começava a cobrar seu preço. “Ninguém quer uma mina velha como eu”, reclamou a mulher de 26 anos para Myra Friedman, puxando a pele sob seu braço com violência. “Eles querem menininhas!”

“Ninguém me ama de verdade, ninguém”, era seu lamento constante. “As únicas pessoas que me amavam eram os viciados que eu conhecia [...] e as pessoas na minha folha de pagamento.”

Para piorar as coisas, as críticas de *Old Kozmic Blues* foram brutais. “Seu melodrama, exagero e rispidez não são virtudes”, escreveu Jon Landau. “Ela não canta uma música, ela a estrangula até a morte”, acrescentou outro crítico da *Rolling Stone*. “Ela não é um grande talento”, declarou o *The New York Times*.

Seu produtor em *Cheap Thrills*, John Simon, abandonou-a em seu último projeto e não foi mais generoso em sua avaliação. Sua popularidade, ele insistiu, estava baseada na “liberação que ela representava para toda mulher de aparência simples, obesa e histérica”. Ele concluiu: “Foi o que tornou Janis Joplin possível, pra começar. Os miolos de todos já estavam cozidos”.

Arrasada, Janis se voltou para a autoflagelação. Falando de seus fãs para o jornalista David Dalton [8], ela confessou: “Se eles souberem de alguma coisa na vida, sabem que não sou uma estrela. Sabem que sou uma mulher de meia-idade com problemas com bebida, homens e uma voz poderosa [...] Nunca serei uma estrela como Jimi Hendrix ou Bob Dylan”.

Permeando toda essa situação estava sua hipersensibilidade. “Seus nervos estavam à flor da pele”, explicou Milan Melvin depois de deixá-la para se casar com Mimi Farina, a irmã mais nova de Joan Baez. “E ninguém ficava na fossa como Janis. Ninguém

parecia atingir os abismos do desapontamento ou ficar tão ferido." Outro amigo foi ainda mais longe. "Quando Janis está feliz, ela *ainda* não está feliz", disse ele.

Finalmente, por insistência de Tio Albert, ela passou por uma desintoxicação bem-sucedida sob os cuidados do endocrinologista dr. Ed Rothchild. Depois disso, ela prometeu à sua colega de apartamento, Linda Gravenites, que aprenderia a cavalgar em pelo, praticaria ioga, aprenderia a tocar piano e levaria uma vida saudável. Tentando iniciar a nova fase, ela e Linda foram passar o Carnaval no Rio de Janeiro. "A ideia era de que Janis ficasse ocupada se divertindo e que não tivesse tempo para pensar em heroína", explicou Linda.

E a ideia quase funcionou. Janis realmente se divertiu no Rio, como só Janis sabia. Embora tenha passado por fases terrivelmente difíceis perto do fim, ela possuía um entusiasmo sem limites pelos pequenos prazeres da vida, e muitas vezes gostava de chegar a alturas capazes de dar vertigens. Isso era especialmente verdade quando ela estava apaixonada. Janis se apaixonou por "um grande urso *beatnik*", como ela o chamava, David Niehaus. Professor e voluntário do Peace Corps, seu novo amor adorava se divertir, era aventureiro e não usava drogas. Logo o casal estava falando em casamento, mas cada um tinha um futuro diferente em vista. David queria que Janis vagabundeasse ao redor do mundo com ele; e ela queria que ele se tornasse seu brinquedinho na Califórnia. "Isso está ficando perigoso", disse Janis a Linda quando David foi até sua casa, quando ela chegou do Rio. "David está determinado a me transformar em uma esposa de professor de colégio. Por que ele não consegue enxergar que do meu jeito é melhor?"

“Porque ele é uma pessoa *real*”, Linda destacou.

Isso assustou Janis. Fez com que ela voltasse para a sua amante, Peggy Caserta, e para a agulha. Peggy não fazia ideia do que Janis via em David, chamando-o de “cara grande e desengonçado com dentes ligeiramente tortos, que vivia filosofando [...] e apaixonado por *estar* apaixonado”. Logo David partiu para o Himalaia, depois de surpreender as garotas tomando pico na cama. Quanto à Linda, assim que descobriu que Janis tinha saído da linha de novo, mudou-se da casa, decepcionada.

Devastada pela perda de seus dois amores, Janis colocou toda a sua dor em *Ball and Chain*, *A Woman Left Lonely*, *All Is Loneliness* e *Cry Baby*. “You might find out later [...] Honey, the road’ll even end in Katmandu”, cantou sobre David e sua necessidade de viajar. “You can go all around the world. [...] I know you got more tears to share, babe. So come on, come on, come on, come on, come on, And cry, cry baby, cry baby, cry baby.”

Esperando trazer sua maternal Linda de volta, Janis foi para um retiro de desintoxicação no México. Esse tratamento, no entanto, acabou durando menos do que o primeiro. Logo que recebeu alta ela se juntou à turnê canadense Festival Train, com Grateful Dead, Bonnie & Delaney e outros. Durante a excursão de seis dias, ela matou o tempo transando com estranhos (65, conforme suas contas), injetando heroína e “vomitando pela janela do trem a viagem toda”.

Ao final da turnê, Toby Ben, seu *roadie*, disse a Myra Friedman: “É melhor você falar com o Albert, porque essa garota vai *morrer*!”.

Entre o rock e o inferno

Pearl estava destinado a se tornar o título do último álbum de Janis, lançado após sua morte. O nome era, como Myra explicou, o apelido para a "prostituta hiperativa bêbada boca suja sempre curtindo, trepando com qualquer um, subindo e descendo chapada" que vivia dentro de Janis. Janis disse que poderia usá-lo para o bar que pretendia comprar depois de se aposentar, onde ficaria bêbada e tocaria piano para os clientes no melhor estilo *Casablanca.*

Apesar do *alter ego* Pearl, "a prostituta sem parada", uma parte de Janis desejava a vida doméstica sossegada que sua mãe sempre lhe vendera. "Apenas me dê um velho que volte pra casa", disse à Myra perto do fim. "Que quando sair às nove eu saiba que estará de volta às seis para mim e só para mim, e eu assumo essa merda de vida com duas garagens e duas TVs."

Pearl rejeitara a proposta de David Niehaus pela mesma razão que rejeitara a de Travis Rivers anos antes. Ela não só queria ser a "maior cantora de blues do mundo", como dissera a seu novo produtor, Paul Rothchild, mas também queria aproveitar o jardim das delícias terrenas.

Após o rompimento com Niehaus, e pouco antes das sessões de gravação de *Pearl*, ela decidiu fazer algo que agradasse tanto a Janis, a garota do interior, quanto a Pearl, a roqueira mundialmente famosa. Ela anunciou suas intenções no *The Dick Cavett Show*, em julho de 1970. "Eles riram de mim até eu sair da sala de aula, da

cidade e do Estado", disse ela ao apresentador do *talk show*. "Então, agora eu vou voltar!"

Para Janis, ir à reunião de dez anos do colégio em Port Arthur era como voltar para a barriga do monstro e esperar que tudo terminasse. Para Pearl, seria uma missão para domar dragões. "Nós vamos tocar o puteiro na reunião do meu colégio", prometeu. "Sempre sonhei em voltar e me vingar deles um dia [...] Vou aparecer com sinos e plumas e dizer: 'Lembra de mim, bicho? O que é que você anda fazendo? Ainda trabalha no posto de gasolina?'."

Preferindo não entrar nessa arena sozinha, a Rainha do Blues trouxe seus consortes. Tal como sua turma de apoio original no colégio, Langdon-Lyons-Moriaty, esse grupo também consistia de três personalidades: John Cooke, Bobby Neuwirth e John Fisher. Os vistosos Cooke e Neuwirth, conhecidos como "Os Caipiras de Harvard", eram seus empresários ocasionais de turnê. O mocinho, Fisher, era seu chofer e Sancho Pança eventual. Ela descreveu o trio como "loucos" como ela.

Os repórteres correram em bando para Port Arthur, para acompanhar a sua chegada. "O que você tem feito desde 1960?", queriam saber.

Na noite da festa, ela posou para os fotógrafos, secou o bar e fez uma observação jocosa sobre sua breve aparição para "a Última Ceia". Sentando-se para o que vinha a seguir, ela disse aos seus colegas: "Cada um vai trepar com quem estiver sentado ao seu lado!". Quando sua sugestão foi recebida pelos olhares escandalizados da Miss Rainha da Postura e da Miss Secretária

Ideal, ela gargalhou para os repórteres: “Estamos aterrorizando os fazendeiros, hein?”.

Embora a filha pródiga de Port Arthur estivesse fazendo meio milhão de dólares por ano nessa época, ela e seus garotos dormiram na casa de seus pais. Sua mãe montou uma cama portátil para ela e Cooke; Fisher e Neuwirth desmaiaram sobre os outros móveis que estavam disponíveis. Acostumada a suítes cinco estrelas, Janis ficou insatisfeita com as acomodações e disse isso aos repórteres.

Suas reclamações e seu comportamento escandaloso precipitaram uma briga violenta com a mãe, normalmente reticente e profundamente magoada, que finalmente deixou escapar algo que já pensara antes mas não ousara expressar para sua própria filha: “Queria que você nunca tivesse nascido!”.

Ao deixar Port Arthur, Janis disse aos repórteres: “Bem, não se pode voltar pra casa, certo?”.

Seus companheiros de banda chamavam-na “Pequena Leitora”. Entre seus romances favoritos estavam *Look homeward, angel* e *You can’t go home again*, de Thomas Wolfe.

O amanhã nunca acontece

> Se você tiver hoje, não vai querer amanhã, bicho.
> Porque não precisa mais. Então, na realidade, como descobrimos a toda hora, o amanhã nunca acontece, bicho.
> É sempre a mesma merda de dia todo dia, cara!
> – Janis para sua plateia em Calgary, 4 de julho de 1970

Janis voou do Texas para Los Angeles, onde começou a gravar *Pearl*. Ela estava excitada com o novo álbum. Considerava a Full Tilt Boogie a melhor banda que já tivera e não era só isso. Seu novo produtor, Paul Rothchild, produzira o álbum *Light My Fire*, do Doors, e vários outros marcos do rock.

Mas havia um lado negativo. Por causa das grandes expectativas de todos em relação a *Pearl*, Janis sentia-se sob enorme pressão para entregar o que esperavam, coisa que nunca ocorrera antes. Desde sua desintoxicação no México, ela vinha oscilando, mas agora a tensão das sessões de gravação a fez voltar aos picos. Ela garantiu a seu empresário de turnê, John Cooke, que estava apenas *chipping* – injetando somente umas duas vezes por semana – e que ficaria careta assim que o álbum fosse concluído.

Por mais que Cooke quisesse acreditar, ele não podia evitar o ceticismo. Enquanto estava gravando *Pearl*, ela insistiu em se hospedar em seu antigo casarão assombrado em Hollywood, o Hotel Landmark, uma galeria de picos que não convidava à

moderação e muito menos à sobriedade. Mas, funcionário sempre diplomático e devotado que era, Cooke não fez objeções à ideia e reservou um quarto no andar superior para levá-la e trazê-la do estúdio sóbria o suficiente para cantar.

As gravações haviam começado havia poucos dias quando Jimi Hendrix morreu, em Londres. “Mas pelo amor de Deus”, disse Janis ao ouvir as notícias sobre a morte de seu ex-amante. “Não posso dizer que fiquei chocada, não fiquei!” Ela descartou a tragédia da mesma forma que fizera com a overdose de Nancy Gurley no ano anterior. Ela ainda conseguiu enxergar o lado positivo da situação. “Isso acaba diminuindo minhas chances”, insistiu. “Dois astros do rock não podem morrer no mesmo ano.”

Logo após a morte de Hendrix, Janis saiu para tomar um drinque com seu antigo companheiro de ringue, Jim Morrison. O vocalista do Doors – mortalmente pálido, inchado e cambaleante – disse a Janis que seus dias de rock estavam acabados, e que estava se mudando para Paris, para escrever poesias. Tentando se manter sóbrio, ele bebeu vinho. Ela tomou vodca com leite para acalmar o estômago. As lendas do rock se separaram com um abraço, para nunca mais se encontrarem.

* * *

Ao contrário de Morrison, Janis tinha todas as razões do mundo para ser otimista em relação ao seu futuro. Ela tinha uma nova e fantástica banda, um novo grande produtor, um contrato milionário e, mais importante, um novo e maravilhoso homem em sua vida, com o qual queria se casar.

Seth Morgan vinha de uma abastada família nova-iorquina e herdeiro de uma fortuna no ramo de sabonetes. Seu pai, Frederick, poeta e fundador do jornal de literatura *Hudson Review*, incluía o garoto nos jantares que oferecia, os quais contavam com personalidades como Dylan Thomas e e. e. cummings. Garoto brilhante e indisciplinado, Seth foi expulso de uma série de escolas preparatórias de elite e mudou-se para a Costa Oeste para frequentar Berkeley. Idêntico a uma das antigas paixões de Janis, Joe Namath, Seth tinha uma beleza irregular e, de acordo com sua irmã mais nova, Laura, era “um demônio de fala macia”. Mais ainda. “Ele tinha seu próprio dinheiro”, proclamava a frugal Janis, envergonhada de sua própria origem miserável nos confins do Texas. Para complementar a renda de sua pensão de 30 mil dólares ao ano, Morgan cobria suas despesas vendendo cocaína.

Pearl conheceu o calouro traficante naquele verão de 1970, quando ele passou em sua casa, em Larkspur, para cobrar 400 dólares de uma encomenda de cocaína comprada por Peggy. Embora Seth tenha ameaçado arrebentar sua colega, Janis encarou as ameaças como coisa de traficante. Além disso, ela sempre tivera uma queda por foras da lei e dizia que ele “tinha uma aparência boa o suficiente para ser comido”.

Dois dias depois de se conhecerem, Janis e Seth ficaram noivos. Enquanto ela trabalhava no álbum *Pearl*, em Los Angeles, ele vinha de San Francisco nos fins de semana para vê-la, indo às sessões de gravação e hospedando-se com ela no Landmark. A maioria dos amigos de Janis considerava Morgan um “filho da puta safado”.

Logo após o noivado, ela confidenciou a seu tecladista, Richard Bell: “Em teoria nós vamos nos casar, mas não sei. Ele tem todos

esses problemas emocionais e, bem, simplesmente não está rolando". Ela pedira a Seth que fosse seu "apoio" e que a ajudasse a largar a heroína, mas ele rira da sua cara e dissera que ela era responsável pelas merdas que fazia.

Recentemente, o casal tivera uma briga em público. Seth vira uma camisa na vitrine de uma loja na Sunset Strip e sugeriu que sua noiva a comprasse para ele. Janis, sempre frugal, dissera-lhe que ele mesmo deveria comprá-la. Seth a xingara de "vadia mão de vaca". Janis o chamara de "parasita filho da puta". Seth voltou irritado para San Francisco.

Como se previsse o que estava por vir, Janis achou que nunca mais veria seu noivo.

* * *

Eram cerca de sete horas da noite quando o telefone de John Cooke tocou no Landmark. Ele estava um pouco atrasado naquela noite e caminhava para a porta, mas pensou que pudesse ser o estúdio querendo saber onde ele estava. Não era do estúdio, era Seth. O traficante disse que estava no aeroporto de San Francisco, esperando para embarcar para Los Angeles.

"Onde está a merda da Janis?", exigiu saber o filho pródigo de Frederick Morgan. "No estúdio", respondeu o filho prodígio de Alistair Cooke, intelectual britânico e apresentador do *Masterpiece Theater*.

Na noite anterior, tomando drinques no Beanery, Janis dissera a todos para serem pontuais – às seis em ponto. Ela estava ansiosa para finalizar o álbum.

“Acabei de ligar para a merda do estúdio”, retrucou Morgan. “Eles me mandaram ligar para você. Estou tentando falar com ela o dia todo!”

Cooke sabia que Janis passara o dia anterior ligando para Seth do estúdio, sem conseguir falar com *ele*. Seth não a vira mais desde a briga da camisa. Ele havia prometido estar em Los Angeles naquele dia, mas lhe dera o cano. Assim, Seth havia sacaneado Janis não atendendo ao telefone durante todo o dia anterior, e ela aparentemente estava retornando o favor hoje.

“Vou dar uma olhada no quarto dela”, ofereceu-se Cooke, com a voz cansada.

“Mande alguém me buscar em Burbank”, ordenou Morgan. “Em uma hora!”

Cooke desligou. Ele estava com Janis há mais tempo que qualquer um, e estava ficando cansado desse trabalho, especialmente do papel de babá e de ter de lidar com os namorados. Após o assassinato de Robert Kennedy, Cook passou a considerar uma carreira na política, com o intuito de fazer a diferença – mas Janis implorou que ficasse. Ela sempre o chamava carinhosamente de “o nazista da estrada”.

Ele subiu até o quarto 105. Depois de bater várias vezes na porta, deu uma olhada no estacionamento e constatou que o Porsche de Janis ainda estava lá. Ok, tudo bem, talvez ela esteja dormindo ou tomando banho, pensou. Ou talvez tenha arrumado outro noivo na noite passada, depois de sair do Beanery, e estava ocupada com ele no quarto até agora. Não seria a primeira vez. Ou, pior, talvez ela tivesse saído a pé para comprar a camisa de Seth, como uma maneira de fazer as pazes.

Cooke desceu, pegou a chave-mestra com o gerente, voltou a subir e, depois que ninguém veio atendê-lo, abriu a porta do quarto.

Após espiar o banheiro vazio, ele se voltou para a cama e se pegou olhando para o que parecia ser um pedaço de gaze ensanguentada no chão, o que lhe deu uma descarga de adrenalina. De repente, congelou sem sair do lugar, os olhos sobre uma perna azul que se projetava do espaço entre a cama e a cadeira que havia ao lado da cabeceira.

Circulando a cadeira, Cooke encontrou Janis Joplin de calcinha, presa entre a cama e a mesa de cabeceira. O cabelo da Rainha do Blues estava desgrenhado, emoldurando sua face lívida. Seu nariz estava quebrado. Em sua boca, um filete de sangue seco. E uma mão rígida apertava firmemente quatro notas de um dólar.

O corpo já entrara em *rigor mortis* havia 18 horas.

* * *

Janis saiu do Barney´s Beanery cerca de uma da manhã. Havia tomado diversos *screwdrivers* e ingerido dois Valiums, mas isso não a fez esquecer que Seth prometera passar aquela noite com ela. Que tinha lhe dado o cano – ele e Peggy também. Na realidade, eles tinham um *ménage* de noivado planejado no Land Mine.

Outra Fraude da Noite de Sábado!

No caminho de volta para o hotel, agora em seu Porsche colorido, ela amaldiçoava Seth. Imaginava se o veria novamente. Outro noivo perdido. Tudo por causa de uma merda de camisa!

Ou talvez fosse o acordo pré-nupcial. Janis mencionara-o para Seth, mas ele parecera não se importar. Então, ela pedira a seu

advogado para que redigisse o contrato no dia anterior. Ela dissera ao noivo pelo telefone que o documento estaria pronto para ser assinado quando ele voltasse a Los Angeles. E, já que estava tratando desse tipo de coisa, ela aproveitou e fez também um novo testamento. Ainda não havia avisado a Seth que o tinha deixado de fora, mas ele tinha seu próprio dinheiro, certo? Então, por que se importaria?

Ela entrou derrapando no estacionamento do Landmark, cambaleou para fora de seu carro e fez o caminho até seu quarto. Tateou na gaveta da penteadeira e puxou um saco de papel marrom que seu "fornecedor", George, havia deixado horas antes, garantindo se tratar de "merda de primeira". O traficante não mencionou que seu "testador" estava fora da cidade nesse fim de semana e que, por isso, não sabia exatamente o quão de primeira era a referida merda, mas seus clientes nunca se desapontavam com ele.

Janis puxou seu kit de pico e desabou sobre a cadeira ao lado da cama. Abrindo o saco, retirou um pouco do pó com a colher e colocou-o em uma tampa de Pepsi, cozinhando-o sobre a chama de seu Bic. "Vai se foder, Seth", repetia para si mesma. Colocou a mistura quente em um êmbolo com uma agulha número 25. Fez um torniquete no braço com seu cinto roxo e apertou-o, puxando uma das pontas com os dentes cerrados e a agulha na posição. Então, ela injetou a droga.

Sua mão afrouxou e a agulha caiu no chão. Seus olhos flutuavam sob suas pálpebras conforme ela inspirava. Foi então que sua cabeça caiu sobre o peito; a boca entreaberta, com saliva acumulada nos cantos. Ela estava jogada na cadeira como uma

boneca de pano. Com uma convulsão, seus olhos se abriram. Ela deu uma olhada no quarto por entre as pálpebras pesadas, sua cabeça se movia em câmera lenta. De repente, jogou-se para a frente, vomitou no lixo e limpou o canto da boca com as costas da mão.

Sentou-se por um ou dois minutos como que em animação suspensa. Tateou a mesa de cabeceira procurando por cigarros, amassou o maço vazio e o deixou cair no chão. Apoiando-se nas laterais da cadeira, ela tentou se levantar, mas cambaleou e caiu sentada novamente. Finalmente, quando conseguiu ficar em pé, Janis tomou a direção da porta.

Ela encontrou o caminho pelo corredor mal iluminado, com arandelas amarelo-enxofre e um sinal de saída em vermelho. Seguiu cantarolando *Happy Trails* para si mesma enquanto caminhava como se estivesse em um sonho. Era a mesma canção que havia cantado na noite anterior com a banda no Beanery, juntamente com um “Parabéns a Você” em homenagem a John Lennon. Ela já havia se esquecido completamente de Seth. Havia esquecido de Peggy. E havia esquecido de *Pearl*. Ela sorriu para si mesma.

Entrando no lobby abandonado do Landmark, Janis dirigiu-se até a mesa de atendimento. O recepcionista da noite, George Sandoz, estava sentado atrás do balcão, lendo o jornal do dia anterior.

“Ei, bicho”, disse lentamente, “tem troco pra cinco? Preciso de uns cigarros.”

Ela jogou uma nota de cinco amarrotada sobre o balcão. Sandoz bateu na registradora, passou-lhe quatro notas de um e algumas moedas de 25 centavos para a máquina. O Land Mine era um

reduto de roqueiros, de forma que Sandoz não prestava muita atenção em quem era quem ou na coordenação motora dos hóspedes, especialmente àquela hora da noite.

Ela se dirigiu à máquina de cigarros, colocou duas moedas, puxou um maço de Marlboro e vinte centavos de troco. Acendendo o cigarro, serpenteou até o balcão e jogou um pouco de conversa fora com Sandoz. Divagou sobre seu disco, seu noivo, isso e aquilo. Finalmente, deu boa-noite para o recepcionista e voltou para seu quarto, ainda cantarolando *Happy Trails*.

Ao entrar no quarto, ela cambaleou e bateu contra a parede. Afastando-se, caminhou até o lado da cama, jogou seus cigarros e começou a se despir.

Acometida por uma vertigem súbita, sua perna cedeu e ela caiu, batendo o nariz e o lábio na borda da mesa de cabeceira. Enquanto o sangue jorrava de sua face, seu corpo se contorceu com espasmos no chão por um instante, e subitamente ficou imóvel.

Ainda firmes em sua mão estavam as quatro notas de dólar.

Post mortem

John Cooke telefonou para o empresário de Janis, Albert Grossman, bem como para seu advogado. O advogado e seu cunhado, um médico, logo chegaram ao quarto 105 do Landmark. Quando a polícia de Los Angeles e a equipe de legistas entraram, não encontraram nenhum vestígio de droga ou dos apetrechos que estavam com ela no quarto.

A morte de Janis Joplin foi pronunciada às 21h10. Caso estivesse viva, estaria no estúdio gravando a última música de *Pearl: Buried Alive in the Blues* [9].

Na manhã do dia seguinte, 5 de outubro, as drogas e os objetos de pico se materializaram novamente no quarto. O legista-chefe, dr. Thomas T. Noguchi [10], investigando a possibilidade de assassinato, encontrou tudo na penteadeira, na cama e no chão. Testando o pó, descobriu ser heroína com índice de 50% de pureza, ou pelo menos cinco vezes mais potente do que a média das variedades encontradas nas ruas. Naquele mesmo fim de semana, outras dez pessoas tiveram overdoses fatais em Los Angeles ao consumir a droga daquele mesmo lote. Excluindo assassinato e suicídio, Noguchi decretou a causa da morte como “overdose acidental de heroína [11]”.

Janis foi cremada. Um funeral particular para a família Joplin foi realizado em 7 de outubro de 1970, no Westwood Village Mortuary. Quando os Joplin retornaram a Port Arthur, foram atormentados por telefonemas ressentidos dos moradores.

De acordo com o novo testamento de Janis, formulado dias antes de sua morte, metade de seus bens foi deixada para seus pais e a outra metade para seus irmãos, Michael e Laura.

O testamento de Janis reservou 2.500 dólares para o velório. O convite dizia “Drinques por conta da Pearl”. A festa foi realizada no clube noturno Lion’s Share em San Anselmo. Seu ex-amante, James Gurley, recordou: “Todo mundo ficou o mais bêbado e chapado que conseguiu”.

Seth Morgan chegou ao Aeroporto Burbank mais ou menos na mesma hora em que a polícia chegava ao Landmark. Depois de ouvir as notícias, foi para um bar com a amiga de Janis, Peggy Caserta, e tentou seduzi-la sem sucesso. No dia seguinte, ele se vingou do traficante de Janis roubando-lhe mil dólares em uma transação de coca.

Mais tarde, Morgan se tornaria proprietário de cinema pornô, depois vendedor ambulante em uma espelunca de *striptease* e, ainda mais tarde, cafetão. Foi condenado por assalto à mão armada em 1977, cumpriu pena de 30 meses em Vacaville e, enquanto estava lá, escreveu um romance chamado *Homeboy*, sobre o submundo do crime e do sexo sadomasoquista de Los Angeles.

Janis um dia sonhara em morrer com seu noivo em uma motocicleta, contando a ele numa manhã sobre “a breve e feliz vida de Janis Joplin acabando em uma batida de moto!”. Vinte anos depois de sua morte, em outubro, Morgan jogou sua Harley-Davidson contra o pilar de uma ponte, matando instantaneamente a si e à sua namorada, Diane Levine. Segundos antes do impacto, ela foi vista batendo em suas costas, gritando em desespero. A

autópsia revelou que ele estava bêbado e que seus braços tatuados apresentavam marcas recentes de agulha.

* * *

Janis uma vez disse: “As pessoas [...] gostam que seus cantores de blues tenham uma vida miserável. Gostam que eles morram no final”. Talvez ela tenha sido uma mártir de sua profissão. Mas, de uma forma mais profunda, tendo um apetite insa-ciável pela vida e por todas as suas alegrias e tristezas, ela viveu mais em seus breves e tempestuosos 27 anos do que muitos o fizeram, independentemente da longevidade.

Janis nunca traiu o voto que fez a si mesma no começo, antes de embarcar em sua lendária carreira. Apesar de “toda essa coisa de sucesso”, como dizia, ela permaneceu fiel a si, nunca perdendo de vista “a pessoa que era por dentro”, nunca deixando de “ser íntegra comigo mesma [...] ser real”. Ou, como disse aos outros de forma ainda mais sucinta, “não abra mão de si mesmo. É a única coisa que você tem”.

Apesar de toda a dor, de todas as pressões e tentações, Janis nunca comprometeu seus ideais. Sua determinação, integridade e franqueza permitiram-lhe “sentir tanto quanto é possível, é isso que a palavra ‘alma’ significa”. Poucos artistas, antes ou depois, se embrenharam tão fundo em seus sentimentos e em suas almas para transformá-los em música sublime. Sua música tinha tal poder e amplitude que nem mesmo seus companheiros de profissão puderam defini-la. Só puderam prestar-lhe tributos.

Alguns anos depois de sua morte, seu amigo Jerry Garcia escreveu *Birdsong* para ela. “All I know is something like a bird within her sang”, dizia. “All I know, she sang a little while and then flew on. Tell me all that you know, I’ll show you snow and rain.”

Janis Joplin – 1970.
(Foto: Michael Ochs Archives/Getty Images)

Janis durante uma apresentação – 1970.
(Foto: Tom Copi/Michael Ochs Archives/Getty Images)

Interlúdio: Chapados

Let me tell you about heartache and the loss of God
Wandering, wandering in hopeless night
Out here in the perimeter there are no stars
Out here we is stoned – Immaculate.
– Jim Morrison, *Stoned Immaculate*

"Everybody must get stoned!", cantou Dylan em 1966.

Os tempos estavam mudando e todo mundo realmente estava ficando chapado, principalmente as estrelas. A década de 1960 foi a década da liberdade, e a trilha sonora da revolução era o *rock'n'roll*. Dylan, que foi a voz de sua geração, começou com canções sobre liberdade social – músicas de "protesto" –, mas logo passou a cantar a liberdade individual. A libertação da mente. A transição se refletiu em sua troca de instrumento, do acústico para o elétrico, em Newport. E também se refletia em sua mensagem de que todo-mundo-tem-que-ficar-chapado. As drogas eram o elixir para a liberdade pessoal e criativa.

A liberdade é uma escada evolucionária de quatro degraus: político, cultural, criativo, existencial. Os primeiros dois degraus são liberdades sociais ou externas; os dois últimos, liberdades individuais e internas. A década de 1960 foi de uma luta sem precedentes para que houvesse liberdade em todas as frentes. Apesar de a música folk e o rock, no início, terem promovido os movimentos antibelicistas, os direitos civis, a liberdade de expressão

e o amor livre, perto do final passaram a tratar mais da libertação da consciência e da alma daquela conformidade opressora do pós-guerra da década de 1950

Em parte, isso foi resultado de tragédias e desilusões políticas ocorridas naqueles dez anos: os assassinatos de grandes libertadores – John Kennedy, Robert Kennedy e Martin Luther King –, Kent State, Chicago, Mi-Lai. Se a violência, a opressão e a corrupção pareciam impossíveis de ser extirpadas, se a mudança social real era inatingível, pelo menos havia como libertar a mente, e talvez esse fosse um pré-requisito para que ocorresse uma mudança coletiva.

Protestos públicos pela paz deram lugar a formas individuais de contestação. A reunião de pessoas em torno de uma única causa transformou-se no "faça seu próprio protesto" dos hippies. Onde antes se ouvia o clamor "tomem as ruas", agora se escuta o "se ligue, sintonize-se, caia fora" de Timothy Leary. O mantra aparentemente inócuo teve impacto sísmico sobre as crianças dos anos 1960 e sobre seus ídolos do rock.

O historiador das drogas Stuart Walton [1] observou: "A introdução repentina de um poderoso agente de descondicionamento como o LSD teve o efeito de criar uma deserção em massa dos valores da sociedade, especialmente daqueles firmados em uma hierarquia baseada no senso comum, acostumada a suprimir a consciência e a percepção".

Embora extremamente prósperos, os anos 1950 foram uma década de conformidade digna de George Orwell. Todos pareciam personagens saídos de uma pintura de Norman Rockwell, um espaço vazio por trás de sorrisos enlatados e caras lavadas. A

proclamação da emancipação dos escravos fora assinada havia muito tempo e as pessoas não eram mais vendidas, eram apenas alugadas ou emprestadas. Você tinha seu marceneiro feliz, seu policial feliz, sua professora feliz – todos escravos durante 40 horas por semana com direito a fins de semana, férias e pacotes de aposentadoria. Os norte-americanos se consideravam os líderes do mundo "livre", mas não passavam de robôs à disposição das expectativas sociais; suas percepções e experiências pessoais restritas ao que era ou não permitido. Viviam a vida tendo Bing Crosby, *Leave it to Beaver* e *Bonanza* como companhia.

O LSD, Timothy Leary e os Beatles caíram sobre esse mundo agonizante como a bomba atômica sobre Nagasaki. "A maior conspiração já organizada contra a humanidade – maior por ser imensamente ambiciosa em seu alcance", continuou Walton, "é o esforço empregado para fechar completamente o acesso a estados alternativos da mente."

O fascismo da consciência dominou os vitorianos e atingiu seu auge com a Lei Seca. Mas é claro que o *Homo sapiens* vem consumindo drogas psicoativas desde sua aurora. As proibições por parte do direito religioso e de outros ativistas do patrulhamento ideológico da sociedade foram abençoadamente curtas. "A onipresença do uso de drogas é tão acachapante que deve representar um apetite humano básico", observou Andrew Weil em *Drogas e estados superiores da consciência*.

"Se você conseguir encher um quarto com gente bêbada e chapada com o objetivo de acordar e raciocinar de verdade, então estará fazendo algo que presta", disse Jim Morrison.

Os heróis de Morrison, poetas românticos e simbolistas do século 19, também eram experimentalistas. Inspirado por Blake, Coleridge e outros, Aldous Huxley escreveu *As portas da percepção* (1954), contando suas experiências com mescalina. Huxley, por sua vez, inspirou Timothy Leary a escrever *The psychedelic experience* (1964), baseado no antigo *Livro tibetano dos mortos*. Quando esses trabalhos foram publicados, os *beatniks* e os autores desse movimento – Allen Ginsberg, Jack Kerouac, William S. Burroughs Jr. e outros – já estavam estudando as religiões orientais e fazendo experimentos com agentes psicodélicos por conta própria. Então Ken Kesey e seus Merry Pranksters embarcaram no ônibus mágico.

Ironicamente, foi o *establishment,* personificado pelos militares, que ministrou o ácido no primeiro astronauta de carteirinha do rock: Jim Morrison. Quando frequentava a Universidade da Califórnia, o filho do almirante da Marinha se inscreveu em um programa de drogas experimentais financiado pela CIA no Centro de Neuropsiquiatria [2] da UCLA. Lá, cheio de eletrodos e supervisionados por técnicos, Jim ingeriu LSD clínico puro (legal até 1966). Para poder servir de cobaia com mais frequência, ele utilizou o codinome de Friedrich Nietzsche. Posteriormente, viajou de carona até o México para tomar peiote com os índios. Voltou ensanguentado e machucado, não tendo encontrado nenhum xamã [3], só uma gangue de mexicanos bêbados que não gostavam de hippies gringos. Depois de se formar na UCLA, Morrison se mudou para um sótão e ali tomava ácido todos os dias, compondo os primeiros poemas que logo se tornariam as letras do Doors.

"Have you ever been experienced? [...] Not necessarily stoned, but beautiful", cantou Hendrix em seu álbum de estreia com o

Experience. Jimi tinha visto muitas coisas lindas. “Era ácido, ácido, ácido. Estamos constantemente viajando”, lembrou Noel Redding. “[...] Se eu tomava dois, Jimi tomava quatro.” Um membro da banda Buffalo Springfield lembrou-se de que o guitarrista “tomava ácido como se fosse aspirina [...] o suficiente para matar um cavalo”.

O parceiro ocasional de viagem do guitarrista era John Lennon. Em 1968, quando foi informado de que os policiais da Divisão de Narcóticos estavam a caminho para um flagrante, o Beatle febrilmente colocou em andamento uma operação para limpar seu apartamento em Londres, xingando: “O maldito *Jimi Hendrix* morava aqui. Só Deus sabe que *merda* está espalhada *nestes* tapetes!”. Segundo suas próprias estimativas, Lennon teve mais de mil viagens de ácido. George Harrison, seu companheiro de banda, observou: “O fato de nós (os ex-Beatles) ainda termos neurônios e algum senso de humor é bastante impressionante”.

Jerry Garcia chamou sua vida de “uma viagem longa e estranha”. O “Capitão Trips” – bem como Hendrix, Morrison, Lennon e Cobain – começou como maconheiro e evangelista do ácido. Se a maconha pode ser considerada um zumbido acústico, o ácido é um zumbido elétrico, com amplificadores Marshall. “A psicodelia provavelmente foi a experiência isolada mais significativa de minha vida”, disse Jerry. Ele e o Grateful Dead sempre tomavam ácido antes de cada show nos anos 1960. O LSD era um elemento de comunhão para a banda, porque a finalidade do grupo era “ficar chapado” e “perder a identidade”, explicou. “E perder a identidade é ver todo o resto. E ver todo o resto é se tornar uma molécula de compreensão na evolução, uma ferramenta consciente do universo.”

Todos pareciam estar vendo coisas lindas nos anos 1960, até mesmo os Beach Boys. “You’ll never listen to surf music again!”, Jimi cantou antes de atingir o clímax com seu *feedback* de entortar as ideias. Naquela época, o Sr. Surfin’ usa, Brian Wilson, estava viajando diariamente em uma caixa de areia de oito toneladas que construíra sob seu piano em sua mansão em Malibu. O Beach Boy abriu um *freak shop*, The Radiant Radish, e seria diagnosticado com discinesia tardia, uma condição debilitante do sistema nervoso resultante da saturação por ácido.

Até Cary Grant gostava de viajar. Depois de ingerir LSD 60 vezes sob a supervisão de seu médico, o astro de *Intriga Internacional* declarou: “Eu renasci”. Intrigado, o próprio Rei do Rock pegou um exemplar de *The psychedelic experience*. Ainda mais fascinado, o sempre curioso, porém cuidadoso, Elvis fez seus dois guarda-costas mais durões, Red e Sonny West [4], servirem de cobaias tomando *White Lightning* [Relâmpago Branco]. Quando ambos sobreviveram sem precisar de camisas de força, o Rei tomou com sua esposa, Priscilla, e seus dois outros amigos famosos, Lamar Fike e Jerry Schilling. Os quatro gargalharam por horas na Sala da Selva e no Jardim da Meditação, em Graceland, e, em seguida, comeram pizza e assistiram a *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells, no projetor. Depois disso, Lamar perambulou pelo jardim da frente e agarrou uma árvore de bordo, dizendo “Eu te amo”.

Mas nem todo mundo se divertia. Depois de tomar umas gotas, Sonny West foi ao banheiro e, no espelho, viu “o lobisomem mais feio da minha vida [...] [Então] voltei correndo para o quarto e senti as paredes se fechando sobre mim”. Saindo em busca de ar fresco, ele começou a tocar em um caminho de hera. “Minha própria pele

subitamente ficou transparente e pude ver minhas veias, músculos, tendões. Estava tudo verde, como a hera.” “Todos viemos de Deus”, murmurou para si mesmo. Apesar de tudo isso, a viagem terminou com a seguinte nota positiva: “Foi uma montanha-russa emocional e exaustiva, e que eu nunca me preocupei em repetir”.

Ácido também não era a praia de Janis. Em sua primeira e última viagem, ela disse a seu parceiro, depois de vomitar: “Estamos sob o microscópio, bicho, e aquele lá em cima é o olho injetado de Deus olhando pra gente aqui embaixo”. Ela não gostava nem de maconha, porque “me faz pensar demais”.

Embora o apetite de Hendrix pela psicodelia fosse lendário, ele não era imune a uma *bad trip* ocasional. Depois de comer um bolo de aniversário batizado com ácido em Nova York, ele cambaleou pelo tráfego da Park Avenue afora, gemendo: “Não consigo enxergar! Estou cego!”.

Até o Capitão Trips ficou abalado com sua viagem inaugural. Em vez de enxergar “a face de Deus e toda essa merda de coisas boas”, como seu letrista, Robert Hunter, dissera que aconteceria, Garcia mergulhou em um de seus piores pesadelos até Hunter acalmá-lo com trechos do *Livro tibetano dos mortos*.

Lennon também não estava muito preparado para sua primeira experiência com ácido. O dentista dos Beatles administrou a droga nele, em George e em suas esposas, Cynthia e Patti, em um clube noturno. Depois de escapar de um elevador carnívoro, “O Inteligente” e o “O Místico” fugiram para o carro de George e, a caminho da segurança de suas mansões, quase enlouqueceram na fantasmagoria das ruas de Londres. Apaixonado pela *Lucy in the Sky with Diamonds*, Lennon mais tarde insistiu para que Cynthia se

reunisse a ele em uma experiência de “estreitamento de laços”. Quando ela finalmente concordou, quase pulou pela janela. De forma bastante similar, quando Morrison convenceu sua esposa, Pamela, a entrar pelo buraco do coelho, a primeira visão dela foi “sangue! Estou vendo sangue por toda parte!”.

Os astros logo descobriram que o LSD podia ser uma faca de dois gumes: você toma para ir pro céu, mas pode facilmente acabar no inferno. E quando você chega lá, descobre que o inferno não é um lugar, mas uma sensação. Um horror inexplicável e inescapável.

Ainda assim, cinco dos Sete resolveram arriscar, no mínimo, por razões profissionais. O ácido colocava-os em sintonia com frequências sobrenaturais, estimulando sua criatividade. O usuário pode acordar na manhã seguinte e descobrir que sua obra-prima é, na verdade, um monte de besteiras, mas nem sempre é assim. A maior parte das pérolas do rock, desnecessário dizer, foi criada e executada sob a influência de alguma substância. Teriam *Voodoo Child*, *Light My Fire*, *Lucy in the Sky with Diamonds*, *St. Stephens*, *Downer* ou quaisquer outras músicas imortais desses astros, sido criadas em estados de sobriedade? Pouco provável.

Estaria Lennon tomando leite com biscoitos quando escreveu “Yellow matter custard, dripping from a dead dog’s eye. Crabalocker fishwife, pornographic priestess, I am the eggman [...] I am the walrus, goo goo g’joob”?

Ou Cobain: “Sickening pessimists. Despicable masses. Asseverated commumists. Apocalyptic bastards”?

Ou Hendrix: “Well, mountain lions found me there waitin’, And set me on an eagle’s back. He took me past to the outskirts of infinity”?

Garcia chamou o segundo álbum do Dead, *Anthem of the Sun*, de “uma viagem de ácido metafórica [...] especialmente preparada para acompanhar alucinações”.

Yoko Ono declarou: “Nós usávamos [drogas] para celebrar. Éramos artistas. Era lindo ficar chapado”.

Cobain disse: “Nunca usei drogas como uma fuga. Sempre usei drogas como forma de aprendizado”.

As canções dos astros inspiraram muitos civis a experimentar o travesseiro surrealista. Precisaria um ouvinte ser um iniciado para poder apreciar a música em sua totalidade? Não necessariamente, mas ajudava. Aqueles que não toparam experimentar esse tipo de substância eram capazes de ficar chapados só de ouvir os álbuns. Em um sentido real, os astros eram a droga de seus fãs.

* * *

Cada um dos Sete passou a maior parte da vida profissional chapado ou se recuperando de uma viagem. Se o consumo de substâncias psicodélicas podia ser libertador do ponto de vista criativo e espiritual, a maioria dos astros concordou que o uso de outros tipos de droga – anfetamina, bebidas alcoólicas e heroína em todas as suas variedades – podia ser apenas uma diversão comum. Ninguém negou o hedonismo puro e simples desse pensamento. A vida pode ser um saco. Por que não ficar chapado?

“Feelin’ good, feelin’ good. All the money in the world spent on feelin’ good”, diz a letra de um antigo blues, *Medley: Fool for a Cigarette/Feelin’ Good*. Mais sensíveis e depressivos do que os outros, os astros gastaram muitos milhões em coisas que os

fizessem se sentir bem. Dissiparam muitos outros milhões em desintoxicações, apreensões e problemas de saúde relacionados ao abuso de substâncias tóxicas. Ainda assim, a verdade politicamente incorreta permanece: se as drogas são tão terríveis, por que tantas pessoas as usam?

O problema é simples: em um primeiro momento, as drogas tendem a dar mais do que tiram; mas, com o consumo excessivo, passam a tirar mais do que dão. Muitas vezes o custo torna-se excessivamente alto para uma lua de mel que foi curta demais. Esse não é um problema intrínseco à droga em si, mas ao usuário. O usuário desmedido, o insaciável, a personalidade com tendência ao vício. A pessoa, muitas vezes um artista, que acha que nunca chapa o suficiente, por mais chapada que fique. A pessoa que constantemente cruza a linha entre ficar doidão e se acabar, intoxicado, destruído, arruinado, em estado de perda total.

Os Sete agiram como pavio em ambos os extremos: curtiam e chapavam quase o tempo todo, e a combinação ajudou a matar a maioria. Mas, para eles, a vida careta era vida leve, vida acústica – ou seja, vida nenhuma. E rock sem drogas era rock acústico – ou seja, não era rock.

O uso de drogas entre as estrelas progrediu seguindo o clássico caminho das três etapas sobrepostas. Primeiro, vieram os sensibilizadores: maconha, ácido, cogumelos. Em seguida, vieram os energizantes: metanfetaminas e coca. Finalmente, vieram os desenergizantes/dessensibilizadores: álcool e heroína. Os dois últimos estágios são os mais danosos, tanto para quem está metido na encrenca quanto para todo mundo ao seu redor.

O ingrediente fundamental do rock é energia. Assim, não é de surpreender que os astros tomem suplementos para elevar a sua já extraordinária energia natural. A anfetamina foi o esteroide do rock. “Se o ácido escreveu as letras, a anfetamina tocou a música”, observou Noel Redding. “Cocaína, Seconal, Quaalude e heroína se tornaram parte do cenário”, acrescentou.

Depois de aceitar o desafio da Pepsi na década de 1970, os astros foram unânimes: a Coca original era a vencedora. A coca era a metanfetamina de luxo: não só fornecia os quilowatts de energia, mas também uma eufórica sensação de invulnerabilidade. Morrison dizia que seu paraíso ideal era uma ilha deserta com uma montanha de coca. Janis tomou o suficiente para superar seu problema de peso e se tornou um esqueleto de 40 quilos. Lennon emagreceu até chegar a 61 quilos tomando “a caspa do diabo”, como a chamava, e ainda ganhou um desvio no septo de brinde. Elvis, que vivia em dieta, enfiava bolas de algodão encharcadas de cocaína em suas narinas e sofria de “sangramentos nasais que duravam uma eternidade”, de acordo com Lamar Fike. “Tomamos tantas porcarias para acelerar”, continuou, “que nossos dentes batiam mais que a ala de percussão de Xavier Cugat [...] Eu deveria estar morto, mesmo.”

Garcia também foi pego pela caspa do diabo. Embora seu próprio regime à base do produto colombiano tenha feito pouco para reduzir sua massa corporal, ajudou-o muito a realizar 2.314 apresentações do Dead ao longo de três décadas. Seu amigo, o rei Merry Prankster do ácido, Ken Kesey, chamava a cocaína de “droga nazista”, uma vez que Hitler a desenvolveu para uso em suas tropas. Sua esposa, Carolyn, disse: “Se teve uma coisa que arruinou nossa vida, essa coisa foi a coca”.

“A ironia era inegável”, escreveu Phil Lesh [5], do Grateful Dead, que também desertou do ácido para a coca. “As drogas ajudaram a criar a mentalidade do grupo e fundir nossa música em conjunto, e agora as drogas estavam nos isolando uns dos outros e de nossos próprios sentimentos, e começaram a nos matar.”

“Drivin’ that train, high on cocaine, Casey Jones you better watch your speed!”, cantou Jerry. Ao descobrir que a cocaína era uma locomotiva desenfreada, ele logo se voltou para a única coisa que poderia desacelerá-la: heroína. Sabendo do perigo de injetar a droga em sua versão “China White” como Janis fizera, ele fumava a versão “Persa” – heroína marrom. “É como se toda a sua vontade lhe fosse tirada”, ele disse a um repórter durante uma entrevista. Quando caiu em um coma quase fatal, em 1986, Jerry gastava 700 dólares por dia com seu vício em produtos provenientes do Oriente Médio. Embora tenha ressuscitado de forma milagrosa e gozado do que os fãs da banda consideram sua “Segunda Vinda”, ele retomou o vício e logo se juntou a Jimi, Jim, Janis, Elvis e tantos outros.

* * *

Sempre houve certo romantismo envolvendo derivados de papoula, especialmente entre os músicos. John Coltrane, Charlie Parker, Thelonius Monk, Miles Davis e muitos dos imortais do jazz foram viciados. “Se Deus fez alguma coisa melhor, guardou para Si”, disse Charles Mingus. De acordo com Frederick J. Spencer em seu livro *Jazz and death*, “o uso de heroína tornou-se quase um rito de passagem entre os músicos de jazz mais jovens [...] e uma das razões foi o exemplo de Charlie Parker. O fato de Parker – cujo

gênio se tornou referência para todo mundo no ramo do jazz – ter sido um viciado pesado em heroína reforçou a necessidade dos músicos de usar a droga". No rock, o triunvirato Lennon-Clapton-Richards tornou-se referência comparável.

Os roqueiros da geração X pagaram seu tributo a seus antecessores. "A tradição do músico chapado fazia parte do mito", admitiu Kurt Cobain. "Todo mundo, de Leadbelly a Iggy e a Sid Vicious – esses eram meus heróis." O Pai do Grunge também considerava "minha heroína", como a chamava, o único remédio para "a dor da azia e do enjoo na parte superior da linha estomacal", acrescentando: "Eu já me sinto um viciado, então não faz diferença me tornar um".

Outra viciada, Marianne Faithfull, escreveu: "As outras drogas foram consumidas na busca por sensações. A heroína era o fim de toda sensação. O que ela tem de tão sedutor é a ausência absoluta de qualquer dor – física ou de qualquer outro tipo". Em outras palavras, a viagem proporcionada pela heroína era o mais próximo que se podia chegar da morte sem efetivamente estar morto.

Os Lennon mantinham a mesma dieta de gerenciamento da dor. John e Yoko possuíam "um lugar especial em seu coração para a heroína", escreveu Robert Rosen [6]. "[...] Nada matava melhor a dor deles." Nos anos 1970, o casal sustentava um vício de mil dólares por semana. Lennon desenvolvera o seu antes, o que ajudou a matar não só os Beatles como seu casamento com Cynthia. Ela se lembra da noite do lançamento do álbum *Sgt. Pepper's*: "Sua aparência [7] estava realmente terrível. Eu temia que ele pudesse se matar. John sempre tivera um potencial autodestrutivo e agora parecia empenhado em realizá-lo". O próprio Beatle admitiu: "A

sensação [8] de aconchego se foi [...] Na ocasião em que gravamos *Sgt. Pepper's,* era um sentimento desgastado [...] Eu estava chapado o tempo todo [...] de H [...] e não estava nem aí". Apenas alguns anos antes, o Fab Four [Quarteto Fantástico] estava gargalhando e fumando "um" nos banheiros do Palácio de Buckingham antes de receber seus prêmios MBE da rainha.

O ídolo de John, Elvis, também procurou refúgio nos analgésicos no final da década de 1960, mas, como cidadão-modelo que era, o Rei nunca se permitiu usar as drogas vendidas nas ruas. Em seus últimos 20 meses de vida, foram-lhe prescritos quase 12 mil comprimidos e injetáveis da Tabela 1 da Lei de Substâncias Controladas dos Estados Unidos: Dilaudid (morfina sintética), Demerol, Seconal, Tuinol, Placidyl e Valmid, para citar somente alguns. Seus "remédios", como ele os chamava, não se destinavam apenas ao tratamento de glaucoma, de torção intestinal, de hipertensão e muitas outras doenças. "Ele adorava aquelas merdas de pílulas", explicou Lamar.

Embora o Rei consultasse diversos "médicos" de costa a costa, seu apetite por Rexall era tão insaciável que algumas vezes seu estoque se evaporava e ele entrava em desespero. Certa vez, subindo em cima da mesa da piscina e abrindo furos de ventilação no telhado de Graceland com sua Beretta, o Rei gritou em fúria: "Se precisar, eu compro uma farmácia inteira!". Ele mandou seus asseclas concretizarem o negócio, mas seu sempre ponderado empresário, o Coronel, jogou um balde de água fria na ideia. Em outras épocas de necessidade, o Rei usaria o truque da "unha encravada": abria buracos em um pé até que uma infecção se

instalasse, e dizia a Lamar: “É melhor arrumar alguma coisa boa desta vez!”.

Embora Elvis tenha ameaçado caçar e matar todos os traficantes de Memphis, em 1974 ele acidentalmente atirou no seu próprio fornecedor, o dr. George Nichopoulos, também conhecido como “Nick Agulha”, depois de um show na Carolina do Norte. Quando o dr. Nick ameaçou cortar seu suprimento de quimioterapia, o Rei puxou sua arma e disparou para todo lado em sua suíte de hotel. Um tiro ricocheteou na TV e atingiu o peito de Nick. “Deus do Céu, filho!”, gritou seu pai, Vernon, “O que te deu pra fazer uma coisa dessas?”. O Rei retrucou: “Ah, pai, que saco. Grande coisa eu ter atirado no médico. Não foi nada. Ele não morreu”. Mas ele acabou dando a Nick uma Mercedes de ouro pelo inconveniente.

Logo começaram a circular rumores de que Elvis era um viciado. Numa tentativa de abafar os boatos antes que se espalhassem, ele cambaleou para o palco uma noite e anunciou: “Eu nunca saí da linha em minha vida – exceto na música!”. Em outra ocasião, em Vegas, ele informou a seus fãs que sua péssima aparência era resultado de uma gripe da qual estava se curando e que, caso encontrasse os responsáveis pelos rumores de seu vício, iria “arrancar suas malditas línguas PELA RAIZ!”.

Dois anos depois, o corpo de 150 quilos do Rei foi encontrado no chão de seu banheiro em Graceland. O legista identificou onze analgésicos poderosos em seu organismo.

Elvis foi um abstêmio em uma família de fundamentalistas do álcool [9]. Ele testemunhara a maldição da bebida: seus pais – propensos a brincadeiras com facas e armas de fogo quando calibrados – quase mataram a si próprios e a outros também. Sua

influenciável mãe, Gladys, chamava seu uísque de “meu remédio para os nervos”. Seu irmão adotivo, Rick Stanley, escreveu: “Elvis era uma criança grande, filho de uma alcoólatra. Como tal, tornou-se perito em padrões de evasão e desonestidade”. Embora evitasse a bebida na maior parte do tempo, desde cedo Elvis passou a depender de pílulas para dormir, de pílulas para acordar e de um punhado de outras pílulas para se manter entre os dois períodos. Como sua mãe, ele as chamava de suas “ajudantes” e as escolhia no *Physician’s Desk Reference*. “O pdr era como uma Bíblia”, disse Lamar. “Elvis lia-o como eu leio uma revista de mecânica.”

Muitos fãs do Rei ainda se perguntam por quê. “Ele simplesmente gostava de ficar doidão”, explicou Lamar. “Ele adorava! Também não era nenhum tipo de fuga. Caralho, não havia realidade nenhuma acontecendo naquele grupo, para começar, então como poderia ser um escape? Deus do Céu!”

* * *

Sempre que se discute o abuso de substâncias, a expressão “escapar da realidade” aparece. É claro que a frase sugere a pergunta: O que é “realidade”? Com as drogas psicodélicas, pode-se argumentar que a pessoa não está fugindo *da* realidade, mas *buscando* a realidade. Escapando das próprias decepções, dos sentidos atrofiados e das rotinas robóticas da vida diária.

Tom Rapp, do Pearls Before Swine, ofereceu outra perspectiva quando cantou “I don’t want to escape reality, I want reality to escape from me”.

Outra tirada sobre a questão está estampada em camisetas: a realidade é para pessoas que não conseguem lidar com as drogas.

De qualquer modo, Lamar tinha razão no tocante a Elvis e a outras estrelas: o mundo em que viviam estava bem longe do que o resto de nós chama de realidade. No final, todos queriam escapar da irrealidade da fama.

Em *Buried alive*, Myra Friedman escreveu que “Janis atribuía o uso de heroína ao medo que acompanhava sua fama crescente”. Janis dizia “viver” para suas apresentações, mas “eu transo com 25 mil pessoas e volto para casa. Sozinha”. A Rainha do Blues injetava heroína depois das apresentações como forma de “prolongar a sensação de estar no palco, anulando a inevitável depressão pós-show”, explicou sua biógrafa, Alice Echols.

Não muito tempo antes da overdose fatal, Janis disse a seu antigo amante, Kris Kristofferson, que estava pensando em se matar. “Bicho, você tem tudo a seu favor”, disse-lhe ele. “Um homem que ama, um produtor que você adora!”

“De que vale tudo isso?”, murmurou Janis.

Ela abriu seu coração aos prantos para a amiga Myra Friedman, falando sobre a dificuldade e o tormento de sua carreira. “Então largue tudo!”, Myra implorou. “Isso está te matando.”

Janis começou a chorar incontrolavelmente. “Mas eu não tenho mais nada!”

Assim, ela acabou com tudo tomando o único remédio que a fazia esquecer a profissão que não podia largar. “Tem muita gente usando drogas na cena do rock, e todos estão no corredor da morte”, disse Nick Gravenites, “o resto está no bico do corvo.”

Nesse sentido, a fama pode ser a mais insidiosa das drogas, uma vez que poucos conseguem largá-la. Eric Burdon observou: “Entreter milhares de pessoas é um narcótico incrível, e é fácil se viciar em aplausos. Você se sente como um deus quando sai do palco [...] Ficar sozinho por mais de uma ou duas horas se torna incômodo”.

Após a morte de Janis, houve um coro de resignação, exatamente como ela o fez quando ouviu falar da morte de Hendrix. Todos pareciam não enxergar os paralelos que poderiam ser traçados entre a vida deles. “Foi a melhor época possível para a morte dela”, disse o Jerry Garcia pré-heroína, ainda em seu período alucinógeno. Bob Weir, seu companheiro do Grateful Dead, acrescentou: “Não consigo ficar muito chateado por causa disso porque, como eu disse [...] ela fez jus à sua imagem”.

Linda Gravenites forneceu o epitáfio mais realista: “A coisa teria ficado feia para ela caso tivesse continuado”.

No entanto, o fato químico indiscutível é que Janis não morreu apenas por causa da heroína, mas por misturá-la com álcool. Cobain sabia que essa combinação era mortal. “Você simplesmente não mistura álcool e heroína de jeito nenhum, ou você morre”, disse ele. “[...] Todo mundo que eu conheço que teve uma overdose tinha bebido antes. E também era tarde da noite.”

Exatamente como Janis morreu tarde da noite, depois de misturar as duas substâncias, assim o fez Morrison nove meses depois. Dos Sete, Janis e Jim eram os únicos alcoólatras.

“Eu acho que penso demais, por isso bebo”, disse Janis, que admitia sem rodeios ser uma “pé de cana”. Perto do fim, o fabricante da bebida Southern Comfort pagou a ela 2,5 mil dólares em

honorários por seu ativismo não oficial como porta-voz e modelo do produto. “Dá pra imaginar ganhar dinheiro por apagar durante dois anos?”, riu Janis.

Em seu auge, Morrison estava secando três garrafas de scotch por dia. Certa vez, num bar em Honolulu, ele tomou 32 mai-tais. “Não sou um músico, sou um poeta, e sou irlandês”, disse a um repórter. “A droga da poesia irlandesa é a bebida. Prefiro álcool a drogas em qualquer situação.” Ele comparava sua bebida a jogos de dados. “Você sai pra encher a cara uma noite e não sabe onde vai acabar no dia seguinte. Pode dar tudo certo ou pode ser um desastre. É como jogar um dado.”

Tarde da noite do dia 3 de julho de 1971, a sorte de Jim nos dados acabou quando ele consumiu heroína em um bar em Paris. Até então, o astro fora como o herói da obra *À sombra do vulcão*, de Malcolm Lowry: “Um bêbado de proporções monumentais”, escreveu Ronald Siegel [10], “e ainda assim um homem que parecia nunca perder sequer uma migalha de sua quase sobrenatural consciência, mesmo quando estava caído de cara no chão de um pub ou de um restaurante”.

Como os médicos bem sabem, o álcool já causou mais mortes e prejuízos do que todas as outras drogas juntas, e, ainda assim, é a única substância de efeito tóxico distribuída de forma legal. Em excesso, o álcool acaba com o cérebro, o fígado, o coração, o trato gastrintestinal, o pâncreas e o sistema nervoso central. A heroína, por outro lado, mesmo quando consumida em excesso comparável, causa pouco dano orgânico, exceto pelas agulhas contaminadas, e os efeitos de sua abstinência são bem menos intensos e perigosos do que os do álcool.

Janis e Jim sabiam disso. Seus médicos haviam lhes dito que não tinham muito mais tempo de vida, mas nenhum dos dois conseguiu largar a bebida.

Janis passou por duas desintoxicações bem-sucedidas de heroína e considerava esse seu “maior feito”. Ela voltou ao vício em ambas as ocasiões, mas nunca foi capaz de suspender o álcool, mesmo que por pouco tempo.

O mesmo ocorreu com Morrison. Na verdade, ele não precisava parar com tudo, só diminuir a marcha. Bastante. Mas a moderação não era uma das características de seu temperamento, nem do de Janis, ou de nenhum dos outros cinco. Todos tinham vícios incontroláveis. Vícios que teriam matado pessoas comuns muito antes do que os matou, provando que eles eram, sem dúvida, fortes, mas não tão fortes quanto acreditavam.

Stuart Walton observou: “É como se o dom criativo apresentasse alguma qualidade essencialmente ambivalente capaz de disseminar talento exemplar, mas ao custo da incapacidade de viver de forma proporcional e com restrição. Em alguns, a necessidade de autoaniquilação leva a suicídios silenciosos e meticulosos. Em outros, é uma sequência contínua de colapsos, prisões e desintoxicações, levando por fim à infâmia derradeira, digna de Coleridge: a morte em um banheiro de hotel, entre o sangue, o vômito e a diarreia”.

Cinco dos Sete tiveram o segundo destino. A maioria das pessoas que os cercava – família, amigos, colegas de banda, empresários – assistiu a todo o processo e tentou, sem sucesso, lançar-lhes botes salva-vidas.

“Todo mundo tentou fazê-lo parar”, alegou o produtor de Morrison, Paul Rothchild. “Ele era irrefreável!” Ray Manzarek também tentou, mas finalmente desistiu, sem sucesso. “O que se podia dizer a ele?”, escreveu [11]. “Jim, não beba demais, você está se matando.” O máximo que o tecladista do Doors conseguiu do cantor foi uma confissão encabulada. “Eu sei que bebo muito, Ray. Estou tentando parar.”

“Janis, você está bebendo demais. Você está chapando demais”, Nick Gravenites disse a ela. Mas essa advertência também não foi ouvida.

“Tudo o que você faz, Kurt tem de fazer seis vezes mais”, disse seu amigo, David Haig. O baixista do Nirvana, Krist Novoselic, lembrou: “Ele estava na merda. Parecia uma assombração [...] Não dá pra mudar ninguém, passar sermão nem nada do gênero. O que eu ia fazer? Nada”.

Noel Redding escreveu sobre sua rivalidade com Hendrix: “Ficar chapado se tornara uma nova forma de competição: um jogo de roleta-russa. Só que, em vez de segurar uma arma contra a cabeça, a gente se gabava: ‘Aguento mais do que você’”. Jimi invariavelmente ganhava. Pelo menos, no curto prazo.

Quando o empresário de Garcia, Sat Khalsa, perguntou por que ele estava se matando com heroína, o guitarrista simplesmente respondeu: “Pra que viver?”. Preocupados, os integrantes do Dead finalmente realizaram uma intervenção em 1989, o que deixou Jerry furioso. “Essas coisas sempre me pareceram um linchamento”, argumentou. “Se um amigo quer vir à minha casa e se matar com drogas, tudo bem.”

Como em tudo mais, quando o assunto era seu próprio vício Elvis provou novamente ser o Rei. “Você está usando muito bagulho, cara”, Red West lhe disse. Elvis ignorou-o. Então Red tentou ser um pouco mais duro. “Seu filho da puta, se liga!” Seu chefe ignorou-o novamente. Assim, Red foi até um de seus fornecedores e lhe disse que quebraria suas pernas. Quando Elvis descobriu, disse a seu protetor para “ficar fora da minha vida pessoal. Eu vou fazer qualquer merda que me der vontade!”. Mas Red não queria vê-lo morrer – não podia simplesmente ficar parado. Então Elvis demitiu-o e contratou, para seu lugar, seu irmão de criação mais novo, David Stanley. Embora também fosse viciado, logo David disse a Elvis que iria confiscar seu estoque. O Rei colocou uma arma na cabeça dele e disse: “Não, não vai”.

* * *

“Só há duas escolhas a serem feitas, bicho”, disse Morrison a um amigo no início da carreira. “Cada um de nós fez a sua: eu estou do lado dos vivos; ela está do lado dos mortos.” Por “ela”, entenda-se sua esposa *de facto*, Pamela Courson. Pam era viciada havia anos. Mais tarde, ele se tornou ambivalente. “You favor life, he sides with death”, cantou em *Adolf Hitler*. “I straddle the fence and my balls hurt.”

Quando Jimi se mudou para Paris, a bebida já cobrara seu preço. Seu fígado estava destruído, sua úlcera estomacal estava perfurada e ele vomitava sangue com teor alcoólico de 40%. Dias antes de dar seu último suspiro com um pulmão em colapso, ele caiu do muro, e do lado onde estava Adolf Hitler.

“A papoula é a dona do mundo”, escreveu ele em seu diário, viajando em seu primeiro tiro de heroína, obtida com o ex-namorado de sua esposa, o conde Jean de Breteuil, o infame “traficante das estrelas” que, não muito antes, fornecera a Janis sua última dose.

Exatamente dois anos antes de Jim tomar sua última dose da droga, seu amigo, o Rolling Stone Brian Jones, afogou-se em sua piscina. Jim compôs o poema “Ode to l.a. While Thinking of Brian Jones, Deceased” em memória do amigo, que termina com:

I hope you went out smiling like a child
into the cool remnant of a dream.

Após tomar a dose final da Dama Branca, Morrison foi descoberto em sua banheira, sorrindo como uma criança, como se realmente tivesse entrado na lembrança refrescante de um sonho, unindo-se a Brian no fundo de sua piscina. “Ele estava com uma expressão tão serena”, diria mais tarde sua esposa viciada, Pamela.

Assim, no final, Morrison foi descansar nos braços de Morfeu, como o fizeram tantas outras estrelas. Mas por que razão teria ele demorado tanto a dar as caras por lá?

★

Melbourne
8 de dezembro de 1943

✞

Paris
3 de julho de 1971

3
Jim Morrison

O fim: prelúdio

> This is the end, my only friend...
> No safety or surprise, the end.
> – Jim Morrison, *The End*

"Não quero morrer de velhice ou overdose, ou simplesmente apagar dormindo", disse ele uma vez. "Eu quero sentir como é. Quero sentir o gosto, o som, o cheiro. A morte só vai acontecer uma vez. Não quero perder."

Ele jazia imóvel na banheira, os olhos fechados, a boca entreaberta. Sua jaqueta de combate do Exército dos Estados Unidos e suas valiosas botas de montaria francesas estavam espalhadas pelo chão. Um filete de sangue escorria de seu nariz, passando por seu peito inchado, tingindo a água de rosa. O único som audível era o gotejar cronometrado da torneira.

Paris ainda dormia. A alvorada de julho ainda demoraria uma hora para chegar, o tráfego ainda não começara na rue Beautrellis.

Ela tocou gentilmente o sangue em seu nariz e a espuma nos cantos de sua boca. "Jim?", suspirou. "Amor? Acorde, Jim. Estou

aqui.”

Ainda ontem ele estava com medo de ficar sozinho. Vagava pelas ruas de Paris com Alain Romay quando despencou em um banco, tossindo sangue. Implorou para que seu velho amigo não o abandonasse. Alain implorou para que ele parasse de beber ou “acabaria como o Oscar”. Ao visitarem juntos o cemitério Père Lachaise poucas semanas antes, Jim dissera a Alain que queria descansar ao lado de Chopin, Balzac, Molière, Oscar Wilde e todos os outros.

Sua esposa afastou seu cabelo de sua testa fria e, delicadamente, beijou-o novamente, as lágrimas rolando de seus olhos. “Estou aqui, Jimmy”, sussurrou ela. “Estou aqui, amor. Nunca vou te deixar.”

Pamela alcançou o espelho de mão, esticou outra carreira e cheirou. Seus olhos reviraram nas órbitas. De repente, ela viu a estrada sombria da qual ele lhe falara tantas vezes e na qual tudo começou.

Mente vazia

> Indians scattered on dawn's highway bleeding.
> Ghosts crowd the young child's fragile eggshell mind
> – Jim Morrison, *Dawn's Highway*

O garoto de 4 anos estava sentado no carro parado da família com a mãe e a avó, observando seu pai e o avô correrem na direção do caminhão virado em chamas e dos corpos espalhados sobre o asfalto trincado. Estava amanhecendo sobre o deserto do Novo México, nuvens de chuva em laranja e negro se amontoavam no horizonte a leste. Alguns corpos estavam imóveis e retorcidos; outros haviam se levantado e tentavam rastejar; uma música sobrenatural vinha deles. A mãe do garoto abraçou-o, tentando tapar seus olhos e ouvidos.

Quando seu pai correu de volta para o carro, a criança estava aos prantos. "É só um sonho, Jimmy!", disse seu pai.

"Foi o evento mais importante da minha vida [...] Foi quando descobri a morte", lembraria ele mais tarde. "As almas e os fantasmas daqueles índios mortos estavam correndo ao nosso redor, desesperados, e invadiram minha alma [1]."

Mais tarde, ele afirmou que fora possuído por uma das vítimas do acidente. Acreditava que o índio fosse um xamã e que lhe dera poderes sobrenaturais – o poder de visitar o mundo dos espíritos e retornar com visões de cura. Acreditava que tinha sido escolhido para um destino extraordinário.

Não fosse isso, James Douglas Morrison parecia, à primeira vista, um garoto comum, só um pouco solitário e tímido.

Seu pai, George, filho único do proprietário metodista de uma lavanderia na Geórgia, era um oficial naval de carreira. Dera a seu filho o nome do general Douglas MacArthur e esperava que ele seguisse seus passos. A mãe de Jimmy, Clara, era filha de um advogado do Wisconsin, ativista do Partido Comunista. Bonita, expansiva e graciosa, ela era a esposa perfeita para um militar.

O ambicioso capitão Morrison galgou rapidamente os postos no Exército. Logo depois que Jimmy nasceu, no meio da Segunda Guerra Mundial, seu pai partiu para pilotar caças Hellcat no Pacífico Sul. Quando o menino viu os agonizantes *pueblos* no deserto, seu pai comandava os sistemas de armas nucleares no Novo México. Quando Jim estava na adolescência, seu pai se tornou o almirante mais jovem na história da Marinha dos Estados Unidos.

Em virtude da carreira do comandante da família, os Morrison estavam sempre se mudando. Aos 4 anos de idade, Jimmy havia vivido em cinco lugares diferentes, de uma costa à outra. Como seu pai ficava ausente por longos períodos, sua mãe, Clara, tornou-se a responsável por sua educação. Jimmy ficava cada vez mais rebelde. Quando voltava para casa, de licença, seu pai, acostumado a ter milhares de homens obedecendo a seus comandos de imediato e sem qualquer questionamento, não tinha paciência com a insubordinação e respostas de seu filho mais velho, e não poupou esforços na tentativa de corrigi-lo.

Mas o empenho de seus pais parecia apenas torná-lo ainda mais incorrigível. Jovem articulado como Janis, ele logo desenvolveu uma boca bastante suja. E Jimmy era exibicionista e destemido. Certa

vez, amarrou seus irmãos na parte frontal de um trenó e lançou-os morro abaixo. As crianças teriam se chocado contra uma árvore caso seu pai não os tivesse interceptado.

Mudando de cidade e de escola o tempo todo, o filho do almirante nunca ficou íntimo de ninguém, mas fazia amigos com rapidez. Seus colegas de classe consideravam-no engraçado, ainda que algumas vezes fosse assustador, e elegeram-no representante de classe no seu quinto ano. Em sua foto escolar daquele ano, alinhado e radiante, enfiado em uma camiseta branca, ele se parecia com Jerry Mathers, o ator mirim que estrelava a série *Leave it to Beaver*.

No George Washington High, em Alexandria, Virgínia, Jim entrou para a lista dos graduados com louvor sem muito esforço. Seu qi era 149. Ele demonstrava sua inteligência chocando as pessoas. Adorava pregar peças nos professores que só ensinavam fatos, os quais desprezava. Sempre atrasado para a aula, dizia ter sido sequestrado por ciganos. Certa vez, cabulou aula dizendo que faria uma cirurgia para remoção de um tumor no cérebro. Mais tarde, o diretor ligou para sua mãe, ansioso para saber como fora a operação.

Jim já era um artista desde cedo. Gostava de cair e se fingir de morto, como John Lennon fazia quando criança. A imitação de um paraplégico se debatendo era outro de seus números favoritos, ato também apreciado pelo futuro Beatle. Mas, ao deparar com alguma bela garota, Jim incorporava o cavalheiro sulista: fazia uma reverência, recitava sonetos de Shakespeare, fazia outra reverência e se retirava.

Seu primeiro namoro firme no George Washington High, nos arredores da capital de seu país, foi com Tandy Martin. A bela e puritana morena nunca conhecera alguém como Jimmy Morrison. No começo, ela o achou inteligente, divertido e legal. Então, ele começou a fazer coisas estranhas. Um dia, os dois estavam voltando da escola para casa, caminhando por seu bairro de classe média-alta, repleto de congressistas, diplomatas e generais, quando Jim abriu o zíper e anunciou: “Ah, vou mijar naquele hidrante!”. Em outra oportunidade, jogou-se no chão de um trem municipal lotado, arrancou um dos sapatos dela e disse: “Tudo que eu quero fazer é beijar seu pé!”. Mas a ocasião em que Tandy ficou mais aterrorizada foi quando ele a desafiou a beijar a bunda de uma estátua de mármore que ficava do lado de fora da Corcoran Gallery, no Washington Mall. “Coragem, Tandy”, zombou ele, “coloque seu músculo orbicular pra funcionar. Beije o *gluteus maximus*!” A mãe de Tandy avisara a filha sobre Jimmy desde o começo. “Ele parecia sujo como um leproso”, dissera a ela.

O casal rompeu no último ano do colégio, depois de Tandy acusar Jim de “usar uma máscara” o tempo todo. Jim se acabou em lágrimas, dizendo que a amava de verdade. Então ele torceu o braço dela e ameaçou retalhar seu rosto com uma gilete, “para que ninguém mais olhe para você a não ser eu”.

Na Virgínia, Jim, como Janis também fizera no Texas, tornou-se o centro de uma panelinha que reunia a elite do colégio, como atletas, o editor do jornal e o representante de classe. Logo seu passatempo favorito deixou de ser a companhia de seus amigos e passou a ser a companhia de visionários e malucos. Enquanto o comandante Morrison estava ocupado no Pentágono, em Cabo

Canaveral ou no campo de golfe da Marinha, e Clara estava às voltas com as reuniões do clube de esposas dos oficiais, Jim estava enfiado em seu porão devorando Kerouac, Blake, Baudelaire, Rimbaud, Sade e Burroughs. Ele recitava trechos desses proscritos da literatura para seus colegas de classe e, em resposta aos olhares confusos que recebia, estourava de rir imitando o hee-hee-hee! de Dean Moriarty, personagem do livro *Pé na estrada*.

Aos 17 anos, os filósofos favoritos de Jim Morrison eram Arthur Schopenhauer e seu entusiasta, Friedrich Nietzsche. Schopenhauer, defensor do suicídio e dono de ideias que compartilhavam alguns elementos com o budismo, afirmou que o homem é guiado por seus desejos e, portanto, está predestinado à miséria e à desilusão, a não ser que cultive o intelecto com determinação. Nietzsche expandiu esse argumento, afirmando que “Deus está morto” e foi substituído pelo resoluto super-homem, que vem para suplantar a moralidade e se tornar a própria Lei. O conceito do super-homem se expandiu até se tornar a pedra angular da identidade adolescente de Morrison. O fato de esses filósofos, ambos maníacos depressivos e bissexuais, terem vivido seus pensamentos até um desenlace solipsista – Schopenhauer morreu alquebrado e sozinho com seus cachorros; Nietzsche, em uma gloriosa loucura sifilítica – transformou-os em mártires para o jovem rapaz.

Jim se formou no George Washington High [2] em 1961. Para horror de seus pais, não se deu ao trabalho de ir buscar seu diploma. Celebrando a própria formatura, George Morrison acabara de ser nomeado comandante do uss *Bonnie Dick*, o maior porta-aviões do mundo, com base em San Diego. O almirante e Clara se mudaram para a Califórnia com seus dois filhos mais novos. O filho

pródigo foi deixado na Flórida para viver com seus avós enquanto frequentava o preparatório da Universidade St. Petersburg.

“Ele detestava a conformidade”, lembrou-se a vovó Morrison, uma metodista devota. “Ele tentava nos chocar. Adorava fazer isso. Dizia coisas para que nos sentíssemos desconfortáveis.” Muitas vezes ameaçava trazer uma “negra” da faculdade para casa. Seu quarto era forrado de garrafas de vinho vazias. Ele se recusava a cortar os cabelos ou colocar suas roupas para lavar, além de ficar dias sem falar com os avós.

Jim passou a frequentar o The Contemporary Arts Coffehouse and Gallery, administrado pelo intelectual gay Tom Reece. Sua primeira apresentação ocorreu lá, em uma noite de karaokê, recitando poesias sem pontuação, enchendo a cara de bourbon, enquanto tocava um ukulele. Reece, apaixonado por ele, o encorajou. Anos depois, Jim confidenciou a seu advogado (durante seu julgamento por conduta obscena em Miami) que, em seus primeiros anos do ensino médio, tivera um caso com um homem mais velho, dono de um clube noturno.

Em 1962, Morrison se transferiu para a Universidade do Estado da Flórida. Finalmente longe da supervisão de qualquer adulto, ele estava determinado a “experimentar de tudo.” Começou provando drogas na faculdade. Perdeu a virgindade com Mary Werbelow, uma rainha de concursos de beleza do Sun ‘n’ Fun e aspirante a dançarina que um dia pensara em ser freira. Ao mesmo tempo, saiu-se de forma brilhante nos estudos, escrevendo artigos acadêmicos sobre tudo, desde pintores surrealistas, como Hieronymus Bosch, até “As neuroses sexuais das multidões”, uma análise do erotismo coletivo resultante da música popular. Também subiu ao palco pela

primeira vez em uma produção estudantil da peça *O Garçom Idiota* [*The Dumb Waiter*, 1959], de Harold Pinter.

Após seu primeiro ano de faculdade, Jim viu o pai pela última vez. Sua mãe insistiu para que ele usasse roupas novas e cortasse os cabelos para não parecer um *beatnik* quando chegasse a San Diego. Jim consentiu de má vontade. Mal ele embarcara no uss *Bonnie Dick*, o almirante Morrison enviou-o à barbearia do navio para um corte de cabelos ao estilo da Marinha. Para apaziguar os ânimos, ele permitiu que o filho tosqueado atirasse em alvos falsos no oceano com uma metralhadora.

Pensando ter cumprido com seu dever, Jim pediu ao comandante permissão para se transferir da fsu para o curso de cinema da UCLA, um dos programas de arte mais liberais e radicais da época. A permissão foi negada. Jim, agora com 21 anos, tirou dinheiro de um fundo de pensão que tinha e se inscreveu do mesmo jeito.

Seus pais o deserdaram. Ou, como o próprio Jim preferia dizer, ele deserdou seus pais.

Dali em diante, ele se referiria a si mesmo como “órfão”, como o foram seus heróis – o pai de Schopenhauer cometeu suicídio, o de Nietzsche morreu de um tumor fatal no cérebro.

* * *

Em 1964, a escola de cinema da UCLA passava por sua “Era de Ouro”. O programa ostentava um corpo docente de vanguarda, com cineastas famosos, incluindo Jean Renoir, Stanley Kramer e Josef

von Sternberg, atraindo assim “poetas cinematográficos” como Jim Morrison e seu novo colega de classe, Francis Ford Coppola.

Jim logo se juntou ao grupo dos melhores, mais brilhantes e mais estranhos autores da UCLA: o excêntrico francês Alain Ronay, que mais tarde enterraria Morrison; Dennis “Doninha” Jakob, que partilhava a obsessão de Jim por filósofos existencialistas; Felix Venable, que apresentou o LSD a Jim e que, em dois anos, sofreria uma overdose fatal, e finalmente, o quarto, Ray Manzarek, um aspirante a músico e cineasta que chamava Venable de “um filho da puta doente da cabeça”.

Embora Jim tenha se saído extremamente bem na UCLA, seu projeto final – um filme *noir* surrealista – foi um desastre. A película apresentava o imaginário onírico de Daliesque: uma prostituta de salto agulha dançando em uma TV que exibia imagens de nazistas marchando o passo de ganso; lunáticos chapados criando sombras animadas com as mãos nas paredes enquanto assistiam a um filme pornô; a dançarina lambendo o globo ocular do operador da câmera. Jim chamava o projeto sem nome de “um filme sobre um filme”. Seu orientador deu-lhe nota d, dizendo que fora a pior coisa que já vira na vida. Jim chorou, mas em 1965 se graduou bacharel em cinematografia. Desiludido com o fracasso de seu primeiro empreendimento artístico, Morrison mudou-se para o terraço do prédio de Jakob, o Doninha, em Venice e, lá, ponderou suas opções para o futuro. Sem um centavo, ele comia pouco, exceto pelo LSD. Enquanto isso, compunha poemas e malhava na praia de Venice.

Certo dia, Ray Manzarek encontrou seu colega de classe por acaso na praia. Quatro anos mais velho que Morrison, Manzarek estudara piano clássico quando criança em Chicago, era formado

em economia e em cinematografia, mas ainda não decidira se queria ser cineasta ou tecladista pop. Nessa tarde ensolarada em Venice, ele mal reconheceu o antigo colega. Jim emagrecera cerca de 20 quilos desde a formatura – estava curvado, rasgado e ostentava uma cabeleira absolutamente rebelde até metade das costas. Com seus lábios byronianos e seus olhos azul-celeste, parecia-se com seu herói Alexandre, o Grande, o precoce aluno de Aristóteles e também filho de um general.

Ray perguntou a Jim o que ele vinha fazendo. Jim disse estar escrevendo algumas canções e poesia. Ray lhe pediu uma amostra. “Ah, Ray, minha voz não é lá essas coisas”, protestou Jim. Ray disse que a voz de Dylan também não era e insistiu para que ele tentasse. Jim se ajoelhou na areia da praia, olhou para o céu sem nuvens da Califórnia e fechou seus olhos.

“Let’s swim to the moon ... / Let’s climb through the tide”, cantou baixo. “Penetrate the evenin’ / that the city sleeps to hide.”

“Mas essa é a melhor letra de música que já ouvi, caralho!”, exclamou Ray, que tinha uma banda de bar. “Vamos começar uma banda de rock e ganhar milhões!”

“Era isso o que eu tinha em mente”, replicou Jim.

“Que nome vamos usar?”, perguntou Ray.

“ The Doors [3]”, disse Jim sem nem parar para pensar.

Beleza aterrorizante

> A música do Doors [...] fala da loucura que habita dentro de todos, de devassidão e de sonhos [...] Essa é a sua força e a sua beleza – uma beleza aterrorizante.
> – Jim Morrison

Ronnie Haran era quem agendava as bandas no clube Whisky a Go Go de Los Angeles – o ponto de encontro de bandas como Turtles, The Byrds, Them, de Van Morrison, e outros shows de primeira linha. Ela vira o Doors no London Fog, um bar de motoqueiros administrado pelo bisneto de Jesse James. Como banda da casa, o Doors recebia cinco dólares por cabeça nas noites de semana e dez dólares nos fins de semana, além de comida e cerveja de graça. Tocavam *Moonlight Drive* e algumas outras canções originais, além de *Gloria*, *Louie Louie*, *Little Red Rooster* e outras músicas obrigatórias.

“Eu sabia que Jim tinha potencial para se tornar uma estrela no minuto em que o vi”, lembrou-se Ronnie. Mas “ele não tinha um gato pra puxar pelo rabo [...] Eu tinha de vesti-lo, arrumar umas camisetas e blusas de gola rolê nas lojas de ponta de estoque”.

Ela colocou o Doors no sindicato dos músicos e convenceu Elmer Valentine, o proprietário do Whisky, a dar uma oportunidade para o grupo como banda de abertura, por 135 dólares por semana. Em seguida, convidou o sem-teto Jim – que estava dormindo debaixo do píer de Venice na época – a morar com ela. Ronnie

ajudou a apresentar Morrison aos poderosos da cena do rock de Los Angeles. Não demorou para Frank Zappa, Dylan e Arthur Lee, do Love, tornarem-se seus embaixadores. Finalmente, ela convenceu Jac Holzman, da Elektra Records, a assistir a uma apresentação do Doors no Whisky.

Naquela época, o grupo já tinha enviado sua fita demo para todos os executivos de gravadoras de Los Angeles, sendo rejeitada por todos. Uma mistura de blues, música clássica e rock "arte" europeu, o som era descartado como excessivamente eclético. As letras de Morrison eram consideradas esotéricas e pomposas demais, e suas apresentações, artificiais e propositalmente teatrais. Além disso, parecia não haver nenhuma química entre o grupo.

O integrante mais velho do Doors, Manzarek, era "Screamin' Ray Daniels, o gritador barbudo de blues" da Rick and the Ravens, uma banda de covers que Manzarek montou com seus irmãos e que tocava músicas como *Hoochie Coochie Man* e *I'm Your Doctor* para alunos chapados do curso de cinema da UCLA em um bar da moda chamado The Turkey Joint West. John Densmore, que abandonou a faculdade de Sociologia, tocava bateria em casamentos e adorava Coltrane. Robby Krieger, filho de um próspero engenheiro aeronáutico, era aluno de Física da UCLA, gostava de tocar guitarra no estilo flamenco e cítara indiana, e tocava guitarra slide psicodélica para uma banda de garagem chamada The Psychedelic Rangers.

Os três músicos tinham apenas um denominador em comum: todos eram estudantes no centro de meditação de Maharishi, em Santa Mônica. E havia a alma pagã, livre e indefinível que era Jim,

sobre quem todos concordavam em uma coisa: não sabia cantar, mas prometia.

Bill Siddons, o empresário do grupo, observou: “Ray era o controlador, Jim o artista indomável, Robby era o viajante espacial e John era uma velha”.

Quando Jac Holzman, da Elektra Records, viu o Doors no Whisky pela primeira vez, ficou decepcionado, assim como muitos outros produtores de Los Angeles antes dele. Quando saiu, Ronnie Haran o seguiu e implorou que ele voltasse para o segundo set. Ao fazê-lo, acabou gostando de *The Alabama Song* – uma opereta pop originalmente escrita nos anos 1920 pelo dramaturgo comunista Bertolt Brecht – e ofereceu ao Doors um contrato de três álbuns no valor de 5 mil dólares.

Ainda inseguro sobre o potencial da banda e sobre como vendê-la, Holzman logo voltou ao Whisky com seu produtor, Paul Rothchild, para dar uma olhada no novo material do Doors. Nessa época, o grupo estava sendo chamado de “os Rolling Stones americanos”. Esperando não ter jogado 5 mil dólares pela janela, Holzman queria saber se a comparação tinha algum fundamento. Haran dizia que ele ainda não tinha visto Morrison inspirado. E, acima de tudo, o executivo queria descobrir por que todo mundo na Sunset Strip agora chamava o vocalista de “aquele doido filho da puta”.

* * *

“Vamos lá, Jim!”, gritou Ray. “A segunda entrada começa em dez minutos. Elmer disse que não vamos receber nada se você não

aparecer!”

Era uma noite quente de agosto de 1966 na Sunset Strip. Manzarek estava socando a porta de um quarto no Hotel Tropicana.

Nos últimos meses, o Doors tinha se apresentado como banda da casa no Whisky, abrindo para o Love, The Byrds e Buffalo Springfield. Essa era sua primeira noite como atração principal, e eles haviam sido informados de que todo mundo que tinha alguma importância estaria lá, inclusive o representante do selo da banda e seu produtor.

O baterista John Densmore, uma pessoa normalmente calma, empurrou Ray e começou a esmurrar a porta. “Arrasta essa bunda aqui pra fora, Morrison! Você não é a única pessoa nessa banda!”

O Doors estava se apresentando há apenas cinco meses, mas já havia um desgaste, especialmente entre o vocalista e o baterista. Como de costume, Ray, o diplomata do grupo, acalmou os ânimos. “Jim, por favor, abre a porta! O Elmer está cagando sangue! Tá todo mundo esperando!”

Finalmente, a porta se abriu e Jim apareceu com botas de cowboy e camiseta. “Dez mil microgramas”, brincou, com os olhos em chamas. Trezentos microgramas de LSD é a dose normal para civis.

Depois de assinar o contrato com Holzman, Jim passou a consumir doses indecentes de ácido. E por causa desse desejo incontrolável de abraçar o infinito, passou a se atrasar constantemente para os shows. Ele convidou seus colegas de banda para se reunirem a ele em sua viagem. Eles recusaram o convite, vestiram o vocalista e o jogaram na Kombi de Densmore. “Ele estava zunindo como um gerador”, Ray lembrou-se mais tarde.

No camarim do Whisky, deram a Jim algumas cervejas para clarear suas ideias. Ele pediu a uma garçonete que lhe fizesse um boquete para ajudá-lo a se concentrar, mas Ray já o arrastava para o palco. Do lado de fora, o público já estava impaciente. Nas noites de estreia, essa plateia incluía personalidades como Brian Jones, Steve McQueen, Natalie Wood e Warren Beatty.

O vocalista entrou tropeçando no palco, sendo equilibrado pelos outros integrantes da banda. Percebendo o olhar de Holzman na primeira fila, ele deu as costas para o público e começou a girar de forma sonhadora como um dervixe, os braços flutuando e esculpindo o ar. Ele murmurou em três tons diferentes e, em seguida, sinalizou para que Ray começasse com *The End*. Isso confundiu Ray, pois a banda sempre deixava essa música para o *gran finale*. Mas, acostumado ao insólito em se tratando de Jim, careta ou sob o efeito de 10 mil microgramas de ácido, ele começou a tocar a introdução no teclado, agradecido por, pelo menos, o vocalista estar conseguindo parar em pé.

Empoleirado sob um único pé, como um pássaro, e se segurando no pedestal do microfone, Morrison jogou a cabeça para trás, fechou os olhos e cantou tremulamente os primeiros versos da música, que falava sobre o rompimento com seu primeiro amor, Mary Werbelow, Miss Sun'n'Fun, por causa de seu vício em drogas. De repente, Jim ficou quieto, omitindo os versos finais da música. Enquanto a banda continuava a tocar a hipnotizante melodia, esperando pelo melhor, uma estranha vibração tomou conta do Whisky. Todos os olhares estavam sobre Jim – Haran, Holzman, Rothchild e o resto da plateia que assistia ao show de pé – como se

ele estivesse em um sonho e todos estivessem a ponto de compartilhá-lo.

"The killer awoke before dawn. He put his boots onnnn", rugiu de forma ameaçadora.

Manzarek olhou para Densmore, Densmore olhou para Krieger. Os integrantes do Doors nunca tinham ouvido aquilo antes. Jim parecia estar improvisando com o ácido. "He took a face from the ancient gallery, and he walked on down the hall."

Essa apresentação estava acrescentando uma nova dimensão à música sobre o rompimento com Werbelow, pensou Ray, que estudara tragédia grega com Jim na UCLA. "Nesse momento, eu *entendi*", lembraria mais tarde Ray Manzarek. "O salão inteiro entendeu. Pensei: 'Meu Deus! Ele está recitando *Oedipus Rex*!'."

"Mãe?", gritou Jim, "Eu quero...." Do nada, ele caiu de joelhos no chão e soltou um jorro fantasmagórico de palavras: "TE FODER, MÃE! TE FODER, MÃE, A NOITE INTEIRA!".

Quando o vocalista começou a recitar sem parar o mantra Matar-Foder-Matar-Foder, Phil Tanzini, o gerente do Whisky, ligou desesperado para o proprietário, Elmer Valentine. "Esse filho da puta do Morrison está aqui cantando sobre COMER A PRÓPRIA MÃE!", gritou para seu chefe. "O que eu faço?"

"Arranca ele do palco e quebre uma das pernas desse filho da puta", ordenou Elmer.

Mas era tarde demais. O Doors já estava no clímax final, o vocalista suspirando "This... is... the... ENDDD".

A banda saiu correndo do palco, deixando Holzman, Rothchild e o resto do público em um silêncio chocado. Logo que os integrantes do Doors entraram no camarim, Tanzini irrompeu, rugindo: "Seu filho

da puta *nojento*! Morrison, você não pode falar essas coisas da sua *mãe*! Você tá de sacanagem comigo? Que tipo de *pervertido* filho da puta você é? Você acaba de ser DESPEDIDO!".

No auge da viagem proporcionada pelos 10 mil microgramas de ácido, o filho da puta pareceu perceber que a carreira da banda havia rompido a barreira para o outro lado. E com o contrato da Elektra assegurado, estabilidade no trabalho não era mais problema – não que algum dia tivesse sido. "Tá bem, Phil", arrotou Jim, depois de secar outra cerveja. "Mas será que ainda rola a comanda do bar?"

Lá fora, na primeira fila, Holzman, o executivo puritano de Park Avenue, ainda estava mudo e a ponto de ter uma síncope. Ele não parecia achar graça na ironia de que seu selo, Elektra, por acaso era o nome da virgem grega que assassinou a mãe e dormiu com o pai. "Que merda eu acabei de assistir?", conseguiu finalmente gaguejar para seu produtor.

Como músico de formação clássica, cuja mãe certa vez tocara na ópera do Metropolitan, Paul Rothchild não só estava familiarizado com o mito de Édipo, mas também com o efeito das drogas em geral – ele acabara de cumprir uma pena de seis meses por posse de maconha em Jersey.

"Eu não sei", disse ele ao chefe. "Mas acho que a gente acaba de assistir ao futuro do *rock'n'roll*."

* * *

The End era uma ópera rock. Podia não ser o tipo de ópera que a mãe de Rothchild cantaria, mas ele acabara de ver *Édipo* superar

Aida. Se a meta do rock sempre fora ampliar os limites da liberdade, Morrison acabara de fazer a Proclamação da Emancipação.

"Matar o pai", explicou Rothchild mais tarde à revista *Crawdaddy*, "significa matar as coisas que foram incutidas em você, mas que não fazem parte do seu eu [...] Essas coisas devem morrer [...] 'Foder a mãe' significa recuperar a essência [...] a realidade."

Depois da apoteótica *The End* no Whisky, passou a ser comum ouvir Morrison murmurando o que ele chamava de "mantra da fórmula mágica" para invadir o inconsciente: "foderamãemataropai". Para o poeta, esse era o casamento entre seus dois mitos favoritos, o antigo e o moderno: o Édipo de Sófocles e o super-homem de Nietzsche. Somente cometendo o pecado definitivo, Édipo se torna o super-homem – livre e fora do alcance das leis dos homens. E ao cantar sobre incesto e parricídio, o filho do almirante proclamou sua própria liberdade como super-homem. Quando essas sutilezas escaparam aos fãs, Jim tornou-se mais sucinto ao explicar *The End*: "Trata de três coisas: sexo, morte, viagem".

De fato, era uma síntese das teorias de seus mentores – Schopenhauer e Nietzsche – na filosofia freudiana de Eros e Tânatos. As duas forças fundamentais e opostas que motivam o ser humano, afirmou o pai da psicoterapia em *Além do principio de prazer*, são os desejos por amor/vida/libido, de um lado, e pela morte, do outro. Se houve um exemplo vivo desse conflito existencial, esse exemplo foi o próprio Jim Morrison.

O Doors gravou seu revolucionário álbum de estreia para a Elektra em seis dias. Após a gravação de *The End*, Morrison, totalmente chapado, arrombou o estúdio no meio da noite e cobriu-o de espuma com um extintor de incêndio. "Ele queria esfriar as

coisas", explicou Ray, ponto de vista que pareceu razoável para Rothchild, o produtor, que enviou a conta do concerto para a Elektra.

Lançado em janeiro de 1967, o álbum *The Doors* subiu nas paradas graças ao single *Light My Fire* e a uma versão não censurada de *The End*. Para estimular as vendas, a Elektra também enviou uma cópia do álbum para os principais críticos de música, juntamente com uma caixa de presente contendo haxixe.

"Os Beatles e os Stones servem para te fazer pirar", escreveu Gene Youngblood para o *Los Angeles Times*. "O Doors é para depois, quando você já está na camisa de força."

"Jim Morrison é uma combinação eletrizante de anjo em estado de graça e cachorro no cio", aderiu Tom Robbins, que também recebeu seu presente. "Os Doors são carnívoros musicais em uma terra de vegetarianos."

O jornal *Village Voice* elegeu a banda como "Melhor Revelação" de 1967. No ano seguinte, Morrison foi eleito "Melhor Vocalista" pela publicação.

Logo o grupo tinha três álbuns de platina. *The Doors, Strange Days* e *Waiting for the Sun*. O último lançamento, que Morrison originalmente queria chamar de "Celebration of the Lizard", consagrou o vocalista como Rei Lagarto. "Eu sou o Rei Lagarto [...] o Mutante", declarou. "Posso fazer *qualquer coisa*."

Como de costume, poucos sabiam do que o poeta estava falando. "O lagarto e a cobra são relacionados ao inconsciente e às forças do mal", explicou. "A cobra personifica tudo o que tememos. A 'Celebração do Lagarto' é um tipo de convite para as forças do mal." Em resumo, não era música hippie do tipo paz e amor. Era,

como Morrison continuou a explicar, um encantamento “do lodo primordial”.

O Doors, agora um espetáculo que faturava milhões, saiu em turnê nacional. Fãs convergiam para os shows não só por causa da música, mas também para assistir à performance de Jim Morrison martelando “ninguém vai sair vivo daqui”. Ele girava como um dervixe, colocava nitrato de amil no nariz de seus colegas de banda durante os solos, simulava boquetes na guitarra de Krieger, gritava feito um animal agonizante, mergulhava sobre a plateia, pulava, caía e ressuscitava [4].

Então havia o *gran finale*, sua assinatura: a coisa de foder-a-mãe e matar-o-pai. Durante a turnê de 1968 do Doors, antes de sua apresentação no Fillmore, em Nova York, o Rei Lagarto recebeu um telefonema inesperado.

De sua mãe.

Sem vê-lo e sem falar com ele há mais de três anos, a sra. Morrison disse a Jim pelo telefone que estava muito aliviada por finalmente tê-lo encontrado, e contou como conseguiu localizá-lo. Ela quis contratar um detetive particular, explicou, mas seu pai não permitiu. Finalmente, o irmão de Jim, Andy, trouxe o disco *The Doors* para casa um dia, dizendo: “Você não vai acreditar, mãe – é o Jimmy!”. Ele colocou o LP para tocar e a família se sentou para ouvir. O almirante ficou enterrado atrás do jornal. A seção de esportes começou a chacoalhar quando *The End* começou, e sofreu um abalo sísmico durante seu clímax. Já a sra. Morrison ligou imediatamente para a Elektra, e lá lhe passaram o telefone do hotel de Jim em Nova York.

Depois de dizer ao filho o quanto estava feliz por encontrá-lo vivo e bem, ela implorou para que ele voltasse para casa, para um “jantar de Ação de Graças à moda antiga”. “Você faria esse grande favor para sua mãe?”, acrescentou ao telefone. “Você conhece seu pai. Você cortaria o cabelo antes de vir para casa?” Desde que saíra de casa, seu filho desenvolvera um apego xamânico, digno de Sansão, em relação às suas madeixas – pouco tempo atrás, quando Ray sugeriu que ele aparasse os cabelos, ficou assustado com a violência da reação do amigo. Mas, sempre diplomático com Dalila, sua mãe filisteia, Jim disse que já tinha um compromisso em Fillmore, mas que tentaria arrumar ingressos para seu show em Washington, dc.

Dias depois, lá estava a sra. Morrison na fila do gargarejo do salão de concertos do Hilton para ver seu filho, o Rei Lagarto. Quando os acordes de *The End* foram tocados, Jim se virou para a primeira fila, passou a mão por seus cachos gloriosos e indomáveis e disse, aumentando o tom de sua voz ao avançar pelas palavras: “Mãe, eu quero...” e rangeu entre os dentes “TE FODER!”.

Após o show, abalada mas ainda determinada, a sra. Morrison foi escoltada até a suíte de hotel de seu filho, onde ele prometera esperá-la. Em vez disso, ele saiu direto para o programa *Ed Sullivan Show*, dizendo a seu empresário de turnê que não queria vê-la nunca mais.

Jim Morrison morreu três anos depois, e, fiel à sua palavra, nunca mais viu a mãe ou qualquer membro de sua família.

A estrada dos excessos

> The road of excess leads to the palace of wisdom.
> – William Blake

Se as lendas do rock são extremistas por natureza, Jim Morrison foi o expoente do grupo. Tudo o que fazia era em excesso. Ele parecia saber o preço desse comportamento e estava preparado para pagá-lo. “Sabe como eu me vejo?”, disse ele a Ray no início da carreira. “Como uma grande estrela cadente, um enorme cometa flamejante. Todo mundo para e suspira ‘Olha lá!’ E *vush* – já sumi!”

Sua companheira de viagem era Pamela Courson, que viria a enterrá-lo e que também encontraria um fim abrupto pouco tempo depois. Estudante de artes de 19 anos que Jim conhecera no London Fog, Pamela sofria da mesma sede destruidora. “Ela era a outra metade de Jim”, lembrou-se Ray. “Eu nunca conheci outra pessoa que completasse o lado bizarro de Jim tão bem [...] Eles eram a mesma pessoa.”

Pamela, cujo pai também era um oficial naval, dizia-se “criação de Jim”, que a chamava de “minha parceira cósmica”.

A pequena e bela ruiva colecionava pistolas Lugers alemãs e adorava carros velozes. Ela também provou ser uma mão na roda no estúdio. Quando o Doors gravou seu segundo álbum, *Strange Days*, Paul Rothchild chamou uma prostituta para inspirar o vocal de *You’re Lost Little Girl*. O produtor queria atingir um som relaxado como o de Sinatra, e esperava que uma “profissional” ajudasse Jim

a entrar no clima. Mas depois de diversas tentativas – nada de química. E nada de Sinatra. Então pediram para Pam dar uma ajuda. A versão de *Lost Little Girl* resultante saiu tão suave e delicada que Sinatra, ao ouvir a canção romântica mais tarde, disse: “Nós temos que fazer esse cara sofrer um acidente”.

Jim e Pam teriam sido o par perfeito se ele, que se proclamara um Político Erótico, não se sentisse profissionalmente obrigado a transar com metade de Los Angeles em um esquema igualitário de oportunidades. Ao voltar para a cama de Pam, Jim – de acordo com sua predileção por tudo que fosse grego – insistia em “entrar por trás”. Ela escreveu BICHA em sua roupa favorita com tinta permanente. Era verdade que ele gostava de frequentar festas gays com seu amigo poeta, Michael McClure, e ficava tão bêbado que não fazia mais distinção de sexo. E havia as excursões na Sunset Strip. Um de seus michês preferidos, Freddie, ameaçou chantageá-lo até que um dos seguranças do Doors deu um jeito na situação.

Entre amigos, Jim nunca fez questão de esconder sua bissexualidade. Todos os seus heróis eram homossexuais: Nietzsche, Rimbaud, Wilde e Alexandre, o Grande. E, acima de tudo, ele era “o Mutante que pode fazer qualquer coisa” – então, qual o problema em ir para a cama com um homem para alguém que cantava sobre trepar com a mãe e matar o pai? Esse sacrilégio não só o livrou de todos os tabus, mas também ajudou a liberar seus instintos proibidos, incluindo sua bissexualidade.

Pam tentou ignorar a libertinagem de seu parceiro cósmico até o dia em que ele voltou para casa após um desses fins de semana perdidos e lhe presenteou com uma gonorreia. Ela ameaçou expô-lo exatamente como Freddie fizera. Ele riu na cara dela. (Tendo uma

visão historicamente romântica das doenças sexualmente transmissíveis, certa vez Jim dissera brincando a Manzarek que gostaria de morrer de loucura sifilítica.) Assim, fazendo Jim provar de seu próprio remédio, Pam se tornou a inspiração de *Cinnamon Girl*, de Neil Young. Ela engrenou um caso com John Phillip Law, astro do filme *Barbarella*, e também com outros atores, além de ter mantido um relacionamento instável com o conde Jean de Breteuil, o nobre chapado da alta sociedade.

Quando nada disso pareceu incomodar Jim, ela tentou agarrar a direção de seu "Super Cobra" – um Ford Shelby Cobra 500, que Jim chamava de Dama Azul [5] – para jogá-lo no Benedict Canyon. Em outra ocasião, ela conseguiu feri-lo com um garfo. Nada disso era novidade. Uma lésbica de Nova Orleans o ferira recentemente com um canivete quando ele tentou dar em cima de sua namorada, impressionando-o com a "intensidade do amor lésbico". Seu amor era tão intenso quanto o de Pam: ele confiscou o garfo, ateou fogo no closet e jogou-a lá dentro.

Em seus momentos domésticos mais harmoniosos, Pam fazia o jantar favorito de Jim: coração de boi mal passado. E Jim novamente garantia a Pam que pretendia fazer dela uma mulher honesta, mas que isso não seria bom para a "imagem" dele naquele momento. Hedonismo à parte, sua imagem estava baseada na recusa em aceitar as mais sagradas instituições da sociedade, quando não no desprezo absoluto por elas. "Casar significa dividir os direitos e dobrar as responsabilidades", escreveu seu mentor Schopenhauer, acrescentando que "o verdadeiro homem quer duas coisas: perigo e diversão. Essa é a razão de se querer uma mulher, a mais perigosa das diversões". E, acima de tudo, a srta. Courson

era perigosa, o que, por ironia, era a base da atração que o Político Erótico sentia por ela. “I found an island in your arms, country in your eyes”, cantou. “Arms that chain, eyes that lie.”

Finalmente, a “criação” do cantor começou a ficar impaciente. Preferindo não se arriscar em outro episódio com os talheres ou com o Dama Azul, Jim afinal provou ser um cara normal: em vez de um anel de diamantes, ele comprou um Jaguar XKE para ela. Quando a aura de novidade do carro terminou, ele montou uma butique de 300 mil dólares para Pam, totalmente equipada, com um teto coberto de penas de pavão. Ela pensou em batizá-la de Fucking Great [Legal pra Caralho], mas, em deferência ao classicismo de Jim, mudou o nome para Themis, em honra à deusa grega da terra [6]. Após o funeral de Jim, Pam fecharia a loja jogando seu Fusca – comprado com o dinheiro de sua herança – contra a vitrine.

Embora Morrison tivesse incontáveis amantes, a srta. Courson finalmente aprendeu a se contentar com o fato de que seria sempre o porto seguro dele quando a maré virasse, o que no rock é o mesmo que se dizer “na saúde e na doença”, quando não “até que a morte vos separe”. Assim, Pamela passou a usar um anel de casamento e a se apresentar como a sra. Morrison. Jim não fez qualquer objeção.

Mas, posteriormente, isso não o impediu de se casar com Patricia Kennealy, editora da revista *Jazz & Pop*, em uma cerimônia de bruxaria celta no apartamento dela, em Manhattan. Após o banho de purificação, os noivos vestiram mantos negros e trocaram seu sangue e seus votos dentro de um círculo mágico. O noivo tirou o diafragma da noiva e consumaram o casamento. Em seguida, o noivo desmaiou, chapado de ácido.

O encontro seguinte da sra. Morrison II com o marido se daria quase um ano depois. Ela acabara de fazer um aborto. Ele prometera estar lá para apoiá-la, mas se esqueceu do dia marcado. Após o procedimento, ela apareceu no hotel do marido em Los Angeles sem avisar, e se apresentou para a sra. Morrison I: Pam. Quando Jim chegou, Pam se retirou para mais um pico. Na manhã seguinte, encontrou-o na cama com Pat. Cansada demais para se preocupar, ela disse apenas: “Ah, Jim, você sempre estraga o meu aniversário”.

* * *

Se nessa época a parceira cósmica de Jim parecia resignada com seus excessos, o mesmo não podia ser dito de sua banda e de seus empresários. Eles não enxergavam o palácio da sabedoria no final da estrada de excessos. Só viam prisões, tumultos em shows, sessões de gravação canceladas e ausências.

Conforme seu lado infame passou a dominá-lo, Morrison criou o hábito de desaparecer por dias ou semanas inteiras. Após noitadas regadas a cocaína e bourbon, ele desmaiava em celas de delegacias, banheiros e calçadas, ou acordava no deserto, em alguma ravina, em seu Dama Azul ou na cama de pessoas completamente desconhecidas. Enquanto isso, a imprensa alardeava rumores de “Jim está morto!”, e os empresários do Doors entravam em pânico. Não que acreditassem que Jim fosse suicida. Era pior: eles sabiam que ele se achava imortal. Indestrutível. E ele aproveitava qualquer oportunidade para provar isso com fugas enlouquecidas e proezas dignas do Super-Homem.

Ele pulava de carros em alta velocidade “a título de experiência”. Certa vez, saltou da janela do décimo quinto andar de um hotel em Seattle usando o peitoril como trapézio. Em outra ocasião, escalou a torre do sino de Yale, com mais de 45 metros de altura, e se balançou completamente pelado do alto de uma persiana. Durante a filmagem de *Feast of Friends,* do Doors, ele dançou em um beiral no décimo sétimo andar de um edifício da Sunset Strip e depois lançou uma “chuva dourada” na multidão abaixo.

E havia as prisões. Morrison foi o primeiro astro do rock a ser preso no palco. Em dezembro de 1967, depois de pedir a um policial de New Haven que o “comesse”, ele incitou um tumulto, foi agredido com gás lacrimogêneo e acusado de “perturbação da ordem, resistência à prisão e atentado ao pudor”. Um mês depois, em Las Vegas, adicionou embriaguez e desordem à lista de delitos por chamar os policiais de “porcos covardes e idiotas”. Ele conseguiu ser enquadrado nesse tipo de crime mais algumas vezes em Los Angeles, juntamente com algumas prisões por dirigir embriagado, além de comportamento indecoroso e lascivo.

“Algumas pessoas, quando bêbadas, são amáveis, mas Jim era bruto, agressivo e rude [...] um perfeito sociopata”, disse Steve Harris, vice-presidente da Elektra Records, após uma cerimônia de entrega de prêmios no Atlanta Regency Hyatt, na qual seu astro urinou em todas as garrafas de vinho vazias e colocou-as de volta no bar. Poucas pessoas no círculo do Doors discordavam de que, quando Jim e Jack Daniels se encontravam, o cantor passava da afabilidade à imbecilidade mais rápido do que corria em seu Dama Azul.

Em 1969, Jim e seu fiel escudeiro, Tom Baker, um ex-ator de filmes pornô, alcoólatra e também ex-amante de Pam, foram presos pelo FBI por profanação, embriaguez em público e agressão. Detidos em um voo da Continental a caminho de um show dos Stones em Phoenix, os rapazes começaram a derrubar bebida, atirar amendoins e apalpar as aeromoças. Enquadrados em uma nova lei antissequestro de Pirataria Aérea com vista à proteção contra quaisquer incidentes durante os voos, ambos estavam sujeitos a dez anos de prisão. Porém, o mais que competente advogado de Jim, Max Fink, salvou o dia. Não que Max não estivesse até o pescoço de trabalho com outros assuntos do astro [7].

Para piorar as coisas, o FBI estava montando um dossiê sobre Morrison. J. Edgar Hoover, que gostava de vestir lingerie feminina e, ainda assim, era apegado aos bons e velhos costumes, começara a montar um dossiê sobre ele após o tumulto em New Haven.

Finalmente, os empresários do Doors decidiram procurar uma babá, ou um “guardião”, para sua estrela. Uma alma-poeta irmã que pudesse “superar a doideira” de Jim e ainda assim fosse capaz de mantê-lo fora da cadeia e impedi-lo de matar a si e aos outros. Não era uma tarefa fácil, mas eles deram sorte e encontraram Bobby Neuwirth, que tinha credenciais impecáveis: poeta educado em Harvard, artista plástico e cineasta de filmes de rock, ele superava seus amigos e bebuns profissionais, Janis e Kristofferson, em sua capacidade de enxugar copos, e dizia-se ter sido capaz de satisfazer Edie Sedgewick, a musa de Warhol, durante 48 horas sem parar. Circulavam boatos de que Dylan escrevera *Like a Rolling Stone* sobre ele e que fora seu amante.

Mas a função de “guardião” teve vida curta. Jim passou a beber mais para acompanhar Bobby. A gota-d’água foi quando a babá começou a pegar as *groupies* do Lagarto depois que ele desmaiava. Nessa época, ficou claro para os envolvidos com Morrison que os excessos do astro eram mais uma fuga da realidade do que uma estrada para a verdade: sua criatividade estava se esvaindo e ele estava se tornando uma paródia de si mesmo.

Morrison discordava: o problema, acreditava, não era estar exagerando na dose, era não ter exagerado o suficiente no palco. O autor de “Neuroses sexuais das multidões” sempre lutou para “irromper do outro lado” com os fãs do Doors, de forma que sentiu ter chegado a hora de passar para a etapa seguinte e final em um verdadeiro show “ninguém sai daqui vivo”.

Tais apresentações foram encenadas seguindo os preceitos do culto dionisíaco da Grécia Antiga, as Bacantes, e mais tarde foram sistematizadas por outro mentor de Morrison, Antonin Artaud, em sua revolucionária obra *O teatro e seu duplo* (1939). O dramaturgo francês desposou o “Teatro da Crueldade”, que empregava violentos confrontos melodramáticos e físicos com o espectador para chocá-lo, despertando “seus sonhos, seu gosto pelo crime, suas obsessões eróticas, sua selvageria [8]”. Essas ideias nasceram a partir de seus estudos sobre as arrebatadoras cerimônias de peiote dos xamãs Tarahumara do México Central.

Como observaram os biógrafos de Morrison, James Riordan e Jerry Prochnicky, o “xamanismo cristalizava” Nietzsche, Blake e Artaud para ele e “se concentrava na paixão por trás da rebelião e no poder por trás de sua *persona*”. Como resultado, “suas apresentações muitas vezes continham elementos de morte

simbólica [9]". Nesse sentido, Morrison se via como um psicopompo, um xamã embriagado que levava os vivos à terra dos mortos.

O vocalista explicou o significado disso em uma de suas últimas entrevistas para a revista *Creem*. "Eu encaro o papel do artista como o de um xamã e de um bode expiatório", disse. "As pessoas projetam suas fantasias nele [...] e podem destruir suas fantasias destruindo o artista. Eu obedeço aos impulsos que todo mundo tem, mas que nunca irão admitir – impulsos eróticos e destrutivos, em especial."

Apesar de suas raízes primitivas, um teatro ritualístico de vida e morte – de Eros e Tânatos – nunca tinha sido observado em um palco de rock.

E em Miami, na primavera de 1970, o Rei Lagarto condutor de almas, atingindo o ápice de todos os seus excessos e delírios anteriores, decidiu mudar tudo e se sacrificar no processo.

Uma noite gloriosa

> Eu me cansei da imagem... Só queria colocar um ponto final nessa história em uma noite gloriosa.
> – Morrison, ao exibir sua genitália em Miami
>
> Querida, eu só queria ver como ficava sob os holofotes.
> – Morrison, explicando a situação para Pam

"Ei, que tal uns 50 ou 60 de vocês subirem aqui e fazerem amor com o meu cu?", gritou Jim, com o resto do Doors tocando *Backdoor Man* atrás dele. O público de 13 mil pessoas urrou e se jogou na direção do palco no Dinner Key Auditorium, um hangar de hidroaviões abandonado. "Vocês sabem, eu nasci bem aqui, neste Estado. Vocês sabiam?", continuou o filho da terra.

A banda começou a tocar *Love Me Two Times*, tentando fazer Jim calar a boca e voltar a cantar. Ele murmurou um verso, sua voz sumiu novamente e Robby assumiu a dianteira, começando um solo improvisado.

O empresário de 20 anos do Doors, Bill Siddons, assistia nervosamente dos bastidores quando Jim se jogou de joelhos e fingiu fazer um boquete no guitarrista. Siddons sabia que deveria ter cancelado o show. Morrison estava mais chapado do que de costume naquela noite, exatamente como Janis em sua volta para casa. Além disso, Jim e Pam haviam brigado de novo, e ele a

mandara de volta para Los Angeles depois de outra discussão violenta sobre as puladas de cerca do vocalista.

De óculos escuros e calças de couro preto, sob um chapéu com uma caveira de pirata, Jim serpenteava pelo palco quando, de repente, gritou em meio ao barulho e à balbúrdia da multidão: “Eu quero mudar o mundo [...] Vamos agitar as coisas por aqui! Agora, subam, vamos. Sem limites. Sem LEI!”.

Os policiais reforçaram sua formação ao redor do palco improvisado que balançava, empurrando de volta os fãs que urravam. Um *roadie* jogou uma ovelha em Jim. A peça fora presente do herdeiro de uma rede de supermercados que acompanhava a turnê do Doors, para promover o pacifismo *vegan*. Jim acariciou a genitália do animal. Os flashes das câmeras estouraram. “Eu treparia com ela”, Jim informou Miami, “mas ela é muito nova.”

Um copo de champanhe voou do público e molhou Jim. Descartando a ovelha, ele rasgou sua jaqueta em pedaços e jogou os retalhos para o público. “Vamos ver um pouco de pele. Vamos ficar NUS!”

A multidão explodiu novamente. Ray passou para os acordes iniciais de *The End* enquanto Jim se movia pelo palco, encarando o mar de braços descontrolados e punhos em riste. Arrancando o microfone do pedestal, Jim passou a improvisar uma nova letra.

“I’m lost in my own mind’s pain [...] Loss of oxygen, I’m going insane!”

Mais garrafas, baseados e sutiãs foram jogados no palco.

“I’m going down to the ground”, gritou, ainda tagarelando, bêbado, “to see my funeral and watch my casket be buried. I wanna hide behind a gravestone and watch them cry over me.” Densmore

pulou uma batida, encarando Ray. Robby virou de costas, encostando-se em seu amplificador. Todos olharam desamparadamente para os bastidores, onde estava Siddons. Morrison se arremessou sobre o círculo ululante formado pelo público em frente ao palco, gritando: “Eu não sou NORMAL, não estão vendo, seus imbecis? Vocês são um bando de idiotas filhos da puta!”.

A banda começou a tocar *Touch Me*, tentando trazer Jim de volta à realidade. Ele gaguejou algumas linhas antes de se voltar contra o público novamente. “Vocês são um bando de escravos, bicho!”, rugiu ele. “Você não vieram aqui só pela *música*, não é? Vocês querem mais alguma coisa – o que é?”

Para Ray, Robby e John, foi como um *déjà-vu*. Ele tivera a mesma viagem em Los Angeles algumas semanas antes. “Vocês vieram aqui procurando *mais* do que música, buscando alguma coisa que jamais viram, não é?”, gritou ele para a multidão do Fórum. Ele mandou que a banda fizesse um intervalo, recitou todos os 133 versos da “Celebração do Lagarto” e foi embora.

Ray, Robby e John não sabiam se estavam a fim de outro recital de poesia no encerramento daquele show em Miami. De certa forma, também não estavam nem aí. Eles já não eram os Doors: eram apenas uma banda contratada, não para um drama dionisíaco ou um teatro de guerrilha, mas para um show de horrores itinerante que estrelava um Rei Lagarto filho da puta.

E eles o odiavam por isso.

* * *

Densmore detestou Morrison quase que imediatamente, quando se conheceram. “Estou em uma banda com um psicopata!”, reclamou o baterista para Manzarek. Ele se afastava do grupo com regularidade em prol de seu bem-estar, tanto físico [10] quanto mental. Mas Ray e Robby sempre conseguiram convencê-lo a voltar. No que dizia respeito a Morrison, a recíproca também era verdadeira.

“Não suporto John como pessoa”, Jim disse a Ray. “Ele é deprimente, bicho. Um chorão do caralho. Temos que despedi-lo.” Novamente, Ray, o diplomata, precisou resolver a situação para manter o barco de cristal flutuando.

E então, veio o último prego do caixão. Era outono de 1968, alguns meses antes dos shows no Fórum e em Miami. Jim estava em Londres tentando se acertar com Pam, que estava totalmente chapada e puta da vida. Em sua ausência, a General Motors entrou em contato com os representantes da banda em Los Angeles, oferecendo 100 mil dólares para utilizar a música *Light My Fire* em um anúncio da Buick. Incapazes de localizar Jim no exterior, Ray, Robby e John fecharam o negócio. Afinal, Robby escrevera a música. “Que se foda”, disse Jim enfurecido quando voltou. “Pensei que fôssemos *irmãos*!” Ele acusou os colegas de banda de “se venderem para as grandes corporações dos Estados Unidos”.

“E foi assim que o sonho acabou”, recordou-se Bill Siddons. “Aquele foi o ponto final da relação de Jim com os outros membros da banda. Foi o dia em que Jim disse: ‘Não tenho mais parceiros, tenho sócios’.”

A única outra pessoa que Jim considerava seu amigo, Tom Baker, recentemente dissera a ele, depois de conhecer a

pretensiosa nova sede dos Doors na Sunset: “Morrison, você é um hipócrita [...] Você é uma corporação, seu cuzão. Está fomentando a mesma autoridade que diz querer derrubar.” Diante dessa declaração, o vocalista perdeu as estribeiras – e destruiu o lugar, de cima a baixo.

Então ele ameaçou arrebentar a cara de todos os integrantes da banda e cair fora, mas todos sabiam que essa era uma forma de Jim descobrir a opinião deles a seu respeito. Nessa época, ele estava recebendo muito mais ódio do que amor, de todo mundo – incluindo nesse pacote os críticos de música. John Mendelsohn, do *Los Angeles Times*, classificou as apresentações de Morrison como “cheias de trejeitos, melancólicas e chatas [...] uma demonstração do quanto ele pode soar um pé no saco enquanto recita idiotices e falácias psicodélicas aparentemente elaboradas, mas que simplesmente não fazem sentido”. Seu futuro biógrafo, Albert Goldman, descreveu sua presença no palco como “estúpida, estranha, extremamente esquisita [...] Você sente vergonha por ele”. Sir Mick Jagger desdenhou a apresentação de Morrison no Super Bowl de 1968, chamando-a de “uma chatice”. Em seu artigo para o *Saturday Evening Post*, Joan Didion, autora do aclamado *O álbum branco*, chamou-o de “imbecil narcisista.”

Jim tentou parecer divertido. “Somos universalmente desprezados e eu meio que gosto da situação como um todo. Por quê? Não sei. Acho que estamos numa *ego trip* monstruosa e as pessoas se ressentem [...] Eles nos detestam porque somos muito bons.” Como a maioria dos egomaníacos, Jim costumava usar o pronome “eu” quando era adulado e “nós” quando a casa caía. O que não agradava em nada a Ray, Robby ou John. Afinal, não eram

eles que sabotavam sessões de gravação, que não apareciam para shows ou incitavam tumultos.

Mas, de vez em quando, Jim encarava a verdade. “O mundo todo me odeia!”, gritou ele em New Haven depois de ser ameaçado por policiais e antes de dar início a outro tumulto.

* * *

Assim, Jim não estava se sentindo muito amado naquela noite em Miami, inclusive por seus “irmãos” de banda. Miami queria um show de horrores, sua parceira cósmica queria fidelidade e o Doors queria música. Todo mundo continuava a *querer* coisas dele – e ele pretendia lhes dar mais do que tinham pedido. Incendiar a noite. Acabar com tudo em uma noite gloriosa.

“Vocês não vieram aqui só pela *música*, vieram?”, gritou ele de novo, caminhando pomposamente pelo palco ao som dos acordes cada vez mais fracos de *Love Me Two Times*. Ele riu de forma selvagem para a plateia em expectativa. “Vocês querem ver meu pau, não é? Foi pra isso que vocês vieram, não? YEAH!” A multidão urrou. Ele rasgou sua camisa e começou a agitá-la na frente de sua virilha como uma capa de toureiro. “Tá bem, deem uma olhada... lá vai!”, zombou, brincando de esconde-esconde. “Vocês viram? Viram meu pau?”

Ele agarrou a virilha. Ray gritou para os *roadies* que estavam nos bastidores. Vince Treanor correu, saltando por cima dos tambores da bateria de Densmore, e agarrou o cantor pelas costas, levantando-o pelos passadores do cinto para que ele não conseguisse abaixar suas calças.

“Sem limites! Sem lei!”, continuava a gritar Morrison. “Vamos, vale tudo o que vocês quiserem. VAMOS LÁ!”

A multidão se arremessou contra o palco e furou a segurança enquanto a banda tocava os primeiros acordes de *Light My Fire*, que mal eram ouvidos. De repente, mais de cem fãs histéricos se amontoaram no palco instável, rasgando as próprias roupas.

As luzes do auditório se acenderam. Os seguranças arrancaram todos os plugues das tomadas do palco e chutaram a bateria de Densmore, brigando com Morrison pelo microfone. Quando finalmente arrancaram o aparelho de suas mãos, eles o jogaram no meio da multidão.

Morrison ficou de pé em um pulo, conduzindo a turba de volta para o palco em um uma dança serpenteante. Ele foi agarrado por seus *roadies* e arrastado para os camarins.

* * *

O Político Erótico foi preso e acusado de libertinagem e comportamento lascivo, exposição indecente, blasfêmia e embriaguez. Juntas, essas acusações eram muito mais sérias do que as contravenções anteriores. Ele não contestou a última denúncia, concordando que estava “bêbado demais para lembrar” se havia mesmo exibido os órgãos genitais. A própria banda insistia que a multidão sofrera de uma “alucinação coletiva”, como se um disco voador tivesse baixado no palco. De qualquer forma, Jim tinha uma explicação bastante simples para todo o incidente em sua terra natal. “Tentei reduzir o mito ao ridículo”, acrescentando que “foi uma forma legal de prestar meus respeitos aos meus pais.”

O *Miami Herald* e seus leitores não enxergavam a questão pelo mesmo prisma. INSULTADOS PELO DOORS! era a manchete. FIQUE RICO RÁPIDO: SEJA OBSCENO! O chefe de polícia jogou mais lenha na fogueira afirmando que Morrison era “a pessoa mais perversa e mal-educada que já tinha passado pela história de Miami”.

Bill Siddons tinha uma visão mais prática da coisa. “Nos custou pelo menos meio milhão de dólares e quase fez a banda se separar.”

A turnê do Doors foi cancelada. A música foi banida de muitas estações de rádio. No Orange Bowl de Miami, Jackie Gleason e Pat Boone realizaram um “Comício pela Decência” contra o grupo, apoiados pelo presidente Nixon. A Concert Hall Managers Association [Associação dos Empresários de Casas de Shows] baniu o Doors de suas futuras apresentações a menos que a banda assinasse um documento chamado “Cláusula do Foda-se” – uma disposição especial para atos de obscenidade.

Condenado por blasfêmia e exposição indecente em Miami, Morrison teve de pagar uma multa de 500 dólares e foi sentenciado a seis meses de trabalhos forçados. Seu advogado, Max Fink, apelou e o vocalista foi solto mediante o pagamento de uma fiança de 50 mil dólares. “Dionísio foi derrotado pelas forças da moral e dos bons costumes”, escreveu o Apolo de Jim, Ray. A promotoria apresentou 150 fotos como evidência, “mas sequer uma do ‘ instrumento’ de Jim [11]”.

Algumas semanas depois, no dia seguinte ao seu aniversário de 26 anos, Jim anunciou a todos nos escritórios do Doors: “Acho que estou tendo um colapso nervoso. Quero parar. Não aguento mais”.

Ray tentou convencê-lo de que ele só precisava maneirar na bebida e descansar, mas todos sabiam que não era só isso. O ano de 1969 foi terrível para Jim. Dias depois que seu amigo Brian Jones se afogou, seu companheiro de ácido da UCLA, Felix Venable, morreu por intoxicação alcoólica. Em seguida, ocorreu a crucificação de Jim em Miami. Dois dias depois de sua condenação, ele foi preso sob a acusação de sequestro aéreo em Phoenix. Além disso, agora Pam estava com gonorreia e, ainda não recuperada da briga que ambos tiveram em Miami, fugira com o Conde Jean de novo. O futuro não parecia nada promissor: ele podia passar um longo tempo numa cadeia da Flórida.

Morrison conseguiu evitar um colapso nervoso real até o Doors tocar em Nova Orleans um ano depois, em dezembro de 1970. Na metade do show, durante o solo de *Light My Fire*, Morrison desabou. Quando chegou a hora de cantar o último verso e ele ainda parecia catatônico, Densmore chutou-o por trás. Lutando para não cair, Morrison, completamente bêbado e frustrado, começou a martelar o microfone no chão até que estilhaços começaram a voar. Ele então o arremessou para o público e saiu do palco feito um furacão. Enojado, Densmore jogou suas baquetas longe e fez o mesmo.

Nova Orleans assistiu ao último show do Doors.

“Parecia que a força vital de Jim tinha se esvaído”, Densmore diria mais tarde.

Ray afirmou ter visto sua “energia psíquica sair pelo topo de sua cabeça”.

Teria sido Jim abandonado pelo xamã agonizante que ele acreditava tê-lo possuído anos antes naquela estrada no deserto?

Na limusine, ao voltar para o Hotel Pontchartrain, os membros do Doors mal dirigiram a palavra uns aos outros. Quando o carro parou e Jim cambaleou para fora, Ray simplesmente disse: “Certo, acabou”.

“Deus me ajude”

> Cancelem meu pedido de ressurreição.
> – Jim Morrison

A França era a terra natal de Antonin Artaud e Arthur Rimbaud, heróis históricos de Jim, que sempre quis ser um poeta *fleur du mal* como eles. Antes de trocar a Cidade da Noite pela Cidade Luz, ele declarou, como Hendrix fizera não muito tempo antes: “Estou cansado de tudo. As pessoas pensam em mim como um astro do rock, e eu não quero mais nada disso. Não aguento mais”.

“A vida é um teatro que todos temos de representar”, disse Rimbaud, aos 19 anos de idade, antes de abandonar suas obras-primas *O barco ébrio* e *Uma estação no inferno* e desaparecer na África do Norte. “O poeta se faz vidente por meio de um longo, imenso e refletido desregramento de todos os sentidos”, disse ele, atingindo esse objetivo com grandes quantidades de absinto e haxixe que o mandaram, como a Morrison, não para o céu e sim para o inferno. “Certo, chorei demais!”, escreveu. “As albas são cruciantes. Amargo é todo sol e atroz é todo luar!” Rimbaud, no entanto, compensou o tempo perdido [12] escapando para o Chipre e para a Etiópia, pelo menos durante algum tempo. Morrison conseguiria fazer o mesmo na França?

“A finalidade das férias em Paris”, seu velho amigo, o francês Alain Ronay, escreveria mais tarde, “era desintoxicar Jim do álcool e

fazê-lo esquecer a angústia que sua fama de astro do rock lhe causava.”

Assim, o ex-Político Erótico abandonou as calças de couro, cortou os cabelos e tornou-se *monsieur* James Douglas, poeta expatriado em Paris. Nova Orleans parecia ter acontecido em outra vida, embora tivessem se passado apenas sete meses. O Rei Lagarto morreu naquela noite de forma tão repentina e espetacular quanto nascera três anos antes no Whisky, e duas décadas antes disso em uma estrada do Novo México.

Mas, abandonado por sua musa, *monsieur* Douglas logo percebeu que não haveria ressurreição alguma e que já estava vivendo postumamente, no limbo.

Antes de fugir para o Velho Continente, ele foi visitado em Los Angeles por sua segunda esposa, Patricia. Ao notar sua palidez fantasmagórica e o inchaço causado pelo álcool, ela disse: “Naquela altura, eu estava absolutamente convencida de que ele iria morrer”. Na manhã seguinte, ela o encontrou na cama com uma adolescente. O ex-Rei Lagarto desenhou uma faca na própria pele e revelou seu desejo: “Uma fica com o meu pau, a outra com meu corpo”.

“E quem fica com a sua alma, Jim?”, perguntou Patricia.

“Ah”, respondeu ele, “essa eu vou guardar pra mim, se não se importa.”

“Eu sabia que era a última vez que o veria”, lembrou-se mais tarde sua esposa druida. Ela fez tudo o que pôde para ajudar, mas “as pessoas não podem ser salvas a menos que queiram, e Jim não queria”, escreveu ela. “Acho que ele tinha essa ideia de que, caso fosse salvo, não seria mais um artista [13].”

Depois de se despedir de Patricia, ele foi ao seu boteco favorito na Strip, Barney's Beanery, onde ele e Janis tomaram seu último drinque juntos, nove meses antes. Ele propôs um brinde a ela e a Jimi. "Vocês estão bebendo com o Número Três", disse a seus companheiros, sem rodeios.

Jim vinha antecipando O Fim há anos. Os rumores constantes sobre sua morte o divertiam. "Como eu morri desta vez?", perguntava ao ver outra manchete da imprensa:

MORRE JIM MORRISON... MAIS DETALHES A SEGUIR!

Quando perguntado sobre sua reação, ele respondia "Nem ligo. Já estou morto", usando quase as mesmas palavras que Hendrix usava.

Turista de cemitérios, Jim visitou muitos de seus predecessores. Durante o verão de *Light My Fire*, ele dançou em volta do mausoléu de Rodolfo Valentino no Cemitério de Hollywood. Ele e Pamela fizeram uma peregrinação até Cholame Road, onde James Dean e seu Porsche Spyder prateado colidiram a mais de 140 quilômetros por hora com o Ford de Donald Turnipseed. Ele bebia engradados de cerveja do lado de fora do apartamento de Sheila Graham em Los Angeles, onde F. Scott Fitzgerald teve seu último ataque do coração enquanto ouvia a *Heroica* de Beethoven e consumia barras de chocolate Hershey para aliviar sua sede de scotch.

* * *

A fuga de Morrison para Paris violava sua condicional pela condenação por obscenidade na Flórida, mas parecia improvável que a França fosse extraditá-lo. Seu advogado, Max Fink, apressou

o voo antes que seu passaporte fosse confiscado. Max também ouvira falar de um plano para assassiná-lo na prisão [14]. Antes de sair de Los Angeles, Jim simplesmente disse a Ray e aos outros membros do Doors, que na época mixava o sexto e último álbum do grupo, *L.A. Woman*: “Não contem comigo, adeus”.

Já em Paris com o Conde Jean, Pam conseguiu um apartamento para Jim no Edifício Beaux Arts, apartamento 17, completo, com tetos azul-céu na sala, relevos de paredes clássicos e lareiras de travertino. A pequena caixa de correios no lobby quatro andares abaixo logo recebeu a identificação “James Douglas” – seu novo nome artístico.

Ele tinha um contrato com a Elektra para produzir um álbum solo de poesia, mas a inspiração para escrever em Paris não veio fácil. Tentado a encontrá-la, Jim viajou com Pamela para a Espanha e para o Marrocos, refazendo os passos do próprio Rimbaud para a África um século antes. Mas nem Marrakech ou Casablanca foram capazes de despertar sua musa inspiradora. Ao voltar para Paris, ele passou a beber mais e escrever menos. Seus cadernos de anotações estavam repletos de poemas inacabados, fragmentos de letras e haikus escatológicos: “Jerkbait scrotum, inc” e “Foder cagar mijar gozar boceta”. Uma das poucas obras concluídas foi a elegia “Lamento pela Morte de Meu Pau [...] machucado e crucificado”.

Finalmente, ele rabiscou uma página de jornal com as palavras DEUS ME AJUDE.

Foi então que a casa caiu. Aconteceu no L’Hotel, local em que, 71 anos antes, Oscar Wilde [15] pronunciou suas famosas últimas palavras, “ou sai o papel de parede ou saio eu”, antes de entrar em coma sifilítico. Jim estava parado em sua sacada observando a

chuvosa aurora de Paris quando, de repente, saltou da grade de metal e aterrissou sobre o teto de um carro estacionado abaixo. Pam tentou levá-lo a um médico, mas, cuspindo sangue, ele procurou cuidados no bar mais próximo, como tinha feito na ocasião de sua última queda [16].

Dias depois do acidente no L'Hotel, *monsieur* Douglas finalmente consultou um médico em razão das dores crônicas no peito, dos sangramentos nasais abundantes e da tosse lancinante. Diagnosticado com úlceras supuradas e um pulmão perfurado, ele foi aconselhado a controlar seu hábito de fumar três maços de cigarro por dia, isso para não falar de sua dependência do álcool e da cocaína.

Foi então que ele se voltou para o único analgésico que não tinha usado ainda – heroína.

Sua esposa Pamela era viciada havia anos. Seu fornecedor era seu amante, o Conde Jean de Breteuil, que ela conhecera em 1966, quando ele frequentava a UCLA. O Conde Jean, cuja família era proprietária de todos os jornais de língua francesa da África do Norte, formou-se para se tornar o "traficante das estrelas", como ele mesmo gostava de dizer: Janis Joplin, Jimi Hendrix, Keith Richards e outros. Ele se mudara recentemente da casa de Richards, em Londres, e agora estava vivendo em Paris com a ex de Mick Jagger, Marianne Faithfull.

Os Morrison se encontravam regularmente com o conde. Eles foram convidados de sua mãe, a condessa, em sua *villa* em Marrakech. Ao viajarem para o sul, também se hospedaram na mansão do herdeiro do petróleo Paul Getty e sua esposa, Talitha,

uma atriz holandesa. Amiga íntima e também cliente do conde, Talitha teria uma overdose fatal um ano depois.

Embora Jim fosse onívoro quando o assunto era drogas, ele nunca se metera com heroína como Pamela. Ela tentara convertê-lo aos opiáceos no passado, mas ele insistia que estava "do lado da vida" e que ela estava "do lado da morte". Pam ameaçava se suicidar com frequência. "Me and the devil, walking side by side", cantou ele em *Woman is a Devil*, "Well she feel like dying, but she's only twenty-one". Em *Five to One*, a música principal de *Strange Days* – uma alegoria dupla sobre como misturar heroína e como preparar uma roleta-russa –, ele cantou "Five to one, baby. One in five. No one here gets out alive!".

Mas naquele momento, em Paris, ele se bandeou para o lado de Pamela. "As drogas chinesas sempre acabam te pegando no final", ele escreveu em seu diário, em Paris. A heroína o fazia esquecer tudo: a dor de seu corpo debilitado, os excessos de seu passado, a incerteza do futuro e, acima de tudo, a perda de sua musa.

Era como se seu antepassado francês, Antonin Artaud, estivesse redigindo seu epitáfio quando escreveu: "Ninguém nunca escreveu, pintou, esculpiu nada [...] que não estivesse ligado à pretensão do ser humano em fugir do inferno. O inferno se cria a partir deste nosso mundo, e há homens que são fugitivos fracassados do inferno, foragidos destinados a recomeçar eternamente sua fuga".

Na última página do caderno de anotações de James Douglas Morrison em Paris estava escrito: "Últimas palavras, últimas palavras – fora".

* * *

Monsieur James normalmente chegava no Rock & Roll Circus não muito depois da meia-noite. E essa noite não foi exceção. O moderno clube noturno à margem esquerda do Sena era o ponto de encontro favorito dos Rolling Stones, do Pink Floyd e de outros astros, além do próprio Conde Jean. O gerente do Circus, Sam Bernett, 26 anos, cumprimentou Jim, seu amigo e cliente assíduo, e observou que naquela noite ele não estava " em grande forma [17]".

Depois de pedir o de sempre, vodca e cerveja, Jim conversou brevemente com o vendedor do Conde e desapareceu no banheiro, trancando a porta atrás de si. Como ele não voltou, Bernett e um assistente forçaram a porta e ficaram "hipnotizados pelo espetáculo inesperado": Morrison estava imóvel no chão, a cabeça entre os joelhos, a boca espumando.

Um médico foi localizado no bar e, após um exame rápido, disse a Bernett que seu cliente tinha sofrido uma overdose fatal. O gerente quis chamar os paramédicos, mas os assistentes do Conde Jean, insistindo que Morrison havia apenas "desmaiado", levaram-no para a saída dos fundos do clube, deram-lhe carona até seu apartamento e depositaram o corpo em sua banheira.

Os capangas do conde foram auxiliados por outro dos amigos de Jim no bar, o fotógrafo Patrick Chauvel, de 19 anos, que acabara de voltar do Vietnã e era perito no transporte de cadáveres. "Nós o carregamos em um cobertor e saímos de lá com ele a mil por hora", disse Chauvel à revista *Time* em 2007, confirmando a versão de Bernett. "Acho que se você tem um clube e Jim Morrison morre no seu banheiro, isso não é nada bom para o seu departamento de Relações Públicas." Paul Pacini, um representante do proprietário do Circus, disse a Bernett: "O clube não tem nenhuma

responsabilidade pelo que acontece aqui. Então, não vimos nada, não ouvimos nada e não falamos nada! Combinado? É o melhor que temos a fazer para evitar um escândalo.” Outros presentes naquela noite, incluindo a namorada do Conde Jean, Marianne Faithfull, juraram manter segredo [18].

Na manhã do dia seguinte, logo cedo, Alain Ronay foi acordado por um telefonema de Pamela Courson. “Jim está inconsciente e sangrando”, gemeu ela. “Chame uma ambulância! Você sabe que eu não falo francês. Rápido. Eu acho que ele está morrendo! [19]” Depois que a cineasta Agnès Varda, namorada de Ronay, ligou para a emergência, o casal cruzou a cidade voando até o apartamento de Jim no distrito de Marais, nos arredores de Montparnasse.

Quando eles chegaram, Pamela estava de pé na porta do quarto, em delírio. Os paramédicos já estavam lá dentro e tinham removido o corpo da banheira para a cama. As roupas de Pamela estavam encharcadas. “Meu Jim está morto, Alain”, contou ela a Ronay. “Ele nos deixou. Está morto. Quero ficar sozinha agora, por favor. Me deixem sozinha.” Ronay congelou onde estava, incapaz de se mover. “Meu Jim, bicho, tão lindo”, continuou ela, como se cantarolasse. “Vá ver.”

Com náuseas e a cabeça girando, Ronay se recusou a entrar, mas olhou de relance pela porta e confirmou para si mesmo que realmente seu amigo estava morto. Ele estivera com Jim ainda ontem. Subjugado por outro ataque de tosse, Jim havia caído em um banco de praça e implorado para Alain não deixá-lo sozinho. O ataque de tosse mal tinha diminuído quando Jim começou a soluçar incontrolavelmente. Ronay conhecia a superstição de que soluços violentos podem ser um sinal de morte iminente, mas nunca tinha

dado nenhum crédito à história até que seu próprio pai foi amaldiçoado com um ataque e pereceu no hospital horas depois. Jim ainda trazia uma cópia francesa da *Newsweek* daquela semana, que pedira para Alain traduzir para ele. O título na capa: “A praga da heroína. O que fazer a respeito”. De repente, Alain olhou para Jim e ficou horrorizado. O que viu, disse ele mais tarde para sua namorada, Agnès, “não foi um rosto, foi uma máscara mortuária”.

Ali, com Agnès e Pamela, do lado de fora do quarto onde o corpo de Jim estava, Alain ficou arrasado. Sentia-se como se tivesse sido sugado por um sonho, um pesadelo impossível. Quando o inspetor de polícia chegou, ele fez o possível para se recompor.

“O nome de meu amigo era Douglas James Morrison, um americano”, contou ao detetive. “Ele era um poeta. Era alcoólatra, mas não, ele não usava drogas.” Embora Ronay mais tarde tenha confessado ter sido esse um episódio de “falsidade no seu mais baixo grau”, soube instintivamente que não podia contar a verdade de forma alguma. Não que ele soubesse da missa a metade.

Depois que o inspetor saiu, Pamela jogou seu estoque de drogas na privada e queimou os papéis de Jim na lareira, embora Ronay protestasse, dizendo que isso poderia levantar suspeitas, dado o calor daquela manhã parisiense. Finalmente, ela contou para Ronay sua história. Depois de assistirem a um filme e jantarem juntos na noite anterior, ela e Jim voltaram e começaram a cheirar heroína, disse Pam a ele. Depois, Jim acordou no meio da noite, sufocando e vomitando sangue. Após ajudá-lo a entrar na banheira e lá cuidar dele, ela voltou para a cama. Horas mais tarde, voltou e encontrou-o morto. Sabendo que Pam e Jim eram usuários pesados, Ronay não

tinha razão para questionar esse álibi. Na verdade, Pamela lhe dissera recentemente que queria “encher o apartamento de heroína até o teto”.

Logo depois que Pam terminou de contar sua história, o Conde Jean em pessoa se apresentou, dizendo a Ronay que Pam ligara para ele e que ele já sabia de “tudo”. O que, obviamente, era muito mais do que Alain sabia: a morte por overdose no Rock & Roll Circus, o transporte do corpo de volta para o apartamento e a subsequente criação do álibi, com o qual Pamela concordara para ajudar a impedir que seu amante e fornecedor, Conde Jean, fosse indiciado.

Desconhecendo a conspiração, Alain implorou para o traficante ir embora antes que o legista chegasse, dizendo-lhe que, caso contrário, “as coisas poderiam se complicar muito”. Jean, é claro, concordou prontamente e, em sua saída apressada, informou à viúva que ele estaria em sua propriedade no Marrocos e que tinha preparado tudo para que ela fosse encontrá-lo lá. Logo que seu amante saiu, Pamela disse a Alain: “Quero Xanax. Me dê um agora! Eu tenho que me acalmar, entende? É muito simples”.

Naquela tarde, enquanto seu traficante estava aterrissando em segurança em Marrakech, Pam, acompanhada por Alain, prestava depoimento na delegacia. Para evitar uma investigação e a publicidade, eles continuavam a ocultar a verdadeira identidade do falecido, mas o capitão insistiu em que não seria emitido nenhum atestado de óbito ou permissão para enterro até que o legista examinasse os restos mortais de *monsieur* Douglas.

Naquela noite, o dr. Max Vassille terminou o exame superficial. Sem encontrar qualquer evidência de crime, registrou a causa da

morte como insuficiência cardíaca. Um agente funerário foi chamado para armazenar o corpo até que o atestado de óbito fosse emitido e os preparativos do enterro fossem feitos. “O calor está contra nós”, disse ele à viúva.

Pamela propôs uma cremação, dizendo que queria “espalhar as cinzas em um lugar maravilhoso”. Mas Alain alertou: “Nem pense nisso. Aqui é a França, [a cremação] é como admitir que você sabe de alguma coisa sobre um crime [...] eles vão pedir uma autópsia”. Ele explicou que enviar o corpo de volta aos Estados Unidos também estava fora de questão, já que, por lei, “o caixão precisa ser aberto para inspeção”.

Mas Pamela permaneceu hesitante, dizendo a Alain: “Eu acho que os sentidos permanecem ativos após a morte”. Assim, se eles o enterrassem, “Jim sentiria a terra caindo sobre ele”, continuou ela. “Ele inclusive seria capaz de ouvir o que as pessoas estivessem dizendo ao redor de seu túmulo.” Garantindo a ela que ninguém diria nada que pudesse chateá-lo, Alain recomendou o cemitério Père Lachaise, no qual Jim descansaria ao lado de Chopin, Balzac, Proust, Wilde, Modigliani, Molière e outros espíritos companheiros. Embora desapontada por Rimbaud não estar na lista de personalidades residentes, a viúva finalmente concordou.

Assim, naquela noite quente de agosto e na seguinte, Pamela dormiu com o corpo. Ela disse a Ronay que se sentia segura ao lado de seu Jim, e que poderia “viver assim para sempre”. Jim Morrison era todo seu agora – seu amante fiel, por fim.

Ronay contratou uma funerária e conseguiu, com a ajuda dos contatos de Agnès na imprensa, que a morte de seu amigo não fosse noticiada. No terceiro dia, o agente funerário destituiu a viúva

do corpo em decomposição do astro, vestiu-lhe um terno preto e meteu-o em um esquife envernizado. Pam espalhou todas as suas fotos ao redor de seu “belo marido”.

Na manhã seguinte, James Douglas Morrison foi enterrado na Esquina do Poeta do cemitério Père Lachaise. Além de Pamela e Ronay, apenas três amigos compareceram. Entre eles, a secretária de Jim, Robin Wertler, e o empresário do Doors, Bill Siddons. Nenhum dos integrantes do Doors esteve presente. Nem um padre. “A cena toda era triste e miserável”, disse uma testemunha.

O serviço durou apenas alguns minutos. Enquanto o caixão do astro desaparecia dentro da terra, Pamela recitou os versos finais de “A Celebração do Lagarto”.

Now night arrives with her purple legion
Retire now to your tents and to your dreams
Tomorrow we enter the town of my birth
I want to be ready.

Post mortem

Pamela Courson voltou para Los Angeles após o funeral. Nos dias que se seguiram, ela ficou sentada ao lado do telefone, esperando que “meu velho me ligue”. Ela acreditava que o espírito de Jim havia possuído Sage, o pastor-alemão do casal. Quando o cão gemia, ela se ajoelhava ao seu lado, sussurrando: “Sim, Jim? O que você está tentando me dizer?”.

Morrison deixou tudo para Pamela, mas membros remanescentes do Doors contestaram o testamento e abriram um processo contra o espólio por dívidas pendentes, deixando-a sem um centavo.

Ela teve casos passageiros, prostituiu-se em troca de drogas e tentou o suicídio diversas vezes. Em 1974, Pamela foi finalmente declarada herdeira legal de Morrison. Com seu saque inicial de 20 mil dólares em dinheiro, ela comprou um Fusca, uma estola de *mink* da Saks com um monograma e quase 300 gramas de China White.

Em 25 de abril de 1974, Pamela saiu para jantar com seu namorado, Randy Ralston, e outras pessoas. Ao sair, ela disse a eles: “É hora de me juntar a Jim”. Horas depois, foi encontrada morta por overdose de heroína. Como seu marido, ela tinha 27 anos de idade.

Uma semana após sua morte, Pamela foi recompensada postumamente com meio milhão de dólares, mais de um quarto dos royalties futuros do Doors. O valor foi transferido para seus pais.

Em 1975, o pai de Jim, almirante Morrison, aposentou-se da Marinha e entrou com uma ação pedindo uma parte do espólio de seu filho. Ele recebeu metade. O pai do vocalista morreu em 2008.

O melhor amigo de Jim, Tom Baker, teve uma overdose fatal em uma boca de pico em 1982.

O Conde Jean de Breteuil morreu de overdose meses depois do próprio Morrison. “Caso tivesse vivido, talvez tivesse se tornado um ser humano”, escreveu Marianne Faithfull, que miraculosamente sobreviveu ao seu próprio e longo vício, bem como a diversas tentativas de suicídio.

* * *

Entre os sobreviventes da vida de Jim Morrison está sua segunda “esposa”, Patricia Kennealy-Morrison. No final de seu livro, *Strange Days*, ela escreve: “Pergunta: O que você acha que matou Jim? [...] Miami e Pamela, não necessariamente nessa ordem”.

Mas, no final, Kennealy conclui que “Jim Morrison se matou [...] Porém, a arma mortal que Jim usou contra si mesmo não foi a heroína, mas uma dicotomia fatal – criada por ele mesmo, autoinfligida, autoperpetuada – entre Jim Morrison, o louco dos palcos, e James Douglas Morrison, a alma vulnerável e amorosa”.

Mas se a loucura de um homem segue um método, será ele realmente louco? E se ele é tão vulnerável a ponto de se armar contra uma intimidade real e duradoura, poderia ele ser amoroso?

O que matou Morrison foi viver acima da velocidade permitida: sua paixão e sede por uma liberdade que, em seus limites mais distantes, se torna o que homens hesitantes chamam de loucura e

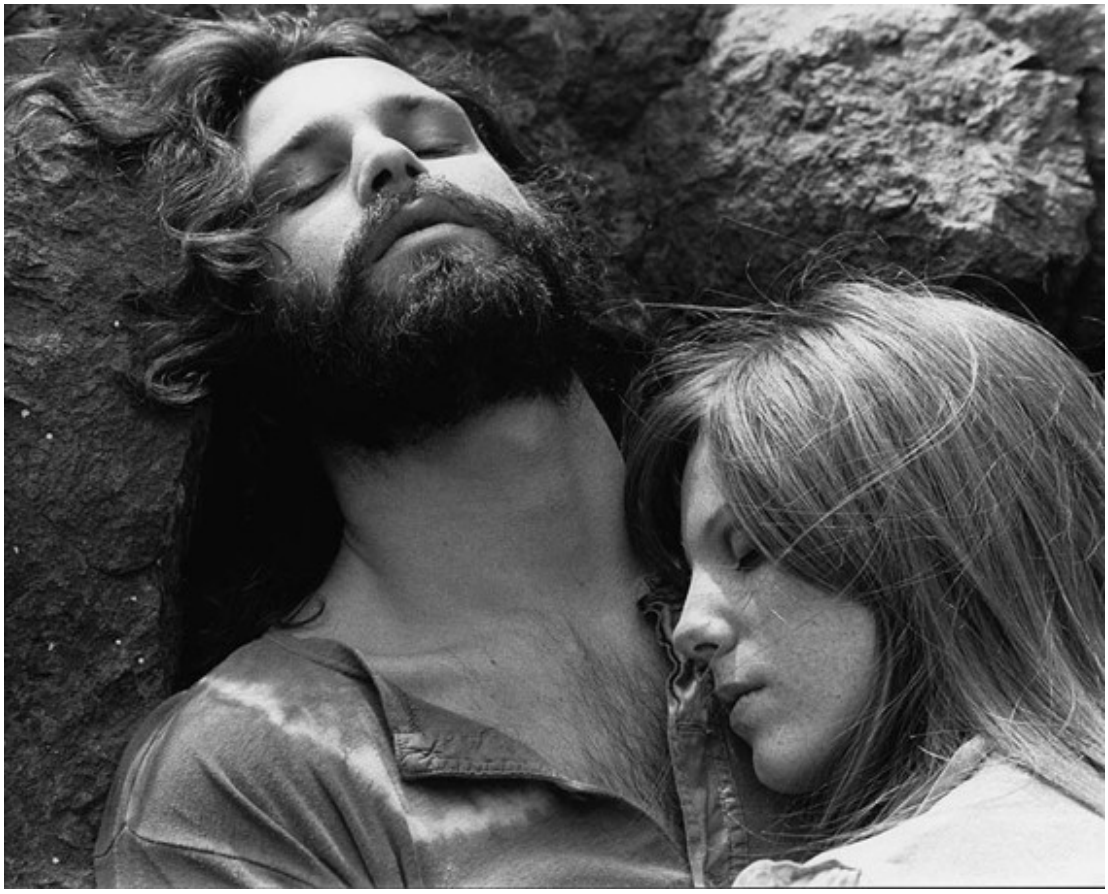
caos. “É preciso ter ainda caos dentro de si para poder dar à luz uma estrela dançante”, disse o mentor super-homem de Morrison, Nietzsche. Mas, depois de ser tornar um astro, ele se viu em uma jaula de estrelato popular da qual só conseguiu escapar mandando tudo para o alto em uma noite gloriosa e se entregando ao sacrifício.

Mas, no processo, ele deu à luz o teatro, a filosofia e a poesia que hoje permeiam o rock – um dos vestígios mais duradouros no moderno e mecanicista mundo do primitivismo, da magia e da alma.

Jim Morrison desmaiado no palco em Frankfurt, Alemanha – setembro de 1968.
(Foto: Michael Ochs Archives/Getty Images)

+ Anno · domini · m · ccc
herr u · mond · der · wurbs · & · lybdus · sun · gotes ·
krucksmodus · mus · sun · anno · vigilia · m · pau · duro

Morrison em uma igreja – 1970.
(Foto: Michael Ochs Archives/Getty Images)



Morrison nas colinas de Hollywood, com Pamela Courson – 1969.
(Foto: Acervo de Edmund Teske/Michael Ochs)

Interlúdio: Loucos

Once I had a little game: I liked to crawl back in my brain.
I think you know the game I mean: I mean the game of going insane...
Just close your eyes, forget your name, forget the world,
Forget the people, and you'll erect a different steeple.
– Jim Morrison, *Go Insane*

O Rei Lagarto tinha a loucura e seus famosos representantes – Nietzsche, Artaud, Rimbaud – na mais alta conta. Seguindo esses modelos, ele cultivou um "desregramento dos sentidos" para transformar a demência em sua igreja e seu bastião. "A loucura é como o céu", declarou ele. "O Doors fala da loucura que habita em todos nós." Mas a loucura da qual ele falava não era a insensatez por si só, mas algo bem diferente. Como Artaud ressaltou, "em cada homem louco há um gênio incompreendido".

John Lennon tinha a mesma mentalidade, mesmo na juventude. "Eu costumava pensar que, bom, eu não podia ser louco porque ninguém me trancafiou em lugar algum; portanto, sou um gênio", constatou. "A genialidade é uma forma de loucura [...] Ser um gênio é doloroso."

Cada um dos outros gênios sofredores cultivou sua loucura na mesma extensão que Morrison e Lennon. A loucura funcionava como uma droga para cada um deles – uma viagem natural em seu circuito mágico. "Você tem de ir em frente e enlouquecer", disse

Hendrix. Janis disse à sua biógrafa: “Você deveria estar fazendo um artigo sobre mim, bicho. Foda-se a realidade!”. Cobain se dizia “um doente metal”, “desesperado”, “do tipo patológico”. Quanto a Jerry Garcia, quanto mais as coisas ficassem “boas e estranhas”, melhor.

O herói e a inspiração original de todos os astros atendia por vários nomes: E, Chefe, Mr. Tiger (seu nome no caratê), Aron Silve (seu apelido na desintoxicação), Rei do Rock. Mas o nome gravado no bracelete de identificação de Elvis era louco.

Elvis e seus sucessores não eram completos desconhecidos dos psiquiatras. Mas, sem exceção, nenhum dos Sete frequentou terapeutas por livre e espontânea vontade, mas sim encaminhados por familiares, amigos e/ou empresários preocupados. Todos escaparam do divã depois de ter sido psicoterapeutizados. Se algum deles tivesse encontrado um terapeuta esclarecido como Carl Jung, talvez tivesse retornado para um acompanhamento. “Mostre-me um homem sadio e eu o curarei para você”, proclamou o aluno rebelde de Freud.

Jung observou a intimidade sinérgica entre genialidade e aquilo que um homem “sadio” chamava de loucura. Ambos são elementos instáveis e explosivos. Como urânio.

Quando crianças, os astros tinham os ingredientes certos para orquestrar uma implosão: energia maníaca, inadequação e uma necessidade desenfreada por atenção. “Por que ninguém mais me nota?”, Lennon se perguntava quando criança. “Então você grita: olhem pra mim, um gênio, pelo amor de Deus! O que eu tenho que fazer pra provar pra vocês, seus filhos da puta, o que eu posso fazer e quem eu sou?”

Todas as crianças anseiam por atenção, mas o apetite desses astros era insaciável. “Ele sempre era o centro das atenções”, lembrou-se um dos amigos de infância de Lennon. Uma pessoa próxima a Elvis observou: “Se ele não fosse o centro das atenções, não estava interessado”. Um colega de escola de Morrison disse: “Quando alguém fazia alguma coisa desafiadora, coisas que *nós* queríamos fazer, nos sentíamos gratificados [...] Ele era o centro ao redor do qual gravitávamos”. A Rainha do Blues disse a um promoter: “Querido, essa é a turnê de Janis, por isso [...] é melhor você prestar atenção, seu filho da puta!”.

Quando crianças, esses astros eram respondões e encrenqueiros. O lunático-alfa era Morrison. “Jim era [...] uma pessoa bizarra”, disse um colega de escola. “Ele gostava de chocar as pessoas e causar polêmica.” Enquanto frequentava a Universidade do Estado da Flórida, o Rei Lagarto gritava “pretoooos!” das janelas das salas de aula com toda a força de seus pulmões. Janis “aterrorizava os fazendeiros” na época de estudante e da formatura no Port Arthur High. Cobain grafitava edifícios com dizeres como SEXO HOMOSSEXUAL É O CANAL! Lennon infernizava e insultava seus colegas de classe, inclusive importunando um “repugnante garoto judeu”, dizendo que “não deviam nos meter no mesmo balaio que o resto deles!”. E, como Morrison, o futuro Beatle adorava fazer imitações de pessoas deficientes babando e se contorcendo.

Lennon mais tarde confessou: “Eu era só um moleque esquisito e psicótico escondendo minha insegurança sob uma fachada de macho”. Mas, mesmo como adulto, o menino psicótico dentro dele muitas vezes vencia o Inteligente, especialmente quando estava sob

a influência da “pura” e de Alexanders com conhaque. Durante seu “final de semana da perdição” em Los Angeles, ele importunou os Smother Brothers no palco, vociferando “vá trepar com uma vaca!”. Ele chamava Yoko de “puta amarela” e seus sogros de “japas”. Ao se apresentar em Hamburgo, usando um assento de privada ao redor do pescoço, tagarelou: “Ei, lembra da guerra? A gente venceu aquela merda!”, então agarrou sua virilha e caminhou pelo palco como um ganso, berrando: “Façam sua saudação nazista pro meu PAU!”.

A maturidade também não diminuiu o gosto de Morrison por chocar e intimidar diretamente as pessoas. Volta e meia ele lembrava sua plateia de que eles não passavam de “um bando de escravos” e “uns idiotas filhos da puta”. Ele ridicularizava os policiais chamando-os de “porcos” e todo mundo mais, de Andy Warhol a Ed Sullivan, e fazia piadas sobre assassinar Simon e Garfunkel.

Cobain ia ainda mais longe do que Lennon e Morrison. Fumando baseados no palco, ele entoou “Foda-se o papa!” para seu público em Roma. Certa vez, registrou-se em um hotel na Holanda completamente nu e coberto de sangue. Em outra ocasião, disse aos repórteres que não via a hora de excursionar pelo Japão, “para dar o troco aos filhos da puta por Pearl Harbor”.

Uma energia maníaca alimentava esse exibicionismo. Como crianças e adultos, os Sete sempre foram exagerados. Se uma criança normal está ligada a uma tomada de 110 volts, cada astro precisava de cinco vezes isso. Cobain, que sofria de déficit de atenção e transtorno obsessivo-compulsivo, tomava Ritalin desde os 4 anos, um remédio à base de metilfenidato; e, se a droga já existisse na década de 1950, ele teria tido companhias famosas.

“Eu sou uma pessoa bem nervosa, na realidade”, disse Lennon. “Sou muito nervoso”, disse Elvis. “Sempre fui nervoso, desde criança.” Um colega de infância descreveu o Rei do Rock como “mais agitado que um cachorro preso no quintal”. Cobain se proclamava “neurastênico” e “agitado”. Morrison dizia com frequência a seus colegas de banda que estava tendo “um colapso nervoso”. Janis teve o seu quando tinha 17 anos, e Lennon, após a separação dos Beatles. Quando criança, a maioria sofria de insônia, ataques de ansiedade e pesadelos aterrorizantes. Mais tarde, por mais que amassem os holofotes, quase todos tinham pavor do palco.

Se o excesso de energia e as peculiaridades desses astros os levaram a uma busca maníaca por atenção desde cedo, também tiveram um efeito oposto, isolando-os e dividindo-os. Todos eram extro-introvertidos. Quando não estavam comandando seu público, escapavam sozinhos para o próprio mundo deles. Hendrix e Cobain consideravam-se ets. A maioria deles era louca por gibis, como Elvis. “Quando criança, eu era um sonhador”, disse o Rei. “Lia quadrinhos e era o herói de cada história lida.” O maior herói de Elvis era o *alter ego* do personagem de 12 anos Billy Batson, que gritava “Shazam!” e se transformava no “garoto mais poderoso do mundo” – o Capitão Marvel. Tendo os poderes de Zeus, a força de Hércules, o vigor de Atlas, a velocidade de Mercúrio, a coragem de Aquiles e a sabedoria de Salomão, o Capitão Marvel derrotava o Adão Negro, o Capitão Nazista e o satânico Sr. Cérebro e sua Sociedade Monstro do Mal.

Assim como Elvis – a estrela original ao redor da qual todos os outros orbitavam –, os demais procuravam se recriar como astros.

Durante essa reinvenção, as singularidades e o egocentrismo da infância se converteram em megalomania; a cisão entre extroversão e introversão evoluiu para um tipo de esquizofrenia. Suas vastas energias evoluíram para a violência e a paranoia.

E quando seus sonhos de estrelato se tornaram realidade, as coisas realmente fugiram do controle dos Sete.

* * *

Pouco tempo depois de anunciar para o mundo que os Beatles eram “mais famosos que Jesus” – tendo o Vaticano lhe concedido perdão oficial pela afirmação em 2008 –, John Lennon disse a seus colegas de banda que ele *era* Jesus Cristo [1] e exigiu um comunicado da Apple anunciando isso.1 Ele descobrira sua identidade durante uma viagem de ácido na noite anterior. A revelação não surpreendeu nenhum dos outros Beatles. “Nos sentíamos como deuses!”, disse McCartney após a apresentação no Albert Hall. Paul tomara ácido com John havia pouco tempo e tivera flashes de si mesmo como “O Imperador Absoluto da Eternidade [...] Foi uma experiência bem assustadora”.

Mesmo antes de encarnar Jesus, John “tagarelava sobre comprar uma ilha ensolarada, acender e apagar o sol e controlar o tempo”, lembrou-se sua primeira esposa, Cynthia. Na primavera de 1967, Lennon comprou Dornish, uma ilha na costa da Irlanda. Meses depois, na esteira do lançamento do single *All You Need Is Love*, dos Beatles, ele adquiriu a ilha grega de Leslo [2], com 6,5 hectares, mas a vendeu de volta para o governo antes de descobrir se o clima lá era “gerenciável”.

Keith Richards, amigo de Lennon, observou certa vez: “Você acredita que é semidivino quando está em uma limusine, depois é semidivino no hotel, até que você é semidivino na porra da turnê inteira”. Ele explicou como isso acabou com seu colega de banda, Brian Jones: “Ele realmente embarcou na viagem de ser *popstar*, e isso o matou. De repente, ele deixou de ser uma pessoa focada no que queria fazer para virar alguém disposto a embarcar na pior das viagens. Que, por sinal, acabou sendo bem curta”.

Em uma rara conversão harmônica, Presley e Lennon descobriram ser messias ao mesmo tempo. Era a primavera de 1968. Elvis tinha acabado de fazer um especial para a TV, assistido por mais de um bilhão de pessoas, e John tinha acabado de terminar seu treinamento em levitação na Índia, com o Maharishi. Enquanto John, chapado de ácido, agora comprava ilhas nas quais pudesse comandar o clima, Elvis, sob o efeito de remédios comprados com receita médica, estava em Graceland movendo nuvens com a mente e assistindo às folhas das árvores “tremerem com minhas vibrações”. John, que tivera várias encarnações – o cover de Elvis em estilo *skiffle*, o “franjinha” do álbum *Meet the Beatles*, o mago do ácido de *Sgt. Pepper´s* –, agora era o guru barbado vestido de branco. Elvis, que também acreditava na magia das roupas, vestiu um turbante cravejado de joias antes de colocar as mãos sobre seu primo Billy e curá-lo de uma pneumonia. “Elvis parecia Ali Babá”, disse um de seus discípulos. Já Lennon, que nunca foi um curandeiro natural como o Rei, sempre fugiu dos deficientes que o perseguiam no auge da Beatlemania.

O Rei também superava o Beatle quando o assunto era epifania. Suas apresentações tornaram-se extravagantes ao estilo *deus ex*

machina. “Ele meio que teve esse complexo de super-homem”, disse Red West. Em suas capas de Capitão Marvel e seus macacões ornados com pedras preciosas – a junção de Faraó Egípcio, el Conquistador, o “Teocuicatl” –, ele se materializava no palco sob os acordes apocalípticos de *Assim Falou Zaratustra*, canção do filme *2001: Uma Odisseia no Espaço*. Elvis deslumbrava seus adoradores com músicas e danças sobrenaturais e jogava dezenas de milhares de dólares em joias para a multidão. Em seguida, ele desaparecia, deixando uma única voz mágica ressoando no escuro: “Elvis deixou o recinto!”.

Em 1965, o Rei concordou, de má vontade, em conceder uma audiência aos Beatles, que na época estavam em sua segunda turnê pelos Estados Unidos e a meio caminho de roubar seu trono. Quando seu empresário, o Coronel Parker, sugeriu um encontro durante a primeira turnê do grupo, Elvis disparou: “Mas que merda, não quero conhecer esses filhos da puta!”, de modo que o Coronel enviou aos quatro prodígios trajes de cowboy, chapéus no mesmo estilo e seis revólveres – “com os cumprimentos de Elvis”. Quando ele mudou de ideia, dois anos depois, o quarteto se preparou para ficar cara a cara com Deus em pessoa. “Nada tinha me afetado de verdade até Elvis”, disse John em certa ocasião. Paul acrescentou: “Elvis era o guru que todos tinham esperado. O messias tinha chegado”. Assim, naquele dia, os quatro rapazes estavam de olhos arregalados como pires quando se viram na frente do Rei.

“Vejam bem”, rosnou Elvis finalmente, “se vocês vão ficar aí parados me encarando a noite toda, eu vou dormir! Eu não queria que isto virasse um evento do tipo os súditos visitando o rei!.”

Elvis nunca apreciara os aspirantes a astro do *showbiz*. Sempre que Mel Torme, Robert Goulet ou Jim Nabors apareciam na TV, ele mandava bala na concorrência com uma de suas pistolas Patton .45 de cabo perolado. Quando o superguitarrista Eric Clapton foi até o Vaticano de Memphis para beijar o anel papal, o Rei perguntou, com desinteresse: “E você faz o quê?”. A estrela do Cream respondeu: “Toco guitarra”. “Bem”, disse Elvis para Deus, “meu guitarrista se chama James Burton. Quem sabe ele não te ensina alguns truques.”

Lennon era igualmente desdenhoso com celebridades menores. Quando a convalescente Judy Garland retornou aos palcos após um colapso nervoso, ele vociferou da multidão: “Ei, sai fora, Sophie!”. Mais tarde, ele a apresentou a seu empresário, Brian Epstein, que era louco por celebridades, como Judy “Garbage” [“lixo”, em inglês]. Quanto ao seu encontro histórico com o Rei, o Inteligente do grupo mais tarde diria: “Foi como conhecer Englebert Humperdinck”. Ele também não tinha muito apreço por Dylan ou seus dons como letrista. “Dylan cometeu um assassinato e escapou”, disse ele. “Eu também posso escrever essa porcaria.”

Em relação aos fãs, mesmo durante seu período messiânico Lennon nunca gostou de se sentir observado, muito menos perseguido. Mas a única coisa que ele odiava mais do que ser reconhecido era não ser reconhecido – mesmo quando estava caindo de bêbado e, esperando sua menstruação mental, usava um absorvente íntimo como solidéu. Quando perguntou a uma garçonete do clube Troubadour, em Los Angeles, “Você não sabe quem caralhos eu sou?”, Ela respondeu: “Sei, você é o idiota com o Modess na cabeça”.

A queda de divindade para idiota com Modess na cabeça foi alta, de forma que, em seus últimos anos, John trocou a coroa de espinhos por algo mais confortável. “Sou o rei, e qualquer encontro com a plebe me enfraquece”, disse ele a seu assistente, Fred Seamans. “Você é meu cavaleiro e é seu trabalho me proteger de tais encontros [...] Quanto menos eu for visto, mais poderes terei.” Ele estava no que chamou de seu período “marido dono de casa” em Nova York, com Yoko e seu filho, Sean. Tendo se convertido à metafísica *new age* de sua esposa, ele agora acreditava ser a reencarnação de Napoleão, e Yoko, a de Josefina.

Após a separação dos Beatles no começo de 1970, Lennon sofreu seu primeiro colapso nervoso. Sozinho e “divorciado” de sua família adotiva, como ele dizia, e de seus três *alter egos* – Paul, o Político; George, o Místico; e Ringo, o Palhaço –, John desmoronou. Escondido no quarto por semanas e se recusando a ver qualquer pessoa que não Yoko, ele mais tarde se lembraria: “Eu me sentia como um templo vazio cheio de espíritos [...] cada um me habitando por algum tempo e depois indo embora para dar lugar a outro”.

Rendendo-se à adoração dos fãs, outros embarcaram na mesma viagem alucinada de autodeificação. O Rei Lagarto nunca se proclamou Jesus, mas a crucificação não saía de sua cabeça. Durante o vídeo promocional do Doors para a música *The Unknown Soldier*, Morrison, posando de salvador da Geração do Amor, foi filmado na cruz. Antes de seu julgamento por obscenidade em Miami, ele enviou a seus colegas de banda um cartão-postal de St. Louis, com o Sacrifício do Cordeiro Divino: “Não se preocupem, o fim está próximo”, escreveu. “Ha ha.”

Janis atingiu um grau mais modesto de megalomania. Ela se autoproclamava “a maior cantora de blues do mundo” e vivia além dos limites da probabilidade. Morrison e os outros também habitavam essa zona, e, por osmose, os fãs ficavam chapados por orbitarem sua loucura, mesmo que a uma distância segura. Mas Janis nunca foi venerada como seus colegas do sexo masculino, um indicativo do sexismo da deificação.

Seu amante, Jimi Hendrix, quando tocava como contratado para o Chambers Brothers, profetizou: “Eu vou ser o maior guitarrista de todos os tempos”. Depois de seguir carreira solo e ser considerado como tal, Rae Warner, do Chambers Brothers, observou: “Jimi estava completamente diferente. Ele queria a atenção de todo mundo no mundo inteiro”. O estrelato transformou o guitarrista. “Estávamos tão impressionados com o dinheiro e o glamour de sermos considerados *popstars* que esquecemos que éramos pessoas”, admitiu o baixista Noel Redding.

Tempos depois, Pete Townshend chamou Hendrix de “um homem seriamente perturbado do ponto de vista psicológico”. Jimi se dizia “esquizofrênico de 20 maneiras diferentes”. Ele era festeiro e extrovertido, mas reclamava dizendo “eu nunca tenho tempo para mim” e “só quero ficar sozinho”. Ele era a favor da paz e defensor dos oprimidos, mas tornou-se incontrolavelmente violento e espancava mulheres pra valer. Uma conhecida chamou-o de “a pessoa mais charmosa e educada do mundo inteiro”, mas outros o chamavam de “filho da puta” e “imbecil”. Numa noite, ele dizia à multidão que a amava; noutra, disparava: “Quero que todos vocês morram. Fodam-se!”.

John Lennon era igualmente esquizofrênico de diversas formas. Em 1974, o psiquiatra Milton Weiss, de Los Angeles, tentou analisar o ex-Beatle de graça, mas “desistiu em desespero”, declarando: “Se isso fosse um trabalho, eu teria que lhe enviar duas contas – uma para cada personalidade!”. Mas o médico só tinha de comparar a vida do paciente às letras escritas por ele. O pregador do movimento paz e amor não vivia uma vida cheia de amor e paz. Como Morrison, ele vomitava discursos cheios de ódio. Entre outros incidentes, tinha mandado um DJ londrino e um marinheiro alemão para o hospital e ameaçara matar algumas pessoas. “Eu batia em tudo”, confessou ele. “Não conseguia me expressar e batia. Eu briguei com homens e bati em mulheres.” Ele atribuía seu lado negro à perda que sofrera na infância. “Depois que minha mãe morreu, me senti traído por toda a raça feminina”, confessou ele. “Eu costumava fantasiar que torturava mulheres até a morte. Ainda tenho fantasias violentas [3].” Certa vez, Lennon confidenciou a um amigo: “Sempre me perguntei como seria matar uma mulher, muitas mulheres. Me tornar um Beatle foi o que me impediu de fazer isso de verdade. Dá pra imaginar, um Beatle assassino em série?”. Mas John não era o único a manifestar tendências homicidas: Elvis quase matou quatro pessoas; Cobain, uma; Janis provocou diversas overdoses quase fatais em várias outras. Morrison fantasiava sobre homicídio tanto quanto Lennon. “Se eu tivesse um machado [...] cara, eu mataria todo mundo”, disse ele.

“John estava cheio de um ódio que o acompanhou em todos os momentos de sua vida”, disse seu produtor, John Brower. Para dar vazão a esse sentimento, o ex-Beatle tentou a terapia do Grito Primal. Seu inventor, o dr. Arthur Janov, mostrou a ele como liberar

sua raiva de uma maneira menos prejudicial do que atacar pessoas. O resultado do tratamento pode ser conferido no álbum *John Lennon/Plastic Ono Band*, que, com a adição dos duetos de Yoko, se assemelha à trilha sonora de um sanatório ou de uma sala de parto.

À frente de seu tempo, o primeiro álbum punk do mundo foi um fracasso. Enquanto isso, o álbum água com açúcar de estreia de McCartney, a quem Lennon agora chamava de "McCuzão", subia nas paradas, o que deixou o Inteligente do grupo com uma vontade danada de gritar de verdade. Enquanto o trabalho solo do Bonito do quarteto era aclamado e o seu era destruído, Lennon mandava ver na heroína. Logo ele atingiu o fundo do poço, amarrou-se a uma cadeira e parou de consumir drogas de uma vez. "Can't see no future, can't see no sky", cantou ele. "[…] I wish I was a baby, I wish I was dead."

Em sua segunda tentativa solo, Lennon lançou *Imagine* com seu doce piano *à la* McCartney. "Imagine all the people living a life in peace […] a brotherhood of man." Mas John deve ter tido problemas para imaginar um mundo assim, já que acreditava que "todas as pessoas são basicamente uma bosta [...] e merecem sofrer abusos". A misantropia dos megalomaníacos muitas vezes se alimenta do ódio que a pessoa sente de si mesma, e esse parecia ser o caso com o esquizoide John. Muito tempo antes, ele escrevera *Nowhere Man* sobre si mesmo. "Parte de mim suspeita que sou um fracassado, e parte acredita que sou Deus Todo-poderoso", disse à revista *Playboy*.

O dr. Janov tinha mostrado ao Beatle que todas as suas crises de identidade, suas emoções conflitantes e sua ira tinham raízes em

sua infância. Depois de abandonar a terapia do Grito Primal, John convidou seu pai e seu meio-irmão, na época um bebê, para visitá-lo em sua casa de campo na Inglaterra. Freddie Lennon mal tinha chegado quando John teve um ataque, culpando-o por abandoná-lo quando criança e por transformá-lo em um "lunático delirante".

Jim Morrison também tinha fama de esquizoide de pavio curto. "Você simplesmente nunca tem como saber", disse seu produtor, Paul Rothchild, depois que o vocalista destruiu o estúdio com um extintor de incêndio. "Ele estava no seu dia Dr. Jekyl ou ia dar uma de Mr. Hyde?"

Ray Manzarek tinha um nome para o monstro interior de Morrison. "Jimbo", escreveu ele em suas memórias, era "o *doppelgänger* demoníaco de Jim [...] em uma jornada de dominação, poder e pontapés [...] era um Frankenstein monstruoso, o golem destrutivo." O *doppelgänger* do astro, continuou Ray, resolveu destruir o Doors e, no final, conseguiu não só isso, mas também matou Jim. O mesmo pode ser dito dos *alter egos* das outras estrelas: Pearl matou Janis e o Rei matou Elvis.

Depois que o Rei Lagarto foi preso em Miami, seu advogado, esperando construir uma defesa alegando insanidade, convenceu Morrison a procurar ajuda psiquiátrica. Em sua primeira consulta, Jim desafiou a terapeuta a jogar xadrez. No dia seguinte, ele disse a seu advogado que não voltaria à médica porque "ela tinha a bunda grande". Além disso, acrescentou ele, "como posso aceitar conselhos de uma pessoa que não consegue nem ganhar um jogo de xadrez?".

Kurt Cobain também não era nenhum fã de terapia ou um amor de pessoa. Confessando que possuía "esse complexo terrível de

Johnny Rotten", ele mais tarde acrescentaria: "Noventa e nove por cento da humanidade levaria um tiro, se dependesse de mim". "Somos todos iguais – somos moscas pousadas na merda", ressaltou em outra ocasião, fazendo coro com Lennon. "Ele odiava tudo, todo mundo. Odiava, odiava, *odiava*", disse sua esposa, Courtney Love, também bastante familiarizada com o sentimento. "Kurt não sabe necessariamente o que quer, mas ele está sempre *de saco cheio*", observou seu produtor, Butch Vig. No entanto, parece que a estrela do grunge, ao contrário de John Lennon e do Rei, não estava em busca de deificação. "As pessoas tratam-no como Deus, e isso o deixa puto", disse seu relações-públicas, Nils Bernstein.

A atitude de Cobain nasceu de sua disposição naturalmente excitável e de sua criação nada idílica. "Quando cresci, queria ser viado, negro, babaca, puta, judeu", escreveu ele em seu diário, terminando com um mantra digno de Morrison: "Se mate se mate morte morte morte morte morte morte estupro estupro estupro estupro estupro estupro é bom, estupro morte estupro ganância ganância boa ganância bom estupro grito morte". Para a fotografia de capa da revista *Rolling Stone*, ele usou uma camiseta feita sob medida com os dizeres matem o grateful dead. Anos antes, ele quase matara um valentão do colégio a pauladas. "Foi um lembrete assustador do quanto eu posso ser violento [...] Na verdade, foi uma sensação boa", lembrou-se mais tarde.

Gritador primal por nascença, o garoto de rua da periferia de Washington não precisou fazer terapia como John, ou secar garrafas de scotch como Jim, para trazer seu monstro interior para o palco. Em suas apresentações mais instigantes, ninguém sabia se

Kurt estouraria com os outros ou descontaria em si mesmo. “Sempre pensei que seria eleito a Pessoa com Mais Chances de Matar Alguém no Colégio”, disse certa vez, “mas eu provavelmente optaria por me matar antes.”

Mas, como Lennon, Morrison, Hendrix e Joplin, Cobain também tinha seu lado monstro: introspectivo, autodepreciativo, tímido. Esse Kurt podia discutir e escrever sobre sua música e sua vida de maneira completa e articulada. Na sua chamada carta de “suicídio”, ele escreveu: “Devo ser um desses narcisistas que só apreciam as coisas quando elas já se foram [...] Desde os 7 anos, venho odiando cada vez mais todos os seres humanos em geral [...] Tenho uma filha que me lembra demais o que eu costumava ser, cheio de amor e alegria [...] Não consigo suportar a ideia de ela se tornar a mesma pessoa egoísta, autodestrutiva, roqueira e morta que me tornei”.

Muitos astros se enterraram em agendas frenéticas de turnês, já que, em seus momentos de reflexão mais intimistas, muitas vezes se rendiam à depressão, à autodepreciação e a pensamentos suicidas. Ocasionalmente, conseguiam se drogar o suficiente para escapar desses vales do terror, mas, com o passar do tempo, passavam a se drogar ainda mais e com mais frequência.

Jimi Hendrix, o compositor de *Manic Depression*, era famoso por seus “humores”, como sua banda chamava suas disposições de espírito. Janis caía em crises de choro, sentindo-se feia, sozinha, uma personalidade que logo seria esquecida. Um amigo de Morrison revelou que ele, a despeito de seu ego titânico, experimentava “grandes períodos de insegurança, nos quais se sentia uma fraude”. Lennon se enfiou em sua cela no Dakota durante cinco anos, sofrendo da mesma síndrome de impostor e da

sensação de não pertencer a lugar nenhum, o flagelo de muitos grandes artistas. Cobain – embora parte dele se sentisse “um garoto prodígio” e, como sua esposa afirmou, “bom demais para qualquer um” – no final se sentia esgotado e apenas “triste pra caralho”.

E havia ainda o líder do Grateful Dead. Comparado aos outros seis, Jerry Garcia poderia ser considerado o garoto propaganda da saúde mental. Alguns o chamavam de “a coisa mais próxima de um ser humano perfeito”, outros de “Buda”. Ele não era maníaco ou agitado, não batia nem odiava ninguém e permaneceu relativamente livre da paranoia e da depressão. Desviou-se dos holofotes e, apesar da deificação por parte dos Deadheads, como eram chamados os fãs de sua banda, dizia: “Não importa quem você seja, você se conhece pelo idiota que é”. Embora Garcia tenha decidido, ainda no começo, nunca “crescer”, pode-se argumentar que ele foi o único dos Sete que realmente amadureceu. É fato que, no final, Morrison, Cobain e Lennon, em especial, desenvolveram alguma perspectiva em relação ao seu egocentrismo, alienação e ira adolescentes, mas ainda foram vítimas das compulsões que esses sentimentos produziram e que, ironicamente, ajudaram a tornar sua música tão poderosa. Em *Borrowed Time*, Lennon cantou “When I was younger, living confusion and deep despair [...] full of ideas and broken dreams”, e nos últimos versos, “Now I am older [...] less complications, everything clear”. Mas em *Scared*, ele cantou “Hatred and jealousy, gonna be the death of me. I guess I knew it right from the start”. Quanto a Garcia, que carregava uma bagagem psicológica consideravelmente menor do que os outros, ele conseguiu superar a loucura prejudicial da juventude e manter em sua música a energia ilimitada, o idealismo e a liberdade.

Mas, após sua “longa e estranha viagem” nas entranhas do demônio, o Buda do rock finalmente pagou o preço pela loucura que é o estrelato.

* * *

De todas as estrelas, a mais complexada foi o próprio Rei. Ele sofria de complexo de Deus, complexo de Édipo e transtorno obsessivo-compulsivo. Era também bipolar, paranoico, esquizoide, insone, hipocondríaco e fetichista. Ao longo de sua vida, ele afirmou sofrer de diversas condições médicas graves, mas essas “diversas” não incluíam nenhuma das citadas. Sendo ele mesmo um mundo à parte, o que meros mortais poderiam considerar loucura era normal para Elvis. Fosse qual fosse a terapia que acreditava precisar, ele a obtinha junto a seus farmacêuticos locais.

Quando seu estoque de medicamentos ficava baixo, Elvis tendia a ser mais sísmico do que o normal. “Seu temperamento podia ser comparado ao de Darth Vader”, recordou sua filha, Lisa Marie. Elvis puxava sua arma contra seus empregados com frequência. Quando sua tia quase atirou em um de seus Rapazes favoritos, ele ameaçou “costurar sua boceta e jogá-la do outro lado da merda do muro!”. E quando era obrigado a lidar com problemas mais sérios, como falhas no sistema de retorno do palco, certa vez disse ao engenheiro de som: “Desliga essa merda de som, Felton, ou eu separo você do seu rim”. Nessa época, ele mesmo precisava de um rim novo, bem como de diversos outros órgãos.

Por outro lado, Elvis tinha sua faceta angelical. Ele foi mais gentil e mais generoso com seus fãs do que qualquer outro astro na

história.

Mas, expondo a loucura de toda essa situação, o velho amigo e confidente do Rei, Lamar Fike, revelou um segredo sobre ele que também permeia a fachada da maioria dos outros astros: “Elvis foi o ser humano mais inseguro que conheci em toda a vida. Ele tinha absolutamente tudo. Era o Eleito, mas nunca foi preparado para ser o que era”.

★

Tupelo
8 de janeiro de 1935

✞

Memphis
16 de agosto de 1977

4
Elvis Presley

TCB

O Rei dirigia sua Ferrari Dino preta a mais de 190 por hora pela estrada de Santa Mônica. O par de pistolas calibre .45 estava em seu cinto de gladiador afivelado sobre o macacão negro de paraquedista da Divisão de Narcóticos, ensopado de suor. A pistola Derringer estava em sua bota; a metralhadora Thompson, sob seu banco. Ele tinha bolas de algodão encharcadas de cocaína enfiadas em suas narinas. Seu irmão de criação mais novo, David Stanley, estava no banco do carona. O rapaz nunca vira o irmão naquele estado.

Elvis arrebentara a porta de seu quarto no meio da noite: “Pegue suas coisas, vamos sair pra caçar”, ordenou. “Nós vamos matar aqueles filhos da puta!” Era novembro de 1976. Elvis acabara de concluir outra turnê nacional exaustiva, mas parecia pronto para realmente quebrar um pescoço ou dois naquela noite.

Embora estivesse moderadamente entusiasmado com a aventura no meio da madrugada, David tentava fazer seu irmão de criação desistir da coisa toda desde o momento em que tinham saído de seu condomínio na praia. Não era a velocidade que o

incomodava. Elvis não só era um piloto bêbado experiente como também fora treinado em Hollywood para interpretar um piloto profissional no filme *Minhas Três Noivas*. A quantidade de armas também não o intimidava. Elvis andava armado havia anos e era um autêntico embaixador da paz. Ele carregava distintivos de mais de 50 departamentos de polícia de costa a costa, sem mencionar seu distintivo da Agência Federal de Narcóticos. Não, o que incomodava David era que, pela primeira vez, ele realmente vira assassinato nos olhos de Elvis.

"Eles chamam isso de gratidão?", gritou o Rei, mais alto do que os 335 cavalos do Spyder. "Eu dei de tudo para aqueles merdas. De tudo, caralho!"

Eles ganharam Cadillacs, pistolas calibre .357, ouro e diamantes, sem mencionar a quantidade de mulheres, muito maior do que qualquer mortal do sexo masculino teria direito. E ele acabara de lhes oferecer 100 mil dólares para que dessem um fim à coisa toda. Sinatra havia, inclusive, oferecido sua "influência" para fechar o negócio, mas o Rei, que sempre gostara mais de Nancy que de seu pai, dissera a Frank ser perfeitamente capaz de cuidar do negócio do Seu Jeito. Afinal, não era esse seu lema favorito, gravado no colar de ouro do Capitão Marvel em forma de raio, que ele dera aos ingratos: TCB?

"Eles não valem o preço da bala, Elvis", implorava seu irmão caçula. "Ninguém vai acreditar nessa merda!"

O Rei acelerou a Ferrari. Ele já tinha esfregado seus distintivos na cara de motoristas apressadinhos no passado, deixando-os ir embora depois de uma bronca e um autógrafo. Mas esta seria sua

primeira empreitada com bandidos de verdade, sem contar o fato de que eram Judas.

* * *

O problema todo havia começado recentemente em Tahoe, quando um corretor imobiliário de merda pagou 60 dólares para entrar na suíte de Elvis no Sahara, para dar uma festa particular. Arremessado porta afora pelos seguranças, ele começou a brincar com as luzes da suíte na caixa de fusíveis no final do corredor. Sua lembrança seguinte era a de estar no escuro e o pessoal do astro – os “Rapazes” – estar usando sua cara como saco de pancadas. Depois de ter sua mandíbula recolocada no lugar e seus lábios costurados, o penetra processou seus agressores em 6 milhões de dólares.

Essa não era a primeira vez que a Máfia de Memphis mandava Elvis para a Corte, mas com certeza era o golpe mais duro contra sua minguante fortuna. E o que era pior, eles estavam começando a se meter em alguns negócios bastante pessoais do Rei.

Elvis fez com que seu pai, Vernon, os despedisse, o que ele fez de bom grado, já que sempre tinha detestado aquele bando de parasitas. Todos os três: Red e Sonny West, mais o instrutor de caratê da casa, Dave Hebler. Os guarda-costas receberam uma indenização referente a uma semana de trabalho. Não era um acordo tão generoso se comparado ao que o Rei já havia feito por eles no passado, mas Elvis não esperava que seu nome fosse parar em um livro sobre sua vida, intitulado *Elvis: what happened?* [Elvis: o que aconteceu?].

Com Hebler a coisa foi mais fácil de resolver, mas os West eram outro assunto. Elvis frequentara o colégio com Red e, naquela época, o agressivo astro do futebol americano tinha cuidado de alguns reacionários de Memphis que tentaram bater em Elvis e cortar sua revolucionária cabeleira. Em todos os momentos nos últimos 16 anos, os primos West tinham protegido as costas do Rei. Não que eles não tenham brigado entre si uma vez ou duas.

Embora Elvis fosse padrinho de casamento de Sonny, mais tarde acabaria levando a sra. West para a cama, o que resultou em divórcio. Mas quando o astro perdeu sua própria esposa, Priscilla, para o carateca da Polinésia, Mike Stone, foi para Sonny que Elvis pediu ajuda. “O filho da puta tem que morrer!”, disse ele. “Mate aquele preto!” Sonny recusou o trabalho, jogando longe a M-16 automática que Elvis lhe metera nas mãos.

Agora o primo Red estava em uma enrascada. Elvis sempre dizia “o Red é raiva pura!”, e sabia que podia contar com ele em qualquer aperto. E realmente pôde. Red fez um telefonema de Las Vegas e conseguiu contratar alguém para matar o amante de Priscilla por 10 mil dólares. Mas quando Red concluiu a negociação e pediu sinal verde da parte de seu chefe para fechar o contrato, o Rei já tinha se acalmado. “Ah, merda”, deu de ombros “vamos deixar pra lá por enquanto.”

Apesar dos serviços devotados de Red, vez por outra seu empregador achava necessário lembrá-lo de qual era a hierarquia vigente. Não muito tempo depois do cancelamento do assassinato de Stone, em 1972, Elvis acordou seu guarda-costas no meio da noite, insistindo para que ele o levasse ao dentista. Embora Red não tenha se recusado, acabara de tomar uma porção de comprimidos

para dormir. Para conseguir acordá-lo, o Rei meteu a extremidade mais agressiva de um rifle 30-06 em seu peito.

“Elvis”, disse Red com grande pesar, “depois de todos esses anos, nunca achei que você fosse apontar uma arma para mim.” Em seguida, mantendo sua posição, continuou: “Vá em frente, seu filho da puta, puxe o gatilho. Me mate!”. O Rei, um carateca faixa preta de sétimo dan, largou a arma dando uma piscadela marota para aquela que, às vezes, era a melhor parte de Red: Sonny [1].

Essa não era a primeira vez que o astro tinha de colocar os empregados em seu devido lugar, inclusive o mais antigo, James K. Caughley Jr., conhecido como James Hamburger – que tinha esse apelido em virtude de todos os hambúrgueres, pirulitos e outros alimentos saudáveis que servira ao seu insaciável chefe ao longo dos anos. Ele também coletava as receitas médicas do Rei, mantinha seu guarda-roupa e suas joias em ordem e trocava os lençóis nos quartos de hotel depois que seu chefe sofria outro “acidente”.

Imagine a surpresa de Hamburger quando, em uma suíte do hotel Hilton, certa noite em Vegas, se viu com a pistola .45 de seu empregador em sua têmpora.

Recentemente, Elvis decidira que Hamburger o estava roubando – embolsando suas joias e falsificando cheques. Depois de reunir os West e seus outros assistentes, ele interceptou Hamburger no aeroporto de Vegas preparando-se para fugir, e já mostrando seu distintivo da Federal de Narcóticos para o atendente do portão de embarque, Elvis e sua gangue algemaram Hamburger, leram seus direitos e, em seguida, atiraram na fechadura de sua maleta, encontrando uma Magnum .357 e um anel de 20 mil dólares. Eles o

intimidaram na volta ao hotel, ameaçando levá-lo para um passeio no deserto. Quando Hamburger se derreteu em lágrimas dizendo que tinha levado o anel apenas para guardá-lo, Elvis reivindicou sua propriedade, despediu-o e encerrou os trabalhos daquela noite.

O Rei ganhara seu distintivo do bndd – Bureau of Narcotics and Dangerous Drugs [Agência Federal de Narcóticos e Drogas Perigosas] do próprio presidente, no Natal de 1971. Nixon declarara que as drogas eram o "Problema Número Um da América". Elvis enviou-lhe uma carta de próprio punho denunciando os Beatles e Jane Fonda e oferecendo a ele seus serviços como "embaixador" da juventude problemática do país. Nixon convidou-o ao Salão Oval. O cantor chegou vestindo um macacão preto de camurça e uma capa de veludo roxa abotoada com correntes de ouro. O visual incluía os óculos de aviador cor de âmbar que atenuavam o rímel e a sombra da Revlon usados pelo artista. De acordo com uma fonte, "ele parecia o Conde Drácula".

"Você se veste de maneira bastante arrojada, não é?", observou o chefe *quaker* do Estado Maior.

"Sr. Presidente", respondeu o Rei, sob o efeito de um ou vários de seus remédios, "o senhor comanda o seu show e eu comando o meu."

Após a reunião, ambos apertaram as mãos para uma foto em frente a uma fileira de bandeiras americanas. Nixon deu a Elvis seu distintivo da Narcóticos e o Rei deu a Dick Espertalhão um Colt calibre .45 comemorativo. (Ele ofereceu a Spiro Agnew um Colt .357 de cano curto, mas o vice-presidente – que mais tarde renunciaria por sonegação de impostos – recusou o presente por uma questão de princípios.) Elvis também tentou oferecer seus serviços ao

homem que considerava “o maior americano vivo” – J. Edgar Hoover. No entanto, o chefe transformista do FBI se recusou a encontrar com o Rei em virtude de sua “vestimenta exótica” e do comprimento de seu cabelo.

Quando Elvis voltou para Graceland e exibiu com orgulho o distintivo da Narcóticos para seu irmão de criação, David, o adolescente provocou: “Você comprou isso?”.

“Não tem graça!”, disparou o recém-nomeado agente. “Agora eu sou os olhos e os ouvidos do presidente Richard Nixon!”

* * *

Como sempre fazia, Elvis levava seu distintivo da Narcóticos e voava pela rodovia de Santa Mônica a caminho do refúgio de Sonny e Red West em Hollywood. Caso ele fosse parado pela polícia naquele horário, o que era improvável, o distintivo provaria que estava trabalhando disfarçado.

Algumas semanas antes, ele enviara um agente da lei de alto escalão para oferecer aos primos uma mala de dinheiro para que abandonassem suas pretensões literárias. Eles recusaram. Então, o Rei assumiu a tarefa de ligar para Red pessoalmente e tentar enfiar algum juízo na cabeça dele. Red não fora receptivo e, ainda por cima, *gravara* a conversa. Assim, tendo esgotado todas as vias diplomáticas, o que o Rei poderia fazer? Não era apenas sua carreira que estava em jogo – era sua reputação. Se eles queriam jogar pesado, ele seria um oponente à altura. Ele queria atrair aquele bando de Judas novamente até Graceland para que sentissem na pele um pouco da justiça que se praticava no

Tennessee, mas os covardes estavam escondidos na costa. Eles realmente acreditavam que o longo braço da Lei do ex-chefe não os alcançaria lá? Então eles não conheciam o Rei tão bem assim, afinal.

“Eles não valem a bala, e!”, seu parceiro continuava a implorar.

David, na época com 23 anos, estava na folha de pagamentos do irmão desde o ensino médio. “Minha função era de caça-talentos agressivo na área de segurança pessoal”, escreveu ele em seu livro, *Raised on rock* [Criado no rock]. Elvis achava que o rapaz estava qualificado para esse cargo, uma vez que seu pai tinha sido o guarda-costas pessoal do general George C. Patton em pessoa.

Capaz de pescar as coisas no ar, David se tornara bastante apto em desarmar a bomba-relógio que era o Rei. Mas, nessa madrugada, ele parecia estar esgotando seus recursos sem sucesso. Foi então que lançou sua última cartada, apelando para a única pessoa no mundo com a qual seu irmão parecia se importar.

“Elvis”, gritou ele, agarrando o braço do motorista. “E a sua filhinha? Melhor ela ler que você é drogado do que assassino, cara!”

O cantor agarrou com força o volante da Ferrari, pressionando a mandíbula, os olhos fixos. De repente, pisou com tudo no freio, queimando as rodas do carro no asfalto e parando no acostamento da rodovia.

Com a cabeça baixa, Elvis começou a chorar. “Você tem razão. Você tem razão! Meu bebê precisa de mim!”

O Rei levou algum tempo para se recompor. Seu cabelo, tingido de preto, estava caído sobre seu rosto e seu corpanzil de quase 130 quilos estava encharcado de suor. Ele se enxugou, puxou sua jaqueta da Narcóticos e apanhou seu kit de maquiagem. Dentro,

estavam seus cartões de crédito e remédios. Ele mandou para dentro uma mão cheia de seu “protocolo” matutino prescrito por Nick Agulha: Quaalude, Placidyl, Valmid, Demerol, Dilaudid.

“Vamos para casa”, suspirou, exausto.

Ele já tinha outro plano. Mais prudente, embora menos satisfatório do que resolver a coisa com Sonny e Red com as próprias mãos. Além disso, seus investigadores haviam dito que os primos tinham guardado fotos e documentos timbrados em um cofre, material a ser divulgado caso um deles tivesse um “fim inesperado” após o lançamento de seu livro, no aniversário de 19 anos de morte da mãe do Rei.

O que Elvis não imaginou é que, em apenas dez meses, estaria deitado em uma caixa de cobre de 400 quilos, sem seus órgãos e seu cérebro, finalmente junto à sua amada Satnin.

Satnin

Elvis Aaron Presley herdara a estrutura física de seu belo pai, Vernon, e o temperamento de sua espevitada mãe, Gladys, cujos pais, Bob e Doll, eram primos em primeiro grau. O irmão mais velho de Gladys, Tracy, que nasceu surdo e mudo, tinha a idade mental de uma criança de 8 anos. Ele era capaz de andar um quilômetro plantando bananeira, mas reclamava com frequência “Meus nervos são um lixo.” Seus rins pararam de funcionar quando ele tinha 49 anos. Os irmãos mais novos de Gladys, Travis e Johnny, eram alcoólatras inveterados, com uma propensão para brincadeiras com armas, e ambos também morreram jovens. O pai de Vernon também era um alcoólatra imprevisível e sua filha, Dixie, irmã de Vernon, morrera de sífilis terciária em um hospital para doentes mentais.

A geração de Elvis não era mais normal. Seu primo em primeiro grau, Bobby, perfurara os intestinos depois de comer alfinetes enquanto seu pai, Travis, estava na prisão com Vernon. Depois de ser dispensado do Exército por razões psiquiátricas, foi atropelado por um motorista bêbado na frente de Graceland, o que o deixou aleijado. No final, Bobby, 27 anos, tomou uma dose fatal de veneno para ratos. O outro primo de Elvis, Junior, ameaçava assassinar pessoas com regularidade e morreu de convulsões causadas pelo álcool aos 29 anos. O irmão de Junior, Robert, encontrou seu fim ao cair – ou pular – em um tonel de cromo fundido em uma fábrica de revestimentos em Tupelo.

O irmão de Bobby, Billy, que sobreviveu para se tornar o funcionário mais confiável de seu primo Elvis, diria mais tarde sobre seus parentes: “Parecia que tinham jogado uma maldição na gente”.

Mas Vernon e Gladys Presley – que se casaram aos 18 e 22 anos, respectivamente – acreditavam que com seu filho seria diferente. Muito diferente. Mais tarde, Vernon contaria uma história sobre ter desmaiado no instante da concepção da criança e, ao recobrar a consciência, ter visto o céu noturno lotado de estrelas azuis brilhantes. Embora viessem de famílias humildes – tanto Vernon quanto Gladys pertenciam a uma longa linhagem de fabricantes ilegais de bebidas alcoólicas e arrendatários do Mississippi, e precisaram que o Estado pagasse a taxa de 15 dólares pelo parto de Elvis –, ambos acreditavam que seu filho era o Escolhido. Se não o Messias em pessoa, certamente alguém do primeiro escalão.

Quando garoto, o futuro Rei vivia sozinho e feliz com sua mãe coruja, que trabalhava meio período como costureira enquanto seu pai e o tio Travis cumpriam pena na Penitenciária Estadual do Mississippi, em Parchman, por falsificarem um cheque de 4 dólares da venda de um porco. Mesmo quando Vernon voltou, era uma presença sem voz na casa, dominada por sua formidável esposa, que o chamava de “preguiçoso e molenga”.

Gladys nunca deixava Elvis fora de suas vistas. Eles eram carinhosos um com o outro, se abraçavam e desenvolveram uma linguagem própria. O rapaz chamava a mãe de Satnin, por causa de sua pele macia como cetim. Com tendências a pesadelos violentos e ao sonambulismo, Elvis dormiu com Satnin até os 10 anos. Vernon viajava bastante, martelando pregos e fabricando bebida. O trio era

como a trindade Maria, Jesus e José: Vernon José estava lá para o nascimento, mas nunca se envolveu de verdade.

Leitor voraz dos quadrinhos de super-heróis, Elvis sonhava em se tornar um policial estadual no Tennessee e lutar contra as forças do mal. Também adorava cantar no coro da Primeira Assembleia de Deus com sua mãe e nas encenações às margens do rio. “Quando eu tinha 4 ou 5 anos”, relembrou, “tudo o que queria era que o domingo chegasse.” Sua ilha de felicidade se desfez quando seu pai foi pego novamente fabricando bebidas e a família fugiu da modorrenta Tupelo para os conjuntos habitacionais na grande metrópole de Memphis.

Lá, Gladys deu a Elvis seu primeiro violão. Para acompanhá-lo, ele usava um belo topete e roupas vistosas da Lansky, uma loja voltada para o público negro, composto quase que exclusivamente por músicos. “Alguém vai arrebentar a cara dele e arrancar essas roupas de negro!”, avisou seu primo Billy à tia. Embora isso quase tenha acontecido no Hume High School, Elvis não podia ser desencorajado. Ele nascera um estilista, como seu vovô Jesse Presley, o “pavão” adúltero que volta e meia abandonava a vovó Minnie Mae e gastava seus centavos em casacos com botões de pérolas. Sempre alerta, Gladys não deu as mesmas liberdades a Vernon.

Embora Elvis nunca tenha sido do tipo estudioso, Gladys, que só cursara até a terceira série, ficou orgulhosa quando seu filho se formou no Hume High em Inglês, História e Artes Industriais, tornando-se um operador de máquinas no dia seguinte. Em seu segundo ano na universidade, o rapaz trabalhou no Loews Theatre, mas foi despedido por dar um murro na cara de outro funcionário

por causa da vendedora do balcão, que roubava doces para ele. Mesmo no colégio, embora nunca tenha sido popular junto aos outros garotos, o futuro Rei impressionava bastante o sexo frágil.

Alguns anos depois, Elvis, na época um entregador da Crown Electric, entrou no Sun Studio, de Sam Phillips, e impressionou a secretária do jovem produtor, Marion Keisker, ex-Miss Radio Memphis. Ela já tinha visto muitos candidatos a cantor entrarem e saírem, mas aquele tinha algo mais – tímido, de fala mansa, sensível, escandalosamente bonito.

“E que tipo de cantor você é, meu doce?”, perguntou Marion.

“Eu canto de tudo”, resmungou Elvis.

“Sua voz parece com a de quem?”, continuou ela.

“Com a de ninguém”, disse ele.

E então ela ouviu sua doce e melancólica voz cantando *My Happiness*. Ele pagou a Marion 3,25 dólares pela gravação, que disse ser um presente para sua mãe. Quando Sam Phillips voltou ao estúdio mais tarde, sua secretária o fez se sentar e ouvir a gravação do jovem motorista de caminhão. Phillips, que certa vez previra a possibilidade de ganhar milhões caso encontrasse um cara branco que cantasse como um negro, convidou o rapaz para voltar para uma audição. Depois de ouvi-lo, decidiu que o cantor prometia, mas sua impressão principal foi completamente diferente.

“Ele se sentia tão inferior”, lembrou-se Sam anos depois. “Sua insegurança era muito parecida com a de um homem negro.”

Mas sua insegurança, pelo menos aparentemente, teve vida curta. *That’s Alright, Mama*, gravada no estúdio de Phillips em 1954, passou a tocar imediatamente e com regularidade nas rádios, dando a Elvis os bilhetes de entrada para o *Slim Whitman Show*, para o

Louisiana Hayride e para o Vaticano da música country, o *Grand Ole Opry*. No ano seguinte, Johnny Cash e Buddy Holly fizeram os shows de abertura para a apresentação de Elvis no Jamboree. E então veio o sucesso estrondoso: seu primeiro single pela rca, *Heartbreak Hotel*, vendeu um milhão de cópias e chegou ao topo das paradas nacionais em 1956. Naquele outono, 60 milhões de espectadores assistiram à sua primeira aparição no *The Ed Sullivan Show*.

Em um único ano, Elvis passou de um "pé-rapado caipira" a "Elvis the Pelvis". Finalmente, depois que Ed Sullivan disse aos Estados Unidos que ele era "um rapaz realmente educado e decente", a *Variety* coroou-o como "O Rei do Rock".

Ninguém nunca vira nada parecido – fosse branco ou preto – no palco. Nem Holly, nem Haley, nem mesmo Domino, Diddley ou Berry podiam se comparar. Elvis chacoalhava, remexia e rodava como um homem em combustão. Ele gemia e uivava como se estivesse em êxtase. "Sua energia era incrível", disse Roy Orbison, depois de assistir a uma de suas apresentações em Odessa, Texas. "Simplesmente não havia ponto de referência cultural para aquilo."

Não era apenas a energia vulcânica do Rei, mas sua sexualidade bruta que levava as multidões ao delírio. Embora Elvis insistisse: "Não faço passos com essa conotação", o cardeal Spellman e Frank Sinatra discordavam. Mas sua performance foi o nascimento do teatro mais exibicionista de todos: o evangelismo sulista. Na Assembleia de Deus de Tupelo, o jovem Elvis ouvira testemunhos declamados em línguas e vira pecadores serem subjugados pelo Espírito Santo, desmaiando no chão e executando os primeiros passos de break da história. "A música", dizia, "deve

sempre fazer com que você se mexa, por dentro e por fora.” Tendo sempre afirmado que a música gospel era a sua favorita, ele trouxe o estilo para o folk mundano, executando-a com o fervor de um pastor que ouviu seu chamado da boca do próprio Criador.

Músicas como *Heartbreak Hotel* e *Love Me Tender* eram especialmente apreciadas por um determinado grupo. O primeiro guarda-costas de Elvis disse: “É uma loucura o modo como as mulheres reagem”. Elas desmaiavam durante as apresentações, despedaçavam a roupa dele e escreviam o número do telefone no carro de Elvis com batom. Logo ele recebeu a primeira ameaça de morte de um marido enciumado. Na sequência, um metalúrgico desempregado, que fora abandonado por sua esposa enfeitiçada, foi multado em 19,60 dólares por atacar o jovem Rei.

“Ele nunca pensou que seria um monstro”, disse seu amigo Lamar Fike. “Era tudo muito assustador para ele. Muito, muito mesmo.”

Só uma pessoa estava mais assustada do que ele: sua mãe, Gladys. Em suas ligações, feitas à noite do meio da estrada, Elvis não contara a Satnin sobre as ameaças de morte, mas ela só precisava olhar através da janela da casa que ele acabara de comprar para ver as adolescentes enlouquecidas pulando sua cerca. Como ela também prestava bastante atenção às notícias do jornal, Elvis teve de confessar que seu avião quase caíra. Ao voar para o Texas, o aparelho perdera um motor, mas o piloto conseguiu fazer um pouso de emergência, poupando-o do destino que logo se abateria sobre seus amigos Buddy Holly, Richie Valens, Big Bopper e Patsy Cline.

Embora Gladys estivesse feliz com a nova casa e com seu Cadillac rosa, nada valia a vida de seu amado filho. Ela culpava uma única pessoa pelo fato de ele estar longe de casa o tempo todo, enfrentando multidões e despertando o ódio alheio: o Coronel.

Imigrante dinamarquês ilegal, Tom Parker começara sua carreira como recolhedor de cães de rua na Flórida, entrando para o negócio de shows ao fundar o The Great Parker Pony Circus, apresentando "O Coronel Honorário Tom Parker e Suas Galinhas Dançarinas". O mascate logo abandonou a avicultura para se tornar promotor de música country em parceria com Hank Snow – que na época era o empresário de Elvis.

O que realmente irritara Gladys fora a maneira como aquele amante de cães de circo, rotundo e mascador de tabaco, começara a chamar seu garoto de "*meu* garoto", tratando-a com arrogância e agindo como se ela devesse estar grata pela ajuda contratada. Ainda pior, seu imprestável marido cabeça oca, Vernon, estava *sim* puxando o saco do Coronel e gastando com gosto a nova fortuna de Elvis, parecendo não se importar nem um pouco com sua saúde e segurança.

Gladys ficou aliviada quando seu único filho voltou para casa após a turnê, comprou-lhe Graceland e reuniu a família. Ela, Vernon, vovó Minnie Mae, tia Delta, tio Vester, primo Billy e outros parentes se mudaram para a casa de Elvis, juntamente com um jardim zoológico de animais de fazenda.

Por um curto período de tempo, o clã dos Presley se deliciou com sua Camelot no campo. O Rei de 21 anos construiu uma pista de kart, uma montanha-russa em tamanho natural e um estande de tiros. Ele e sua família faziam concursos de quem cuspia sementes

de melancia mais longe, travavam lutas com fogos de artifício e corridas de kart. Então, depois da meia-noite, quando Gladys estava na cama, o departamento de polícia de Memphis fechava a Rodovia 61, que margeava os Portões Musicais de Graceland, e Elvis e os Rapazes apostavam corrida com suas Harleys. Mas, como sempre, a diversão acabava de repente, quando o Coronel fazia Elvis voltar para a estrada.

Durante uma de suas ausências, um amigo da família, Frank Richards, passou por Graceland pela primeira vez e disse à mãe de Elvis: “Imagino que você seja a mulher mais feliz do mundo!”.

“Pois imagina errado”, fuzilou ela. “Sou a mulher mais infeliz do mundo. [...] Estou cercada. Não posso fazer minhas próprias compras, não posso ver meus vizinhos.”

Ela já sentia saudades dos tempos em que não havia mansões, montanhas-russas e Cadillacs. Seu único elo com essa vida eram as galinhas que ela alimentava todos os dias da varanda dos fundos enquanto tomava sua vodca e suas anfetaminas, e onde aguardava seu garoto voltar novamente para casa. Então, na primavera de 1957, quase um ano após a mudança para Graceland, um de seus piores medos se concretizou: Elvis foi convocado pelo Exército.

Ela sabia que ele não queria ir. E ele não *precisava* ir. Sal Mineo e outros astros tinham mexido seus pauzinhos, de forma que Elvis podia fazer o mesmo. Mas seu empresário não queria nem ouvir falar nisso. “Não seria bom para a imagem de meu garoto”, disse o Coronel. “Ele é a epítome do rapaz americano. As pessoas o amarão ainda mais de uniforme.” Além disso, se ele tirasse o doce das fãs por algum tempo, elas iriam querer ainda mais quando ele voltasse. Nesse meio-tempo, enquanto Elvis estivesse servindo ao

seu país, ele prometeu manter a carreira do rapaz viva. Agora Gladys odiava o Coronel com todas as suas forças.

O Exército concordou em postergar a apresentação de Elvis até que ele terminasse seu quarto filme, *Balada Sangrenta*. Ele acabara de ir à estreia de seu segundo filme, *Prisioneiro do Rock*. Aos 22 anos, ele tinha a mesma idade que seu pai quando fora enviado rio acima para Parchman. Para Gladys, o filme foi um prenúncio da sentença real de prisão a que seu filho estava condenado: o Exército.

Assim que *Balada Sangrenta* foi concluído, Elvis partiu para o treinamento básico no Arkansas. Quando ele estava prestes a embarcar para o exterior e entrar na ativa, sua mãe ficou gravemente doente. Diagnosticada com hepatite e cirrose, Gladys sofria de náuseas severas, dores de cabeça, fraqueza e depressão. Ela piorou rapidamente no hospital, e Elvis recebeu uma licença de emergência para visitá-la. Poucos dias após sua chegada, sua mãe faleceu.

“Oh, Satnin, quero ir com você!”, soluçou ele no funeral, abraçando o caixão da mãe e se recusando a deixá-la partir.

Ele passou os nove dias restantes de sua licença em seu quarto, abraçando e beijando o robe cor-de-rosa de Gladys.

A Pigmalioa e os Rapazes

Elvis, que disse querer ser tratado como qualquer outro soldado, vivia fora da base na Alemanha com o que sobrara de sua família imediata: Vernon, vovó Minnie Mae e seus parceiros, Red West e Lamar Fike. O Exército lhe pagava 122 dólares para complementar sua renda mensal de 400 mil recebida do Coronel, que, fiel à sua palavra, estava mantendo a solvência do Rei nos Estados Unidos. Embora o cantor se sentisse “preso ao seu alistamento“, o Exército lhe apresentou dois de seus futuros passatempos prediletos: tiro ao alvo e caratê. O soldado Presley também foi apresentado a uma certa garota de 14 anos.

Filha de um coronel do Exército, Priscilla Beaulieu tinha uma beleza estonteante. Mas, para Lamar e os outros, o que mais impressionava na garota era sua surpreendente semelhança com Gladys na juventude e com o próprio Rei. Mais tarde, ele a chamaria de Satnin. Ela se dizia sua “Pigmalioa”, e, posteriormente, escreveu: “Elvis gostava de me recriar. Como um escultor, ele podia moldar minha imagem e projetar meu comportamento nas formas que o fizessem feliz [2]”.

Enquanto Elvis reencarnava Gladys em Priscilla, Vernon substituiu-a por Dee Stanley, a esposa do guarda-costas do general Patton. A loura vivaz e fã ávida de Elvis partiu para cima de Vernon como uma ave de rapina, e o destituído fabricante de bebidas ficou de quatro. Dee divorciou-se rapidamente do marido, casando-se com Vernon logo que Elvis terminou sua turnê e voltou para

Graceland. Enojado pela infidelidade do pai para com sua mãe morta, o Rei se recusou a comparecer ao casamento. Seu pai provara do fruto proibido, e por isso foi banido de Graceland com sua serpente.

Quanto a Elvis, embora tenha voltado para sua namorada fixa, Anita Wood, escrevia frequentemente para sua Pigmalioa no exterior. Ele convenceu os Beaulieu a deixarem que ela passasse o Natal em Graceland. Ao chegar, cansada do voo intercontinental, “ele me deu alguns estimulantes que estava tomando havia tempos”, lembrou-se Priscilla. “Ele até os chamava de ‘ajudantes’, e tomava-os como se fossem doce.” Mais tarde, quando ela não conseguiu dormir, ele lhe deu alguns Placidyls. “Todas essas pílulas eram suas companheiras constantes”, continuou ela. “Muitas das mudanças de seu panorama emocional foram causadas por elas. Eu ainda estava conhecendo quem ele era.”

De quando Priscilla voltou para a Alemanha, após as festas de fim de ano, seu padrasto, o coronel Beaulieu, se lembrava: “Seus olhos pareciam dois buracos de mijo na neve. Fiquei preocupado”.

Ainda assim, ele permitiu que sua filha fosse morar em Graceland. Elvis telefonara pessoalmente para ele, implorando por seu consentimento, prometendo matriculá-la no Colégio da Imaculada Conceição. Convencido de que o astro era um cavalheiro perfeito e tinha a intenção de fazer de sua filha uma mulher honesta quando ela tivesse idade, o coronel Beaulieu deu sua permissão.

Nessa época, Elvis passava metade de seu tempo em Hollywood. Os filmes *Prisioneiro do Rock* e *Balada Sangrenta* foram sucessos de bilheteria, de forma que, ao retomar sua carreira, decidiu se concentrar em atuar. Seu primeiro filme depois de dar

baixa do serviço militar foi *Saudades de um Pracinha*. Nos nove anos seguintes, ele fez três filmes por ano, trabalhando durante alguns meses com suas belas coestrelas. Entre um musical e outro, ele voltava para sua Pigmalioa em Graceland.

Depois que Priscilla se formou pelo Imaculada Conceição, em 1963, ela implorou para ir com Elvis para Hollywood. A cidade estava completamente perdida, uma verdadeira Babilônia, ele lhe disse – resumindo, não era lugar para uma garota de sua estirpe. Ele a levara aos cinemas de Memphis para ver alguns de seus sucessos, como *Garotas e Mais Garotas*, com Stella Stevens, *O Seresteiro de Acapulco*, com Ursula Andress, e *Amor a Toda Velocidade*, com Ann-Margret. Priscilla perguntou a Elvis o que ele fazia fora dos sets de filmagem, e ele respondeu que apenas passava o tempo com os Rapazes, assistindo TV, praticando um pouco de caratê e jogando um pouco de bilhar.

Priscilla nunca entendeu os Rapazes, muito menos o fato de todos os chamarem de a Máfia de Memphis. “Não gosto de me sentar sozinho por muito tempo e ficar pensando”, admitiu Elvis certa vez. Como observou sua companheira de filmagem em *Prisioneiro do Rock*, Anne Neyland: “Ele era uma dessas pessoas que não podia ficar sozinha. Ele achava que precisava se cercar de amigos próximos como uma forma de se proteger da solidão”. Priscilla entendia isso, especialmente porque Elvis era filho único – mas os Rapazes pareciam ser mais do que apenas os irmãos que o astro não tivera.

O grupo de Rapazes original era formado por Billy Smith, Red e Sonny West, Joe Esposito, Charlie Hodge e Lamar Fike. Billy era o primo favorito de Elvis, o único filho normal do irmão doido de

Gladys, Travis. Os primos Red e Sonny, os empolgados caipiras de Memphis, eram os leões-de-chácara, motoristas e braço direito em todos os assuntos. “Diamond” Joe, o americano nato e vigarista de Chicago, era seu empresário de turnê e tesoureiro. Charlie, o minúsculo ex-vocalista da banda Foggy River Boys, era o figurinista e conselheiro musical do Rei. Lamar – um judeu presbiteriano de 130 quilos do Mississippi, que usava botas de caubói amarelas e que Elvis chamava de “a grande ave malhada” e de “Buda” – era o Falstaff e o bobo da corte do grupo. “Sou um personagem”, disse ele, falando também pelos outros. “Nunca fui uma pessoa normal.” As cinco coisas que o Rei mais apreciava em um empregado eram fidelidade irrestrita, paciência de Jó para aguentar suas merdas, capacidade de arrebentar algumas caras, senso de humor distorcido e gosto por roupas feitas sob medida – nessa ordem.

Tendo poucas dessas magníficas qualidades, Priscilla logo se viu em desacordo com todos os Rapazes, exceto Diamond Joe, que, apesar de sua excentricidade, pelo menos sabia lidar com dinheiro e com drogas. Ela conheceu Joe, Red e Lamar na Alemanha; em seguida, foi apresentada a Billy, a Charlie e a alguns outros em Graceland – e os achou esquisitos. O que ela não conseguia entender era por que Elvis precisava viver com eles, gastar cada hora acordado com eles e mantê-los de prontidão mesmo quando dormia.

E o que exatamente, se perguntava Priscilla, eles faziam todos juntos em Hollywood? Em Graceland, ela os vira disputar corridas em seus Corvettes e motocicletas, jogar futebol americano, lançar bombinhas uns nos outros e praticar tiro. Elvis, que no fundo era um garoto, adorava brincar. Mas ele não brincava muito bem com os

outros a menos que suas regras fossem seguidas, e sua Pigmalioa sabia disso. “A regra não escrita no reino de Elvis era simples: deixe Elvis ganhar”, disse sua prima, Patsy. Priscilla sentira essa realidade nas cartas: “Se ele não estivesse ganhando, ele trapaceava ou *te* acusava de trapacear”.

Na primavera de 1965, o Rei finalmente concordou, de má vontade, em trazer “Cilla”, como ele chamava Priscilla, para a costa. Estando em sua fase espiritualizada na época, levou-a à Sociedade da Autorrealização, local onde vinha estudando. Seu cabeleireiro, Larry Geller, envolvera-o na metafísica e lhe dera textos para ler, desde *Autobiografia de um iogue* até *O livro tibetano dos mortos*. Ele confidenciara a Geller: “Juro por Deus que ninguém sabe o quão sozinho e vazio me sinto na realidade”. Nessa ocasião, ele estava inclusive considerando abandonar o estrelato e se tornar monge.

“Essa coisa de busca espiritual já deu!”, enfureceu-se seu empresário depois de ouvir que o cabeleireiro estava ajudando Elvis a entrar em contato com o irmão gêmeo falecido. “Chega dessa coisa de livros sobre controle da mente e meditação! E chega de Larry Geller!”

Desta vez, os Rapazes estavam de acordo com seu nêmesis, o Coronel Parker. “Geller tirou Elvis dos trilhos!”, disse Lamar. “Ele é como plástico. Dava para fazer brinquedos com aquele filho da puta.” Os Rapazes chamavam-no de Swami, Rasputin e O Embaralhador de Mentes.

Parker finalmente exorcizou Geller e persuadiu Elvis a abandonar a estrada da iluminação e a filmar *O Cavaleiro Romântico*. Antes de deixar Hollywood e ser enviada de volta para Graceland, Cilla teve uma amostra de como as coisas aconteciam

na outra casa de Elvis, uma criação do arquiteto Frank Lloyd Wright e que, anteriormente, fora propriedade de Rita Hayworth e do xá do Irã. Talvez fossem os Rapazes esparramados ao redor da piscina, com olhos de zumbi e acompanhados pelas “fãs” de seu chefe, mas a Pigmalioa teve a sensação de que o local fosse algum tipo de “reduto de solteiros”, como ela o chamava. Suas suspeitas foram confirmadas quando interceptou uma carta perfumada para seu marido, assinada *Língua de Lagarto*.

O que diabos *acontecia* lá? Estaria seu criador e amor de sua vida, apesar de toda a sua espiritualidade, vivendo em um de seus filmes?

* * *

De fato, sendo a realidade mais estranha que a ficção, a ação no sultanato de Elvis na Perugia Way era maior do que a do roteiro de *Feriado no Harém* e *Garotas e Mais Garotas*.

Ele nadava, jogava bilhar e assistia TV, mas nunca desacompanhado. Uma noite, os Rapazes contaram 152 aspirantes a atriz em fila para o teste do sofá. Com apenas seis Rapazes e um Rei, a divisão era de aproximadamente 21 mulheres por cabeça, eclipsando inclusive a contagem de Hefner na Playboy West, ali perto. O astro escolhia suas favoritas e levava de duas a quatro mulheres para seus aposentos. As que sobravam eram divididas entre seus seguidores.

Sem pedir carteira de identidade na entrada de seu quarto, o Rei cuidava de colegiais louras de 16 anos em calcinhas brancas, mas não era um desvirginador descuidado. Seu lema era “15 acabam em

20”, e ele não pretendia seguir os passos de seu pai até a cadeia. Além disso, de acordo com seu primo Billy, com Natalie Wood, Peggy Lipton, Cybill Shepherd e outras, o sexo nunca fora “grande coisa” para ele. Apreciador de carícias e abraços, os Rapazes chamavam-no de “O Rei das Preliminares”. Em virtude de sua condição física e dos medicamentos, ele nem sempre conseguia colocar seu equipamento em posição de ataque. Mas quando o fazia, Lamar observou que muitas vezes o Rei rompia a pele de seu pênis não circuncidado. No mais, tendo um medo mortal de processos de paternidade, ele se tornara o interruptor de coito mais rápido do Oeste.

No entanto, o Rei prestava serviços a muitas de suas coestrelas como cortesia profissional, chegando bem perto de se casar com algumas – sendo as mais famosas Ann-Margret e Nancy Sinatra –, mas a monogamia nunca fora sua característica mais forte, e ele não pretendia se mudar para Utah.

Lamentavelmente, muitos homens não vivem o bastante para realizar a menor de suas fantasias, mas o Rei não foi um deles. “Ele tinha cada fetiche que havia para se ter”, disse Lamar. Ele sofria de uma fixação onanista por cachos dourados e uma queda pelas “flores de lótus” chinesas – pés branquinhos, limpos e pequenos. Por meio de um espelho falso em seu recanto na casa da piscina, ele monitorava as atividades aeróbicas dos Rapazes com suas fãs do sexo feminino. Em seu quarto, ele apreciava assistir a filmes de arte sobre garotas escandinavas mandando ver com animais.

E havia Scatter. O cantor adotara um chimpanzé de 20 quilos e um metro de altura de um cartunista de Memphis, que lhe apresentara ao jardim do Éden das *groupies*. Embora Elvis e os

Rapazes bebessem apenas refrigerante em suas festas, serviam scotch para Scatter até que o chimpanzé começasse a levantar saias. No meio do pandemônio, o mainá de Elvis xingava o chimpanzé alcoolizado, “Vá se foder! Filho da puta!”. O Rei adorava especialmente encenar lutas entre *strippers* e seu excitado mascote. Caso contrário, ele colocava Scatter no carro, vestido com um chapéu de feltro e uma gravata-borboleta, e o levava para passear por Hollywood em seu Rolls Royce. Mas por fim os Rapazes se cansaram das tentativas do animal de brincar de luta enquanto estavam em ação. Lamar, especialmente sensível a interrupções, tentou eletrocutar o chimpanzé na banheira, de modo que, no final, Elvis enviou seu animal de estimação de volta para Graceland para se reunir a Priscilla na Torre. Lá, em uma lavanderia refrigerada, Scatter, que já fora a alma das festas do Rei, morreu por falta de cuidados.

Em 1966, Priscilla, agora com 21 anos, estava impaciente para que Elvis assumisse um compromisso, e encontrou um aliado improvável na figura do Coronel Parker, um defensor dos valores familiares. Parker disse ao seu garoto que esse flerte de seis anos estava se tornando um constrangimento público. Ele precisava fazer de Priscilla uma mulher honesta pelo bem de sua imagem de “rapaz educado e decente”, se não por qualquer outro motivo. Assim, concordando novamente com seu empresário, Elvis propôs casamento à sua Pigmalioa no dia de Natal.

As linhas de batalha pelo futuro do Rei e de seu coração tinham sido traçadas. De um lado, estavam Priscilla, o Coronel e Vernon; do outro, estavam os Rapazes. Para eles, o casamento de Elvis significava o fim de seu paraíso de solteiros na costa. E, mais do

que isso, eles não eram grandes admiradores de Priscilla. “Ela não queria ninguém que não a bajulasse por perto”, disse Marty Lacker. Ele e os outros não se incomodavam em bajular Elvis, mas não Priscilla. Marty também a chamou de “fria como gelo” e “caça-níqueis”. Pelo menos, ela agia dessa forma com ele e os outros por considerá-los parasitas, opinião compartilhada por Vernon e pelo Coronel Parker. Elvis despejava Cadillacs, Harleys, correntes de ouro e armas no colo dos Rapazes, e eles aceitavam os presentes em vez de salários reais, já que, como Red ressaltou, “estávamos mais ocupados do que um perneta num concurso de chutar bundas”. Priscilla também notara que seu noivo ficava mais generoso quando fazia compras “medicado”, de forma que os Rapazes ficavam felizes em comprar remédios para ele, pensava ela.

Elvis assegurou aos respeitáveis de sua vida que não havia data de validade para noivados. Ele se casaria se e quando estivesse bem e preparado. Quando disse isso para Priscilla, houve uma briga. Ele saiu feito um furacão para seu quarto e quase teve uma overdose. Na primavera de 1967, o Rei do Rock – finalmente cedendo à pressão de Vernon e do Coronel – estava em um altar em Vegas, beijando sua noiva e se despedindo de sua vida. Priscilla fizera a lista de convidados e a Máfia de Memphis, exceto por Joe e Marty, estava ostensivamente ausente. Em seguida, após uma lua de mel de um dia em Palm Springs, a nova Rainha voltou para Graceland e fez uma faxina mais que devida: ela chutou os Rapazes da propriedade.

Em resumo, a sra. Presley ganhara e os Rapazes perderam. Pelo menos, por ora.

A noiva – que agora Elvis chamava de Satnin – engravidou imediatamente. Logo depois da notícia, ele lhe disse que queria o divórcio. A separação chegou ao fim na época do Natal, quando Elvis lhe deu um Cadillac. Em seguida, ele voltou para Los Angeles para filmar *O Barco do Amor*. Os Rapazes agora tinham sido reduzidos a um séquito mínimo, e as festas satíricas viraram história. Assim, Elvis passava seu tempo com Nancy Sinatra. Cilla deu à luz Lisa Marie no inverno, e Nancy, graciosamente, fez seu chá de bebê.

Elvis, cansado de uma década batendo em vilões, conquistando garotas e cantando entre uma cena e outra, estava ansioso para voltar à realidade: o *rock'n'roll*. No final de 1968, um bilhão de espectadores assistiu ao seu retorno em um especial para a TV. Preparando-se para o evento, ele fez uma dieta extremamente restritiva que dizem ter envolvido um de seus elixires da Nova Era: injeções diárias de proteína extraída da urina de mulheres grávidas. Em julho do ano seguinte, ele recebeu 1,5 milhão de dólares por uma semana de apresentações em Las Vegas. Antes que as cortinas subissem na noite de estreia, "Elvis estava nervoso como Hitler em um Bar Mitzvah", disse Lamar. Mas sua apresentação foi arrasadora e colocou o Rei na capa da *Rolling Stone*.

Elvis viajou em turnê quase que ininterruptamente pelos nove anos seguintes de sua vida, fazendo 1.145 apresentações. O decreto "Sem Esposas na Turnê" entrava em vigor assim que o avião decolava. Depois que todos embarcavam em turnê, Elvis presidia uma cerimônia solene de remoção das alianças. Seu pai, Vernon, ainda casado com Dee, também participava do ritual.

O único integrante solteiro do grupo era o irmão de criação de Elvis, David Stanley. Assim que chegaram em sua primeira parada na cidade de Nova York, o Rei ligou o quarto de David e rugiu: “Venha para a minha suíte imediatamente!”. Quando o rapaz de 17 anos chegou, encontrou seu irmão mais velho no sofá com quatro profissionais quase nuas. “Garotas, lhes entrego o menino”, disse ele. “Me devolvam um homem [3]!”

Enquanto isso, outro *déjà-vu*: a Rainha estava em Graceland se perguntando o que seu senhor e seus vassalos estavam aprontando. Ela estava preocupada porque seu marido não fizera mais amor com ela desde o nascimento de Lisa Marie. “Lembro-me dele dizendo em algum momento no passado que não podia fazer sexo com uma mulher que tivera um filho”, escreveu ela mais tarde. A verdade era ainda pior. “Posso resumir a relação de Elvis com ela em poucas palavras”, disse Lamar. “Você cria uma estátua. E depois se cansa de olhar para ela.” Apenas um mês após sua Pigmalioa se tornar mãe, ele disse a Lamar: “Sabe, eu não gosto mais da Priscilla”.

Quanto a sua filhinha, “Lisa era outro de seus troféus”, disse Lamar. “A paternidade não mudou Elvis em nada.”

Quando o Rei voltou para casa e Cilla novamente reclamou por estar sozinha, ele provou ser um homem normal, afinal: disse que ela precisava de um hobby. Ele contratou um professor de dança e um de caratê para ela, e pegou a estrada novamente. Quando voltou para Graceland para o Natal de 1971, ele soube que havia alguma coisa errada em Camelot quando Cilla recusou um novo Cadillac Fleetwood do Papai Noel e pediu 10 mil dólares. Depois,

pegou o dinheiro e Lisa Marie e foi para Hollywood se reunir a seu instrutor de caratê, Mike Stone.

Elvis deu entrada no divórcio, alegando “diferenças irreconciliáveis”. Priscilla pediu uma pensão de rainha. “Sem chance, vaca gananciosa e filha da puta!”, irou-se Elvis. “Com os diabos, ela já recebeu o suficiente!” No final, a sra. Presley recebeu 2 milhões de dólares imediatamente; 250 mil dólares por sua parte da casa em Los Angeles; 6 mil dólares por mês durante dez anos; 4 mil dólares por mês de pensão; 4 mil dólares por mês de pensão para sua filha e mais 5% das empresas de publicidade de seu marido.

Elvis assinou os papéis definitivos no outono de 1973. Dias depois, ele sofreu sua “Overdose do Divórcio” – uma dose dupla de “vitamina E” prescrita pelo dr. Nick.

Vitamina E

> Eu tomo vitamina E.
> – Elvis, quando perguntado por um repórter sobre como continuava a ter uma aparência tão jovem

Nos primeiros anos de estrelato, Elvis tomava anfetaminas para se preparar para suas apresentações, e pílulas para dormir para poder descansar. No Exército, ele tomava “Prellies”, ou fenmetrazina, para suportar o serviço de guarda noite adentro. Durante sua estadia em Hollywood, ele colocava chumaços de algodão encharcados de cocaína em suas narinas para manter o ritmo e controlar o consumo de sanduíches de bacon frito e banana. No entanto, a anfetamina para acordar criou uma dependência de Demerol líquido para dormir. Nos anos 1970, para aguentar o tranco das turnês, os romances tórridos e as loucuras em geral, sua vitamina E favorita passou a ser o Dilaudid, uma potente morfina sintética geralmente reservada a amputados, vítimas de queimaduras e pacientes com câncer terminal.

Cidadão modelo e cumpridor das leis, Elvis nunca comprou suas vitaminas em bocadas com traficantes. Ele sempre procurou médicos licenciados de verdade. No final de sua vida, o Rei possuía incontáveis médicos em Memphis, Las Vegas e Los Angeles. O receitante mais prolífico entre eles foi o dr. George Nichopoulos. Entre 1970 e 1977, Elvis pagou ao dr. Nick – que também atendia Jerry Lee Lewis e outras estrelas – mais de 200 mil dólares por seus

serviços. Também financiou a mansão de 750 mil dólares do médico em Memphis, e um clube de raquetebol.

O Rei era igualmente magnânimo com seus outros doutores. Ele deu a seu médico favorito de Vegas, o dr. Elias Ghanem, uma Mercedes e um Stutz Blackhawk de 42 mil dólares. Como uma prova de gratidão, o médico libanês construiu um refúgio privativo para seu paciente no andar de cima de sua casa em Las Vegas. Por lá, o Rei podia escapar do frenesi da Strip e curtir suas injeções sob encomenda.

Embora fosse um cavalo de guerra incapaz de sentir cansaço, Elvis começou a cancelar apresentações e foi hospitalizado diversas vezes por “fadiga”. Eventualmente, quando se apresentava, ele esquecia as letras de suas músicas, divagava em monólogos incoerentes ou começava a gargalhar de forma histérica e incontrolável. Após uma overdose de analgésicos quase fatal em St. Louis, em 1972, seu pai e seu empresário contrataram dois detetives veteranos para descobrir que tipo de vitaminas seu rapaz andava tomando e quem as receitava. John O’Grady, conhecido como “o Grande O”, era um agente aposentado da Narcóticos de Los Angeles, com mais de 2.500 apreensões de drogas em seu histórico; Jack Kelly era o antigo chefe da Divisão de Narcóticos de Los Angeles.

A dupla O’Grady-Kelly não demorou muito para chegar até Nick, Ghanem e os outros médicos de Elvis. Os detetives forneceram um relatório completo a Vernon e ao Coronel Parker. Depois da “overdose do divórcio”, O’Grady aconselhou uma intervenção imediata. Vernon e O’Grady internaram Elvis no Hospital Batista de

Memphis, onde ele passou por uma desintoxicação de duas semanas com metadona para se livrar do vício em Dilaudid.

Os médicos descobriram que Elvis sofria de Síndrome de Cushing, cujos sintomas incluem tecido inflamado ou “cushingoide”, ganho de peso, rosto com aspecto de “lua cheia”, transpiração anormal, fadiga, redução da libido, ansiedade, mudanças de humor e depressão severa. Cushing é uma doença hormonal eventualmente causada pela secreção excessiva de cortisol do próprio corpo para combater níveis anormais de estresse, mas a causa mais frequente é o consumo excessivo de medicamentos à base de cortisol (prednisona, cortisona etc.), indicados para diversas enfermidades sistêmicas graves, como lúpus. Na metade da década de 1960, Elvis passara a se queixar de fortes dores nas articulações, especialmente no joelho – um dos primeiros sinais de lúpus, uma doença inflamatória e degenerativa do sistema autoimune desencadeada e exacerbada pelo estresse. A seguir, Elvis desenvolveu problemas pulmonares, pressão alta, alergias de pele, artrite reumática, glaucoma e infecções nos rins – sintomas clássicos de lúpus progressiva [4]. Ao tratar o Rei com doses enormes e contínuas de cortisona, o processo de cura se tornou pior do que a doença. Mesmo em doses pequenas, a cortisona geralmente causa aumento insaciável do apetite e rápido ganho de peso – os terrores de Elvis no final de sua vida. Doses contínuas de cortisona muitas vezes também causam mudanças drásticas de humor – da euforia à depressão suicida. Na realidade, pesquisadores médicos da atualidade afirmam que altos níveis de cortisona apresentam uma relação direta com tendências suicidas. No entanto, nos anos de 1960 e começo da década de 1970, esses

e outros efeitos colaterais devastadores da droga “milagrosa” eram geralmente desconhecidos. A cortisona não era administrada de forma controlada como hoje. Além disso, quando Elvis queria alívio, ele o queria na hora e sem economia.

Após a desintoxicação de analgésicos, o Rei saiu novamente em turnê, dessa vez com Nick Agulha. O trabalho de seu médico era “monitorar e controlar” sua medicação, de acordo com um “protocolo de medicamentos” de seis etapas bastante rigoroso, que parecia mais um roteiro de eutanásia do que um tratamento de recuperação.

Primeiro, horas antes de uma apresentação, o dr. Nick aplicava no Rei uma dose de vitamina B-12 para sua “voz”, ministrava ervas, três supressores de apetite e testosterona. Depois, uma hora antes da apresentação, uma segunda dose para a voz, um descongestionante com anfetaminas – além, se necessário, de uma dose de Dilaudid. Em seguida, momentos antes de entrar no palco, o protocolo 3: cafeína, Dexedrina e, se necessário, uma segunda dose oral de morfina. Após o show: comprimidos para pressão, anti-histamínico, sedativo e Demerol diluído. No estágio 5, antes de se deitar: coquetel de Quaalude-Amytal-Placidyl, além de um laxante e um comprimido para pressão. Finalmente, se o Rei continuasse inquieto, o sexto e último protocolo do dia: outro coquetel de Quaalude-Amytal.

Para melhorar seu estado geral de saúde, o cantor enchia uma taça de champanhe todos os dias com 18 vitaminas e engolia todo o conteúdo de uma vez, mas continuava a contrair “gripe” ou a apresentar a “dor de garganta de Vegas”.

“Perdão, pessoal”, Elvis dizia com frequência a seu público nessa época. “Acabei de me levantar e não acordei direito ainda.”

Mas o problema era que a injeção para voz do dr. Nick, que servia para acordá-lo, ainda não tinha conseguido neutralizar os remédios que ele tomava para dormir. Por outro lado, a corrida não era apenas para mantê-lo em pé e coerente; visava também controlar seu peso. Nesse período, Elvis precisava se espremer dentro de espartilhos e de plástico pvc para entrar em seus macacões de 10 mil dólares cobertos de joias, e suas fulminantes dietas da Nova Era não estavam mais funcionando devido à grave constipação causada pelos analgésicos. Assim, o dr. Nick incluiu laxantes poderosos em seus protocolos, o que levou a um efeito colateral indesejado. O Rei sujava as camas dos hotéis com regularidade e muitas vezes usava fraldas sob seus macacões astecas.

Ainda assim, todas as manhãs Elvis continuava se deliciando com sua omelete espanhola de seis ovos, com batatas douradas e 20 fatias de bacon. No jantar, ele mandava para dentro quase meio quilo de bacon crocante King Cotton, uma porção quádrupla de purê de batatas com molho de carne para dar liga, mistura esta que ele colocava em uma batedeira até virar uma papa e comia com as mãos. Como petisco, ele consumia um sem-fim de sanduíches de manteiga de amendoim e geleia de uva, picolés de chocolate e outros sabores, e jarras de iogurte. Doces eram como drogas para ele, assim como as drogas eram seus doces, e seu apetite por ambos era tão insaciável quanto compulsivo. Seus tratadores tinham de vigiá-lo de perto no horário das refeições, pois muitas vezes ele apagava em virtude dos remédios e os alimentos parcialmente mastigados precisavam ser removidos de suas vias aéreas.

“Se Elvis não tivesse os Rapazes por perto”, disse Marty Lacker, que algumas vezes conseguiu substituir suas drogas por placebos, “ele provavelmente teria morrido 15 anos antes do que morreu.”

Oito de janeiro de 1975 não foi um bom dia para Elvis. Um tabloide celebrou seu aniversário com uma foto do Rei coberto de lantejoulas e com 120 quilos de peso, acompanhada da manchete: ELVIS: 40 E GORDO! O astro ficou tão enfurecido que teve de ser sedado e carregado para a cama pelos Rapazes.

Semanas depois, ele foi levado para o hospital às pressas com “dores abdominais agudas”. Embora tenha dado entrada com o nome de “Aaron Sivle”, seu apelido disléxico, os astutos técnicos do laboratório complementaram seus salários vendendo o excedente da urina e do sangue do Rei. Seu pai, Vernon, teve um ataque cardíaco e logo se reuniu a ele na Unidade de Terapia Intensiva.

Após a alta, O’Grady convenceu Priscilla – a única pessoa que Elvis ainda ouvia eventualmente – a interná-lo na clínica Scripps de recuperação, em San Diego, o Cadillac das instalações para desintoxicação de viciados crônicos, mas os esforços de sua ex-mulher falharam. Então, O’Grady pressionou o dr. Nick para preencher metade dos remédios de Elvis com adoçante, e não drogas. O astro ficou enfurecido e despediu o dr. Nick. Seu pai, tesoureiro honorário do filho, tentou uma intervenção logo na sequência, mas também foi despedido.

“Você não pode me despedir”, protestou Vernon. “Sou seu *pai*!”

“*Continua* despedido!”, enfureceu-se Elvis. Depois, ele caiu em cima dos Rapazes por também se meterem com seus medicamentos. “Ou vocês estão do meu lado ou estão contra mim. E eu *vou conseguir* o que for preciso, seus filhos da puta!”

A única pessoa que parecia entender o que estava acontecendo era sua namorada e sofredora de longa data, Linda Thompson. A ex-Miss Liberty Bowl e Miss Tennessee mudara-se para Graceland logo depois que Priscilla saiu. “Eu era uma presença incrivelmente maternal em sua vida”, disse ela. Elvis chamava Linda de “Mamãe”, e ela o chamava de “My Little Baby Bunting” [Meu Bebezinho de Capuz]. Ela aplicava com zelo suas injeções de vitamina e salvou sua vida mais de uma vez nas ocasiões em que ele desmaiava e aspirava a comida.

Linda fez um breve retiro sabático para arejar a cabeça. Elvis não perdeu tempo em encontrar uma substituta: Sheila Ryan. Mas a jovem e deslumbrante modelo estava em Graceland havia apenas poucos dias quando “do nada, fui eleita mamãe”, lembrou-se. “Faz parte do pacote que você cuide dele.” Ela deu os remédios, gelatina na boca e leu para Elvis dormir. Quando Sheila o deixou para se casar com o ator James Caan, Linda voltou e encontrou seu bebê de capuz em uma situação ainda mais desesperadora do que antes.

Finalmente, Elvis sofreu uma terceira overdose quase fatal com seu coquetel de drogas. Ele estava a bordo de seu novo jato, o *Lisa Marie*, voltando para casa após outra extenuante temporada em Las Vegas quando caiu de repente, sufocando. “Não consigo respirar. Não vou sobreviver. Desce essa merda pro chão!” Os Rapazes meteram uma máscara de oxigênio no astro e o piloto mergulhou. Ao aterrissarem, Elvis foi novamente hospitalizado no Hospital Batista de Memphis com “fadiga extrema”. A data era 16 de agosto de 1975. Ele morreria exatamente dois anos depois.

Essa foi a gota-d’água para Linda Thompson. Dizendo “ser completamente contra seu estilo de vida e sua própria pessoa”, ela

deixou Graceland para tentar a carreira de atriz, como fizeram Priscilla e Sheila [5].

As objeções de Linda não se limitavam ao abuso de substâncias praticado por seu amante. Ele quase a matara. Elvis tinha o hábito de atirar em aparelhos de TV, candelabros e outros objetos inoportunos em seus quartos de hotel. Recentemente, ele tentara acertar uma jarra de porcelana em sua cobertura em Vegas e errara. O projétil atravessou a parede do quarto para o banheiro, passando a centímetros de Linda, que estava lá dentro. “Em nome de Deus, o que foi isso?”, gritou ela, correndo para a sala de estar. Ele já atirara em seu Ford Pantera algum tempo atrás porque o carro não dera partida, mas isso era demais.

“Oh, amor, não fique tão histérica”, gargalhou o Rei, deitado no sofá com sua arma em punho.

Outra garota também escapou por pouco. Em uma festa do pijama em Palm Springs, Elvis e uma fã adolescente começaram a tomar doses de Hycodan, um xarope analgésico para tosse, em copos de champanhe. Na tarde seguinte, Charlie Hodge conseguiu fazer seu chefe acordar com um punhado de tapas na cara, mas a garota mal tinha pulso, estava com as pupilas dilatadas e começara a ficar azul. No hospital, ela passou por uma lavagem estomacal e recebeu injeções de estimulantes. Após um coma de 17 horas, ela recobrou a consciência – por sorte, sem danos cerebrais. O Coronel Parker usou todos os seus contatos em Palm Springs para silenciar a imprensa e impedir uma investigação policial. A mãe da garota recebeu uma oferta em dinheiro para ficar calada.

Se houve um fator – além das pressões sobre-humanas de ser ele mesmo – que levou Elvis ao hábito de se automedicar ao longo

dos anos, esse evento foi a perda das mães que teve na vida: primeiro Gladys, depois Priscilla e, finalmente, Linda. Seu consumo abusivo de drogas começou após a morte de Gladys, evoluiu para um hábito perigoso após o divórcio de Priscilla e escalou até o vício destrutivo após a partida de Linda.

Durante o segundo estágio, o DJ Wolfman Jack perguntou ao Rei: “Como é ser Elvis Presley?”.

“Vou te dizer uma coisa, Jack”, replicou o astro. “É muito, muito desconfortável.”

Zumbi

> Minha vida acabou. Sou um homem morto!
> – Elvis, depois de ler uma cópia promocional de *Elvis: What Happened?*

Durante os últimos anos de vida, o Rei do Rock passou a odiar as turnês, mas continuou a fazê-las por necessidade financeira. Em 1974, ele fez 152 shows, ganhando 7 milhões de dólares. Mesmo assim, continuava devendo 700 mil dólares. Quase falido no final de 1976, Elvis contraiu um empréstimo de 350 mil dólares ao hipotecar Graceland. As vendas de seus discos continuavam a cair e o lucro de suas turnês continuava a definhar. Quanto mais deprimido ele ficava em virtude desses problemas, mais chapava e mais dinheiro gastava.

“Ele estava gastando dinheiro como se o dólar fosse sair de moda no final do dia”, disse um de seus empresários.

Ele gastava dezenas de milhares de dólares em armas: em um único dia, perto do Natal, ele torrou 19.792 dólares em 32 pistolas na loja de armas da Kerr, em Los Angeles. Sua conta de final de ano na joalheira Lowell Hayes, em Memphis, foi de 880 mil dólares. E seus gastos com carros para namoradas, familiares e fãs eram ainda maiores. Em um dia, ele comprou 14 Cadillacs para dar de presente, contabilizando um total de 140 mil dólares.

Quando se tratava de jatos, o Rei não conhecia limites. “Ele tinha aviões a dar com pau”, disse Lamar. Enquanto esperava o fim

da reforma de um milhão de dólares de seu palácio aéreo, o *Lisa Marie*, ele comprou quatro aviões de reserva em um único dia, incluindo um Lear, um Aero Jet Commander e um Lockheed Jet-Star. O quarto, um Grumman Gulfstream G-1, foi dado para seu empresário, o Coronel, embora nessa época o astro não sentisse nenhuma afeição especial por ele, sentimento amplamente retribuído pelo próprio Coronel. Elvis precisava de vários jatos não para as turnês, mas para satisfazer suas exigências. Ele usava um dos aeroplanos para transportar suas "vitaminas" para dentro e para fora de Memphis, de Vegas, de Los Angeles, de Palm Springs ou de qualquer outro lugar onde estivesse se apresentando. Em outra ocasião, ele utilizou outro dos aviões para despachar 70 sanduíches de manteiga de amendoim da Fools Gold Loaf, no Colorado, ao preço de 49,95 dólares cada, para ele e seu séquito na Califórnia.

E ainda havia suas doações anuais para a caridade, na casa dos sete dígitos. Sem contar a folha de pagamentos de sua banda e de sua equipe, além dos saques em dinheiro para a família, amigos e parasitas. E, para completar, havia as contas de Graceland, as despesas com farmácia e desintoxicação e os gastos com roupas.

No fim de sua vida, o Atlas financeiro flertou com a ideia de trocar de identidade. Após uma plástica no rosto e cirurgias na região dos olhos em 1975, ele disse a Billy que conhecera um homem no hospital que estava lá para fazer uma cirurgia plástica para ficar parecido com *ele*. "Acho que vou trocar de lugar com ele", disse Elvis a seu primo. "Ele pode ficar com toda essa merda e eu fico com uma vidinha normal." Mas, como a maioria de seus planos, ele abandonou a empreitada depois de tomar mais uma dose do complexo de vitamina E.

Nessa época, o Coronel achava que Elvis – com todas as histórias de desintoxicação, cancelamento de shows, processos e garotas em coma – estava “dando mais trabalho do que valia”. Havia rumores de que o ex-marqueteiro e amante das farras estava pronto para vender seu contrato com o cantor para cobrir suas dívidas de jogo multimilionárias em Vegas. Parker não sofria de nenhum dos vícios de seu rapaz, mas tinha problemas com jogo. O cassino da vida lhe rendera bons lucros: ele encontrara um filão de ouro em Elvis. Mas Vegas não fora tão gentil. “Ele perdia bem um milhão por ano”, disse o gerente de um cassino. Os Rapazes já o tinham visto apostar 250 mil dólares de uma só vez na roleta.

Coincidentemente, da mesma forma que o Coronel estava pensando em abandonar Elvis, Elvis estava pensando em abandoná-lo. Os 50% de Parker sobre os ganhos do Rei pesavam em seu bolso. Além disso, Elvis queria muito fazer um filme de qualidade e, quando finalmente lhe ofereceram um – o papel principal no filme *Nasce uma Estrela*, de Barbra Streisand –, o Coronel o rejeitara. Pior, Elvis sabia que podia ganhar uma fortuna fazendo turnês na Europa, mas Parker, um estrangeiro ilegal, se recusava, temendo que a Receita Federal o prendesse ao voltar para os Estados Unidos.

Ainda assim, apesar da aversão mútua, a parceria se manteve firme – cada um temendo a falência sem o outro. Embora parecesse um dinossauro e um Liberace inchado em seu último ano de vida, Elvis continuou a fazer turnês e o Coronel continuou a agendá-las. Nesse ínterim, ambos esperavam que não voasse mais merda no ventilador.

Mas a merda não só voou como o fez em três fases: primeiro, o processo de 6 milhões de dólares contra os Rapazes; depois, a demissão dos envolvidos por Vernon; e, finalmente, o lançamento do *exposé* chamado *Elvis: What Happened?*, no qual os Rapazes expunham Elvis como um drogado. E a situação teria ficado bem pior se o irmão de criação de Elvis, David, não o tivesse dissuadido de matar seus Judas.

Depois desse incidente, Elvis tomou o *Lisa Marie* de volta para Graceland, rumo a uma imprescindível volta ao *rock'n'roll*. Lá, ele delineou um plano novo e bem menos drástico para desacreditar o livro. Ele faria outra turnê e, na última noite, colocaria dr. Nick em pessoa no palco para explicar aos fãs as reais necessidades médicas de seu paciente, sem entrar em detalhes desnecessários sobre lúpus, envenenamento por cortisona, reposição hormonal e os protocolos do Cronograma ii. Em seguida, Elvis anunciaria seu noivado com Ginger Alden, sua nova e bela noiva. A Suprema Corte de Justiça realizaria a cerimônia e ele convidaria grandes figuras políticas para as festividades.

Para o Rei, em seus momentos mais sóbrios, esse parecia um plano viável de reabilitação de imagem; mas, no meio da madrugada, ele não conseguia evitar que um pessimismo e desgaste paralisantes o invadissem.

Verdade seja dita, ele não queria realmente se casar com Ginger Alden no momento, embora tenha se apaixonado perdidamente quando a conheceu. "Ginger, meu amor", dizia ele, "você abriu um buraco no meu coração!" Ele disse ao dr. Nick que ela o fazia lembrar de sua mãe. De fato, ela era um clone de Priscilla. Ginger visitara Graceland quando tinha 5 anos de idade e Elvis a levara

para dar uma volta em sua montanha-russa. Dezesseis anos depois, o Rei, ajoelhado em seu banheiro, colocara um anel de noivado de 70 mil dólares em seu dedo. Mas sua paixão desvanecera rapidamente. Ele descobrira que Ginger, na época a atual Miss Segurança Pública de Memphis, era instável, temperamental, egocêntrica e, ele tinha certeza, estava tendo um caso com seu irmão de criação, David.

Ginger também estava desiludida. Seu noivo não era o Rei, mas uma estrela decadente que constantemente, como ela reclamava, "chapava até perder a noção". E ela detestava viajar com ele durante as turnês. Logo que voltou para Graceland, Ginger se recusou a partir com Elvis para uma sessão de gravação em Nashville. O Rei começou a disparar tiros sobre sua cabeça enquanto ela corria para se esconder no Lincoln Mark V que ele lhe dera de presente. "Ele não pararia enquanto não se matasse, devagar e aos poucos, não importava o que eu fizesse", disse Linda mais tarde. "Eu não podia fazê-lo feliz e sabia que ele não ia mudar. Então fui embora."

Porém, os Rapazes tinham uma visão diferente da situação. "Ginger provavelmente teve uma participação na queda de Elvis", disse Marty Lacker. "Ela sempre o desapontava. Ela não o amava."

"Ginger queria mais é que ele se fodesse", disse Lamar com sua costumeira diplomacia.

Elvis sempre dissera que um homem precisa de três coisas para ser feliz: alguém para amar, um objetivo e alguma coisa para *fazer*. Ele não amava Ginger, não tinha mais metas – nem no âmbito pessoal nem no profissional – e, definitivamente, não queria sair em turnê nunca mais. Em uma de suas últimas apresentações, após

sua grande entrada ao som de *Assim Falou Zaratustra*, ele caiu no palco, chorou e foi carregado para fora.

Pouco antes de sua partida de Graceland para a nova turnê, Elvis chamou o irmão de criação em seu quarto.

“David, quero me despedir”, disse ao jovem.

“O que você quer dizer com isso?”, perguntou seu irmão mais novo.

“A próxima vez em que nos virmos”, respondeu Elvis, “estarei em um plano diferente, um plano mais elevado.”

David Stanley saiu sem dizer uma palavra, supondo que essa fosse mais uma das “incoerências de drogado” de seu irmão famoso.

Ataque 3

> Se eu tivesse voltado para o quarto de E, eu o teria encontrado. Mas eu também estava usando muita droga [...] Acho que dá pra dizer que tinha Demerol suficiente em meu sangue para sedar toda a comunidade de Whitehaven. Então, acabei voltando para o meu quarto e chapei.
> – Ricky Stanley, irmão de criação de Elvis, explicando para a revista *People* por que não encontrou o corpo mais cedo

Eram cerca de 8h30 da manhã quando o interfone tocou no quarto de Ricky. Embora devesse estar acordado, ele apagara depois de entregar a e seu segundo pacote de remédios por volta das quatro da madrugada. No quarto ao lado, seu irmão, David, também estava nocauteado. Parecia não haver ninguém acordado em Graceland ainda – nem Vernon, Dee, tio Vester nem mais ninguém.

O interfone continuou a tocar.

Finalmente, o aparelho silenciou quando uma batida leve, porém urgente, foi ouvida na porta da suíte principal. De repente, a porta se abriu. Um sussurro foi lançado do lado de fora para a escuridão reinante no interior do aposento – “Deus sabe o que aconteceu com aqueles garotos!”, disse tia Delta Mae, a governanta de Graceland. Ela entregou um terceiro pacote, recebido avidamente. “Agora vá lá,

querido”, disse ela. “Descanse um pouco enquanto eu vejo o que aconteceu com aqueles moleques.”

Os pacotes de remédios de Elvis em Graceland eram diferentes do protocolo de seis estágios do dr. Nick durante as turnês. Administrados em intervalos de horas, constituíam três coquetéis de analgésicos quase idênticos, que os irmãos Stanley chamavam de “Ataques 1, 2 e 3”.

O Rei rasgou o novo pacote, engoliu seu conteúdo e tateou através da escuridão o caminho de volta para a cama. Ginger estava enrolada em um dos cantos da plataforma de quase 3 metros de diâmetro. Ela não se movera mais desde que Ricky viera algumas horas antes e lhe dera algo para diminuir suas cólicas menstruais.

Elvis despencou na cama, recostou sua cabeça na cabeceira preta revestida de couro artificial e esperou que o Ataque 3 fizesse efeito. Era uma manhã clara e já sufocante em Memphis, mas aparelhos enormes de ar-condicionado mantinham o quarto frio e as cortinas carmesim estavam fechadas. A única luz provinha das lâmpadas de lava, do enorme aparelho de TV instalado sobre a cama com o som desligado e da tela do circuito fechado de câmeras sintonizado nos Portões Musicais de Graceland, onde os fãs já começavam a se aglomerar, esperando ver o Rei naquele dia.

Ele desviou o olhar das telas para a mesa de cabeceira. Sobre ela, havia uma foto de Gladys, que fechara os olhos para sempre nesse mesmo dia, 19 anos antes. O aniversário de morte de sua mãe não se tornara mais fácil para o cantor, que se lembrava daquele dia como se fosse ontem. Ele se lembrava de como

escovara seu cabelo no esquife aberto, de como acariciara suas mãos acetinadas, seus pés, sua face.

Ainda acordado, o Rei lutou para se levantar e se arrastou na direção do banheiro, segurando-se nos móveis para se equilibrar. Ele estava irritado por Ricky, David e os outros não atenderem ao interfone naquela manhã. Devido a seu peso e a seus remédios, muitas vezes os Rapazes precisavam carregar o Rei até o banheiro.

Ginger se mexeu quando ele abriu a porta. “Querida, vou ao banheiro ler um pouco”, disse ele.

“Ok,” murmurou ela, de maneira confusa, “mas não vá dormir.”

“Não se preocupe, não vou”, disse ele, fechando a porta do seu santuário íntimo atrás de si.

Seu banheiro, no qual costumava passar horas, possuía uma TV *wide-screen*, dois telefones e prateleiras com seu material de leitura favorito. Ele pegou um exemplar de *Sex and psychic energy* [6] e sentou-se em seu enorme vaso sanitário com assento acolchoado. Enquanto folheava o livro de imagens eróticas, começou a adormecer: o Ataque 3 – Quaalude, Placidyl, Valmid e Demerol – finalmente estava fazendo efeito. Mas, subitamente, ele começou a sentir muito calor e coceira, sensação já sentida após sua consulta dentária à meia-noite. O dentista administrara codeína para tratar um canal. Enquanto estivera deitado na cama esperando a entrega do Ataque 3, ele tomara toda a codeína que o dentista receitara, além de seis outros Dilaudids que Ricky entregara pouco antes de ele mesmo apagar.

Logo o Rei começou a transpirar profusamente, passou a sentir tonturas e não conseguia mais respirar. Exatamente como ocorrera dois anos antes, quando ele sufocara em seu avião.

De repente, ele ofegou, jogou o livro com violência para longe, caiu e bateu a cabeça no chão. Ao cair, mordeu a língua, arrancando metade dela, e sua boca se encheu de sangue, que fluiu para o carpete carmesim.

* * *

Horas depois, no começo da tarde, uma batida tímida foi ouvida na porta fechada do banheiro.

Como não obteve resposta, Ginger Alden – belamente vestida, com o cabelo cuidadosamente arrumado e totalmente maquiada – abriu a porta e ficou paralisada como uma estátua, com os olhos arregalados.

Um livro estava caído no felpudo carpete vermelho e, espalhados por todo lado, estavam os frascos de colônia que haviam sido derrubados do balcão do banheiro. Em meio a tudo isso jazia Elvis Presley. As calças de seu pijama dourado estavam ao redor de seus tornozelos, seus membros estavam rígidos, sua boca entreaberta, sua língua cortada estava preta e sua pele apresentava um tom de azul-claro. “Ele estava caído de lado com seus joelhos dobrados e com as mãos sob o rosto”, lembrou-se Marty Lacker. “Ele estava quase em posição de prece.”

Ginger se lançou na direção do telefone. Primeiro, ligou para a mãe. Depois, de acordo com Billy Smith, ligou para Jim Kirk, um repórter da *National Enquirer* [7]. Finalmente, ela pegou o telefone interno.

Em instantes, Ginger estava com Al Strada, criado pessoal de Elvis, e Joe Esposito, seu empresário de turnês. Ambos estavam

inclinados sobre o Rei, batendo em sua cara, gritando histericamente. Joe tentou ressuscitá-lo com respiração boca a boca enquanto Al ligava para a emergência.

Quando os paramédicos chegaram, não faziam ideia de que o corpo no chão fosse o de Elvis Presley. Um deles se lembraria mais tarde de que o paciente, devido à sua cor, parecia ser um homem negro enorme. Essa não era a primeira vez que os paramédicos recebiam um telefonema anônimo de emergência de Graceland.

O quarto era um pandemônio no momento em que o resgate tentava ressuscitar Elvis. Todos estavam lá: David, Ricky, Marty, tia Delta Mae, Charlie Hodge, Vernon e o próprio dr. Nick. A pequena Lisa Marie entrou correndo, chorando, “o que aconteceu com o meu papai?”, mas foi logo retirada do local.

“Faça alguma coisa! Faça alguma coisa!”, chorava tia Delta Mae.

“Respire, Elvis! Respire!”, implorou Charlie Hodge. “Não morra! Por favor, não morra!”

“Oh, não! Meu filho está morto!”, gemeu Vernon, e começou desesperadamente a agarrá-lo. “Filho, estou indo! Estarei lá! Te encontrarei lá!”

Apenas seus irmãos de criação, Ricky e David, ficaram parados, sem fala, assim como Al Strada. Havia meses eles apostavam quando Elvis iria morrer. Al puxou um dos médicos de lado e disse o que todos já sabiam. “Achamos que ele teve uma overdose.”

Mais tarde, David Stanley confessou: “Ninguém pode dizer que aquilo não foi suicídio”. Em seguida, acrescentou: “Sim, levou dois anos para finalmente se concretizar, e sim, seu coração realmente parou, mas foi suicídio, puro e simples”. Olhando para o corpo sem

vida, lembrando das últimas palavras de Elvis apenas dias antes, David disse [8]: “Seu filho de uma puta!”.

O corpo de Elvis Presley foi levado para o Hospital Memorial Batista, em Memphis, e admitido como se sua identidade não fosse conhecida. Embora sua vida tivesse claramente se esvaído, os cirurgiões fizeram tentativas heroicas de ressuscitá-lo. Tentaram massagem com o coração aberto, bombearam o conteúdo de seu estômago e realizaram uma toracotomia de emergência, removendo por sucção o vômito de suas vias aéreas e inserindo um tubo para inflar seus pulmões.

Tudo em vão.

O Rei do Rock foi declarado morto às 15 horas do dia 16 de agosto de 1977. Na realidade, ele morrera seis horas antes, enquanto todos em Graceland estavam dormindo.

* * *

Uma autópsia completa [9] foi realizada. A cavidade peitoral foi aberta. Descobriu-se que seu coração estava inchado e “parecia um pudim marrom”. O fígado também estava gravemente deteriorado, bem como suas artérias – sinais claros de lúpus e abuso grave de substâncias químicas. O cólon, com tamanho quatro vezes maior do que o normal, estava comprimido por matéria fecal que apresentava consistência de giz. O topo de sua cabeça foi serrado e seu cérebro, removido. Nenhum sinal de trauma direto ou de crime foi descoberto.

O patologista se desfez dos órgãos e fechou o corpo vazio. Em seguida, o cadáver foi enviado ao embalsamador, ao maquiador e

ao cabeleireiro – o próprio Larry Geller – para que o caixão pudesse ficar aberto.

O dr. Nick, que esteve presente durante a autópsia, insistiu que a causa da morte fora “arritmia cardíaca, doença coronária, hipertensão e diabetes mellitus, além de gordura no fígado”. O patologista-chefe, dr. Jerry Francisco, concordou com a tese de ataque cardíaco e assinou o atestado de óbito.

“Basicamente, foi uma morte natural”, anunciou Francisco aquela noite em uma coletiva para a imprensa. “Pode levar várias semanas para que a causa exata da morte seja descoberta, o que pode nunca ocorrer.”

Um plano para abafar a notícia já estava em andamento. O conteúdo do estômago do cantor foi destruído sem ser analisado. Nenhum inquérito judicial por homicídio foi impetrado. As notas dos peritos médicos, o relatório de toxicologia e as fotos desapareceram dos arquivos oficiais. E David Stanley, “salva-vidas” fiel até o final, se desfez de todas as drogas e seringas que estavam no quarto de Elvis antes de os investigadores chegarem [10].

Outras teorias sobre a causa da morte surgiram aos montes, mesmo na comunidade médica de Memphis. Alguns diziam que Elvis morrera de lúpus, outros de câncer nos ossos, outros de derrame. Ainda havia quem acreditasse que ele fora assassinado por Mike Stone, Dave Hebler ou outro especialista em artes marciais.

A verdade não veio à tona até quase dois anos após sua morte, resultado de uma intensa averiguação da abc News e de diversos investigadores particulares. A mais notável dessas inquirições foi realizada pelos detetives aposentados Charles C. Thompson ii e

James P. Cole, de Memphis, que revelariam suas descobertas no livro *The death of Elvis: what really happened*.

De acordo com Thompson e Cole, dez substâncias controladas foram descobertas na corrente sanguínea de Elvis, embora não tenham sido relatadas na ocasião de sua morte. Em resumo, a verdadeira causa da morte de Elvis foi "polifarmacológica" – a interação mortal desses analgésicos [11].

O ingrediente mais prejudicial na mistura era a codeína, à qual Elvis era alérgico. Seu fígado apresentava um nível 16 vezes maior da dose terapêutica dessa substância, e seus rins, 23 vezes a dose média prescrita. Elvis sabia bem que era alérgico à codeína, podendo consumi-la apenas em doses pequenas, mas ele claramente tomou uma quantidade enorme do analgésico. E Elvis, um farmacêutico inteligente, certamente sabia que essa atitude poderia resultar em uma mistura fatal com os três pacotes de analgésicos do Ataque.

O toxicologista dr. Randall Baselt declarou que a codeína sozinha poderia tê-lo matado. Ele teria entrado em choque anafilático e ficado incapaz de respirar.

"Elvis sufocou", confirmou mais tarde seu outro médico, dr. Elias Ghanem. "Sempre que uma pessoa morde a língua até arrancar um pedaço, é porque está sufocando."

Post mortem

Vinte mil pessoas em luto passaram pelos Portões Musicais para ver o Rei do Rock pela última vez em Graceland, que estava coberta com 5 toneladas de flores. Mais de 60 mil se alinharam no Elvis Presley Boulevard esperando para se despedir de seu ídolo. Quando os Portões Musicais foram fechados ao anoitecer, quase houve um tumulto. A procissão do funeral, conduzida por 16 Cadillacs brancos, tinha quilômetros de extensão.

Logo após sua internação, o pai de Elvis, Vernon, puxou seu enteado de lado. “David”, disse ele, “eu tenho que te perguntar uma coisa. Você matou meu filho?.”

David mal podia acreditar no que estava ouvindo.

“Na última conversa que tive com Elvis”, continuou Vernon, “ele me disse que você e Ginger estavam tendo um caso.”

David implorou a seu padrasto para que acreditasse que nada do gênero acontecera, e que ele, assim como Vernon, só tinha uma única coisa em mente: o bem-estar de Elvis.

Vernon ficou satisfeito. Durante anos, ele também tentara em vão controlar os hábitos destrutivos do filho. Ele também não tinha nenhuma dúvida sobre quem alimentara esses hábitos. No entanto, proteger a imagem de Elvis ainda era a ordem do dia, de forma que Vernon permitiu que o dr. Nichopoulos fosse uma das pessoas a carregar o caixão do Rei. Mas ele pretendia acertar as contas.

Não muito depois da morte de Elvis, o dr. Nick assistia a um jogo de futebol americano no Liberty Bowl, em Memphis, quando seu

acompanhante, dr. Charles Langford, tombou de repente, atingido por uma bala no ombro. A polícia não conseguiu prender o assassino no estádio lotado.

Ao ouvir sobre o incidente, o pai de Elvis ficou enojado. “Atiraram no médico errado!”, disse ele à mãe de Ginger, mais tarde.

Vernon morreu de insuficiência cardíaca no verão do ano seguinte. Ele foi enterrado ao lado de Elvis e Gladys, em Graceland.

Os túmulos haviam sido transferidos do Cemitério Forest Hill para Graceland no outono anterior, depois que três homens tentaram desenterrar o caixão de Elvis para provar que estava vazio e que o Rei havia ascendido aos céus.

O Rei, com certeza, ascendeu. Ele vendeu mais discos após sua morte do que a quantidade já incomparável que vendera em vida. Atualmente, o total de vendas excede a casa de um bilhão de cópias. Nos anos 1980, ele recebeu um lugar nos três Halls da Fama: Rock, Country e Gospel – uma coroação tripla nunca conferida a outro artista. Outro feito sem precedentes: ele atingiu 97 álbuns de ouro, 53 singles de ouro e platina e 385 músicas nas paradas de sucesso. E, como se isso não fosse o suficiente, estrelou 31 filmes, alguns dos quais se tornaram os maiores sucessos de bilheteria de seu tempo.

Poucos discordam de que Elvis Presley foi um dos maiores artistas do entretenimento de todos os tempos, se não o maior. “Não sou o Rei, Jesus Cristo é o Rei”, declarou ele. “Sou apenas um artista [...] Essa é minha vida, até meu último suspiro.” Ele foi o único dos Sete a realmente ter uma carreira solo, no sentido clássico. Mas foi uma artista de alcance e poder incomparáveis: era capaz de cantar como Crosby e Sinatra; podia fazer *rock’n’roll* como

Little Richard e Jerry Lee; e poderia ter sido grande como James Dean e Marlon Brando caso tivesse recebido os papéis certos. O segredo de seu lendário sucesso não foi apenas sua ambição, que ele chamava de “um sonho com motor v-8”, mas seu inestimável talento, que ele dizia derivar da capacidade de “conseguir vender o que você está sentindo”. Nenhum artista foi capaz, antes ou depois, de transmitir seus sentimentos como Elvis, cativando a mente do público, jovem ou maduro, em todo o mundo. Todos os astros lhe prestam tributo, não apenas como inspiração indispensável, mas como pai fundador.

“Se Elvis não tivesse existido, não haveria os Beatles”, disse Lennon.

“Elvis é o melhor de todos, o mais original”, disse Morrison. “Ele colocou a bola em jogo para o resto de nós.”

“Ninguém, mas ninguém mesmo, foi igual a ele, e nunca será”, disse Jagger. “Ele era e é supremo.”

Elvis foi o primeiro a reconhecer que tinha uma dívida para com a música negra. “Ninguém ligava para isso até que eu cantasse a bola”, admitiu ele. “Eu cheguei lá através deles.” Mas, ele fez mais do que “cantar a bola”. Al Green disse: “Ele quebrou o gelo para todos nós”. Little Richard acrescentou: “Ele abriu as portas para a música negra”.

Como Bruce Springsteen observou, enquanto Dylan “libertou a mente”, Elvis “libertou o corpo”. Mas, além de trazer o físico, o primitivo e o sexual para o rock, ele o inflamou com uma paixão e um amor absolutos, que mexiam com as pessoas como nenhum outro tipo de música jamais fizera. Elvis amava seu público mais do que qualquer outro artista, e esse amor transparecia nas músicas

que ele e seus fãs acreditavam vir de uma força maior do que o próprio Rei.

“Minha voz é a vontade de Deus”, disse Elvis Presley, “não a minha.”

O soldado Elvis Presley, com Vernon e Gladys, primavera de 1958, pouco antes da morte de sua mãe.
(Foto: Hulton Archive/Getty Images)

Elvis em uma de suas apresentações, Asheville, Carolina do Norte – julho de 1975.
(Foto: Michael Ochs Archives/Getty Images)

Interlúdio: Sr. M

Down in the graveyard where we had our tryst…
Lord, I was dancin', dancin', dancin' so free!
Dancin' with Mr. D.
– Jagger e Richards, *Dancing with Mr. D*

Linda Thompson certa vez perguntou a Elvis qual era sua maior falha de caráter. "Sou autodestrutivo", respondeu ele. "Mas não há muito que eu possa fazer a respeito." Ela e muitas outras pessoas queridas tentaram ajudá-lo, mas descobriram que também não havia nada que pudessem fazer.

"Acho que nos últimos dois anos de sua vida, Elvis estava se matando de forma consciente", escreveu David Stanley. "Ele se matou porque esse seria seu último grande ato de humilhação para consigo mesmo [...] para provar a si mesmo que era apenas um ser humano [...] A morte finalmente humanizou o Rei do Rock."

O mesmo pode ser dito dos outros astros.

Quando Janis estava começando sua carreira de cantora, ela escreveu para seus pais: "Tenho certeza de que vocês estão convencidos de que minha tendência autodestrutiva me dominou novamente [...] mas estou planejando voltar para a escola". Alguns anos depois, após seu aniversário de 25 anos, Janis escreveu outra carta para seus pais, que começava: "Vinte e cinco anos? Nunca pensei que viveria tanto".

Apesar de atingir a fama que tanto desejava, a Rainha do Blues sofreu “o isolamento mais completo e profundo que um coração pode conhecer”, escreveu Myra Friedman. Janis disse a Myra: “Eu só vivo para me apresentar. Essa é a única hora em que sinto alguma coisa [...] Bicho, se não fosse pela música, eu provavelmente teria me matado”.

Embora Janis tenha falado diversas vezes em se matar, ela tentou sair do fundo do poço. “Você pode acabar sendo infeliz, mas vou me foder se eu não tentar”, disse ela. “Não tentar é como cometer suicídio já no dia em que nasceu.” Mas, no fim, não havia muito que ela pudesse fazer para se salvar.

Os outros também eram suicidas. “Jimi falou muito comigo sobre suicídio e morte”, disse Eric Burdon. Cobain, que queria dar ao quarto álbum do Nirvana o título *I Hate Myself and I Want to Die*, gostava de tirar fotos com pistolas enfiadas na boca. Robby Krieger, ao se lembrar de um das “viagens depressivas” de Morrison, confessou: “Ele simplesmente achava que não valia mais a pena e que a vida era terrível [...] então ele passava a noite inteira falando em se matar”. Quanto ao lado bom da prática da eutanásia por conta própria, o mentor de Morrison, Nietzsche, disse: “É sempre um consolo pensar em suicídio. Dessa forma, as pessoas conseguem passar por muitas noites difíceis”.

Lennon também sabia o que eram noites difíceis. Quando esteve separado de Yoko, no começo da década de 1970, ele admitiu ter tentado “se afogar” com a maior quantidade de bebidas que a indústria tivesse disponível. “Mas, meu Deus, eu tive de me afastar daquilo”, disse ele a um repórter, “porque alguém ia acabar morrendo. Keith Moon morreu. Era como uma disputa para ver

quem morreria primeiro.” Embora tenha deixado seus companheiros em Los Angeles e voltado para Nova York, lá ele começou a correr atrás de sua vodca com heroína. “Minha meta era apagar minha mente de forma a não ter consciência. Acho que eu era um suicida em algum nível subconsciente.” Ele recuperou alguma estabilidade quando reatou com Yoko, mas, perto do fim de sua vida, de acordo com seus diários, estava usando heroína de novo e flertava com a ideia de se jogar da janela de seu quarto no edifício Dakota. Depois que um de seus adorados gatos persas, Alice, caiu da janela e morreu, seu filho Sean, ainda uma criança na época, perguntou a ele [1]: “Por que você não sai pela janela, papai?”.

Jerry Garcia não era tão autodestrutivo quanto Lennon e os outros. Porém, mais de três décadas de estrada depois, ele ficou. Ao longo desses anos, ele assistiu a vários colegas de banda e amigos se destruírem, mas, acreditando na santidade do livre-arbítrio, Garcia nunca interveio. No início da carreira do Grateful Dead, o letrista da banda, Robert Hunter, escreveu os Dez Mandamentos do Rock & Roll. O décimo dizia: “Destrua-se física e moralmente e insista para que todos os seus irmãos de coração façam o mesmo como prova de companheirismo”.

A jornada até a morte de cada astro foi motivada por coisas diferentes, mas, no final, havia um ponto em comum: arrependimento fatal. Embora idolatrados por milhões de pessoas, nenhum deles atingiu suas maiores ambições.

Com a cabeça no colo de sua namorada, Linda Thompson, o Rei se queixou: “Como eles se lembrarão de mim? Eles não vão se lembrar de mim. Eu nunca fiz nada que prestasse. Nunca fiz um filme clássico”. Embora Lennon quisesse “conquistar o mundo

novamente”, ele disse a um confidente: “Eles me prenderam em um caixão chamado passado [...] Me transformaram em outro Elvis e eu nem tenho os direitos sobre as merdas das músicas”. Morrison, que sempre quis ser um grande poeta como Rimbaud e Blake, disse: “Gostaria de escrever alguma coisa relevante de verdade. Essa é minha ambição – escrever algo que preste”. Hendrix queria abandonar as apresentações e compor um tipo de música completamente novo, combinando sinfonia, jazz e rock improvisado. Apesar de seu último álbum, *Pearl*, ser brilhante, Janis disse: “Não sou uma estrela. Sou só uma mina velha com uma voz potente”. Quanto a Cobain: “Não consigo mais curtir isso. É tudo muito louco, empático. Eu sinto tanto que nem sei como dizer”.

Os arrependimentos desses astros pesaram sobre a vida deles e alimentaram seus vícios em drogas. Nos últimos dias de vida, todos pareciam já estar mortos, inclusive Garcia. Phil Lesh, seu colega de banda, disse que, na última turnê do Dead, “Jerry estava parecendo, agindo e soando como quem está às portas da morte”. Dez anos antes disso, o guitarrista já não era uma pessoa muito saudável. Em um show em 1984, ele parecia “não só morto, mas alguém que tinha voltado do túmulo”, disse o escritor Robert Greenfield. “Sua pele parecia brilhar como uma luz verde-acinzentada sinistra.”

Como pudemos perceber, nenhum dos Sete esperava mesmo morrer de velhice. No caso de Elvis, nenhum de seus parentes gozara de longevidade, e o Rei não esperava que fosse diferente com ele. Em seus últimos anos, Elvis passou a alimentar uma curiosidade mórbida. “Seu fascínio por cadáveres é simplesmente aterrador”, disse Sonny West. O cantor muitas vezes visitava cemitérios e aparecia em casas funerárias para assistir a

embalsamamentos e às maquiagens cosméticas aplicadas nos cadáveres.

Como todas essas estrelas esperavam encontrar a morte cedo na vida, alguns deles sentiam certa resignação e, até mesmo, alívio. “As pessoas temem a morte mais até do que a dor”, disse Morrison. “É estranho que tenham medo de morrer. A vida dói muito mais do que a morte. Na morte, a dor acaba. Sim, acho que ela [a Morte] é minha amiga.”

Lennon pensava a mesma coisa. “Estar morto não é tão ruim assim”, disse ele a seu conselheiro espiritual, John Green. “Ouça o meu conselho e não enrole com a parte de ‘morrer’. Então você estará morto e tudo estará certo.”

A maioria deles esperava uma transição rápida e brilhante. Inspirado pelo *Livro tibetano dos mortos*, Lennon esperava – como cantou em *Tomorrow Never Knows* – “relax, sit back [...] and surrender to the shining void”. Morrison queria sumir “como um cometa escaldante: vush e fui!”. Cobain imaginava que iria “partir em uma chama de glória”. Garcia soprou uma vela e disse: “É assim que vou partir”.

Quanto ao que se sente quando se está morrendo, Morrison era o mais curioso de todos e queria “saboreá-la, ouvi-la, cheirá-la”. Lennon, que estava destinado a levar um tiro, perguntou ao tio de seu assistente, que fora vítima de uma arma de fogo, “qual é a sensação de tomar um tiro?”. Ele poderia ter perguntado a Mal Evans, mas seu amigo íntimo, baleado pela polícia de Los Angeles em 1972, não viveu para contar. Ou poderia ter perguntado detalhes a Peter Fonda. O ator, que atirara em si mesmo por acidente quando criança, tomava ácido com John em uma festa quando lhe

disse: “Eu sei como é estar morto”. O Beatle escreveu *She Said She Said* e colocou as palavras na boca de uma namorada: “She said, ‘I know what it’s like to be dead’ [...] and she’s makin’ me feel like I’ve never been born”.

O único dos Sete que efetivamente morreu do ponto de vista clínico e voltou para contar a história foi Jerry Garcia. Durante um coma de quatro dias, o coração do guitarrista do Dead parou de bater. Ele descreveu o estado como “uma luta tremenda travada dentro de um veículo espacial futurístico com presenças insetoides [...] besouros enormes correndo dentro de canos”. Anos antes, quando seu tecladista Pigpen bateu as botas, Jerry ficou com inveja. “O filho da puta”, disse ele ao baixista Phil Lesh após o funeral de Pig, “agora ele *sabe.”*

Elvis, Janis e Kurt, tendo sofrido inúmeras overdoses quase fatais, chegaram quase tão perto da morte quanto Jerry em seu coma. Por esse prisma, cada um deles experimentou pré-mortes e, milagrosamente, sobreviveu para gastar suas outras vidas de gato.

Nenhum dos Sete acreditava que o fim fosse realmente o final, de modo que sua dança com a morte parecia menos perigosa, do ponto de vista da ressurreição.

“Meet you in the next world, don’t be late”, cantou Hendrix.

Elvis ansiava por estar “em um plano superior” e continuar cuidando das pessoas que amava.

“Ficar por aqui por causa DISSO?”, exclamou Garcia, agarrando sua barriga; “Vocês devem estar brincando. Quando eu morrer, caio FORA daqui!”

“The dead are newborn awakening, with ravaged limbs and wet souls”, cantou Morrison em *An American Prayer* [2]. “Who called

these dead to dance?”2 A letra foi, sem dúvida, inspirada nas palavras de seu filósofo predileto: “Prestemos atenção ao dizer que a morte é o oposto da vida”, escreveu Nietzsche. “O ser vivo é apenas uma espécie de morto, e uma espécie muito rara.”

* * *

Muitas lendas do rock acabaram se exaurindo fisicamente ou chegaram perto de fazê-lo por serem incapazes ou por não quererem separar a *persona* explosiva que encarnavam nos palcos da sua vida fora dele. Hendrix, Morrison, Janis e os outros nunca teriam se tornado lendas se a vida deles não fosse igual às suas apresentações. Eles morreram pelo rock porque *viveram* para o rock. “Para mim, na verdade, nunca se tratou de ‘atuação’ aquilo que chamavam de shows”, disse Morrison a um repórter. “Era uma questão de vida e morte.”

Ele e os outros eram como acrobatas apresentando-se sem redes de segurança, ao contrário de seus colegas mais cuidadosos. “O *rock’n’roll* é como uma droga”, observou Neil Young. “Eu não tomo muito, mas, quando tomo, vou fundo. Mas não quero tomar toda hora porque vai me matar.” O segredo da sobrevivência de Bruce Springsteen era, em suas palavras, “preocupar-se bastante em manter o controle”. Jagger disse: “Qualquer coisa que valha a pena ser feita, vale a pena ser exagerada”. Mas, como Young, Springsteen e outros sobreviventes do rock, antes de exagerar o Sr. Jumpin’ Jack Flash sempre se certificou de que seu paraquedas estivesse em ordem, o que não era exatamente o que acontecia com a maioria dos Sete. Cada um deles foi um Ícaro do rock; tanto

para eles próprios quanto para seu público; usar um paraquedas teria acabado com toda a graça de seus espetaculares saltos que desafiavam a morte.

Além disso, todos eram fatalistas. Quando seu tempo acaba, acabou, acreditavam. A Morte ri dos comedidos. Assim, enquanto esperavam a sua vez na fila, cada um deles dançou com o Sr. M para passar o tempo. Foi uma dança de danos materiais: destruindo guitarras e quartos de hotel, atirando em TVs, incitando tumultos e, a mais empolgante de todas, batendo carros.

A história dos artistas do rock e seus acidentes automobilísticos, fatais ou quase, é longa e variada. As atividades de dirigir carros de corrida e tocar *rock'n'roll* têm muita coisa em comum, sendo uma delas o casamento entre perigo e emoção. A maioria dos astros concordaria com Mario Andretti: "Excetuando-se a morte", disse o piloto campeão, "todo o resto não passa de um machucado".

Elvis deu perda total em seu primeiro Cadillac, em 1956, e chegou perto de repetir a dose por diversas vezes. Mas isso não impediu que ele e os Rapazes apostassem corridas em suas Harleys a quase 200 quilômetros por hora no Elvis Presley Boulevard.

Além de todas as guitarras e suítes de hotel que destruiu, Hendrix deu perda total em seis Corvettes no prazo de dois anos. Em uma ocasião, tirando um racha nas estradas do Benedict Canyon, famosas por seus ventos fortes, Jimi, que não tinha carteira de motorista e era míope, quase voou de um penhasco. Ele abandonou seu Stingray enfiado em uma árvore e foi comprar outro imediatamente.

O Porsche Cabriolet Super c de Janis, pintado com motivos psicodélicos feitos sob encomenda, “era seu maior orgulho e alegria na vida”, lembrou-se seu produtor, Paul Rothchild. “Nós dois tínhamos Porsches e tirávamos rachas no Sunset Boulevard e no Laurel Canyon. Ela era bem mais louca do que eu, e eu era *doido*. Ela entrava na contramão em curvas fechadas, com a capota abaixada, rindo, ‘Nada pode me derrubar!’”.

Jerry Garcia, que assim como Lennon perdeu a mãe em um acidente de carro, sobreviveu milagrosamente a um desastre antes de fundar o Grateful Dead. Posteriormente, ele se salvou outra vez quando sua BMW bateu, atravessou uma barreira na pista e entrou na contramão. Perto do fim, Phil Lesh, que também sobreviveu a três acidentes de carro quase fatais, cometeu o erro de entrar no carro com um Garcia enfurecido e alcoolizado a caminho de uma clínica de desintoxicação. “Acho que, antes disso, eu nunca tinha ficado tão assustado dentro de um carro”, escreveu Lesh [3]. “[...] Fiquei me perguntando se Jerry não estava possuído por uma fúria suicida – ou assassina. Eu estava tremendo e suando como um porco.”

Cobain gostava de destruir coisas tanto quanto qualquer outra pessoa, especialmente guitarras, amplificadores, palcos, ônibus de turnês e qualquer hotel cinco estrelas tolo o suficiente para aceitá-lo como hóspede. No quesito direção, o filho do mecânico da Texaco disse à revista *The Advocate*: “Eu não dirijo, mas quase todo dia me meto em um acidente”.

O parceiro mais animado e aventureiro do Sr. M, em se tratando de destruição de carros, foi o Rei Lagarto. Em seu Mustang Shelby GT, o fantasmagórico Dama Azul, ele parava sobre os trilhos da

ferrovia e apostava corrida com as locomotivas. Outras vezes, saltava de carros em movimento e pulava no meio do tráfego da rodovia, brincando de toureiro com caminhões.

Do ponto de vista dos meros mortais, era como se o *Titanic* estivesse à procura de um iceberg no qual se esborrachar, mas Morrison e seus companheiros tinham outra perspectiva. Já que seu fim estava próximo, cada um deles parecia acreditar na própria imortalidade – assim como Aquiles, Crazy Horse ou Evel Knievel – até que o relógio soasse a última badalada.

Lennon também acreditava que, quando dirigia, estava coberto por um seguro cármico, pelo menos no começo. Durante as filmagens de *Help!*, no Caribe, ele, Paul, George e Ringo perseguiram um ao outro a mais de 160 por hora em Cadillacs alugados. “Era uma sensação maravilhosa detonar todas aquelas limusines reluzentes”, lembrava-se John. Ao voltar para casa, George comprou uma Ferrari e John – embora fosse quase cego do ponto de vista legal – decidiu que também precisava de uma. Ao colocar sua Dino para correr contra o Spitfire de seu amigo Pete Shotton, ele gozou do que chamou de “a sensação mais fantástica que tive em anos!”, enquanto Pete descreveu a experiência como “a mais aterradora da minha vida”. Ser passageiro no banco da frente do Beatle era ainda pior. “John era um motorista terrível”, escreveu Cynthia Lennon, a quem ele deu um Fusca. “Seus passageiros entravam em uma montanha-russa de terror [...] que corria a uma velocidade de tirar o fôlego.” Depois de acabar com Shotton, John partiu para cima de Ringo e seu Facel Vega, mas se aposentou como piloto da nascar depois de quase bater em outro carro a 240 quilômetros por hora. Finalmente, ele trocou sua Ferrari por um

Rolls Royce depois que seu rival nas pistas e companheiro camicaze, Tara Bowne, furou um farol vermelho e enfiou sua Lotus em um caminhão em Kensington. “He blew his mind out in a car,” cantou John em *A Day in the Life* no álbum *Sgt. Pepper’s*, “he didn’t notice that the lights had changed”.

Mas pouco depois o Beatle quase sofreu o mesmo destino. Ao volante de seu Austin Maxi com Yoko e seus filhos, ele dirigia pelo interior da Escócia quando uma valeta o pegou de surpresa. “Estamos vivos!”, gritou ele, rastejando para fora do carro capotado com Yoko, sua enteada Kyoto e seu filho Julian.

Ele ganhou 17 pontos e uma escultura pelo acidente. Yoko instalou o que sobrou do carro em um pedestal do lado de fora da sala de estar em sua mansão em Tittenhurst Park, chamando-a de “Um Tributo à Sobrevivência”.

* * *

Como se as estrelas já não tivessem preocupações suficientes com o Sr. M, a maioria mantinha com ele uma correspondência regular, comunicação esta que se manifestava na forma de ameaças de morte. Geralmente, a quantidade era proporcional à fama do astro. Elvis foi quem mais as recebeu, seguido de perto por Lennon, depois Garcia, Morrison e Hendrix. Janis e Kurt foram amplamente ignorados, talvez porque seus assassinos potenciais acreditassem que eles estavam cuidando muito bem da questão por conta própria.

Elvis não ficou muito preocupado com as primeiras ameaças de morte que recebeu porque a maioria provinha de namorados e

maridos que não tinham espírito esportivo. O assassinato de John Kennedy mudou a forma de pensar do Rei. Ele passou a colecionar armas e guarda-costas. Posteriormente, com os assassinatos cometidos pela Família Manson, a coisa ficou “séria como um engavetamento de seis carros”, lembrou-se Fike. Ao ouvir que figurava na lista de alvos de Manson [4], Elvis, que na época estava tocando em Las Vegas, mandou todo mundo recolher as tralhas e se refugiou em Graceland. Sua coleção de armas passou a ser digna da defesa do Forte Dix, e seus funcionários se tornaram agentes do Serviço Secreto.

“Puta merda, se alguém me assassinar, eu quero que vocês encontrem o cara antes da polícia”, ordenou ele aos Rapazes. “Quero que vocês arranquem os olhos dele, abram sua garganta e matem o filho da puta!”

Elvis era assombrado por pesadelos sobre pessoas desfiguradas e assassinos desde a infância. Mais tarde ele se tornou um notívago em virtude de sua paranoia. “Fico acordado a noite toda, meus amigos me acompanham e me sinto bem”, revelaria mais tarde. “De manhã, quando os demais estão de pé, me sinto seguro porque está claro – só então consigo ir dormir.” E, ainda assim, ele às vezes se enfiava na cama de algum dos Rapazes por garantia.

Se os assassinatos da Família Manson serviram de alerta para o Rei, a tragédia no festival realizado no autódromo de Altamont, alguns meses depois, despertou o resto da comunidade do rock. O Grateful Dead, um dos organizadores do festival aberto ao lado dos Rolling Stones, recusou-se a tocar depois que o caos homicida dos Hell’s Angels se instalou. Foi a partir daí que os grandes nomes do festival começaram a trocar instrumentos por armas. Jagger e

Richards, cujas cabeças foram colocadas a prêmio pelos Angels [5], começaram a juntar munição e equipes de segurança. O mesmo fizeram o Zeppelin, o Who, Dylan e todos os outros astros de renome. Os dias de *All You Need is Love* foram substituídos por *Let it Bleed* e *Sympathy for the Devil*.

Embora Jerry Garcia, amigo de longa data e herói dos Angels, tenha saído da pista de corridas sem um arranhão, ele recebeu ameaças de morte de sobra durante os 20 anos que se seguiram. Quando recebeu a última, antes de um concerto em Indiana, em 1995, já havia se tornado teimoso. A segurança implorou para que ele cancelasse o show do Dead, mas ele se recusou, dizendo: “De jeito nenhum eu vou deixar essa porra me impedir, não mesmo. Eu recebi essas merdas minha vida inteira”.

Assim como Elvis, John Lennon recebeu sua primeira ameaça de morte no início da carreira. Ela fora enviada por marujos alemães bêbados cujas namoradas ele tinha azarado nos clubes ou pelas quais pagara em marcos nos becos escuros de Hamburgo. Mas sua notificação oficial só foi enviada em 1966, após o evento Jesus-Beatles. Ele aceitou a ameaça com bastante calma até que, logo depois, um vidente lhe disse que ele seria baleado em sua turnê nos Estados Unidos, que estava para começar. “Fiquei paranoico o tempo todo”, diria ele sobre a última visita dos Beatles aos Estados Unidos, que ele batizou de “The Jesus Christ Tour”. “Eu ficava esperando que algo terrível acontecesse em todos os lugares onde tocamos.” No palco em Memphis, ele confundiu o barulho de uma bombinha com um tiro de arma de fogo. “Minha reação imediata foi me apalpar para ver se não tinha sido atingido”, lembrou-se. “‘Caralho’, pensei, ‘pelo menos não me acertaram!’.”

Os integrantes do Fab Four mal tinham colocado os pés em Londres, aliviados, quando seu empresário, Brian Epstein, sofreu uma overdose quase fatal de analgésicos; um ano depois, ele cometeu suicídio. John, na época em sua fase Meditação Transcendental, pareceu estoico, dizendo: “O Maharishi nos disse que a morte é apenas uma ilusão e que não devemos ficar deprimidos por causa dela”. Além disso, nessa fase ele estava emocionalmente constipado. “Tive a mesma sensação que todo mundo tem quando alguém próximo a você morre”, continuou. “Há um pouco de histerismo, tipo ‘hehe, sorte que não fui eu’ [...] Muitas pessoas à minha volta morreram e a outra sensação é: ‘Mas que caralho? O que eu posso fazer?’”.

Era quase como Elvis, quando confessou que seu maior defeito era ser autodestrutivo, “mas não há muito que eu possa fazer a respeito.”

Os Beatles contrataram um médium para entrar em contato com o espírito de Epstein, mas “foi tudo enganação”, disse John. Nas coisas de Brian, ele encontrou uma última fita gravada por seu empresário que o aterrorizou. “Mal dava para dizer que era uma voz humana”, escreveu Peter Shotton, “se revezando entre urrar, rosnar e gritar.” Após a morte de Brian, John começou a ter pesadelos. De acordo com seu diário, ele sonhou que estava “preso em um labirinto cheio de aranhas gigantes”. Em outro sonho, ele “escondia cabeças decapitadas em um jardim”. Em um terceiro, ele viu “lagostas guinchando sobre bandejas de jantar”.

No fim de sua vida, de acordo com seu assistente, Fred Seaman, John estava tendo pesadelos recorrentes nos quais morria de forma violenta. Em um dos últimos, de acordo com seu diário, ele

sonhou que estava “lendo em seu próprio obituário [...] que tinha sido acusado de seu próprio assassinato no Dakota [6]”.

★

Liverpool
9 de outubro de 1940

✞

Nova York
8 de dezembro de 1980

5
John Lennon

Dupla fantasia

> People say I'm crazy doing what I'm doing.
> Well, they give me all kinds of warnings to save me from ruin.
> When I say that I'm ok, well, they look at me kind of strange;
> Surely you're not happy now you no longer play the game.
> – John Lennon, *Watching the Wheels*

Em 1980, John Lennon e Yoko Ono contrataram o ex-agente do FBI Douglas MacDougall para cuidar de sua segurança. Além das ameaças de morte que John vinha recebendo ao longo dos anos, havia pouco tempo sequestradores tinham ameaçado capturar seu filho Sean. Na ocasião em que contatou MacDougall, o casal estava lançando uma "blitz midiática como você nunca viu" – como John a chamava – para seu álbum conjunto e bastante esperado, *Double Fantasy*. Assim, era compreensível que ambos estivessem preocupados com sua segurança.

MacDougall disse a Yoko que as atuais medidas de segurança assumidas por eles em Nova York eram perigosamente inadequadas. Ele recomendou que Lennon contratasse dois guarda-costas armados para dirigir sua limusine entre o edifício Dakota e a Record Plant, seu estúdio de gravação, do outro lado da cidade. Como a medida não foi adotada, ele sugeriu que eles mantivessem um segurança de prontidão no estúdio e outro no apartamento. Yoko prometeu dar uma resposta ao agente aposentado do FBI depois de falar com seu marido.

Em uma entrevista para o *Dayly News*, Yoko revelou a agenda do casal, bem como sua rota de ida e volta para o estúdio. MacDougall ficou furioso. Ele disse a Yoko que a publicação de detalhes como esse era “um convite aberto a todos os loucos do país para virem atrás de vocês!”. Yoko observou que sua primeira preocupação era “vender discos”. Também informou MacDougall de que ela e John haviam rejeitado sua sugestão de contratar guarda-costas.

Quando o produtor de *Double Fantasy*, Jack Douglas, perguntou a John por que ele e Yoko haviam rejeitado o plano de MacDougall, ele respondeu: “Meu raciocínio me diz que, se eles querem te pegar, vão te pegar de qualquer jeito. Primeiro eles matam o guarda-costas”.

John acabara de ressurgir após um retiro de cinco anos como “marido dono de casa” no Dakota, havia completado 40 anos e estava experimentando uma nova “oportunidade” em sua vida como ex-Beatle. “Estou feliz por ter feito 40 anos”, disse ele a Douglas. “Estou em minha melhor forma e me sinto bem como nunca me senti antes.”

É verdade que ele tinha um buraco no septo de tanto cheirar cocaína e heroína durante seu período sabático. Mas agora ele tinha finalmente se livrado da heroína e marcado uma cirurgia plástica corretiva programada para depois do lançamento de *Double Fantasy*. Em seguida, planejava um show na Broadway sobre ele e Yoko, bem como outros álbuns, o primeiro a ser gravado com Ringo.

Mas John Lennon sempre fora propenso a oscilações de humor e de percepção. Apesar de seu aparente otimismo, ele recentemente confessara a Douglas que seus dias "estavam contados" e que estava vivendo "na prorrogação". Em uma explosão de criatividade durante suas férias nas Bermudas, naquela primavera ele compôs *Living on Borrowed Time*, em homenagem à música de Bob Marley de mesmo nome. "É isso!", ele disse a seu assistente, Fred Seaman, quando ouviu a canção pela primeira vez. "Essa é a frase que venho procurando. Essa vai ser a minha primeira música nova!"

John se preocupava com a ideia de uma morte prematura desde que era um Beatle. Philip Norman [1] relatou um incidente em 1964, quando uma amiga, a bela socialite Sonny Freeman, contou a John como seu pai fora morto por um soldado nazista. John replicou que tivera a premonição de que também seria baleado ainda jovem. Vários anos depois, o Beatle interpretou o papel de Musketeer Gripweed na comédia *noir Que Delícia de Guerra*, e na cena em que era baleado e sangrava sob fogo inimigo, disse: "Eu sabia que isso ia acontecer".

A morte já reclamara muitos de seus familiares e amigos mais próximos. Sua mãe, Julia; seu tio George; seu melhor amigo, Stu Sutcliff. Então, em 1968, o empresário dos Beatles, Brian Epstein,

sofreu uma overdose fatal. Após a morte de Epstein, John organizou sessões espíritas. Ele sempre fora fascinado pelo mundo do além e pela metafísica.

Yoko inspirara essa fascinação. Nos anos 1970, ela consultava diversos ocultistas – de exorcistas a astrólogos e leitores de tarô. Enquanto estava em transe, seu primeiro médium em Nova York, Frank Andrews, lhe disse: “Seu marido dorme em sangue [...] Não sinto que ele vá ter um final feliz. Eu o vejo coberto de sangue”. Embora Yoko não tenha transmitido a informação a John, ela o encorajou a consultar Andrews pessoalmente. Finalmente concordando com uma reunião particular no Dakota, sua primeira e mais urgente pergunta a Andrews foi: “Eu vou chegar aos 40?”.

“Pelo menos até os 44”, respondeu o vidente.

Mas logo após o quadragésimo aniversário de seu marido, Yoko consultou diversos outros paranormais. Uma médium disse a ela que via uma “mulher de cabelos longos [...] chorando como louca”.

* * *

Às 17 horas do dia 8 de dezembro de 1980, tendo acabado de conceder uma entrevista por telefone a uma estação de rádio de San Francisco, John emergiu do interior do edifício Dakota com Yoko. A caminho da limusine estacionada no meio-fio, ele foi interpelado por um jovem gorducho de óculos que segurava seu novo álbum. Com relação aos fãs, o Beatle sempre oscilou entre a impaciência e a indulgência. Sentindo-se cortês nesse dia, ele assinou no álbum *John Lennon, 1980*.

“Obrigado, John”, gaguejou finalmente o excitado fã, que ficou assistindo seu ídolo desaparecer na limusine. Em uma das mãos, Mark David Chapman segurava a cópia assinada de *Double Fantasy*. Na outra, dentro do bolso de sua jaqueta, ele apertou o revólver calibre .38 de cano curto.

Observando as engrenagens

> People say I'm lazy dreaming my life away.
> Well, they give me all kinds of advice designed to enlighten me.
> When I tell them that I'm doing fine watching shadows on the wall,
> Don't you miss the big time boy you're no longer on the ball...
> No longer riding on the merry-go-round.
> I just had to let it go.
> – John Lennon, *Watching the Wheels*

John Lennon e a "Mãe", como ele chamava Yoko desde o nascimento de Sean cinco anos antes, estavam novamente a caminho do Record Plant, onde iriam mixar o novo single de Yoko, *Walking on Thin Ice*. *Double Fantasy* acabara de ser lançado, três semanas antes, e recebera críticas variadas. Yoko já estava concentrando seus esforços em lançar sua carreira solo.

Naquela manhã, os Lennon posaram para a famosa foto da capa da *Rolling Stone* tirada por Annie Leibovitz: John, esquelético e nu, enrolado em posição fetal ao redor de Yoko, vestida e impassível. Semanas antes, a Mãe organizara outra sessão de publicidade, dessa vez um vídeo para *Double Fantasy*. John montou em Yoko, "trepando com ela sem tirar a roupa durante 30 minutos com uma determinação satânica", de acordo com Fred Seaman [2] .

O casal não fazia sexo havia algum tempo, e embora John não fosse dado a exibicionismos, deixara todos os detalhes promocionais de sua carreira a cargo da Mãe. Ele não só odiava tratar de negócios como também temia tomar qualquer tipo de decisão.

Ele confidenciou a Fred que sua indecisão vinha de um trauma de infância. Seu pai, Freddie, que estava na marinha mercante, voltou para Liverpool após uma longa viagem e insistiu em mudar a família para a Nova Zelândia. Sua esposa, Julia, na época grávida de outro homem, se recusou. Assim, o casal pediu ao filho de 5 anos de idade que escolhesse com quem queria ficar. Primeiro, o menino escolheu o pai, mas quando a mãe se dirigiu para a porta, ele correu atrás dela, chorando desesperadamente. Ele sempre se ressentira de ter sido forçado a escolher um deles, e atribuía não apenas sua indecisão, mas também sua natureza dividida, a essa circunstância. Parte dele se tornou um monge retraído, disse o próprio John, enquanto a outra parte se converteu em um “mico de circo” sedento de atenção. E, com relação ao seu lado que clamava por atenção, parte do astro passou a adorá-lo, enquanto a outra parte o detestava.

“Não gosto de me apresentar para idiotas estúpidos”, disse ele à *Rolling Stone* em 1970. “Você precisa se humilhar da forma mais completa para ser o que foram os Beatles, e é disso que eu não gosto [...] Acontece devagar, gradualmente, até que essa loucura geral acaba te cercando [...] Agora eu me lembro do porquê de tudo isso, seus filhos da puta – fodam-se!” A súplica dos fãs para que os Beatles se reunissem deixava-o ainda mais irritado. “Temos de

repartir o peixe e o pão para a multidão de novo? Temos que ser crucificados *de novo*? Temos de andar sobre a água *de novo*?"

Foi com aparente alívio que, após dez anos no Fab Four e mais cinco anos em carreira solo, Lennon abandonou a vida artística e se tornou um monge. Ele achava que tudo o que fizera desde *Imagine*, em 1971, era "uma bosta". Ele disse a seu tarólogo, John Green: "Minha musa se foi. Puf! Saiu pela chaminé. Pelo meu cu. Foi-se". Mas a decisão final sobre seu retiro foi tomada por Yoko.

"O grande plano é que eu não faça nada pelos próximos quatro anos", disse ele a outro confidente, Sam Green, em 1978. "A Mãe disse que tudo o que eu fizer está fadado ao fracasso até o ano de 1982. Nesse ano, de acordo com os números, vou conquistar o mundo novamente. Antes disso, se eu tentar qualquer coisa, vai desmoronar na minha cabeça."

Os numerologistas de Yoko devem ter mudado seus cálculos, uma vez que seu marido abandonou o retiro em 1980. Nessa época, ele estava ansioso para voltar ao estúdio. "A Mãe me avisou que esse era um período de alto risco", explicou ele a Green. "Tenho que relaxar até que ela me deixe sair da toca – se tudo der certo, no outono."

E ela realmente o deixou abandonar a aposentadoria no outono.

Mas, depois de finalmente obter a cidadania norte-americana em 1976, *como,* exatamente, John Lennon passou esses últimos quatro anos de sua vida (além de ficar "assando pão e criando meu filho", como ele mesmo disse à revista *Playboy*)?

* * *

John passava seus dias e noites em seu quarto particular, fumando maconha tailandesa em varas, mastigando cogumelos e cheirando cocaína ou heroína China White. “Fico trancado no quatro e estudo meu assunto favorito: eu mesmo.” Além de meditar, ele assistia TV, lia, ouvia músicas nada pretensiosas (muitas vezes, os *covers* dos Beatles) e dormia com seus três “aristogatas” persas pretos: Sasha, Misha e Charo.

O “Beatle intelectual” sempre fora fã de programas de TV. Seus shows favoritos eram *Dallas*, *Three’s Company* e *The Tonight Show*. Seus hábitos de leitura também eram ecléticos. Ele apreciava livros sobre santos, mártires, místicos e civilizações antigas – em especial a egípcia, a celta e a viking. Em virtude de sua herança marítima, aventuras no mar como *Kon Tiki*, do explorador Thor Heyerdahl, o fascinavam. Para manter sua mente aguçada, todos os dias ele tentava digerir diversas páginas de livros “difíceis”, como *Ulisses*, de James Joyce, ou consumia revistas de cultura pop e jornais. Sua seção favorita eram os obituários.

John só saía de seu quarto, muitas vezes pelado, para comer. Ele seguia uma dieta macrobiótica de 750 calorias, complementada por uma ou outra guloseima no café da manhã. Desde que fora chamado de “o Beatle Gordo”, ele se tornara obcecado por seu peso. A cocaína deu fim ao seu apetite, mas, quando se excedia, enfiava o dedo na garganta, como fazia sua esposa anoréxica.

Enquanto bebia chá e roubava uma torrada com marmelada, o rapaz de 58 quilos muitas vezes tagarelava sem parar, completamente alterado. Suas críticas mais ácidas eram dirigidas às conspirações envolvendo assassinatos. Sabendo que estava sob a vigilância do FBI e da Imigração por causa de seu ativismo radical [3]

, ele temia ter o mesmo destino que Robert Kennedy e Martin Luther King. “Que diabos importa quem matou aquele negro?”, urrava ele para sua empregada no Dakota, Marnie. “O que importa é o sistema!” Ele insistia que Sirhan Sirhan e James Earl Ray tinham sofrido lavagem cerebral e que eram apenas marionetes, não os verdadeiros assassinos.

Yoko raramente acompanhava suas polêmicas por estar sempre ocupada cuidando dos negócios. John reclamava que sua esposa tinha pouco tempo para ele ou Sean. “The queen is in the counting house counting all the money”, cantou ele em *Cleanup Time*. “The king is in the kitchen baking bread and honey. No friends and yet no enemies.”

Yoko trabalhava em seus aposentos pessoais e parecia estar ao telefone 24 horas por dia, sete dias por semana. Empresariar sua carreira e a de John, além de comandar a Joko Productions, especializada em filmes *avant-garde*, era apenas parte de sua vida executiva. Entrando no “jogo do dinheiro”, como ela o chamava, Yoko se tornou uma ávida investidora nos ramos imobiliário, de laticínios, de antiguidades e de arte. Para garantir que as aquisições de sua empresa, a Pentacles, fossem auspiciosas, cada transação exigia uma conferência telefônica com seus astrólogos, cartomantes e numerologista. Antes de dar um lance em uma casa, Marlene Wiener, sua corretora de imóveis de Nova York, que também era médium, tinha de verificar as vibrações do imóvel por meio de fotos polaroide da propriedade. O mesmo tipo de autorização era exigido para suas outras transações, desde a aquisição de obras de Matisse até a compra de artefatos egípcios, incluindo *A Dama Dourada*, uma

múmia de 3 mil anos de idade adquirida por 300 mil dólares e que ela estava convencida de que fora sua última encarnação.

Yoko era uma consumista insaciável, bem como seu marido, autor da frase “imagine no possessions” [imagine um mundo sem propriedades]. Ambos passavam a tarde esvaziando as lojas de Manhattam até que sua limusine estivesse repleta de roupas, antiguidades, equipamentos eletrônicos e similares. Numa tarde em especial, inesquecível para os ativistas pelos direitos dos animais, o casal gastou 300 mil dólares em 20 casacos de pele na Bergford Goodman. O grosso de suas compras era guardado em seu depósito, regularmente saqueado por seus funcionários.

Seu *sherpa* de compras, Fred Seaman, descreveu o casal como um par de “cleptomaníacos que pagavam”. Seu amigo, Robert Rosen [4], descrevia Yoko como “um monstro capitalista da Nova Era”.4 Em 1968, quando a butique da Apple fechou, ela encheu o Rolls Royce de John com roupas antes que qualquer um dos Beatles pudesse escolher qualquer coisa. Lennon recentemente escrevera *I Am the Walrus*, e mais tarde revelaria à revista *Rolling Stones*: “Eu era a Morsa, o que quer que isso signifique. Nós vimos o filme *Alice no País das Maravilhas* em Los Angeles, e a Morsa é um grande capitalista que come todas as malditas ostras”.

Os Lennon fizeram duas viagens ao Japão. Voltando ao país como a filha pródiga com seu lendário marido, Yoko organizou festas para apresentá-lo à sua próspera família e a seus amigos. John muitas vezes não aparecia, escondendo-se em sua suíte de hotel e assistindo à TV japonesa. Quando Yoko conseguia tirá-lo de lá, ele fazia discursos em restaurantes luxuosos, completamente bêbado, do tipo: “Sabe, o que dizem sobre os japoneses é verdade!

Eles *são* todos parecidos", deixando Yoko mortificada. "Qual o termo para descrever essas pessoas", continuava seu marido, falando alto e observando os espantados clientes do restaurante, "'japa' ou 'amarelo'?"

Yoko encurtou a visita e voltou para Nova York, onde jurou à sua empregada: "Ele vai pagar por isso. Vai mesmo!".

Por outro lado, John estava aliviado em voltar para seu quarto, sua maconha tailandesa, sua programação de TV americana e seus gatos. "Se ele não sair daquele quarto, vai mofar!", avisava Marnie a Yoko.

"Vamos tratá-lo como o fungo que ele é", declarou Yoko. "Deixe-o no escuro e lhe dê merda de cavalo para comer!"

Nessa época, o único confidente verdadeiro de Lennon era Fred. Às sextas, ele satisfazia as modestas necessidades terrenas do astro, trazendo livros, revistas, marmelada, areia para gatos, produtos farmacêuticos e mais chá. Ele também o protegia do assédio dos fãs, que John chamava de "contatos imediatos de quarto grau". Após algum tempo nesse trabalho, Fred sentia que se tornara mais do que um funcionário, sendo na verdade um amigo. John tirou rapidamente essa impressão.

"Eu não tenho nenhum amigo", disse ele. "A amizade é uma ilusão que só existe nos romances."

"Quando John precisava de companhia, ele a comprava", escreveu Rosen. "Não ter amigos era libertador [...] Um dia bom por semana era o máximo que ele ousava esperar."

Mas, no último capítulo de sua vida, é possível que John Lennon estivesse realmente sozinho?

Uma pequena ajuda dos meus amigos

> What do I do when my love is away
> (Does it worry you to be alone?)
> How do I feel by the end of the day
> (Are you sad because you're on your own?)
> No, I get by with a little help from my friends.
> – Lennon e McCartney, *A Little Help from My Friends*

Quando John Lennon conheceu Paul McCartney, num show em uma feira agrária em 1957, ficou irritado por descobrir que o menino de 15 anos de idade conhecia mais acordes e fazia uma imitação de *Be-Bop-a-Lula*, de Little Richards, melhor do que a sua. Embora a banda de John, a Quarrymen, precisasse de um baixista, ele mais tarde se lembrou: "Me passou pela cabeça que teria de mantê-lo na linha se o deixasse entrar na banda". Alguns anos mais tarde, depois que Paul, George e Ringo se tornaram os Beatles, John já estava bastante ocupado mantendo sua liderança e botando o ambicioso e prolífico Paul na linha.

Juntos, os dois rapazes brancos entraram de sola no blues negro norte-americano e se tornaram os Shakespeares da era dourada do rock. Mas a parceria, responsável pelas melhores letras de todos os tempos, nunca foi exatamente uma colaboração, mas

sim uma “rivalidade entre irmãos”, como John a descreveria mais tarde. Mesmo no começo, Lennon e McCartney não escreviam juntos de verdade: um compunha um acorde e o outro fazia pequenas mudanças. A dupla constituía uma sinergia de opostos: se McCartney entrava com o açúcar, Lennon acrescentava o sal; se McCartney criava canções de amor bobinhas, *Billy Shears* e *Rocky Raccoon*, Lennon criava *Revolution*, *I Am the Walrus* e *Helter Skelter*.

Em resumo, se Paul tornou os Beatles populares, John tornou-os profundos.

A rivalidade Lennon/McCartney se intensificou após a morte de seu empresário, Brian Epstein, que fora seu lastro e seu amortecedor. No começo da carreira, ele e John estavam em férias juntos na Espanha quando Cynthia dava à luz Julian. “Era quase um caso de amor”, lembrou-se Lennon. “Nunca foi consumado, mas era uma relação bem intensa.” Mais tarde, após o lançamento de *Sgt. Pepper’s*, Brian – consumido pelas drogas, deprimido e sentindo-se irrelevante – temia que os Beatles o despedissem. “Minha vida se tornou uma sucessão de problemas mentais e eventos infelizes”, confessou ele. Quando seu pai morreu, Epstein escreveu uma carta suicida para sua mãe, mas não a enviou. Um mês depois, ele foi encontrado em sua propriedade no campo, morto por sufocamento e overdose.

“Depois que Brian morreu, nós desmoronamos. Paul assumiu o comando”, disse John.

“Eles nunca chegavam a um acordo”, lembrou-se o executivo da Apple, Tony Bramwell. “O ego passou a ser mais importante que o

sucesso. John automaticamente vetava qualquer sugestão de Paul, Paul recusava as de George, George rejeitava o que John dizia."

Mas, no final, Paul ganhou a parada. Os conceitos por trás de *Sgt. Pepper's, Magical Mystery Tour* e *The White Album* foram quase que inteiramente dele. Durante as sessões de *Let It Be*, John não foi o mandachuva do pedaço e estava profundamente ressentido por isso. "Quando Paul se sentia generoso, ele me dava um solo", lembrou-se ele. "Tenho certeza de que todos estávamos cheios de ser a banda de base para o Paul." O único elogio que ele era capaz de dizer em voz alta sobre seu ex-parceiro era "Ele é um ótimo relações-públicas. Um dos melhores do mundo".

Os outros integrantes dos Beatles tinham uma visão diferente da rixa. Para eles, a coisa toda tinha menos a ver com a perda de Brian do que com a ascensão de Yoko. "Yoko estava afastando-o [John] da banda", disse George. John não discordou: "A velha gangue que eu tinha acabou no instante em que a conheci", disse ele à revista *Playboy* em 1980. Os Beatles sempre seguiram uma regra não escrita de manter as esposas e namoradas fora do estúdio. A intrusão de Yoko – que se considerava uma artista superior a todos – ultrapassou todos os limites. Ela se tornou uma sombra, uma conselheira e uma *dominatrix* criativa.

No auge, os Beatles foram mais do que irmãos – foram uma máquina de compor sucessos em quadrifonia. "Paul era o rosto, eu era o cérebro, George a alma e Ringo, o coração", disse ele. Um equilibrava o outro: John e George eram introvertidos, enquanto Paul e Ringo eram os extrovertidos. Quanto ao "cérebro" do grupo, John constituía um elemento instável. Yoko conseguiu produzir a fissão nuclear ao convencê-lo daquilo em que, no fundo, ele sempre

acreditara: que ele era o único artista de verdade no grupo e que os outros, especialmente Paul, o *popstar*, estavam sufocando sua criatividade.

John disse à *Rolling Stone*: “Artisticamente, eu não conseguia mais tirar nada dos Beatles, e lá estava alguém [Yoko] que podia me transformar em um milhão de coisas”.

Não se deixando enganar pelos subterfúgios de Yoko, Paul e os outros a odiaram por isso. E John passou a odiá-los pelo mesmo motivo. Para lidarem com a situação, ele e Yoko começaram a usar heroína. “Nós cheirávamos um pouco quando doía demais”, ele admitiu. “Nós usávamos H para enfrentar o que os Beatles e os outros estavam fazendo com a gente.”

O Fab Four se viu pouco nos últimos dias, especialmente Paul e John. Ambos passaram a circular nos exclusivos círculos sociais de suas ricas esposas: Paul socializava com os boêmios urbanos e rurais do círculo de Linda Eastman enquanto John ficava com a quadrilha de revolucionários e drogados de Yoko. E suas esposas, ambas alunas do Sarah Lawrence College, se detestavam.

Antes do rompimento oficial dos Beatles, até os pacificadores tiveram um acesso de raiva e saíram de cena. Ringo caiu fora durante as sessões do *White Album*, mas voltou após duas semanas. George partiu durante o período de *Get Back* para voltar alguns dias depois. A saída de John se deu nove meses depois, em 1969. “Estou acabando com a banda”, disse ele aos outros três. “Parece ser o certo. Como um divórcio!” Seu recente divórcio com Cynthia fora um grande peso tirado de suas costas, mas acabar com o grupo foi ainda melhor. Paul implorou para que ele esperasse

para anunciar a notícia publicamente, para não atrapalhar as vendas de *Abbey Road*, que estava para ser lançado.

Mas logo que McCartney lançou seu álbum solo, *McCartney*, na primavera seguinte, *ele* anunciou a separação da banda. Sentindo-se enganado e novamente traído, Lennon ficou irado. Na época, ele estava internado em um hospital em Londres, recuperando-se de um colapso nervoso e de seu vício em heroína. A lembrança de ter atirado tijolos nas janelas da mansão de Sir Paul no distrito de St. Johns Wood depois de passar o dia com advogados analisando seu imposto de renda não serviu de consolo. Paul disse: “Eu não tive a intenção de sacaneá-lo, nunca. Ele tinha o talento de ser um porco manipulador, mas ninguém tinha percebido isso antes.” John logo expressou seu ressentimento em *How Do You Sleep*. “Those freaks was right when they said you was dead [...]”, cantou ele. “You live with straights who tell you, you was king [...] The only thing you done was *Yesterday* [...] The sound you make is Muzak to my ears.”

O álbum *Plastic Ono Band*, um ataque brutal à “música de elevador” de McCartney, continha a essência de Lennon, inalterada e agressiva. “Tudo que escrevi é sobre mim, e é assim que eu gosto”, disse ele à *Rolling Stone*. “Sou eu e mais ninguém.” Ele chamou o disco de *Sgt. Lennon*. A capa censurada de sua primeira gravação com Yoko, *Two Virgins* (1968), ilustrava esse egocentrismo em sua plenitude: era uma foto do casal nu, com o membro de John parcialmente ereto. Com isso, ele estava apenas provando o que já havia cantado na época dos Beatles: “Everybody has something to hide except for me and my monkey”.

Ele acompanhava os esforços de Paul e George, bem mais modestos que os seus, com uma curiosidade histérica e mórbida:

enquanto *McCartney* e *All Things Must Pass* subiam nas paradas, *Plastic Ono* caía. A convicção de John e Yoko foi confirmada: sua arte era pérola jogada aos porcos e os fãs *eram* “idiotas filhos da puta”. Ainda assim, viciado na fama após dez anos de adulação, o Inteligente em carreira solo esperava receber e gozar a sua recompensa: ele queria ser um artista de verdade *e* popular. Ele escondeu as garras no seu álbum seguinte, *Imagine*, e chegou mais perto de atingir esse objetivo, o que nunca mais se repetiu.

Ele classificava o álbum *McCartney* como “lixo”, mas admitia que um dia seu ex-parceiro talvez fosse capaz de fazer um grande trabalho por conta própria. Quanto à criação de obras-primas, “Do fundo do meu coração”, disse Lennon a Jann Wenner, da *Rolling Stone*, “queria ser o único no mundo”. Embora seu ego fosse grande o suficiente para merecer um CEP próprio, ele ainda se sentia claustrofóbico. Admitia prontamente que era um “egomaníaco filho da puta” e jurou nunca mais trabalhar com outro egomaníaco: Paul.

Enquanto isso, as esperanças de uma “reunião” dos Beatles estavam sendo atiçadas. George, que continuou a falar com Lennon após a separação da banda, pediu que ele participasse de seu concerto em Bangladesh. Embora tenha concordado no começo, John voltou atrás no último minuto quando descobriu que o McCuzão podia dar as caras no show beneficente, junto com Ringo. George, que tinha ajudado John em diversas ocasiões após a separação, nunca o perdoou. A hostilidade se tornou mútua quando George lançou sua autobiografia em 1980, *I Me Mine*, na qual quase não menciona seu colega de banda. “Eu fiz de tudo para aquele puto!”, estrilou John.

No entanto, os dois guitarristas concordavam em uma única coisa, em retrospecto: “Ser um Beatle era um pesadelo”, declarou George.

“Os Beatles eram os maiores escrotos do planeta!”, declarou John.

Mesmo antes do primeiro sucesso do grupo, o quinto membro, Stu Sutcliff, avisou sua irmã: “Fique longe dos Beatles porque eles são uma turma da pesada, sem qualquer tipo de fibra moral.” Sutcliff, que se considerava “o James Dean” do grupo e mais bonito até que o Bonito, Paul, brigou diversas vezes com McCartney no palco ao se apresentarem na Alemanha. Paul não ficou muito chateado quando Stu abandonou o grupo para correr atrás de sua carreira como artista plástico.

“Os Beatles eram o grupo mais truculento de todos”, disse um companheiro de profissão na época. “Ninguém atrapalharia o sucesso deles.” Após a separação da banda, Lennon e McCartney se tornaram inclementes um com o outro. Mas Paul nunca sentiu uma animosidade tão intensa por Lennon quanto Lennon sentia por ele. Afinal, Paul, o intrometido, roubara os Beatles de John, o fundador, e não o contrário.

No final dos anos 1970, pouco antes de iniciar sua turnê no Japão com o Wings, Paul tentou estender o ramo de oliveira para seu velho colega. Quando telefonou para os Lennon de seu hotel em Nova York, foi Yoko, como sempre, quem atendeu à chamada. Paul disse a ela que acabara de conseguir um “fumo estelar” e sugeriu que ele e Linda dessem um pulo ao Dakota para compartilhar o cachimbo da paz. Yoko recusou. Ao se despedir, Paul mencionou que ele e Linda ficariam hospedados na suíte

presidencial do Hotel Okura durante sua estadia em Tóquio. Yoko ficou furiosa. John também, quando foi comunicado da inquietante notícia. Os McCartney estavam tentando envenenar o "carma do meu hotel", explicou John a Fred Seaman. Essa era a suíte *deles*. "Se Paul e Linda dormirem lá, nunca mais teremos paz ao voltar para aquele quarto!" Mas ele não tinha perdido as esperanças. "Falei com a Mãe e ela está dando um jeito nisso."

Dias depois, Paul foi preso por porte de maconha no aeroporto de Tóquio. Yoko tinha contatos junto aos oficiais da alfândega em sua terra natal [5]. Quando Lennon soube que os carcereiros de McCartney pediam repetidamente para que ele cantasse "*Yesterday*" em sua cela, ficou histérico. "Nós poderíamos tê-lo ajudado num piscar de olhos", disse a Fred com um estalar de dedos. "A Mãe tem um monte de contatos por lá. Mas, claro, ele nunca pediria a nossa ajuda. Para ele, seria como se rebaixar."

Assim, agora que os dias de "uma pequena ajuda dos amigos" haviam terminado, John teria alguém para apoiá-lo? Ou, perto de sua morte, teria ele se tornado aquilo que sempre temera: um "Homem de Lugar Nenhum"?

Sacerdotisa pornográfica

> Ela é a professora e eu sou o aluno. Ela me ensinou tudo que eu sei, caralho [...] ela estava *lá* [...] quando eu não pertencia a lugar nenhum.
> – John Lennon, em entrevista para a *Playboy*, 1980

> Depois que Yoko botou o cabresto em John [...] ela passou por uma transformação aterrorizante, de camundongo tímido e frágil para uma tigresa dominadora com pulso de ferro.
> – Pete Shotton, amigo de Lennon

Seu pai era primo do Imperador do Japão, e sua mãe, herdeira da fortuna de uma admirável família de banqueiros, os Yasuda. Ela frequentou a escola real Gakushuin com a princesa herdeira, que tinha uma queda por ela. “Ela só ficava feliz se fosse tratada como uma rainha”, recordou-se um de seus colegas do clube de teatro.

Quando garota, Yoko Ono declarou ser a reencarnação do lendário general samurai do século 16, Hideyoshi Toyotomi. “Ele era muito inteligente, muito forte e sempre vencia”, disse ela. Famoso por sua brutalidade, o general decapitou e empalou seu sobrinho, além de ter crucificado missionários franciscanos. Acreditando que as pontas “arredondadas” de seus dedos fossem idênticas às de Hideyoshi, ela profetizou que um dia “ governaria o mundo [6]”.

Durante a Segunda Guerra Mundial, o pai de Yoko, Isoko, foi enviado para um campo de concentração em Saigon. Após o fim da guerra, sua fortuna foi restituída e a família mudou-se para Nova York, onde Yoko se matriculou no prestigiado Sarah Lawrence College. Longe de seus pais, que desaprovavam os boêmios de origem humilde com os quais fez amizade no colégio, ela mergulhou na arte de vanguarda. “Estava fazendo tudo aquilo [arte] só para não enlouquecer”, disse Yoko. A gota-d’água para sua família foi quando ela abandonou os estudos em 1956 e se casou com um pianista pobre, Toshi Ichiyanagi.

A menina que fora criada por 20 serviçais agora se tornara garçonete e professora de caligrafia de meio período, enquanto tentava se estabelecer no mundo das artes performáticas. Sem obter reconhecimento, ela tentou diversas vezes pular da janela de seu apartamento. Finalmente, confessou: “Tomei uma overdose de comprimidos. Parecia que eu sempre quis morrer [7]”. Seus pais a internaram em uma instituição para doentes mentais em Tóquio.

Ela foi resgatada do hospital por Tony Cox, um artista de Nova York, saxofonista e um sedutor Svengali. Juntos, o casal voltou para Nova York e passou a viver um *ménage à trois* com o cordato Toshi. Em 1963, Yoko divorciou-se do pianista, casou-se com Tony e lhe deu uma filha, Kyoto. Enquanto Tony cuidava do bebê e se tornava “um criado de Yoko”, como observou um de seus conhecidos, ela retomou a carreira artística com determinação renovada. A filha do banqueiro vislumbrou maneiras originais de combinar sua arte com o comércio: ofereceu duas mil ações de si mesma a 200 dólares cada, construiu um cão mecânico que funcionava com moedas e

que latia e abanava a cauda, e cobrava 200 libras por uma maçã colada em uma tela preta.

Brigas começaram a ocorrer entre a artista frustrada e seu marido dono de casa castrado. “Eles sempre estavam tentado se matar”, lembrou-se um amigo de Tony, Alfred Wunderlick. Na batalha travada pelo casal em 1971 pela custódia de Kyoto, Tony alegou que Yoko certa vez o esfaqueou com uma tesoura e que, em outra ocasião, ameaçou cortar sua garganta com uma garrafa quebrada. Mas, em seus momentos mais harmoniosos, eles continuavam a conceber esquemas mais criativos de marketing.

Finalmente, em 1966, Yoko aceitou um convite para participar do simpósio “A Destruição na Arte”, em Londres. Antes de deixar Nova York, ela disse a Allan Kaprow, um colega artista performático que tinha “um interesse especial nos Beatles”, acrescentando “meio de brincadeira”: “Eu adoraria me casar com John Lennon”.

Naquele outono, Yoko Ono estava apresentando um número de arte performática na Indica Gallery, em Londres. Os Beatles estavam para iniciar as gravações de *Sgt. Pepper’s Lonely Hearts Club Band* e John, um ex-estudante de artes, ocasionalmente aparecia para tais apresentações de vanguarda. “Fiquei sabendo que essa mulher incrível estava dando um show, e que haveria algum evento envolvendo pessoas enfiadas em sacos pretos”, lembrou ele mais tarde.

Já nessa época, Yoko Ono, embora fosse uma ilustre desconhecida, se considerava uma das maiores artistas do século, ou, como John gostava de dizer, “a mais famosa das artistas desconhecidas”. Mais tarde, ela alegaria ter inventado a arte conceitual, o filme minimalista, o *happening* (uma forma de arte

performática) e a arte hippie. Embora ansiasse por reconhecimento, ela considerava a sociedade um organismo composto por “um bando de bundas-moles”.

O show de Yoko na Indica Gallery apresentava uma Caixa de Sorrisos, uma TV-Celeste, uma Máquina de Choro e outras curiosidades. A artista plástica se apresentou ao seu futuro marido entregando-lhe um cartão branco no qual se lia respire em vermelho. John pagou uma taxa imaginária de 25 centavos de libra (ele não carregava dinheiro) para enfiar a primeira unha real na pintura *Hammer and Nail* [Martelo e Unha], ainda intocada. Nos dias que se seguiram, o Beatle recebeu uma avalanche de recados, implorando por patrocínio. “Se você não me financiar, acabou!”, escreveu a artista. “Vou me matar!”

Embora indiferente a princípio, John logo se interessou pela artista, percebendo que ela era “uma esquisita como eu”. Depois de “divertir” Yoko, seis anos mais velha que ele, no banco de trás de seu Rolls Royce, John ficou inebriado, chamando-a de “eu, se fosse mulher”. Sua relação atingiu o ápice depois de gravarem seu primeiro dueto – mais tarde chamado de *Two Virgins* – na mansão de John, enquanto sua esposa passava férias na Grécia.

John se desincumbiu de Cynthia por 100 mil libras, seu salário mensal na época. O marido de Yoko custou quase tão caro. Segundo o biógrafo Jerry Hopkins, embora Tony tivesse afirmado conceder o divórcio a Yoko apenas “se ela assinasse um acordo dando-lhe 50% de tudo o que ganhara de John”, o vigarista concordou com 40 mil libras para cobrir suas dívidas, além de uma pensão para se mudar para as Ilhas Virgens.

Antes de fugir para Gibraltar com sua nova noiva, John deu um pulo na casa de sua tia Mimi. Depois de dar uma olhada em Yoko, Mimi perguntou ao sobrinho: “Quem é a anã venenosa [8]?”.

Na semana seguinte, Mimi, assim como milhões de outras pessoas, viu as fotos do protesto “bed-in” pela paz e pelo amor realizado por seu sobrinho durante a lua de mel em Amsterdã. Para alguns, o ativismo do casal pareceu altruísta e bem-intencionado. Para outros, a impressão foi exatamente oposta. “Não houve uma única oportunidade de conseguir manchetes, não importa o quão vazia ou escandalosa, que não tenha sido explorada”, escreveu o biógrafo dos Beatles, Robert Spitz.

Nos três anos que se seguiram, os Lennon lançaram três álbuns, bem como muitos filmes de arte descartáveis. Nesse período, Yoko sofreu uma quantidade incomum de abortos espontâneos. O primeiro ocorreu semanas após a prisão de John em Londres, em 1968. Embora Yoko tenha dito a Arlene Reckson, sua assistente, que o aborto foi causado por uma surra severa de John, seus médicos consideraram a grande quantidade de ocorrências anteriores a causa principal. Além disso, ela e seu marido tinham se tornado viciados pesados em heroína. O segundo aborto espontâneo ocorreu no outono de 1969, após sua desintoxicação com metadona. O terceiro, um ano depois, quando ela e John faziam a terapia do Grito Primal em Los Angeles. O dr. Janov, criador da terapia, tratou do casal pessoalmente e recomendou que John abandonasse Yoko, pelo bem de sua saúde mental.

Embora John não lhe tenha dado ouvidos, o conto de fadas acabara. “Não quero mais trepar com ela”, reclamou ele para seu empresário, Alan Klein, seu suporte durante as batalhas jurídicas

travadas com os Beatles. “Quando nos casamos, pensei que ela fosse uma mina totalmente indomável. Yoko é uma *pudica*!” No começo do relacionamento, ela agira como um espírito aparentemente livre, como sua mãe, Julia; depois, ela se tornara uma matriarca fria e implacável como sua tia Mimi.

O astro tornou-se retraído, começou a usar mais heroína e, certa noite, seduziu a namorada do membro do Partido Internacional da Juventude, o yippie Jerry Rubin. “John reclamava que não estava transando o suficiente”, disse seu produtor e confidente, Jack Douglas.

Então, Yoko entrou em ação. Ela chamou sua jovem e dedicada assistente, May Pang. “John e eu não estamos nos dando bem”, confessou para May. “Temos discutido e estamos nos afastando.” Ela previu que o marido começaria a sair com outras pessoas, acrescentando: “Se ele te chamar para sair, você deve aceitar”. A puritana May ficou sem fala. “Você deve ter um namorado”, continuou Yoko, em um tom maternal. “Não seria melhor vê-lo com alguém como você do que com alguém que o trate feito lixo?”

No melhor estilo mandarim, Yoko escolheu a dedo a concubina de seu marido. Logo depois que John partiu para Los Angeles com May, sua esposa passou a se dedicar ao guitarrista do estúdio, David Spinozza. Sem John para cuidar, ela finalmente estava livre para gastar todo o seu tempo lançando sua carreira solo como cantora e como artista em Nova York.

O “Fim de Semana de Perdição” de John em Los Angeles resultou em 14 meses bebendo, cheirando e arrumando confusão, com breves intervalos dedicados a diversos projetos, incluindo uma gravação de *rock’n’roll* anos 1950 com Phil Spector. Certa noite, ele

ficou tão bêbado que o produtor do selo Wall-of-Sound, portador e usuário de armas de fogo, e seus guarda-costas foram forçados a amarrá-lo na cama com gravatas. Quando ele finalmente conseguiu se libertar, começou a gemer: “Yoko, sua japa filha da puta! Você quis se livrar de mim! Tudo isso aconteceu porque você quis se livrar de mim! Eu vou te pegar, Yoko!”. Então, ele estourou em soluços, gritando: “Ninguém me ama. Ninguém me ama!”.

Em um raro momento de sobriedade, perto de sua morte, John finalmente declarou: “Não quero ficar zuado daquele jeito de novo. Morro de medo disso!”.

Ele precisava de estabilidade. Precisava de um lar. Resumindo, precisava da Mãe novamente. Ele repensou sua vida e queria virar a página, começar de novo. “Eu era mesmo um escroto”, confessou. “E a pressão de ser um escroto era enorme. Estava me matando.”

Mas será que a Mãe aceitaria seu marido arrependido de volta? Afinal, ela se considerava a parte ofendida, não John. Ela o “chutou”, disse mais tarde a um repórter durante uma entrevista, porque “Me sentia castrada [...] emasculada”. Ele fez o possível para acabar com a insegurança de sua esposa sobre essa questão dizendo: “Sabe por que eu gosto de você? Porque você é como um cara de vestido. Você é uma camarada”.

Finalmente, provando que tinha boa vontade, Yoko concedeu a John uma audiência no Dakota para que expusesse seu caso. Quando todas as suas súplicas foram recebidas por um silêncio de pedra, ele perguntou: “O que você quer que eu faça, Yoko? Chupe seu pau?”. Nesse momento, ela disparou um sorriso enigmático como o da Monalisa, mesmo contra a vontade, mas logo se recompôs. Ela ainda tinha esperança de que sua carreira

sobrevivesse sem ele e partiu sozinha para uma turnê no Japão. Os concertos em seu país natal não atraíram um público muito grande. Mais tarde, ela declarou que os vários lugares vazios estavam, na realidade, ocupados pelos fantasmas das crianças assassinadas durante a Grande Guerra, saudando seu compromisso com a paz. Ainda assim, sua sensação de "peixe na tábua de carne" foi confirmada.

Yoko bateu em retirada para Nova York e infernizou John com telefonemas, como tinha feito quando se conheceram. Mas John, confortavelmente instalado com May Pang no hotel Sutton Place, passou a se fazer de difícil.

Yoko finalmente conseguiu persuadir seu pródigo marido a voltar para o Dakota com uma cura miraculosa para seu hábito de fumar (ele estava com uma tosse tuberculosa por consumir dois maços de cigarros por dia), que envolvia ervas mágicas e hipnose. Foi um John Lennon zumbi que retornou para May Pang, declarando: "Yoko me deixou voltar para casa". Em seguida, ele esfregou uma poção herbal em May e em si mesmo, dizendo que fora um "presente" de Yoko. Debilitada pelo óleo, May levou o frasco a uma loja de *santeria* especializada em magia negra. O proprietário, que identificou a substância como uma mistura de enxofre, araruta e pó de pimenta, disse a May: "Quem te deu isso deve te odiar de verdade".

Os Lennon se reconciliaram celebrando uma cerimônia druídica em seu aniversário de casamento. Logo depois, Yoko comunicou a John uma notícia que constituía um verdadeiro milagre, dado o número particularmente baixo de relações sexuais que o casal tivera desde que havia reatado: ela estava grávida. Os médicos haviam

dado poucas esperanças de que isso pudesse acontecer devido à baixa contagem de espermatozoides de John. E Yoko, na época com 42 anos, sofrera diversos abortos espontâneos. Na verdade, ela disse a John que queria fazer um aborto, mas ele não quis nem ouvir falar nisso.

“Está bem”, concordou ela, “vou levar a gravidez até o fim, mas, depois disso, o bebê é responsabilidade sua.” Yoko deu à luz Sean Ono Taro Lennon com apenas sete meses de gestação, fazendo uma cesariana em 9 de outubro de 1975, aniversário de John. Ela acreditava na superstição asiática de que uma criança nascida na data de aniversário do pai tem a capacidade de herdar sua alma [9].

Após o nascimento de Sean, John parou de saçaricar e abandonou sua carreira para ser pai em tempo integral. Sua aposentadoria foi interrompida por três mortes precoces. A primeira a falecer foi sua tia favorita, Mater. Em seguida, Mal Evans, ex-*roadie* de John, que enlouqueceu e foi morto em um tiroteio-suicida com a polícia de Los Angeles. Finalmente, seu pai, Freddie Lennon, morreu de câncer no estômago na ala de indigentes de um hospital em Londres.

Ao comentar o fato de ter sido abandonado por Freddie quando criança, John disse: “Não demorei a esquecer meu pai. Era como se ele estivesse morto”. Tendo lido sobre a fama do filho nos jornais, Freddie reapareceu 20 anos depois no set de filmagens de *Help!.* Sentindo emoções contraditórias em relação a esse retorno, John deu as boas-vindas ao pai porque “ele é meio destrambelhado como eu”. Aproveitando-se da notoriedade do filho, o marinheiro aposentado gravou um péssimo álbum e, na sequência, fugiu com sua namorada Pauline, de 19 anos de idade, a quem John dera um

quarto no sótão e um emprego. Posteriormente, Freddie compareceu à festa de lançamento do filme/álbum *The Magical Mistery Tour*, na qual ele e o filho “dançaram juntos completamente bêbados, enquanto me sentia completamente miserável”, escreveu Cynthia em suas memórias.

Seis anos depois, John, recém-graduado em Terapia do Grito Primal, convidou Freddie para sua festa de 30 anos em Tittenhurst Park. Logo após a chegada do marinheiro aposentado, que foi acompanhado por Pauline e pelo filhinho do casal, John perdeu a cabeça, ameaçando afogá-lo no mar por tê-lo traído quando criança. “Fica na sua e sai da minha vida!”, gritou ele. Quando seu meio-irmão caçula começou a chorar, com medo, sua fúria atingiu o ápice. “Veja o que vai acontecer com ele se você mandá-lo pra longe dos pais e prendê-lo com uma louca filha da puta [tia Mimi]! Ele vai se tornar um louco homicida como eu!” Ele delirava que estava destinado a ter um fim precoce como Jimi Hendrix, Jim Morrison e Janis Joplin porque “eu sou louco! Insano!”.

Freddie bateu rapidamente em retirada, para nunca mais ver o filho famoso novamente. Temendo por sua vida, ele registrou por escrito o terrível encontro e o entregou a seu advogado em um envelope selado no qual se lia: “A ser aberto apenas caso eu desapareça ou morra de causas não naturais”.

Desde o divórcio com Cynthia, John raramente visitava seu primeiro filho, Julian. Sempre que marcavam um encontro, Yoko normalmente conseguia sabotar os planos. Finalmente, quando John estava em Los Angeles com May, Cynthia aproveitou a ausência de Yoko, ligou e perguntou: “Você sabe que tem um filho?”.

John trouxe o garoto para a Califórnia de avião e levou-o à Disneylândia para passar o dia.

Quanto a seu próprio pai, John teve seis anos para acalmar os ânimos depois da explosão em Tittenhurst. Assim, em 1976, quando ficou sabendo que Freddie tinha câncer terminal no estômago, ele fez um breve telefonema de despedida. Em seguida, por sugestão da Mãe, rumou rapidamente para uma quarentena de purificação pós-morte. Ao mesmo tempo, concluindo seus votos monásticos, ele se tornou celibatário.

“Agora, John”, instruiu Yoko, que ainda mantinha um caso com Spinozza, “se não treparmos, você vai virar médium. Devemos tentar.”

Lennon passara a se sentir confortável com seu casamento professora-aluno e se enfurecia com quem considerava aquilo estranho. “Você acha que estou sendo controlado como um cachorro na coleira porque faço as coisas que ela me pede, então [...] fodam-se, irmãos e irmãs!”, disse ele à revista *Playboy*. Não só ele acreditava que a “Mãe costuma estar certa sobre as coisas”, como também acreditava que ela possuía grandes poderes psíquicos. Em 1977, Yoko viajou para Cartagena, Colômbia, a fim de conhecer uma bruxa famosa de quase 2 metros de altura que atendia pelo nome Lena. De acordo com seu consorte e contato, John Green, a filha do banqueiro pagou a Lena 60 mil dólares e selou um pacto com o demônio – para que ele fizesse “tudo” por ela, incluindo amaldiçoar todos os seus inimigos e lhe dar uma “árvore de dinheiro”.

Mas havia uma coisa que atrapalhava os poderes psíquicos de Yoko, para não citar seu tino comercial: seu vício em heroína. Ela

sabia que precisava passar por outra desintoxicação, mas como poderia esconder isso de John? Ela o despachou para a propriedade do casal em Long Island e, para aprimorar ainda mais o desenvolvimento espiritual do marido, determinou que ele fizesse um voto de silêncio de dez dias. Ele resistiu à tentação de ligar para a Mãe lendo novamente o inspirador livro de Gordon Liddy, *Will*, no qual o arrombador de Watergate se gaba de queimar a palma da mão com fósforos sem nem piscar. Enquanto isso, no Dakota, Yoko se desintoxicava e dormia com seu belo e bissexual fornecedor de antiguidades, Sam Green.

Enquanto estava exilado em Cold Harbor, John foi tomado por seus antigos sonhos românticos de viajar pelo mar. Do nada, decidiu que, depois de passar anos em seu quarto assistindo TV, ele gostaria de navegar pelo oceano como seu pai e seu avô fizeram. Mas ele temia que a Mãe, sempre preocupada com sua segurança, o proibisse; afinal, ele não tinha nenhuma experiência náutica.

Mas Yoko não só apoiou a ideia com entusiasmo como também permitiu que ele alugasse o barco e contratasse a tripulação sozinho. Sua única exigência era que John seguisse o curso ditado por seu numerologista e guia, Takashi Yoshikawa. Takashi, que estava à frente do restaurante Taste of Tokyo, no centro de Nova York, era o mais importante praticante norte-americano de *katu-tugai*, ou tabus direcionais. Yoko consultava-o há anos e dizia ter sido ele o responsável por sua reconciliação com John. Tendo detectado uma “sombra maligna” na aura do astro recentemente, Takashi disse a Yoko que, para dispersar o espectro, era imperativo que John navegasse na direção sudeste para as Bermudas – atravessando diretamente o Triângulo do Diabo [10].

É certo que o ocultista de Yoko estava ciente dos desastres náuticos ocorridos na área. Desde 1945, mais de cem embarcações, transportando mais de mil pessoas, desapareceram nessas águas [11]. O número místico de John, Nove, esteve misteriosamente presente (puro ou composto) em muitos desses episódios. Entre eles: em 1945, o esquadrão de bombardeiros da Marinha, voo 19, desapareceu nas coordenadas 29° N 79° O, em um curso de 270°; em 1963, o navio-tanque da Marinha *Sulphur Queen* desapareceu com 39 marinheiros a bordo; em 1968, o submarino nuclear *Scorpion*, com uma tripulação de 99 oficiais, também desapareceu. Para pessoas com mente científica, esses números podem representar apenas uma coincidência aleatória, mas certamente não para Yoko ou seu numerologista, Yoshikawa.

Pouco antes da viagem, John disse ao cartomante de Yoko, John Green: “De acordo com os números, eu só tenho que fazer um pequeno cruzeiro pelas Bermudas. Assim falou o oráculo do Leste.” Mas ele acrescentou: “[...] uma embarcação pequena e uma tripulação pequena me parecem um pouco perigoso [...] é como desafiar o destino”. Ele considerou o plano “completamente imprudente” e “absolutamente incomum”, concluindo: “A parte que mais me incomoda é que Yoko esteja insistindo tanto, afirmando que é isso que tenho de fazer [12]”.

Seria possível que sua esposa, a Alta Sacerdotisa da Performance, estivesse dispondo as peças para a performance definitiva – o desaparecimento mágico de seu marido em um local famoso nos livros de ficção? “Todos os meus trabalhos em áreas que não a música tendem a se tornar Eventos”, disse ela em certa ocasião; “[...] faço uso desses meus eventos principalmente em

coisas admiráveis.” Não seria a primeira vez que sua arte teria como base um evento trágico – o casal quase morreu em um acidente de carro anos antes e, para alegria de John, ela transformaria o veículo destruído em uma escultura. Mais tarde, os óculos ensanguentados dele adornariam a capa do primeiro álbum de Yoko, após ela se tornar viúva.

* * *

No começo de junho – o início da temporada de furacões – John Lennon se despediu de sua esposa e de seu filho pequeno e içou suas velas, partindo para as Bermudas, atravessando o Triângulo. A embarcação chamava-se *Megan Jaye*, uma corveta de 43 pés, comandada pelo Capitão Hank, um ex-promoter de rock que trabalhara com a Big Brother. A tripulação a bordo era formada por quatro pessoas, incluindo John.

Seu medo de que essa fosse uma empreitada “perigosa” e “completamente imprudente” não tinha diminuído. Mas ele também estava excitado e esperançoso. Durante cinco dias, guiado por sua esposa, ele viveu literalmente como um monge na torre, esperando receber poderes psíquicos e até sobrenaturais. Mas, como disse ele a John Green, sua musa inspiradora o havia abandonado e ele não fora capaz de escrever uma música sequer. Morto do ponto de vista criativo e navegando por aquelas águas, ele precisava desesperadamente de uma carga de aventura mortal que ou seria seu fim ou constituiria um verdadeiro renascimento. Ao se despedir da família e dos amigos antes de deixar as docas, ele gritou: “Vejo vocês no paraíso!”.

O *Megan Jaye* estava navegando havia poucos dias apenas quando foi atingido pelo clima terrível do Cabo Hatteras, conhecido como o “Cemitério do Atlântico”. Agarrando-se aos mastros e enfrentando ondas de 6 metros de altura, a princípio John ficou apavorado. Mas logo o sangue marítimo de seus antepassados falou mais alto e ele jogou seus braços na direção do céu trovejante: “Me leve daqui, Deus! Eu não ligo a mínima!”.

A viagem de Rhode Island até as Bermudas deveria durar cinco dias. No Dakota, Fred Seaman contava cada um desses dias. Enquanto isso, Yoko fez Green ler o tarô diversas vezes para ela. No oitavo dia, ainda sem nenhuma notícia do *Megan Jaye*, Seaman ponderava em desespero: “E se o barco de John desapareceu no Triângulo das Bermudas?”. Nesse mesmo dia, o primeiro-ministro do Japão, Masayoshi Ohira, morreu de ataque cardíaco. O dia seguinte não apenas seria uma sexta-feira 13 como também Mercúrio retrocederia em relação ao signo de John. Seaman também notou um novo e estranho adorno sobre a mesa de Yoko: um crânio em uma caixa de vidro.

No final daquela quinta-feira, Green estava novamente reunido com Yoko quando o telefone tocou. Ao atender, Yoko se afastou de seu médium, ouviu com atenção, deu respostas monossilábicas e então desligou. Em seguida, de acordo com Green, “com o rosto contorcido de dor” e depois de se “recompor”, Yoko disse a ele: “Bem, acho que você vai ficar feliz em saber que todos os seus temores sobre a segurança da família foram infundados”.

Ancorado nas Bermudas após a tumultuada viagem de oito dias, John disse à Mãe pelo telefone que ele tinha se divertido como nunca antes na vida. Os mares quase o tinham abatido no

submarino amarelo para que se reunisse aos atlantes e marinheiros perdidos, mas agora ele estava em terra firme, renascido. Sua criatividade estava fluindo novamente, ele estava compondo e estava ansioso para voltar ao estúdio. “Eu estava em sintonia com o cosmo, e todas essas músicas surgiram!”, disse a ela. Ele implorou para que Yoko tomasse um avião com Sean e Fred para se reunir a ele no paraíso. Ela disse que estava muito ocupada no momento, mas que mandaria os garotos na frente.

Enquanto John esteve no mar, Yoko esteve em Fire Islands com Sam Green. Ela e Green – que John achava ser “bicha” e a quem considerava um “sicofanta inútil” – planejavam se casar. “Estou cansada de John”, disse ela a seu outro confidente gay, Luciano. “Estou farta do nome Lennon, cansada de viver à sua sombra. Assim que lançarmos o álbum, o casamento acabará. Estou planejando abandoná-lo.” Ela e Sam reviram o patrimônio dos Lennon para garantir o melhor acordo de separação possível. Para diminuir as complicações, eles também pretendiam tirar os pertences de John do Dakota antes de sua volta. Enquanto isso, o cantor não entendia por que sua esposa continuava prometendo que o encontraria no Caribe mas sempre cancelava a viagem por causa de pendências comerciais surgidas de última hora.

“Communication’s lost. Can’t even get you on the telephone. I feel you slipping away”, escreveu ele em *I’m Losing You*, uma música nova composta para o álbum *Double Fantasy*. “You didn’t have to tell a white lie. You knew you scored me for life [...] Ain’t no doubt about it. I’m losing you.”

Mas em *Starting Over*, um marido pateticamente esperançoso cantava: “Our love is still special. Let’s take a chance and fly away

somewhere alone [...] When I see you, darling, it's like we both are falling in love again. It'll be just like starting over".

Quando Yoko finalmente visitou John e Sean nas Bermudas naquele verão, "ela tratou os dois com uma reserva fria que beirava o desprezo", escreveu Fred, voltando para seus negócios em Nova York apenas alguns dias depois. "Não é de se espantar que ela sentisse um ressentimento amargo por John", concluiu Seaman. "Sem ele, ela era apenas uma mulher excêntrica sem dinheiro nem poder – e ela nunca poderia perdoá-lo por isso." De fato, de acordo com o autor Geoffrey Giuliano, ela dissera a seus sócios: "Como aquela mula pode ser tão bem-sucedida quando eu tenho muito mais talento e instrução?".

Sempre pragmática, ela decidiu postergar o divórcio até a conclusão de *Double Fantasy* (cujo nome foi tirado de um lírio gêmeo espetacular que Lennon viu em uma exposição de flores nas Bermudas). "As coisas que John faz não são assim tão boas", disse ela a John Green. "Quero que esse disco faça as pessoas pensarem em Yoko e John, não em John e Yoko. Assim ficará mais fácil para que pensem apenas em Yoko. Essa é a minha verdadeira meta, uma carreira independente [...] Considere John uma estrela antiga que está desaparecendo, e a mim, a nova estrela no horizonte."

Capitão Nemo

> Queira Deus que tenha diminuído o ódio naquele coração feroz! [...]
> Se seu destino é estranho, é também sublime.
> – Julio Verne, *Vinte mil léguas submarinas* (final)

O pai de Mark David Chapman, um ex-primeiro sargento reformado da Força Aérea dos Estados Unidos, trabalhou para uma companhia de petróleo, foi líder da tropa de escoteiros e ensinava violão na Associação Cristã de Moços. A mãe de Mark era enfermeira. Seu pai espancava sua mãe. Da parede que dividia seus quartos, ele começou a ouvir as vozes das "Pessoinhas" insistindo para que protegesse sua mãe. O rapaz retraído e franzino era atormentado por seus colegas na escola. No seu primeiro ano do ensino médio, acabou fugindo de casa em Decatur, Geórgia, e se tornou guarda de segurança de um parque de diversões em Miami por duas semanas.

Ao voltar para casa, ele mergulhou fundo nas drogas e nos Beatles, especialmente em John Lennon. Então, em 1971, aos 16 anos, Chapman encontrou o Senhor e começou a trabalhar como pregador de porta em porta. Aos domingos ele tocava violão e falava em línguas na igreja pentecostal local. Naquele verão, tornou-se conselheiro no acampamento da Associação Cristã de Moços – ACM. Todas as crianças o adoravam e o apelidaram de "Capitão Nemo".

Protetor feroz dos oprimidos, Nemo foi o criador de seu fantástico submarino, o *Nautilus*, no romance *Vinte mil léguas submarinas*, livro preferido de Mark depois da Bíblia. Júlio Verne tirou o nome de seu personagem do provérbio escocês *nemo me impune lacessit*, que significa "ninguém me fere impunemente". *Nemo* [13] é a palavra latina para "ninguém", e a grega para "pago o que é devido". Chapman mais tarde diria aos psiquiatras indicados pela Corte que seu verão como Capitão Nemo, o conselheiro das crianças no acampamento da ACM, foi a época mais feliz de sua vida.

Depois de se formar no segundo grau, Chapman – dando continuidade ao trabalho do Senhor por meio da ACM – viajou para Chicago, visitou rapidamente o Líbano e depois rumou para um acampamento de refugiados vietnamitas em Fort Chafee, Arkansas. Mas sua sorte mudou de repente. Ele se matriculou na Faculdade Presbiteriana da Geórgia, foi reprovado e sua noiva o abandonou. Começando a ouvir a voz das Pessoinhas novamente, ele resolveu se mudar para o Havaí e se matar depois de "uma última diversão no paraíso", como diria mais tarde a seus psiquiatras.

Ao chegar a Honolulu, Chapman tentou se asfixiar em um carro alugado. Prendeu uma mangueira de aspirador de pó ao escapamento do veículo, mas ela acabou derretendo. Ele foi tratado para depressão profunda no Castle Memorial Hospital. Depois de receber alta, começou a trabalhar meio período no hospital como segurança e, em seu tempo livre, tocava violão para os pacientes. Sua fé esmoreceu, sua nova Bíblia passou a ser *O apanhador no campo de centeio*, que um amigo da ACM havia lhe emprestado.

O famoso romance de J. D. Salinger é narrado por um jovem rapaz, Holden Caulfield, dedicado a salvar as crianças dos "enganadores" do mundo adulto, apanhando-as no campo de centeio antes que pulassem "da beira de algum despenhadeiro de insensatez". Holden mantinha a sanidade conversando com seu irmão morto, Allie, e fantasiando sobre pular em uma bomba nuclear ou matar os corruptores da juventude. Seu professor o havia avisado sobre cair em um precipício sem fim, dizendo: "Você não é a primeira pessoa a ficar confusa, assustada ou até enojada com o comportamento humano". Ainda assim, Holden caiu no abismo do qual tentava salvar todo mundo. Ele conta sua história de um hospital psiquiátrico, depois de sofrer um colapso nervoso.

O livro foi um divisor de águas para Mark David Chapman no hospital do Havaí. A história de Holden Caulfield era a sua história. Ele *era* Holden Caulfield. Exatamente como fora o Capitão Nemo, defensor dos inocentes, ele agora era o apanhador no campo de centeio. Sendo capaz de proteger apenas uns poucos no acampamento da ACM, agora ele sentia que toda uma geração de mentes jovens precisava ser salva. Afinal, como diria ele mais tarde à sua esposa, ele estava "destinado à grandeza, a algo importante". De todos os enganadores e falsos profetas que mentiam e exploravam a juventude no momento, qual era o maior? Quem era o Golias?

Chapman sempre idolatrara John Lennon. Ele tocava *Imagine* em seu violão para crianças, desabrigados e doentes. Mas não conseguia perdoar nem esquecer o que Lennon dissera sobre os Beatles, de serem mais importantes que Jesus. Então, quando estava no Havaí, ele retirou um livro [14] sobre seu antigo ídolo na

biblioteca, o qual revelava o estilo de vida luxuoso do herói da classe operária. “Ele nos mandou imaginar um mundo sem propriedades”, Chapman disse mais tarde ao biógrafo Jack Jones [15], “e lá estava ele, com milhões de dólares, iates, fazendas e casas de campo, rindo de pessoas como eu, que acreditaram nas mentiras, que compraram os discos e construíram grande parte da vida com base nessa música.”

Em sua última entrevista importante, quando David Scheff, da *Playboy,* perguntou aos Lennon sobre sua posição política e sua riqueza, John confessou sua “culpa por ser rico e por pensar que talvez paz e amor não sejam o suficiente; às vezes você tem de seguir em frente e levar um tiro”. Yoko concordou: “Sim, você tem que jogar o jogo do dinheiro.” Lennon costumava dizer que a vida era “um jogo.” “Play the game of existence to the end”, cantou ele em *Tomorrow Never Knows*. “Keep on playing those mind games forever, raising the spirits of peace and love”, cantou em *Mind Games*. Ele comparava sua vida de celebridade a um jogo de xadrez, dizendo a Fred Seaman que ele era o rei “e qualquer encontro com peões me enfraquece”.

“Jogo, o caralho!”, disse Holden Caulfield, o apanhador no campo de centeio. “Que belo jogo. Se você está no time em que estão todos os figurões, aí é um jogo, tudo bem – admito. Mas se você está no outro time, sem nenhum figurão, que tipo de jogo é esse? Nada. Nenhum.”

Também não era nenhum jogo para Mark Chapman. Ele não era um figurão. Ele sabia tudo sobre ser um zé-ninguém. Mas, como seu alter-ego Holden, “Estou cansado de não ter coragem de ser um zé-ninguém por completo”. Claro que Lennon havia cantado sobre

ser ele próprio um “Homem de Lugar Nenhum”, mas se transformou em um figurão no seu *jogo* da existência. Depois, falou sobre ser mais importante que Jesus. Jesus, que era *O* figurão. Mas Jesus não agia como um figurão ou falava de coitados e peões o “enfraquecerem”. Cristo, o verdadeiro salvador, o apanhador no campo de centeio original, não tinha problema algum em andar com pessoas humildes. Na realidade, ele preferia essas companhias, pois não suportava os figurões e enganadores. Se havia uma coisa que Chapman sabia era que, se Jesus tinha se sentido tentado a chamar a vida de *jogo*, certamente mudou de ideia em sua última sexta-feira.

Mark Chapman passou a odiar John Lennon. O verdadeiro ódio nasce do amor traído. John Lennon era um enganador disfarçado de apanhador no campo de centeio e, por esse sacrilégio, ele tinha de morrer.

* * *

Antes de ir ao encontro de seu destino, o Capitão Nemo decidiu refazer o itinerário de outra aventura de Júlio Verne, *A volta ao mundo em oitenta dias*. Aconteceu de ele acabar se apaixonando por sua agente de viagens, Gloria Abe. Como Yoko, Gloria era filha de um rico banqueiro japonês. Ao voltar de sua rápida viagem, Mark casou-se com Gloria, que era budista e se converteu ao cristianismo por ele.

Mas logo sua sorte mudou novamente. Ele foi despedido do emprego no Castle Memorial Hospital, recontratado e despedido novamente. Na sequência, passou a trabalhar como guarda-noturno

de um condomínio, mas, em virtude de seu comportamento instável e errático, foi demitido também desse cargo. Ele passou a fazer trabalhos de segurança em outros lugares, mas somente de forma esporádica e por meio período. Gloria se tornou a principal fonte de renda da casa, e Mark, um dono de casa humilhado, passou a beber muito e a ter ataques de fúria. “O único lugar em que eu conseguia um pouco de privacidade era o banheiro”, disse Gloria à revista *People* mais tarde, “de forma que eu costumava ir ao banheiro no meio da noite, trancava a porta e só chorava.”

Sem um tostão, Chapman pediu milhares de dólares emprestados a seu sogro e à sua mãe, que se juntou a ele no Havaí depois de se divorciar de seu marido abusivo. Exatamente como os Lennon investiam em arte, assim passou a fazê-lo Mark Chapman com o dinheiro que pegou emprestado. Sua aquisição favorita era uma cena familiar sentimentalista de autoria de Norman Rockwell, ex-ilustrador-chefe da Associação dos Escoteiros da América. Além de colecionar obras de arte, ele se mantinha ocupado importunando os hare krishnas no centro de Honolulu e enviando mensagens gravadas para a Igreja da Cientologia local, murmurando “Bang bang! Você já era!”. Enquanto isso, ele entrou em contato com o escritório da procuradoria-geral para verificar a possibilidade de mudar legalmente seu nome para Holden Caulfield.

Ao assinar sua saída em seu último trabalho como segurança, Chapman rabiscou o nome “John Lennon”, mas depois o apagou. Ele comprou um revólver calibre .38 de um vendedor de armas em Honolulu cujo nome era Ono.

Então ele tomou um avião para a terra natal de Holden, dizendo a Gloria: “Vou para Nova York para mudar tudo”.

Mark perambulou pelas ruas da cidade por vários dias, pensando em pular da Estátua da Liberdade. Finalmente, assistiu a uma sessão de *Gente como a Gente*, um filme sobre a luta e a libertação de um garoto suicida que se culpa pelo afogamento do irmão. Ao sair do cinema, ligou para Gloria de um telefone público, dizendo: “Estou indo para casa. Venci uma grande batalha. Seu amor me salvou!”. Ele garantiu à esposa que tinha “conquistado o vulcão”.

Chapman tomou um avião de volta para o Havaí. Não fazia muito tempo que ele estava em casa quando Gloria foi despertada no meio da noite, ouvindo seu marido gritar, acima da música dos Beatles:

O enganador deve morrer, disse o apanhador no campo de centeio.
O apanhador no campo de centeio está indo te pegar.
Não acredite em John Lennon.
Imagine que John Lennon está morto, oh yeah, yeah, yeah.
Imagine que acabou [16] .

Carma Instantâneo

> Instant Karma's gonna get you
> Gonna knock you right on the head
> You better get yourself together
> Pretty soon you're gonna be dead.
> – John Lennon, *Instant Karma*

Aparentemente, por conta própria ou com a ajuda de Yoko, John *conseguiu* se tornar um médium. Ele confidenciou a seu amigo músico, Jesse Ed Davis, que uma morte violenta era seu "destino cármico", porque ele vivera uma vida violenta. O compositor de *Give Peace a Chance* espancara pessoas quando era jovem. Na ocasião em que Bob Wooler, um comediante de clube, fez piada sobre sua "lua de mel" com Brian Epstein na Espanha, Lennon quebrou seu nariz, costelas e clavícula com uma pá. "Eu poderia mesmo tê-lo matado", disse ele a um jornalista da BBC, "e isso me assustou." Anteriormente, John havia chutado seu melhor amigo, Stu Sutcliff, na cabeça, o que ele temia que tivesse resultado no tumor cerebral que matou "o quinto Beatle". Além disso, o compositor de *Woman Is the Nigger of the Word* espancara Cynthia, Yoko e May Pang, entre outras.

Em *Getting Better*, ele confessou: "Me used to be angry young man. [...] Man I was mean but I'm changing my scene. [...] It's getting better all the time (can't get no worse)". Em uma de suas últimas entrevistas, o ex-Beatle explicou: "As pessoas mais violentas são as

que se convertem ao ‘paz e amor’. [...] Sou um homem violento que aprendeu a não ser violento e que lamenta a violência que praticou”.

Mas ele não acreditava que seu arrependimento o salvaria das imutáveis leis do carma. Ele ficou obcecado com a ideia de ser baleado, o que considerava “uma forma moderna de crucificação”, de acordo com Fred Seaman.

Após cada verso de sua música *Come Together*, o Beatle gritou “shoot me!” [atire em mim].

Mas, para o sempre inconstante John, tudo isso parecia ter ficado para trás. Após cinco longos anos no purgatório, sua musa finalmente havia retornado, devolvendo-lhe sua vida – não apenas a sua própria, mas sua vida com Yoko, em uma dupla fantasia.

Não muito tempo antes, ele fora assombrado por repetidas ameaças de morte, sendo que a última chegara pelo correio. “A polícia só pode te proteger esporadicamente”, estava escrito. “Podemos esperar um ano ou dois. Então voltaremos. Nós vamos te matar. Talvez sequestremos seu filho.”

Mas dois anos já haviam se passado e ele se livrara da paranoia. “Na verdade, eu deveria agradecer a esse terrorista”, disse ele a John Green. “Ele me deu uma excelente lição sobre como eu devo mesmo viver um dia de cada vez, e cada dia como se fosse o último.”

John se sentia realmente livre. Em entrevista para a BBC em 6 de dezembro, quando Andy Pebbles perguntou sobre sua “segurança”, ele confessou: “Levei dois anos para relaxar. Posso sair por essa porta agora e entrar em um restaurante. Quer saber o quanto isso é maravilhoso?”.

Em outra grande entrevista pouco tempo antes, o astro ressaltou que não tinha nenhum interesse em receber o “prêmio” tão cedo. “O maior prêmio vem quando você morre – se morrer em público, ele é melhor ainda”, disse ele a David Scheff, da *Playboy*. “Tudo bem: essas são as coisas que *não* temos interesse em fazer.”

* * *

Finalmente amanheceu. Era 8 de dezembro e um calor primaveril incomum baixara em Nova York. O sol nascente se infiltrou através das cortinas de sua suíte no Sheraton Hotel. Mark David Chapman tinha acabado de sair do banho e já vestia um sobretudo. Estava em pé diante da escrivaninha, arrumando seu altar com cuidado na frente do espelho. À esquerda, ele colocou uma fotografia dele mesmo, sorrindo a dentes largos, os braços ao redor de crianças vietnamitas refugiadas, em Fort Chaffee. Ao lado, ele colocou a elogiosa carta escrita à mão, em letra de forma, por seu supervisor da ACM, enaltecendo seus serviços exemplares. Atrás, no espelho, pregado com fita adesiva, ele colocara o pôster do *Mágico de Oz* que adquirira no dia anterior no centro da cidade, aquele em que Dorothy está enxugando as lágrimas do Leão Covarde antes de bater seus sapatinhos de rubi e voltar voando da Cidade de Esmeralda para o Kansas. Então, Mark pegou a Bíblia dos Gideões do hotel, abriu-a na página inicial do Evangelho de João [John, em inglês], e escreveu Lennon em letras grandes após o nome do apóstolo. Ele se afastou e observou com orgulho sua arrumação, imaginando todos os repórteres se aglomerando no aposento para bater as fotos. Finalmente, colocou seu gorro, pegou

sua maleta, tirou o revólver calibre .38 comprado na loja Charter Arms e deslizou-o para o bolso interno de seu sobretudo.

Quando Chapman saiu do Sheraton a pé, do outro lado da cidade, John Lennon estava degustando seu cigarro Gitane e seu cappuccino pós-café da manhã no La Fortuna, sua cafeteria preferida na vizinhança. Yoko repassava com ele os planos de outro dia cheio de entrevistas e sessões fotográficas para o *Double Fantasy*. O que realmente interessava a John eram as críticas, mas ele tinha por hábito não lê-las a menos que Yoko insistisse para que ele o fizesse. As críticas sobre o álbum eram heterogêneas, na melhor das hipóteses. Yoko não tinha a menor intenção em mostrar para ele a crítica da *Melody Maker*, em particular, que descrevia o álbum como “um tédio abominável [...] fedendo a esterilidade autoindulgente”. Ela também não mencionou os números: o álbum atingiu o oitavo lugar nas paradas na primeira semana, mas caíra para vigésimo primeiro. Ela apenas disse que eles precisavam se empenhar na publicidade e dar à *Rolling Stone* uma boa capa mais tarde naquela manhã. John gemeu. Essa não era sua parte favorita no negócio. Com seu retorno à mídia, o número de fãs na frente do Dakota estava crescendo. Ainda no dia anterior ele teve de correr atrás de um nerd gorducho de óculos que não parava de bater fotos suas. Yoko conseguiu fazê-lo desistir da perseguição. “Se algum dia alguém me pegar, com certeza vai ser um fã!”, disse ele a Yoko, deixando o rapaz ir embora.

Enquanto Mark Chapman percorria seu caminho, passando por padarias e carrinhos de amêndoas tostadas, sob o teto de arranha-céus iluminados pelo sol, ele ouvia o choro de sua querida esposa, Gloria. Ele a deixara em prantos no portão do aeroporto de

Honolulu. Mark não comparecera a uma consulta marcada com um psiquiatra alguns dias antes. Ele garantiu a Gloria que estava voltando para Nova York para encontrar um trabalho e construir uma vida nova para os dois. Mas continuava a ouvir o choro da esposa, que, por sua vez, abria caminho para as vozes das Pessoinhas. “Por favor, pense na sua esposa”, imploravam elas. “Por favor, Senhor Presidente. Pense na sua mãe. Pense em você.”

Apertando o passo pela cidade, ele localizou uma livraria e entrou rapidamente. Momentos depois, saiu com um exemplar novo em folha de *O apanhador no campo de centeio*. Sentado a uma mesa do lado de fora de um café, ele abriu a capa limpa e vermelha, sacou sua esferográfica e escreveu no verso: “Esta é a minha declaração”. E assinou Holden Caulfield.

Às 11h30, John Lennon estava deitado nu sobre o chão da Sala Branca, enrolado em posição fetal ao redor de Yoko Ono, completamente vestida, que olhava de forma inexpressiva para o teto do Dakota. Atrás dos refletores em forma de guarda-chuva estava a fotógrafa Annie Leibovitz, da *Rolling Stone*, que circulava o casal com sua câmera, exclamando: “Sim! [...] Nessa posição [...] Ótimo!”.

Seis andares abaixo, Mark Chapman, parado em frente a uma pequena multidão de fãs, espiava o estilo gótico e triangular do edifício Dakota. Debaixo do braço, ele segurava *O apanhador no campo de centeio* e uma cópia nova de *Double Fantasy*. Embora parecesse que aquela seria uma tarde anormalmente quente de dezembro, seu longo sobretudo verde ainda estava abotoado e ele usava um cachecol verde enrolado no pescoço, além de estar calçando luvas. O próprio Holden estava vestido dessa maneira

quando chegou à cidade, exceto pelo gorro vermelho de caçador feito de pele de cervo. Seu alterego só conseguiu encontrar um modelo de pele sintética para completar o traje.

Depois de Leibovitz levar seu filme de fotos históricas, seus modelos comeram um lanche rápido na cozinha e se retiraram para o escritório de Yoko, para uma entrevista por telefone com Dave Sholin, uma personalidade do rádio de San Francisco. “Ou nós vivemos ou nós morremos”, disse-lhe John. “Acho que meu trabalho não estará concluído até que eu esteja morto e enterrado – e espero que isso demore um bom tempo.” Apenas algumas semanas antes, durante sua maratona de entrevistas para a *Playboy*, ele fora interrompido por um grito no lado de fora do Dakota. “Outro assassinato na Rua Dakota!”, disparara.

Do lado de fora, Mark Chapman continuava a esperar. Ele tinha visto Lauren Bacall, Mia Farrow e Paul Simon saírem escondidos do prédio, mas ainda nenhum sinal de seu alvo. Ele se distraiu conversando com uma visitante regular, Jude Stein, e com um fotógrafo local, Paul Goresh, que conseguira tirar várias fotos dos Lennon ali. De repente, Jude chamou sua atenção para uma senhora idosa que estava saindo do lobby de mãos dadas com um garotinho. Jude correu para alcançar a dupla e apresentou seu novo amigo a Sean Lennon, com 5 anos de idade na ocasião. O Capitão Nemo se inclinou e apertou com ternura a pequena mão do menino.

“Ele era a criança mais linda que eu já tinha visto”, lembrou-se o ex-monitor da Associação Cristã de Moços. “Não me dei conta de que estava para matar o pai daquele pobre garotinho e que ele não teria um pai pelo resto da vida. Quer dizer, eu adoro crianças. Eu sou o apanhador no campo de centeio.”

Logo depois que a criança se foi, uma limusine parou junto ao meio-fio. Em instantes, os portões de ferro se abriram e John e Yoko Lennon se materializaram, cercados por sua equipe. Chapman estava imobilizado. Goresh empurrou-o para a frente. De repente, ele se encontrou parado diante do próprio John Lennon, segurando seu disco e uma caneta. O astro autografou o álbum com rapidez [17].

“Era só isso?”, perguntou ele ao fã. Yoko já estava na limusine estacionada, com a porta do passageiro aberta. “Era só isso?”, perguntou ele pela segunda vez.

“Era... Obrigado, John!”, finalmente conseguiu gaguejar Chapman.

“A sinceridade dele me impressionou”, lembrou-se ele mais tarde. “Eu tinha esperado um rabisco, mas foi exatamente o oposto. Eu estava nas nuvens. E uma parte de mim dizia: ‘Por que você não atirou nele?’. E eu disse: ‘Não posso atirar nele assim’. Eu queria pegar um autógrafo.”

A limusine dos Lennon deixou-os na Record Plant, do outro lado da cidade. Eles gastaram as seis horas seguintes mixando o primeiro single solo de Yoko, *Walking on Thin Ice*. “I may cry someday, but the tears will dry whichever way”, cantava a sra. Lennon, “and when our hearts return to ashes, I’ll be just a story.”

Eles trabalharam até as 22h30, pois John insistiu em deixar a gravação perfeita. Yoko sugeriu que eles fossem jantar no Stage Deli, ali perto, mas John queria voltar para casa e colocar Sean na cama. “Vejo vocês amanhã de manhã cedinho!”, avisou ao seu produtor, Jack Douglas, ao sair. Mas Douglas estava perturbado. Mais tarde, ele revelou para a biógrafa Sandra Shevey que John

falara coisas estranhas quando estava sozinho naquela tarde. “Acho que John sabia que sua vida tinha acabado”, disse ele a Shevey. “Ele sabia que alguma coisa estava definitivamente errada naquela tarde. [...] Ele disse que seria mais famoso do que Elvis quando morresse. Ele falou sobre morte aquele dia inteiro. Ele disse: ‘Não conte para Yoko’. Ele foi explícito.”

Nesse momento, Mark Chapman estava sozinho na porta do Dakota, um sentinela solitário. Ele tinha implorado para que seus novos amigos, Jude e Paul, ficassem com ele, mas eles tinha ido para casa dormir, desejando-lhe sorte com John novamente. Enquanto os carros e táxis passavam pela 71st Street, Mark conversava com o porteiro cubano, José Perdomo, sobre suas viagens pelo mundo, seu trabalho com refugiados, sua carreira no ramo de segurança, a Baía dos Porcos e o assassinato de JFK. Ele ainda segurava seu disco autografado e seu romance.

No bolso de seu sobretudo, o revólver pesava bastante. Ele nunca tinha usado a arma. Será que ela funcionaria? E quanto à sua pontaria? Ele fizera um curso de tiro ao alvo para trabalhar como segurança e havia tido um desempenho acima da média, mas isso fora anos atrás. Ele confiava em suas balas, porque seu .38 estava carregado com projéteis de ponta oca, o tipo que explode dentro do corpo.

De repente, ele se virou para o meio-fio e seus olhos se arregalaram. O longo veículo negro com janelas de vidro opaco estava parando a apenas alguns metros de distância. Yoko saiu, seguida por seu marido, carregando um gravador de fitas. Quando Lennon passou por Chapman, lançou-lhe um olhar nada simpático.

“Ele me reconheceu”, confessou mais tarde o atirador. Naquele instante, “eu estava rezando para que Deus me impedisse de matar Lennon”, continuou, “e também estava rezando para que o demônio me desse a oportunidade, porque eu sabia que não teria forças sozinho.”

Gloria chorou mais alto. “Por favor, Senhor Presidente, por favor”, imploravam as Pessoinhas, “pense na sua esposa.” “Atire, atire, atire!”, gritava outra voz.

Ele sacou o revólver de seu casaco e agachou-se em posição de combate. “Sr. Lennon”, gritou.

John não teve tempo de se virar na direção da voz antes que quatro projéteis perfurassem suas costas. “Me acertaram!”, disse ele sufocando, cambaleando por seis degraus e caindo dento da cabine do *concierge* com sangue escorrendo de seus lábios.

Chapman jogou a arma no chão. “Você tem ideia do que acabou de fazer?”, gritou José, correndo para ele e chutando a arma para longe. Com o coração acelerado, ouvindo uma mulher chorando no lobby do edifício, Chapman começou a andar para lá e para cá, folheando as páginas de seu Evangelho, tentando se concentrar nas palavras.

Ele ainda tentava ler quando duas viaturas de polícia chegaram a toda velocidade. Quando a primeira equipe de policiais correu em sua direção, Mark soltou *O apanhador no campo de centeio* e seu *Double Fantasy* e levantou os braços gritando: “Não me machuquem, estou desarmado. Fiz tudo sozinho!”.

A segunda equipe de policiais, Bill Gamble e James Moran, correu na direção da sala do *concierge*, onde Yoko estava agachada ao lado do marido chorando.

Os olhos de John estavam vidrados; sangue escorria de sua boca e de seu peito quando Gamble e Moran o carregaram para a viatura e o deitaram no banco de trás, sabendo que não podiam esperar pela ambulância.

“Eu não tenho medo de morrer”, disse John em uma ocasião. “É como sair de um carro e entrar em outro.” Ele também dissera a Fred Seaman que, quando se está morrendo, a vida passa diante de seus olhos em ordem cronológica inversa.

John Lennon passou seus últimos momentos de vida no banco de trás de uma viatura da polícia de Nova York, voando pelas ruas. O jogo de sombras das luzes da cidade se refletia através da janela em suas pupilas fixas enquanto o sangue escorria de seu peito e os policiais chamavam-no como que em um sonho: “Você é John Lennon? Você sabe quem é você? Você é John Lennon?”.

Mas suas vozes foram abafadas pelos gritos das sirenes. Então, ele ouviu outra voz, sua própria voz, ecoando dentro dele e sem ele cada vez mais alto:

Turn off your mind, relax and float downstream
It is not dying, it is not dying
Lay down all thoughts, surrender to the void
It is shining, it is shining.

Post mortem

> Newspaper taxis appear on the shore,
> Waiting to take you away.
> Climb in the back with your head in the clouds,
> And you're gone.
> – Lennon e McCartney, *Lucy in the Sky with Diamonds*

As tentativas de ressuscitar John Winston Ono Lennon foram inúteis. O ex-Beatle foi declarado morto pelo legista-chefe, dr. Elliot M. Gross, logo após sua chegada ao Roosevelt Hospital. Ele havia perdido quase todo o sangue do corpo.

Yoko mandou cremar o marido. Seu segurança, Douglas MacDougall, levou o cadáver da casa funerária ao Ferncliff Mortuary Crematorium. Julian queria ver o corpo do pai, mas este já havia sido reduzido a cinzas antes que ele conseguisse chegar de Londres.

A mulher que há apenas 14 anos implorara a Lennon por seu patrocínio a fim de não se matar herdou, de imediato, metade do espólio de 30 milhões de dólares do cantor e foi nomeada a executora do restante dos bens pertencentes a seus fundos. Embora ela tenha recusado as medidas de segurança sugeridas por MacDougall antes do assassinato, Yoko pagou um milhão de dólares para sua própria proteção no ano que se seguiu.

No dia seguinte ao crime, a viúva mandou Jack Douglas de volta ao estúdio para mixar as letras de seu marido sobre as partes de

guitarra pré-gravadas de David Spinozza. “Ela não parava de falar, parecia um sargento instrutor”, disse o produtor, que de tão arrasado ficou quase incapaz de trabalhar.

No domingo, 14 de dezembro, cem mil fãs se reuniram no Central Park, e o prefeito Koch ordenou que todas as bandeiras da cidade fossem hasteadas a meio mastro. Yoko Ono pediu à multidão que “rezasse pela alma de John” durante um silêncio de dez minutos.

Double Fantasy subiu rapidamente nas paradas até o primeiro lugar e ganhou o Grammy de Melhor Álbum do Ano [18]. Na capa do novo álbum solo de Yoko, *Season of Glass*, havia uma foto dos óculos de Lennon manchados de sangue ao lado de um copo de água pela metade. A capa de seu disco seguinte, de 1982, *It’s Alright (I See Rainbows*), apresentava uma foto dela em óculos escuros gigantes, olhando na direção do sol e, no fundo, uma imagem do fantasma de Lennon olhando por ela e pelo filho do casal.

Nos anos que se seguiriam, a viúva lançaria dois livros, três álbuns, 300 horas de gravações perdidas de Lennon, canecas, camisetas, moletons, pipas, tapetes e pôsteres de desenhos de Lennon. Seu último álbum, *Yes, I’m a Witch*, foi uma coletânea de remixes de trabalhos anteriores.

“Independentemente do que ela queria”, escreveu a *Rolling Stone* em 1984, “sua identidade mudou de forma irrevogável de Yoko Ono, a artista de vanguarda, para sra. Lennon, a Guardiã da Chama.”

Disse a viúva: “Durante dez anos eu fui o demônio. Agora, sou um anjo. O mundo teve de perdê-lo para mudar de opinião a meu

respeito?”.

Seis meses após o assassinato, Yoko se casou com seu assistente, Sam Havadtoy, em uma cerimônia secreta na terra natal do noivo, a Hungria. O casal se separou em 2001.

* * *

Obedecendo ao comando do Senhor, Mark David Chapman rejeitou uma defesa por insanidade e se declarou culpado do assassinato de John Lennon. “Eu mereço morrer”, disse. Mas ele foi sentenciado a uma pena de 20 anos a prisão perpétua na Prisão Estadual de Attica. Lá, ele se voltou novamente ao cristianismo e foi exorcizado de seis demônios. “Eles eram as coisas mais ferozes e incríveis que você já viu ou ouviu na vida”, disse, “produzindo sons estridentes e gorgolejantes em diferentes vozes através de minha boca.”

No entanto, o ex-vigia não jogou a culpa de seu crime nos demônios nem ofereceu uma explicação simplista para o assassinato. Como observou seu biógrafo, Jack Jones, depois de mais de 200 horas de entrevistas em Attica, Chapman, enquanto Holden Caulfield, considerava Lennon o “‘enganador’ definitivo”. Ao “matá-lo, ele pôde impedir que o astro desvirtuasse outra geração de jovens inocentes”, escreveu Jones.

Em outro nível, o alvo real de Chapman era seu pai violento. “Eu queria apontar uma arma para a cabeça dele, fazê-lo implorar, mandá-lo para longe”, disse ele aos psiquiatras da prisão. “Talvez, matando John Lennon, eu estivesse revidando o que meu pai havia feito comigo.”

Embora Jones concorde que esse possa ter sido um motivo subjacente, Chapman também confessou que tinha fantasias não apenas sobre matar uma figura paterna, mas também de exterminar multidões com um dispositivo nuclear. Em vez disso, escreveu Jones, ele assassinou “alguém com quem a maioria das pessoas do mundo se identificava [...] ferindo assim a todos nós”.

Em outro nível ainda, o psicólogo da prisão, dr. Daniel Schwartz, diagnosticou Chapman como um esquizofrênico com distúrbio de personalidade narcisista. De fato, o prisioneiro continuou a explicar a Jones: “Eu não era absolutamente ninguém. Tive que usurpar a importância de outra pessoa, alguém com sucesso”.

Referindo-se a si mesmo na terceira pessoa, ele disse a Larry King durante sua entrevista por telefone em 1992: “Mark David Chapman era uma casca ambulante que nunca aprendeu a extravasar seus sentimentos de raiva, ira e desapontamento. Mark David Chapman era um fracassado em sua própria cabeça. Ele queria ser alguém importante, Larry. Ele não sabia lidar com o fato de não ser ninguém”.

É óbvio que músicas como *Nowhere Man* e *I’m a Loser*, de Lennon, ressonaram no ex-monitor de jovens e guarda de segurança, especialmente porque, desde criança, ele se sentia destinado a um futuro grandioso.

“He’s as blind as he can be, just sees what he wants to see”, cantou o Beatle, “Nowhere Man can you see me at all?”.

Ele não enxergava e não podia enxergar. “Eu o via como um recorte de papelão na capa de um disco”, confessou Chapman à polícia. “E agora tenho de lidar com o fato de que John Lennon era uma pessoa.”

A ironia clara é que John Lennon se considerou um Homem de Lugar Nenhum durante os períodos ruins de sua vida. “Doesn’t have a point of view, knows not where he’s going to. Isn’t he a bit like you and me?” De certa forma, Lennon foi assassinado por seu próprio irmão, que nunca escapou de seu próprio niilismo – que nunca foi redimido pelo sucesso, como ele, Lennon, o foi. “It’s getting hard to be someone, but it all works out”, cantou ele em *Strawberry Fields Forever*. Mas nem tudo deu certo para Chapman. Como ele disse a Jones, “eu era o ‘Sr. Zé-Ninguém’ até matar o Alguém mais famoso do planeta”.

Por outro lado, algumas pessoas dispensam toda essa lógica psicológica, convencidas de que a CIA ou o FBI estão por trás do assassinato de John Lennon e que seu assassino foi um candidato manchu. O filho de Lennon, Sean, está entre essas pessoas. “Considero louco ou muito ingênuo qualquer um que ache que Mark Chapman era só um maluco que matou meu pai por interesses pessoais”, insiste o filho do astro.

Quando Larry King perguntou a Chapman sobre essas teorias, ele respondeu de forma bastante direta: “Asneiras”.

As teorias conspiratórias são baseadas no envolvimento de Chapman com a ACM e uma suposta conexão entre a entidade e a CIA. Como conselheiro de jovens, Chapman visitou brevemente o Líbano, onde se alega que a CIA mantenha “campos de assassinos”. Os partidários dessa teoria acreditam que Chapman (assim como Lee Oswald e Sirhan Sirhan antes dele) foi programado para assassinar políticos subversivos como os Lennon. Essa programação foi reativada anos depois, acreditam, por uma

palavra ou frase “gatilho” presente no livro *O apanhador no campo de centeio*.

Ainda que a mecânica absurda da teoria fosse aceita, sua base apresenta falhas. O FBI de Nova York já havia encerrado o arquivo sobre Lennon em 1972, dizendo que ele havia renunciado ao seu comportamento radical anterior [19]. De fato, John dissera estar “cansado de estar em uma cruzada”. “But when you talk about destruction”, cantou ele em *Revolution*, “don’t you know you can count me out”. Além disso, em 1975, antes de seu período de reclusão, ele disse à revista *Rolling Stone* que ficava “assustado e nervoso só de tocar em assuntos políticos”. Quando ressurgiu em 1980, John estava efetivamente apolítico. Se houve uma conspiração para assassiná-lo, com certeza teria sido colocada em prática durante seu ativismo na administração Nixon, não no final do mandato do afável e bem menos paranoico presidente Carter (a cuja cerimônia de posse Lennon compareceu).

Após realizar uma ampla investigação, a polícia de Nova York concluiu que as teorias conspiratórias relacionadas ao assassinato eram infundadas.

Seja qual for a verdade, o último desejo de John Lennon foi finalmente realizado.

“Só espero”, confessou ele em algum momento perto de sua morte, “que eu morra antes de Yoko, porque nos tornamos uma equação tão perfeita juntos que eu acho que não teria forças para continuar sem ela. Ah, não quero dizer que eu me mataria, mas só que a vida seria vazia. Espero morrer antes de Yoko porque, se Yoko morresse, eu não saberia como sobreviver, como continuar.”

Supor o que teria acontecido com o astro caso não tivesse sido assassinado tornou-se objeto de muita especulação. A maioria das pessoas próximas concorda que Yoko pretendia se divorciar dele. Um divórcio teria sido mais devastador para John do que a separação de 18 meses do casal cinco anos antes, que deu início a uma furiosa fase autodestrutiva.

Após ouvir que Yoko pretendia se divorciar de John, Fred Seaman ficou preocupado com a perspectiva de que "o choque o mandasse cambaleando de volta à reclusão e à depressão terminal". Ao compor *Losing You* e outras músicas para o *Double Fantasy* nas Bermudas, John sentiu "que ela estava escapando. Isso me deixou louco". Ele nunca ficara sem uma companhia feminina próxima durante toda a vida, e simplesmente não sabia ficar sozinho. Ao longo de sua separação de Yoko, apesar da devotada companhia de May Pang, ele se entupiu de drogas para esquecer o que estava acontecendo.

Mas ainda que sobrevivesse à separação da Mãe, de quem se tornara absolutamente dependente, teria Lennon continuado a tentar "conquistar o mundo novamente" sozinho, sua grande ambição? Nem mesmo McCartney chegou perto de fazê-lo ainda que, de todos os Beatles, ele tenha sido – e ainda seja – o mais popular. John poderia ter criado outro *Imagine* – seu maior álbum, de acordo com sua própria opinião e a da maioria dos críticos –, mas isso não o teria levado novamente ao trono de "rei", muito menos de Messias, o que ele um dia pensou que fosse.

Teria John sobrevivido com as lembranças de ter sido um dia o rei? Nem mesmo seu ídolo, o próprio Rei, cujo trono os Beatles roubaram, sobreviveu a isso.

Ainda assim, o conjunto de sua obra, como se encontra, sem qualquer adição, é incomparável em sua amplitude, profundidade e humanidade. Lennon trouxe inteligência, incisividade e imaginação incomparáveis para a música. Acima de tudo, no âmago de seu trabalho havia uma dimensão moral que superou em muito os protestos sociais e políticos de luminares como Guthrie, Baez ou mesmo Dylan. Nesse aspecto, ele se tornou a consciência de uma geração que buscava justiça e liberdade.

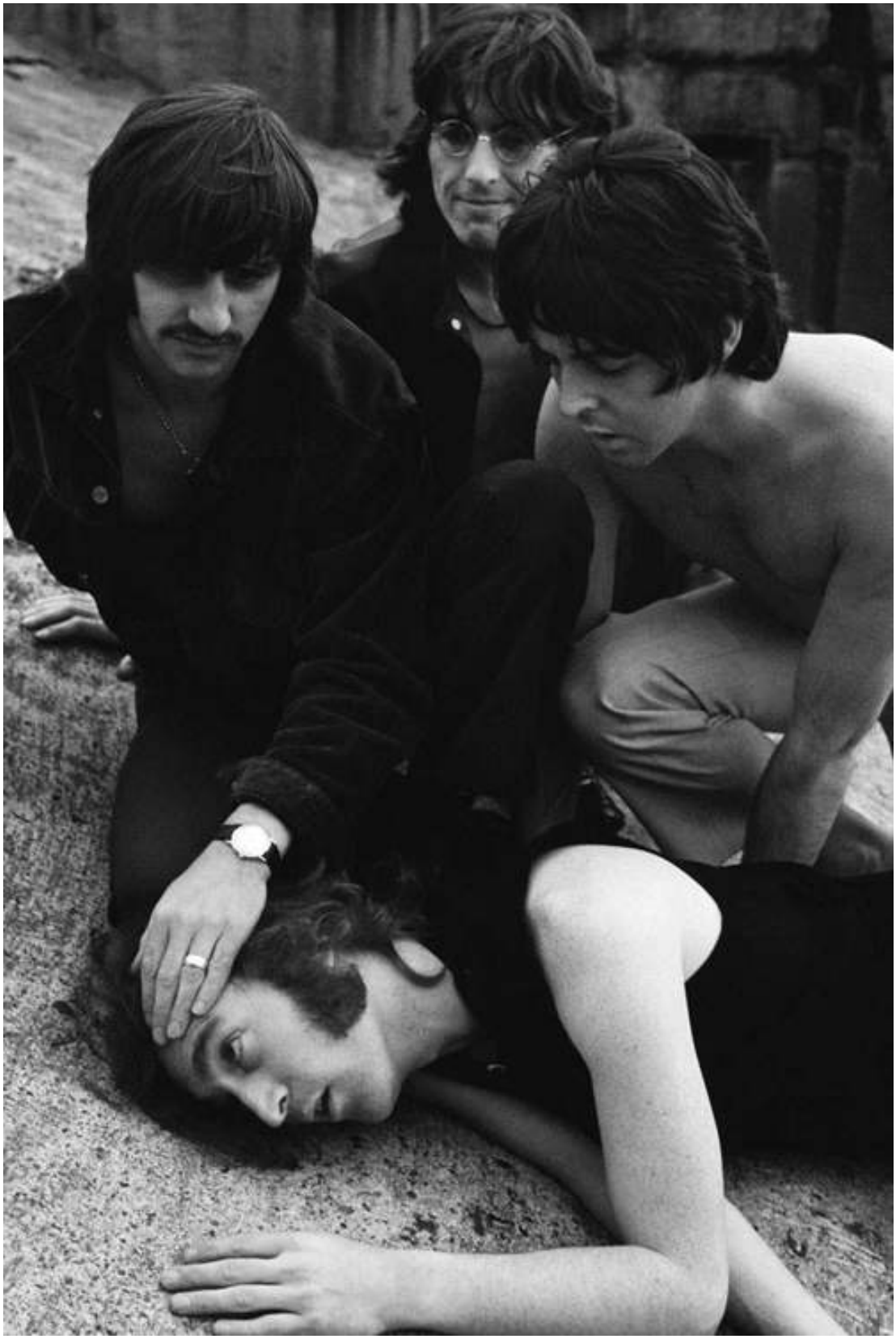
Mais do que qualquer outro artista, John Lennon, apesar das ilusões passageiras a que se sujeitou, foi agressivamente honesto consigo mesmo no final. "Just give ma a little truth", cantou ele. Lennon revelou verdades que os outros não conseguiam enxergar ou não tinham a coragem de contar. Não somente verdades sobre o mundo como ele o via, mas sobre ele mesmo. Como todos os homens, ele tinha pés de barro, mas era o primeiro a admitir suas imperfeições, suas confusões e seus medos. Ele confessou ter sido um homem violento e ter machucado outras pessoas, mas se arrependeu e lutou para atingir a redenção através do amor. "No one you can save that can't be saved", cantou ele. "Nothing you can do, but you can learn how to be you in time."

Quando encontrou seu fim nas mãos de uma alma perdida, já havia se passado mais de dez anos desde que ele escrevera a bela e inocente *All You Need Is Love*. E nesse período, por meio de todas as suas lutas, ele havia aprendido que o amor verdadeiro não era tão "fácil" assim, mas uma força vital divina difícil de se conquistar à luz da mortalidade.

"I tried so hard to stay alive", cantou ele em *Double Fantasy*. "But the angel of destruction keeps on houndin' me all around. [...] They

say the Lord helps those who help themselves. [...] Lord, help me, Lord. [...] Help me to help myself”.

John Lennon sendo pregado por George Harrison durante uma sessão de gravação em Chelsea, Londres – março de 1966.
(Foto: Robert Whitaker/Hulton Archive/Getty Images)



Lennon e os Beatles, Londres – julho de 1968.
(Cortesia de Tom Murray, Estados Unidos)

Interlúdio: Alma

A fama é a devoradora de almas.
– Jerry Garcia

De acordo com sua música *God*, John Lennon parou de acreditar em tudo depois da separação do Fab Four – nos Beatles, na Bíblia, em Buda, em Jesus. Tudo mesmo. Exceto em “Yoko e eu – isso sim é realidade [...] agora estou renascido. Eu era o Walrus [a Morsa], mas agora sou John”.

Ele tinha chegado a uma definição de Deus, que seria *um conceito por meio do qual podemos medir nosso sofrimento.* E só Deus sabia o quanto Lennon tinha sofrido antes, durante e depois da beatlemania. “Quanto maior o sofrimento, mais você procura por Deus”, disse ele.

Por isso, Deus foi ficando maior e maior para Lennon até que, perto do fim, ele declarou: “Bem, se Deus existe, todos nós somos Ele”. Mas, em uma espécie de metafísica nuclear, o grande tornou-se pequeno e o universal tornou-se pessoal. “Você tem de chegar até o seu próprio Deus, em seu próprio templo”, disse ele sobre sua nova crença. Ele havia começado a acreditar nisso com o Maharishi. Mas, depois de um mês, ele e os outros Beatles abandonaram o guru. Quando o ser sagrado perguntou o motivo, John respondeu: “Se você é tão onisciente como afirma, deveria saber o porquê”.

Lennon não caiu em nenhuma fraude nem foi feito de idiota. Assim, tornou-se um ateu em relação a tudo, exceto “Yoko e eu”.

Mas sua metade mais sábia não tinha certeza nem sobre sua esposa. “Você está virando uma fraude”, ele cantou em *Losing You*, ecoando Holden Caulfield, o herói de seu assassino. De acordo com sua nova crença, tinham restado apenas seu criador e ele, e John já estava pronto para encontrá-lo, gritando no meio da tempestade: “Me leve com você, Deus!”. Anos antes, ele vira um ovni desfilando pelo horizonte de Manhattan. “Eu ficava gritando, ‘aqui!’”, relembrou. “Me levem com vocês! Estou pronto!”

Elvis também estava pronto. “Era como se ele quisesse morrer... só para ver o que havia do outro lado”, escreveu seu irmão de criação David Stanley. “E tudo isso remete a uma coisa espiritual. Acho que a morte de Elvis foi tão espiritual porque ele queria realmente saber.” Na verdade, Elvis, um devoto fiel, já *sabia.* Ele só não tinha certeza dos detalhes. Ele usava um crucifixo e uma estrela de Davi porque “não gostaria de ficar fora do céu só por causa de um detalhe técnico”.

“Acredito na Bíblia”, explicou. “Acredito que todas as coisas boas vêm de Deus. Eu não acredito que pudesse cantar do modo como canto se isso não fosse a vontade de Deus.” Um de seus versículos favoritos da Bíblia, e também o de Lennon, era: “Que adianta ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder sua alma?”. E ele tinha respostas do tipo: “A adversidade às vezes é cruel com o homem”, disse. “Mas, para cada homem que pode encarar a prosperidade, há outros cem que devem encarar a adversidade.” Em resumo, a prosperidade era a cruz do Rei.

A mãe de Elvis dizia que ele era o Escolhido, e ele sabia que tinha uma missão. “Ele ficava em pé na hora das refeições e rezava, fazendo com que todos se reunissem”, relembrou Priscilla. “Ele era

Moisés descendo a montanha com seu cajado, ou João Batista saudando o Salvador.” Red e Sonny West, a quem ele chamava de “meus discípulos”, lembraram como seu chefe atualizava as escrituras durante seus sermões improvisados em Graceland. “Moisés desceu da montanha e, para que ele encontrasse o caminho, as sarças ardentes queimavam seu rabo para que ele descesse logo!” Em outra ocasião, ele proclamou: “A chance de um homem rico entrar no céu é a mesma que a de uma bunda de camelo passar pelo buraco de uma agulha”. Às vezes, ele começava seus sermões com uma observação deplorável [1] : “Ó, seus grandes filhos da puta de pensamentos puros e boas intenções”.

E ainda havia os sinais celestiais. Treze anos antes de sua morte, Elvis estava dirigindo rumo à Cidade dos Anjos pela paisagem palestina do Arizona. Ao seu lado estava sentado Larry Geller, seu cabeleireiro guru. Elvis meteu o pé no freio, pulou fora de sua van de turnês e saiu correndo pelo deserto com os braços levantados para o alto. “Eu vi a cara do Stalin lá em cima!”, ele gritou para Geller. “Minhas preces foram atendidas! Agora já vi o Cristo e o Anticristo, e já sei o que devo fazer!”

O Rei começou a estudar com Daya Mata [2]na Self-Realization Fellowship [Irmandade da Autorrealização], em Malibu. “Uma folga dessa loucura toda é o que todos nós precisamos”, ele disse a Priscilla. Um dia, ele e seus discípulos, a Máfia de Memphis, voavam baixo pela Pacific Coast Highway a mais de 150 quilômetros por hora, com Elvis liderando a turma sobre sua Harley Electra Glide e os outros rapazes com suas Triumph Bonnevilles rugindo em direção ao santuário hindu. O Rei estava tirando

merecidas férias após as filmagens de *Feriado no Harém,* em Hollywood. Saudando Sua Santidade Daya – que Sonny disse "fazia Elvis lembrar muito de sua mãe" –, foi direto ao assunto: ele estivera à procura de "um nível espiritual mais elevado" durante toda a sua vida. Ela o aconselhou a ir com calma na escada de Jacó. Mas o sempre impaciente Rei disse a ela: "Quero chegar lá agora. Quero um curso intensivo. Deve existir algum atalho".

Embora Daya tenha insistido que não havia atalhos, ele logo passou a ouvir a voz de Jesus no canto dos pássaros em Graceland. Ele também passou a acreditar que podia hipnotizar pessoas apenas com um olhar e que podia curar crianças com seu toque. Ele comprou o iate de Roosevelt, o *Potomac,* e o doou para o hospital infantil St. Jude, em Memphis. Ele distribuiu boa parte de sua fortuna entre completos estranhos. Na primavera de 1967, Elvis lançou *How Great Thou Art*. O disco gospel incluía hinos que ele cantara quando criança na igreja da Assembleia de Deus, em Tupelo: *There Is No God But God*, *Reach Out to Jesus*, *He Is My Everything*. No ano seguinte, na noite em que sua filha Lisa Marie nasceu, ele ligou para Nancy Sinatra e, inundado de gratidão por tantas bênçãos em um mundo no qual tantos outros só conheciam dificuldades, ele disse a ela: "Eu deveria ter sido pastor. Eu deveria ter continuado na igreja".

Após ter sofrido várias overdoses quase fatais e sentindo que já estava vivendo a prorrogação de sua existência, o conceito de vida após a morte nunca abandonou a mente de Elvis. Ele assegurava à sua família e a seus amigos que encontraria um meio de se comunicar do além-túmulo. Consolados com essa ideia, seus fãs fundaram a Igreja de Elvis, o Divino. Horas antes de sua morte, ele

ordenou a seu irmão de criação, Ricky, que havia acabado de lhe entregar a dose noturna de analgésicos, que se ajoelhasse e rezasse com ele.

“Amado Deus, por favor, ilumine meu caminho”, rezou Elvis. “Estou cansado e confuso, e preciso de sua ajuda.” Então, voltando-se para seu irmão de criação, ele disse: “Rick, todos nós devíamos começar a viver em Cristo”.

* * *

Jimi Hendrix teve um funeral cristão, assim como Elvis. Mas ambos tinham ascendência cherokee, uma tribo prolífica em perseguidores da luz e visionários. Como o Rei, o Voodoo Child também se autoproclamava um mensageiro. “Eu senti vontade de ir para as montanhas, mas acabei ficando”, ele disse a um repórter. “Algumas pessoas estão destinadas a ficar e entregar mensagens.” Nesse ponto, ele não entrou na onda dos gurus dos anos 1960, mas acreditava piamente no poder espiritual de transformação de sua música “celeste”.

Assim como Lennon chamava os discípulos de “grosseiros e ordinários”, Hendrix chamava os Dez Mandamentos de “um saco” e acreditava que a Igreja Católica estava “vomitando sobre a Terra”. Sua mensagem não era dogmática ou sectária. “Minha música é a música da igreja elétrica”, disse ele. “Eu sou a religião elétrica.” O Dead Phil Lesh juntou-se a ele, escrevendo: “Nós transformamos todos os lugares onde tocamos em igrejas. Quando tocamos, estamos rezando”. O conselheiro espiritual de Hendrix e do Dead era Rolling Thunder [3].

O segundo disco de Hendrix, *Axis: Bold As Love,* nasceu do *Livro dos hopi.* Nele, a Mulher-Aranha da Criação ordena aos seus discípulos que “saiam pelo mundo e propaguem o som”. O som da verdadeira música da alma. Dois meses antes de sua morte, Hendrix viajou para o Havaí a fim de conduzir o Experimento da Ponte Vibratória do Arco-Íris Colorido-Sonoro no Vulcão Olowalu, em Maui, o local sagrado polinésio da Cratera do Sol. Vestido em trajes de xamã, ele se retirou para a tenda médica e, ali, com outros participantes, consumiu LSD. Pouco antes do experimento, uma idosa vidente alemã, Clara Schuff, disse ao astro que ele descendia da realeza tibetana e que, na próxima encarnação, ele ensinaria a astrologia mística do Tibete.

A maioria dos astros, assim como suas esposas e seus entes queridos, interessava-se pelo oculto. Lennon e Morrison se casaram em cerimônias célticas. Yoko considerava-se uma feiticeira, assim como Patricia, a segunda esposa de Morrison. Monika Dannemann era uma estudiosa obsessiva da metafísica da clarividência. Assim como Yoko Ono, Courtney Love “se cercava de uma corte de adivinhos”, escreveu sua biógrafa Melissa Rossi. Ela chegou a “chamar médiuns de todos os cantos dos Estados Unidos em busca de informações astrais” sobre seu marido desaparecido, pouco antes da morte dele. Os astros e seus parceiros recorriam a leituras diárias de tarô e a previsões astrológicas e numerológicas.

O próprio Hendrix era um grande estudante da numerologia. Ele falava bastante sobre a mística dos sistemas numéricos com Dannemann, que relatou essas discussões em *The inner world of Jimi Hendrix.*

Santo Agostinho chamou os números de “a linguagem universal oferecida pela divindade aos humanos para a confirmação da verdade”. Lennon, Presley e Hendrix planejavam a agenda e suas viagens por intermédio dos números e também classificavam seus amigos e assistentes de acordo com essa teoria. Todos eram seguidores de Cheiro, o pai na numerologia moderna [4].

E todos davam uma importância muito grande ao seu número pessoal, a soma dos números de seu dia, mês e ano de nascimento. Tanto Elvis quanto Jimi tinham o 8 como número de poder – o número que, de acordo com Cheiro, representava “dominação, controle e realização”, assim como “fatalismo” e “solidão”. Lennon referia-se a si mesmo como número 9 – o número da criatividade e da consciência universal [5] .

O Doors também entrou na onda dos números. Jim era o 1 e Ray, o cofundador da banda, era o 9. Ray chamava o fato de “o equilíbrio entre o dionisíaco e o apolíneo [...] A cobra que morde a própria cauda. O Ouroboros. A completude”. Dionísio era o corpo, o impulso, o id. Apolo era o intelecto, a ordem, o superego. Morrison via mais significado nesses símbolos pagãos do que nos cristãos. Como não conseguiu detectar nenhuma autoridade moral no universo, e muito menos nos assuntos humanos, para ele o Deus judaico-cristão dos Mandamentos estava morto. Somente o super-homem de Nietzsche sobrevivera.

Xamã musical como Hendrix e Garcia, Morrison chamava a si próprio de “um oráculo, um sacerdote [...] um ventríloquo de Deus”. Para ele, “Deus” não era um Quem ou Alguém benevolente ou raivoso, à imagem do Qual o homem fora criado. Era, sim, um Algo onipotente e cósmico, uma força impessoal eterna e infinita vivendo

no âmago de todas as coisas, de uma ameba às galáxias. Nesse sentido, Morrison rejeitou o cristianismo como uma religião de moral míope nascida da ideia de que a morte é uma punição pelos pecados e a vida eterna somente pode ser alcançada por meio da contrição e da idolatria de intermediários divinos martirizados. Em vez disso, a orientação espiritual de Morrison – bem como a de Hendrix, Garcia e Lennon – estava próxima da de um budista não dogmático ou de um ponto de vista existencial no qual a morte não era o fim da vida, mas somente uma mudança ou dissolução da forma. Portanto, Morrison era espiritualizado, mas não religioso. Como disse seu precursor, Nietzsche: “Depois de travar contato com um homem religioso, sempre tenho vontade de lavar minhas mãos”. E acrescentou: “No paraíso, todas as pessoas interessantes estão desaparecidas”. Apesar de o filósofo e o artista provavelmente nunca terem se encontrado no paraíso, eles certamente o fizeram em alguma outra dimensão menos exclusivista.

E o líder do Grateful Dead com certeza estaria com eles. Embora Jerry Garcia tivesse a tendência de ser um rebelde espiritual e solitário como Morrison e os outros, ele era o budista amador do grupo. Se Deus é o banco no qual Jesus guarda suas economias, Moisés investe e Buda joga na Bolsa – Jerry também era um apostador que buscava sua inspiração em todos os recantos do cosmo. Alguns deadheads chegavam até a chamá-lo de Buda, denominação que ele odiava. Se alguns de seus colegas se perderam na autodeificação, o guitarrista não queria saber disso. Depois de ser ressuscitado em 1986, fato que levou os deadheads a o chamarem de santo, Jerry disse: “Vou ver no que isso vai dar até que eles venham me buscar com uma cruz e uns pregos”. Porém,

quanto mais o astro insistia em dizer que era “apenas um cara que toca guitarra”, mais as pessoas se prostravam diante dele. Em dado momento, ele se voltou para o “templo” interior, como o fez Lennon. “Há uma estrada não asfaltada entre a aurora e o escuro da noite”, declarou, “e se você seguir por ela, ninguém poderá te acompanhar porque ela foi construída somente para os seus passos.”

A estrada de Garcia era mais comprida do que a dos outros. No clímax da última apresentação do Grateful Dead, ele trouxe lágrimas aos olhos de todos os presentes no Soldier Field, em Chicago, quando cantou chorando, sem parar, o refrão de *So Many Roads*:

So many roads to ease my soul...
All I want is one to take me home.

* * *

Originado não somente do blues, mas também do gospel e do soul, o rock forneceu muito do sagrado e do profano ao longo dos anos. E os astros foram despedaçados entre um e outro.

“Salvar o rock é trabalho duro”, disse Bono, do U2.

“Você tem de servir a alguém!”, cantou Dylan.

“Molde-me, Senhor. Molde-me, Senhor. Por favor, não me abandone”, cantou Janis, cujo pai era ateu e a mãe professora de escola dominical. “Eu não acho que sou muito especial [...] Mas não acho que vão encontrar alguém [...] que possa dizer que se esforçou como eu me esforcei. A pior coisa que alguém pode dizer sobre mim é que eu nunca fico satisfeita.”

Sua amiga Pat Nichols disse que Janis era “uma pessoa muito espiritual” mas que também tinha “medo que os outros percebessem

isso”.

Outras estrelas também tinham medo de revelar esse lado. Acredita-se até mesmo que alguns deles tenham vendido a alma. A lenda original conta que o Abraão do rock, Robert Johnson, vendeu a própria alma na encruzilhada, só para ser fatalmente envenenado aos 27 anos. Temendo a punição de Deus por tocar “a música dançante do diabo”, o Reverendo Little Richard abandonou o rock duas vezes. Jerry Lee Lewis, achando que os infortúnios relacionados ao seu trabalho – a morte de suas esposas, de seus filhos e de sua mãe, assim como os arranhões que ele próprio sofreu da Ceifadora – eram um castigo por seu rock das Grandes Bolas de Fogo, também abandonou temporariamente os palcos com a ajuda de seu primo decadente, Jimmy Swaggart. Discípulo do satanista Aleister Crowley, Jimmy Page supostamente fez um pacto com Lúcifer em troca do sucesso de *Starway to Heaven*. “Walking side by side with death, the devil mocks your every step”, cantou Robert Plant. Depois que a música atingiu o topo das paradas, a “Maldição do Zeppelin” baixou sobre a cabeça deles: Page e Plant quase morreram em um acidente de carro; o filho de 5 anos de Plant morreu misteriosamente; e, ainda, o baterista do Zeppelin, John Bonham, sofreu uma overdose fatal. Embora o *Their Satanic Majesties Request*, dos Stones, tenha sido um fracasso comercial, Brian Jones acabou morto em sua piscina um ano mais tarde, para depois acontecer a *Sympathy for the Devil* em Altamont e finalmente o casamento de Jagger e Bianca em uma cerimônia vodu balinesa, na qual sacrificaram galinhas coloridas para “dar sorte”.

Embora Hendrix também tenha se envolvido com o lado negro, nenhum relato sugere que ele tenha vendido a alma. Mas sua

namorada, Faye Pridgeon, disse que temia que houvesse “algum demônio” nele. “Ele era muito atormentado [...] por algo verdadeiramente do mal”, relembrou. “[...] Ele costumava falar sobre procurar alguma benzedeira, qualquer um que pudesse exorcizar esse demônio de dentro dele.”

Lennon, traumatizado pelo próprio passado de violência e maldades, tornou-se por pouco tempo um Louco por Jesus, e chegou mesmo a entrar várias vezes em contato com o *Clube dos 700* do casal Bakker. Insurgindo-se contra sua reputação “antirreligiosa” do passado, ele declarou: “Eu sou um camarada muito religioso. Fui criado como cristão e só agora compreendi algumas das coisas que Cristo dizia naquelas parábolas”. Ele fantasiava sobre partir em busca da “Lança de Longino” que havia ferido o torso de Cristo; pregou que todo o futuro musical deveria buscar a paz mundial; e até chegou a tentar cumprir os votos de São Francisco. Quando a libertação continuou a escapar-lhe das mãos, John – que era um onívoro espiritual como Elvis – chegou até mesmo a jejuar em nome de Alá por alguns dias. Suas preces não foram atendidas por nenhum deus, e, em seus últimos dias, ele temia já ter vendido sua alma.

“Houve um tempo em minha vida em que eu teria dado tudo para estar no topo, qualquer coisa. Nada podia me deter”, confidenciou Lennon ao seu conselheiro espiritual, John Green. “E pra quem diabos eu acabei vendendo a minha alma?”, continuou. “Para o Público Todo-Poderoso! É para esse deus que eu rezo.” Ele explicou que, como Beatle, havia “canalizado o amor do público para a música”. Mas, depois da dissolução do grupo, “agora que estou

completa e verdadeiramente viciado, eles não vão mais negociar! Eles ficaram com a minha alma, o que mais me restou?".

Cobain, que idolatrava Lennon como herói, sentiu-se bem parecido com ele no final de sua vida. Ele havia experimentado um período muito breve como cristão quando adolescente, para logo se converter ao seu protestantismo aborte cristo – deus é gay. Com seu amigo Dylan Carlson, um estudante de religiões orientais, ele começou a estudar Shiva, o deus hindu da destruição; e, com sua esposa, Courtney, que mantinha um altar budista em casa, ele chafurdou nos reinos do darma e do carma. Seu amigo, Michael Stipe, do R.E.M., com quem ele queria fazer uma parceria, cantou "up in the spotlight, losing my religion", expressando bem o sentimento de Cobain. No fim, o jovem astro acreditava na descrença. Sentiu que havia perdido não somente sua fé, mas sua alma. Ele desejava apenas um fim para a dor, assim como Lennon. "O Nirvana significa a libertação da dor, do sofrimento e do mundo exterior", explicou após a fundação do grupo, "e isso é quase a minha definição de punk rock."

Mas quando o punk deixou de ser uma libertação da dor para Cobain, ele o pregou em sua viga-mestra. "Rinkydink God. For putting me on this earth", cantou em *Downer*. "Death in mind. Nurse!"

A morte, o eterno mistério da vida, é a mãe da religião. Em seus últimos dias, Kurt Cobain foi arrebatado por ela na forma da única pessoa que ele sempre amou e em quem confiou e acreditou: sua alma gêmea.

O Livro do Gênesis conta a história do nascimento da morte. Quando Adão e Eva comeram o fruto proibido do conhecimento,

enxergaram o bem e o mal, e Deus condenou-os a “retornar ao pó de onde vieram”. Banidos do Éden, eles tinham apenas um ao outro para se confortar. Marido e mulher até que a morte os separe. Almas gêmeas.

O primeiro a se encontrar com o Criador foi o filho favorito de Adão e Eva, Abel, assassinado por seu invejoso irmão, Caim. Portanto, a primeira morte de um homem foi um homicídio. Deus fez de Caim um “errante” pelo mundo, mas o marcou com um sinal para que ninguém o matasse por vingança: ele estava amaldiçoado a viver até o final com sua consciência imperdoável, a herança de seus pais. E o primeiro filho deve ter chorado com esse castigo, assim como uma de suas irmãs também marcadas o faria depois de assassinar sua própria alma gêmea e a voz de sua geração:

I’m Miss World,
Somebody kill me
Now I’ve made my bed I’ll lie in it
I’ve made my bed I’ll die in it
I made my bed I’ll cry in it.

★

Aberdeen
20 de fevereiro de 1967

✞

Seattle
5 de abril de 1994

6
Kurt Cobain

Por quê?

Sua esposa estava deitada sobre o sangue seco no local em que seu corpo estivera. Mais atrás, havia um monte de substrato para plantas, com um bilhete escrito à mão no topo, que terminava:

“SIGA EM FRENTE, COURTNEY. TE AMO, TE AMO”.

Enrolada na jaqueta de veludo manchada de sangue do marido, ela rastejou pelo chão e apanhou um fragmento de couro cabeludo emaranhado e o apertou de encontro ao peito. “Você está aí, você está aí, está em alguma porra de lugar?”, gritou ela novamente. “Por acaso você é um anjo agora? Vai se foder!”

O corpo de Kurt Donald Cobain tinha sido removido da estufa em sua propriedade em Lake Washington para a casa funerária. Lá, a viúva visitou-o pela última vez. Ela acariciou com suavidade sua face remodelada com cera e cortou um cacho de seu cabelo louro angelical. Então, desabotoou suas calças e cortou um chumaço de pelos pubianos.

“POR QUÊ?”, ela continuava a gritar.

Ela própria parecia ter respondido a essa pergunta em sua entrevista para a MTV uma hora antes. Ela declarara que a nota

suicida de seu marido dizia: “Não estou mais me divertindo, não consigo levar essa vida”. Em outra entrevista, na manhã do sábado, 9 de abril de 1994, Courtney Love encorajou os espectadores da MTV a compartilharem suas emoções: “Todo mundo que se sente culpado levante a mão!”.

No domingo, na vigília à luz de velas por seu marido, seu pesar transformou-se em ira. “Ele é um puta cuzão. Quero que vocês digam ‘cuzão’ bem alto!”, incitou os 7 mil fãs enlutados. Depois de ler uma parte do bilhete suicida, na qual Kurt dizia não querer mais ser um astro do rock, ela gritou: “Cala a boca, filho da puta. Por que você simplesmente não aproveitou?”.

Ao concluir sua mensagem gravada para os fãs dele, a srta. Love fez um último pedido: “Apenas digam pra ele que ele é um idiota, ok? Digam apenas ‘idiota, você é um *idiota*’. E que vocês o amam”.

Ela comunicou aos repórteres que fez de tudo para impedir um suicídio. Uma semana antes, seu marido tinha fugido de uma clínica de desintoxicação em Los Angeles. Ela prestou queixa de seu desaparecimento junto à polícia, afirmando que ele tinha uma arma. Em seguida, contratou um detetive particular para encontrá-lo antes que ele usasse a arma contra si mesmo.

Tom Grant, um oficial aposentado da polícia de Los Angeles e, na época, um detetive proeminente cujo currículo trazia muitos casos notórios envolvendo celebridades [1], trabalhou exaustivamente para encontrar o astro desaparecido. Mas, mesmo antes de o corpo ser descoberto, em decomposição há vários dias, Grant já tinha concluído que havia mais coisas naquele caso do que parecia a princípio.

Após a apressada cremação do cantor, o detetive implorou ao Departamento de Polícia de Seattle para reabrir o caso como possível homicídio. Ele tinha diversas preocupações, entre elas a de que o corpo de Cobain apresentava uma quantidade três vezes maior do que a dose letal de heroína; de que a arma encontrada ao lado de seu corpo não apresentava qualquer impressão digital que pudesse ser identificada; e a de que a carta de “suicídio” não tinha sido toda escrita com a sua letra.

Ele também estava confuso com o fato de a carta ter sido endereçada a BODDAH.

Ah, o punk!

> Era isso que eu estava procurando. Ah, o punk rock!
> – Kurt Cobain, aos 15 anos, após assistir a uma apresentação do Melvins

Kurt Cobain se dizia “uma criança extremamente feliz” até os 9 anos de idade.

“As coisas simplesmente se desdobravam à minha frente”, lembraria ele mais tarde. “Eu não tinha nenhum problema. Não havia nenhum obstáculo.” Durante esse período, o menino acreditava que era um et enviado para estudar os terráqueos. Seu melhor amigo era um companheiro extraterrestre chamado “Boddah”. A princípio divertidos pela fantasia, seus pais colocavam um lugar à mesa para Boddah durante as refeições. Finalmente, preocupados com o fato de que o filho não brincava com crianças de verdade, eles disseram a Kurt que Boddah tinha sido convocado pelo Exército e que tinha sumido no Vietnã.

Então, em 1976, Don Cobain, um mecânico de automóveis, e Wendy, uma dona de casa, se divorciaram.

ODEIO A MAMÃE, ODEIO O PAPAI, Kurt pichou na parede de seu quarto.

Wendy ganhou a custódia legal do filho e deu seu melhor para criá-lo sendo mãe solteira. “Eu me dediquei totalmente a ele”, disse a Michael Azerrad [2]. “Dediquei todos os minutos que passava acordada a ele.” Embora fosse um menino pequeno e obediente que

detestava esportes, ele se tornou respondão e propenso a ataques de fúria. Sem amigos, adotava animais perdidos e machucados. Wendy levou o filho a um psicólogo, que prescreveu Ritalin para tratar sua hiperatividade e explosões de raiva. Finalmente, sem saber como lidar com a indisciplina do rapaz, ela o mandou para morar com o pai e os avós no *parking* de trailers em que viviam. "As my bones grew they did hurt. They hurt really bad", cantou Kurt em *Serve the Servants*. "I tried hard to have a father. But instead I had a dad".

Por vezes, Don Cobain podia ser um disciplinador impaciente. Em uma ocasião, empurrara seu filho desobediente, com 6 anos de idade, do outro lado da sala. Ele era particularmente severo com o menino quando estavam em público. Certa vez, Kurt derrubou seu copo de água em um restaurante. Don agarrou-o pela cabeça, batendo-lhe com a mão fechada. "Foda-se ele por isso!", disse Kurt a Azerrad. "Acidentes não eram permitidos [...] Tínhamos que ser perfeitos o tempo todo."

Ainda profundamente apegado ao pai, ele implorou para que Don não se casasse novamente após o divórcio. Para acalmar o filho sensível, o sr. Cobain prometeu que não o faria, mas quebrou sua promessa. "Depois disso", recordou Kurt, "passei a ser uma das últimas coisas em escala de importância." Ele teve pouco contato com o pai pelo resto de sua breve vida. Como Lennon, Morrison e Garcia, ele se sentia órfão de pai.

Muito cedo, o futuro ícone da Geração x decidiu que estava destinado a ser ou um grande artista, ou um grande músico de rock. No jardim de infância, ele fazia desenhos perfeitos do Pato Donald, do Pluto e de outros personagens da Disney; no início da

adolescência, ele reproduzia vaginas, fetos e demônios hiper-realistas. Mais tarde, após ser preso por embriaguez e por danos ao patrimônio público (mais especificamente, pichação), Kurt matou o tempo na cadeia desenhando nus, que vendeu a seus colegas de cela para que se masturbassem. No segundo grau, as precoces habilidades artísticas de Cobain levaram-no à produção cinematográfica. Um de seus curtas em super-8 se chamava *Kurt Comete Suicídio Sangrento*. No filme, ele fingia cortar os pulsos com uma lata de refrigerante amassada.

"Tenho os genes do suicídio", disse a seus colegas de classe.

A instabilidade genética de Kurt competia com a de Elvis. Dois de seus tios-avós fraternos se mataram a tiros. Um terceiro tio-avô morreu de hemorragia cerebral depois de cair de uma escada. Seu bisavô materno esfaqueou o próprio estômago na frente da família e morreu mais tarde em um hospital para doentes mentais.

"Vou ser um músico famoso, me matar e sumir em uma chama de glória", Kurt disse a um amigo depois de decidir que seu futuro não estava nas artes, afinal, mas no *rock'n'roll*. Não o rock clássico nem o metal, mas o tipo de rock que expressava toda a sua infância – a energia maníaca, o isolamento, a rejeição, a dor. A *raiva*.

Kurt ganhou sua primeira guitarra de seu tio Chuck, baterista do Beachcombers, uma das melhores bandas de cover locais que só tocava sucessos. Embora fosse uma guitarra acústica japonesa de segunda mão, ela se tornou a menina dos olhos do adolescente de 14 anos. Ele começou a ter aulas com o guitarrista do Beachcombers, que logo lhe deu uma Ibanez elétrica e o ensinou a tocar sua música favorita, *Stairway to Heaven*.

Em 1985, duas semanas antes da formatura do ensino médio, Cobain, como Hendrix, abandonou a escola. Sua mãe, com quem voltara a morar na época, disse-lhe para arrumar um emprego ou dar o fora. Seu pai concordou em recebê-lo novamente se ele largasse a música e se alistasse no Exército. Kurt fez o exame de admissão para a Marinha, foi muito bem, mas se recusou a se alistar. Despejado tanto pelo pai quanto pela mãe, tornou-se um morador de rua. “Eu tentei a coisa do ‘amor duro’ com ele”, confessou Wendy mais tarde. Nos anos seguintes, ele dormiu debaixo de pontes, em carros abandonados e no quarto de hóspedes de dez famílias diferentes.

Nessa época, a única coisa que lhe dava ânimo era seu sonho. “Durante toda a minha vida, meu sonho foi ser um astro do rock”, disse. Ele só não tinha certeza de que tipo de rock. Kurt cresceu ao som de Beatles, Abba, elo, Queen e Zeppelin. Embora essas bandas fossem as suas favoritas, faltava algo à sua música. O elo perdido foi finalmente encontrado quando ele conheceu o som do Ramones, do Sex Pistols e dos heróis do underground de sua cidade natal, Aberdeen – os Melvins. Depois de largar a escola e os pais, Kurt tornou-se um dos *roadies* da banda. O líder do grupo, Buzz Osborne, apresentou-o a outros artistas punks, incluindo Flipper, MCD e o Butthole Surfers.

Substâncias controladas constituíam um sacramento para os punks. Na adolescência, Kurt consumiu grandes quantidades de bebida, maconha e ácido. Quando não havia mais nada à disposição, ele usava cola, xaropes para tosse e latas de aeros-sol. “Eu o vi despejar desodorante goela abaixo”, disse um amigo. “Ele

era absolutamente genial no quesito ‘novas formas de usar produtos de higiene pessoal’.”

Em 1987, ele formou sua primeira banda, a Fecal Matter – que, posteriormente, após uma troca de integrantes, se tornaria o Skid Row. O trio era composto por Kurt na guitarra, Krist Novoselic no baixo e Aaron Burkhardt na bateria [3]. Todos eram filhos do divórcio. Burkhardt e sua mãe recebiam pensão do governo. Ele era um “ímã de confusão” – como Kurt observou, de maneira aprovadora –, tendo certa vez atravessado com o carro a vitrine de uma filial local do supermercado ShopRite. “Novie”, um gigante desajeitado de mais de 2 metros de altura, também adorava uma destruição, especialmente quando estava no meio de um de seus porres de vinho barato na “terra do desenho animado”. Na época, ele descrevia a si mesmo como “estranho e desajustado [...] e muito deprimido”. Filho de um motorista de caminhão croata, Krist vivia com sua mãe, Maria, no andar de cima do salão de beleza que ela tocava, e sobrevivia pintando casas e trabalhando na lanchonete Taco Bell.

O trio punk fez sua estreia em uma casa de fazenda em Raymond, Washington, uma cidade de lenhadores muito parecida com Aberdeen (que Kurt descrevia como “Twin Peaks sem toda aquela emoção”). No final das contas, a balada era constituída por um bando de *yuppies* chapados em cerveja, como se recordou Burkhardt. Novoselic, completamente doidão e coberto de sangue falso, animou a noite pulando para fora e para dentro da casa pela janela e perseguindo os convidados. Na sequência, Cobain iniciou o *set list* com *Downer*, uma composição de sua autoria sobre o lado b da vida doméstica e do crescimento.

“Hand out lobotomies”, dizia o refrão, “to save little families”.

Quando o público começou a gritar pedindo Zeppelin, Black Sabbath e Beastie Boys, o líder da banda disparou *“Spank Thru”*, uma composição autobiográfica sobre masturbação.

O show teve de ser interrompido antes do final quando namorados irados correram para o palco improvisado sob uma chuva de garrafas de cerveja. Cobain correu para fora e encontrou seu baixista já no estacionamento, distribuindo chuvas douradas nas caminhonetes customizadas dos fãs. O futuro Nirvana conseguiu escapar por pouco no Fusca detonado de Novie.

Naquele dia, Kurt foi fisgado pelo *show business*.

* * *

Para azar de Cobain, seu primeiro trio não conseguiu encantar nenhuma *groupie*. Ele sempre foi tímido com garotas. Aos 20 anos de idade, ele havia mantido pouco contato íntimo com garotas, e nenhum deles se consumou. De acordo com seu diário, a primeira tentativa ocorreu com “uma garota semirretardada” na casa de seu pai. “Eu tentei trepar com ela, mas não sabia como”, confessou o adolescente de 16 anos.

Ele estava considerando a ideia de suicídio com mais seriedade nessa época, mas estava determinado “a não deixar este mundo sem saber o que é trepar de verdade”.

Aos 17, ele levou duas góticas até a casa de sua mãe para uma última dose de Romilar, um xarope para tosse, antes de dormir. Enquanto uma das garotas vomitava e caía desmaiada no quarto da frente, ele conseguiu levar a outra para a cama – mas não a tempo

de evitar que sua mãe entrasse no quarto feito um vendaval e ficasse furiosa. “Tira essa puta daqui!”

Kurt e Wendy não estavam exatamente se dando bem desde o divórcio. Ela começou a se divertir com homens com metade da sua idade, e todos os amigos dele a achavam gostosa. “Ele odiava a mãe”, disse seu melhor amigo, Dylan Carlson, “ele achava que *ela* era uma puta.”

Wendy finalmente sossegou e se casou com um estivador alcoólatra, Frank, que a espancava feio e aterrorizava Kurt. Uma noite, depois que Frank desmaiou, Kurt roubou suas armas e jogou-as no rio Wishkah [4], onde acampava com frequência. Na manhã seguinte, ele resgatou os objetos da água e os trocou por seu primeiro amplificador de guitarra em uma casa de penhores.

Frank passou a chamar Kurt de bicha após vê-lo perder seu primeiro torneio de luta livre na categoria peso mosca-ligeiro. Depois de se tornar um astro, Cobain confessaria ao *The Advocate* [5], uma publicação semanal voltada ao público homossexual, que ele se considerava homossexual, no segundo grau – pelo menos “em espírito”. “Comecei a me orgulhar do fato de ser gay, mesmo não sendo”, esclareceu. “[...] Eu costumava fingir que era gay só para transar com as pessoas. O rótulo de gay me deu a liberdade para ser esquisito e fez com que as pessoas soubessem que deveriam ficar longe de mim.” Seu primeiro amigo íntimo no segundo grau, Myer Loftin, um artista gay, “passou metade do tempo me salvando de querer me matar”, continuou, e concluiu: “Se eu não tivesse encontrado Courtney, provavelmente teria continuado a levar uma vida bissexual”.

No entanto, vários anos depois, a srta. Love diria à revista *Out* que seu marido tinha “se atracado com metade dos homens de Seattle”, e insinuou que Kurt tinha tido relações íntimas com Michael Stipe, do R.E.M. [6] Na biografia *Kurt Cobain*, Christopher Sandford relata que o próprio astro confessou a um amigo em Los Angeles que “teve relações com três ou quatro homens”. A revista *Penthouse* publicou relatos de um caso com um “artista famoso do sexo masculino” em Los Angeles. Fora isso, Cobain era conhecido por frequentar bares gays de costa a costa, e também quando estava em turnê pela Europa. Finalmente, um conhecido de Seattle, que preferiu manter sua identidade em segredo, declarou que, em seu último ano de vida, “Kurt estava frustrado tentando se manter hetero. Ele queria tanto acabar com aquele casamento (com Courtney) [...] que isso acabou por matá-lo”. Em 1992, ao se apresentar em Reading, Inglaterra, ele dedicou a Love uma música nova que tinha apenas três palavras: “Estou casado. Enterrado”.

No começo de sua carreira, Cobain foi ambíguo em relação à sua orientação sexual. Pioneiro do teatro punk provocador, começou a se vestir de mulher no palco. Em 1991, ele fez sua apresentação para a MTV trajando um vestido de baile amarelo de seda. Em um dos ensaios fotográficos do Nirvana, ele apareceu vestido de Scarlet O’Hara e compareceu a reuniões com seu produtor, David Geffen, em um roupão cor-de-rosa e com a calcinha de sua esposa. Na primeira apresentação do Nivarna no programa *Saturday Night Live*, ele deu um beijo de língua em seu baixista, Krist Novoselic. Em Newcastle, disse à multidão: “Sou homossexual, uso drogas e trepo com porcos barrigudos”. Em seu diário, escreveu: “Estou lactando [...] Meus seios nunca estiveram tão doloridos”. Além disso, o Rei do

Grunge resumiu sua orientação sexual nos dizeres da primeira camiseta do Nirvana: FILHOS DA PUTA QUE DÃO O CU, FUMAM CRACK E ADORAM SATANÁS.

Embora Kurt adorasse importunar os homofóbicos e tocar em concertos beneficentes pró-gays, de acordo com outro conhecido, Frank Hulme, ele ficava “profundamente envergonhado pelos boatos de que era gay”. Outro amigo de Los Angeles disse que ele “nunca superou a vergonha que se abateu sobre ele em Aberdeen, por ser viado”. Quando a namorada de Eddie Veder lhe disse em uma apresentação, “Kurt, Eddie disse que você curte chupar um pau”, ele ameaçou “espancá-lo até a morte” com sua guitarra Mustang. Mas, em vez disso, deu-lhe um chute no saco e desmaiou, caindo de cara na tigela de molho do bufê dos camarins.

Ao contrário de Eddie Veder, do Pearl Jam, de Axl Rose, do Guns N’ Roses e de Gene Simmons, do Kiss, o Rei do Grunge dormiu apenas com um punhado de *groupies* do sexo feminino. “Kurt era passivo e gostava de fazer o papel que tradicionalmente cabia às mulheres na cama”, confessou uma delas, “[...] a garota tinha que fazer todo o trabalho”. À revista *The Advocate*, em entrevista da qual viria mais tarde a se arrepender, Cobain disse: “Eu sempre fui uma pessoa realmente fraca e feminina, por isso achei que fosse gay por algum tempo, porque não achava nenhuma das garotas do colégio nem remotamente atraentes. Mas fico feliz mesmo por ter encontrado alguns amigos gays, porque eles realmente me salvaram de virar um monge ou coisa do tipo”.

* * *

A primeira namorada de verdade de Cobain foi Tracy Marander, uma bela coquete suburbana, bem no estilo de sua mãe. Ele se mudou para o apartamento de Tracy em Olympia, a pitoresca capital de Washington, que ele chamava de “A utopia da caldeira do diabo, onde todo mundo trepa com todo mundo”. Garçonete do turno da noite na Boeing, Tracy sustentava-o enquanto esperava, impaciente, que sua carreira deslanchasse. Com frequência, ela o levava para jantar e lhe comprava presentes, o que fazia com que Kurt se sentisse culpado. Eles faziam compras juntos, “como um casal casado”, lembraria ele mais tarde, e Kurt sentia-se cada vez mais frustrado por não poderem fazer mais “coisas artísticas” juntos. Tracy, por sua vez, estava cada vez mais chateada com a atitude antissocial do namorado, para não falar de sua resistência em arrumar um emprego. “Eu era um monge”, admitiu ele, fazendo coro com Lennon. “Sempre fui assim.” As atividades monásticas do futuro astro no apartamento de Tracy incluíam tocar guitarra, misturar drogas com álcool, batizar as sopas que tomava durante a tarde, cuidar de seu zoológico (cinco gatos, quatro ratos, dois coelhos, diversas tartarugas e uma calopsita) e criar arte pornô-punk.

Seu colega do ensino médio, Myer Loftin, visitou-o em seu refúgio e descreveu-o como “um museu de arte dadaísta, com bonecas e roupas sujas de merda, artefatos de cultura pop esquisitos e uma estátua da Virgem Maria sem cabeça [7]”. As montagens surrealistas de Kurt eram povoadas por aliens com pênis encolhidos, fetos em sarjetas e mulheres com chifres dando à luz ou defecando. Todas as suas telas eram envernizadas com aquilo que ele chamava de “ingrediente secreto”: seu esperma.

“Olha, dá pra ver como brilha!”, dizia, excitado, a Tracy quando ela voltava da Boeing para ver sua obra-prima mais recente. Em outra ocasião, ela encontrou a geladeira coberta por uma colagem de anúncios com fotos de iguarias finas de supermercado e textos ginecológicos que apresentavam imagens de vaginas deformadas por doenças.

“Kurt era fascinado por coisas absolutamente repulsivas”, observou a garçonete.

Como Cobain ainda não conseguia pagar o aluguel com o recém-criado Nirvana, muito menos com sua Arte Bruta, Tracy pressionou-o para arrumar um emprego normal. Ele cedeu e começou a limpar consultórios médicos ao preço de 4,75 dólares a hora, mais benefícios – qualquer droga que conseguisse encontrar neles.

A única experiência de trabalho do futuro Rei do Grunge foi como faxineiro: depois de largar o colégio Weatherwax High, ele se tornou limpador de chão na escola (o que mais tarde seria a inspiração para o velho faxineiro mostrado no vídeo *Smells Like Teen Spirit*, do Nirvana). Mas Kurt nunca foi o tipo de pessoa que levava trabalho para casa. Exatamente como sua mãe sempre fizera, atormentando-o, sem sucesso, para que ele limpasse sua sujeira, Tracy sempre deixava bilhetes divertidos com listas de tarefas para ele na gaveta de frios e na geladeira forrada de fotografias de bocetas. Mas Kurt sempre teve um orgulho artístico da imundície. “Era um lugar bem fedido, bem odorífico”, gabava-se ele do pequeno bangalô que alugara antes de ir morar com Tracy. Um entregador do jornal *Daily World* testemunhou o fato em primeira mão. “O fedor quase me fez desmaiar”, relatou o garoto.

“Havia tartarugas rastejando no chão e bonecas penduradas no teto pelo pescoço [8].”

A imundície com a qual Cobain convivia obviamente não tinha nada a ver com falta de recursos. O futuro milionário costumava deixar as suítes de hotéis cinco estrelas nos quais se hospedava em estado lastimável. Seu ônibus de turnê “fedia a alguma coisa pior do que merda”, disse um *roadie* do Nirvana, e correm boatos de que sua mansão cheirava a comida podre, fezes e vômito. Quando a polícia de Seattle respondeu a uma chamada de emergência vinda de sua casa, os policiais que a atenderam ficaram impressionados com a “completa sujeira e um bafo de decomposição” da propriedade. A biógrafa de Courtney, Melissa Rossi, escreveu: “A imundície era tão absurda que uma empregada recém-contratada entrou na casa e saiu correndo imediatamente, gritando ‘Satanás vive aqui [9] !’”

Kurt tratava sua higiene pessoal com o mesmo rigor. Ele raramente tomava banho ou escovava os dentes, e evitava comer maçãs porque faziam sua gengiva sangrar muito. Ele era um verdadeiro romântico do repulsivo. Para os psicólogos, sua escatofilia podia ser um indicativo de problemas graves na fase da retirada das fraldas, ou ainda um indício de ódio contra si mesmo. Mas é irônico que o futuro Pai do Grunge tenha escolhido ser um faxineiro, ainda que não fosse muito apegado ao negócio.

No outono de 1989, Kurt se aposentou do trabalho como faxineiro e gravou o álbum de estreia do Nirvana, *Bleach*, para a Sub Pop Records, um modesto selo punk de Seattle. Ele enviara sua fita demo para incontáveis selos, incluindo nos pacotes as réplicas em miniatura de sua arte, bem como camisinhas cheias de

moscas mortas que ele extraía das diversas fitas mata-moscas que tinha penduradas no teto de seu quarto. Apesar do conteúdo inovador e exclusivo, ninguém deu retorno. Foi quando Jonathan Poneman, da Sub Pop, um *aficionado* por punk nascido no noroeste dos Estados Unidos, ouviu a música *Love Buzz*. Ele contratou o Nirvana e despachou o grupo para fora do país em uma turnê miserável dentro de um ônibus caindo aos pedaços.

Ao voltar para casa, Cobain, ainda sem um centavo, foi rejeitado em um emprego de limpador de canil. Então, com seu baixista, Krist, ele tentou lançar seu próprio negócio no ramo de limpeza, a Pine Tree Janitorial. Foi salvo do enrosco quando a Sub Pop agendou uma turnê do Nirvana para divulgar *Bleach* pelos Estados Unidos no verão de 1990.

Essa turnê foi tão bem-sucedida que, ao final, Poneman previu que o Nirvana poderia vir a ser “maior do que os Beatles”.

Cobain voltou para Olympia e deu o fora em sua benfeitora, Tracy Marander. Embora magoada, também ficou aliviada. Ela descobrira recentemente que Kurt havia começado a usar heroína durante as gravações de *Bleach*. Como faxineiro, ele desinfetava pisos de hospital. Agora, um astro viciado, ele desinfetava suas agulhas usadas.

Minha heroína

> Conheci a garota mais maneira do mundo.
> – Kurt Cobain

"Heroína", como ele a chamava, tornou-se a companheira frequente de Kurt Cobain após a segunda turnê europeia do Nirvana. "Decidi usar heroína todos os dias", escreveu ele em seu diário, "por causa de uma dor de estômago crônica [...] que literalmente me deixou a ponto de querer me matar. Durante cinco anos senti uma azia nauseante e dores lancinantes na boca do estômago [...] Consultei 15 médicos diferentes e tentei 50 tipos de medicação contra úlcera. A única coisa que funcionou foram os opiáceos mais fortes."

Cobain provou os primeiros frutos do estrelato quando assinou com a Virgin Records, da Geffen. Ele gastou metade de seu adiantamento de 3 mil dólares em uma maratona de compras na loja Toys "R" Us. Depois, injetou heroína e atirou nas janelas do edifício da Loteria Estadual de Washington com sua nova pistola de ar.

Com certeza, esse foi um dos dias mais felizes na vida do jovem Cobain. Finalmente, ele tinha quase tudo com que sempre sonhara – um grande contrato, dinheiro, brinquedos e todo opiáceo disponível na face da Terra.

Só faltava uma coisa, mas não por muito tempo.

Quando se encontraram pela primeira vez no clube Satyricon, em Portland, Oregon, em 1990, ela bateu forte em seu estômago

em chamas e – com 7 centímetros e 13 quilos a mais que ele – socou-o até caírem no chão. “Eu a achei parecida com Nancy Spungen [10]”, lembrou o astro mais tarde. “Provavelmente, quis transar com ela aquela noite, mas ela foi embora.”

Um ano depois, seus caminhos se cruzaram novamente em um show do Butthole Surfers e do L7 em Los Angeles. Courtney Love acabara de terminar de forma bastante difícil um relacionamento com Billy Corgan, fundador do Smashing Pumpkins. Ela vinha acompanhando o desempenho do Nirvana nas paradas desde 1988, e recentemente enviara a Kurt uma caixa em forma de coração (em inglês, *heart-shaped box*, que mais tarde se tornaria o título de sua canção de sucesso) contendo uma boneca de porcelana – um “bebê-defunto” que representava seu fetiche artístico. Do encontro dos dois nos bastidores no Palladium, ela lembrou: “Estabelecemos um vínculo por meio de nossos produtos farmacêuticos”. Eles dividiram o Hycomine, um xarope para tosse, um do outro. Depois, tiveram outra luta, “apenas um ritual de acasalamento para pessoas disfuncionais”, lembrou-se Courtney. O casal se encontrou novamente cinco meses depois nos bastidores da festa de lançamento do álbum *Nevermind*, em Chicago, e finalmente dispensaram as preliminares pugilistas e foram direto ao assunto no quarto de hotel de Kurt no Days Inn.

Antes de uma apresentação ao vivo de *Smells Like Teen Spirit* no programa de TV britânico *The Word*, Cobain anunciou: “Só quero que todo mundo nessa sala saiba que Courtney Love, do grupo pop Hole, é a melhor trepada do mundo”.

Courtney chamava Kurt de “Carne de Fada” [“Pixie Meat”], por causa de seu corpo franzino de duende e de sua tara pela banda

Pixies. Posteriormente, ela disse que tinha uma “ereção feminina” sempre que via ou ouvia Carne de Fada, especialmente depois que *Nevermind* desbancou *Dangerous*, de Michael Jackson, do topo das paradas em janeiro de 1992. Mas a relação do casal era mais do que comercial ou física. Courtney foi a primeira garota com a qual Kurt realmente pôde conversar. “Opostos bipolares se atraem”, escreveu ele em seu diário. Além de música punk e drogas, eles discutiam os paralelos entre a infância dos dois e brigavam sobre qual tinha sido pior.

Courtney Love Michelle Harrison nasceu em San Francisco no dia 9 de julho de 1965. Seu pai, Hank Harrison, foi um dos primeiros empresários do Grateful Dead (o baixista da banda, Phil Lesh, era padrinho de Courtney). Sua mãe, Linda Carrol, era psicóloga e herdeira da fortuna dos produtos ópticos Bausch & Lomb.

Os Harrison se divorciaram anos depois do nascimento da filha. Linda obteve a custódia de Courtney alegando, entre outras coisas, que Hank dera ácido à criança quando ela tinha 3 anos de idade (uma acusação que ele nega com veemência). No entanto, a menina logo provou ser incontrolável, mesmo careta. “Ela era o pior pesadelo da mãe”, escreveu sua biógrafa e amiga, Melissa Rossi [11]. A instável e volátil Courtney foi enviada a um analista e diagnosticada como hiperativa, portadora de distúrbio do déficit de atenção e autismo leve. Mais tarde, ela afirmaria ter sido molestada não apenas por seu pai, Hank – ou, como ela também o chamava, BioPai –, mas também pelo terceiro marido de sua mãe, Frank Rodriguez, bem como por seu terapeuta, dr. Pharr, que tentou restabelecer sua ligação com os pais por meio das técnicas de renascimento da terapia Gestalt. Mais tarde, a garota passou por

internatos, lares adotivos e reformatórios, o que a levou do Oregon para a Nova Zelândia, para a Austrália e de volta aos Estados Unidos. Como Kurt, Courtney fora amaldiçoada desde criança por pesadelos mortais e passou a manifestar inclinações suicidas. Ela odiava suas irmãs mais novas e foi proibida de brincar com elas. O biógrafo Poppy Brite [12] relatou um episódio ocorrido quando Courtney tinha 10 anos, na Nova Zelândia, no qual ela cortou a si mesma com folhas de grama e pensou em se jogar de um penhasco.

Aos 12 anos, ela foi presa por furtar uma camiseta do Kiss numa loja da Woolworths, sendo enviada para o Reformatório de Hillcrest, em Portland, Oregon. A assistente social que cuidou de seu caso disse que ela era “a pessoa mais astuta, sagaz e desonesta” que já havia atendido. Sua mãe, Linda, disse que ela “odiava a escola” e “odiava toda e qualquer coisa”. Courtney dizia ter sido uma “criança demônio”. Ela mesma lembraria mais tarde de um incidente em Hillcrest: “Esfaqueei uma garota só porque não gostava da cara dela”. Seu livro favorito era *O senhor das moscas*, sobre um grupo de colegiais ingleses náufragos que se tornam canibais. Seus interesses literários também se estendiam à poesia. A seguir, um típico soneto de Love quando adolescente:

Destruirei qualquer um em meu caminho.
Matarei qualquer trepada ruim –
Pois estou de olho em um Encontro Futuro.

Aos 16 anos, a srta. Love viajou para o Japão e trabalhou como *stripper* no “mercado de escravas brancas”, como ela o chamava. Deportada pouco tempo depois, a adolescente levou seu corpinho

minimamente vestido para o Alasca. Seu ídolo agora era Nancy Spungen. Como Courtney, “Nauseating Nancy” [algo como Nancy Repugnante], apelido dado pela imprensa, tinha uma história psiquiátrica bastante rica: era suicida e propensa à violência homicida. De forma bastante apropriada, ela odiava tudo, menos música punk e heroína. Posteriormente, Courtney faria o teste para interpretar sua heroína em *Sid e Nancy, O Amor Mata*, mas, para sua frustração, conseguiu apenas um papel secundário no filme de 1986.

Ao atingir a maioridade, a srta. Love mudou-se para Liverpool com a pensão de 800 dólares de seu fundo da Bausch & Lomb. Entrando de cabeça na cena musical de vanguarda, passou a tomar ácido, a usar heroína e a transar com todo mundo que tivesse alguma fama. Apesar de seu trabalho no mercado de escravas sexuais e de suas afirmações sobre ter sido molestada pelo pai, pelo padrasto e por seu terapeuta, ela disse ter perdido a virgindade com Michael Mooney, do Echo and the Bunnymen. Mooney, mais tarde, alegou não ter nenhuma lembrança do acontecido. Além disso, Hank Harrison, que na época estava na Irlanda, lembrou-se de que a filha estava se prostituindo nas ruas naquela oportunidade.

Aos 13 anos, Courtney voltou para a vida de seu BioPai, com quem não tinha contato desde o divórcio, dez anos antes. Sua mãe havia lhe dito que Hank estava morto. O reencontro não foi feliz. Do tempo que passaram juntos na Irlanda, Harrison, em seu livro de 2002, *Kurt Cobain: beyond Nirvana*, escreveu: “Tive de aceitar seu vício em heroína, seu lesbianismo oportunista [...] e sua boca imunda – sem qualificação [...]. Tive de ser seu bode expiatório, papel que Kurt eventualmente acabou por preencher”. Ele declarou

que sua filha sentia “um ódio insano por homens”, que ele acreditava ter se originado de sua convicção de que ele, seu pai, a abandonara.

Voltando para a Inglaterra, Courtney logo acabou na cama de Julian Cope, fundador da banda psicodélica pós-punk The Teardrop Explodes. Anos mais tarde, em 1991, Cope mandaria publicar o seguinte anúncio:

> LIVREMO-NOS DAS HEROÍNAS SEM NOME AFICIONADAS POR NANCY SPUNGEN QUE SE AGARRAM AOS NOSSOS MAIORES GRUPOS DE ROCK E CHUPAM SEUS CÉREBROS.

Quando um repórter pediu a ele que dissesse o que o anúncio significava, Cope declarou: “Ela [Courtney] precisa levar um tiro e eu vou me encarregar disso”.

Deixando Liverpool do dia para a noite, Courtney, então com 19 anos, voltou para os Estados Unidos. Quando ficava sem saber o que fazer, no início dos anos 1980, ela se instalava na casa de seu pai na Califórnia. Harrison lembrou-se de que ela ameaçou matá-lo diversas vezes e de que a filha deu sua escova de dentes para um amigo portador de HIV, além de quase ter incendiado a casa toda. “Piromania era seu nome, e fogo era o seu jogo”, escreveu ele. Justificando sua tolerância, ele explicou: “Ela confundia meus sentimentos de amor e culpa com fraqueza [...] Em sua selva, estúpidos como eu eram servidos no lanche da tarde”.

Abandonando o pai e a Califórnia, Courtney passou a se dedicar ao roqueiro *glam* Rozz Rezabek-Wright, de 27 anos, o vocalista

exibicionista da banda Theatre of Sheep, de Portland, Oregon. Rozz, que a chamava de “O Tornado Negro” e “minha cura para a felicidade”, logo decidiu que a cura era pior do que a doença. Courtney nunca reagiu bem ao fato de ser descartada – embora tivesse bastante experiência no assunto. “Eu roubei por você, menti por você e me prostituí por você”, disse ela ao ingrato ex-namorado antes de destruir seu apartamento. Em seguida, vestindo uma camiseta do Theatre of Sheep e uma calcinha preta, ela cortou os pulsos com uma gilete. Tudo isso em pleno Dia dos Namorados, 14 de fevereiro de 1983 [nos EUA].

Por despeito, ela se casou com o roqueiro punk “Falling” James Moreland, que se autoproclamava o “Eddie Fisher do punk rock”. Conhecido pelas letras picantes e por suas acrobacias no palco em vestidos de gala e meias-calças arrastão, Falling James logo se desiludiu com a noiva. “Pensei que estava casando com o Johnny Rotten de saias. Em vez disso, acabei com essa Phyllis Diller de direita.”

Moreland percebeu que a lua de mel havia acabado quando sua esposa ateou fogo na cama enquanto ele dormia e depois prometeu pagar 200 dólares para que alguém o “enchesse de porrada”. “Ela passava a maior parte do tempo zoada de tanta droga”, confessou ele. “Ela podia ser incontrolavelmente violenta [...] e parecia saber coisas demais sobre matadores de aluguel.” A gota-d’água para James pingou quando Courtney engravidou, continuou a usar heroína e sofreu um aborto. Ele então anulou o casamento em Las Vegas. De acordo com Melissa Rossi, um grupo neonazista de garotas skinheads sequestrou-a, levou-a de carro até a fronteira do Canadá, em Bellingham, e jogou-a na estrada, completamente nua.

Ao voltar para Los Angeles, ela deu início à sua carreira como cantora na banda Faith No More. O conjunto de rock hardcore dispensou-a depois de apenas quatro shows, num dos quais – como um tributo a Iggy Pop – ela rolou sobre cacos de vidro e ateou fogo nos próprios cabelos.

Nos cinco anos que se seguiram, Courtney passou por uma sucessão de grupos femininos, dos quais se destacam Sugar Baby Doll, Pagan Babies e Babes in Toyland. Finalmente, em 1989, ela conseguiu formar seu próprio grupo, o Hole, com o guitarrista Eric Erlandson.

No ano seguinte, a srta. Love encontrou-se com Carne de Fada pela primeira vez.

* * *

Assim que seus rituais de acasalamento disfuncionais acabaram no quarto do Hotel Days Inn, no outono de 1991, Kurt e Courtney tornaram-se o Primeiro Casal do Punk por excelência. Ambos eram viciados em heroína e os amigos debatiam quem era o responsável por tornar o vício do outro ainda pior. Mas todos concordavam que, dadas as similaridades existentes no passado de ambos, um não era uma influência saudável para o outro.

“Vocês dois são como uma catástrofe da natureza”, disse um amigo a Kurt.

Outro perguntou: “Por acaso vocês são Sid e Nancy?”.

Kurt e Courtney consideraram isso um elogio. Seus predecessores provaram ser o Romeu e Julieta do punk desde que Sid, completamente doido de heroína, esfaqueou Nancy até a morte

com uma faca de caça antes que ela tivesse a oportunidade de fazer o mesmo com ele.

O novo Primeiro Casal também constituía uma combinação bastante volátil. Quando a *Rolling Stone* perguntou mais tarde a Kurt sobre o segredo do relacionamento dos dois, ele respondeu: “É como água mineral e ácido de bateria. Misture os dois e o resultado é o amor”.

A verdade era que, em virtude da infância infernal dos dois, eles compartilhavam uma única e poderosa emoção: o ódio. “Eu odeio a mamãe, eu odeio o papai”, escreveu Kurt em sua parede aos 9 anos de idade. “Ela odeia a escola, e odeia toda e qualquer coisa”, disse mais tarde a mãe da cantora. Courtney notou como o marido sentia “um desdém quase sem fim por seu próprio público”. Kurt não discordava. Ele conversou com Michael Azerrad sobre “odiar tanto as pessoas” e ter um sentimento de “vingança pessoal contra todos [...] porque eles nunca correspondem às minhas expectativas”. Compassiva, sua futura esposa reuniu uma lista de todas as pessoas em sua vida que ela odiava e queria matar. Em resumo, o casal encontrou a fórmula do amor no ato de odiarem pessoas em conjunto. E foi essa a base de um relacionamento funcional até que a situação cobrou seu preço, e eles começaram a se odiar mutuamente.

O ódio, para não falar do medo, sempre foi um elemento crucial para a ética niilista do punk. Os punks eram os Holden Caulfields da Geração x, aqueles que levaram sua raiva e alienação ao ponto máximo. Quanto mais puto, de saco cheio e fodido você estivesse – mais bacana você era. Quanto mais repulsivos fossem sua aparência e seu comportamento, mais atraente você ficava. E, o

mais importante, você não podia dar a mínima para nada, exceto sacanear as pessoas antes que elas o sacaneassem. Essa atitude pragmática era duas vezes mais potente na sinergia ocorrida entre um casal punk.

Mas o amor de Kurt e Courtney não era feito apenas de ódio. Embora Kurt tivesse uma força que só podia ser avaliada quando estava no palco, fora dele sua tendência era de se isolar em um canto, mesmo em suas próprias festas. Ele adorava a maneira como sua heroína sugava todo o oxigênio de uma sala e mexia com a cabeça das pessoas. Não interessava qual o método utilizado: uma garrafa quebrada na cabeça, uma cuspida na cara, uma citação de Sylvia Plath, discursos bombásticos de militantes feministas *à la* Susan Faludi – golpes diferentes em pessoas diferentes. A tolerância de sua esposa era quase zero quando o assunto era ser ignorada. Sua "boca [...] era como uma motosserra, destruía tudo em seu caminho", escreveu Rossi. Em contrapartida, em sua carta "suicida", Cobain disse ser "um chorão castrado e infantil", e, no álbum *Nevermind*, cantou sobre estar "capado e esterilizado".

Resumindo, a srta. Love tinha o que faltava a Cobain: colhões. Isso acabou por resolver seus problemas de identidade sexual, pelo menos por algum tempo.

Da sua parte, Courtney também admirava Kurt. Ele tinha um disco de sucesso, o que já era mais que seus predecessores – Cope, Rezabek, Falling James – conquistaram.

Provando de forma ainda mais definitiva que sua relação não era de todo negativa, o casal tomou uma decisão positiva – para não dizer surpreendentemente convencional –, logo no começo. Certo dia, depois de se picarem juntos após um evento beneficente em

prol da descriminalização do aborto em Los Angeles, o casal tropeçou num pássaro morto durante um passeio em uma área verde. Arrancando três penas do animal, Kurt deu uma a Courtney e ficou com a segunda. “E esta aqui”, disse ele sobre a terceira, “é para o bebê que nós vamos ter.” Courtney lhe deu um beijo na bochecha. “Devemos procriar”, concordou. “É melhor do que arrumar um macaco.”

Quando *Nevermind* atingiu o topo das paradas, Courtney disse a Kurt que estava grávida. Em fevereiro de 1992, em um penhasco com vista para a praia de Waikiki, ele deu a Courtney Michelle Harrison Rodriguez Menely Moreland Love mais um nome. A noiva usou um vestido de renda de Frances Farmer [13]. O noivo usou um pijama de flanela verde. Mais tarde, ele explicou que normalmente usava pijamas para “caso o Senhor dos Sonhos venha bater na minha porta”. Em vez de suportar atividades “inúteis” e “entediantes”, como ele as chamava, “prefiro dormir [...] ou entrar em coma”. Ele sempre teve tendência a ataques de narcolepsia. Mas, apesar de ter usado heroína antes de trocar votos com sua esposa ao pôr do sol havaiano, ele conseguiu ficar acordado. As núpcias não o entediaram, nem a ideia de se tornar um “papai do punk rock”.

Na verdade, Kurt adorava a ideia de ser pai, mas temia que ele e sua esposa tivessem um “bebê-golfinho”, como as crianças anfíbias que desenhara quando menino. Na época, ambos sustentavam um vício de 300 dólares por dia em heroína. Assim, no segundo trimestre de gravidez de Courtney, ambos passaram por uma “desintoxicação de hotel” pré-natal no Holiday Inn. Essa foi a primeira das muitas desintoxicações às quais Cobain se submeteria,

e a segunda da srta. Love. As atividades incluíam metadona, pílulas para dormir, diarreias e vômito a distância.

Depois disso, Kurt ficou aliviado de ver as ultrassonografias do que parecia ser um feto normal, que ele achou parecido com um "feijãozinho [14]".

Frances Bean Cobain nasceu em agosto de 1992. Considerando Kurt, na época com 25 anos, e Courtney, então com 27, "pais inadequados", o Serviço Social assumiu a custódia da criança. A decisão foi resultado de um *exposé* da revista *Vanity Fair* intitulado "Estranho Amor", que classificava Courtney como viciada, mãe inadequada e dona de uma "personalidade perigosa". Enquanto isso, o *Globe* estampou a seguinte manchete na primeira página: "filha de astros do rock nasce viciada!*" .* Os temores de Courtney pareciam ter sido ainda piores. Durante o parto, ela gemia: "Você vai ter só *uma* cabeça!".

Devastado pela cobertura da mídia, Kurt invadiu a maternidade com uma arma. Ele ameaçou acabar com a própria vida e a da esposa alegando um possível pacto suicida. No final, os Cobain se decidiram por um método mais prudente: Courtney infernizou a autora do artigo, Lynn Hirschberg, com ameaças de morte. Enquanto isso, Kurt disse ao único escritor no qual ainda podia confiar, Michael Azerrad: "Primeiro, vou pegar seu cachorro e estripá-lo na frente dela, depois vou cagar nela toda e esfaqueá-la até a morte". Dizendo-se "aterrorizada pelo resto da vida", Hirschberg se recusou a pronunciar mais uma palavra sequer a respeito dos Cobain.

Mas a jornalista já havia colaborado com as escritoras britânicas Victoria Clarke e Britt Collins, que estavam escrevendo um livro

sobre o Nirvana. Embora Kurt tivesse aprovado o projeto, deixou a seguinte mensagem no telefone de Clarke quando descobriu que a escritora tinha conversado com Hirschberg: “Se aparecer alguma coisa nesse livro que machuque minha esposa, quem vai lhes machucar sou eu [...] Vou arrancar seus olhos, suas putas [...] suas vagabundas parasitas! [...] Estou disposto a gastar uma boa grana só para dar sumiço em vocês, mas talvez eu tente um processo primeiro!”.

Agora que seu homem estava finalmente mostrando que tinha colhões ao sair em defesa de sua honra, a srta. Love retribuiu o favor: “Eu nunca vou perdoar vocês, suas putas”, escreveu para as autoras. “[...] Vou caçar vocês duas, suas vagabundas, pelo resto da vida [...] Vocês vão desejar nunca terem nascido.” Posteriormente, a diva do punk espancaria Hirschberg na cerimônia do Oscar de 1995, acertaria Collins com um copo e sairia arrastando a escritora pelos cabelos para fora de um bar em Los Angeles [15].

Até aquele momento, ninguém tinha tentado ferrar Kurt de verdade. É fato que seus pais o deixaram pirado, que ele tinha apanhado na escola e que os caipiras de sua cidade o xingaram de viado e insultaram sua música. Mas o ataque de Hirschberg e o roubo televisionado de sua própria filha representavam uma atrocidade completamente diferente e muito mais grave. Ainda assim, constituíam a realidade inevitável da fama: a vida em um aquário cheio de peixes carnívoros, o sacrifício da vida pessoal e a transformação em mercadoria pública. Kurt Cobain, quase um desconhecido um ano antes, agora era o mega-astro milionário e a voz de uma geração, gostasse ele ou não. Seu sonho já estava se tornando um pesadelo.

Três semanas depois que sua filha foi levada, Kurt concordou de má vontade em ser a atração principal do MTV Music Awards, insistindo em tocar sua nova música, *Rape Me*. “Rape me, hate me”, dizia a letra. “Do it and do it again. Waste me. Rape me.” A MTV entrou em pânico, temendo que isso pudesse espantar os fãs de *Teen Spirit*. Kurt começou a apresentação com os primeiros acordes de *Rape Me*, sem se importar, mas passou para *Lithium*, cantando “I kill you. I´m not gonna crack”.

Os Cobain gastaram os seis meses seguintes, além de 240 mil dólares em advogados, lutando para recuperar Frances Bean. Para não entrar em surto nem matar ninguém no processo, Kurt compôs músicas para o quarto álbum do Nirvana, *In Utero*, que ele queria chamar de *I Hate Myself and I Want to Die* [Eu me Odeio e Quero Morrer]. Como condição para obter a custódia da filha, o Serviço Social ordenou que os Cobain entrassem em um programa de reabilitação de 30 dias e se submetessem a testes de urina aleatórios. Depois de concluírem o programa em março de 1993, o casal finalmente levou seu bebê para casa [16].

“Nem sei dizer o quanto minha atitude mudou desde que tivemos Frances”, declarou Kurt, extasiado, ao *Los Angeles Times*. “Pegar meu bebê no colo é a melhor viagem do mundo.”

Na realidade, depois do nascimento de sua filha, Cobain mal tinha terminado o programa de desintoxicação quando saiu dos trilhos novamente. Apenas dois meses após recuperar a custódia de Frances, Kurt teve uma overdose em sua residência em Seattle, e poderia ter morrido se Courtney não tivesse ligado para a polícia.

O astro teria mais 12 overdoses nos dez meses que se seguiram, antes de ter uma espingarda apontada para sua boca.

Miss Mundo

> Can’t look you in the eye
> I am the girl you know
> I lie and lie and lie
> I’m Miss World
> – Courtney Love, *Miss World*

O Nirvana terminou de gravar o álbum *In Utero* quando o casal conseguiu a guarda da filha de volta. De acordo com o produtor do disco, Steve Albini, Courtney tinha “dado uma de Yoko” nas sessões de gravação. “Não quero envergonhar Kurt falando sobre a vaca maligna e psicótica que a esposa dele é”, continuou Albini, “especialmente porque ele já sabe disso.” Courtney também sabia. “Me chame de Yoko Love”, disse ela. “[...] Todos eles me odeiam. Todo mundo me odeia até a alma.”

Devido ao grande sucesso de *Nevermind*, ela persuadiu Kurt a renegociar seus contratos. Nos termos do acordo original, os lucros eram divididos igualmente entre os três membros do Nirvana. Após a renegociação, Kurt passou a receber 75% dos lucros sobre as músicas e 100% sobre as letras – a serem pagos de forma retroativa. Também foi exigido um reembolso de meio milhão de dólares em royalties de cada um deles. O acordo colaborou bem pouco para estreitar a já delicada relação de Courtney com o baixista Krist Novoselic e com o baterista Dave Grohl. O Nirvana quase se separou.

Meses antes, Kurt havia dito a um repórter que Courtney era realmente uma “boa amiga” de Krist e Dave, exceto pelo “mal-estar” após o *exposé* da *Vanity Fair*. Quem disse isso foi o Kurt apaziguador pós-*Vanity*. “Boa amiga” era um exagero; mal-estar, um eufemismo. Na realidade, Krist e Dave estavam cada vez mais desgostosos e frustrados com o vício debilitante de Kurt, reforçado pelo vício da própria Courtney. Depois do artigo de Hirschberg, a esposa de Krist, Shelli, jogou mais lenha na fogueira denunciando Courtney como mãe viciada e irresponsável, com a aprovação velada do baixista. Quando Courtney forçou a revisão do contrato, castrando Novoselic e Grohl financeiramente, eles não tiveram dúvidas de que isso fora uma de suas vinganças. O mal-estar também não passara, como sugeriu Kurt. Na última turnê da banda, Krist e Dave viajaram em seu próprio ônibus. No final, eles desprezaram o funeral que Courtney fez para Kurt, organizando uma cerimônia própria.

“Desde que Courtney entrou na vida de Kurt”, escreveu Rossi, “seus amigos quase não o reconheciam mais.” O músico Tad Doyke, que viajou em turnê com o Nirvana inúmeras vezes, disse à *Melody Maker*: “Ela está fora de controle. Onde houver problemas, ou ela vai encontrá-los ou vai aumentá-los [...] Ela é nojenta”. Os funcionários de Courtney também não pareciam gostar dela, sentimento aparentemente mútuo. Em menos de dois anos, ela despediu 15 babás de Frances. Depois de finalmente fazer as pazes com a *Vanity Fair* e permitir que a publicação a elogiasse em sua matéria de capa em 1995, ela disse à revista, com sua costumeira candura: “Todo mundo quer me ver morta. Mas eu não vou morrer. Eu sou uma barata”.

Mas se Courtney, a princípio, estava afastando a grande maioria das pessoas de sua convivência na época em que *In Utero* foi lançado, ela também começou a afastar seu marido. Embora os problemas do casal fossem inúmeros e complexos, podiam ser explicados em uma única palavra: fama. Kurt odiava ser famoso, enquanto Courtney amava cada minuto.

“Se eu tivesse a menor ideia do que ia acontecer comigo alguns anos atrás”, disse Kurt, “definitivamente não teria optado por esse estilo de vida.”

“Eu adoro atenção, adoro a a ostentação dessa coisa toda”, declarou Courtney [17]. “Quem diz que odeia isso só pode ser idiota ou mentiroso.”

O solteiro que morara satisfeito em seu Dodge azul caindo aos pedaços enquanto o álbum *Nevermind* subia feito um foguete nas paradas estava casado apenas alguns meses depois, andando em limusines e dormindo em suítes presidenciais com sua esposa. Após serem despejados do Four Seasons e de todos os grandes hotéis de Seattle por vandalismo, eles compraram uma propriedade milionária no Lago Washington, vizinha ao imóvel do presidente da Starbucks, Howard Schultz. Mais tarde, os Cobain foram vistos “rosnando um com o outro como cães selvagens” na concessionária American Dream Car. Por insistência de Courtney, eles levaram um Lexus preto novo em folha que Kurt, envergonhado e enojado, devolveu alguns dias depois.

Do ponto de vista de Kurt, ele até podia ser dono de um Lexus e de uma mansão – mas a pena para esse luxo era a de que o público passaria a ser *seu* dono. E sua alma era um preço alto demais a ser pago por algo que ele odiava e que sua esposa amava. Além disso,

ele se sentia criativamente tolhido pelas exigências de seus fãs, que queriam mais hinos punks repletos de angústia como os gravados em *Nevermind*. O calendário da turnê deixara-o esgotado, e, embora uma parte dele se percebesse como um "garoto prodígio intocável", a outra se sentia indigna da atenção internacional que lhe estava sendo dispensada. "As pessoas passaram a tratá-lo como a um deus", explicou seu assessor de imprensa, Nils Bernstein, "e isso o deixava puto da vida", razão pela qual ele tinha começado a destruir quartos de hotéis cinco estrelas com tamanha dedicação. "Estávamos nos sentindo esquisitos porque todo mundo nos tratava como reis", disse ele a Azerrad, "então, tivemos de destruir tudo."

Mas sua ira frustrada estava se alimentando de um poço bem mais fundo. Ser rico e famoso violava a lei mais básica do punk. Os punks de Seattle já o tinham marcado com a letra escarlate: "escória vendida", apesar de ainda comprarem seus discos e afluírem em bandos aos seus shows, como se esperassem vê-lo se enforcar nas cordas da própria indústria que agora o manipulava como a um fantoche. Ele estava fazendo tudo o que podia para se livrar desse rótulo. Em abril de 1991, na sessão de fotos de sua primeira capa da *Rolling Stone*, ele usou uma camiseta especial: REVISTAS CORPORATIVAS AINDA CONTINUAM SENDO UMA MERDA. Na sequência, ele acusou seus concorrentes – Guns N' Roses e Pearl Jam – de serem vendidos. Nesse meio-tempo, ele defendia sua posição em todas as entrevistas que dava, reclamando sobre como "a inocência da música underground foi vilipendiada pelo conceito corporativo do que significa underground".

Talvez ele tivesse se livrado da cruz de sua fama com mais facilidade se sua esposa não se empenhasse tanto em mantê-lo

pregado a ela. Ele poderia ter jogado toda a culpa das “armadilhas da fama” nas costas de Courtney, e a história provavelmente teria colado. Mas isso o teria colocado em uma posição ainda mais indefensável, confirmando que ele era sim seu marido pau-mandado – outro rótulo que o comia vivo. “Definitivamente, não há qualquer tipo de manipulação nesse relacionamento”, disse ele à *The Advocate*. “Me enoja pensar que todo mundo presuma isso.” Anos antes, Lennon havia sido ainda menos diplomático sobre a influência que Yoko exercia sobre ele, dizendo à *Playboy*: “Você acha que estou sendo controlado como um cachorro na coleira. Fodam-se vocês, irmãos e irmãs!”.

Essa foi exatamente a atitude que Courtney disse para Kurt adotar: Vão se foder! Ela não tinha trabalhado dez anos em bares de *striptease* e espeluncas punks para dar para trás quando tudo finalmente começava a dar lucro. E quanto ao que Kurt sofreu pelo punk? Ele tinha limpado um chão ou outro, brincado com suas tartarugas, esporrado em meia dúzia de quadros quando, do nada, uma mina de ouro caiu diretamente no seu colo e ele começou a choramingar.

A garota com a maior fatia de bolo não tinha paciência nenhuma com esse tipo de coisa. Quase dava vontade de fazer um favor a ele e acabar com o seu sofrimento. Não seria nem assassinato. Seria eutanásia.

* * *

Embora tivessem recuperado seu bebê e as vendas do Nirvana estivessem explodindo, o Primeiro Casal do Punk tinha começado a

brigar com tanta frequência e violência quanto seus predecessores, Sid e Nancy.

Courtney prestou sua primeira queixa de agressão contra Kurt em junho de 1993. De acordo com seu relato, ela e o marido tiveram uma discussão por causa das armas que ele tinha em casa. Então ela jogou um copo de suco na cara do marido, que tentou estrangulá-la em retribuição. Mas Courtney assumiu total responsabilidade pelo incidente e insistiu em ser presa. Outra briga estourou para ver quem seria algemado e fichado. Kurt, como bom cavalheiro, ganhou a disputa, passou horas na cadeia do condado de King e foi liberado quando sua esposa se recusou a prestar queixa. Ainda assim, a polícia confiscou suas armas de destruição em massa: duas pistolas calibre .38 e um rifle de assalto semiautomático.

Embora Courtney não tivesse dificuldade alguma em gastar os milhões de Kurt, ela acabou adquirindo o hábito de atacá-lo com utensílios de cozinha, gritando que ele era um “inútil” e um “perdedor”, assumindo uma postura muito semelhante à da mãe do astro anos antes. Diante disso, ele fez a mesma coisa que havia feito naquela época: deu no pé. Ele partiu para a turnê europeia do álbum *In Utero*. Kurt detestava a ideia de partir para uma terra incivilizada, onde não tinha qualquer conexão que pudesse lhe arrumar drogas e onde ninguém era “capaz de fritar um hambúrguer decente”, mas ele precisava do dinheiro tanto quanto das férias conjugais.

Kurt ligou para Courtney de Munique, e a conversa do casal logo se transformou em um concurso para ver quem tinha a garganta mais potente. Courtney, viajando com Frances, estava em Londres

promovendo o novo álbum do Hole, *Live Through This*, a ser lançado dentro de um mês. Kurt ouvira rumores de que ela estava dividindo sua suíte com o ex-namorado, Billy Corgan. Cobain sempre odiara “Billy Abóbora”, como ele o chamava [18]. Depois de bater o telefone na cara da esposa, ele ligou para sua advogada, informando-a que queria o divórcio. Ele disse a mesma coisa a seu velho amigo Buzz Osborne, vocalista do Melvins, que fizera o show de abertura para o Nirvana em Munique naquela noite. No dia seguinte, por ordens médicas, Kurt cancelou a turnê do Nirvana em virtude de bronquite, laringite e exaustão. Não é de se estranhar que sua voz e seu vigor parecessem forçados ao cantar “My girl, my girl, don’t lie to me. Tell me, where did you sleep last night? [...] I’m going where the sun don’t ever shine – I would shiver the whole night through”.

Cancelando o Learjet que havia reservado para viajar com Billy e ela para Majorca, a dedicada esposa de Kurt voou para Roma e foi encontrar o marido no Hotel Excelsior. Ao chegar, Kurt, confuso, presenteou-a com rosas vermelhas e um pedaço do Coliseu romano, quase da mesma forma como Lennon cantou *Losing You* e *Starting Over* para Yoko em *Double Fantasy*. A recíproca de Courtney foi fria. Ela preferia “Billy Abóbora”. Com essa última rejeição, Kurt entregou uma carta de três páginas. Mais tarde, ela disse a Tom Grant, o detetive particular que contratou: “Foi muito duro para mim [...], nada agradável. Falava sobre divórcio”. Pensando no futuro, como disse mais tarde a um repórter, ela pagou um boquete para seu marido naquela noite, guardou seu sêmen em um copo e depois o congelou; mas acabou por descobrir que não o

fez a uma temperatura baixa o suficiente para preservá-lo para a posteridade.

Logo cedo, na manhã seguinte, uma ambulância saiu em disparada do Excelsior para o hospital Policlínico Umberto, levando Courtney, totalmente vestida e maquiada, e Kurt, em coma. O astro passou por uma lavagem estomacal e acordou 20 horas depois. Suas primeiras palavras para sua esposa, que estava ao lado de seu leito, rabiscadas em um bloco de anotações devido aos tubos inseridos em sua garganta, foram: “VAI SE FODER”. Depois, ele pediu um milk-shake de morango para a enfermeira.

Foram encontrados champanhe Dom Perignon e 60 cápsulas de Rohypnol – a droga do golpe “boa noite cinderela” – no organismo de Cobain, uma dose normalmente fatal. Antes de partir para Roma, a srta. Love foi entrevistada pela revista *Select* em seu quarto de hotel em Londres, e havia “uma caixa de Rohypnol em cima de sua grande mesa de mogno”. Naquela época, o sonífero era vendido sem prescrição médica na Inglaterra. Charles Cross, a quem a viúva mais tarde daria autorização para escrever a biografia do marido, escreveu que Kurt tinha sua própria receita da medicação, fornecida por um médico nos Estados Unidos, e que ele comprara o medicamento antes de sua overdose em Roma [19] .

Se isso for verdade, qual foi a receita usada para comprar o Rohypnol que Cobain ingeriu? Teria ele tomado 60 comprimidos de forma consciente ou teria sido o medicamento, insípido e de fácil dissolução, colocado em sua taça de champanhe [20]?

Courtney insistiu na primeira hipótese, qualificando mais tarde (após a morte de Kurt) a carta de divórcio de três páginas como “bilhete de suicídio”. Parafraseando o documento, ela disse que Kurt

escreveu: “Você não me ama mais. Prefiro morrer a passar por um divórcio”. A carta nunca foi apresentada às autoridades de Roma. As únicas pessoas a vê-la foram os detetives do Departamento de Polícia de Seattle. “Ela disse que era um bilhete de suicídio, mas não era”, declarou uma fonte do Departamento. “Era uma carta incoerente, nada lisonjeira com ela.” Ela confessou ter queimado a carta pouco tempo depois da morte do marido.

O médico que tratou Cobain, dr. Osvaldo Galletta, disse a Max Wallace e Ian Halperin, autores de *Love and death* e repórteres investigativos: “Normalmente, é possível dizer quando há tentativa de suicídio. Essa não me pareceu uma delas”. Janet Billig, uma empresária do Nirvana, confirmou a posição de Galletta: “Kurt insistiu que não se tratava de um bilhete de suicídio. Ele só pegou todo o dinheiro que ele e Courtney tinham e ia fugir, desaparecer”. A Geffen Records também emitiu uma declaração afirmando que o caso todo não passara de um “acidente”. Cobain confirmou essa afirmação, mas se recusou a discutir o incidente em mais detalhes. Na realidade, sua memória sobre aquela noite fora provavelmente prejudicada, já que overdoses de Rohypnol em geral causam confusão prolongada e amnésia. “Cobain não sabe o que aconteceu com ele”, confirmou o dr. Galletta na época. “Ele ainda não recuperou sua memória completamente.”

Mas se Courtney despejou a droga no copo de Kurt sem o conhecimento dele, por que ela chamou uma ambulância? Ela mesma admitiu à revista *Rolling Stone* que encontrou o marido em coma no chão do quarto do hotel às 3h ou 4h da madrugada, mas só chamou a ambulância às 6h30 da manhã, e nunca forneceu uma explicação para a demora. Mais cedo, naquela manhã, a Geffen

Records recebeu uma mensagem telefônica de “uma mulher que se identificou como Courtney dizendo que Kurt havia morrido”.

“Se ele acha que vai se livrar de mim assim tão fácil, pode esquecer”, disse a sra. Cobain para a revista *Spin* depois que seu marido recobrou a consciência no hospital Umberto. “Eu vou com ele até o inferno.”

Sobreviva a isso

> I’m all I wanna be
> A walking study in demonology.
> – Courtney Love, *Celebrity Skin*

> Eu posso ser uma grande mentirosa, mas não nas minhas músicas.
> – Courtney Love

Eldon Hoke, conhecido como El Duce, estava apoiado na porta da Rock Shop, uma espelunca de discos punks na West Hollywood, completamente bêbado. Era uma tarde agradável daquele dia 28 de dezembro de 1993. Uma limusine branca estacionou na frente da loja, o motorista abriu a porta e uma loira platinada, gloriosamente descabelada, desceu do veículo. Ela caminhou serpenteando até a janela da loja, expirando a fumaça de seu cigarro na direção do céu. Ela conhecera Duce por intermédio da baterista do Hole, Carolyn Rue, que teve um caso com o guitarrista da banda de Duce, Sickie Wifebeater (Espancador Doentio de Esposas), em 1989.

“El, o merda do meu marido tem agido feito um verdadeiro cuzão ultimamente”, ela disse. “Preciso que você estoure os miolos dele.”

O vocalista do Mentors, que tinha muito mais experiência em cantar esse tipo de coisa do que propriamente em fazê-la, perguntou se ela estava falando sério.

“Sério como um maldito infarto”, respondeu ela. E então lhe ofereceu 50 mil dólares e uma passagem de avião para Seattle.

A Segunda Dama dos Estados Unidos, Tipper Gore, tinha proporcionado a El Duce e a seus colegas de banda – Sickie e Dr. Heathen Scum (Dr. Escória Selvagem) – seus 15 minutos de fama em 1985, quando leu a letra de sua música *Golden Showers* em pleno Senado.

“Bend up and smell my anal vapors. Your face will be my toilet paper.”

Desde então, a popularidade do Mentors tinha decaído e o roqueiro de metal pornô acabara fazendo um bico na Rock Shop, passando a aceitar qualquer trabalho remunerado para sustentar suas necessidades alcoólicas e farmacêuticas.

“Cinquentas milhas?”, disse ele. “Adiantado?”

Ela sorriu e ofereceu um bônus.

Mas El era um homem de princípios: “Desencana do boquete, só me passa a grana”.

Ele entregou à loira seu cartão de visitas. Ela disse que entraria em contato [21] .

Três meses depois, quando Courtney voltou de Roma para os Estados Unidos, ela telefonou para a Rock Shop e perguntou por El Duce. De acordo com Wallace e Halperin, o gerente da loja, Karush Sepedjian, disse a ela que El estava em turnê com o Mentors e não havia como encontrá-lo. “Ela ficou furiosa”, lembrou-se Sepedjian. “Disse: ‘Preciso falar com ele. Ele tem um trabalho a fazer!’”

Joe Mama, um amigo de Courtney, confirmou que, naquela época, ela realmente se encontrava “histérica” e “assustada”. Seria porque, como acredita o detetive Grant, a overdose de Roma não

fora um acidente, afinal, mas sim uma tentativa mal-sucedida de assassinato? Seria porque Kurt – apesar de sua incapacidade de lembrar do ocorrido por causa da overdose – estava determinado a pedir o divórcio e excluí-la de seu testamento, como tinha ameaçado?

Quando o cinegrafista Nick Broomfield perguntou mais tarde ao "babá" dos Cobain "o que havia de tão estranho acontecendo naquelas últimas semanas", ele respondeu: "Havia muito falatório sobre testamento. Muito mesmo. Ela [Courtney] tinha controle total sobre ele [...] cada segundo que podia [22]". Peter Cleary, um dos amigos de Kurt em Seattle, acrescentou: "Ela estava sempre disparando insultos contra ele, mesmo em público. [...] Ela o chamava de imbecil filho da puta o tempo todo. E ele só ficava ali, aguentando tudo. [...] Ele era como um bebê".

Mas Kurt estava lutando com todas as forças para se libertar nesse seu último mês de vida. Depois de voltar de Roma para Seattle, ele disse a Courtney que iria matar a galinha dos ovos de ouro, o Nirvana. Ele também recusou 9,5 milhões de dólares para fazer a abertura do festival Lollapalooza, e não permitiu que o Hole substituísse o Nirvana. Resumindo, ele já estava pelas tampas com ela. Estava de saco cheio de tudo. Ele queria sua alma de volta.

Courtney ficou tão furiosa que sequer conseguia pensar com clareza. Mas, sempre acreditando no ditado "a melhor defesa é o ataque", ela mandou que sua advogada, Rosemary Carroll, encontrasse o "advogado de divórcio mais cruel e pernicioso disponível". Ela também queria saber se o acordo pré-nupcial que tinha assinado podia ser cancelado. Sim, era possível, mas apenas em caso de infidelidade, respondeu a advogada. A srta. Carroll se

viu em uma posição bastante delicada com o conflito de interesses, pois acabara de receber uma ligação de Kurt na qual o astro pedia para que ela *lhe* arranjasse um advogado de divórcio, que refizesse seu testamento, excluindo Courtney, e que viabilizasse a dissolução do Nirvana. Ou seja, seu cliente não só estava cometendo suicídio profissional como também estava arrastando a carreira da esposa para a lama no processo.

Rosemary tentou primeiro a via diplomática, sugerindo a ambos que fizessem terapia de casal e procurassem ajuda médica para tratar seu problema com drogas. Ela sabia muito bem que, apesar de todas as desintoxicações, ambos mantinham vícios terminais. Ela atrasou os papéis do divórcio e do testamento, esperando que eles obtivessem ajuda antes que as coisas piorassem.

Mas as coisas pioraram apenas dez dias depois de os Cobain terem voltado de Roma. Atendendo a um chamado de emergência em 18 de março de 1994, a polícia correu para a mansão no Lago Washington para encontrar Cobain trancado no banheiro e a srta. Love presa do lado de fora, bastante agitada. Ela disse aos policiais que seu marido estava ameaçando se matar com um tiro. Mas, quando Kurt abriu a porta, não só ele não portava nenhuma arma como disse que *ela* ameaçara matá-lo. Os policiais, cansados de atenderem chamadas de emergência provenientes da casa dos Cobain, deram uma prensa em Courtney por prestar declarações falsas, mas confiscaram as armas de Kurt por garantia.

Uma semana depois, a esposa apareceu com outra surpresa para o marido sitiado, que ainda se encontrava confuso pela overdose de Rohypnol. Kurt voltou para casa e encontrou uma multidão aguardando: seus empresários, executivos do selo de sua

gravadora, um assistente social especializado em abuso de drogas, o “babá” de sua filha, seu melhor amigo e traficante, Dylan Carlson, além de Courtney. Tratava-se de uma intervenção. Como quase todos os presentes tinham seus próprios problemas com abuso de substâncias, sendo três deles viciados autênticos, Kurt compreendeu do que se tratava: não era uma intervenção relacionada a seu problema com drogas, mas sim uma interferência de viciados em dinheiro. Em virtude de seus vícios, todos os presentes estavam preocupados com a possibilidade de que Kurt estivesse tentando se livrar da droga favorita de cada um deles próprios: o dinheiro.

Seus empresários se alternavam entre aconselhá-lo e bajulá-lo. A mãe viciada de sua filha disparou uma última palavra de preocupação solícita: “Isso tem que acabar. [...] Você tem que ser um bom pai”.

“Quem caralhos são vocês para me dizerem isso tudo?”, rugiu Kurt, disparando escada acima para dar um trato em sua própria viagem e jogar seu game favorito, *Mortal Kombat*.

Antes que Kurt saísse da sala, Courtney lhe disse que se ele não se desintoxicasse, ela não teria escolha a não ser levar embora sua filha de 18 meses.

Frances era o único ser vivo com o qual Kurt ainda se importava. Através dela, ele quase conseguia revisitar a inocência e a alegria que conhecera tantos anos antes, quando ainda era uma criança. A filha era sua última esperança de sobreviver e a última tábua de salvação. Sem ela, ele sabia que estava perdido.

* * *

Percebendo que nunca conseguiria a custódia de Frances nas condições em que estava, Kurt se internou no Centro de Recuperação Exodus, em Marina del Rey. A clínica Exodus é a *alma mater* de artistas como David Crosby, Steven Tyler, Joe Walsh e muitos outros.

Cobain considerou a experiência de ser evangelizado por um bando de hippies maconheiros “nojenta”. Ele passou 48 horas em seu cubículo de 6 metros quadrados aturando conselheiros e fumando na sala de recreação com Gibby Haynes, do Butthole Surfers. Finalmente, ele abandonou a clínica sem autorização. Era 1º de abril de 1994 – Dia da Mentira.

Enquanto isso, do outro lado da cidade, sua esposa se internara no hotel Bervelly Hills Peninsula a fim de fazer sua própria desintoxicação. Ela carregou consigo seu trunfo: Frances.

Depois de escapar da clínica Exodus, Kurt deixou uma mensagem para Courtney no Peninsula. Ele tomou o último voo da Delta para Seattle e pegou um táxi para sua casa no Lago Washington. Lá, ele encontrou o “babá” de sua filha, que morava na residência, Michael Cali DeWitt. Cali era viciado e ex-amante de Courtney. Um *castrati*, ele apenas seguia ordens. Cali tinha acompanhado Courtney a Roma. Alguns acreditam que foi ele quem comprou o Rohypnol com a receita dela. Algumas pessoas dizem que Kurt o detestava; outras, que ele gostava de Cali. Há quem acredite ainda que o astro despediu Cali e o expulsou da propriedade naquela noite em Seattle. Outros supõem que eles se picaram juntos e conversaram.

De qualquer forma, na manhã seguinte, um sábado, Courtney ainda estava bastante ocupada em sua suíte no Peninsula. Ela

cancelou os cartões de crédito de Kurt e ligou para a Rock Shop novamente. Em seguida, vasculhou a lista telefônica em busca de um detetive particular.

Em Seattle, várias testemunhas viram Kurt dirigindo seu velho Dodge azul acompanhado de uma loura. Provavelmente, sua companheira era uma das seguintes pessoas: Kaitlin Moore, sua fornecedora de heroína e possível amante, ou Kat Bjelland, a guitarrista da banda Babes in Toyland, que na ocasião estava hospedada na cabana dos Cobain em Carnation.

Tom Grant foi um dos poucos detetives particulares em Los Angeles a atender o telefone no domingo de Páscoa de 1994. Courtney convocou-o ao seu hotel. Depois de dizer ao detetive que "arrancaria seu rabo" na Corte caso ele divulgasse qualquer informação, ela o contratou para encontrar Kurt. Grant insistiu para que ela revelasse qualquer pista que pudesse ter sobre o paradeiro do marido. Ela insistiu não fazer ideia, esquecendo de mencionar a ligação anterior de Kurt, bem como o telefonema de Cali informando que o marido havia estado na propriedade do Lago Washington no sábado por volta da meia-noite. Assim, Grant, sem suspeitar de nada, deu início à busca a partir do zero.

Na segunda-feira de manhã, Courtney ligou para a polícia de Seattle. Identificando-se como Wendy Cobain, ela prestou queixa do desaparecimento, insistindo que seu "filho" estava "armado com uma espingarda" e era um "suicida".

Pouco antes de partir para a reabilitação, Kurt havia comprado uma Remington calibre .20 com seu amigo Dylan Carlson. Por causa do confisco recente de seu arsenal pela polícia de Seattle, a arma foi registrada no nome de Dylan. E, em virtude de um

arrombamento recente em sua casa no Lago Washington, Kurt insistiu em ter a arma para sua proteção. De acordo com Wallace e Halperin, ele também disse a Dylan que sua vida estava em perigo. Posteriormente, quando Grant perguntou a Dylan se Kurt era suicida, ele respondeu: “Não, de jeito nenhum. Ele estava sob muita pressão, mas estava lidando muito bem com tudo”. Cobain tinha “um monte de planos” para colocar em prática após a reabilitação, acrescentou Dylan. Ele estava compondo novas músicas e planejava gravar um álbum com Michael Stipe, do R.E.M.

Os psicólogos da clínica Exodus que trataram de Kurt também não o consideravam um suicida. Antes de abandonar o local, seu amigo, Joe Mama, visitou-o e disse: “Eu estava pronto para encontrá-lo deprimido e completamente na merda. Mas ele parecia ótimo!”. Kurt dissera recentemente a David Fricke, da *Rolling Stones*, que os problemas estomacais crônicos que o atormentaram durante anos e o tornaram suicida tinham finalmente sido diagnosticados corretamente como uma escoliose, e o remédio prescrito por seu médico o tinha curado.

“Estou comendo!”, disse ele a Fricke. “Nunca estive mais feliz na vida.”

Na terça-feira, 5 de abril, o álbum do Hole, *Live Through This*, foi lançado. Courtney, insistindo que estava muito ocupada em Los Angeles para acompanhar pessoalmente as buscas pelo marido, enviou para Seattle seu guitarrista, Eric Erlandson, para ajudar na procura por Kurt. Eric verificou a casa no Lago Washington, depois a propriedade em Carnation, a 32 quilômetros dali, mas voltou de mãos vazias.

Enquanto isso, nem Tom Grant em Los Angeles nem seu parceiro em Seattle tinham encontrado qualquer traço de Kurt. Assim, na quarta-feira, Courtney mandou o detetive voar para Seattle a fim de realizar outra busca, dessa vez com Dylan. Os dois visitaram a mansão no Lago Washington no final daquela tarde. Como Eric um dia antes, a dupla não encontrou ninguém. Cali tinha ido embora, mas a TV em seu quarto ainda estava ligada, um indício de que ele havia saído às pressas para evitá-los. Tom e Dylan retornaram à propriedade uma segunda vez, após a meia-noite. Chovia bastante e eles não verificaram a estufa, acreditando que fosse um depósito não utilizado.

Na quinta-feira de manhã, a dupla se dirigiu até a cabana em Carnation para fazer outra busca. Enquanto isso, Courtney, furiosa ao saber que Cali tinha abandonado seu posto no Lago Washington, telefonou para o viciado no apartamento de sua namorada em Seattle e mandou que ele retornasse imediatamente. Cali obedeceu. Logo após sua chegada, ele deixou um bilhete no corrimão da escadaria, no qual se lia: “Kurt – não acredito que você conseguiu entrar nesta casa sem que eu percebesse. Você é um cuzão filho da puta por não ligar para Courtney. Faça o favor de pelo menos ligar para ela para dizer que está bem ou ela vai *morrer*”.

Após ter falado com Cali do escritório de Rosemary Carroll, Courtney voltou para sua desintoxicação no hotel Peninsula, esquecendo, porém, sua mochila no escritório da advogada. Carroll, por sua vez, olhando o conteúdo da mochila, encontrou uma lista de afazeres de sua cliente, na qual estava escrito “ser presa”.

Pouco tempo depois, as autoridades receberam uma ligação anônima de emergência relatando uma possível overdose na suíte

da srta. Love no Peninsula. Ao entrarem apressados, os paramédicos encontraram as paredes cobertas de vestígios de sangue e vômito, além da própria diva estendida no chão, em "estado deplorável [23]". Embora sua recuperação no Hospital Municipal Century tenha sido rápida, Courtney foi presa por posse de drogas. Ela insistiu que apenas tinha sofrido uma reação alérgica ao Xanax que tomara sob prescrição médica. Quanto ao pó branco encontrado pela polícia em sua suíte, não se tratava de heroína, mas de cinzas hindus da sorte.

Liberada após o pagamento de uma fiança de 10 mil dólares, ela telefonou para Dylan Carlson em Seattle. Eram 9h da noite de quinta-feira. Ela disse que sofrera uma overdose e fora presa, mas que tudo não passara de um mal-entendido. De volta à busca, ela mandou que ele voltasse imediatamente ao Lago Washington com Grant para procurar a nova espingarda de Kurt em um compartimento secreto.

"Por que ela não falou sobre esse compartimento antes da primeira busca?", perguntou-se Grant.

Ele e Dylan voltaram para a casa do Lago Washington mais uma vez. Não encontraram nenhuma espingarda no tal compartimento secreto, e Cali havia sumido novamente. Mas eles acharam o bilhete escrito por ele para Kurt no corrimão da escada.

"Teria Courtney o enviado até a casa com a finalidade explícita de encontrar essa nota?", ponderou Grant. Poderia tal mensagem ser posteriormente utilizada como um tipo de álibi? Mais do que nunca, o detetive estava começando a achar que "essa coisa toda está cheirando muito mal".

Horas mais cedo, naquela quinta-feira, antes de sua “overdose”, Courtney tinha tratado de um outro assunto bastante importante: ela ligou para a Veca Security Systems, que na época estava instalando alarmes na residência do Lago Washington, pedindo que, no dia seguinte, colocassem um detector de movimento na estufa.

Quando seu dia de trabalho finalmente chegou ao fim, a srta. Love deixou o Peninsula e, para que ninguém dissesse que ela não estava comprometida com sua desintoxicação, instalou-se na Clínica de Recuperação Exodus, a mesma que seu marido abandonara cinco dias antes.

Na manhã seguinte, sexta-feira, ela acordou em seu cubículo para encontrar Rosemary parada em sua porta, tremendo, sem fala.

Courtney grudou as mãos no próprio rosto. “como?”, soluçou ela.

Naquela noite, a viúva de Cobain rastejou sobre o piso ensanguentado da estufa do Lago Washington, gritando “por quê?”.

Os eletricistas da empresa de alarmes que ela enviara à estufa tinham descoberto o corpo de seu marido no início daquela manhã. O corpo já se encontrava em *rigor mortis* completo.

O legista estimou que o astro se encontrava morto desde a terça-feira.

Grant, no entanto, calculou mais tarde que Cobain estava morto desde o domingo de Páscoa.

Cameron e Hartshorne

O detetive-chefe de homicídios da polícia de Seattle, sargento Donald Cameron, e seu colega, dr. Nikolas Hartshorne, legista-chefe, concordaram imediatamente que se tratava de um “caso evidente de suicídio”.

Já o detetive contratado pela viúva não tinha tanta certeza. Para ele, as evidências não pareciam corroborar a conclusão oficial. Grant acreditava ser o único cético até que Wallace e Halperin entraram em cena.

Primeiro, havia a questão da overdose. O IML encontrou 1,52 miligrama de heroína por litro de sangue no organismo de Cobain – uma quantidade três vezes maior do que a dose letal máxima para um viciado crônico de peso normal. Cobain pesava 52 quilos.

“Nunca vi ninguém com esses níveis”, disse Denise Marshall, legista adjunta no Colorado, a Wallace e Halperin. “É simplesmente inacreditável.”

“Uma overdose de heroína dessa magnitude”, declararam ela e outros especialistas forenses, “teria incapacitado Cobain de forma imediata.” Ele teria sido incapaz de guardar a seringa e outros instrumentos na caixa de charutos encontrada a seu lado, muito menos de colocar a espingarda na própria boca e puxar o gatilho. Ele teria perdido a consciência imediatamente, provavelmente antes de injetar toda a dose. Em overdoses anteriores, as agulhas tiveram de ser extraídas do braço de Kurt quando ele já estava inconsciente. Essa dose era substancialmente mais forte do que as outras.

“Em suicídios envolvendo armas de fogo, você sempre vê a vítima ainda agarrada ao cano da arma”, disse o legista-chefe Hartshorne aos jornalistas, explicando que teve de arrancar a espingarda das mãos de Cobain. “Esse é um sinal evidente de que a ferida foi autoinfligida. Esse tipo de evidência não mente.”

No entanto, nem todos os especialistas forenses concordam sobre esse fenômeno, chamado espasmo cadavérico.

“Pela minha experiência”, disse a dra. Marshall a Wallace e Halperin, “tudo nesse caso aponta para uma cena montada, alguém tentando fazer um assassinato se passar por suicídio. [...] O espasmo cadavérico ainda pode ocorrer em um homicídio.”

Marshall vislumbrou o seguinte cenário: alguém colocou Valium ou Rohypnol na lata de refrigerante de Cobain (uma lata de refrigerante Barq’s foi encontrada ao lado de seu corpo, contendo ainda três quartos de seu conteúdo, mas foi descartada pela polícia de Seattle sem qualquer teste para verificar a presença de drogas ou de impressões digitais). Quando ele perdeu a consciência, recebeu um “pico mortal” – a imensa dose de heroína. A seringa e outros instrumentos foram novamente guardados na caixa de charutos encontrada a seu lado. Então o criminoso colocou a espingarda nas mãos frouxas de Cobain, que estava inconsciente. Pressionando sua própria mão sobre a de sua vítima, o assassino puxou o gatilho. Os dedos de Cobain, cujos nervos ainda estavam ativos, se contraíram em torno do gatilho em espasmo cadavérico.

Há alguma forma de confirmar ou descartar esse *modus operandi*?

“As fotos devem mostrar o que aconteceu”, garantiu Marshall. “Veja bem, se alguém realmente segurou a mão de Kurt ao redor da

arma e puxou o gatilho, uma certa quantidade de sangue provavelmente respingou na mão desse indivíduo, deixando uma área limpa, sem marcas de sangue, na mão de Kurt. É possível analisar as fotos e determinar se foi ou não um suicídio encenado."

"Eu teria de ver as fotos", concordou Vernon Geberth, ex-comandante da Força-Tarefa de Homicídios do Bronx. "As fotos revelam tudo."

A polícia de Seattle tirou fotos da cena do crime com filme de 35 milímetros e com polaroides. Ainda que não mostrassem um padrão "vazio" indicador de respingos de sangue na mão de Cobain, as fotos certamente revelariam o que os detetives já tinham admitido: que havia uma poça de sangue a seus pés, não em torno de sua cabeça. O corpo teria de ter sido movido após o tiro.

Tanto Grant quanto Wallace e Halperin entraram com um pedido para ver as fotos, baseados no princípio da liberdade de informação. O pedido foi negado. Logo após a petição de Grant, Don Cameron enviou um memorando interno a seu superior. A certa altura, o documento dizia: "Courtney Love procurou seu advogado, preocupada com a liberação de qualquer imagem da cena do crime. Seu advogado, Seth Lichtenstein, ligou e perguntou se as fotos poderiam ser destruídas para evitar que vazassem por engano".

Além das fotos, haveria alguma impressão digital? Além das impressões de Cobain, pelos menos duas pessoas haviam manipulado a Remington calibre .20: o vendedor da arma e Dylan Carlson. Mas a polícia encontrou apenas quatro impressões latentes – não identificáveis. Portanto, é provável que a arma tenha sido limpa. A casa, normalmente imunda e desarrumada, também tinha passado por uma faxina. Quando Dylan chegou ao local, procurando

por Kurt, disse a Grant: “Nunca vi essa casa tão limpa antes”. Cobain nunca fora fanático por limpeza, seja de sua residência, seja pessoal, mas, de acordo com o eletricista que encontrou seu corpo, “parecia que o cabelo de Kurt tinha sido arrumado por um cabeleireiro. Estava todo ajeitado e por igual”.

Quanto à caneta fincada no bilhete de “suicídio”, a polícia também não encontrou nenhuma impressão, latente ou não. Portanto, a caneta, tal como a arma, foi limpa, ou quem a manipulou utilizou luvas. O programa *Unsolved Mysteries*, da NBC, contratou Marcel Matley e Reginald Alton, especialistas internacionais em análise de caligrafia, para examinar o documento. Ambos concluíram que Cobain escreveu a maior parte do bilhete de 500 palavras, mas não a primeira nem as quatro últimas linhas.

Na primeira linha está escrito “Para Boddah” – seu amigo imaginário de infância. As quatro últimas linhas dizem:

Por favor, siga em frente, Courtney
Por Frances
Por sua vida, que vai ser muito mais feliz
Sem mim. TE AMO! TE AMO!

A nota em si, no entanto, não tinha nada a ver com o destinatário, explícita ou implicitamente, nem com sua esposa ou filha.

A carta era um pedido de desculpas aos fãs do Nirvana: “Não sinto mais entusiasmo em ouvir ou fazer música [...] já há muito tempo [...] Sinto-me tão culpado por isso que nem tenho palavras para expressar [...] Não posso enganá-los. A nenhum de vocês”. Estava assinada “Kurt Cobain”. Logo, essa parece ser uma carta de

aposentadoria do Nirvana, e talvez do próprio ramo musical [24]. A ideia de suicídio não era aventada no documento, exceto pelas quatro últimas linhas, cuja caligrafia tinha sido falsificada.

Mas quem teria feito a falsificação?

Além do lembrete “Ser Presa”, Carroll descobriu outro item na mochila de Courtney: uma folha de papel na qual ela estava praticando diferentes estilos de caligrafia para cada letra do alfabeto.

Apesar de todos esses indícios, o sargento Cameron insistiu que Cobain não poderia ter sido assassinado porque as portas duplas da estufa estavam trancadas por dentro, e com uma banqueta servindo de escora. Mas, como ressaltou Grant, a tranca era uma trava de girar simples, que poderia ser fechada pelo lado de fora. Quanto à banqueta, a polícia mais tarde admitiu que, na realidade, ela estava no meio do aposento, e não calçando a porta.

E havia ainda a questão do cartão de crédito. Examinando a carteira de Cobain, os detetives descobriram que seu Mastercard, emitido pelo banco Seafirst, havia sumido. Nos dias que se seguiram à morte de Kurt, diversas movimentações – relativas a compras e saques em dinheiro de até 5 mil dólares – tinham sido feitas e recusadas. Como o cartão fora cancelado, o banco só pôde rastrear os horários dos débitos rejeitados, não os lugares onde as transações ocorreram. A polícia de Seattle nunca investigou o roubo do cartão, e nunca o encontrou. Também não investigaram uma queixa prestada por Kurt, feita pouco antes de sua morte, de que os pneus de seu Volvo, estacionado abaixo da estufa, havim sido rasgados. Será que alguém tinha a intenção de restringir sua mobilidade?

Uma semana após a morte de Cobain, Grant apresentou algumas dessas evidências a Cameron. Mas o detetive-chefe de homicídios da polícia de Seattle permaneceu inflexível: “Nada do que você disse me convence de que isso foi algo além de um suicídio”. Quando Grant perguntou se poderia ver as fotos da cena do crime, Cameron respondeu: “Nós não revelamos fotos de suicídios”. Então, por que tirá-las?

Em 1995, o jornal *Orange County Register* ligou para Cameron, perguntando se ele havia investigado o paradeiro do cartão de crédito desaparecido e quem poderia tê-lo usado. “Não vamos fazer nenhum comentário até descobrirmos o que Grant está procurando”, respondeu o detetive.

Cameron declarou publicamente que estava preparado para reabrir o caso se evidências confiáveis que indicassem assassinato fossem apresentadas. Três anos depois, Wallace e Halperin viajaram de Montreal até Seattle com uma equipe de filmagem da BBC levando provas contundentes, incluindo o teste do polígrafo, que assegurava – com 99,8% de confiabilidade – ser verdadeira a declaração de Elton Hoke de que Courtney Love tentou contratá-lo para matar seu marido. Embora Cameron estivesse em sua mesa, aparentemente desocupado, ele designou outro detetive para dizer aos jornalistas: “O caso está encerrado. Agora saiam”. Quando a dupla de investigadores se ofereceu para entregar o arquivo de evidências para que Cameron o revisasse quando tivesse tempo, o detetive ordenou que eles saíssem imediatamente ou seriam presos.

Estaria Cameron protegendo alguém?

O detetive de homicídios e Courtney se conheciam havia vários anos. Eles tinham uma relação de trabalho. Ela disse ter recebido “pontos positivos” por passar informações a seu colega, o detetive da Divisão de Narcóticos Antonio Terry, sobre os traficantes de Seattle, alguns dos quais eram seus próprios fornecedores [25]. Em troca, a polícia deu imunidade à Courtney, e Cameron deu-lhe alguns conselhos profissionais bastante úteis. Quando ela mostrou a Cameron a carta de “divórcio” que Kurt lhe entregara em Roma, chamando-a de bilhete de suicídio, o detetive devolveu-a, aconselhando: “Isso aqui só vai te prejudicar. Eu sumiria com ela se fosse você”.

Em 1999, após 38 anos na polícia, o sargento Cameron foi acusado de conspiração para roubar 10 mil dólares do Departamento. Houve dois julgamentos e, em ambos, o júri chegou a um impasse. O resultado do segundo júri foi de onze contra um, em favor da condenação. A promotoria não tentou um terceiro julgamento porque o estatuto de limitação, que estabelece um prazo de dois anos para julgamentos desse tipo, havia vencido, impossibilitando acusações criminais. Cameron se manteve na polícia de Seattle até sua aposentadoria [26].

Mas e quanto ao legista dr. Nikolas Hartshorne? Por que teria ele concluído com tanta rapidez, junto com Cameron, que aquele era um “caso evidente de suicídio”? Hartshorne e Courtney também tinham um histórico. Ele a conheceu na época em que ainda cursava a faculdade de medicina, em 1988, quando, fazendo um bico como promoter de shows de rock, ele organizou um show de punk na Central Tavern, em Seattle. O Nirvana abriu para o Leaving Trains, a banda de James Moreland, o primeiro marido de Courtney.

Mais tarde ela descreveu Hartshorne para Grant como “meu legista *rock’n’roll*”. Ele, por sua vez, descreveu Courtney para Wallace e Halperin como uma “grande garota”.

Quando os jornalistas perguntaram a Hartshorne se atuar como legista-chefe no caso Cobain poderia representar um conflito de interesses, ele respondeu: “Absolutamente não”. Mas quando Grant perguntou a Courtney sobre Hartshorne, ela declarou: “Enquanto Nikolas for o legista, não tenho do que temer”.

Ela acrescentou que Hartshorne havia se recusado a fornecer os registros da autópsia a Grant porque “ele ficou bravo com você”. Ele taxou a teoria de homicídio do detetive como “absurda”. Ainda assim, Grant perguntou a Courtney se ela poderia ter acesso às provas por intermédio de seu amigo. Ela concordou em fazê-lo em 1995, quanto jantaria na casa do médico. No entanto, ela não as obteve.

Hartshorne, conhecido como “Dr. Morte”, morreu sete anos depois em um acidente de BASE jumping, após saltar de um penhasco na Suíça conhecido como “O Nariz”.

Finalmente, há poucas evidências de que Cameron ou Hartshorne tenham considerado um último detalhe do caso: o motivo. Novamente, Kurt estava prestes a dar entrada nos papéis do divórcio e retirar a esposa de seu testamento. Courtney havia dito a Grant que consentiria no divórcio apenas se ela conseguisse provar que Kurt lhe fora infiel, anulando assim o acordo pré-nupcial. Ela mesma estava tendo um caso com Billy Corgan, do Smashing Pumpkins, parte do motivo pelo qual Cobain queria se divorciar, para começar [27].

“Kurt valia mais morto do que vivo para Courtney”, concluiu Grant. Enquanto Courtney, a Divorciada, constituía um desastre profissional, Courtney, a Viúva, era uma mina de ouro. Outros chegaram à mesma conclusão.

“Aposto um ano do meu salário que ele foi assassinado”, declarou a legista Denise Marshall.

“Eu não acho que ela o matou, mas acho que ela *mandou* matá-lo”, disse o avô de Kurt, Leland.

“Ela não queria o divórcio, então mandou matá-lo”, concordou o pai de Courtney, Hank Harrison. “Vamos encarar os fatos, ela é uma psicopata.” Ele também mostrou a Grant uma carta que a filha tinha lhe enviado anos antes, na qual declarava: “Vou casar com um astro de rock e depois matá-lo”.

Grant insistiu para que a viúva fizesse o teste do polígrafo. “Faço essa merda para você se você mantiver o resultado em segredo”, disse ela ao detetive. Mas ela nunca o fez. Em vez disso, Courtney pediu que Grant assinasse um acordo de confidencialidade, insistindo: “Todo mundo que trabalha pra mim tem de assinar um”. No entanto, o detetive se recusou. “Não vou assinar nada que possa interferir na minha investigação”, informou ele.

Mas outras pessoas próximas se renderam à sua lei da mordaça. Krist Novoselic e Dave Grohl o fizeram para receber os royalties a que tinham direito, atrelados ao espólio de Cobain. A mãe de Kurt, Wendy, deve ter concordado depois que sua nora lhe comprou uma casa de 400 mil dólares. O melhor amigo de Kurt, Dylan Carlson, também deve ter assentido. Embora ele tenha dado uma breve entrevista para o documentário de Broomfield, o cineasta considerou-o “evasivo e numa posição bastante defensiva”. Além

disso, como traficante de heroína, Carlson certamente tomou cuidado para não irritar Courtney, para que ela não o entregasse aos amigos da Narcóticos no Departamento de Polícia de Seattle. Quanto a Cali DeWitt, Courtney disse a Grant que seu ex-amante assinou seu acordo, acrescentando que dera a ele 30 mil dólares para que fizesse uma desintoxicação, mas que não tinha certeza do lugar onde ele a faria. “Cali foi fazer reabilitação em El Paso, ou na Geórgia [...] não, ele está em Los Angeles, com amigos”, ela disse ao detetive. Mais tarde, naquele ano, ela arrumou um cargo de caça-talentos para DeWitt no selo de uma gravadora, emprego este que durou apenas até ele agredir um programador. O ex-babá da srta. Love – que Grant acredita ser coautor da morte de Cobain – agora é presidente e único funcionário de seu próprio selo punk, o True Love Records.

* * *

Dois meses após a morte de Kurt Cobain, o corpo de Kristen Marie Pfaff foi encontrado em uma banheira, em seu apartamento de Seattle. Pfaff tinha sido baixista do Hole. O responsável pela necrópsia do caso foi novamente o “legista *rock’n’roll*” de Courtney, dr. Nikolas Hartshorne. Ele registrou a causa da morte como “intoxicação aguda por opiáceos”.

Pfaff acabara de passar por um programa de desintoxicação bem-sucedido em sua cidade natal, Minneapolis. “Kristen parou de usar drogas no dia em que Kurt morreu”, declarou sua mãe, Janet. “Ela ficou devastada. [...] Foi um evento que lhe abriu os olhos.”

Após a morte de Kurt, Pfaff deixou o Hole, abandonou Seattle e voltou para Minneapolis. “Todo mundo lá é louco”, disse a um ex-membro da banda. “Deixe eles encontrarem outro idiota que toque baixo. Estou fora.”

“Não era exatamente o Hole que ela estava abandonando”, disse sua mãe, “ela estava abandonando Courtney.”

Courtney tinha importunado Kristen ao longo das sessões de gravação de *Live Through This*. Kristen era “linda e inteligente”, todos concordavam. Musicista com formação clássica, ela provou compor e tocar melhor do que Courtney, que, por sua vez, reclamava que ela e Kurt [28] estavam “muito ligados um ao outro”. Embora não estivessem romanticamente envolvidos – Pfaff tinha um relacionamento de longa data com o guitarrista do Hole, Eric Erlandson –, os dois eram bons amigos e adoravam discutir arte e música.

Quando Kristen voltou para Seattle a bordo de um caminhão de mudanças para recolher suas coisas em seu apartamento em Capitol Hill, “ela estava mais animada e feliz do que nunca”, lembrou-se um amigo para quem ela ligou naquela noite. “Ela mal podia esperar para voltar a Minneapolis.”

Eric Erlandson fez uma rápida visita a Kristen naquela noite. O irmão de Kristen, Jason, acredita que seu ex-amante pode ter entregado um “presente de despedida de Courtney [...] heroína pura (não misturada para suavizar seus efeitos)”.

Na manhã do dia seguinte, logo depois de o corpo ser descoberto na banheira, Eric voltou ao apartamento com Courtney. Após o casal ter abandonado o local, o diário de Kristen foi encontrado – com páginas arrancadas.

Janet Pfaff ligou para a polícia de Seattle implorando para que apurassem a morte de sua filha. Mas “eles me disseram que não podiam investigar cada morte por heroína ocorrida em Seattle porque, naquela época, as pessoas tinham overdoses todos os dias”, disse ela, “e eles simplesmente não tinham homens o suficiente”.

“Eu e minha família achamos muito suspeito que esse dr. Hartshorne tenha feito a autópsia”, continuou Janet Pfaff. “Ouvi muita coisa sobre sua amizade com Courtney. É um conflito de interesses. Isso me assusta.”

Hoke e Wrench

Elton Hoke, o homem conhecido como El Duce, estava para entrar no palco do Al's Bar, no centro de Los Angeles, com sua nova banda, Courtney Kills Kurt [Courtney Matou Kurt], a antiga Mentors. Era abril de 1997, mais de três anos depois de Courtney supostamente ter lhe oferecido 50 mil dólares para matar seu marido. Ele dividia uma mesa com Brent Alden, que estava escrevendo sobre a cena punk em Los Angeles. "Duce estava agindo como uma pessoa apavorada", lembrou-se Alden. "Ele tinha ouvido falar que sua vida podia estar em perigo. Ele disse: 'As pessoas são enterradas em plantações de milho. Se perdem nos pântanos'."

Trinta e seis horas depois, a menos de 2 quilômetros de distância do bar, as partes do corpo de El Duce foram encontradas nos trilhos do Metroliner e na grade de um trem da Sacramento Flyer.

A última pessoa a ver El Duce com vida foi um sujeito chamado Allen Wrench, vocalista da banda homônima Allen Wrench. De acordo com seu site, "A Banda Mais Importante do Punk Rock" era dedicada "aos quatro princípios básicos do rock: adoração satânica, alcoolismo, espancamento de esposas e uso autodestrutivo de drogas!". O selo próprio de Wrench era o Devil Vision Records. Seu CD de estreia foi *My Bitch Is a Junky*.

Como o próprio Wrench admitiu, ele não ganhava nada com sua música. No entanto, ele tinha acabado de montar um estúdio de

gravação de 100 mil dólares em sua casa. Campeão nacional de jiu-jítsu e campeão de judô, Wrench aparentemente fazia bicos para evitar a pobreza absoluta.

Na noite seguinte àquela em que Duce falou com Alden sobre "pessoas sendo enterradas em plantações de milho", Duce se viu no Corvette de Wrench, que se dirigia à loja de bebidas da vizinhança, próxima da linha do trem. Duce e Wrench foram parceiros de punk no início de suas carreiras. Contudo, Wrench não estava se sentindo particularmente amigável em relação a Duce naquela noite em especial. Duce, bêbado, revelara recentemente a identidade do verdadeiro assassino de Kurt Cobain para o cineasta britânico Nick Broomfield.

Allen Wrench.

"Estavam falando de mim no filme *Kurt e Courtney*", disse Wrench mais tarde a Wallace e Halperin. "Eu estava bem puto da vida."

Os jornalistas perguntaram a Wrench se, na hora em que ele deixou Duce na loja de bebidas, ele já tinha "perdoado" o ex-parceiro por dedurá-lo. "Depois que li os jornais no dia seguinte, ficou tudo bem", riu Wrench. "Problema resolvido."

Parecendo apreciar a brincadeira de gato e rato, num primeiro momento Wrench negou qualquer envolvimento nas mortes de Cobain e Duce. Em seguida, soltou uma pista, com um piscar de olhos e um aceno.

"Ótimo lugar", ele disse a Wallace e Halperin, mostrando-lhes a escondida curva dos trilhos do trem onde Duce encontrou seu Criador. O local ficava encoberto, explicou, e ninguém conseguiria ouvir uma briga ali por causa do barulho do tráfego nas

proximidades. “O interessante em acidentes de trem é que eles meio que dificultam uma investigação forense”, continuou Wrench. “Não é como se houvesse um corpo pra examinar. [...] Não sobra nada, só gosma.”

Quanto à morte de Kurt Cobain, Wrench foi igualmente enigmático. “Assassinatos perfeitos sempre parecem suicídios”, observou.

Quando os jornalistas o pressionaram para fazer uma declaração em *off*, Wrench finalmente cedeu: “Tá bom, se não estão gravando, eu o apaguei”. E então, sorriu: “Ninguém nunca vai saber como ele morreu. Isso é que é divertido”.

Post mortem

A viúva Cobain lavou as roupas que seu marido vestia quando morreu e usou-as durante dias. Ela fez moldes de gesso das delicadas mãos dele e fez com que os monges do Monastério Budista Namgyal, em Ithaca, Nova York, fizessem esculturas com suas cinzas, além de entregar a espingarda de Kurt para o grupo Mothers Against Violence [Mães Contra a Violência], que a derreteram.

Tom Grant continuou com sua investigação. A viúva tentou, sem sucesso, revogar a licença do detetive. Ela colocou um anúncio na revista *Publisher's Weekly* ameaçando "processar até arrancar a pele" de qualquer publicação que repetisse as alegações de Grant. A gravadora de Courtney, a Gold Mountain, anunciou em revistas do ramo sua intenção de processar qualquer um que desse apoio ao detetive. Posteriormente, durante seu julgamento em 1995 por espancar dois fãs, a acusada sussurrou para o promotor público: "Posso ser O. J. e você pode interpretar Christopher Darden?".

A cantora/atriz seguiu em frente e foi indicada ao Globo de Ouro por seu papel como esposa de Larry Flynt na biografia épica de Milos Forman. Ela também foi louvada pela crítica por seu papel como esposa de Andy Kaufman em *O Mundo de Andy*. Mais recentemente, porém, os estúdios de Hollywood têm supostamente evitado oferecer-lhe papéis por conta de seus problemas com drogas e de seu comportamento instável, que tornam quase impossível obter o seguro obrigatório para garantir a participação

dela como atriz nas produções. Outras revistas, além da *Vanity Fair*, também se tornaram inconstantes em suas opiniões sobre a controversa estrela. Depois que Courtney ateou fogo em uma coleção de roupas exclusivas assinadas por grandes nomes da moda, no valor total de 8 mil libras, e posou nua para as fotos, o editor Paul Rees, da *Q Magazine,* observou: “Courtney Love é uma história realmente trágica e patética. Ela é claramente uma pessoa muito perturbada e totalmente fora de controle. Com certeza, é o ser humano mais demente com o qual já tive que lidar”.

Em suas viagens de caráter pessoal, a srta. Love se registrou em hotéis sob o pseudônimo “Maria Madalena” ou “Blanch DuBois”. Apesar dos esforços para passar despercebida, quando se hospedou no Hotel Royalton, em Nova York, ela recebeu um bilhete de outro hóspede que dizia: “Você matou Kurt Cobain”. Melissa Rossi descreveu uma outra situação, quando o Hole estava tocando em Portland e um fã do Nirvana gritou: “Você matou Kurt!”. A viúva do astro saiu feito um furacão para os bastidores, disparando: “Não vou mais tocar. Podem culpar aquele merdinha!”. Quando outra fã implorou para que voltasse, Courtney deu-lhe um murro na boca. Mas ela acabou voltando ao palco, execrando os habitantes de Portland enquanto atirava fatias de frios que trouxe de seu camarim sobre a plateia. A fã prestou queixa por agressão. Os promotores do show preencheram-lhe um cheque pelo mal-entendido.

* * *

Kurt Cobain morreu antes de entrar com o pedido de divórcio e antes que seu novo testamento – que não incluiria a esposa – fosse

registrado judicialmente. Assim, Courtney herdou todo o espólio multimilionário do astro. Ela chamou a herança de seu “dinheiro sangrento”. Os ganhos futuros desse patrimônio acabariam eclipsando a quantia original. Em 2006, a renda anual do espólio de Cobain foi de 26 milhões de dólares, colocando-o no topo da lista da revista *Forbes*, acima de Elvis Presley.

Pouco tempo antes da morte do marido, a srta. Love disse a Tom Grant que sua aspiração era ser a primeira mulher da música a fechar um contrato artístico de um milhão de dólares. Sua ambição se realizou com o álbum *Live Through This*, que ganhou o disco de platina e foi considerado “Álbum do Ano” pelas publicações *Rolling Stone*, *Spin* e *Village Voice*. Amigos de Kurt declararam que ele compôs muito do material presente no álbum, embora a viúva negue essas afirmações. Subsequentemente, Courtney lançou inúmeros projetos, sendo os mais bem-sucedidos o álbum *Celebrity Skin* (1998) e *American Sweetheart* (2004), com o qual Billy Corgan colaborou.

Ao longo de sua carreira, a srta. Love foi entrevistada diversas vezes, mas sempre se nega a discutir a morte do marido. Em geral, ela também se recusa a comentar a longa série de prisões por uso de drogas e agressão nos últimos 15 anos. Sua tempestuosa vida amorosa tem sido bastante alardeada: ela vandalizou os apartamentos de ex-amantes – os casos mais notáveis são Jim Barber e Trent Reznor, do Nine Inch Nails. “Se ela morresse amanhã, eu não derramaria uma lágrima”, disse Reznor. “Ela é uma pessoa absolutamente maligna.” A própria Courtney comentou pouco sobre esses incidentes, exceto para observar: “Sou patologicamente competitiva com homens”.

Apesar de toda a a fortuna, a viúva mencionou estar “a ponto de pedir auxílio-alimentação” em 2004, alegando que membros de seu séquito se apropriaram de 20 milhões de dólares de seu patrimônio. Anos mais tarde ela conseguiria sair do vermelho depois de vender 25% do catálogo de músicas do Nirvana pelo preço de 50 milhões de dólares. Ela também arrecadou cheques de sete dígitos com o lançamento dos diários de seu marido, *Journals* (2002), e de suas próprias memórias, *Dirty blonde* (2006). Em 2007, ela organizou um leilão dos pertences de Kurt por intermédio da Christie’s. Naquele ano, ela instituiu Cinquenta e Três Resoluções de Ano-Novo, três das quais foram:

Não ser mais o capacho do relacionamento.

Saber que o espírito de Kurt está sendo bem cuidado e cuidar dele diariamente.

Entender quem são meus inimigos.

Com relação à última resolução, ela ameaçou processar Wallace e Halperin; seu pai, Hank Harrison; sua biógrafa, Melissa Rossi; o cineasta Nick Broomfield; Tina Brown e a *Vanity Fair*; assim como outras pessoas que acreditava que a tinham retratado de forma nada elogiosa. “Eu sou Deus e meus advogados são os 12 discípulos. Não tentem me foder”, avisou a seus detratores. Com seu “dinheiro sangrento”, ela empregou um número muito maior de advogados do que o de apóstolos existentes, já que a tropa precisa proteger não só a reputação de sua cliente, mas defendê-la em suas diversas prisões por agressão, vandalismo e excesso de drogas.

O Serviço Social de Los Angeles novamente tirou a guarda de Frances Bean das mãos da srta. Love em 2003, devido a acusações

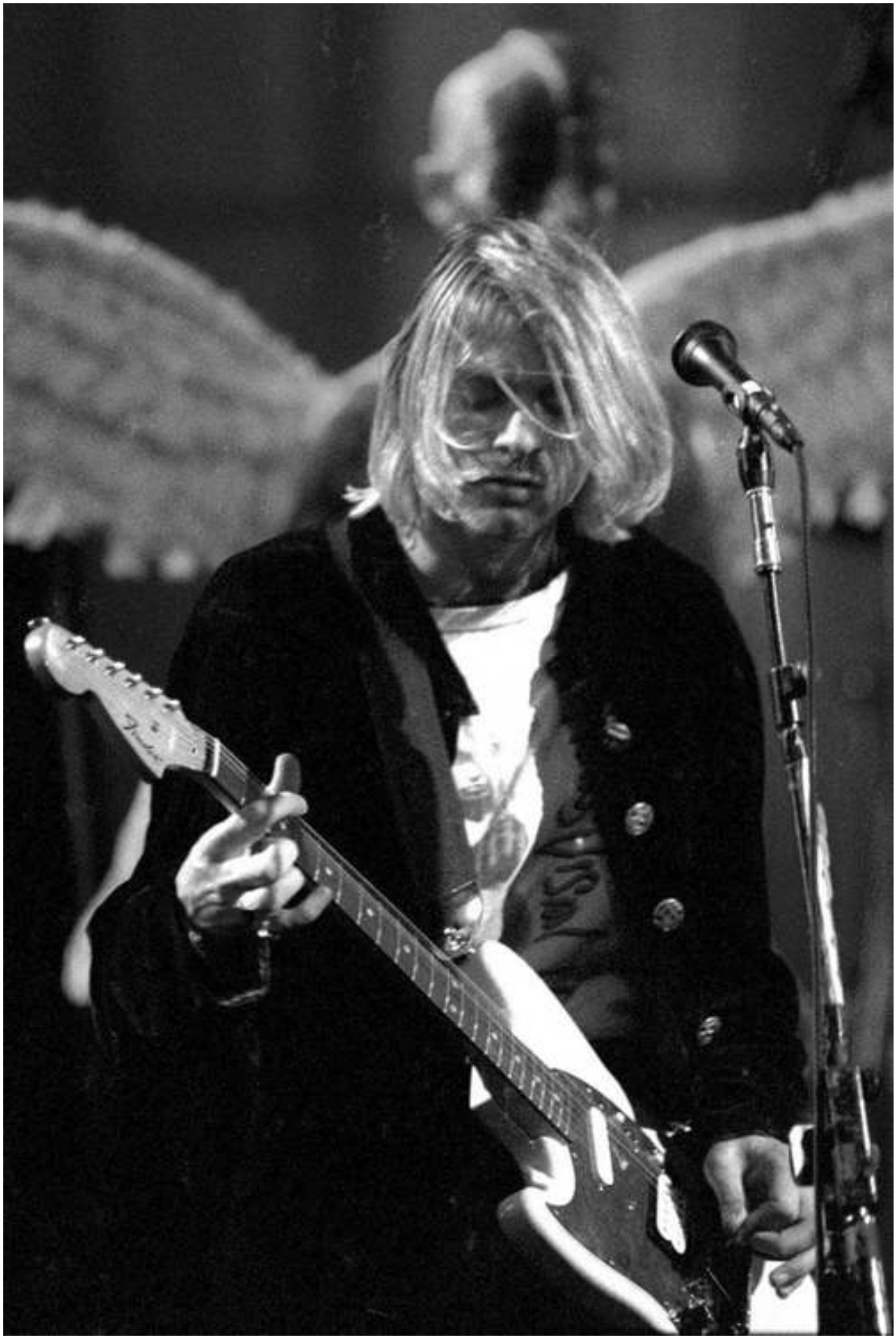
envolvendo drogas. Ela reconquistou a custódia da filha dois anos depois. Em 2006, durante uma entrevista à revista *i-D*, Frances denunciou as “mentiras” sobre sua mãe publicadas na imprensa. Mais tarde, naquele ano, a adolescente posou para a revista *Elle* usando o suéter do pai e a calça de pijama com a qual ele se casou. Para seu aniversário de 16 anos, em 2009, sua mãe supostamente gastou 323 mil dólares com uma festa cujo tema foi “suicídio”, na casa House of Blues, na Sunset Strip, em Hollywood. Foram dados prêmios às pessoas que pareciam “mais mortas*”.* Revelando a ligação especial que tem com a filha, Courtney declarou: “Ela é um viado preso num corpo de mulher, como eu”.

A viúva de Cobain anunciou recentemente estar a ponto de se matar porque alguém havia roubado as cinzas restantes de Kurt. Originalmente, ela espalhou um punhado delas no rio Wishkah e entregou outros dois punhados aos budistas do Namgyal. Courtney mantinha o resto das cinzas em uma bolsa de mão em forma de urso, dizendo: “Eu costumava levá-las para todo canto para sentir que Kurt ainda estava comigo”. Mas ela mal acabara de anunciar a perda quando seu assessor de imprensa revelou que as cinzas nunca tinham sido roubadas. Complementando seus esforços para sentir que Kurt sempre está a seu lado, a srta. Love tatuou a letra *K* em sua barriga. Ela também disse continuar a escrever cartas para ele.

Após anos de silêncio, Krist Novoselic e Dave Grohl afirmaram que Courtney se “apropriou” do trabalho de Kurt para impulsionar sua própria carreira. Os ex-membros do Nirvana, que seguiram em frente e formaram suas próprias bandas de sucesso, descreveram-

na como “irracional [...], egocêntrica, fora de controle, inconsistente e imprevisível”.

Ainda assim, a memória de Kurt Cobain e sua música revolucionária são cultuadas por seus fãs, independentemente da aparente exploração que sua viúva faz de ambas. Assim como seus lendários predecessores se tornaram referências da geração da década de 1960, Cobain tornou-se a voz dos filhos deles. Era uma voz de intensidade bruta que rivalizava com a de Janis Joplin, mas os demônios internos que a alimentavam eram de um tipo bem diferente. Se Janis cantava seu coração partido, Kurt cantava sua alma arruinada que lutava para se fazer inteira no purgatório de sua música. Não houve som e fúria como as dele. “O pior crime é fingir”, ele sempre disse. No final, quando ele achou que estava fingindo, apenas fazendo por fazer, resolveu sair de cena. Mas, então, ele já era uma estrela, algo que ele encarava como a falsidade máxima, o vazio mais absoluto de todos. Ele tentou se tornar o antiastro. Enquanto alguns o acusavam de vendido e hipócrita, para a maioria, seu antiestrelato tornava-o um astro ainda maior. Até que, no final, ele disse: “Quando você morre, encontra a felicidade absoluta e sua alma continua viva em algum lugar. Não tenho medo de morrer. A paz total após a morte, tornar-me outra pessoa, é minha maior e melhor esperança”.



Kurt Cobain, em apresentação ao vivo para a MTV. Ao fundo, o manequim de anjo que ilustrou a capa do álbum *In Utero* – dezembro de 1993.
(Foto: Jeff Kravitz/Film Magic)

Cobain com Courtney Love e a filha, Frances Bean, no MTV Music Video Awards – setembro de 1993.
(Foto: Paul Harris/Getty Images)

Da esquerda para a direita: Frances Bean, Courtney Love, a advogada Rosemary Carroll, o empresário Danny Goldberg e Kurt Cobain, no MTV Music Video Awards – setembro de 1993.
(Foto: Jeff Kravitz/FilmMagic)

Interlúdio: Amor

> You really like rock'n'roll
> All of the fame and the masquerade…
> And all the money honey that I make, but
> Do you love me?
> – Interpretada por Kurt Cobain, composta pelo Kiss

> Eu prefiro ser odiado pelo que sou a ser amado pelo que não sou.
> – Kurt Cobain

"All you need is love!", cantou Lennon.

Mas essa era uma coisa que nem ele, nem Cobain, nem nenhum dos outros tiveram em seus últimos dias de vida. Os Sete eram fáceis de idolatrar. Mas, com muita frequência, eram pessimistas, temperamentais, infantis, egoístas e bem difíceis de se amar. Mesmo assim, cada um deles teve sorte o bastante para encontrar quem realmente os amasse como *pessoas* e não como mitos. Mas, para seu infortúnio, abandonaram essas almas, preferindo orbitar em torno daqueles que os usavam e os ajudavam a se sentir ainda pior.

Tracy Marander, uma garçonete, amava e apoiava Kurt enquanto ele lutava por uma carreira musical, assim como as vocalistas Mary Lou Lord e Tobi Vail. Ele as abandonou quando seu sucesso instantâneo chegou, casando-se com sua "heroína" Courtney Love.

Poucos entenderam a razão. “Deus é amor. O amor é cego. E eu também sou”, explicou Kurt em seu diário. No derradeiro fim, *Love Gun* foi o epitáfio do artista. “No place for hidin’, baby. No place to run”, ele cantou. “You pull the trigger of my Love gun.”

O que levou o astro a se render de forma tão completa a essa mulher? Como já foi visto, ambos encontraram um terreno em comum mais que fértil em suas infâncias desgraçadas. Eles refletiam um ao outro. A princípio, apaixonaram-se por esse reflexo; mas, no final, o reflexo os repeliu. E nem assim Cobain conseguiu se libertar. “Broken hymen of you highness I’m left black”, cantou ele em *Heart-Shaped Box*. “Throw down your umbilical noose so I can climb right back.” Melissa Rossi observou: “Kurt encontrou em Courtney a mãe que ele nunca teve”. Mas logo “Courtney pareceu se cansar de ser sua mãe e seu escudo humano... [Ela] estava pronta para ter sua própria carreira”.

A srta. Love achou que tinha um talento artístico equivalente, se não superior, ao de Kurt, e se ressentia profundamente do sucesso dele, comparado ao seu relativo anonimato. E o fato de ele fugir desse sucesso era algo ainda mais irritante para ela. Assim, Courtney voltou ao seu antigo amante, Billy Corgan, que amava a fama tanto quanto ela. Mas, para Kurt, aquilo foi uma traição tão devastadora quanto quando seus pais se divorciaram e o abandonaram.

Sem Courtney, ele estava inteiramente sozinho, exceto por sua filha de 3 anos, Frances. Mas sua esposa também a estava tirando dele. Não havia sobrado ninguém, ninguém em quem se apoiar. No final, ele havia se distanciado de Krist e Dave, e da maioria de seus antigos amigos. “Amigos”, ele dizia, “são os inimigos que você

conhece.” Seu último amigo era Carlson, seu traficante de heroína. Ele teve vários encontros homossexuais, mas nenhum relacionamento que fosse duradouro ou que lhe fornecesse o tipo de amor, fidelidade e segurança de que ele tanto precisava em sua vida tão atormentada.

Seu herói, John Lennon, sofreu de uma condição similar. Poucos entenderam o porquê do ex-Beatle se tornar tão completamente dependente da Mãe. Mas ele explicou o fato muito bem nas canções que escreveu para Yoko Ono. Em *Woman*, do álbum *Double Fantasy*, ele agradecia a ela por compreender a “criancinha dentro do homem” e por lhe mostrar “o significado do sucesso. Minha vida está em suas mãos”, cantou. Assim como Courtney Love, Yoko pode ter aceitado a contragosto cumprir o papel de protetora no início, para criar um calço emocional; mas, ao final, ela estava desesperada para se livrar dessa ligação maternal, para declarar sua independência e perseguir sua própria carreira. Assim como Courtney, a competitiva Yoko também se ressentia de John. Ele era apenas um *popstar*, mas ela acreditava ser uma artista de verdade, como os grandes nomes que marcaram a história. Ele era só um moleque pobre de Liverpool que tinha abandonado uma escola de arte insignificante. Ela era uma aristocrata japonesa que havia se formado nas melhores instituições.

Mas, por baixo de sua devoção, John tinha suas próprias razões para se ressentir de Yoko. “Ela acelera meu fracasso e eu a odeio por isso”, disse Lennon a John Green durante seu período de reclusão no Dakota. “[...] Ela deveria ser forte quando eu não consigo ser. Mas, em vez disso, ela se esconde.” Green contra-argumentou: “Ela se esconde de você porque você deixou muito

claro que não a quer por perto". Yoko insistia que John, temendo que sua carreira fosse eclipsada pela dela, humilhava-a e rebaixava-a. Por outro lado, John temia acabar como o primeiro marido de Yoko, o compositor japonês Toshi Ichiyanagi. "Eu me divorciei dele", disse Yoko, "porque ele não tinha mais nada a me oferecer." Ela deve ter sentido a mesma coisa em relação ao seu terceiro esposo em 1973.

"Yoko me deu um pé na bunda!", disse John. Ela tinha acabado de lançar seu primeiro álbum solo, *Feeling the Space,* que incluía músicas como *Woman Power*, *Angry Young Woman* e *She Hits Back*. Seu marido, compositor de *Woman is Nigger of the World*, entendeu o recado. Sem nunca ter ficado sem a companhia de uma mulher antes, John voou para Los Angeles com a substituta de Yoko, May Pang. Para se distanciar ainda mais da solidão que ele sabia ser capaz de matá-lo, juntou-se à fraternidade do esquecimento rápido de Moon, Starr e Neilson. Mas, para Lennon, assim como para Cobain, a amizade era "uma ilusão romântica". Para ele, tratava-se de uma aliança temporária, não de um laço de amor. "Please help me, I'm drowning in a sea of hatred", cantou em *Dream #9*, do álbum *Walls and Bridges,* gravado logo após sua separação de Yoko. Esses poderiam ser versos escritos por Cobain. Quanto ao seu purgatório em Los Angeles, John contou a um repórter em uma entrevista: "A reação à separação foi toda aquela loucura. Eu parecia uma galinha sem cabeça". Então ele abandonou sua devotada May Pang e voltou para a Mãe.

Sete anos antes, ele havia abandonado Cynthia com a mesma celeridade estoica. Cynthia o havia amado incondicionalmente desde o começo até o final, apesar de suas indelicadezes. John

pediu o divórcio alegando infidelidade, embora ele a tivesse traído incontáveis vezes antes e ela, nunca. A maior parte dos relacionamentos dos Beatles não tinha passado de romances de uma noite, mas seu purgatório com Yoko durou 14 longos anos. Quando Cynthia perguntou a ele quem era a pessoa que o assediava em Londres, e que depois passou a afogá-lo com cartas durante sua viagem com o Maharishi, John respondeu que se tratava apenas de outra “artista esquisita [...] que quer dinheiro para toda aquela bosta vanguardista”.

Após seu retorno da Índia, o artista despejou Cynthia para fora de casa e deu uma Mercedes branca a seu assistente, Magic Alex [1], para que ele entregasse pessoalmente a ela a carta na qual pedia a separação. Cynthia implorou por civilidade e um acordo de separação discreto, mas John, que agora se comunicava com ela somente através de seus advogados, ofereceu a ela 75 mil libras. Quando ela finalmente conseguiu falar pessoalmente com ele, John explodiu: “Isto é como ganhar na loteria, então do que é que você está reclamando? Você não vale mais que isso!”.

Então, assim como Cobain fez com o Nirvana, Lennon se divorciou de seus irmãos Beatles. “John está apaixonado por Yoko e não está mais apaixonado por nós três”, disse Paul. Mas isso não era completamente verdade. John disse à *Rolling Stone* que, embora ele não pudesse “perdoar” Paul e George por sua animosidade em relação à Yoko, “também não consigo deixar de amá-los”. Tampouco é verdade que foi Yoko quem separou os Beatles. No final, eles simplesmente não compartilhavam mais uma visão criativa comum. Por outro lado, intencionalmente ou não, ela acelerou a destruição dessa visão.

“Antes de Yoko Ono aparecer”, escreveu Pete Shotton [2], “John nunca havia perdido sua necessidade quase desesperada de se cercar de amigos íntimos do sexo masculino: para que continuasse, como sempre, o líder da gangue.” Da mesma forma, Elvis era “o Chefe” de sua própria turma de infância, a Máfia de Memphis. Além de Pete, os outros dois amigos mais íntimos de John foram Brian Epstein, o empresário dos Beatles, e Stu Sutcliff, o quinto integrante. Brian morreu logo após o advento de Yoko, e Stu, muito antes disso. Alguns amigos próximos afirmam que John teve relações sexuais com os dois. “Contrariando a opinião de que Brian dava em cima de John”, escreveu a biógrafa Sandra Shevey, “era John quem tentava se envolver com Brian.” Depois de uma “lua de mel espanhola” em 1963, John disse a Shotton: “Eu deixei a coisa rolar com ele [...] Uma punheta entre amigos não machuca ninguém!”. Mas muitos acreditam que havia muito mais nessa história do que apenas uma punheta, especialmente quando John confessou que “tinha amado Brian mais do que a qualquer mulher”. Sem poder ser mais explícito sobre o relacionamento, depois dessas férias John escreveu *You’ve Got to Hide Your Love Away* [Você precisa esconder o seu amor dos outros]. Quanto a Stu, John disse a outro confidente, Derek Taylor, relações-públicas dos Beatles, que os dois tinham tido relações sexuais em Hamburgo [3].

O único amigo verdadeiro que Lennon manteve após a chegada de Yoko foi Pete. Seu velho camarada de escola assumiu a butique da Apple. Mas em pouco tempo Pete, assim como os outros, descobriu ser impossível coexistir com a possessiva e volátil Yoko. Após vários desentendimentos com ela, Pete ameaçou desistir, mas “John entrou em pânico e me pediu para continuar”, escreveu. “Sem

mim, insistiu, ele não tinha ninguém." Finalmente, achando a situação intolerável, Pete realmente deixou John e os dois nunca mais se viram.

Perto de sua morte, exilado por vontade própria no Dakota, John disse à sua taróloga: "Não tenho amigos... *Nós* [Yoko e eu] temos amigos. Então eu saio e alugo um". Seu amigo de aluguel favorito nessa época era um atraente massagista asiático, Kimi, por quem ele gostava de ser regularmente massageado em sua casa em Cold Harbor [4]. Quanto a amigos platônicos, Lennon contou a John Green sobre um certo "parceiro de copo" cujo nome se negou a revelar. "Eu tive a oportunidade de ser um verdadeiro amigo", confessou. Mas quando seu camarada foi operado por causa de um câncer, John não apareceu para visitá-lo. "Nem sei se ele morreu ou não", disse. "Eu sou assim."

Durante seus 18 meses com May Pang, "May e John pareciam estar verdadeiramente apaixonados", disse um conhecido. Mas o "cara ciumento" ficou fora de si uma noite, quando achou que May estava flertando com o conquistador adolescente David Cassidy. "Eu tinha certeza de que você me trairia!", gritou. "Não quero estar apaixonado. Dói demais!" Mas a devotada May não o havia magoado, e sim Yoko. Ela é que havia arranjado a separação, e ele se sentiu abandonado do mesmo modo que se sentiu em relação a sua mãe, anos atrás. "Ninguém me ama!", chorou.

Seu primeiro filho, Julian, conhecia o sentimento. O garoto mal tinha visto ou tido notícias do pai desde o divórcio, exceto por cartões de Natal e aniversário sem assinatura. "O papai sempre fica dizendo para as pessoas se amarem umas às outras, mas como é que ele não me ama?", perguntou à sua mãe, Cynthia.

A relação de John com seu segundo filho parecia bem mais íntima, pelo menos no início. Assim como Cobain, que chamava a filha de “a melhor droga do mundo”, após o nascimento de Sean, John estava “tão nas nuvens quanto o último andar do Empire State Building”. As celebridades podem se apegar de forma anormal a seus filhos, uma vez que a intimidade com estranhos – fãs, puxa-sacos, sanguessugas – pode ser praticamente impossível. Seus filhos, por serem espelhos, massageiam o ego de seu narcisismo. Além disso, um filho pode proporcionar ao pai a representação de uma segunda infância, o que pode ser particularmente satisfatório caso o pai nunca tenha tido uma ou caso tenha vivido uma infância traumática. Portanto, o fato de Cobain e Lennon estarem apaixonados pela paternidade não é surpresa. Mas, para John, o marido dono de casa, o prazer logo foi engolido pela responsabilidade opressora. “Eu tentei fazer o papel de pai e estraguei tudo”, confessaria depois. “Eu odiava aquela encenação, e então comecei a odiar o menino.”

Da parte de Sean, o sentimento passou a ser recíproco. “Considero meu pai um grande babaca”, disse seu “menino bonito”. “Ele era um porco metido a machão em vários sentidos, e reconhecia isso. [...] Essa era sua única virtude. Ele tentou superar isso.” O garoto explicou que a canção de Yoko, *Death of Samantha*, de seu álbum *Approximate Infinite Universe,* era sobre “[...] meu pai transando com uma garota qualquer durante uma festa na qual minha mãe estava presente”. “O relacionamento deles acabou naquela ocasião”, relembrou Rubin, o anfitrião da festa. Um pouco depois, John supostamente deu uma rapidinha com Linda McCartney. Yoko também deu suas puladas de cerca e se

contentava com a ideia de que “muitos homens próximos a John sentiram-se atraídos por mim”. Esses incluíam não apenas Paul McCartney, mas também Mick Jagger, que, segundo a própria Yoko, tentara se mudar para o Dakota só para ficar mais próximo dela.

John e Yoko se casaram novamente em 1975, mas, ao contrário de suas idílicas temporadas na cama sete anos antes, sua segunda lua de mel teve vida curta. “Eles se atormentavam mutuamente com provocações tolas e incidentes propositais”, escreveu John Green. Eles foram descritos pelo jornal londrino *Sunday Mirror* como “um dos casais mais infelizes e solitários do mundo [...] que tem todas as coisas, mas cuja soma dá zero”.

Jimi Hendrix chamava Kathy Etchingham de “minha namorada, minha ex-namorada e provavelmente minha próxima namorada. Minha mãe e minha irmã e toda aquela coisa. Minha Yoko Ono que veio de Chester”. Mesmo assim, de acordo com Kathy [5], ele tinha “centenas” de relacionamentos casuais e chegou a bater nela. Após a morte de Jimi, Kathy ajudou a resolver suas pendências e devotou sua vida a descobrir o culpado por sua morte.

Durante o período em que Hendrix passou fome no Harlem, a mulher que o amou e cuidou dele foi a ex de Sam Cooke, Faye Pidgeon. Depois veio Linda Keith, a ex de Keith Richards, que o ajudou a lançar sua carreira. “Sua complicada vida dupla acabou saindo pela culatra”, disse ela, “porque não havia profundidade em nenhum de seus relacionamentos.” Uma das poucas mulheres que o guitarrista não conseguiu levar para a cama foi Marianne Faithfull, descartada por Mick Jagger após uma tentativa de suicídio e consequentes seis dias de coma. “Quando você começa a se

importar com qualquer coisa ou pessoa, sua ambição sempre acaba na merda", escreveu a cantora de *As Tears Go By* em sua biografia.

Hendrix também evitava jogar sua ambição na merda com ligações emocionais. Assim como Lennon, ele achava que amar "doía muito". No final, o compositor de *Cry of Love* disse que gostaria de se casar, mas que "odiaria muito me machucar. Isso me deixaria completamente fora de órbita". Ele pediu várias mulheres em casamento – Kathy Etchingham e Kirsten Nefer, entre outras –, as quais nunca o machucariam, mas logo abandonou todas elas. Jimi manteve somente duas: Devon Wilson, a "Cleópatra das *Groupies*", que inflamava seu ciúme e incentivava seu vício em drogas, e Monika Dannemann, que ajudou a matá-lo e tentou usar seu legado como trampolim para sua carreira profissional. Era um tema recorrente: Yoko Ono tinha feito o mesmo com Lennon, Courtney Love com Cobain, Ginger Alden com Elvis, Seth Morgan com Janis, Deborah Koons com Garcia.

Como Lennon e Cobain, Hendrix abandonou seus amigos homens. Ele não tinha amigo melhor do que Chas Chandler, o empresário que sacrificou tudo para torná-lo um astro. Jimi trocou Chas por Mike Jeffery, que o dilapidou, fez com que fosse preso, envenenou suas bandas posteriores e ajudou a matá-lo. Hendrix disse que só tinha dois amigos além de alguns *roadies*: Noel Redding e Mitch Mitchell. Ainda assim, seus colegas de banda recebiam um salário de fome, eram agredidos e foram embora revoltados. "Amo vocês mais do que podem imaginar", ele escreveu em uma carta de desculpas. "Por favor, me ajudem como eu gostaria de poder ajudá-los." Mas nessa época o guitarrista já

estava ocupado demais com sua própria sobrevivência para conseguir ajudar até mesmo aqueles a quem ele professava amor.

A essa altura, Jimi tinha dois filhos ilegítimos de duas mulheres que ele havia abandonado havia muito tempo. Diferente de John e Kurt, sua paternidade não foi uma fonte de alegria e renovação, mas sim de culpa. Embora expressasse o desejo de constituir família, ele nunca arrumou tempo para conhecer seus filhos.

Quem, então, o compositor de *Love or Confusion* tinha a seu lado no final?

Jerry Garcia disse: “Eu nunca o vi sem uma meia dúzia de parasitas esquisitos em volta – vampiros e escrotos”.

Ian Anderson, do Jethro Tull, disse: “Eu nunca conseguia chegar perto dele porque ele estava sempre cercado por uma falange de pessoas muito sinistras”.

Em seus últimos dias, Jimi desabafou com sua tia May, que, por meio de sua comunidade da Igreja Batista, o adotou como filho. “Verdadeiros amigos não deixam que você se destrua”, disse ela ao sobrinho.

Lágrimas brotaram de seus olhos e ele falou: “Tia, quero muito que a senhora reze muito por mim”.

Mais tarde, o Rei também rezou bastante. Ao longo de sua carreira, ele cantou sobre o amor mais do que qualquer outra pessoa – *Can’t Help Falling in Love*, *Burning Love*, *Love me Tender*, *I Love You Because*. Mas o que Elvis Presley realmente sabia sobre o amor?

Da mesma maneira que Jimi e John, o único amor verdadeiro de Elvis foi sua mãe. Seu irmão gêmeo morreu ainda no útero. “Eu cresci sozinho”, disse. “Acho que minha mãe – e meu pai também, é

claro – sempre tentou compensar esse fato me amando duas vezes mais.”

Elvis passou o resto de sua vida tentando substituir a mãe. Como já foi mencionado, tanto sua esposa, Priscilla, quanto sua noiva, Ginger Alden, apresentavam uma semelhança espantosa com Gladys quando jovem. Elvis tentou transformar as duas naquilo que sua mãe fora. Priscilla idolatrava-o e atendia a todos os seus caprichos. Mas, para ele, ela era mais um troféu do que amante e esposa. Ele a traía regularmente. Quando ela o deixou, levou consigo Lisa Marie, de 3 anos de idade. Elvis disse muitas vezes o quanto adorava a filha, mas, de acordo com os Rapazes, a menina se tornara pouco mais que um brinquedo para ele.

Das incontáveis mulheres do Rei, certamente a mais devotada e sofredora foi Linda Thompson. Ela o viu em seus piores momentos, mas ainda assim não o deixou. Ele a chamava de Mamãe. Finalmente, Linda teve de partir para o bem de sua própria sanidade.

Elvis imediatamente a substituiu por outra alma caridosa. Assim como Jimi, Jim, John, Kurt e Jerry, Elvis, ao longo de sua vida, nunca ficou sem uma mulher. Brevemente apaixonado por algumas, ele lhes dava carros, mas nunca o verdadeiro amor. Na verdade, suas mulheres eram como carros: belas e instigantes, mas logo o cansavam e eram trocadas. Ele teve muitos romances de uma noite, mas, antiquado de coração, o Rei era recordista em levar ganhadoras de concursos de beleza para casa. Depois que Linda deixou Graceland, a modelo Sheila Ryan foi a próxima da fila. Depois vieram a Miss Geórgia, Diana Goodman; a Rainha dos Sulistas de Memphis, Melissa Blackwood; a anfitriã dos Memphis

Grizzlies, Jo Cathy Brownlee; e então a Miss do Meio-Sul e Miss Segurança no Trânsito, Ginger Alden. Todas as suas serviçais concordam que o astro queria ser mimado, e não fazer sexo. A Rainha dos Sulistas falou por todas elas quando, ao fugir de Graceland a bordo de seu carro de cortesia, gritou: “Isto é demais para mim!”.

Elvis parecia ter mais amor pelos Rapazes. Embora os originais – seu primo Billy e seu colega de escola, Red West – estivessem sempre de prontidão, 24 horas por dia, sete dias por semana, por muitos anos ele pagara pouco a eles. Red explicou: “Parecia que um dos pré-requisitos para se trabalhar para ele era não ter um gato para puxar pelo rabo. Ele acha que se você juntar dinheiro suficiente, vai levantar acampamento e abandoná-lo, porque então não precisará mais dele e, acima de tudo, ele precisa se sentir necessário”. Mas, para compensar “o inferno que eles passavam”, como Elvis mesmo colocava a situação, o Rei presenteava os Rapazes com armas, carros e casas. Mas, sempre desconfiado dos motivos que os mantinham a seu lado, Elvis lhes testava a lealdade regularmente. Em uma ocasião, forrou sua cama com notas de 100 dólares e saiu do quarto para ficar observando quem tentaria embolsar alguma. Em outra, ele os pressionou para que cuidassem do assassinato do homem que havia botado chifres nele.

Assim como Yoko e Courtney, Priscilla conseguiu rapidamente dispersar os inúmeros “irmãos” do marido que ficavam enfurnados em sua casa logo no começo. Embora eles tenham reconquistado os favores do Rei após o divórcio, os primos West foram despedidos e escreveram um livro contando todos os podres do chefe, o que eles insistiram ter feito por amor e preocupação, não por vingança.

Red e Sonny escreveram sobre seu patrão: “Éramos como irmãos. Mas, no final, acabou que nós não significávamos nada para ele”. Isso não deveria causar espanto, uma vez que ele já havia avisado anos antes: “Quem manda aqui sou eu, e se algum de vocês achar que não, talvez eu fique chateado, mas alguém vai acabar morto”. O cantor substituiu os Judas por seus meio-irmãos, os Stanley, mas Ricky Stanley [6] também chegou à mesma conclusão amarga que os West: “Elvis não tinha nenhum amigo de verdade”, escreveu.

Portanto, no fim, o Rei, como quase todos os outros astros, estava sem amigos e sem amores. Já iam longe os dias em que ele se sentia amado só de se olhar no espelho. Elvis não via mais o belo Narciso, mas sim o paquiderme de olhar vazio em que tinha se transformado. A única pessoa que se manteve ao seu lado foi sua noiva de 20 anos, a Miss Segurança no Trânsito, que, como Lamar assinalou, “queria mais é que ele se fodesse”. O primeiro telefonema de Ginger após encontrar o corpo no chão do banheiro foi para a *National Enquirer.* “Se Linda Thompson ainda estivesse com ele, ele não teria morrido naquela noite”, escreveu Sonny.

O rival de Elvis, Jerry Lee Lewis, que também teve uma vida amorosa amaldiçoada como astro do rock, definiu seu epitáfio: “Ele se matou por causa de um rabo de saia”. O Matador, porém, nunca mencionou qual seria. Ginger? Priscilla? Sua mãe? Ou as três?

* * *

A vida amorosa de Jim Morrison, ou a ausência dela, refletia a mesma história de Elvis, Lennon e Cobain. Ele também tinha uma

queda por sua mãe, mas nada que pudesse ser chamado de amor. Em seus primeiros dias, assim como Elvis, ele podia se olhar no espelho e ver o homem de seus sonhos. Porém, fiel ao padrão, o compositor de *Love Me Two Times*, *Love Her Madly* e *Hello, I Love You* abandonou as pessoas que se importavam com ele para orbitar em torno daqueles que o puxavam para baixo. Ele rompeu com Ronnie Haran, Gloria Stavers e Patricia Kennealy. Finalmente, fugiu para Paris com sua esposa informal, Pamela Morrison, a quem a sra. Morrison II (Patricia) chamou de “uma vagabunda, viciada, puta e [...] assassina”.

Jim disse: “O verdadeiro amor requer que você deixe a pessoa ser quem ela realmente é [...] Um verdadeiro amigo é alguém que te dá a liberdade irrestrita de ser você mesmo”. Ele chamava o Doors de seus amigos e irmãos até eles venderem *Light My Fire* para a Buick. Então, Jim passou a chamá-los de “sócios”. Mas seu parceiro de copo, Tom Baker, o detonado ex-ator pornô, acusou o *próprio Jim* de ser um vendido. “Você não presta, Morrison. Nem um pouco”, dizia a ele regularmente quando estava sóbrio ou chapado. “Todo mundo te odeia!”

Mais tarde, Morrison não estava mais se sentindo amado nem por seus parceiros gays da Strip ou de qualquer lugar. Um deles, Freddie, estava chantageando-o com um pedido de pensão. Talvez seu único amigo verdadeiro nessa fase fosse Max Fink, o advogado que o salvou de Freddie e de pelo menos outros 20 processos de paternidade. Embora o Político Erótico fosse um devoto do amor livre e um aventureiro sem medo de entrar em qualquer buraco, ele assegurou a seu advogado: “Não sou bicha” e “Só fiz isso [Freddie e outros] pela minha carreira”. Os bissexuais Lennon, Cobain ou

Joplin poderiam dizer o mesmo de suas próprias atividades extracurriculares [7]. Mesmo assim, o denominador comum era uma ânsia por intimidade e confiança reais que escapavam a todos, independentemente da personalidade ou sexo de seus parceiros.

"O ódio", declarou Jim, "é uma emoção muito subestimada." Muitos de seus conhecidos concordariam. Eles amavam odiá-lo ou odiavam amá-lo. Pamela Morrison estava no segundo grupo. Depois de outra briga terrível, o perverso Jim perguntou a Pam se ela ainda o amava "pelo menos um pouco". Ela finalmente admitiu que "talvez", para depois gritar: "Mas eu me odeio por isso!". Jim sempre a mantinha em um limbo: um dia ele lhe presenteava com um Jaguar ou uma butique; no outro, dava-lhe uma surra e trancava-a num armário em chamas, ou chutava-a para fora da cama porque "ela se parecia demais com a minha mãe". Mas o que ele mais amava em Pam era que ela conseguia ser ainda mais louca do que ele, pelo menos quando brincavam de roleta-russa com suas armas ou seus carros.

Os Morrison se gabavam de um "relacionamento aberto", da mesma maneira que a maioria dos outros astros fazia. Com o advento do "amor livre", a possessividade e o ciúme eram considerados fora de moda e caretas. A maioria acreditava em jogar no campo aberto, mas nunca em pé de igualdade. Como já vimos, embora fosse um saltador de cerca prolífico, Lennon espancou Cynthia e May quando suspeitou de infidelidade, exatamente como Jimi fez com Kathy Etchingham. Elvis colocou a prêmio a cabeça do homem que enfeitou a sua com chifres. Os casos flagrantes de Courtney deixavam Kurt arrasado, e Courtney, embora se

considerasse o paradigma da mulher emancipada, ameaçou matar várias das namoradas de Kurt.

Quando a sra. M I (Pam) encontrou a sra. M II (Patricia) pela primeira vez, assegurou à sua sucessora que ela e Morrison tinham "ficado mais de um ano sem dar uma" e que ela se sentia bem "sussa" com relação a Patricia. Mas Patricia não acreditou. "Basicamente, ela [Pam] era uma viciada completamente dependente das drogas que não tinha mais nada na vida além de Jim", escreveu, "e era [...] uma ciumenta maníaca e tinha um terror paranoico de perdê-lo [8]."

Após o tête-à-tête das esposas, o marido chegou. Provando que tudo estava mesmo "numa boa", o astro bígamo engatou um *ménage à trois* num jogo de War no qual ele rapidamente devastou os exércitos das duas. Então, Pam pediu licença para tomar algumas drogas e poppers e Jim transou pela última vez com Patricia. Depois, ele disse a ela que estava partindo para Paris com Pam porque "eu me sinto meio que responsável por ela [...] Devo isso a ela". Mas ele prometeu a Patricia que voltaria para ela em breve. Então ele perguntou se ela se mataria caso ele morresse em Paris, porque, a essa altura, ele achava que havia lhe restado apenas um "belo amigo": O Fim.

Antes de partir para encontrar seu destino do outro lado do oceano, ele tomou um drinque de despedida com sua velha inimiga e amante, Janis, e os dois astros acabaram se abraçando.

Nessa época, a Rainha do Blues já tinha preenchido sua cota de "Fraudes de Sábado à Noite". Mas, das quatro propostas de casamento que recebera, duas pareciam ser verdadeiras: Travis Rivers e David Niehaus. Ela rejeitou a de Rivers porque não queria

se arrepender de casar tão cedo. Ela rejeitou a de Niehaus – que nem sabia quem ela era quando a viu pela primeira vez – porque “ele está determinado a me transformar em uma esposa de professor de colégio”.

Enquanto Janis esperava que o homem perfeito aparecesse, ela admitiu ter transado “com uns 2 mil caras e algumas centenas de garotas”. Sua ninfomania – que eclipsava até mesmo a satiríase de Lennon, Hendrix e Morrison – chegou aos píncaros nos últimos cinco dias de sua turnê, durante os quais ela estimou ser feito sexo 65 vezes.

Agora percebendo, assim como Hendrix, que gostar de alguém leva sua ambição para a merda, ela abandonou sua família do Big Brother e seu empresário, Chet Helms, os responsáveis por sua estreia. Ela disse que mataria qualquer um que atrapalhasse sua carreira. Joni Mitchell não ficou surpresa. “Ela era a rainha do *rock’n’roll*”, disse a cantora à revista *Mojo,* “depois a *Rolling Stone* me chamou de rainha do rock, e então ela passou a me odiar.” “Para se estar no ramo da música, você nem imagina a quantidade de coisas que as mulheres têm que deixar para trás”, contou a Rainha do Blues a um repórter. “[...] Você abre mão de um marido e dos amigos, você abre mão de todas as constantes da vida, exceto a música.”

No final, como Morrison e Lennon, ela lamentou que ninguém a amava. Então trombou com o “demônio de fala macia”, Seth Morgan, e aceitou sua proposta de casamento. No calor do romance, não ocorreu a ela que ele quisesse usá-la.

Depois da morte de Janis, Morgan continuou se casando com outras namoradas. A primeira acabou com a face paralisada em um

acidente de moto provocado por ele. A segunda, ele viciou e prostituiu. Antes de sua morte violenta, ele confessou ser “uma personalidade viciosa que cresceu em um lar de alcoólatras”, e que, durante sua vida, ele se empenhou na “degradação estratégica de mulheres” que o lembrassem sua mãe, que havia bebido até morrer quando ele era jovem.

Janis passou a última noite no Barney’s Beanery tentando tirar Seth à força de sua cabeça com bebidas. Ao retornar ao Land Mine sozinha, talvez ela tenha pensado em seu único amor de verdade, David, e de quando ela gravou *Bobby McGee* alguns dias atrás: “But I’d trade all of my tomorrows for one single yesterday / To be holdin’ Bobby’s body next to mine”.

* * *

Como diz o ditado, uma bela canção nasce de um coração partido. O amor pode ferir um coração, mas seus disfarces também – a paixão e a necessidade. O coração desses grandes músicos foi ferido, mas por qual desses sentimentos? Eles foram amados, mas será que realmente amaram?

Dizem que uma pessoa tem de amar a si mesma antes de poder amar outra pessoa. Narcisismo à parte, alguma dessas estrelas realmente se amava? Não às suas imagens deslumbrantes, mas apenas a si mesmos, sozinhos, como seres humanos? Pode levar uma eternidade para se chegar a uma conclusão, já que a pessoa precisa descobrir, ao menos parcialmente, quem ela é.

Em diferentes níveis, todos os Sete se dedicaram a essa busca. Quanto mais profunda a alma, mais profunda e demorada a procura.

Sem dúvida, essas eram pessoas de grande profundidade e complexidade. Portanto, as buscas eram longas, especialmente para os introspectivos Lennon, Morrison e Garcia. Mas mesmo Elvis, o menos reflexivo, nunca parou de questionar quem era e de perguntar a Deus por que Ele o havia transformado em Elvis Presley, adorado por milhões e, ainda assim, tão solitário. Era uma condição compartilhada por todos os Sete. Suas lutas para encontrar o verdadeiro amor deram à sua música um poder atormentado, mas seu isolamento cresceu com sua fama.

Durante sua separação de Yoko, John chorou: “Finalmente tenho a chance de ser eu mesmo, mas ninguém me quer!”.

“O amor não pode te salvar do seu destino”, disse Morrison, expressando o fatalismo que muitos sentiram no final.

Jerry Garcia talvez concordasse. A vida amorosa desse filho de um amor de San Francisco não foi menos conturbada ou problemática do que a dos outros.

Garcia foi o maior “casador” dos Sete, mas também seguiu o padrão. Teve quatro esposas. A número um, que o apoiava, ele a deixou. As números dois e três salvaram-no de overdoses e de comas diabéticos, e ele as deixou. Em sua eulogia, a número quatro se autoproclamou “o amor da vida de Jerry”: ela tinha levado seu dinheiro, mas sempre reclamava que não era o suficiente, “fazendo Jerry chorar”, como disse um amigo.

“A box of rain will ease the pain, and love will see you through”, ele cantou. Embora Garcia talvez tenha sido o mais velho e sábio de todos, o que o levou ao mesmo fim solitário?

★

San Francisco
1o de agosto de 1942

✞

Forest Knolls
9 de agosto de 1995

7
Jerry Garcia

Lázaro

O presidente da trigésima nona maior empresa da Califórnia estava em pleno choque diabético. A taxa de açúcar em seu sangue era a segunda mais alta que os médicos do Hospital Geral do Condado de Marin já tinham visto. Seus rins estavam paralisados havia dez dias. Ele estava com 40,5 graus de febre devido a uma infecção sistêmica. Ele estava em coma.

Mas, agindo por reflexo, suas lendárias mãos – como se tivessem vida própria – tentavam arrancar os aparelhos de respiração e tubos intravenosos.

Do lado de fora da UTI, o corredor estava atulhado de familiares, amigos, empresários, repórteres – e Hell's Angels. A gangue das motocicletas, fazendo o papel de seguranças, havia tomado todo o andar do hospital.

Somente a esposa do paciente tinha permissão para entrar. Ela estava histérica. Ele mal podia respirar. Os médicos tinham recomendado uma traqueotomia de emergência, mas ela não tinha a intenção de autorizar. Ela insistia em dizer que eles já o haviam matado antes com uma dose de Valium, ao qual ele era alérgico.

“Seu coração parou”, ela disse posteriormente. “Ele morreu. O hospital não queria que ninguém soubesse, mas ele morreu. Eles tiveram de ressuscitá-lo.”

Mesmo que o marido sobrevivesse, ela já havia sido informada de que ele poderia sofrer danos cerebrais e talvez não voltasse a andar, o que não era necessariamente uma surpresa para ela ou para os outros.

Seu marido, o líder do Grateful Dead, já vinha cortejando sua musa negra há quase 20 anos.

* * *

Carolyn “Mountain Girl” Garcia casou-se com Jerry em 1981, cinco anos antes de sua hospitalização. Eles tinham sido namorados nos anos 1960 e tiveram um relacionamento conturbado, cheio de idas e vindas, desde então. Ex-aluna em Stanford, Mountain Girl [A Garota da Montanha] – ou MG, como era conhecida – tinha namorado Ken Kesey, fundador dos Merry “teste de ácido elétrico” Pranksters.

No começo dos anos 1980, dois membros do Grateful Dead já haviam falecido – um deles por abuso de drogas. E algum tempo antes o próprio Jerry estava injetando heroína, cheirando coca e tomando anfetaminas. “Eu sabia que ele [Jerry] estava brincando com coisas perigosas”, disse MG. “Eu percebi que ele poderia morrer a qualquer momento.” Então, ela disse a ele: “Olha, eu sei que você provavelmente vai acabar batendo as botas ou que alguma coisa ruim vai acabar acontecendo. Eu me sentiria melhor se nos casássemos”.

Um monge budista tibetano realizou a cerimônia em um dos vestiários do Oakland Auditorium na véspera do Ano-Novo. “Mas aquilo não mudou porcaria nenhuma”, confessou a noiva posteriormente.

MG voltou para sua fazenda no Oregon. Jerry voltou à estrada com o Grateful Dead e com sua companheira de turnê de longa data: a heroína.

Seu vício agravou-se consideravelmente, e sua saúde deteriorava-se cada vez mais. Em 1984, ele estava com obesidade mórbida, seu colesterol estava acima de 900 e seus pés dois números maiores devido ao inchaço provocado pelo edema. Ele parecia “não somente morto, mas uma criatura que tinha retornado do túmulo”, escreveu Robert Greenfield [1], que assistiu a seus shows naquela época. Sua esposa, amigos e colegas de banda pediam a Jerry que procurasse um tratamento, mas ele era obstinado.

Garcia chamava a heroína de seu “remédio”. Ao explicar seus valores terapêuticos, ele disse a um repórter: “É uma coisa que leva todas as suas vontades embora. Toda vez que você toma, você ‘se desliga de tudo’, não fosse por coisas do tipo esquecer de comer e outros pequenos detalhes da vida. Você nem liga para todas essas merdas. É por isso que as pessoas morrem”.

Mountain Girl finalmente resolveu tentar intervir. “Sumam todos daqui!”, ele rugiu quando MG e seus colegas de banda o encurralaram.

Escolhas pessoais sempre foram um bem inviolável para Garcia: ele nunca atrapalhou a viagem de ninguém; sendo assim, recusava-se a tolerar que qualquer pessoa atrapalhasse a sua – mesmo

depois de se tornar a força motriz de uma empresa multimilionária, da qual muitos vieram a ser dependentes. Um fato do qual ele passou a se arrepender amargamente.

Mas pouco tempo depois ele ingressou nos Narcóticos Anônimos. No caminho para lá, ele parava seu BMW em uma área de estacionamento proibido no Golden Gate Park e tomava uma anfetamina. Foi preso por posse de 23 papelotes de heroína e cocaína. Essa foi sua terceira prisão.

Ele passou seus dias de desintoxicação pintando, brincando com seus carros de controle remoto, montando modelos de Uzis e outras armas e assistindo TV. Ressurgindo limpo e renovado, voltou à estrada. Mas em pouco tempo, saiu dos trilhos novamente.

No final de uma miniturnê com Dylan e Tom Petty no sufocante verão de 1986, ele se sentiu deslizando para um estado de espírito peculiar. “Senti como se o reino vegetal estivesse falando comigo com sotaques italianos e alemães. Batatas, almeirões e árvores, todos estavam falavam comigo”, relembrou ele. “Isso me despertou uma grande admiração pelas possibilidades incríveis e barrocas das atividades mentais.”

Ele mal tinha voltado para casa quando sua empregada doméstica, Nora Sage, encontrou-o em estado de coma no chão do banheiro.

* * *

Os médicos administraram mais Demerol em Garcia, ainda inconsciente, enquanto as enfermeiras amarraram suas mãos para que ele não desconectasse os tubos. MG observava horrorizada seu

leviatã de mais de 130 quilos se contorcendo e esperneando sobre a maca. Parecia que ele estava tendo um pesadelo.

Finalmente ele parou e seus olhos se abriram. Jerry viu sua esposa e seus médicos reunidos à sua volta sem dizerem uma palavra, como se ele estivesse surdo. “Por que estão olhando para mim?”, murmurou ele para a esposa, que não emitia nenhum som. “Não sou Beethoven. Não sou surdo.”

Rapidamente, o hospital entrou em polvorosa – familiares, amigos, colegas de banda e Hell’s Angels celebravam a maravilhosa notícia. “Os médicos disseram que nunca viram alguém tão doente que não estivesse morto”, Jerry comentaria mais tarde. Depois, completou: “Senti mesmo que os fãs colocaram a vida de volta em mim”.

Mas sua recuperação foi lenta e trabalhosa. “Depois que saí do coma, tive essa visão de mim mesmo em forma de pequenos nacos de protoplasma.” Experimentando o que ele chamava de “inversões joyceanas de linguagem”, Garcia tinha dificuldade para falar. Ele precisou aprender a andar de novo. E precisou, também, aprender a tocar guitarra de novo.

Seu amigo e colaborador, Merl Saunders, ensinou-o. “Começamos com muita calma”, disse Merl. “Foi como ensinar um bebê. [...] Levava cerca de duas horas para que ele tocasse dois ou três acordes.”

“Ele estava grato por estar vivo”, disse David Nelson, seu companheiro de banda na New Riders of the Purple Sage. “Para ele, já era a segunda vez. A primeira tinha sido um acidente de carro em Palo Alto.”

O desastre havia acontecido 25 anos antes.

“Foi aí que minha vida começou”, disse Jerry sobre o acidente que levou seu grande amigo, mas que o poupou. “Aquilo foi o impulso para o resto de minha vida.”

O impulso

Batizado em homenagem ao compositor norte-americano Jerome Kern, Jerome John Garcia nasceu no dia 1º de agosto de 1942. Seu pai, Joe, um clarinetista líder de banda, tinha tocado nas trilhas dos filmes de Mary Pickford. Após ser multado pela união dos músicos por fazer uma apresentação gratuita, Joe tornou-se dono de um bar em San Francisco. Jerry diria, posteriormente, ser “a ovelha negra de uma ovelha negra”.

A mãe de Jerry, Ruth “Bobbie” Clifford, trabalhava como enfermeira no Hospital Geral de San Francisco. Ela pintava, adorava ópera e estudava astrologia, quiromancia e o historiador cósmico Immanuel Velikovsky.

Jerry e seu irmão mais velho, Tiff, tiveram uma infância livre. Em certa ocasião, Tiff acidentalmente decepou o dedo do pequeno Jerry, de 4 anos de idade, quando estavam brincando de cortar madeira [2].

Logo após seu quinto aniversário, Jerry foi acampar com os pais ao norte da costa da Califórnia. Ele e a mãe estavam sentados no banco de areia do rio Trinity observando seu pai pescar trutas-arco-íris quando, de repente, Joe perdeu o equilíbrio e a correnteza o levou. “Eu realmente o vi afundar; foi horrível”, recordou Jerry [3]. A morte do pai, disse ele, “me debilitou emocionalmente por muito tempo”.

Jerry e Tiff se mudaram para a casa dos avós maternos, os Clifford, enquanto Ruth assumiu o comando do bar de marinheiros

de Joe, o 400 Club. Seu avô Bill era motorista de caminhão de lavanderia aposentado; sua avó Tilly, dona de um espírito libertário, deixava que os meninos fizessem de tudo. Sendo um delinquente como Lennon, Hendrix e Cobain, Jerry confessaria depois que ateou fogo nas colinas e que, em outra ocasião, quebrou 70 janelas nos fundos de uma delegacia de polícia. “Eu era patologicamente antiautoritário”, afirmou.

Ele afirmava que seu professor da sétima série, um estudioso de ficção científica que dirigia uma Vincent Black Shadow, foi “a pessoa que me transformou em um maluco”. Jerry teve de repetir a oitava série porque “eu era esperto demais para a escola”. Depois de ser colocado em um programa de aceleração de aprendizado, ele se tornou um leitor voraz. Seus livros favoritos eram *1984*, de Orwell, e *Finnegans wake,* de Joyce.

Seguindo os passos de seu pai, a grande paixão de Jerry sempre foi a música. Seus primeiros instrumentos foram o banjo e o ukulele de sua avó Tilly. Mais tarde, em seu aniversário de 15 anos, a mãe surpreendeu-o com um acordeão, que ele trocou por uma guitarra elétrica e um amplificador. “Eu não cabia em mim de felicidade”, recordou. Depois de assistir *Rock Around the Clock*, em 1956, ele começou a praticar incansavelmente – não somente guitarra, mas também saxofone e piano. “Um dia, você será um astro do rock, rico e famoso”, garantiu-lhe seu melhor amigo e futuro *roadie,* Laird Grant.

Foi então que Garcia fez uma importante descoberta, que depois revelaria à *Rolling Stone*. “Eu tinha 15 anos quando me liguei em maconha. Uau! Maconha. Era demais, exatamente o que eu queria [...] aquele lance de vinho era terrível, e a tal maconha era perfeita!”

Como complemento, Jerry comprava “doce” – como ele chamava os ácidos – das gangues de rua. “Ele sempre tinha umas 15 pílulas de tipos e cores diferentes”, lembrou-se Laird. “[...] Eram substâncias desconhecidas – estimulantes e calmantes, narcóticos e tranquilizantes. A gente se entupia daquilo e saía para perambular por San Francisco.”

Aos 17 anos, Jerry abandonou a escola e se alistou no Exército. “Eu queria tanto ver o mundo [...] Alemanha, Coreia, Japão... *qualquer lugar*”, explicaria posteriormente o antiautoritário.

O soldado Garcia foi condecorado por sua pontaria com a carabina e com mísseis terra-ar. Mais tarde, foi motorista de caminhões de transporte de mísseis no quartel. Ele logo se cansou “de ver os incompetentes mandando os desinteressados fazerem o que era desnecessário em um tempo inacreditavelmente grande”. Então, numa certa manhã, ele se viu em um quarto de motel fora da base tentando convencer um companheiro de Exército a não se suicidar com um tiro. Embora seu amigo fosse “completamente zuado” e “a encrenca em forma de gente”, o cara também era um guitarrista “dos bons” e tinha ensinado Jerry a como dedilhar. Quando o soldado Garcia retornou à base, foi flagrado após ter se ausentado sem permissão e encaminhado à corte marcial. A corte concluiu que aquele jovem “não era adequado para o estilo de vida militar” e concedeu-lhe uma “dispensa por inaptidão”, semelhante à que Hendrix recebeu na mesma época no Kentucky.

Jerry gastou o dinheiro que recebeu em um Cadillac 1950 em pandarecos e seguiu num rastro de fumaça até a vanguardista cidade universitária de Palo Alto. Lá, ele conheceu artistas, cantores de folk e poetas *beatniks*. Um deles era o jovem inglês Alan Trist,

que mais tarde seria o diretor da editora do Grateful Dead; outro de seus colegas era um artista plástico e ator precoce chamado Paul Speegle.

Certa noite, após uma festa na qual ficaram tocando o que eles chamavam de “charadas mortais”, Jerry e Alan se empoleiraram no Studebaker Golden Hawk de Paul. O cupê estava a quase 160 quilômetros por hora nos arredores do Hospital dos Veteranos quando perdeu o controle em uma curva, atravessou uma cerca, capotou e desabou violentamente sobre o motorista. Jerry, no banco do passageiro, “voou” através do para-brisa e quebrou a clavícula. Paul Speegle foi declarado morto no local.

“Tornei-me outra pessoa”, disse Jerry. “Aquilo [o acidente] foi uma experiência cósmica [...] Foi ali que minha vida começou. Antes disso, eu sempre vivi abaixo da minha capacidade. Estava perdendo tempo. O acidente foi o impulso para o resto da vida.”

Seu amigo sobrevivente, Alan Trist, concordou. “Isso aconteceu quando nós estávamos ingressando na vida adulta e teve um efeito profundo sobre Jerry. O fato fez ele se dar conta da fragilidade da vida e de como as coisas podem ser tiradas de nós sem qualquer aviso.”

* * *

A música tornou-se uma paixão em tempo integral para Jerry Garcia. Assim como Hendrix na mesma época, ele praticava constantemente. Os dois eram músicos virtuosíssimos. Enquanto para outros a música era um meio, para eles a música em si e por si era o começo e o fim de tudo. A essência.

“Ele *só* fazia isso”, declarou sua namorada, Barbara Meier. “Nada mais. Ele tocava música. Ele era completamente dedicado a isso.”

Jerry conheceu Barbara logo após o acidente. estudante de 15 anos, inteligente e boêmia, que trabalhava meio período como modelo do creme dental Pepsodent. Apesar de Jerry tirar sarro da namorada por isso, ela lhe comprou duas guitarras com o dinheiro de seu bico dentário. Eles se separaram depois de alguns anos, mas voltaram a namorar depois que Jerry se tornou o “chefão” do império do Dead.

Na época, o guitarrista namorava Sara Ruppenthal, aluna de Stanford, pacifista e amiga de Joan Baez. Sara logo ficou grávida, e ambos deram uma festa de casamento às pressas na primavera de 1963.

“Nós deixamos de ser amigos logo depois que nos casamos”, recordou Sara. “A paternidade não era algo com que ele conseguiria lidar.” Jerry passou pouco tempo com ela durante a gravidez. “Ele vivia para a música”, continuou. “Ele ficava de mau humor se não pudesse ensaiar horas a fio todos os dias. Era muito ambicioso. Ele queria ser algo grandioso. [...] Eu achava que, se ele tivesse uma boa mulher ao seu lado, iria longe.”

Sara trabalhava meio período para seu pai na Stanford Business School. Jerry conseguia ganhar alguns dólares como professor de guitarra, mas gastava a maior parte de seu tempo tocando com sua nova banda de *bluegrass*, os Wildwood Boys, nos bares de South Bay, em livrarias e em apresentações abertas de folk. “Eu não preciso crescer e não vou crescer”, ele disse a Sara depois do

divórcio, resultado dessa diferença irreconciliável e de seu caso monogâmico com a música.

Robert Hunter foi cofundador dos Wildwood Boys e se tornaria o compositor das letras do Dead. Ele havia abandonado a Universidade de Connecticut e estava envolvido com misticismo tibetano, poesia *beatnik* e *bluegrass* antigo. A carreira dos Boys teve seu ponto alto no Newport Folk Festival, que contou com Bob Dylan [4], Doc Watson e Peter, Paul and Mary, entre outros notáveis. Os Wildwood Boys venceram o concurso de *bluegrass* amador.

Apesar de, já nessa época, Garcia ser um virtuoso do banjo e do blues, um verdadeiro músico renascentista, ele queria ir mais longe. Entre os que o encorajavam a tentar novos rumos estavam os boêmios da Bay Area: Phil Lesh, Bob Weir e Ron McKernan.

Músico de formação clássica e aficionado por jazz, Lesh tinha estudado com John Cage na Julliard; ele trabalhava como carteiro e como DJ underground e queria tornar-se compositor. Weir, um dos alunos de guitarra de Jerry e que já tinha sido expulso de sete escolas particulares, aspirava superar seus ídolos, os Beatles. O terceiro, Ron McKernan – também conhecido como “Pigpen” [Chiqueirinho], por causa do personagem das tiras do Snoopy – detonava na gaita, além de tocar órgão Hammond B-3, Dobro, slide e, para terminar, cantar blues como se fosse um negro do delta do Mississippi.

Jerry, Bob e Pig, a princípio, deram ao conjunto o nome Mother McCree’s Uptown Jug Champions. Eles se transformaram nos Warlocks quando Lesh entrou na banda, em 1965. “Os Beatles foram a razão de nos transformarmos de uma banda de jug em uma banda de rock”, disse Weir depois que todos eles assistiram aos

Reis do Iê-iê-iê. “O que vimos eles fazerem era absurdamente cativante.”

Pigpen tornou-se o vocalista principal do grupo, e Garcia era o líder na prática. “Jerry conseguia ser bastante direto e, na verdade, muito cruel com os membros da banda se eles não o deixassem satisfeito”, relembra Sara. “As pessoas tinham medo dele. Ele era um chefe rígido”, concorda Lesh. Logo que se juntou aos Warlocks, Lesh colocou-se contra Garcia: “Esse cara tem muito poder”.

Mas Jerry odiava delírios de grandeza. Ele sabia que o grupo precisava trabalhar não só para tornar-se mais coeso, mas, acima de tudo, para descobrir sua verdadeira personalidade musical.

O nascimento do Dead

> Os membros do Grateful Dead pareciam estar quase mortos.
> Eles tinham apenas 20 anos, mas formavam um grupo de aparência muito bizarra.
> – Grace Slick, do Jefferson Airplane

Logo depois que o Warlocks se formou, Jerry tomou ácido pela primeira vez.

Seu parceiro no Wildwood Boys, Hunter, tinha sido cobaia de drogas psicotomiméticas (simuladoras de loucura) no Laboratório de Química e Bacteriologia da CIA, no Hospital dos Veteranos.

Aquilo interessou Jerry. Assim que seu amigo de *bluegrass* lhe deu alguns ácidos, ele e Sara sumiram para dentro da toca do coelho. “Nós saímos do controle pra valer”, relembrou Sara. Eles conseguiram dirigir até a casa de Hunter. “Nós derrubamos a porta”, continuou ela, “e acordamos Hunter [...] porque ele tinha um exemplar do *Livro tibetano dos mortos*; portanto ele obviamente poderia nos ajudar.”

Após consultar o livro e identificar os estados *bardos* do itinerário da alma, ele disse a Jerry e Sara: “Está tudo bem!”.

“Ele simplesmente cortou a *bad trip* e nós ficamos muito aliviados”, disse Sara. “Mas é claro que está tudo bem! Obrigado, cara. Desculpe por termos te acordado!”

Depois daquilo, Jerry passou a tomar ácido religiosamente. Certa vez, ele disse a um repórter que, sob a influência do LSD, assim como seu letrista, ele tinha “subido aos céus, onde lhe havia sido revelada a face de Deus”.

Não muito tempo depois dessa viagem inaugural, Garcia estava na casa de Lesh com os outros Warlocks fumando DMT (dimetiltriptamina). Ainda insatisfeitos com o nome da banda, eles continuavam discutindo alternativas. Jerry abriu o dicionário *Weir’s Funk & Wagnalls* em uma página qualquer e bateu os olhos em *Grateful Dead* (ou “morto agradecido”). O termo vinha de um velho conto folclórico inglês: um bom samaritano paga pelo enterro de um mendigo, que retorna dos mortos para salvar a vida do próprio samaritano, presenteando-lhe com uma fortuna.

No início, os Warlocks odiaram o nome, e eles não foram os únicos. Quando encontraram o Maharishi pela primeira vez, o guru lhes disse: “Preciso dizer-lhes uma coisa, crianças. Vocês não podem se chamar ‘Grateful Dead’. Vocês devem se chamar ‘Eternal Living!’ [Vida Eterna]. E vocês devem se vestir com pijamas de seda”.

Rebelde por natureza, a banda rejeitou a ideia dos pijamas de seda e tornou-se o Grateful Dead.

“Sempre achamos que [o nome] estava mais ligado à morte do ego do que a uma lenda específica”, Jerry explicaria depois. Como o distanciamento do ego e o desprendimento de todas as coisas são o ponto central das viagens lisérgicas, o LSD naturalmente tornou-se o sacramento do Grateful Dead. E o nome sedimentou sua identidade: o Dead transformou-se na primeira banda alquimista e cósmica do mundo.

“Nosso negócio é fazer mágica”, declarou Jerry. “A música é como a fazemos.”

* * *

Assim como no conto folclórico, o Dead não tinha um tostão até que um samaritano apareceu: Owsley Stanley, “o Johnny Appleseed do LSD”. Neto do senador do Kentucky Augustus Stanley, Owsley, que tinha sido expulso da escola militar, tornou-se um cientista de foguetes da Força Aérea e se aposentou para estudar russo, balé e criar seus compostos mágicos. Logo se converteu no maior produtor particular de LSD e desenvolveu uma variedade de marcas coloridas: White Lightning [Relâmpago Branco], Purple Haze [Névoa Púrpura], Blue Cheer [Prazer Azul] e Orange Sunshine [Raio de Sol Laranja].

A primeira vez que os caminhos do químico e do Dead se cruzaram foi em um “teste de ácido” dos Merry Pranksters, grupo formado por uma mistura variada de chapados liderados pelo maluco alfa Ken Kesey. Owsley, também conhecido com Bear [Urso], trouxe seus melhores produtos para a festa. O Dead providenciou os acordes. “Os ‘testes de ácido’ plantaram a semente da qual o Grateful Dead cresceu como o pé de feijão de João”, escreveu Carol Brightman [5]. Garcia chamava os testes de “caos ordenado”.

Bear teve uma percepção ainda mais dramática do teste quando a viagem e a música se misturaram naquela tarde com os Prankster. “A guitarra de Garcia parecia vir do universo e tentava me comer vivo”, ele disse. “Essa banda será maior do que os Beatles! Era o

que eu pensava enquanto ouvia aquela porra cósmica inacreditável que eles estavam tocando.”

O cientista maluco carregou a banda até Watts e alugou o Big Pink [6] para eles, uma residência caiada de três andares vizinha a um puteiro. Um membro da família Dead recordou: “Owsley era o responsável pelos custos e, como era um maníaco por controle, controlava cada detalhe, até mesmo o que comíamos”. Bear disse à banda: “Não vamos comer nada além de carne vermelha. E ovos. E só vamos tomar leite. Nada de vegetais. Nem de frutas”.

O único “grupo alimentar sem sangue” permitido para a banda era o seu próprio produto: Ki-suco púrpura elétrico fermentado em baldes de lixo de 100 litros. Em um período de dois anos, Owsley preparou 1,25 milhão de doses de LSD. “Tínhamos ácido suficiente para rachar o mundo em dois”, relembrou Jerry. “Estávamos frequentemente viajando, se não constantemente. Aquilo acabou ficando bom e estranho.” Certa vez, o novo empresário do Dead, Rock Scully, encontrou Garcia embaixo da mesa de jantar escondendo-se do fantasma de um xamã indígena da tribo dos Tamal que “o estava acusando por antigos abusos perpetrados pelos espanhóis contra sua tribo”.

Em alguns meses, o Dead voltou para o norte e se mudou para uma casa vitoriana bacana no Haight. Ali, Bob Weir comprometeu-se a abandonar completamente as drogas e assumiu uma dieta composta estritamente de algas e arroz. “Agora meu metabolismo está tão limpo que nem preciso usar papel higiênico!”, gabou-se para a banda.

O único membro que aderiu ao novo estilo “não, obrigado” foi Pigpen, que já era manguaça desde os 12 anos. Ácido o fazia cagar

nas calças de medo. Certa vez, ele tomou uma dose no Fillmore East, perdeu a sensibilidade nas pernas, o senso de direção e começou a gaguejar: “Estou transparente. Agora eu vejo tudo. Mas não gosto do que estou vendo”. Ele foi resgatado da miragem pelas amas de leite do Dead e pelos discos de Wilson Pickett.

A banda tocava pela cidade com o Jefferson Airplane, o Quicksilver, a Big Brother de Janis e outros amigos antes de conseguir um contrato de gravação com a Warner, cujo portfólio incluía Frank Sinatra, Dean Martin, Petula Clark e outros artistas não tão revolucionários. Quando se reuniu com o executivo Joe Smith, a banda não teve papas na língua quanto à sua ética: “Eu não preciso de nada”, disse Garcia. “Eu não quero nada. Eu tenho instrumentos e sei como conseguir comida. Não vamos sacrificar nossa integridade para fechar o negócio.”

“Eles odiavam todo mundo [da indústria]”, disse Smith. “Eles só me odiavam um pouco menos.” Mesmo assim, o acordo quase não decolou: “Eles disseram que eu não poderia entender a música deles antes de tomar uma dose de ácido”, continuou Smith.

O executivo disse ao Dead que entender um produto não era indispensável para conseguir vendê-lo. Resumindo, a resposta era não. Ele disse que ser amarrado a uma maca e injetado com clorpromazina não fazia parte do escopo de seu trabalho. Quanto ao Dead, exceto pela acidofobia de Pig, eles compartilhavam a ética da bomba H com os Merry Pranksters sobre a administração de ácido em inocentes: “Onde eles decolam e onde eles desabam não é meu departamento”, dizia Werner von Braun. Mesmo assim, a banda acabou assinando o contrato. E, depois disso, Smith conseguiu se manter “limpo” encontrando-se com a banda o mínimo possível [7].

“O pessoal da gravadora tinha medo de nós”, disse o baterista Mickey Hart. “[...] Eles não conseguiam comer nem beber nada quando estávamos por perto, pois tinham medo que tudo tivesse LSD. Por isso, eles nunca apareciam.”

* * *

O álbum de estreia da banda, *The Grateful Dead,* foi gravado em menos de uma semana com a ajuda de anfetaminas, maconha e ácido.

A essa altura, o Dead já tinha um número inesperado de fãs do underground. Quando tocaram em Nova York, receberam um convite.

Salvador Dalí pede sua presença em seu brunch Exquisite Corpse, na Suíte 210 do Hotel Pierre.

Ao chegar, a banda foi apresentada ao pintor espanhol por Tom Wolfe, autor de *The electric kool-aid acid test*, que contou que os havia conhecido em um teste de ácido. Dalí exigiu uma explicação. “É onde os jovens tomam LSD e dançam ao som de rock”, explicou Wolfe. Imediatamente, o surrealista deu de ombros, fez o sinal da cruz e exclamou: “Eu não uso drogas. Eu *sou* as drogas!”. Jerry, ex-estudante de arte, se arriscou a perguntar ao mestre como ele tinha atingido detalhes tão refinados em sua *Crucificação* e em *Relógios Fundidos.*

“Pincéis pequenos”, replicou Dalí. “Cabelinhos de bebês, macios como os da bunda de Gala [sua esposa], feitos com pelos púbicos

de macacos capuchinhos!” Foi então que o Dead percebeu, definitivamente, que não precisariam dar uma dose ao surrealista.

Outro encontro lisérgico que o grupo teve logo em seu início foi com o xamã cherokee Rolling Thunder [Trovão Ondulante]. O curandeiro já tinha “defumado” o Fillmore para o Dead, eliminando os maus espíritos do auditório. Satisfeito com seus serviços, o Dead perguntou a Rolling Thunder se ele poderia curar Jerry de uma pneumonia dupla. O guitarrista tinha contraído a enfermidade por dormir em um velho ônibus escolar próximo a sua casa. O Dead estava para começar uma turnê.

“Cancelem essas merdas de datas”, gemeu Jerry. “Estou morrendo!”

Em vez de fazer o que Jerry disse e hospitalizá-lo, o Dead convocou o xamã para um atendimento em domicílio. Rolling Thunder, que fazia bicos para a empresa ferroviária Union Pacific, onde ocupava o cargo de operador de freios, chegou ao esconderijo de Garcia na floresta com seus apetrechos: garras e asas de águia e carapaças de caramujo. Enquanto a banda acendia uma fogueira, fazia um círculo de pedras e estripava uma galinha, o cherokee entoava versos sobre o astro enfermo.

De repente, de acordo com Rock Scully [8], “as garras se pregaram ao braço de Rolling Thunder e a asa ficou em pé sozinha!”. Nesse momento, sem fazer ideia do que estava acontecendo, um *roadie* irrompeu, cruzou o “caminho da doença, deu um giro e desmaiou”. Depois disso, Rolling Thunder – “tomando todo o veneno de Garcia para si” – ficou verde, cambaleou para o lado e “vomitou todas as suas entranhas”.

Quanto a Jerry, sua cor voltou rapidamente e ele se sentiu “novo em folha”.

Incrédulo mas agradecido, o empresário Scully disse ao xamã ainda enjoado: “Pode pedir o que você quiser, não há nada que eu não faria por você!”.

“Eu quero sua mulher”, declarou Rolling Thunder sem nem piscar.

A namorada de Rock, Nicki, foi quem teve a ideia de convocar o xamã. Mas Rock perguntou se Rolling Thunder não preferiria a namorada de Jerry, Mountain Girl – já que, afinal, ele tinha curado Jerry.

“Ei, Rock, muito obrigada!”, gritou MG.

“Mountain Girl me mete medo”, replicou o xamã, ainda de olho em Nicki.

Sendo uma judia russa de Nova York, Nicki parecia-se muito mais com uma cherokee. “Olha, gente, tá tudo bem”, anunciou ela para alívio de Jerry e de todo grupo, exceto de Rock, “eu cuido disso”.

E foi assim que Garcia ganhou mais uma prorrogação em sua vida.

Foda de crânios

> Take a snip of this then play a little riff, don't be afraid to try.
> Don't need no airplane to get off the ground, there's more than one way to fly.
> – Garcia e Hunter, *Cocaine*

Antes de gravar seu segundo álbum de chapações, *Anthem of the Sun,* o Dead foi preso por porte de maconha. Todos foram detidos exceto Jerry, que estava resolvendo uns assuntos em outro lugar quando a Narcóticos chegou.

"Somos um país de foras da lei!", declarou ele depois. O incidente deu início ao êxodo da banda do distrito de Haight-Ashbury no verão de 1968. Rock sentiu como se tivessem sido "expulsos do Éden". Mas, nessa época, o Haight não oferecia mais ácido, amor e flores – apenas heroína, metanfetamina de baixa qualidade e crime.

No ano seguinte, os membros do Dead foram apanhados na Bourbon Street e caíram como pinos de boliche. Desta vez, a causa foi ácido, tranquilizantes e estimulantes. Jerry foi preso com Bear Owsley e outras 17 pessoas. Livre por suspensão de sentença, o Dead lançou um álbum ao vivo, que eles queriam batizar de *Skull Fuck* [Foda de Crânios].

"Vocês não podem fazer isso comigo!", gritou Joe Smith, da Warner. Em deferência ao executivo que já vinha sofrendo havia

muito, Jerry e a banda concordaram em trocar o título pelo tépido *Skull & Roses.*

O Dead passara a fazer turnês sem descanso. Em 1969, tocaram 143 vezes. Em 1970, 145. Com a inclusão de um segundo percussionista, Mickey Hart, e de um segundo tecladista, TC Constanten, eles se tornaram uma banda de improviso wagneriana, que detonava uma "muralha de som" (*wall of sound*) muito mais poderosa do que qualquer outra coisa que seu inventor original, Phil Spector, jamais tinha sonhado para *Good Vibrations*. Hart, um estudante precoce de percussão africana, trouxe uma dimensão hipnótica, porém excitante, e tribal para o ritmo do Dead. A banda estava entre as primeiras a usar dois bateristas. Improvisando de forma brilhante entre si, Hart e Kreutzmann passaram a ser chamados pelo pessoal do Dead de os "Demônios do Ritmo". Aliados ao baixista Lesh e ao "Homem-Hammond" Pig, os quatro produziam um trovão ondulante, acima do qual a melodia e a harmonia relampejantes de Garcia-Weir-TC-Godchaux brilhava. Cada apresentação dos oito Dead tornou-se uma visão imprevisível, coletiva e ascendente que engolia o público.

"Quando o Dead está tocando em sua melhor forma", disse Hunter, "pinga sangue do teto em gotas gordas e fartas. Juntos, nós cometemos uma espécie de suicídio na música."

Havia apenas um problema em seu universo. Ou melhor, dois: Weir e Pigpen. "Eu não achava que Pig, sem estar viajando com LSD, conseguia entender completamente a direção para a qual a música estava indo", explicou Scully, o viajante cósmico. Mesmo assim, ele achou que estava "chapado" quando Jerry – que nunca

assumia para si as decisões mais pesadas – determinou que ele demitisse a ambos, Pig e Weir.

Por quê? Rock exigiu saber.

“Weir, por nunca voltar do Planeta Zippy”, explicou Jerry. “E Pig por nunca sair deste aqui.”

Weir, que já tinha abandonado sua dieta de algas marinhas havia bastante tempo, estava voando como uma pipa em *ragas* autistas; e Pig, que continuava cuidando das ondas, tinha ficado preso aos blues de 12 compassos. Assim, o sempre dedicado Rock demitiu os dois. Mas “eles ficavam voltando a toda hora”, relatou Jerry com tristeza.

O problema se resolveu por si só quando, no começo de 1973, Pig – aos 27 anos, assim como Jones, Joplin, Hendrix, Morrison e Cobain – morreu de uma úlcera perfurada e esclerose hepática. Jerry ficou devastado. A tragédia teve um impacto cumulativo, uma vez que haviam acontecido várias outras fatalidades recentes na grande família Dead.

O pai de Pig havia falecido, assim como o pai de Lesh. Os pais de Weir morreram em seguida. Depois, no outono de 1970, a mãe de Jerry sofreu um acidente fatal: quando seu filhote de pastor-alemão se enroscou entre os pedais do acelerador e do freio do carro, ela despencou de um desfiladeiro no litoral, caindo sobre um cipreste e morrendo no hospital logo em seguida.

Quase uma semana depois, a amiga íntima de Jerry, Janis Joplin, sofreu uma overdose. “A recompensa da vida é a morte”, disse Jerry, “Janis estava trilhando um caminho muito perigoso. Ela mesma o escolheu, sem problemas. Ela fez o que tinha de fazer e pediu a conta.”

Como se as mortes não fossem suficientes, o Dead ainda sofreu um grande desfalque financeiro e, em 1971, perdeu temporariamente seu baterista Mickey Hart. O pai de Mickey, Lenny, um pastor convertido, havia se incumbido de acertar as finanças irregulares da banda e botou ordem na casa sumindo com o dinheiro. Depois de perder 150 mil dólares no jogo em Lake Tahoe, ele foi preso em San Diego, onde estava celebrando batismos na praia. Ele morreu na prisão dois anos depois. Seu filho Mickey, atormentado, ficou afastado da banda por três anos.

Garcia suportou esses infortúnios afundando-se em música não Dead: parcerias com Howard Wales, Merl Saunders, David Grisman, New Riders of the Purple Sage [9] e, depois, com seu próprio grupo, a Jerry Garcia Band. Os outros membros do Dead não gostavam das atividades extracurriculares de seu líder, mas, para Jerry, elas eram sua tábua de salvação. Apesar do debilitante pavor de palco que o afligiu até o fim, Jerry tinha um apetite insaciável pela performance e pela variedade musical.

Se os shows do Dead eram experiências religiosas para seu crescente exército de fãs, “os deadheads”, nem sempre o eram para Jerry. “Nós fomos atrozes demais”, ele disse sobre sua apresentação em 1969, em Woodstock. “Estava chovendo a cântaros, eu estava chapado [de ácido checo] e vi bolas de eletricidade azuis ricocheteando pelo palco e saltando sobre a minha guitarra.”

Três meses depois, no show dos Stones em Altamont, Jerry e a banda se recusaram a subir ao palco depois que os “seguranças” bêbados e bicudos dos Hell’s Angels nocautearam Marty Balin, do Jefferson Airplane, e espancaram fãs com tacos de bilhar, matando

um deles. “Foi um inferno”, disse Garcia posteriormente, “[...] uma tarde agradável no inferno.” Algo bem diferente do que aconteceu no Gathering of Tribes Human Be-In, encontro organizado pelo Dead dois anos antes no Golden Gate Park, quando os Angels cuidaram das crianças perdidas e todos estavam viajando com Owsley púrpura.

* * *

Os tempos estavam mudando, e a opção do Dead e do resto do pessoal pelas drogas também: se os anos 1960 foram movidos a fumo e ácido, os 1970 eram dos tranquilizantes e anfetaminas – ampliadores e elevadores contra aceleradores e depressivos. Jerry tinha tomado metanfetamina e *black beauties* por diversão, mas a cocaína exigia comprometimento.

“Se teve uma coisa que arruinou a nossa vida, foi a cocaína”, disse MG. “Jerry e eu brigávamos por causa dela. [...] A coca me transformou em uma terrível vaca nazista chorona, e decidi *imediatamente* que aquele não era meu tipo de droga.”

Na primavera de 1973, Jerry foi preso novamente, desta vez com Bob Hunter. Um policial pediu que a dupla de compositores parasse no pedágio de Jersey por excesso de velocidade e encontrou uma maleta cheia de coca [10].

Anos depois, em um dia quente de verão em 1980, ele quase foi preso novamente enquanto dirigia seu Fusca em uma estrada interestadual no Oregon. Jerry e Rock estavam “dando conta” de um botijão de óxido nitroso quando a tampa explodiu. Eles jogaram o carro para o acostamento e saíram correndo, com Jerry gritando:

“Fecha a porra da porta. Não vamos perder o gás!”. O interior do Fusca congelou com o nitrogênio. Bem na hora em que o criativo Rock estava mijando na fechadura da porta para descongelar o mecanismo, um patrulheiro rodoviário chegou. O policial perguntou aos dois malucos nitrosados sobre a manobra radical que fizeram para encostar. “Pegamos uma poça de gelo, oficial”, declarou Jerry com voz de Piu-piu sob um sol de 40 graus. “É um baita mistério!”

Nessa época, Garcia já encarava o fato de ser preso como um “risco ocupacional”. “É como se você estivesse trabalhando em um arranha-céu”, observou. “Se você ficar paranoico com medo de cair, devia procurar outro emprego.” Devido a seu calendário frenético de turnê e à agenda de estúdio, as energias naturais não eram suficientes para manter Casey Jones nos trilhos. Mas cheirar cocaína é como cortar os freios e em pouco tempo você está brincando de galinha (desviar ou bater) com uma parede. Assim, Jerry instalou os melhores freios que o dinheiro podia comprar: heroína persa.

Segundo o líder dos New Riders, Marmaduke Dawson, Jerry foi apresentado à “persa” em 1975 por um amigo [11] *swami* que tinha um *ashram*. Seus fornecedores fiéis eram dois irmãos iranianos vendedores de automóveis cujo pai tinha sido o chefe de polícia do Xá do Irã. Jerry não era um usuário de primeira viagem. “A heroína rondava o mundo do Dead desde os anos 1960”, escreveu Blair Jackson. “[...] E a droga até conseguiu certo lugar de destaque no rancho de Mickey Hart [no começo dos anos 1970].” Mas, naqueles velhos tempos, ele só tinha “experimentado” heroína. Ele só se tornaria realmente viciado quando foi apresentado à versão persa da droga, uma década mais tarde.

Composta por aproximadamente 95% de heroína pura, a versão persa é fumada – um processo chamado de “caça ao dragão”. Dizem que os antigos guerreiros persas esquentavam a goma em suas espadas e se cortavam com elas antes das batalhas, o que os tornava menos sensíveis ao medo de serem espancados ou empalados. Para Jerry, o guerreiro do rock, ela eliminou o extremismo da cocaína e também ajudava com seu medo do palco.

Havia somente um problema com a persa, pelo menos para os outros: “Você é realmente uma pessoa desagradável de se ter por perto”, disse Bear Owsley, ex-patrão de Jerry, após tirá-lo da cadeia pela apreensão de 1969.

“Eu gosto dos efeitos”, Jerry deu de ombros. “Em resumo, isso não é da sua conta. Foda-se.”

O parceiro de dragão e agente de Garcia era seu Sancho Pança, Rock Scully. Rock enviava, antecipadamente, papelotes de persa para os lugares onde o Dead iria tocar. Jerry recusava-se a tocar em cidades nas quais o estoque não estivesse preparado. Seus pacotinhos de drogas tornaram-se quase mais importantes do que sua própria vida.

Antes de um show em 1979, no Madison Square Garden, os empresários do Dead receberam um bilhete: “Jerry garcia vai morrer hoje!!”.

Quando Jerry se negou a cancelar o evento, agentes do FBI, vestindo perucas e camisetas tingidas de amarelo, tomaram suas posições nas primeiras filas. O cantor permaneceu calmo durante o show, que transcorreu sem nenhum incidente. Mas ele tinha acabado de sair do palco quando voltou correndo, furioso, e gritou

no microfone, não só para os deadheads, que já estavam se retirando, mas também para os federais de peruca:

“quem foi o filho da puta que roubou meu bagulho? Cadê o meu papelote?”

O Dead tocava muito raramente fora do país, pois o grupo tinha grande dificuldade para transportar os remédios de seu líder. Mas houve exceções inesquecíveis.

Jerry sempre sonhou em tocar nas Grandes Pirâmides, no Cairo. Temendo uma exibição tipo *Expresso da Meia-noite* à moda egípcia, o show permaneceu só um sonho até que um contato de Weir liberou uma entrega em domicílio de Percodan-Demerol-Dilaudid vinda de um grupo farmacêutico. Assim, no final de 1978, Jerry e a família Dead – que já contava com mais de 200 integrantes, incluindo Owsley, Kesey, a estrela do basquete Bill Walton e outros – alugaram um jato que, de tão forrado de remédios, rivalizava com o arsenal medicamentoso de Elvis Presley.

Mas a antipatia de Jerry com apresentações internacionais logo foi renovada em Toronto. Rock relembrou: “Jerry teve de submeter-se à ignomínia de ter o cu revistado por um dedo embalado numa luva de borracha, o que naturalmente o deixou avesso a tocar no Canadá por vários anos”.

Em 1981, Jerry recebeu um pedido de socorro de Pete Townshend. O Who tinha acabado de implodir e, consequentemente, sua turnê pela Europa tinha sido cancelada. Pete implorou ao Dead que os substituíssem. Sabendo que Garcia se recusava a tocar sem seus doces, Townshend assegurou-lhe de que já tinha tomado as providências para que Jerry encontrasse um atacadista de persa no aeroporto de Edimburgo.

Quando Jerry chegou à Grã-Bretanha, encontrou Pete em péssimo estado. O Who estava se desfazendo, sua mulher estava se divorciando dele e ele estava devendo um milhão de libras. Sofrendo de “sombrios ataques de depressão e ideias suicidas”, de acordo com Rock, Townshend estava “mandando pra dentro” quase 2 litros de conhaque por dia, fora a heroína. Jerry sugeriu que tomassem um pouco de Owsley juntos para uma mudança de perspectiva. O compositor de *My Generation* finalmente voltou ao normal com o nascer do dia.

“Caralho”, ele gaguejou, olhando para o horizonte brilhante e uma revoada de pássaros. “Ainda está tudo ali, né? Santa Mãe Natureza, cara!”

Se o reverendo Lenny [Hart] tinha desfalcado o cofre do Dead, o vício em heroína de Jerry o dinamitou. Por volta dos anos 1980, ele e Rock estavam consumindo diariamente uma dieta de persa de 700 dólares cada um. Quanto à cocaína – “o jeito que Deus encontrou para dizer que você está ganhando dinheiro demais” –, eles nem se incomodaram em fazer a conta.

Em pouco tempo Jerry desenvolveu uma bronquite severa e outros problemas pulmonares, devido aos *freebases*, à caça ao dragão e por fumar um Camel atrás do outro. Rock chamava-o de “Chefe Mocassim Fumegante”, porque Garcia frequentemente ateava fogo em seus quartos e em si mesmo. E, como a maioria dos drogados, ele estava “na onda” do *fast-food* – ou seja, comendo hot dogs e M&Ms em excesso, além de grandes quantidades de sorvete Häagen-Daz, o que o conduziu ao diabetes. Além disso, assim como Elvis, Cobain e outros usuários crônicos, ele parou de tomar banho [12].

“Ele chegou a ponto de me ligar no Oregon”, disse sua filha Annabelle, uma jovem adolescente na época, “e caía no sono enquanto estava ao telefone. [...] Era uma coisa horrível.”

Os outros membros do Dead, embora longe de estarem limpos, também ficaram alarmados. Em 1985, eles demitiram a dupla que acreditavam ser a pior influência sobre Jerry: os superchapados Scully e Trist. Mas aconteceu que a miséria de Jerry não precisava de companhia. Ele ficou mais que feliz de chapar sozinho. A única pessoa que teve a coragem de confrontá-lo pessoalmente foi sua esposa, Mountain Girl, exilada no Oregon com Annabelle. Ela relembrou: “Os membros da banda me ligavam e diziam, ‘Meu Deus, MG, você tem de fazer alguma coisa’. Então eu pegava o carro, ia até lá e tentava [...] mas ele não queria tomar nenhuma atitude. Ele estava realmente destruído.”

“Eu estava longe de tudo”, admitiu Jerry posteriormente, “mas continuava sendo basicamente um viciado assíduo [...] Eu nunca fui o tipo de viciado que acaba tendo overdose. Nunca curti os extremos da chapação.”

Embora concordasse que seu vício era “como um buraco negro”, ele manteve o senso de humor. Quando se encontrou com um antigo empresário, Jon McIntire, suas primeiras palavras foram: “Tenho sido um chapado completo nos últimos dois anos. E você?”.

Nem todos os seus amigos conseguiam deixar de se preocupar. “Ele estava num estado terrível”, disse seu outro letrista, John Perry Barlow. “Finalmente, eu disse: ‘Às vezes, gostaria que você caísse morto para que todos nós pudéssemos chorar sua morte e nos livrarmos logo disso’.”

Garcia afastou-se sem dizer uma palavra e se trancou em seu quarto com uma placa de “NÃO PERTURBE” pendurada na porta.

Então, logo após terminar a miniturnê do Dead com Dylan, no verão de 1986, ele entrou em coma e foi levado às pressas para o Hospital Geral do Condado de Marin.

A Segunda Vinda

> The flame from your stage has now spread to the floor.
> You gave all you had. Why you wanna give more?
> The more that you give, the more it will take
> To the thin line beyond which you really can't fake...
> Fire! Fire on the mountain!
> – Garcia e Hunter, *Fire on the Mountain*

Jerry deixou o hospital depois de um mês. Era capaz de andar, embora sem muito equilíbrio, podia falar sem "inversões joyceanas" e continuava reaprendendo a tocar guitarra.

Ele, Mountain Girl e suas duas filhas adolescentes, Annabelle e Trixie, alugaram um barco no norte do estado, em Lake Shasta, e curtiram as férias em família. MG disse: "Ele estava limpo pela primeira vez em quantos anos? [...] Lembro que aquele foi um dos períodos mais felizes que já tivemos".

A família foi para o Havaí. Lá, Jerry descobriu uma inesperada chapação natural: mergulho autônomo. "Isso preenche um pouco do espaço que as drogas deixaram, já que parece que você foi para outro mundo", disse. "É melhor do que tomar drogas [...] É um teatro vivo de psicodelia, só que incrivelmente linda."

Mas, no final daquele ano, o período sabático de Garcia chegou ao fim. Foi o mais longo descanso que ele teve: cinco meses. "Tentamos ser uma família mais uma vez e deu certo por um bom tempo", disse MG. "Mas nada dura muito quando o Grateful Dead

tem de voltar à estrada. [...] Tudo era muito recente, mas o ego de Jerry não permitiria que ele ficasse por muito mais tempo sentado naquela cadeira."

A principal razão era que o "monstro", como agora ele chamava a máquina do Grateful Dead, precisava ser alimentado. Após cinco meses de recesso, todos os seus empregados e dependentes precisavam desesperadamente de uma transfusão financeira.

"O retorno de Garcia foi saudado como uma verdadeira Segunda Vinda pelos fãs", escreveu Blair Jackson.

O Dead robótico do início dos anos 1980 fora deixado para trás. Em seu show de reestreia no Oakland Coliseum, a segunda música que Jerry cantou era nova no repertório do Dead – uma execução gospel de *Forever Young*, de Bob Dylan, que foi aclamada com uma ovação ensurdecedora.

Semanas antes, fazendo um aquecimento com a Jerry Garcia Band, ele teria gritado "EU VOU SOBREVIVER!" durante *Touch of Grey*, o que trouxe lágrimas aos olhos dos fãs. Dando um toque de leviandade à ressurreição, o Dead gravou um clipe ao vivo apresentando marionetes de esqueletos em tamanho natural de cada um dos membros da banda, os quais se dissolviam em seus verdadeiros personagens no clímax da apresentação.

Os deadheads haviam retornado com força total. Uma cena surrealista florescia no estacionamento externo dos estádios e coliseus. Havia quiromantes e cartomantes; elixires, amuletos e vendedores de bongs; burritos macrobióticos e brownies feitos em fornos elétricos; camisetas tingidas, bonecos de Jerry e vendedores ambulantes de chapéus de cânhamo. A única coisa que faltava era clorpromazina revestida de alfarroba. Os vendedores usavam seus

lucros como capital de giro para acompanhar a banda. No final dos anos 1980, ou o período “Mega-Dead”, os deadheads – chegando às centenas de milhares – tornaram-se eles mesmos um segmento demográfico. Eles haviam desenvolvido suas próprias roupas, gírias e dança “giratória” dervixe. Eles se dividiram em grupos: os Spinners [Giratórios], a Rainbow Tribe [Tribo do Arco-íris], os Gay Deadheads [Deadheads Alegres] e “Jews for Jerry” [“Judeus para Jerry”]. Nascia a “Igreja da Devoção Ilimitada”.

“A organicidade exclusiva de nossa música”, escreveu Phil Lesh [13], “[...] nos permitiu combinar nossa consciência na unidade de uma mente grupal.” Em outras palavras – desprezando a encenação voltada ao estrelato e o teatro egocêntrico de outras bandas famosas –, a originalidade da música do Dead estava em seu desprendimento do ego, na espontaneidade e em sua natureza completamente receptiva. Os Dead eram menos artistas do que canalizadores e para-raios. Eles improvisavam a noite inteira, enquanto outras bandas tocavam seus sucessos em sets curtos, frequentemente ainda mais curtos porque o “astro” estava passando mal, de mau humor ou “puto da vida.”

Em resumo, o Dead era uma banda “antiestrelismo”. Ironicamente, porém, a personagem no âmago criativo e espiritual de seu som – Jerry Garcia – tornou-se um astro justamente por ser um antiastro. No início, ele encarava essa situação com um desprendimento divertido, mas, conforme os anos foram passando, sua celebridade antiestrelar acabou pesando sobre ele. “Jerry nunca quis ser o líder de nada”, observou seu empresário. “Era por isso que ele nunca falava no palco.” Jerry disse: “Sempre foi uma questão de honra pessoal não manipular a multidão”. Ele chamava

esse tipo de comportamento de viajar no poder e de “coisa de Hitler”.

Em respeito à sua milagrosa recuperação do coma, os empresários da banda pediram aos deadheads para não levarem mais drogas aos concertos. Mas Garcia, o mesmo antiautoritário e pregador da escolha pessoal, protestou: “Eu não sou policial. *Nunca* vou dizer o que as pessoas devem fazer*,* cara!”.

* * *

A ressurreição de Jerry às portas da morte catalisou um volume de mídia espontânea quase sem precedentes no mercado da música pop. “É um problema interessante para se ter, essa coisa de ser muito bem-sucedido”, ponderou o ex-sem-teto e professor de guitarra, agora presidente *de facto* da trigésima nona maior empresa do Estado da Califórnia. “Essa é uma daquelas coisas que me espantam.” Ele insistiu que o Dead precisava ser “despromovido”.

“Ah, não. Chega de dinheiro!”, grunhia ele quando aparecia outro contrato ou pagamento de royalty.

Sua banda, que antigamente não tinha um tostão, agora era fabulosamente rica. Era como se o conto de fadas do Morto Agradecido tivesse se tornado realidade: o pobre mendigo retorna do mundo dos mortos para dar uma fortuna para o bom samaritano que o enterrou. E o Dead tinha enterrado um bocado de pobres desde 1970: Pig, Keith, a mãe de Jerry, o pai de Mickey, Bob e os pais de Phil.

Agora, contrariando tudo em que acreditava, Jerry estava se tornando um Midas, um magnata e uma marca comercial. Ele não

era somente uma celebridade do mundo da música – ele era um sabor de sorvete, um designer de gravatas e de quartos de hotel, um ícone social. No final de 1986, os empresários hippies do mercado de sorvetes, Ben & Jerry, inventaram o poderoso “Cherry Garcia”, em homenagem ao viciado em açúcar que havia escapado por pouco de um coma diabético.

Mais irônico ainda, as gravatas de Jerry, estampadas com padrões psicodélicos saídos das viagens de DMT, tornaram-se o acessório mais popular dos Estados Unidos. No começo dos anos 1990, elas foram usadas pelo presidente, pelo vice-presidente e por muitos congressistas que nunca tragaram. As gravatas eram tão populares que um contrato de 5 milhões de dólares foi oferecido à J. Garcia Inc. para a fabricação de cuecas tipo boxer. Mas seu empresário recusou a oferta com a frase: “Eu não quero gente sentando em cima da arte de Jerry”.

Quanto a Garcia, ele estava ficando seriamente enfastiado disso tudo. “Eu gostava quando podia ser simplesmente um músico”, disse à revista *Good Times*. “[...] Gosto de evitar que essa besteira de celebridade continue crescendo.” Scully confirmou: “Ele odiava a fama que o transformou num monstro sagrado”.

Quando o Dead foi incluído no Hall da Fama do Rock and Roll, em 1994, Jerry se recusou a comparecer às cerimônias. “Ele não achou que valia a pena”, explicou seu novo empresário, Sat Khalsa. “Toda aquela fama e adulação o deixavam sem graça.”

“Sou apenas um cara que toca guitarra”, continuava insistindo.

Mas, acima de tudo, o que mais aborrecia Garcia – muito mais do que ter se transformado em uma mercadoria, uma celebridade ou um executivo de alto escalão – era ser considerado uma espécie de

guru. “Esse tipo de coisa me mete medo”, ele disse a seu amigo de infância, Laird Grant. “Algumas pessoas que vão aos shows acham que eu sou algum tipo de profeta ou sei lá. [...] É parecido com aquela coisa do Manson. Você acaba se perdendo nesse tipo de poder. E eu não quero. [...] Deus do céu, se eu pudesse só tocar minha música e não ter de lidar com nada disso, seria a pessoa mais feliz do mundo.”

Mas parecia que ele não podia evitar sua beatificação, mesmo por parte de seu próprio pessoal. “Eu amei esse cara mais do que qualquer coisa”, disse Rich Loren, outro empresário. “Eu o amava porque ele era uma pessoa que beirava a perfeição. Ele era despretensioso. Ele era compassivo. Ele era humilde. De certa maneira, ele era um buda.”

Assim, Garcia continuava voltando para o dragão porque essa era a única coisa que o libertava da fama sufocante, da imagem sagrada e de todas as pessoas que dependiam dele. Mais do que isso, as drogas tiravam-no do pedestal, ensurdecendo-o para o clamor à sua volta.

A Segunda Vinda terminou quando Brent Mydland morreu de uma overdose de speedball, uma mistura de cocaína e heroína. Parecia haver alguma maldição sobre os tecladistas do Dead. Primeiro tinha sido Pigpen, em 1973. Depois, Godchaux, seu substituto, que sofreu um acidente fatal em 1980. E agora Mydland, em 1990. Hart também devia estar morto. Recentemente, o baterista tinha despencado de um penhasco com seu Porsche e ficara preso a uma árvore solitária, que o salvou de um mergulho de quase 100 metros.

O restante do Dead, já cansado de velórios, encarava a coisa pelo lado filosófico. “Ei, merdas acontecem”, eles disseram. “Não se pode fazer uma omelete sem quebrar alguns ovos.” No enterro de Mydland, por exemplo, o sarcástico Weir, que ajudava a carregar o caixão, fingiu deixar o esquife cair.

Depois da turnê de 1991, o Dead interferiu novamente na vida de Jerry. Eles sabiam que o astro tinha se mantido longe das drogas por quase um ano depois do coma, mas que havia retomado o uso eventual de heroína até voltar a ser um maluco completamente chapado de novo. Foi o baterista do Dead, Bill Kreutzmann, quem comunicou o ultimato: “Ou você se livra dessa porra persa ou está demitido!”.

“Promessas, promessas!”, suspirou Jerry. “Tá bom, depois de uma consideração cuidadosa, desconfio que terei de partir com a persa. A propósito”, continuou ele, “quem vocês vão contratar? É muito mais fácil achar um baterista do que um guitarrista principal.”

Seus colegas de banda não precisavam ser lembrados de que Garcia *era* o Dead. Mas, ainda que tentassem seguir em frente sem ele, dava na mesma. Depois da morte de Mydland, Jerry teria dito que a banda não era mais tão “divertida” quanto antes. “Estamos funcionando no automático já faz um bom tempo. [...] Para não deixar de ser bacana, temos de continuar mudando.”

Mas, finalmente, cedendo à pressão de seus companheiros, ele se inscreveu em um programa de metadona em San Francisco. Quando ficou limpo novamente, ele e o Dead voltaram à estrada com novos materiais e um quarto tecladista, Bruce Hornsby.

Hornsby, o líder perfeccionista de sua própria e bem-sucedida banda, o Range, logo ficou irritado com Garcia. “Ele não estava

ouvindo e começou a tratar com arrogância os solos dos outros músicos", reclamou Hornsby, "[...] e a música parecia estranhamente sem vida." Então, após uma apresentação especialmente vergonhosa em Boston, o tecladista disse a Jerry: "Eu realmente lamento que você tenha vindo tocar e não tenha acrescentado nada".

"Bom, cara, você não vai entender 25 anos de *cansaço*!", Garcia devolveu.

Mas ele entendeu a mensagem. "E a partir daquilo, cara", relembrou Hornsby, "a merda começou a rolar!"

Pelo menos até que Jerry entrasse em colapso outra vez, exatamente como havia acontecido seis anos antes.

O imperador e suas enfermeiras

> Na China antiga, sabe qual era o paciente mais difícil de tratar? O imperador.
> – Yen-wei Choong, acupunturista de Garcia

Jerry sempre brincava que, se ele não tivesse se metido em encrenca com as drogas, provavelmente teria se metido em encrenca com as mulheres – o que seria pior. Os opiáceos reprimem a libido. A persa tinha sido sua companheira por dez anos. Divorciado, ou pelo menos separado por ora, ele buscava uma nova companhia.

Em 1987, Jerry havia se envolvido com a estudante de arte e deadhead Manasha Matheson, de 27 anos. Eles haviam se conhecido alguns anos antes, quando ela foi ao seu camarim e o presenteou com uma abóbora que ela mesma havia esculpido. “Quando Jerry teve sua experiência de quase morte”, relembrou Manasha, “ele me disse ter prometido a si mesmo que, se saísse daquela situação, gostaria de me ver de novo.” Dando um giro depois do show Dylan/Dead, ele lhe assegurou que seu relacionamento com Mountain Girl já era platônico havia algum tempo.

Manasha logo deu a luz à quarta filha de Jerry, Keelin. Autêntico papai da Nova Era, o guitarrista sugeriu que ela e o bebê se mudassem para sua casa com MG, Annabelle e Trixie. Manasha se recusou, mas continuou sendo sua companhia constante nas turnês por muitos anos. Por fim sua esposa se cansou. “Em 1990 eu desisti”, disse MG. “Eu simplesmente larguei mão. Percebi que aquilo tudo não iria dar certo.”

Após a partida de MG, Jerry pediu Manasha em casamento. Eles decidiram se casar na Páscoa, mas quando o grande dia chegou, ele ainda não tinha se divorciado da esposa e o Dead havia agendado outra turnê. Sua noiva ficou furiosa. Sua predecessora deveria tê-la avisado. “Ter uma família provavelmente vai arruinar minha carreira artística”, dissera Jerry a MG alguns anos antes.

Em 1992, Jerry, acometido por uma parada cardíaca congestiva e um enfisema, sofreu um novo coma. Ele havia completado 50 anos apenas alguns dias antes. Quando recuperou os sentidos, ele implorou a Manasha para que não chamasse a ambulância. Ele temia um retorno ao hospital, isso para não falar da publicidade.

Sua noiva chamou seu acupunturista. Yen-wei diagnosticou a doença do paciente como um esgotamento *chi* do coração e envenenamento por toxina (drogas). Jerry, que de alguma maneira tinha conseguido esconder seu vício recorrente de Manasha, tampouco lhe dissera que, dois anos antes, outros médicos já o haviam alertado de que só teria mais dois anos de vida se continuasse a injetar drogas.

A turnê de outono do Dead foi cancelada. Enquanto isso, Yen-wei atendeu ao imperador três vezes por semana, e Manasha enquadrou-o em uma severa dieta vegetariana de baixa gordura e

em um programa de exercícios. Depois disso, Jerry ficou limpo e 27 quilos mais magro. Mas ele mal havia retomado a vida de turnês quando saiu dos trilhos novamente.

Manasha impôs a ele a Escolha de Sofia: as drogas ou ela; mas devia ter desconfiado de que isso não o abalaria. Além do mais, àquela altura ele já havia reacendido sua antiga paixão por Barbara Meier, a modelo da Pepsodent que agora tinha se tornado poeta. Meier reencontrou Jerry em 1991, na turnê de lançamento de seu novo livro de poemas, *The life you ordered has arrived.* Quando ela o reviu depois de 20 anos, disse: “Meu chacra do coração explodiu”. Os sentimentos foram mútuos. “Eu nunca te esqueci”, disse Jerry a Meier. “Nunca mais vou deixar você partir. Eu sempre te amei.”

Obviamente, além de todas as outras coisas que ele mantinha em segredo, Jerry também se esqueceu de contar a Manasha sobre Barbara. Seus amigos pisavam em ovos perto de Manasha, pois a consideravam “extremamente controladora”, “fora da realidade” e uma “garota muito intensa”. Jerry, no começo, nem se importou, porque, como ele sempre dissera de suas mulheres, “gosto delas esquisitas. Quanto mais esquisitas, melhor”. Mas, desta vez, a ideia de terminar o relacionamento com Manasha deixou-o com um pouco de pânico. Ele confidenciou a Barbara que ela poderia “me matar”.

Psicodramas de fim de relacionamento nunca foram uma curtição para Garcia, de modo que ele recorreu a seu antigo *modus operandi.* Não terminou com Manasha; simplesmente sumiu. Ele levou Barbara para férias de mergulho no Havaí, deixando um empresário incumbido de entregar uma carta para sua ex. Quando ele retornou das ilhas, Manasha tentou falar com ele por telefone várias vezes. Finalmente, Barbara pegou o telefone, mandou um

“não ligue para nós nunca mais!” e desligou. Em seguida, Manasha recebeu o aviso do advogado de Garcia para que deixasse a casa em 30 dias. Jerry nunca mais veria Manasha ou sua filha, Keelin, outra vez.

O resultado romântico dessa segunda crise de saúde foi idêntico ao da primeira. Depois de sua primeira recuperação, ele deixou Mountain Girl, a esposa que havia cuidado dele durante a reabilitação, por Manasha. Depois de sua segunda recuperação, ele deixou Manasha, que havia cuidado dele durante o tratamento, por Barbara.

Seu bis com Barbara seguiu seu velho padrão romântico. Ele ficou feliz por algum tempo, mas logo se tornou rabugento e fechado. “Oh, ele era odioso”, relembrou ela. “Ele era frio e introspectivo.” A princípio, ela achou ser apenas irritabilidade – ele estava fazendo hipnoterapia para tentar parar de fumar. Mas, em seguida, ele se revelou um “grande escroto” quando ela o acompanhou na turnê de 1993 do Dead. Por fim, Barbara descobriu a razão: ele tinha voltado para os braços de sua fêmea dragão. Quando ela o confrontou, ele explodiu, dizendo-lhe que estava tudo acabado entre eles.

“Achei que íamos casar!”, ela gritou.

“Ah, bom. Essa era a ideia inicial”, resmungou Jerry.

Depois, ele lhe contou toda a verdade. “Estou apaixonado por outra mulher. [...] Não consigo largá-la.”

* * *

A outra mulher, a última de Jerry, era Deborah Koons. Assim como Manasha, Deborah tinha a reputação de ser uma controladora paranoica de carteirinha. E, assim como Barbara, ela era um *revival*. Eles haviam tido um caso em meados dos anos 1970, que acabara mal. “Senti como se eu tivesse perdido minha identidade na vida de Jerry”, ela diria depois.

Agora a srta. Koons era uma produtora de filmes independentes e uma astuta mulher de negócios. Muitos na família Dead, que a culpavam pelo rompimento de Jerry com Mountain Girl, alguns anos antes, e também com a querida Barbara, agora a chamavam de “Black Deborah”. “Com seus cabelos negros, roupas pretas e óculos escuros, ela parecia a antítese perfeita da conduta calorosa e proativa que tinha MG”, observou Phil Lesh. Alguns anos antes, Mountain Girl, segundo o próprio baixista, arrancou aquele “sorrisinho possessivo” do rosto de Deborah quando a empurrou contra uma porta a ponto de desprender as dobradiças [14].

Jerry e Deborah casaram-se no dia 14 de fevereiro de 1994, Dia dos Namorados nos Estados Unidos. Após o casamento, eles continuaram a viver em casas separadas. Um pouco antes disso, a filha de Jerry, Annabelle, pediu conselhos a Jerry sobre como fazer seu casamento – que estava próximo – funcionar. “Não morem juntos, não se vejam”, o pai disse a ela. “Tenham casas separadas e contratem alguém para cuidar de todas as suas coisas!”

Quanto à instituição matrimonial em geral, o astro manteve-se antiquado. Quando a filha de seu baterista lhe contou que se casaria dentro de pouco tempo, ele exclamou: “Isso é muito bacana! Todo mundo devia experimentar o casamento uma ou duas vezes na vida!”.

Agora, quebrando sua própria regra, Jerry já estava no quarto casamento. Mas ele tinha pouco mais de um ano de vida pela frente, e, tendo em vista sua saúde debilitada e seus hábitos irregulares, já devia saber disso.

O empresário do Dead, Vince Welnick, disse: “Todos nós sabíamos que ele estava muito doente. [...] Acho que ele sabia que estava morrendo”.

Caixa de chuva

> Walk into splintered sunlight,
> Inch your way through dead dreams to another land.
> Maybe you’re tired and broken,
> Your tongue is twisted with words half spoken and thoughts unclear...
> A box of rain will ease the pain, and love will see you through.
> – Garcia and Hunter, *Box of Rain*

Depois de seu casamento com Black Deborah, Jerry desabou no camarim em meio a uma apresentação da Garcia Band em Phoenix. Ele tinha sofrido outro ataque de diabetes. Seu médico receitou-lhe uma nova dieta saudável. Jerry simplesmente ignorou o conselho. Não que ele não estivesse alarmado, pelo menos profissionalmente. Sua condição diabética, agravada por uma síndrome do túnel do carpo, estava fazendo com que ele perdesse a sensibilidade das mãos.

No começo de 1995, Jerry sofreu um acidente de automóvel quase fatal. Ele corria em alta velocidade no sentido norte pela 101, passando por Mill Valley, quando perdeu o controle de seu BMW alugado, ricocheteou no muro de proteção, rodopiou e parou de frente para o tráfego, na contramão. Milagrosamente, ele não sofreu nenhum ferimento.

Finalmente, ele tirou um último e necessário descanso. Ele e Deborah desfrutaram uma lua de mel tardia na ilha de Bonaire, na costa da Venezuela, um refúgio para os entusiastas do mergulho autônomo.

Naquela primavera, ele “botou o pé na estrada” mais uma vez com o Dead e com a Jerry Garcia Band. Esquecendo as letras de suas canções, agora ele usava um teleprompter para acompanhá-las. Sofrendo também de perda aguda da audição, ele precisava usar retornos auriculares. Seus lendários solos de guitarra tornaram-se anêmicos e vacilantes. Pela primeira vez na história do Dead, havia críticas duras e milhares de lugares vazios nos estádios.

Na última apresentação da Garcia Band, em abril, o empresário John Kahn percebeu que não havia sobrado mais nada. “Era como se ele tivesse perdido o interesse. [...] Ele queria sair. Ele queria mudar sua vida completamente.”

Naquele verão, Jerry embarcou naquela que seria a última turnê do Grateful Dead. Ele só concordou em fazê-la por necessidade financeira. Agora suas despesas gerais eram imensas. Ele pagava uma pensão alimentícia de 20,8 mil dólares mensais a Mountain Girl. Ele tinha matriculado Barbara na escola de arte. Ele estava cobrindo a hipoteca da mansão de Manasha em San Rafael, assim como pagava pensão alimentícia para Keelin. E, além disso, Deborah, sua nova e dispendiosa esposa, estava torrando mais de 20 milhas por mês. E a tudo isso se juntava seu vício exorbitante e impiedoso pelas drogas.

Obviamente o Dead sabia que seu líder havia saído dos trilhos outra vez. Mas, após as intervenções fracassadas do passado, eles

agora haviam se rendido ao que chamavam de “resignação nascida da futilidade”.

Na última turnê do Dead, que Jerry apelidou de “A Turnê do Inferno”, o astro recebeu outra ameaça de morte. Os outros componentes da banda quiseram cancelar o show no anfiteatro Deer Creek, em Indiana, mas Jerry não quis nem tocar no assunto. Assim como no show do Madison Square Garden 17 anos antes, os portões estavam repletos de detectores de metal e de policiais à paisana controlando as primeiras filas. Jerry adicionou *Dire Wolf* à lista de músicas daquela noite, cujo refrão é “Não me mate, eu te imploro. Por favor, não me mate”.

O show correu bem e sem incidentes, exceto quando fãs sem ingressos arrombaram os portões e os policiais lançaram bombas de gás lacrimogêneo, soltando também os pastores-alemães.

O Grateful Dead tocou seu “canto do cisne” no campo do Chicago’s Soldier’s uma semana depois. O ponto alto da noite aconteceu com o vocal de Jerry para *So Many Roads*, cujo refrão ele cantou repetidamente, aos prantos: “Tantos caminhos para aliviar minha alma!”, trazendo lágrimas aos olhos de muitos.

Depois da apresentação, o empresário do Dead, Vince Welnick, falando em nome de toda a banda, disse: “Graças a Deus acabou”.

Ao retornar à Costa Oeste, Jerry internou-se na clínica Betty Ford. Ele havia confessado seu vício para a esposa, Deborah, dizendo-lhe: “Meu corpo foi ferido”. Ela o encorajou a se inscrever num rigoroso programa de um mês, e ele obedeceu. Ele abandonou a clínica depois de apenas duas semanas e ligou para seu amigo e parceiro, Robert Hunter.

“Ei, Hunter, aqui é o Garcia. Acabei de sair do Betty Ford Center!”

“E como foi com a Betty?”, perguntou seu velho e ácido amigo.

“Ela é uma grande trepada, bicho!”, replicou Jerry.

Mas ele tinha odiado o tratamento. Eles o fizeram parar “a seco”, contou a Hunter. Durante sua estadia na clínica, só haviam lhe dado pílulas para controlar convulsões, “e o rango – um horror – fazia comida de avião parecer o jantar de um gourmet. [...] Acho que o plano deles é fazer você se sentir tão miserável a ponto de nunca mais querer voltar lá”.

Depois de sua última conversa com Hunter, Jerry telefonou para vários outros velhos amigos. “Talvez ele estivesse ligando para as pessoas para dizer adeus, meio como se estivesse em uma realidade paralela”, observou sua secretária pessoal, Sue Stephens.

Seu amigo Alan Trist, depois de falar com Jerry pela última vez, disse: “Ele estava tentando desabafar alguma coisa antes de morrer. [...] ele sabia que não tinha mais muito tempo e que *precisava* fazer aquilo. Não havia nenhuma sensação de arrependimento pelo fato de ele estar às portas da morte, nem de culpa por ter criado as condições que o levaram à morte”.

Jerry agora havia se internado no Serenity Knolls, um retiro de tratamento holístico. Ele não havia contado seu plano para Deborah. Quando ela descobriu, ficou furiosa. De acordo com seu empresário, John Kahn, o casal teve um “grande arranca-rabo” na noite anterior à sua partida para o Serenity. “Ela realmente o magoou muito, de várias maneiras – coisas sobre dinheiro”, Kahn relembrou.

“Ele foi à nossa casa inúmeras vezes, quase chorando”, explicou a esposa de Kahn, Linda. “Ele dizia que ela [Deborah] não tinha

nenhuma fé nele. Ela queria que o dinheiro fosse mantido no banco porque não achava que ele conseguiria se curar. [...] Aquilo realmente o machucou."

"O Grateful Dead, a Jerry Garcia Band, sua esposa e as drogas. Ele realmente queria se livrar de tudo isso", concluiu John Kahn.

Na noite de 8 de agosto, uma semana após o aniversário de 53 anos de Jerry, Deborah levou-o para jantar em um restaurante italiano e depois o acompanhou de volta ao Serenity Knolls.

Pouco antes do alvorecer, um orientador psicológico entrou no quarto de Jerry e encontrou o astro deitado sobre a cama, vestindo uma calça de moletom e uma camiseta, "com um sorriso no rosto, abraçado a uma maçã como se ela fosse um bebê".

O legista do condado foi chamado e Jerry Garcia foi declarado morto por ataque cardíaco fulminante.

* * *

Vinte e três anos antes, depois de ver os restos mortais de Ron McKernan, seu colega de banda, Jerry puxou Rock Scully para o lado e disse: "Só tem duas coisas que eu quero que você me prometa: que nunca me vejam nos fundos de uma loja de discos dando autógrafos e que não me enterrem em um caixão aberto".

Sua esposa, Deborah, cuidou para que ele tivesse um funeral com caixão aberto na igreja St. Stephens Episcopal, em Tiburon. O lugar estava abarrotado de familiares, amigos e músicos em luto.

"Ele estava com um sorriso bonito no rosto", observou um deles.

"Ele parecia bem feliz", disse outro.

"Ele parecia estar em paz", pensou um terceiro.

Outro apenas disse que já o tinha visto “bem pior”.

Um quinto observou “esse olhar de perplexidade em seu rosto”.

Carlos Santana elogiou-o, dizendo que Jerry era “um talento profundo que não pode ser substituído”.

“Uma das mais brilhantes e articuladas mentes de sua geração”, concordou David Crosby.

E Dylan concluiu: “Não há meios de medir sua grandeza [...] ou de atenuar a perda [...] ele realmente era único”.

Post mortem

Jerry Garcia deixou um terço de seu patrimônio para sua viúva, Deborah Koons, e dividiu o restante entre suas quatro filhas biológicas, sua filha adotiva, Sunshine Kesey, e seu irmão Tiff. Foram impetradas reivindicações contra o espólio totalizando 38 milhões de dólares, interpostas por MG, Barbara, Manasha e outros. Em 1996, a Court TV divulgou o que a revista *People* chamou de “A Guerra das Esposas.” MG processou Deborah por interromper o pagamento de sua pensão alimentícia. Deborah perdeu e recorreu. Em 1998, MG aceitou um acordo de 1,25 milhão de dólares.

O Grateful Dead se dissolveu. Os deadheads se enlutaram e se dispersaram, mas mantiveram a memória viva com milhares de *newsletters*. Muitos começaram a seguir a banda de improviso inspirada no Dead, o Phish.

Em 1998, Weir, Lesh e Hart se reuniram como os Other Ones, que depois incluiu Kreutzmann e Hornsby. Em 2003, eles se autodenominaram Dead. Em 2001, Bob Weir fundou sua própria banda, o Ratdog.

Jerry Garcia continua a projetar uma longa, embora benigna, sombra sobre seus colegas de banda, sua família, amigos e incontáveis fãs. Entre as estrelas do rock, ele se destacou como o único antiastro e como um músico de referência. Tanto em cima quanto fora dos palcos, ele evitou encenações, conduta afetada, publicidade e o culto à personalidade. Por essa razão, não sucumbiu à própria mitificação e sobreviveu a seus colegas.

Um verdadeiro artista rebelde e contracultural, Jerry Garcia também se esquivou do dinheiro e do mercantilismo, mas, no final, eles o dominaram. Alguns disseram que Jerry se vendeu. Mas ele havia resistido por muito tempo à fama e à fortuna antes de se render a elas, resignado. Acima de tudo e até o fim, Jerry Garcia permaneceu fiel à única coisa com a qual sempre se importou: sua música mágica.

Emulator

Jerry Garcia e o Grateful Dead durante uma apresentação.
(Foto: Robi Cohn)

Garcia (*ao centro*), líder relutante do Grateful Dead, com (da esquerda para a direita) Bob Weir, Bill Kreutzmann e Phill Lesh, em San Francisco – 1968.
(Foto: Michael Ochs Archives/Getty Images)

Epílogo: Vida

E depois de atravessar o último círculo do inferno, você encontrará a luz.
– Marianne Faithfull

O maior presente que os fãs podem dar a você é simplesmente tratá-lo como um ser humano, porque qualquer outra coisa te desumaniza. E essa é uma das coisas que acabou por abreviar, tanto física quanto criativamente, a vida de alguns dos maiores músicos do rock.
– Bruce Springsteen

"Quanto mais você vive, menos você morre", era o lema de Janis. "Você pode destruir o agora se ficar se preocupando com o amanhã."

Os Sete tinham a mesma opinião: mais vale um dia de leão do que cem anos de cordeiro, já dizia o ditado. E foi exatamente nesse dia que cada um deles experimentou momentos eternos e arrebatadores, momentos que apenas alguns mortais terão a chance de conhecer. Mas o apogeu veio acompanhado de esmagadoras tragédias. Se cada um deles encontrou o paraíso terreno, também tiveram de atravessar o inferno. Nas horas negras, todos eles desejaram ter uma vida normal.

Janis teria jogado tudo fora, segundo ela mesma dizia, por uma "cerquinha branca de madeira e um marido que voltasse para casa

às seis da tarde". Se Morrison tivesse de fazer tudo de novo, ele preferiria o caminho do "pequeno artista recatado, interessado em cultivar exaustivamente apenas a própria viagem". Hendrix acreditava que "as pessoas que cavam buracos para viver não fazem ideia do quanto se deram bem". Garcia teria dado qualquer coisa para tornar-se "apenas um guitarrista comum". Depois dos Beatles, John estava pronto para se tornar "um porra de um pescador". O próprio Rei disse que estava "cansado de ser Elvis Presley" e que se arrependia de não ter se tornado um pastor. Em sua carta de despedida, Cobain escreveu: "Eu não tenho sentido entusiasmo em [...] criar música [...] já faz alguns anos".

Mas, no princípio, todos foram possuídos por uma inigualável ambição opressora: "chegar lá". A fama acontece por acaso para alguns. Mas não para os Sete. Todos eles sabiam o que realmente queriam e cada um deles foi atrás de seu destino, com a mente concentrada apenas no resultado. Eles tinham um propósito de vida. Algumas pessoas nunca encontram um propósito, nunca vivem plenamente, resignando-se apenas a existir, a subsistir, até o fim. Não foi o que aconteceu com os Sete.

Mas depois de conquistarem a vitória, eles se digladiaram com a questão fundamental do ser humano. Elvis às vezes se perguntava, assim como os outros: Por que estou aqui? Para que ser rico e famoso? Para agradar aos outros? Para ajudar os outros? Para lutar contra o mal e promover a bondade, o amor e a paz? Para entender? Para me iluminar? Durante o curso de suas carreiras, os astros teriam respondido positivamente à maioria dessas perguntas. Mas, no final, todos achavam a parte da riqueza, fama e agradar aos outros absolutamente vazia.

Talvez todos, com exceção de Garcia, tenham morrido insatisfeitos. Eles ainda queriam alguma coisa. Como isso é possível?, você pode se perguntar. Todos eles tinham o mundo a seus pés. Ou será que não?

"Fame puts you where things are hollow [...] what you get is no tomorrow", cantou Lennon. Mas o que ele queria no final era "conquistar o mundo outra vez", só que agora sozinho, sem os Beatles. "Fame and fortune, how empty they can be", cantou Elvis. Mas, em seus últimos dias, o Rei lamentou: "Como eles se lembrarão de mim? Nunca fiz um filme clássico". Janis cantou que não se achava "muito especial", mas em *Work Me Lord*, ela falava: "The worst you can say all about me is that I'm never satisfied". Ela esperava que seu último disco, *Pearl*, conseguisse mudar essa percepção. "There's a fire inside everyone of us", ela cantou em *Kozmic Blues*, "I better use it till the day I die."

Os outros três morreram insatisfeitos. Não porque queriam mais do mesmo, mas porque queriam um algo mais, que sempre lhes escapava. Morrison sonhava tornar-se um poeta lendário como Rimbaud ou Baudelaire. Hendrix queria livrar-se de suas complicações judiciais, abandonar o palco e criar a música "celestial". Cobain queria deixar os holofotes, desbravar novos horizontes musicais e viver com sua amada filha, Frances.

Somente o mais longevo dos Sete, Jerry Garcia, morreu com um pouco mais de tranquilidade. Ele havia varado pelas lombadas ao longo da estrada, escapando por pouco da morte em duas ocasiões. Mas ele foi o único, exceto por Lennon, que evoluiu, que trocou de pele e atingiu o estágio seguinte, até ter dado tudo o que tinha para sua música, que frutificou em toda a sua plenitude.

Cada um dos astros procurava uma coisa diferente: Elvis queria entreter e cativar seu público; Hendrix queria eletrificar; Lennon queria ensinar e desafiar; Garcia queria iluminar e transportar; Morrison queria despertar e provocar; Cobain queria descarregar sua raiva; e Janis queria somente acalentar seu coração ferido. Mas todos eles buscaram a realização na mesma coisa: o rock. Não o rock do tipo obediente. Mas o rock desafiador. Do tipo que supera os limites da emoção. Do tipo perigoso. Do tipo que prende um relâmpago numa garrafa.

"A vida vai te matar", cantou Warren Zevon. Especialmente aqueles que vivem e tocam como guerreiros em uma arena lotada. Os Sete tinham essa ânsia de viver; eles se amplificaram e colocaram o volume no máximo. A vida em seu estado mais puro é eletricidade. Assistir a uma performance de qualquer um deles em seu apogeu era como ver eletricidade pura, filtrada de uma maneira sem igual. Logo suas apresentações tornaram-se suas próprias vidas, e suas vidas tornaram-se suas apresentações. Não dava para saber se tudo aquilo acabaria em um espetáculo final explosivo ou se sua chama se consumiria lentamente. Poucos de seus espectadores teriam trocado a segurança de suas vidas cautelosas pelos perigosos excessos de suas estrelas. Mas vê-los soltando faíscas pelos palcos era como um estímulo indireto.

Os astros concordavam que se apresentar em um palco era a viagem mais poderosa que já haviam feito, mas era também absolutamente exaustiva. Especialmente noite após noite, ano após ano. Esgotados no final da linha, a maioria sentia saudades da excitação dos velhos tempos. Se ao menos as coisas pudessem ser como eram na ocasião de seu show ao vivo, *Aloha!*, transmitido via

satélite para mais de um bilhão de fãs no mundo todo, pensava Elvis. Ou como a primeira aparição dos Beatles no *Ed Sullivan*, pensou Lennon. Ou “Teen Spirit” na mTV outra vez, para Kurt. Ou Monterey, para Jimi e Janis. Ou Whisky para Jim. O Gathering of Tribes na Golden Gate para Jerry. Mas os sinos só dobram uma vez, e essa época permaneceria apenas na memória de todos.

Muitos se sentiam criativamente exauridos em seus últimos dias e sonhavam com a velha chama que um dia os alimentou. A gravação dos revolucionários álbuns de estreia do Experience de Hendrix, do Doors de Morrison, do Dead de Garcia e do Nirvana de Cobain não levou mais do que uma semana. As energias criativa e destrutiva emanavam da mesma fonte. Quando a primeira se apaga, a segunda passa a dominar.

Finalmente, não se podem esquecer os grandes amores que eles haviam perdido: Elvis com Priscilla, Jimi com Kathy, Jim com Pam, Janis com David, John com Yoko e Jerry com mg.

Portanto, embora suas conquistas tenham sido incalculáveis, todos eles tinham muito a lamentar. As drogas os ajudavam a esquecer, mas, em troca, levaram a maior parte do que ainda lhes restava, acelerando seu processo de autodestruição. Se Hendrix, Lennon e Cobain não tivessem sido mortos, se Janis e Morrison não tivessem sofrido uma overdose, será que teriam renascido e prosseguido na criação de trabalhos ainda melhores? É possível, embora improvável.

Todos eles tinham a sensação de que seu tempo na Terra não seria longo. Isso emprestou à sua música uma urgência e um poder calcados no desespero. Mesmo que suas vidas tenham sido curtas, cada um deles deixou uma obra inesquecível e brilhante. Suas

mortes precoces foram indiscutivelmente trágicas; mas, no final, a maioria dos astros já havia dado tudo o que podia, não apenas nos inspirando com sua arte incomparável, mas nos ensinando, por meio de exemplos tirados de suas próprias vidas, o significado de ascender aos céus e atingir a imortalidade.

Conforme afirmou o mentor de Morrison, Nietzsche: “O preço da imortalidade é alto; é preciso morrer várias vezes enquanto ainda se está vivo”.

Outros astros também mergulharam na caldeira do diabo. Assim como os fiéis da Babilônia Sidrac, Misac e Abdênago, eles saíram ilesos da fornalha. Teria sido a fé que os salvou, ou algo ainda menos palpável?

Quando soube da morte de Jimi Hendrix, seu amigo íntimo, Eric Clapton, chorou: “Não! Ele não! Queria que tivesse sido eu. Ele não!”. Ele chorou o dia inteiro em seu jardim. “Não porque ele havia partido”, explicaria depois, “mas porque não tinha me levado com ele. Isso me deixou furioso. Eu não estava triste, só estava puto.”

Assim como Hendrix, o guitarrista conhecido como “Deus” tinha um vício de proporções homéricas. “Era um teco de cocaína em uma narina, um teco de heroína na outra, meio litro de vinho barato em uma orelha, uma garrafa de uísque na outra – era insano”, ele relembrou. “[...] Não sei como sobrevivemos àquela quantidade de drogas. Eu não conseguiria mais. Se fosse hoje, já teria morrido.” Após a morte de Jimi, Clapton se viciou em heroína. “Quero fazer uma viagem pela escuridão [...] para ver como é estar lá. E depois sair do outro lado”, disse a seu melhor amigo, George Harrison. Ele passou os 18 meses seguintes completamente drogado em

Hurtmore, sua propriedade em Sussex, montando miniaturas de carros e assistindo televisão, assim como Garcia viria a fazer.

“Sou uma pessoa muito extrema e vivo de forma muito extrema”, confessou o guitarrista. “Tenho essa vontade de morrer. Não gosto da vida.” Seu amigo Pete Townshend concordou. “Acho que não dá pra dizer que é rock se não for de algum modo extremo”, disse o astro do Who. “A menos que você acabe totalmente fodido e volte pra casa completamente detonado, você não sente que conseguiu alguma coisa na vida.”

Em 1973, Clapton cultivava um vício de mil libras por semana. Depois de finalmente se livrar da droga, ele se tornou um alcoólatra suicida. Algumas noites “eu me sentava com uma garrafa de vodca, um grama de coca e uma espingarda”, ele escreveu em sua autobiografia. Ele conseguiu largar a bebida novamente, mas logo em seguida voltou. No final dos anos 1980, ele tentou o suicídio engolindo um frasco inteiro de Valium. Finalmente, Clapton conseguiu se desintoxicar com sucesso no centro de recuperação Hazelton. Ele disse que fez isso por seu filho Connor, de apenas 5 anos, que morrera tragicamente e para quem ele escreveu *Tears in Heaven*.

Em 1998, Eric inaugurou o Crossroads Center, em Antigua, investindo milhões de dólares do seu próprio bolso em um refúgio para tratamento de abuso de substâncias em geral. “Eu continuaria sendo um viciado se eles não me tivessem trazido de volta [...] Hoje em dia sou praticamente um monge”, ele comentou sobre sua nova vida.

Após o tratamento, Clapton ajudou a salvar seu amigo e companheiro no hall da fama dos guitarristas, Stevie Ray Vaughn. O

astro da Double Trouble era totalmente dependente de bourbon e cocaína, o que o levou a um hospital na Alemanha vomitando sangue. Os médicos deram-lhe um mês de vida. Depois da desintoxicação, ele disse à *Guitar Player* o que tinha aprendido. “Está vendo isto?”, disse, apontando para um broche de Jimi Hendrix em sua lapela, “Sabia que existe uma grande mentira em nossa indústria? A mentira é a de que não há problema algum em fracassar estrondosamente. Alguns de nós podem ser exemplos de como perseverar e crescer. [...] Eu cheguei ao fundo do poço, mas graças a Deus o fundo do meu poço não foi a minha morte.”

O astro que escreveu um livro sobre o fundo do poço e viveu para contar a história foi, obviamente, Keith Richards. “Eu era a barbada na categoria próxima celebridade do rock a morrer”, admitiu o Rolling Stone. “Mas isso não aconteceu, apesar de tudo. Sou um sobrevivente. [...] Eu venho de uma linhagem de gente dura na queda, e coisas que matariam outras pessoas não me mataram.”

Mas Janis e Morrison não diziam a mesma coisa?

“Você se acha o Super-Homem, não é?”, desafiou a namorada e parceira de picos de Keith, Anita Pallenberg. “Bem, você só é o Super-Homem quando toca guitarra! [...] Você não é diferente dos outros. Não é capaz de lidar com drogas!”

Após várias overdoses, Richards percebeu a verdade e admitiu que ele tinha uma coisa que muitos outros não tinham: sorte. “Já estive às portas da morte mais vezes do que muita gente”, ele concordou. E isso era visível. “Keith se parecia com Lázaro antes de Jesus dar um jeito nele”, escreveu o biógrafo dos Stones, Stephen Davis, sobre a aparência do guitarrista no auge de seu vício, em meados dos anos 1970. “É interessante ficar ali, trabalhando com

alguém que já está morto", observou Laraine Newman quando Keith apareceu no *Saturday Night Live.*

Mas depois de anos na barriga do monstro do rock, o compositor de *(I Can't Get No) Satisfaction* ressurgiu como um Jonas moderno, trazendo uma mensagem: "Vivi minha vida do meu jeito, e hoje estou aqui porque encarei o problema de descobrir quem eu era de fato".

Isso revela o maior segredo dos astros que sobreviveram, além da sorte e de um fígado novo: nunca perder a *vontade* de viver. Embora fosse aparentemente tão autodestrutivo quanto os outros, Richards nunca se deixou prender na armadilha de seu próprio mito a ponto de desejar a morte. O Lázaro do rock também admite dever sua vida a outra coisa: sua família. "Sou um homem de família. Já sou até avô", declarou o guitarrista com orgulho, recentemente. "Sou o tipo de camarada benevolente de verdade." O mais próximo que ele chegou das drogas pesadas desde sua volta por cima foi quando cheirou as cinzas de seu pai. Ele não revelou se fez isso como uma piada ou como uma fórmula para a longevidade. Mas está pronto para continuar firme. "A ideia de se aposentar é como cometer suicídio", diz ele atualmente. "É parecido com *harakiri*. Pretendo viver até os 100 anos e entrar para a história."

Depois de encerrar seu relacionamento destrutivo com Anita Pallenberg, Richards, em seu quadragésimo aniversário, se casou com a modelo norte-americana Patty Hansen. "Eu sei que não teria vencido a heroína sem Patty", declarou. "Não vou largar daquela cadela!" O casal teve duas filhas. "Sou um filho da puta cínico e teimoso porque fui *obrigado* a ser assim"*,* admitiu Richards, "mas eu tenho essas duas mocinhas em casa, que sempre conseguem me

dar um nó.” Em seguida, ele completou: “A função das crianças é fazer *você* crescer”.

Outro lendário duro de matar do rock é seu gêmeo por equivalência, Mick Jagger, pai de sete filhos. “Não tem problema se você se deixar levar, contanto que você consiga se trazer de volta”, era o lema do Jumpin’ Jack Flash. Sua namorada Marianne Faithfull observou: “Mick é uma pessoa tão centrada que nunca perde o equilíbrio. Ele pode estar bem ao lado da pessoa que está caindo no abismo e não escorregar”. De fato, ele a viu decair para se juntar a Brian Jones. Quando ela acordou de um coma de seis dias, Jagger ficou sentado ao lado de sua cama perguntando-se por que ela havia tentado cometer suicídio.

“If I could stick a knife in my heart, suicide right on stage”, cantou ele em *It’s Only Rock’n’Roll (But I Like It)*. “Would it be enough for your teenage lust? Would it help to ease the pain? [...] Would you think the boy is strange?” Não. Para Jagger, cravar uma faca no coração em pleno palco era um número, uma atitude, um conceito. Para celebridades como Janis e Cobain, era real. “Sempre fizemos isso por dinheiro”, disse Mick. “Bicho, se não fosse pela música, eu provavelmente teria me matado”, disse Janis.

Jagger decidiu que a sobrevivência era uma questão de disposição: alguns artistas têm a necessidade inerente de consumir infelicidade, outros, não. Certa vez, ele se comparou a um poeta suicida, Antonin Artaud, uma inspiração para Faithfull, Jones, Morrison e outros. “Como Artaud mesmo disse, ele só teve três dias felizes na vida”, declarou Mick. “Ele era uma pessoa infeliz. Eu não sou. Eu já nasci feliz e ele não.”

Keith teve de discordar nesse ponto. “Noventa e nove por cento da população masculina do mundo ocidental daria um *membro* para ter a vida de Jagger”, ele assinalou. “Para ser *Mick Jagger.* Ele não está vivendo uma vida feliz. Para mim, isso é inaceitável.” O absurdo disso desconcertou sua mente. “O que tem de tão difícil em ser Mick Jagger?”, continuou. “É como Bob Dylan falou certa vez: ‘O que tem de tão difícil em ser um dos Beatles?’ [...] Quer dizer, essa noção exagerada sobre quem você é, sobre o que você deveria fazer e sobre o excesso de preocupação com tudo isso.”

Foram necessários muitos anos para que Dylan se livrasse da falsa deificação e declarasse: “Deus, estou feliz em não ser eu mesmo!”. As atenções dispensadas a Dylan foram mais direcionadas e mais inescapáveis, já que ele era um ícone solitário, como Elvis. “A pressão era inacreditável”, ele disse. “Era algo que não se pode imaginar a não ser que você mesmo passe por isso.” Mas ele conseguiu resistir porque “era importante para mim ir até o fundo dessa coisa de ser uma lenda, que não tem nada a ver com a realidade. O importante não é a lenda, mas sim a arte, o trabalho”.

Foi ainda mais difícil para Dylan manter-se à tona porque “a felicidade não está na minha lista de prioridades. Por alguma razão me sinto atraído pela autodestruição”. Mas, em última análise, o que o manteve na estrada foi a esperança, a peça final do quebra-cabeça para a longevidade.

“E o que você espera do futuro?”, perguntou-lhe Nat Hentoff, da *Playboy*, em 1996.

“Salvação”, disse Dylan. “Simplesmente salvação.”

* * *

Paul McCartney, outro sobrevivente lendário, nunca esqueceu do desafio que John lhe fez. “Às vezes ele dizia: ‘Se um dia você estiver à beira de um precipício se perguntando se deve ou não pular, tente pular’. E, receoso, eu sempre dizia: ‘Não, bicho, não vou pular do precipício, não me interessa o quanto seja bom’.”

Enquanto Lennon estava exilado no Dakota, se picando e indo cada vez mais fundo no poço de seu solipsismo, McCartney, em sua fazenda na Escócia com Linda e as crianças, alimentava ovelhas e galinhas, observava os pássaros e compunha suas tolas canções de amor.

Para o bem de suas vidas, para não dizer de sua sanidade, muitos astros desceram do “carrossel de emoções” por algum tempo, como Lennon. Hendrix “hibernou como um Zé Colmeia”, como ele mesmo disse, em sua propriedade em Woodstock. Elvis enfurnou-se em seu quarto em Graceland. Morrison desaparecia regularmente. Dylan “saiu de cena” por dois anos após um acidente de motocicleta, que foi muito menos sério do que ele admitiu. “Ser notado pode ser um fardo”, disse o compositor. “Jesus foi crucificado porque foi notado. Por isso eu sumia a toda hora.”

Após o assassinato de Lennon, George Harrison entrou em reclusão em sua propriedade de Friar Park, em Oxfordshire. Depois, com Dylan, ele fundou o Traveling Wilburys. Os astros do supergrupo mudaram seus nomes e curtiram como nunca pela primeira vez em anos. Dylan tornou-se Boo Wilbury; Harrison tornou-se Spike Wilbury.

Retirando-se novamente para Friar Park, George escapou por pouco do mesmo destino de John. Um paciente viciado e com problemas mentais, chamando os Beatles de “alienígenas do

inferno”, invadiu sua casa e esfaqueou-o dez vezes, perfurando seu pulmão.

Harrison havia tido sérios problemas pessoais e com drogas, particularmente durante os períodos Beatles e imediatamente pós-Beatles. O casamento com sua segunda esposa, Olivia, foi uma bênção para ele. Quando ela deu à luz seu único filho, Dhani, George – que sempre se sentira inseguro por ser o único Beatle sem filhos – ficou bobo de euforia. Para celebrar, ele comprou um Rolls Royce azul-bebê. George era tão superprotetor em relação ao filho que proibiu qualquer pessoa de tocar a criança por vários meses.

Embora o compositor de *My Sweet Lord* nunca tenha pulado do precipício, ele chegou bem perto da beira e deu uma bela olhada no que havia lá embaixo. Em certa época, ele e os outros haviam sido mesmo quase tão populares quanto Jesus Cristo. Mas ele rejeitava o fato, sabendo que tornar-se Deus na cabeça dos outros – ou na sua própria – era uma condição fatal. Ele sabia que a vida reside em sermos pessoas, e que a morte prematura espreita nas sombras da perda dessa humanidade. Que o caráter de um homem não se revela no que você conquistou sob o aplauso da plateia, mas nas coisas que conseguiu sem o sucesso. E, finalmente, que a vida de um homem não pode ser julgada pelo que lhe foi dado – talento ou sorte –, mas pelas virtudes duramente adquiridas e cultivadas – coragem, gentileza e honra.

Quando George Harrison foi diagnosticado com câncer, lutou heroicamente. Mas, em seus últimos dias, ele saudou a morte não como uma exterminadora, mas como uma professora que lhe

ensinou a maior das lições: viver cada dia, cada segundo, com satisfação e apaixonadamente, como se fosse seu último.

No final, ele disse: “Na verdade, não sou um músico. Sou um jardineiro”.

O silencioso e solitário prazer de cuidar de seu jardim era maior do que qualquer júbilo que tinha sentido em estádios lotados de fãs ardorosos.

As perguntas que ele fazia a si mesmo nos últimos dias não eram as de um superastro, mas as de um homem comum.

“Para cada ser humano”, ele disse, “é uma busca descobrir a resposta para as perguntas ‘Por que estamos aqui? Quem sou eu? De onde eu vim? Para onde estou indo?’. Isso tornou-se a única coisa importante em minha vida. Todo o resto é secundário.”

Bibliografia

1 Jimi Hendrix

BLACK, Johnny. *Jimi Hendrix:* the ultimate experience. Nova York: De Capo, 1999.

BROWN, Tony. *Hendrix:* the final days. Nova York: Rogan House. 1997.

_____. *Jimi Hendrix:* a visual documentary – His life, loves and music. Nova York: Omnibus, 1992.

BURDON, Eric. *I used to be an animal (but I'm alright now).* Londres: Faber & Faber, 1986.

BURDON, Eric & CRAIG, J. Marshall. *Don't let me be misunderstood.* Nova York: Thunder's Mouth, 2001.

CROSS, Charles R. *Room full of mirrors:* a biography of Jimi Hendrix. Nova York: Hyperion, 2005.

DANNEMANN, Monika. *The inner world of Jimi Hendrix.* Nova York: St. Martin's, 1995.

ETCHINGHAM, Kathy. *Through gypsy eyes.* Londres: Orion, 1998.

HENDERSON, David. *'Scuse me while I kiss the sky:* the life of Jimi Hendrix. Nova York: Atria, 1978.

LAWRENCE, Sharon. *Jimi Hendrix:* the man, the magic, the truth. Nova York: Harper Entertainment, 2005. [*Jimi Hendrix:* a dramática história de uma lenda do rock. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.]

MCDERMOTT, John & KRAMER, Eddie. *Hendrix:* setting the record straight. Nova York: Grand Central Publishing, 1992.

MITCHELL, Mitch & Platt, John. *Jimi Hendrix:* inside the experience. Nova York: St. Martin's, 1990.

MURRAY, Charles Shaar. *Crosstown traffic.* Nova York: St. Martin's Griffin, 1991.

REDDING, Noel & APPLEBY, Carol. *Are you experienced?:* the inside story of the Jimi Hendrix Experience. Nova York: De Capo, 1990.

SHADWICK, Keith. *Jimi Hendrix:* musician. San Francisco: Backbeat Books, 2003.

SHAPIRO, Harry & GLEBBEEK, Caesar. *Jimi Hendrix:* electric gypsy. Nova York: St. Martin's Griffin, 1991.

WILLIX, Mary. *Voices from home.* Seattle: Creative Forces Publishing, 1995.

2 Janis Joplin

AMBURN, Ellis. *Pearl:* the obsessions & passions of Janis Joplin. Nova York: Warner Books, 1992.

CASERTA, Peggy. *Going down with Janis:* Janis Joplin's intimate story. Secaucus, nj: Lyle Stewart, 1973.

COOKE, John Byrne. *Janis Joplin:* a performance diary 1966-1970. Cobb, CA: First Glance Books, 1997.

DALTON, David. *Piece of my heart:* the life, times and legend of Janis Joplin. Nova York: St. Martin's, 1986.

ECHOLS, Alice. *Scars of Sweet Paradise: The life and times of Janis Joplin.* Nova York: Henry Holt, 1999.

FARIS, Gerald A. & FARIS, Ralph M. *Living in the dead zone:* Janis Joplin and Jim Morrison: understanding borderline personality disorders. Faris Ph.D., privately printed, 2001.

FRIEDMAN, Myra. *Buried alive:* the biography of Janis Joplin. Nova York: William Morrow, 1973. [*Enterrada viva:* a biografia de Janis Joplin. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.]

JOPLIN, Laura. *Love, Janis*. Nova York: Harper Collins, 2005. [*Com amor, Janis Joplin*. São Paulo: Madras, 2007.]

LANDAU, Deborah. *Janis Joplin:* her life and times. Nova York: Paperback Library, 1971.

STIEVEN-TAYLOR, Alison. *Rock chicks.* Sydney: Rockpool, 2007.

3 Jim Morrison

ASHCROFT, Linda. *Wild child:* life with Jim Morrison. Nova York: Thunder's Mouth, 1997.

BERNETT, Sam. *The end:* les derniers jours de Jim Morrison. Paris: Editions Privé, 2007.

BUTLER, Patricia. *Angels dance and angels die:* the tragic romance of Pamela and Jim Morrison. Nova York: Schirmer, 1998.

CRISAFULLI, Chuck. *Moonlight drive:* the stories behind every Doors song. Editado por Dave Dimartino. Music Book Services, 1995.

DALTON, David. *Mr. Mojo risin':* Jim Morrison, the last holy fool. Nova York: St. Martin's, 1991.

DAVIS, Stephen. *Jim Morrison:* life, death, legend. Nova York: Gotham, 2005.

DENSMORE, John. *Riders on the storm:* my life with Jim Morrison and the Doors. Nova York: Delacorte, 1990.

FOWLIE, Wallace. *Rimbaud and Jim Morrison:* the rebel as poet. Durham, nc: Duke University Press, 1994.

HOPKINS, Jerry. *The Lizard King:* the essential Jim Morrison. Medford, nj: Plexus, 2005.

HOPKINS, Jerry & SUGERMAN, Danny. *No one here gets out alive.* Nova York: Grand Central, 2006.

JONES, Dylan. *Jim Morrison:* dark star. Nova York: Viking, 1990.

KENNEALY, Patricia. *Strange days:* my life with and without Jim Morrison. Nova York: Plume, 1992.

LISCIANDRO, Frank. *Jim Morrison:* an hour for magic. Londres: Plexus, 1996.

MANZAREK, Ray. *Light my fire:* my life with the Doors. Nova York: Putnam, 1998.

MORRISON, Jim. *The American night:* the writings of Jim Morrison. Nova York: Vintage, 1991.

_____. *The lords and the new creatures.* Nova York: Fireside, 1971.

RIORDAN, James & PROCHNICKY, Jerry. *Break on through:* the life and death of Jim Morrison. Nova York: William Morrow, 1991.

RONAY, Alain. Jim and I: friends until death. *Paris Match,* 2002.

4 Elvis Presley

BROWN, Peter H. & BROESKY, Pat H. *Down at the end of lonely street:* the life and death of Elvis Presley. Nova York: Dutton, 1997.

CURTIN, Jim. *Elvis:* unknown stories behind the legend. Nashville: Celebrity Books, 1998.

DUNDY, Elaine. *Elvis and Gladys.* Nova York: Macmillan, 1984.

ESPOSITO, Joe; MCMULLEN, Lauren & LOMBARDY, Daniel. *Remember Elvis.* tcb joe Enterprises, 2006.

ESPOSITO, Joe; Russo, Joe & MCMULLEN, Lauren. *Elvis, straight up.* v. 1. Las Vegas, nv: Steamroller, 2007.

GOLDMAN, Albert. *Elvis.* Nova York: Avon, 1981.

GURALNICK, Peter. *Careless love:* the unmaking of Elvis Presley. Nova York: Little Brown, 1999.

_____. *Last train to Memphis:* the rise of Elvis Presley. Nova York: Little Brown, 1994.

HENDERSON, William. *I, Elvis.* Nova York: Berkeley, 1997.

HODGE, Charlie & GOODMAN, Charles. *Me 'n Elvis*. Memphis: Castle Books, 1988.

KEOGH, Pamela Clarke. *Elvis Presley*: The man. The life. The legend. Nova York: Atria, 2004.

NASH, Alanna; SMITH, Billy; LACKER, Marty & FIKE, Lamar. *Elvis and the Memphis Mafia*. Nova York: Harper Collins, 1995.

PONCE DE LEON, Charles L. *Fortunate son*: the life of Elvis Presley. Nova York: Hill and Wang, 2007.

RITZ, David (Ed.). *Elvis, by the Presleys*: intimate stories from Priscilla Presley, Lisa Marie Presley, and other family members. Memphis: Elvis Presley Enterprises, 2005.

SCHILLING, Jerry & CRISAFULLI, Chuck. *Me and a guy named Elvis:* my lifelong friendship with Elvis Presley. Nova York: Gotham, 2006.

STANLEY, David & BEGO, Mark. *Raised on rock:* growing up at Graceland. Londres: Trafalgar, 1997.

STANLEY, David & COFFEY, Frank. *The Elvis encyclopedia.* North Dighton, ma: jg Press, 2007.

STANLEY, Rick & HAROLD, Paul. *Caught in a trap*: Elvis Presley's tragic lifelong search for love. Dallas, tx: Word Publishing Group, 1992.

THOMPSON, Charles C., I.I. & COLE, James P. *The death of Elvis*: what really happened. Londres: Orion, 1993.

WEST, Red; WEST, Sonny; HEBLER, Dave & dunleavy, Steve. *Elvis: what happened?* Nova York: Vintage, 1991.

WEST, Sonny & TERRILL, Marshall. *Elvis*: still taking care of business. Chicago: Triumph Books, 2007.

5 John Lennon

BRESLER, Fenton. *Who killed John Lennon?* Nova York: St. Martin's, 1989.

COLEMAN, Ray. *Lennon:* the definitive biography. Nova York: McGraw Hill, 1985.

FAWCETT, Anthony. *John Lennon:* one day at a time. Nova York: Stein & Day, 1983.

GIULIANO, Geoffrey. *Lennon in America:* 1971–1980, based in part on the lost Lennon diaries. Nova York: Cooper Square Press, 2000.

GOLDMAN, Albert. *The lives of John Lennon.* Nova York: William Morrow, 1988.

GREEN, John. *Dakota days.* Nova York: St. Martin's, 1983.

HARRISON, George. *I, me, mine.* Nova York: Chronicle, 2002.

HENKE, James. *Lennon legend.* Nova York: Chronicle Books, 2003.

HOPKINS, Jerry. *Yoko Ono.* Nova York: Macmillan, 1986.

JONES, Jack. *Let me take you down:* inside the mind of Mark David Chapman, the man who killed John Lennon. Nova York: Villard Books, 1992.

LENNON, Cynthia. *John*. Nova York: Crown, 2005. [*John*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2009.]

LENNON, Pauline. *Daddy come home:* the true story of John Lennon and his father. Melbourne: Angus & Robertson, 1990.

MILES, Barry. *Paul McCartney:* many years from now. Nova York: Owl Books, 1998.

NORMAN, Phillip. *John Lennon:* the life. Nova York: Ecco, 2008. [*John Lennon:* a vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.]

PANG, May & Edwards, Henry. *Loving John.* Nova York: Warner Books, 1983.

ROLLING STONE (THE EDITORS OF). *The ballad of John and Yoko.* Nova York: Doubleday Dolphin, 1982.

ROSEN, Robert. *Nowhere man:* the final days of John Lennon. Oakland: Quick American Archives, 2002.

SALWICZ, Chris. *McCartney:* the definitive biography. Nova York: St. Martin's, 1986.

SEAMAN, Fred. *The last days of John Lennon.* Nova York: Birch Lane, 1991.

SHAPIRO, Marc. *Behind sad eyes:* the life of George Harrison. Nova York: St. Martin's, 2002.

SHEFF, David (Ed.). *The Playboy interviews with John Lennon and Yoko Ono*. Nova York: Putnam, 1981.

SHEVEY, Sandra. *The other side of John Lennon.* Londres: Pan Macmillan, 1990.

SHOTTON, Pete & SCHAFFNER, Nicholas. *John Lennon:* in my life. Nova York: Grove Press, 1976.

SPITZ, Bob. *The Beatles.* Nova York: Little Brown, 2005. [*The Beatles – A biografia*. São Paulo: Larousse do Brasil, 2007.]

WIENER, Anthony. *Come together:* John Lennon in his time. Champaign: University of Illinois Press, 1990.

6 Kurt Cobain

AZERRAD, Michael. *Come as you are:* the story of Nirvana. Nova York: Main Street Books, 1993. [*Come as you are:* a história do Nirvana. São Paulo: Madras, 2008.]

BLACK, Suzi. *Nirvana tribute:* the life and death of Kurt Cobain the full story. Londres: Omnibus, 1995.

BRITE, Poppy Z. *Courtney Love:* the real story. Nova York: Touchstone, 1997.

COBAIN, Kurt. *Journals.* Nova York: Riverhead Books, 2002.

CROSS, Charles R. *Heavier than heaven:* biography of Kurt Cobain. Nova York: Hyperion, 2001.

HARRISON, Hank. *Kurt Cobain:* beyond Nirvana. San Francisco: Arkives Press, 2002/2008.

MOLANPHY, Chris. *Kurt Cobain:* voice of a generation. Nova York: Barnes & Noble Books, 2003.

ROSSI, Melissa. *Courtney Love:* queen of noise. Nova York: Pocket Books, 1996.

SANDFORD, Christopher. *Kurt Cobain.* Nova York: Carroll & Graf, 1995.

THOMPSON, Dave. *Never fade away:* the Kurt Cobain story. Nova York: St. Martin's, 1994.

WALLACE, Max & HALPERIN, Ian. *Love and death:* the murder of Kurt Cobain. Nova York: Atria, 2004.

7 Jerry Garcia

BRIGHTMAN, Carol. *Sweet chaos:* the Grateful Dead's American adventure. Nova York: Clarkson Potter, 1998.

GANS, David. *Conversations with the dead:* the Grateful Dead interview book. Nova York: Carol Publishing, 1991.

GREENFIELD, Robert. *Dark star: an oral history of Jerry Garcia.* Nova York: Broadway Books, 1997.

HARRISON, Hank. *The dead.* San Francisco: Celestial Arts, 1980.

JACKSON, Blair. *Garcia:* an American life. Nova York: Penguin, 2000.

LESH, Phil. *Searching for the sound:* my life in the Grateful Dead. Nova York: Little Brown, 2005.

MCNALLY, Dennis. *A long strange trip:* the inside history of the Grateful Dead. Nova York: Broadway Books, 2002.

SCULLY, Rock & DALTON, David. *Living with the dead:* twenty years on the bus with Garcia and the Grateful Dead. Nova York: Little Brown, 1995.

TROY, Sandy. *Captain Trips:* a biography of Jerry Garcia. Nova York: Thunder's Mouth, 1995.

WEIR, Bob & PARISH, Steve. *Home before daylight:* my life on the road with the Grateful Dead. Nova York: St. Martin's, 2003.

Antologias

CONSTANTINE, Alex. *The covert war against rock:* what you don't know about the deaths of Jim Morrison, Tupac Shakur, Michael Hutchence, Brian Jones, Jimi Hendrix, Phil Ochs, Bob Marley, Peter Tosh, John Lennon. Venice, CA: Feral House, 2000.

DES BARRES, Pamela. *Rock bottom:* dark moments in music Babylon. Nova York: St. Martin's, 1996.

DRIVER, Jim (Ed.). *The mammoth book of sex, drugs, & rock'n'roll.* Filadélfia: Running Press, 2006.

EVANS-WENTZ, W. Y. (Ed.). *The Tibetan book of the dead.* Londres: Oxford University Press, 1960.

HERMAN, Gary. *Rock'n'roll Babylon.* Londres: Plexus, 1982.

HUXLEY, Aldous. *The doors of perception.* Nova York: Harper & Brothers, 1954.

KATZ, Gary L. *Death by rock and roll:* the untimely deaths of rock's legends. Londres: Robson Books, 1995.

KENT, Nick. *The dark stuff:* selected writings on rock music. Cambridge, ma: Da Capo, 1994.

KOHUT, Joe & KOHUT, John J. (Eds.). *Rock talk:* the great rock and roll quote book. Nova York: Faber & Faber, 1994.

LEARY, Timothy, Ralph METZNER & ALPERT, Richard. The psychedelic experience: a manual based on the Tibetan book of the dead. Nova York: Citadel Press, 1995.

LENSON, David. *On drugs.* Minneapolis: University of Minnesota Press, 1995.

LUERSSEN, John D. *Mouthing off:* a book of rock & roll quotes. Pittsburgh: Telegraph Company, 2002.

MCKENNA, Terence. *Food of the gods:* the search for the original tree of knowledge. Nova York: Bantam Books, 1992.

OBSTFELD, Raymond & FITZGERALD, Patricia (Eds.). *Jabberrock!:* the ultimate book of rock'n'roll quotes. Nova York: Henry Holt, 1997.

PATTERSON, R. Gary. *Take a walk on the dark side:* rock and roll myths, legends, and curses. Nova York: Fireside, 2004.

PIKE, Jeff. *The death of rock'n'roll:* untimely demises, morbid preoccupations, and premature forecasts of doom in pop music. Nova York: Faber & Faber, 1993.

QUISLING, Erik & WILLIAMS, Austin. *Straight whiskey:* a living history of sex, drugs and rock'n'roll on the sunset strip. Nova York: Bonus Books, 2003.

SIEGEL, Ronald K. *Intoxication:* life in pursuit of artificial paradise. Nova York: Pocket Books, 1989.

STANTON, Scott. *The tombstone tourist:* musicians. Nova York: Pocket Books, 2003.

THOMPSON, Dave. *Better to burn out:* the cult of death in rock'n'roll. Nova York: Thunder's Mouth, 1998.

WALTON, Stuart. *Out of it:* a cultural history of intoxication. Nova York: Harmony Books, 2001.

WENNER, Jann S. & Levy, Joe (Eds.). *The Rolling Stone interviews.* Boston: Back Bay Books, 2007.

WHITE, Timothy. *Rock lives:* profiles and interviews. Nova York: Henry Holt, 1991.

Outras fontes

CLAPTON, Eric. *Clapton:* the autobiography. Nova York: Broadway Books, 2007.

FAITHFULL, Marianne & DALTON, David. *Faithfull:* an autobiography. Nova York: Little Brown, 1994.

HEYLIN, Clinton. *Bob Dylan, behind the shades, revisited.* Nova York: William Morrow 2001.

SCHUMACHER, Michael. *Crossroads:* the life and music of Eric Clapton. Nova York: Hyperion, 1995.

SOUNES, Howard. *Down the highway:* the life of Bob Dylan. Nova York: Grove, 2001.

WEIL*, Andrew. The natural mind:* a revolutionary approach to the drug problem. Boston: Houghton Mifflin Company, 2004 (primeira edição 1972)*. [Drogas e estados superiores da consciência.* São Paulo: Ground, 1986.]

WILSON*, Susan. Hole:* look through this. Londres: Music Sales Corp., 1996*.*

Notas

Notas de rodapé - Introdução

Grateful Dead – Literalmente, “Morto Agradecido.” [N. do T.]

“Instant Karma’s gonna knock you right on the head” – *Carma Instantâneo vai te acertar em cheio ... É melhor você se recompor. Muito em breve você vai estar morto.*

"Hope I die before I get old" – *Espero morrer antes de ficar velho*.

Candidato manchu – Uma pessoa que, alheia a sua própria vontade, é convencida a agir em prol de interesses de terceiros. O termo foi imortalizado pelo livro *The Manchurian candidate,* de Richard Condon, adaptado para o cinema em 1954 e 2004 (no Brasil, *Sob o domínio do mal).* [N. do T.]

“Just gimme some truth now” – *Me diga a verdade agora... Tudo o que eu quero é a verdade*.

Notas do autor – Jimi Hendrix

[1] REDDING, Noel & APPLEBY, Carol. *Are you experienced? The inside history of the Jimi Hendrix Experience.*

[2] CONSTANTINE, Alex. *The covert war against rock.*

[3] Al, zelador em meio período, atendente de posto de gasolina e jardineiro, desejava se divorciar havia anos, mas não tinha como pagar a taxa de 25 dólares.

[4] CROSS, Charles R. *Room full of mirrors.*

[5] De acordo com Noel Redding, Jimi tentou se matar mais uma vez após a turnê do Experience em 1968. “Ele cortou os pulsos”, escreveu o baixista em seu livro de memórias. “Isso foi mantido em absoluto segredo, mas todos ficamos aterrorizados.” Posteriormente, o relatório da autópsia do astro revelou uma cicatriz no pulso esquerdo.

[6] Não muito tempo depois disso, Cooke foi baleado e espancado com um porrete até a morte em um hotel em Hollywood.

[7] O saxofonista despediu Jimi por se recusar a usar as abotoaduras “kc” da banda. Curtis morreria esfaqueado em Nova York em 1971.

[8] BURDON, Eric. *I used to be an animal (but I’m alright now)*.

[9] A filha de Arden, Sharon, tornou-se empresária e esposa de Ozzy Osbourne, do Black Sabbath.

[10] Consulte ARDEN, Don. *Mr. Big: Ozzy, Sharon and my life as the godfather of rock.*

[11] Sua única outra detratora foi Petula Clark. “Jimi Hendrix é uma grande farsa”, disse a estrela de *Don’t Sleep in the Subway.*

[12] FAITHFULL, Marianne & DALTON, David. *Faithfull: an autobiography.*

[13] Chandler pedira recentemente a Jagger para copatrocinar o Experience, mas o Homem Macaco recusara a proposta.

[14] SHAPIRO, Harry & GLEBBEEK, Caesar. *Jimi Hendrix: electric gypsy*.

[15] A história "oficial" é que Jimi perdeu a cabeça com um grupo de fãs obstinadas. Pouca coisa se escreveu sobre suas inclinações bissexuais, embora rumores sobre o relacionamento com seu amigo, Arthur Lee, do Love, persistam até hoje.

[16] DANNEMANN, Monika. *The inner world of Jimi Hendrix.*

[17] LAWRENCE, Sharon. *Jimi Hendrix: a dramática história de uma lenda do rock.*

[18] MITCHELL, Mitch & PLATT, John. *Jimi Hendrix: inside the experience.*

[19] A colaboração nunca se materializou, uma vez que o sempre pragmático Miles se recusou a participar sem um adiantamento de 50 mil dólares.

[20] O guitarrista conseguiria livrar-se do vício cinco anos depois e retornaria às paradas de sucesso com *Still Alive and Well.*

[21] HENDERSON, David. *'Scuse me while I kiss the sky: the life of Jimi Hendrix.*

[22] Na mesma época, em um concerto na Suécia, ele dedicara *Foxey Lady* a todas as garotas que estavam atirando calcinhas no palco, dizendo: "O Dia das Mães está chegando, quem quiser vir a ser mãe, venha pros bastidores". Mesmo assim, o processo de paternidade o assustou.

[23] De acordo com diversos relatos, mais tarde Jimi ligou para Chas, deixando uma mensagem desesperada em sua secretária eletrônica: "Preciso muito de ajuda, bicho!", mas Chandler não tinha uma secretária eletrônica.

[24] Não parece provável que isso tenha ocorrido. Perto do final, Hendrix não tomava mais LSD porque, como explicou a um repórter, "a coisa toda é vazia. Eu preciso de oxigênio".

[25] Além de Alan Wilson, do Canned Heat, outras celebridades tiveram overdoses fatais de Seconal, incluindo Judy Garland e Marilyn Monroe. Outro barbitúrico baseado no Seconal, Somulose, é comumente utilizado na prática de eutanásia de cavalos e gado.

[26] BURDON, Eric & CRAIG, J. Marshall. *Don't let me be misunderstood.* O ex-vocalista do Animals também revelou em sua segunda autobiografia que, após a reabertura da investigação de Hendrix em 1994, Kathy Etchingham telefonou e lhe avisou: "É melhor você contar sua história direito [...] ou pode contemplar a possibilidade de ir preso".

[27] Em sua biografia de Hendrix, *Room full of mirrors,* Charles Cross escreveu que Dannemann, ao chegar a Londres, "rastreou o hotel em que Jimi estava".

[28] Esse *modus operandi* não seria inédito. Em 1972, o baterista do New York Dools, Billy Murcia, morreu depois que sua namorada jogou café em sua garganta enquanto ele dormia.

[29] O filme ainda está no papel em razão de divergências entre a executora do inventário de Hendrix, Janie Hendrix, e os financiadores de Hollywood.

[30] Após anos de disputas por compensação junto ao patrimônio multimilionário de Hendrix, Redding finalmente recebeu 100 mil dólares, que se evaporaram em pagamentos de taxas. O famoso baixista tornou-se limpador de chaminés. Ele morreu em 1996.

[31] SHAPIRO, Harry & GLEBBEEK, Caesar. *Jimi Hendrix: electric gypsy.*

[32] LAWRENCE, Sharon. *Jimi Hendrix: the man, the magic, the truth.*

Notas de rodapé - Jimi Hendrix

"I pick up my axe..." – *Agora pego meu machado e luto como um bombardeiro, [...] mas mesmo assim você me atira ao chão*.

Chitlins circuit – Nome coletivo dado aos conjuntos locais das regiões leste e sul dos Estados Unidos nos quais era seguro e aceitável que artistas afro-americanos se apresentassem durante a época da segregação racial, do final do século 19 até a década de 1960. O nome é derivado de *chitterlings* (tripas de porco cozidas), um prato da cozinha afro-americana. [N. do T.]

Svengali – é o nome de uma personagem de ficção no romance *Trilby*, de George du Maurier (1894). A palavra "svengali" passou a significar uma pessoa que, com más intenções, manipula outras para cumprir seus desejos. [N. do T.]

Black bombers – Cápsula feita de óleo concentrado de THC. [N. do T.]

Moon the Loon - Moon, o Lunático. Trata-se de um jogo de palavras, já que *moon* também significa lua. [N. do T.]

Monterey Purple - Nome dado ao lote de LSD de alta qualidade produzido pelo químico Owsley Stanley e vendido naquele festival. [N. do T.]

"She drinks her blood..." – *Ela bebe seu próprio sangue de uma faca de serra [...] Ela tem um chicote tão longo quanto sua vida*.

"I met her today at..." – *Eu a conheci hoje na festa [...] em seu copo havia um homem sangrando.*

"I'm not the only one..." – *Não sou o único acusado de fuga após atropelamento [...] Há marcas de freada nas suas costas, gata, estou vendo que você se divertiu.*

"I used to live..." – *Eu costumava viver em uma sala cheia de espelhos, tudo o que eu podia ver era a mim mesmo... / O vidro quebrado estava na minha cabeça... / Costumava cair nos meus sonhos e me cortar na cama*.

"If I don't meet you..." – *Se eu não te encontrar mais neste mundo, te encontro no próximo, e não se atrase, não se atrase, porque eu sou uma criança de vodu.*

"The story of Jesus..." – *A história de Jesus, tão fácil de explicar [...] A história da vida é mais rápida do que um piscar de olhos. A história do amor é só olá e adeus, até que nos encontremos de novo*.

"Will the wind ever..." – *Lembrará o vento dos nomes que soprou no passado / e, com esse apoio, sua idade avançada e sabedoria / sussurram, "não, este será o último"*.

"The eagle..." – *A águia […] me carregou para além das cercanias do infinito […] E caso eu não te encontre mais neste mundo, então te encontrarei, te encontrarei no próximo, e não se atrase.*

Notas do autor – Interlúdio: Órfãos

[1] CROSS, Charles R. *Room full of mirrors*.

[2] LENNON, Cynthia. *John*.

[3] LENNON, Pauline. *Daddy come home: the true story of John Lennon and his father*.

[4] STANLEY, Rick & HAROLD, Paul. *Caught in a trap: Elvis Presley's tragic lifelong search for love*.

[5] Anos mais tarde, a madrasta de Elvis, Dee Stanley, por quem ele nutria grande ressentimento, não só afirmou que Gladys e o filho tiveram relações sexuais como também que Elvis tinha "uma vida homossexual secreta".

[6] Outras pessoas se lembram de Elvis ter pedido uma arma, mas Gladys a negou, afirmando: "Você é capaz de matar todos os seus amiguinhos".

[7] Anos depois, em 1967, Elvis saiu na mão com o jardineiro de Graceland, Troy Ivy. Após o incidente, Ivy acusou Elvis de estar fora de si e tentar matar Vernon, enquanto o astro afirmou que Ivy estava bêbado. Ninguém prestou queixa.

[8] MCNALLY, Dennis. *A long strange trip: the inside history of the Grateful Dead*.

[9] Em sua biografia, *Com amor, Janis Joplin*, Laura Joplin escreveu que essa foi uma das famosas invenções de sua irmã, e que, ao ouvir isso, "nossos pais ficaram arrasados [...]".

[10] Pete Townshend, da banda The Who, compositor de *My Generation*, com sua famosa frase "I hope I die before I get old" ["Espero morrer antes de envelhecer"], declararia posteriormente: "Não consegui atingir essa grande ambição que tinha aos 19 anos. Mas tentei compensar me tornando feliz de verdade".

Notas de rodapé - Interlúdio: Órfãos

"A broom is drearily..." – *Uma vassoura está varrendo de forma sombria pedaços das vidas que já vivemos [...] Em algum lugar uma rainha está chorando, em algum lugar um rei não tem esposa.*

"It's hard to explain..." – *Eu não consigo assimilar [...] É difícil de explicar. Tanta dor.*

"Father, you left me..." – *Pai, você me abandonou, mas eu nunca te abandonei [...] Eu precisava de você, mas você não precisava de mim.*

"We live with no reason..." – *Nascemos em uma prisão, somos criados em uma prisão, enviados a uma prisão chamada escola [...] Vivemos sem razão, sendo chutados sem razão.*

"When I was just..." – *Quando eu era apenas um garotinho, com cerca de 5 anos, fui dormir e ouvi meus pais conversando. […] Ela disse: "Temos que botar um freio nesse garoto, ele está saindo muito da linha, está ficando selvagem, temos que parar essa criança"*.

"All right, wild child..." – *Tudo bem, criança selvagem cheia de graça, Salvador da raça humana, […] Criança natural, criança terrível, não o filho de sua mãe ou de seu pai: Sua criança selvagem cheia de graça, Salvador da raça humana.*

"I'm so happy..." – *Estou tão feliz porque hoje encontrei meus amigos... eles estão na minha cabeça.*

Sturm und Drang – (tempestade e ímpeto) foi um movimento literário romântico alemão, ocorrido no período entre 1760 e 1780. [N. do T.]

Capitão Trips – também conhecido como dr. Mark Meadows, é um personagem da série de livros *Wild Cards*. Meadows, um renomado bioquímico, é um hippie desiludido com a habilidade de utilizar várias drogas (normalmente derivados de drogas psicoativas como o LSD) para se transformar em diversas outras formas, cada uma com seus próprios poderes e personalidades individuais.[N. do T.]

Notas do autor – Janis Joplin

[1] Sua mãe, uma professora da escola dominical formada em música pela Universidade Cristã do Texas, em Fort Worth, também cantava no coral, mas perdeu a voz depois que um cirurgião cortou acidentalmente o nervo de uma corda vocal durante uma operação de tireoide.

[2] Vários grandes nomes foram artistas ou abandonaram a escola de arte: Lennon, McCartney, Richards, Ronnie Wood, Jeff Beck, Jimmy Page, Ray Davies, Pete Townshend, Eric Clapton, David Bowie, Jerry Garcia, Kurt Cobain e outros.

[3] FRIEDMAN, Myra. *Enterrada viva: a biografia de Janis Joplin*.

[4]De forma similar , a mitologia do blues conta que, após seu acidente de carro, Bessie Smith não foi admitida em um hospital para brancos no Tennessee e sangrou até a morte a caminho de outro hospital. Na realidade, o Thomas Hospital em Clarksdale atendia a população negra e a cantora foi admitida, porém tarde demais.

[5] AMBURN, Ellis. *Pearl: the obsessions and passions of Janis Joplin*.

[6] ECHOLS, Alice. *Scars of sweet paradise: the life and times of Janis Joplin*

[7] Embora Grossman tenha oficialmente desencorajado o uso de heroína por seus clientes, Helms insistiria mais tarde que ele encorajou as inclinações à la Billie Holiday de Janis, e manteve uma política de silêncio com ela sobre o assunto drogas.

[8]DALTON, David. *Piece of my heart: the life, times and legend of Janis Joplin*.

[9] A música foi incluída no álbum como instrumental.

[10] Conhecido como “legista das estrelas”, entre 1967 e 1982 Noguchi realizou as autópsias de Marilyn Monroe, Robert F. Kennedy e muitas outras celebridades.

[11] O empresário Albert Grossman recebeu 100 mil dólares referentes à apólice de seguro de Janis. Em 1974, a empresa de seguros entrou com uma ação civil questionando o pagamento, alegando que a morte da cantora fora suicídio. O pedido foi negado pela Corte.

Notas de rodapé - Janis Joplin

Sísifo – Na mitologia grega, Sísifo era considerado o mais astuto de todos os mortais e ao morrer foi condenado por toda a eternidade a rolar uma grande pedra de mármore com suas mãos até o cume de uma montanha. Sempre que estava a ponto de alcançar o topo, a pedra rolava novamente até o ponto de partida. [N. do T.]

"When I put a spike..." – *Quando coloco uma seringa na veia [...] As coisas deixam de ser as mesmas. Quando estou viajando na minha dose, me sinto como o filho de Jesus.*

"You might find out later..."– *Você pode descobrir depois [...] Meu bem, a estrada vai acabar em Katmandu [...] Você pode rodar o mundo inteiro [...] Eu sei que você tem mais lágrimas para compartilhar, meu bebê. Então venha, venha, venha, venha, e chore, chore meu bebê, chore meu bebê, chore meu bebê.*

"All I know,..." – *Tudo que sei é que há um pássaro em seu cantar [...] Só sei que ela cantou por algum tempo e depois voou. Conte-me tudo o que você sabe, e eu lhe mostrarei a neve e a chuva.*

Notas do autor – Interlúdio: Chapados

[1] WALTON, Stuart. *Out of it: a cultural history of intoxication.*

[2] Pesquisadores militares acreditavam que drogas psicodélicas tinham potencial para uso em interrogatórios, assassinatos etc. durante a Guerra Fria. Os primeiros testes com LSD financiados pelos federais foram realizados em trabalhadores do Projeto Manhattan, nos anos 1940. Mais tarde, o programa MK-ULTRA, da CIA, conduziu pesquisas com psicotomiméticos em prisões e hospitais para doentes mentais. Durante a "Operação Meia-Noite" do MK-ULTRA em San Francisco, prostitutas viciadas eram pagas para aplicar ácido da Sandoz em desconhecidos, cujas reações eram monitoradas por meio de espelhos falsos instalados nos hotéis. Logo, compostos superpotentes foram sintetizados: STP (Serenidade, Tranquilidade, Paz – desenvolvido em 1964 pela Dow Chemical), DMT e BZ (um "ácido monstro" cujo efeito dura uma semana e causa psicose). No final dos anos 1960, o Exército acumulara 50 toneladas de BZ, "o suficiente para transformar todos os seres humanos em lunáticos delirantes", de acordo com o autor de *Um estranho no ninho*, que também trabalhou como cobaia para os federais.

[3] Morrison se encontrara havia pouco tempo com o estudante de graduação da UCLA Carlos Castañeda, que acabara de escrever uma tese sobre seu professor xamã Yaqui, de Don Juan. Morrison queria fazer um filme sobre *The teachings of Don Juan*, no qual Castañeda detalhava suas experiências com plantas medicinais sagradas, incluindo cogumelos de psilocibina e erva-do-diabo [também conhecida como estramônio ou "trombeta"]. Castañeda continuou a escrever uma série de livros sobre o feiticeiro Yaqui, que se tornaram sucessos comerciais.

[4] WEST, Sonny & TERRILL, Marshall. *Elvis: still taking care of business*.

[5] LESH, Phil. *Searching for the sound: my life in the Grateful Dead*.

[6] ROSEN, Robert. *Nowhere man: the final days of John Lennon*.

[7] LENNON, Cynthia. *John*.

[8] SPITZ, Bob. *The Beatles – A biografia*.

[9] Nas poucas ocasiões em que o Rei se permitia beber, seu humor ficava pior do que o normal. Certa vez, ele fustigou uma fã com um taco de bilhar. Em outra ocasião, ameaçou atacar Sonny West com uma garrafa.

[10] SIEGEL, Ronald K. *Intoxication: life in pursuit of artificial paradise*.

[11] MANZAREK, Ray. *Light my fire: my life with the Doors*.

Notas de rodapé - Interlúdio: Chapados

"Let me tell you about..." – *Vou falar sobre um coração partido e a perda de Deus / Errante, errante na noite sem esperança / Aqui no perímetro não há estrelas / Aqui estamos chapados – Imaculado.*

"Everybody must get stoned!" – *Todo mundo tem que ficar chapado!*

Kent State, Chicago, Mi-Lai – Menção a três eventos da história americana: em 4 de maio de 1970, a Guarda Nacional de Ohio invadiu o campus da Universidade de Kent e matou a tiros quatro alunos, ferindo mais nove, após dias de protestos estudantis contra a invasão do Camboja durante a Guerra do Vietnã; durante a Convenção Nacional do Partido Democrata de 1968, em Chicago, houve uma série de confrontos entre a polícia local e diversos grupos manifestantes; Mi-Lai é o nome da aldeia vietnamita onde, em 16 de março de 1968, centenas de pessoas, na maioria mulheres e crianças, foram executadas

por soldados do Exército norte-americano no maior massacre de civis ocorrido durante a Guerra do Vietnã. [N. do T.]

Leave it to Beaver – Série de TV de fundo moral, exibida nos Estados Unidos entre os anos 1950 e 1960, que contava as travessuras de Theodore “Beaver” Cleaver, um garoto de 7 anos. O apelido vinha de sua dificuldade em pronunciar o próprio nome, e não somente por ser dentuço e lembrar um castor, tradução literal da palavra *beaver.* [N. do T.]

Os Merry Pranksters – (Brincalhões Joviais) foram um grupo formado em torno do autor norte-americano Ken Kesey em 1964 e que, ocasionalmente, vivia em comunidades na Califórnia e no Oregon. O grupo promovia o uso de drogas psicodélicas. Ken Kesey e The Merry Pranksters são célebres pelo significado sociológico de uma longa viagem que fizeram atravessando os Estados Unidos no verão de 1964, a bordo de um ônibus escolar com pinturas psicodélicas que exibiam a enigmática inscrição Furthur [N. do T.]

"Have you ever been experienced?..." – *Você já experimentou? [...] Não necessariamente chapado, mas lindo.*

"You’ll never listen..." – *Você nunca mais vai ouvir surf music de novo!*

"Yellow matter custard..." – *Creme amarelo escorrendo dos olhos de um cachorro morto. Esposa-sereia do caçador de caranguejo, sacerdotisa pornográfica, eu sou o homem-ovo [...] Eu sou a morsa, goo goo g’joob.*

"Sickening pessimists..." – *Pessimistas repugnantes. Massas desprezíveis. Comunistas declarados. Bastardos do apocalipse.*

"Well, mountain lions..." – *Bem, os leões da montanha me encontraram ali de tocaia, E me colocaram nas costas de uma águia, que me levou além das fronteiras do infinito.*

Travesseiro surrealista – *Surrealistic Pillow* é o nome de um dos álbuns da banda Jefferson Airplane, lançado em 1967.

"Feelin' good..." – *Sentir-se bem, sentir-se bem. Todo o dinheiro do mundo gasto em se sentir bem.*

Desafio da Pepsi – Em 1975, a Pepsi começou a divulgar comerciais de televisão em que realizava testes de preferência, chamados de *Pepsi Challenge* ou o Desafio Pepsi. Os participantes experimentavam dois refrigerantes não identificados, Pepsi e Coca-Cola, e depois eram perguntados sobre qual era o melhor. [N. do T.]

Francesc d'Asís Xavier Cugat Mingall de Bru i Deulofeu foi um maestro catalão-cubano, um dos pioneiros na popularização da música latina nos Estados Unidos. [N. do T.]

"Drivin' that train..." – *Dirigindo aquele trem, louco de cocaína, Casey Jones, é melhor você prestar atenção na velocidade!*

China White – O alfa-metilfentanil é uma analgésico opiáceo análogo ao fentanil. Inventada em 1976, a substância surgiu no mercado negro sob o nome "China White". [N. do T.]

Physician's Desk Reference – Catálogo de medicamentos norte-americano. [N. do T.]

"I don't want to escape..." – *Não quero escapar da realidade, quero que a realidade fuja de mim.*

"You favor life..." – *Você favorece a vida, ele anda lado a lado com a morte. [...] Eu fico em cima do muro e minhas bolas doem.*

"I hope you went out..." – *Espero que você tenha partido sorrindo como uma criança / na lembrança refrescante de um sonho.*

Notas do autor – Jim Morrison

[1] A irmã de Jim, Ann, disse: “Ele adorava exagerar essa história. Ele disse que viu um índio morto ao lado da estrada e eu nem sei se isso é verdade”.

[2] Mama Cass Elliot formou-se no GW um ano antes, e estava destinada a morrer apenas um ano depois dele.

[3] Ele e Jakob, o Doninha, faziam piadas sobre começar um dueto underground chamado *The Doors: Open and Closed* [As Portas: Aberta e Fechada]. O nome foi baseado no verso de William Blake, “If the doors of perception were cleansed everything would appear as it is, infinite” [Se as portas da percepção fossem reveladas, tudo se apresentaria como é: infinito]. Aldous Huxley escrevera havia pouco um livro sobre drogas psicodélicas, *As portas da percepção*, baseado no mesmo trecho.

[4] Jim desmaiava e caía desde a juventude, o que levou algumas pessoas a especularem se ele sofria de epilepsia mioclônica juvenil ou a “doença da queda”, que afligiu muitos notáveis, incluindo seu herói, Alexandre, o Grande.

[5] A Dama Azul era o fantasma de uma jovem esposa, bela, porém negligenciada, que diziam ter morrido em um acidente de carro a caminho de encontrar seu amante em um café isolado acima da Half Moon Bay, na costa da Califórnia. Logo depois, seu amante, um galante pianista, foi decapitado e jogado ao mar, em local próximo. Conta a lenda que o fantasma da mulher assombrava o café e caminhava pelas tempestuosas escarpas acima, em seu vestido manchado de sangue. A história fascinou Morrison, que visitou o lugar mal-assombrado.

[6] A Themis se tornou a fornecedora de roupas de Jim, desde artigos de couro e jaquetas de pele de lagarto até um terno de 2.200 dólares feito da pele de um pônei natimorto (que ele mais tarde jogou no lixo de um aeroporto).

[7] Fink, a quem Jim chamava de “o único pai que conheci”, estava defendendo o astro em nada menos do que 20 processos de paternidade na época. Para compensá-lo, Jim presenteou-o com um jogo de tacos de golfe de Natal.

[8] Para aumentar ainda mais a fascinação de Morrison, a *persona* dramática do próprio Artaud espelhava suas ideias: viciado em drogas, maníaco-depressivo e psicótico, o autor dramático passou mais de uma década em sanatórios recebendo regularmente tratamentos de eletrochoque até cometer suicídio. Em vida, o francês cadavérico e de cabelos negros caminhava com uma bengala de madeira rádica nodosa que ele afirmava ter pertencido a São Patrício e, anteriormente, a Jesus Cristo e a Lúcifer.

[9] RIORDAN, James & PROCHNICKY, Jerry. *Break on through: the life and death of Jim Morrison*.

[10] Logo após se juntar ao grupo, o baterista contraiu uma alergia cutânea grave que não desapareceu até a morte de Morrison.

[11] MANZAREK, Ray. *Light my fire: my life with the Doors.*

[12] O poeta – que chegou a se tornar um comerciante de café e armas – voltou para sua terra natal 20 anos depois e foi consumido pelo câncer e pela sífilis terciária.

[13] KENNEALY, Patricia. *Strange days: my life with and without Jim Morrison*.

[14] Um amigo muito bem relacionado de Max persuadira o governador da Califórnia, Ronald Reagan, a negociar o perdão a Morrison junto ao governador da Flórida. “Me transformar num republicano é a gota-d’água”, disse Jim. Mas, em virtude do clamor público entre os conservadores, Reagan voltou atrás em sua promessa.

[15] Os dois artistas tinham muito em comum. Como Morrison, Wilde era um expatriado, tendo fugido da Bretanha depois de passar dois anos preso por ofensas homossexuais. Ele também

sofreu uma queda quase fatal (na capela da prisão). Finalmente, o dramaturgo também assumiu um pseudônimo francês (Sebastian Melmoth) e tentou um renascimento literário em Paris.

[16] Ele se balançava em uma calha em sua suíte, no segundo andar do Chateau Marmot, em Hollywood, quando a calha quebrou e ele caiu de costas no concreto.

[17] Bernett, Sam. *The end: les derniers jours de Jim Morrison*. Bernett, que acabou se tornando vice-presidente da Disney Paris, disse ao *Daily Mail* do Reino Unido que esperou até 2007 para revelar sua história por medo de repercussões legais e problemas profissionais que ela poderia lhe causar. “Hoje, tenho mais de 60”, disse ele, “e quero me livrar desse fardo.”

[18] Até hoje Faithfull se recusa a comentar o incidente.

[19] *Paris Match*, abril de 1991. “La Dernière Ballade de Jim”, por Alain Ronay.

Notas de rodapé - Jim Morrison

"This is the end..." – *Este é o fim, meu único amigo... / Sem segurança ou surpresa, o fim.*

"Indians scattered..." – *Índios sangrando espalhados na estrada do amanhecer. / Fantasmas lotam a mente frágil da criancinha.*

"Let’s swim..." – *Vamos nadar até a lua ... / Vamos subir com a maré / Penetrar a noite / que a cidade dorme para esconder.*

"The killer awoke..." – *O assassino acordou antes do amanhecer. Calçou suas botas.*

"He took a face..." – *Ele pegou um rosto da antiga galeria e caminhou pelo salão.*

"The road of excess..." – *A estrada dos excessos leva ao palácio da sabedoria.*

"I found an island..." – *Encontrei uma ilha em seus braços, o campo em seus olhos [...]Braços que prendem, olhos que*

mentem.

"I'm lost in..." – *Estou perdido na dor de minha própria mente [...] Falta de oxigênio, estou ficando louco.*

"I'm going down..." – *Estou me afundando no chão para assistir ao meu funeral, ver meu caixão ser enterrado. Quero me esconder atrás de uma lápide e vê-los chorar minha morte.*

O álbum branco: *ensaios*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987. [N. do T.]

"Me and the devil..." – *Eu e o demônio, caminhando lado a lado [...] Bem, ela acha que vai morrer, mas ela só tem 21 anos.*

"Five to one..." – *Cinco contra um, baby. Uma em cinco. Ninguém sai vivo daqui!*

"Now night arrives..." – *Agora a noite chega com sua legião lilás / Retirem-se para suas tendas e para seus sonhos / Amanhã entraremos em minha cidade natal / E quero estar preparado.*

Notas do autor – Interlúdio: Loucos

[1] Ainda assim, alguns anos depois, Lennon recusou o papel de Jesus Cristo na produção *Jesus Cristo Superstar*, de Andrew Lloyd Weber, encenada na Catedral de São Paulo. Nessa época, o Vaticano tinha aceitado suas desculpas pelo comentário “mais popular que Jesus Cristo”, e ele dizia: “Sempre me lembro de agradecer a Jesus pelo fim dos meus dias de turnê”.

[2] No final, ele tentou estabelecer a “Nutopia”, um Estado soberano, “sem terras, sem fronteiras, sem passaportes, apenas pessoas”, como explicou.

[3] De acordo com seu biógrafo, Geoffrey Giuliano, ele mantinha uma coleção de chicotes e manequins sadomasoquistas nos depósitos do edifício Dakota.

Notas de rodapé – Interlúdio: Loucos

"Once I had a little game..." – *Eu tinha um pequeno jogo: gostava de rastejar no fundo de meu cérebro. / Acho que você sabe de que jogo estou falando: estou falando do jogo de ficar louco... / Apenas feche os olhos, esqueça seu nome, esqueça o mundo, / Esqueça as pessoas e você terá erguido um tipo diferente de campanário.*

Teocuicatl – Palavra náuatle (grupo de línguas e dialetos pertencentes ao ramo asteca da família linguística uto-asteca) que significa “canto divino”. [N. do T.]

Englebert Humperdinck – Nome artístico de Arnold George Dorsey, cantor anglo-indiano de estilo popular e romântico que ficou conhecido nas décadas de 1960 e 1970 após adotar o pseudônimo do famoso compositor de óperas alemão. [N. do T.]

"Can't see no future..." – *Não vejo futuro, não vejo o céu, […] Queria ser um bebê, queria estar morto.*

"Imagine all the people..." – *Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz […] uma irmandade dos homens.*

"When I was younger..." – *Quando eu era jovem, vivendo em confusão e desespero profundos [...] cheio de ideias e sonhos desfeitos [...] Agora sou mais velho [...], menos complicações, tudo claro.*

"Hatred and jealousy..." – *O ódio e a inveja serão o meu fim. Acho que eu sabia desde o começo.*

Notas do autor - Elvis Presley

[1] Como foi revelado a Steve Dunleavy em *Elvis: what happened?*, Sonny tinha ensinado Elvis a manter a primeira câmara de suas armas vazia, por razões de segurança. Ele relatou como Elvis, certa vez, em fúria, puxou o gatilho para um cara que foi incomodá-lo no banheiro. “Graças a Deus ele não tinha uma bala naquele tambor”, escreveu Sonny, “caso contrário, teria arrancado fora a cabeça daquele homem.”

[2] RITZ, David (Ed.). *Elvis, by the Presleys: intimate stories from Priscilla Presley, Lisa Marie Presley, and other family members*.

[3] Talvez Elvis achasse que isso era o mínimo que podia fazer pelo irmão mais novo, já que dava em cima das namoradas adolescentes de David havia algum tempo. Ele também seduziu a jovem esposa de Rick, irmão de David, o que culminou em separação. David casou-se em 1974, mas Angie pediu o divórcio alguns anos depois por causa da infidelidade dele durante as turnês. No mesmo ano e pela mesma razão, sua mãe, Dee, divorciou-se do pai de Elvis, Vernon.

[4] O futuro genro do Rei, o Príncipe do Pop, Michel Jackson, foi diagnosticado com lúpus em 1984.

[5] Linda tornou-se presença regular no programa de variedades *Hee Haw* e se casou com o medalhista olímpico Bruce Jenner.

[6] De acordo com a mitologia de Elvis, o último livro que ele escolheu ler tratava do Santo Sudário de Turim.

[7] No livro *Elvis and the Memphis Mafia*, de Alanna Nash com Billy Smith, Marty Lacker e Lamar Fike, Smith afirma ter chegado a essa conclusão por meio da entrevista grampeada com Kirk após a morte de Elvis. Além disso, “nós achamos que ela [Ginger] ligou para ele [Kirk] duas vezes e fechou um acordo pela publicação de sua história e uma taxa de primeira página de 105 mil dólares”.

[8] STANLEY, David & Bego, Mark. *Raised on rock: growing up at Graceland*.

[9] Elvis recusou-se a permitir que uma autópsia fosse realizada em sua mãe, insistindo não querer saber do que ela morrera.

[10] “Havia milhões e milhões de dólares vinculados às diversas apólices de seguro de Elvis”, explicou David. “Se houvesse um vestígio mínimo de que ele morrera de overdose autoinduzida, uma fortuna estaria em jogo.”

[11] Codeína, morfina, Quaalude, Valium, Valmid, Placidyl, Amytal, Nembutal, Carbrital, Demerol. Dilaudid também teria sido encontrado se o conteúdo de seu estômago não tivesse sido destruído.

Notas de rodapé - Elvis Presley

TCB – Abreviação para “Take Care of Business”, ou “cuidar dos negócios”, em português. [N. do T.]

Elvis no Jamboree – Evento que apresentava grandes nomes da música country e do rockabilly. [N. do T.]

Wladziu Valentino Liberace foi um famoso pianista e *showman* norte-americano. Músico exímio, era conhecido por seus arranjos inusitados e inimitáveis. [N. do T.]

Notas do autor – Interlúdio: Sr. M

[1] GREEN, John. *Dakota days.*

[2] Talvez Morrison tenha sido o precursor dos grupos de Death Metal dos anos 1980 e 1990, como Megadeath, Metallica, Morbid Angel, Napalm Death, Anthrax, Suicidal Tendencies e assim por diante.

[3] LESH, Phil, *Searching for the sound*.

[4] Charles Manson, músico aspirante que tocava rock, inspirado pela música *Helter Skelter*, dos Beatles, também ameaçou Hendrix e Lennon.

[5] De acordo com um documentário da BBC de 2008, a gangue de motociclistas bolou um plano para assassinar Jagger em sua casa de veraneio em Long Island, em 1969. Tentando atacar por mar, talvez tivessem tido êxito caso o barco em que estavam não tivesse emborcado em uma tempestade.

[6] GIULIANO, Geoffrey. *Lennon in America: 1971–1980, based in part on the lost diaries*.

Notas de rodapé - Interlúdio: Sr. M

"Down in the graveyard..." – *No cemitério onde nos encontramos... / Senhor Deus, eu dançava, dançava, dançava tão livre! / Dançando com o Sr.M.*

"relax, sit back..." – *Relaxe, recoste-se [...] e se renda ao vazio que brilha*.

"She said, 'I know..." – *la disse, 'eu sei como é estar morta' [...] e ela me faz sentir como se eu nunca tivesse nascido.*

"Meet you in the next world,..." – *e encontro no outro mundo, não se atrase.*

"The dead are newborn awakening..." – *s mortos são recém-nascidos despertando, com membros aos pedaços e almas*

úmidas [...] Quem chamou esses mortos pra dançar?

AA *– le arrebentou a cabeça num carro […] ele não viu que o semáforo tinha mudado de cor.*

Notas do autor – John Lennon

[1] NORMAN, Philip. *John Lennon: a vida*.

[2] SEAMAN, Fred. *The last days of John Lennon*.

[3] Isso começou em 1969, quando ele e Yoko fizeram um protesto pacífico em Amsterdã conhecido como “Bed-in for peace”, ocasião em que ficaram na cama, sem sair de seu quarto, durante sete dias. Meses depois, sua música *Give Peace a Chance* foi cantada por meio milhão de manifestantes antibelicistas em Washington, DC. Lennon também se tornou amigo dos fundadores do movimento yippie, Abbie Hoffman e Jerry Rubin, e se apresentou em concertos para o Pantera Branca, John Sinclair, bem como para o Pantera Negra Bobby Seal. O FBI reuniu um dossiê de 281 páginas sobre Lennon, que só foi divulgado integralmente em 2006.

[4] ROSEN, Robert. *Nowhere man: the final days of John Lennon.*

[5] Yoko, no entanto, recusou-se a assumir qualquer responsabilidade pelo incidente. “É uma pena, mesmo”, disse ela a John Green. “Eu gosto do Paul! Eu o considero um amigo.”

[6] HOPKINS, Jerry. *Yoko Ono*.

[7] Ibid.

[8] “Sou uma mulher pequena porque fui reprimida quando jovem”, declarou Yoko em certa ocasião. “Meus ossos pararam de se desenvolver. Já percebeu que todos os grandes agressores do mundo, Napoleão, Hitler, foram pessoas fisicamente pequenas, que foram reprimidas?” Ela continuou a explicar: “Cresci em uma família com um pai ausente e uma mãe monstruosa. Meu país foi destruído pela guerra. Meus sentimentos e meu trabalho nunca foram respeitados e as pessoas acham que a única coisa que fiz na vida foi casar com John Lennon e gastar seu dinheiro”.

[9] Ela também congelou a placenta de Sean com a intenção de consumi-la mais tarde (obcecada com a idade, ela tomou vários elixires da juventude), mas sua empregada doméstica a descongelou por acidente.

[10] NORMAN, Philip. *John Lennon: a vida*.

[11] Alguns pesquisadores acreditam que a volatilidade imprevisível das águas é o resultado de uma poderosa atividade sísmica. O famoso médium Edgar Cayce, a quem Yoko admirava, afirmou que o místico continente perdido de Atlântida, que dizem ter sido destruído por um terremoto, localizava-se ali. Outros investigadores atribuem os incidentes ocorridos no Triângulo das Bermudas a um distúrbio de campos eletromagnéticos encontrado apenas em mais um único local: o Triângulo do Dragão ou “Mar do Diabo”, na costa do Japão. O número de marinheiros perdidos lá é tão grande que, em 1952, o governo japonês considerou essa uma zona de perigo, enviando um navio para investigar a área. A embarcação também desapareceu com os nove cientistas que estavam a bordo.

[12] GREEN, John. *Dakota days*.

[13] Também era o nome usado por Odisseu, o aventureiro e vingador grego.

[14] FAWCETT, Anthony. *John Lennon: one day at a time*.

[15] JONES, Jack. *Let me take you down: inside the mind of Mark David Chapman, the man who killed John Lennon*.

[16] Ibid.

[17] Em 2003, esse álbum foi comprado por 525 mil dólares, tornando-se o LP mais valioso já negociado.

[18] Em 1982, Jack Douglas processou Yoko cobrando 750 mil dólares de royalties não pagos. A Corte concedeu ao produtor do álbum 2,5 milhões de dólares.

[19] Mesmo antes disso estava anotado no arquivo do FBI: “Lennon parece possuir inclinações radicais. No entanto, não

passa a impressão de ser um verdadeiro revolucionário, já que está constantemente sob a influência de narcóticos”.

Notas de rodapé – John Lennon

"People say I’m crazy..." – *As pessoas dizem que sou louco por fazer o que faço. / Bem, elas me dão todo tipo de sinal e avisos para me salvar do fracasso. / Quando digo que estou ok, bem, elas me olham meio estranho; / Com certeza você não está feliz, agora não pode mais jogar.*

"People say I’m lazy..." – *As pessoas dizem que estou desperdiçando minha vida com sonhos indolentes. / Bem, elas me dão todo tipo de conselho tentando me esclarecer. / Quando digo que estou bem observando sombras na parede, / Não perca a grande chance, rapaz, você não tem mais nada a oferecer... / Não está mais passeando no carrossel. / Eu só tenho que deixar rolar.*

"The queen is the counting..." – *A rainha está na tesouraria contando o dinheiro. [...] O Rei está na cozinha fazendo pão de mel. [...] Nada de amizade, mas também nenhum inimigo.*

"What do I do when..." – *O que fazer quando meu amor está longe / (Te preocupa ficar sozinho?) / Como me sinto no final do dia / (Você está triste por estar sozinho?) / Não, eu sigo em frente com uma pequena ajuda dos meus amigos.*

"Those freaks was right..." – *Aquelas aberrações estavam certas quando disseram que você tinha morrido [...] Você vive com caretas que dizem que você foi rei [...] A única coisa que você fez foi* Yesterday *[...] O som que você faz é música de elevador para meus ouvidos.*

"Everybody has something..." – *Todo mundo tem alguma coisa pra esconder, menos eu e meu macaco.*

"Communication’s lost..." – *Perdemos contato. / Nem consigo te fazer atender ao telefone. / Sinto como se você estivesse escapando [...] Você não precisava me contar essa mentira*

inofensiva. / Você sabia que tinha me ganhado para sempre [...] Não há dúvida. Estou te perdendo.

"Our love is still special..." – *Nosso amor ainda é especial. / Vamos aproveitar a chance e voar sozinhos para algum lugar [...] Quando te vejo, querida, / é como se estivéssemos nos apaixonado de novo. / Será como começar de novo.*

"Play the game..." – *ogue o jogo da existência até o final.*

"Keep on playing..." – *ontinue jogando esses jogos mentais para sempre, / exaltando os espíritos da paz e do amor.*

"Instan Karma's..." – *Carma Instantâneo vai te pegar / Te acertar em cheio bem na cabeça / É melhor você se preparar / Muito em breve você vai estar morto.*

"Me used to be angry..." – *Eu costumava ser um homem revoltado [...] Cara, eu era durão, mas estou mudando meus modos. [...] Estou ficando cada vez melhor (não dava pra piorar).*

"I may cry someday..." – *Posso chorar um dia, mas de qualquer modo as lágrimas vão secar / e quando nossos corações voltarem às cinzas, serei apenas uma história.*

"Turn off your mind..." – *Desligue sua mente, relaxe e flutue seguindo o fluxo / Não é morrer, não é morrer / Descarte todos os pensamentos, renda-se ao vazio / Está brilhando, está brilhando.*

"Newspaper taxis apperar..." – *Táxis de jornal aparecem na praia, / esperando para te levar embora. / Entre pelo banco de trás com sua cabeça nas nuvens, / E você se foi.*

"He's as blind as he..." – *Ele é tão cego quanto possível, só enxerga o que quer ver. / Homem de lugar nenhum, você consegue me enxergar?*

"Doesn't have a point of view..." – *Não tem perspectiva, não sabe para onde está indo. / Ele não se parece um pouco comigo e com você?*

"It’s getting hard..." – *Está ficando difícil ser alguém, mas tudo vai dar certo.*

"But when you talk about destruction" – *Mas quando você falar em destruição, / saiba que não pode contar comigo*

"Just give ma a little truth" – *Só me dê um pouco de verdade.*

"No one you can save..." – *inguém que você possa salvar que não tenha sido salvo / Nada que você possa fazer, mas você pode aprender a ser você mesmo a tempo.*

"I tried so hard to stay alive..." – *Tentei tanto ficar vivo, mas o anjo da destruição continuou a me perseguir por aí [...] Eles dizem que o Senhor ajuda aqueles que se ajudam [...] Senhor, me ajude, Senhor [...] Me ajude a me ajudar.*

Notas do autor – Interlúdio: Alma

[1] WEST, Red et al. *Elvis: what happened?*

[2] Sri Daya Mata, agora com 94 anos, ainda comanda a irmandade baseada nos ensinamentos do iogue Paramahansa Yogananda. Seu nome de batismo era Faye Wright, nascida em Salt Lake City, 1914. Daya Mata é descendente de uma tradicional família mórmon que figura entre os fundadores da Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

[3] Xamã shoshone cujo nome de nascença era John Pope. Certa vez curou Jerry Garcia de uma pneumonia, outras tantas "limpou" espiritualmente o Fillmore e outros locais de concertos e, posteriormente, em 1975, tornou-se a inspiração da turnê Rolling Thunder Review, de Dylan.

[4] Após seu aprendizado na Índia, Cheiro – também conhecido como William John Warner, um irlandês – lia as mãos e os números para os notáveis do fim do século 19 e início do século 20, de Oscar Wilde a Thomas Edison e o rei Eduardo vii. Depois de ter sua própria sessão, Mark Twain confessou: "Cheiro expôs minha personalidade com uma precisão humilhante".

[5] Coincidências numerológicas ocorrem aos montes no mundo dos mortos do rock. Jimi Hendrix, Janis Joplin, Jim Morrison, Kurt Cobain e Brian Jones morreram aos 27 anos, cuja soma é o 9 cósmico. Elvis e o pioneiro do blues, Robert Johnson, morreram na mesma data, bem como os irmãos de alma Jim Morrison e Brian Jones. Lennon foi baleado no dia do aniversário de Morrison.

Notas de rodapé – Interlúdio: Alma

"So many roads..." – *Tantas estradas para acalmar minha alma... / Tudo o que eu quero é que uma delas me leve pra casa.*

"Walking side by side..." – *Andando lado a lado com a morte, o demônio satiriza cada um de seus passos.*

Clube dos 700 é um programa evangélico de televisão, no ar desde a década de 1960. [N. do T.]

"up in the spotlight..." – *Sob a luz dos holofotes, perdendo minha fé.*

"Rinkydink God..." – *Deus insignificante, por me botar neste planeta [...] Morte mental. Enfermeira!*

"I'm Miss World..." – *Sou a Miss Mundo, / alguém me mate. / Agora que fiz minha cama, me deitarei nela. / Fiz minha cama e me deitarei nela. / Fiz minha cama e vou chorar nela.*

Notas do autor – Kurt Cobain

[1] Além dessa investigação, ele trabalharia mais tarde nos casos de Paula Jones e Monika Lewinsky.

[2] AZERRAD, Michael. *Come as you are: a história do Nirvana*.

[3] Burkhardt, que logo se tornaria o Pete Best – primeiro baterista dos Beatles – do Nirvana, não demorou a ser despedido. A banda experimentou outros quatro bateristas até finalmente decidir-se por Dave Grohl – atualmente, líder do Foo Fighters – em 1991.

[4] Parte de suas cinzas seria posteriormente espalhada no Wishkah.

[5] ALLMAN, Kevin. O lado negro de Kurt Cobain. *The Advocate*, fevereiro de 1992.

[6] Em 2001, Stipe, que anteriormente havia dito ser um "lascivo imparcial", revelou à revista *Time* que era um "artista gay". Ao explicar a demora em admitir sua condição, ele disse: "Eu estava sendo forçado a ser covarde sobre isso, em vez de agir como alguém que acreditasse, na verdade, se tratar de um assunto pessoal". O cantor é padrinho da filha de Cobain, Frances Bean. Quanto à srta. Love, ela se assumiu lésbica em evento beneficente voltado à aids promovido por Elton John, em 1996.

[7] Mais tarde, Cobain colocaria sua manequim alada na capa do álbum *In Utero*, com os órgãos expostos. Uma reprodução da escultura em tamanho natural viria a se tornar um acessório de palco do Nirvana.

[8] A obsessão de Cobain com o olfato foi mais tarde recompensada com o primeiro sucesso do Nirvana, *Smells Like Teen Spirit*. Teen Spirit era o nome de um desodorante íntimo feminino. O romance favorito de Cobain era *O Perfume*, de Patrick Suskind, sobre um perfumista sociopata que estripa uma

virgem francesa e tenta extrair de seus restos mortais o odor da vida primordial.

[9] Anos depois, iniciando um novo capítulo, a srta. Love decorou os palcos do Hole com uma faixa brilhante que dizia: “A limpeza está próxima da divindade”. Em 2008, ela anunciou no MySpace que estava procurando por uma empregada doméstica “absurdamente limpa”. “As empresas de limpeza são uma merda e já cansei dos ladrões filhos da puta”, explicou, aparentemente se esquecendo de seu próprio histórico como cleptomaníaca. “Então, que se foda... Por que não tentar no MySpace? [...] Eu sou doida.”

[10] A loura platinada, *ex-stripper* e *groupie* do Sex Pistols.

[11] ROSSI, Melissa. *Courtney Love: queen of noise*. Embora Courtney tenha originalmente pedido à amiga Rossi, de Portland, para escrever sua biografia, posteriormente ameaçou processá-la, a menos que se fizessem mais de mil correções no manuscrito, as quais seus advogados enumeraram em um documento de 28 páginas.

[12] BRITE, Poppy Z. *Courtney Love: the real story*.

[13] A atriz de Seatlle, alcoólatra e esquizofrênica, que posteriormente foi internada e recebeu tratamentos com eletrochoque, era a heroína do casal. Cobain prestou-lhe homenagem com a música *Frances Farmer Will Have Her Revenge on Seattle*, no álbum *In Utero*.

[14] O outro vídeo favorito de Kurt na época era um clipe – vendido no mercado negro – no qual o político do Estado da Pennsylvania, R. Budd Dwyer, cometia suicídio com um tiro na boca.

[15] Em seu livro de 2008, *Bumping into genuises: my life inside the rock and roll business,* Danny Goldberg, empresário e amigo de Cobain, ampliou as alegações de Hirschberg de abuso de drogas durante a gravidez, dizendo que o casal foi aconselhado a fazer um aborto. “O médico tentou fazer uma recomendação clínica”, escreveu ele, “sugerindo a Courtney que não era uma

boa ideia ter um bebê enquanto ela estivesse lutando contra o vício.”

[16] Em 2003, a srta. Love teve um *déjà-vu:* sua filha lhe foi novamente tirada até que ela passasse por outra reabilitação. Quando recuperou a custódia da menina, quase dois anos depois, Coutney agradeceu à Corte por “ter me ajudado com um problema com drogas bastante complicado, que agora deixei para trás”.

[17] Mais tarde, depois de ser indicada ao Globo de Ouro como melhor atriz, Courtney ampliou sua explicação: “Não dá para continuar a ser punk depois de fazer um zilhão de cirurgias plásticas e andar no tapete vermelho”.

[18] Semanas após a morte de Cobain, Courtney reatou com Corgan, dividindo com ele uma suíte no resort de desintoxicação Canyon Ranch, no Arizona. Em 2005, Corgan colaborou em seu álbum *Nobody’s Daughter*. Em 2006, ela construiu uma ala fora de sua casa em West Hollywood para o músico.

[19] No entanto, a biografia escrita por Susan Wilson, *Hole: look through this*, afirma que a receita usada para comprar a medicação foi a de Love. O casal também costumava tomar outros remédios prescritos contra ansiedade, incluindo Klonopin, Xanax e Valium.

[20] Em virtude do uso criminoso do Rohypnol como substância incapacitante, o fabricante incluiu uma tintura azul-clara na composição do comprimido em 1998.

[21] Três anos depois, o dr. Edward Gelb, um dos melhores especialistas em polígrafo do FBI, testou Eldon Huke para o programa *Hard Copy*, para determinar a veracidade dessa história. Gelb perguntou duas vezes a Hoke: “Courtney Love lhe pediu para assassinar Kurt Cobain?”. Nas duas vezes, o polígrafo registrou que o “Sim” de Hoke apresentava 99,91% de probabilidade de ser verdade. Gelb, que também testou O. J. Simpson (que reprovou feio no teste), concluiu que a resposta

de Hoke era “absolutamente verdadeira” e “sem possibilidade de engano”.

[22] Ultrajada pela investigação de Broomfield sobre as teorias de assassinato em seu documentário-*exposé*, *Kurt & Courtney*, Love conseguiu impedir a exibição do filme no Festival de Cinema de Sundance, em 1998.

[23] De acordo com Wallace e Halperin, no dia do desaparecimento de Cobain, Courtney pagou a uma fonte da Associated Press para plantar uma história falsa de overdose com o intuito de forçar Kurt a entrar em contato com ela. Courtney revelou a Grant a história subsequente que planejava contar para a mídia: “O que posso dizer é que [Kurt] abandonou a reabilitação [...] Fiquei muito deprimida e tive de ser hospitalizada por causa de um colapso nervoso qualquer [...] Quer dizer, dá pra acreditar numa reviravolta dessas? Vai parecer que eu tentei me matar. Ainda que publiquem que eu tive uma overdose de Xanax com birita, não tem problema, mas se disserem que foi heroína, vou me foder”. Em seguida, a “puta camaleoa da imprensa”, como ela se descrevia, disse a Grant: “Sabe, eu lido com a mídia já faz um bom tempo”.

[24] O baixista do Nirvana, Krist Novoselic, confirmou a informação ao biógrafo de Cobain, Charles Cross: “A banda tinha terminado”. O baterista, Dave Grohl, fez a mesma afirmação no *Howard Stern Show,* em 1998. “A angústia adolescente já deu o que tinha que dar. Agora estou velho e entediado”, escreveu Cobain em *Serve the Servants*. E na entrevista para a *Rolling Stone* de outubro de 1993, Cobain declarou: “Chegamos ao ponto em que as coisas se tornam repetitivas. Serei completamente esquecido em cinco anos”.

[25] Dois meses após a morte de Cobain, o detetive Terry foi emboscado por dois traficantes e morreu baleado.

[26] Cameron morreu em 2007. Seu obituário no jornal *Guardian* da polícia de Seattle descreveu-o como “o melhor investigador de homicídios que já passou pelo Departamento de Polícia de

Seattle e talvez da nação e/ou do mundo. Isso não é exagero. Ele era um verdadeiro gênio e um homem polivalente [...] uma verdadeira lenda de seu tempo".

[27] Semanas após a morte de Cobain, Love se internou no resort de desintoxicação Canyon Ranch, no Arizona, com Corgan. Logo ela passou a se entreter com Trent Reznor. Depois que o astro do Nine Inch Nails a abandonou, ela o ameaçou e chapinhou o quarto de hotel dele com seus absorventes internos usados.

[28] Courtney nunca lidou muito bem com a concorrência no campo amoroso. Ela dizia de Mary Lou Lord, ex-namorada de Kurt e roqueira punk: "Há cinco pessoas no mundo que, se eu encontrar, mato na hora; e ela definitivamente é uma dessas pessoas". Pouco antes de seu casamento com Kurt, Courtney telefonou para Mary Lou a fim de informá-la: "Vou cortar sua cabeça e enfiá-la no seu rabo – e Kurt vai jogar seu corpo no forno". Dois anos depois, ela realmente encontrou Mary Lou no Sunset Boulevard e saiu ao seu encalço, gritando: "Vou te matar!".

Notas de rodapé – Kurt Cobain

"As my bones grew..." – *Enquanto meus ossos cresciam, eles doíam. Eles doíam muito. [...] Eu tentei muito ter um pai. Mas, em vez disso, tive um papai.*

"Hand out lobotomies..." – *Distribua lobotomias para salvar as pequenas famílias*.

"Rape me, hate me" – *Me estupre, me odeie [...] De novo e de novo. Acabe comigo. Me estupre.*

"I kill you..." – *Eu mato você. Não vou deixar passar.*

"Can't look you in the eye..." – *Não consigo te olhar nos olhos / Sou a garota que você conhece / ;Eu minto, minto e minto / Sou a Miss Mundo.*

"My girl, my girl..." – *Minha garota, minha garota, não minta pra mim. Diga-me, onde você dormiu a noite passada? [...] Estou indo para onde o sol não brilha – Vou tremer a noite toda.*

"I'm all I wanna be..." – *Sou tudo o que quero ser / Um estudo ambulante em demonologia.*

"Bend up and smell..." – *Curve-se e cheire meus vapores anais. Sua cara vai ser meu papel higiênico.*

BASE jumping – Modalidade desportiva em que o praticante salta de pontos fixos com um paraquedas específico para saltos em baixas altitudes – a sigla significa *Building, Antenna, Span, Earth*, ou seja, Prédio, Antena, Ponte e Terra (Penhascos). [N. do T.]

Notas do autor – Interlúdio: Amor

[1] Quando não estava cuidando dos assuntos pessoais de John, Magic Alex aperfeiçoava suas invenções, como uma máquina antigravitacional e um disco voador movido a motor Ferrari.

[2] SHOTTON, Pete & SCHAFFNER, Nicholas. *John Lennon: in my life*.

[3] GIULIANO, Geoffrey. *Lennon in America*. Esta biografia, assim como *The lives of John Lennon*, de Albert Goldman, e The other side of John Lennon, de Sandra Shevey, inclui vários outros exemplos documentados da bissexualidade de Lennon. O único livro que descarta categoricamente tais histórias é *Lennon: the definitive biography*, de Ray Coleman, previamente aprovado por Yoko Ono.

[4] Yoko alegou que John nunca contratou prostitutas, e que sequer sabia como era um bordel por dentro. Há amplas evidências em contrário, que remontam à época das noites depravadas dos Beatles no Herbertstrasse de Hamburgo, o distrito da luz vermelha.

[5] ETCHINGHAM, Kathy. *Through gypsy eyes*.

[6] STANLEY, Rick & HAROLD, Paul. *Caught in a trap*.

[7] Noel Redding escreveu que Hendrix também tinha tendências bissexuais. Em sua entrevista para a *Playboy* em novembro de 2005, Alana Nash e um ex-assistente do Coronel Parker, Byron Raphael, narraram o boato de que Elvis havia tido relações com seu amigo, o ator Nick Adams (que teve uma overdose fatal em 1968). Outros autores sugeriram que Adams era bissexual e que mantinha um relacionamento com James Dean, entre outros.

[8] KENNEALY, Patricia. *Strange days*.

Notas de rodapé – Interlúdio: Amor

"You really like rock’n’roll..." – *Você gosta mesmo de rock ‘n’roll, / de toda a fama e farsa... / de toda a grana que eu ganho, mas / você me ama?*

"No place for hidin’..." – *Não há onde se esconder, meu amor. Não há pra onde correr [...] Puxe o gatilho da minha arma do amor.*

"Broken hymen..." – *O hímen desvirginado de sua alteza me deixa na escuridão [...] Jogue seu cordão umbilical para que eu possa subir de volta.*

"Please help me..." – *Por favor, me ajudem, estou me afogando num mar de ódio.*

"But I'd trade all..." – *Mas eu trocaria todos os meus amanhãs por apenas um ontem / Para ter o corpo de Bobby em meus braços.*

"A box of rain..." – *Uma caixa de chuva aliviará a dor, e o amor verá quem você realmente é.*

Notas do autor – Jerry Garcia

[1] GREENFIELD, Robert. *Dark star: an oral biography of Jerry Garcia*.

[2] O guitarrista do Grateful Dead se ofereceria, posteriormente, para leiloar o dedo perdido para as Crianças de Jerry [The Jerry Lewis MDA Telethon].

[3] Outros membros da família afirmam que não houve testemunhas do acidente.

[4] Esta foi a primeira vez que Dylan tocou guitarra elétrica, para horror dos puristas do folk.

[5] BRIGHTMAN, Carol. *Sweet chaos: the Grateful Dead's American adventure*.

[6] Muitos anos depois, em Woodstock, Nova York, o grupo de Robbie Robertson, The Band, ensaiava em seu próprio local cheio de estilo, o Big Pink, o que resultou em seu álbum de estreia, *Music from Big Pink.*

[7] Anos depois, quando Hugh Hefner recebeu Garcia em seu programa *Playboy After Hours,* o empresário tomou apenas refrigerante em lata, vigiado por um assistente particular. Geraldo Rivera não foi tão paranoico quando recebeu o Dead, Mick Jagger, Grace Slick e um dos Beach Boys no especial do programa *20/20*, *Não muito velho para o Rock'n'Roll*, exibido em 1981. Phil Lesh, que trazia ácido em uma garrafa de colírio Visine, deu um jeito de pingar uma dose na champanhe do repórter.

[8] SCULLY, Rock & DALTON, David. *Living with the dead: twenty years on the bus with Garcia and the Grateful Dead*.

[9] Em sua primeira formação, o grupo de country rock também incluía Phil Lesh e Mickey Hart.

[10] Garcia e seu letrista receberam sentenças suspensas de um ano.

[11] Blair Jackson, em *Garcia: an American life*, aponta o surgimento da persa dois anos mais tarde, em 1977.

[12] “Vocês não gostam do meu cheiro?”, ele perguntava aos seus amigos. “Passem colônia em *vocês*.” Jerry não conseguia manter as namoradas por muito tempo porque elas não conseguiam “suportar o fedor”, de acordo com Rock.

[13] LESH, Phil. *Searching for the sound.*

[14] No final, a produtora de filmes teria sua vingança ao proibir mg de comparecer ao funeral de Jerry e ao suspender o pagamento de sua pensão alimentícia proveniente do espólio do astro.

Notas de Rodapé – Jerry Garcia

Dobro – Guitarra de ressoador. [N. do T.]

Slide – Instrumento de ressonância geralmente acoplado a um instrumento de sopro, também conhecido como flauta-pistão ou flauta jazz. [N. do T.]

Uma *jug band* é aquela que usa utensílios domésticos em suas apresentações. *Jug* é a palavra inglesa para “jarro” e, nesse caso, é representado por um garrafão de bebida vazio cujo gargalo o *jug player* assopra para gerar sons. [N. do T.]

John Appleseed – John Chapman, pioneiro norte-americano do século 19 que viajava por todo o país plantando macieiras. [N. do T.]

"Take a snip of this..." – *Pegue um teco e toque um riffzinho, não tenha medo de tentar. Não é preciso avião para sair do chão, há mais de um modo de voar.*

Black beauty (também conhecida como *black birds* ou *black bombers*) é uma combinação de anfetamina (speed) com dextroanfetamina, geralmente em pílulas de 20 mg. Eram os rebites dos caminhoneiros antes da chegada da metanfetamina. [N. do T.]

John Luther “Casey” Jones, engenheiro ferroviário norte-americano, ficou famoso quando seu trem de passageiros colidiu com uma composição de carga em Vaughan, Mississippi, em 30 de abril de 1900. Seu heroísmo ao permanecer no trem para tentar pará-lo, salvando assim a vida de várias pessoas, fez dele um herói popular. Jones foi a única vítima fatal do acidente. Seu nome também é título de uma música do Grateful Dead. [N. do T.]

Ashram – Na antiga Índia, *ashram* era um eremitério hindu onde os sábios viviam em paz e tranquilidade em meio à natureza. Hoje, o termo é normalmente usado para designar um local de atividades ligadas à cultura indiana, como ioga, estudo musical ou instrução religiosa. [N. do T.]

Freebase – Consumir cocaína ou outras drogas em pó por inalação, acendendo-se uma chama sob um objeto metálico, geralmente uma colher. [N. do T.]

"The flame from..." – *chama do seu palco já se espalha pelo chão. / Você deu tudo o que tinha. Por que dar ainda mais? / Quanto mais você dá, mais será levado / à tênue linha além da qual você não pode mais fingir... / Fogo! Fogo na montanha!*

"Walk into splintered..." – *aminhe pela luz do sol estilhaçada / Abra seu caminho para outra realidade por entre sonhos mortos. / Talvez você esteja cansado e destruído, / Sua língua está torcida por meias palavras e pensamentos obscuros... / Uma caixa de chuva aliviará a dor, e o amor verá quem você realmente é.*

Notas de rodapé - Epílogo

"Fame puts you..." – *A fama te leva a um mundo onde tudo é vazio [...] sua recompensa é não ter futuro.*

"Fame and fortune..." – *Fama e fortuna, quão vazias elas podem ser.*

"The worst you can say..." – *O pior que você pode dizer a meu respeito é que nunca estou satisfeita.*

"There's a fire..." – *Há uma chama dentro de cada um de nós. Vou usá-la até o meu último dia.*

"If I could stick..." – *Se eu pudesse fincar uma faca em meu coração, suicidar-me em pleno palco / Isso seria suficiente para sua luxúria adolescente? Isso ajudaria a atenuar a dor? [...] Você acharia que o rapaz é esquisito?*

O LIVRO DOS MORTOS DO ROCK

TÍTULO ORIGINAL: The rock & roll book of the dead
CAPA: Retina78
PREPARAÇÃO DE TEXTO: Débora Dutra Vieira | Marcos Fernando de Barros Lima
COPIDESQUE: Oople Editorial
REVISÃO: Luciane Helena Gomide | Hebe Ester Lucas
PROJETO E DIAGRAMAÇÃO ORIGINAL: Sergio Rossi
VERSÃO ELETRÔNICA: Natalli Tami
FOTOS DE CAPA: Michael Ochs Archives/Getty Images (Jimi Hendrix; Janis Joplin; Jim Morrison; Elvis Presley; Jerry Garcia) | Robert Whitaker/ Hulton Archive/Getty Images (John Lennon) | Jeff Kravitz/Film Magic (Kurt Cobain)
COORDENAÇÃO EDITORIAL: Débora Dutra Vieira | Marcos Fernando de Barros Lima
EDITORIAL: Daniel Lameira | Mateus Duque Erthal | Katharina Cotrim | Bárbara Prince | Júlia Mendonça
DIREÇÃO EDITORIAL: Adriano Fromer Piazzi

COPYRIGHT © DAVID COMFORT, 2009
COPYRIGHT © EDITORA ALEPH, 2015

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.
(EDIÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA PARA O BRASIL)
PROIBIDA A REPRODUÇÃO, NO TODO OU EM PARTE, ATRAVÉS DE QUAISQUER MEIOS.
PUBLICADO MEDIANTE ACORDO COM KENSINGTON PUBLISHING CORP., NEW YORK, NY, USA.

EDITORA ALEPH

Rua Lisboa, 314
05413-000 – São Paulo/SP – Brasil
Tel.: [55 11] 3743-3202
www.editoraaleph.com.br

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGACÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Comfort, David
O livro dos mortos do rock [livro eletrônico] : revelações sobre a vida e a morte de sete lendas do rock'n'roll / David Comfort ; tradução Ricardo Giassetti, Roberta Bronzatto. -- São Paulo : Aleph, 2015
3,2Mb; ePUB

Título original: The rock & roll book of the dead
ISBN: 978-85-7657-255-8

1. Músicos de rock - Morte 2. Músicos de rock - Biografia I. Título.
15-07709 CDD-781.66092

Índices para catálogo sistemático:
1. Músicos de rock : Biografia 781.66092